

William MacDonald

LUZ PARA
O CAMINHO
Meditações Diárias

1ª Edição - 2013



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Traduzido do original em inglês:
One Day at a Time
Everyday Publications Inc.
Port Colborne-ON, Canadá.
ISBN 978-088873-080-0

Tradução: Rebeca Inke Lima e Traudi Federolf (mês abril)
Revisão: Sérgio Homeni, Ione Haake, Célia Korzanowski, Arthur Reinke
Edição: Arthur Reinke
Capa e Layout: Tobias Steiger

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada (SBB), exceto quando indicado em contrário: Nova Versão Internacional - NVI, Almeida Corrigida e Revisada Fiel – ACF, ou Almeida Revista e Corrigida – ARC.

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2013 Actual Edições
R. Erechim, 978 – B. Nonoai
90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fone (51) 3241-5050 – Fax: (51) 3249-7385
www.chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO (CIP)

M1351 MacDonald, William

Luz para o caminho : meditações diárias / William MacDonald ; tradução, Rebeca Inke Lima, Traudi Federolf. – Porto Alegre : Actual Edições, c2013.
376 p., 13,5 x 19,5 cm.

Tradução de: One day at a time.

ISBN 978-85-7720-093-1

I. Religião. 2. Meditação. I. Lima, Rebeca Inke. II. Federolf, Traudi. III. Título.

CDU 242
CDD 242.2

(Bibliotecária responsável: Nádía Tanaka – CRB 10/855)

1° DE JANEIRO

"Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano" (Êxodo 12.2).

Resoluções de Ano Novo são boas, mas são frágeis, ou seja, se quebram facilmente. Orações de Ano Novo são melhores; elas sobem ao trono de Deus e movimentam as rodas de respostas. Ao chegarmos ao início de mais um ano, seria sábio adotarmos os pedidos a seguir como nossos:

"Senhor Jesus, hoje eu novamente me dedico a Ti. Quero que tomes minha vida neste ano e a uses para a Tua glória. Toma a minha vida e consagra-a, Senhor, a Ti".

Eu peço que me afastes do pecado, de qualquer coisa que traga desonra ao Teu Nome.

Mantém-me ensinável diante do Espírito Santo. Quero crescer contigo. Não permita que eu me acomode em uma rotina.

Que o meu lema este ano seja: "Ele deve crescer; eu devo diminuir". A glória deve ser toda Tua. Ajuda-me a não tocá-la.

Ensina-me a fazer de cada decisão algo pelo qual orar. Tenho medo da idéia de apoiar-me em meu próprio entendimento. *"Eu sei, ó Senhor, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos" (Jeremias 10.23).*

Que eu morra para o mundo e até mesmo para a aprovação ou censura de entes queridos ou amigos. Dá-me um desejo único e puro de fazer as coisas que agradam ao Teu coração.

Protege-me da difamação e julgamento de outros. Ao contrário, ajuda-me a falar o que é edificante e proveitoso.

Guia-me a almas necessitadas. Que eu me torne um amigo dos pecadores, como Tu és. Dá-me lágrimas de compaixão pelos que se perdem.

"Que eu olhe para a multidão como o meu Salvador o fez, até que meus olhos fiquem embaçados pelas lágrimas. Que eu veja com pena as ovelhas perdidas e as ame por amor a Ele".

Senhor Jesus, guarda-me de me tornar frio, amargo ou cínico apesar de qualquer coisa que possa acontecer comigo em minha vida cristã.

Guia-me em minha mordomia financeira. Ajuda-me a ser um bom mordomo de tudo o que me confiaste.

Ajuda-me a lembrar-me a cada momento de que meu corpo é um templo do Espírito Santo. Que esta verdade tremenda influencie todo o meu comportamento.

E, Senhor Jesus, eu peço que este seja o ano da Tua volta. Anseio ver a Tua face e cair aos Teus pés em adoração. Durante este próximo ano, que a bendita esperança permaneça viva em meu coração, desligando-me de qualquer coisa que me prenda aqui e mantendo-me alerta esperando. *"Vem, Senhor Jesus!"*.

2 DE JANEIRO

“Nada faças por partidatismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2.3).

Considerar os outros superiores a si mesmo é contrário à nossa natureza; a natureza humana caída se revolta diante de um ataque assim ao seu ego. É humanamente impossível; não temos em nós a capacidade de viver uma vida tão sobrenatural. Porém, esta vida é divinamente possível; o Espírito Santo que habita em nós nos capacita a nos colocarmos em segundo plano para que outros sejam honrados.

Gideão ilustra nosso texto. Depois que seus trezentos homens derrotaram os midianitas, ele pediu que os homens de Efraim dessem o golpe final. Eles bloquearam a rota de fuga e capturaram dois príncipes midianitas. Porém, reclamaram por não terem sido chamados antes. Gideão respondeu que o resto das uvas de Efraim era melhor que toda a colheita de Abiezer (Juízes 8.2), ou seja, que a operação final realizada pelos homens de Efraim havia sido mais notável que todas as batalhas combatidas por Gideão. Este espírito de abnegação acalmou os efraimitas.

Joabe demonstrou grande altruísmo quando aprisionou Rabá e então chamou a Davi para que viesse dar o golpe de misericórdia (2 Samuel 12.26-28). Joabe ficou satisfeito deixando Davi levar o crédito pela vitória. Foi um dos momentos mais nobres da vida de Joabe.

O apóstolo Paulo considerava os filipenses melhores que ele mesmo. Disse que o que eles estavam fazendo era o sacrifício significativo para Deus, enquanto ele não era mais que uma oferta de bebida, derramada sobre o sacrifício e o serviço da fé deles (Filipenses 2.17).

Mais recentemente, um amado servo de Cristo estava esperando em uma ante-sala com outros pregadores conhecidos, pronto para subirem ao palco. Quando ele por fim apareceu à porta e um aplauso ensurdecador começou, ele rapidamente deu um passo para o lado para que aqueles que vinham atrás dele pudessem receber o aplauso.

O exemplo supremo de abnegação é o Senhor Jesus. Ele humilhou-se para que nós pudséssemos ser exaltados. Tornou-se pobre para que pudséssemos ser ricos. Morreu para que pudséssemos viver.

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”.

“Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça” (João 7.24).

Uma das fraquezas mais entranhadas da humanidade caída é a tendência persistente de julgar de acordo com a aparência. Julgamos as pessoas pela sua beleza. Julgamos um carro pelo seu chassi. Julgamos um livro pela capa. Não importa quantas vezes nos decepcionamos ou desiludimos, nós teimosamente nos recusamos a aprender que “nem tudo o que reluz é ouro”.

Em seu livro *Hide or Seek* [Esconde-esconde], Dr. James Dobson diz que a beleza física é o atributo pessoal mais estimado em nossa cultura. Fizemos o que ele chama de “a moeda de ouro do valor humano”. Assim, uma criança bonita é mais favorecida pelos adultos que uma criança comum. Os professores tendem a dar notas mais altas a crianças mais atraentes. Crianças bonitas recebem menos punições que as outras. Crianças menos atraentes tendem a ser mais punidas por mau comportamento.

Samuel teria escolhido o alto e bonito Eliabe para ser rei (1 Samuel 16.7), mas o Senhor o corrigiu: *“Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração”*.

O pior caso de julgamento errado aconteceu quando o Senhor Jesus visitou nosso planeta. Aparentemente Ele não era atraente quanto à sua aparência física. Ele não tinha aparência nem formosura e quando O viam não havia nada em sua aparência para que O desejassem (Isaías 53.2). Eles não viam beleza na única Pessoa verdadeiramente bonita que já viveu!

Ele, no entanto, nunca caiu nesta terrível armadilha de julgar pela aparência, pois antes da Sua vinda foi profetizado a Seu respeito: *“Não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos” (Isaías 11.3)*. Para ele não era o rosto e, sim, o caráter que importava. Não a capa, mas o conteúdo. Não o físico, mas o espiritual.

4 DE JANEIRO

“...Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zacarias 4.6).

Este versículo guarda a importante e preciosa verdade de que a obra do Senhor não se baseia na engenhosidade ou na força humana, mas no agir do Espírito Santo.

Vemos isto na conquista de Jericó. Não foram as forças armadas de Israel que fizeram com que as muralhas caíssem. O Senhor foi quem entregou a cidade em suas mãos quando os sacerdotes tocaram as trombetas sete vezes.

Se dependesse de um grande exército, Gideão jamais teria derrotado os midianitas, porque seu exército havia sido reduzido a trezentos homens. Além disso, suas armas incomuns consistiam em jarros de barro com tochas em seu interior. Esta vitória só pode lhes ter sido dada pelo Senhor.

Elias eliminou intencionalmente qualquer possibilidade de que a força ou a habilidade humana acendesse o fogo do altar ao derramar doze barris de água sobre ele. Quando fogo desceu do céu, não havia dúvidas quanto à sua origem divina.

Apenas com a engenhosidade humana, os discípulos pescaram a noite toda e não pegaram nada. Isto deu ao Senhor a oportunidade de mostrar-lhes que precisam buscá-LO para poderem servir de forma verdadeiramente eficaz.

É fácil para nós pensarmos que dinheiro é a maior necessidade do ministério cristão. Na verdade, nunca foi e nunca será. Hudson Taylor estava certo quando disse que não precisamos ter medo de ter pouco dinheiro, mas de ter muito dinheiro não consagrado.

Ou então recorremos à politicagem por trás dos panos, ou a grandes eventos promocionais, ou à manipulação psicológica das pessoas, ou a uma oratória impressionante. Nos envolvemos com projetos grandiosos de construção e com a criação de impérios institucionais, pensando em vão que isto é a chave para o sucesso.

Porém não é por força nem por poder, nem por qualquer destas coisas que a obra de Deus avança. É pelo Espírito do Senhor.

Muitos dos ditos ministérios cristãos hoje em dia continuaria mesmo se não houvesse um Espírito Santo. Porém um ministério cristão genuíno é aquele que O torna indispensável ao lutar a batalha espiritual não com armas da carne, mas com oração, fé e com a Palavra de Deus.

"Disse o SENHOR a Gideão: É demais o povo que está contigo..." (Juizes 7.2).

Todos nós temos um foco sutil em números e uma tendência a medir sucesso por estatísticas. Existe certa vergonha ligada a pequenos grupos, enquanto grandes multidões inspiram respeito e atenção. Qual deve ser a nossa atitude nesta área?

Grandes números não devem ser desprezados se forem o fruto da obra do Espírito Santo. Este foi o caso de Pentecostes quando cerca de 3000 almas se uniram ao reino de Deus.

Devemos nos alegrar com grandes números quando eles significam glória para Deus e bênçãos para a humanidade. É justo que desejemos ver multidões levantando seus corações e vozes para louvar a Deus e alcançando o mundo com a mensagem da redenção.

Por outro lado, grandes números são algo ruim se levam ao orgulho. Deus teve que reduzir o exército de Gideão para que Israel não dissesse: *"A minha própria mão me livrou"* (Juizes 7.2). E. Stanley Jones disse certa vez que relutava contra nossa atual "corrida atrás de números, levando, como o faz, a um egotismo coletivo".

Grandes números são algo ruim se levam a dependência da força humana a invés do Senhor. Este provavelmente foi o problema com o censo de Davi (2 Samuel 24.2-4). Joabe sentiu que a motivação do rei não era pura e protestou – mas em vão.

Grandes números não deviam ser desejados se, para alcançá-los, abaixarmos nossos padrões, abrirmos mão de princípios bíblicos, diluirmos a mensagem ou deixarmos de praticar a disciplina cristã. Sempre há a tentação de fazer isto se nossas mentes estão voltadas para as multidões ao invés de para o Senhor.

Grandes números não são o ideal se resultam na perda de uma comunhão íntima. Quando indivíduos se perdem na multidão, quando podem estar ausentes sem que sintam sua falta, quando ninguém compartilha de suas alegrias e tristezas, então todo o conceito de vida de corpo foi abandonado.

Grandes números são algo ruim quando abafam o desenvolvimento de dons no corpo. Não foi sem querer que Jesus escolheu 12 discípulos. Uma grande multidão teria sido mais difícil de ensinar.

O costume de Deus tem sido de trabalhar através de um testemunho remanescente. Ele não é atraído por grandes multidões nem repellido por pequenas. Não devemos nos orgulhar de grandes números, mas tampouco devemos ficar satisfeitos com pequenos números se estes são resultado da nossa própria preguiça e indiferença.

6 DE JANEIRO

"Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum..." (Romanos 7.18).

Se um recém-convertido aprender esta lição cedo em sua vida cristã, ele evitará um mundo de problemas mais tarde. A Bíblia ensina que não há BEM NENHUM em nossa velha natureza, má e pecaminosa. A carne não tem absolutamente nada de bom. Ela não melhora nem uma vírgula no momento da conversão. Não melhora ao longo de uma vida cristã consistente. Na verdade, Deus não está tentando melhorá-la. Ele a condenou à morte na cruz e quer mantê-la neste lugar de morte.

Se realmente creio nisto, evitarei começar uma busca inútil. Não procurarei nada bom onde Deus já disse que não se pode achar.

Isto me livrará da decepção. Jamais me decepcionarei ao não encontrar nada de bom em mim. Eu já sabia que em mim não habitava bem algum desde o início.

Isto me livrará da introspecção. Parto do pressuposto de que não há vitória em mim mesmo. Na verdade, focar em mim mesmo é a receita para a derrota.

Isto me protegerá de aconselhamentos psicológicos e psiquiátricos que voltam o foco da busca para mim. Tais terapias apenas aumentam o problema, ao invés de resolvê-lo.

Isto me ensina a encher-me do Senhor Jesus. Robert Murray McChyne disse: "Para cada vez que você olha para si, olhe dez vezes para Cristo". Aí está um bom equilíbrio! Outra pessoa disse que mesmo um homem santificado é um substituto fraco para um Cristo glorificado. E o autor do hino escreveu "Quão doce é fugir de mim e refugiar-me em meu Salvador".

Muitas das pregações modernas e dos novos livros cristãos conduzem as pessoas para uma "viagem" introspectiva, colocando seu foco em seu temperamento, sua auto-imagem, seus traumas e inibições. O movimento inteiro é uma tragédia de desequilíbrio e deixa um rastro de destroços humanos.

"Sou ruim demais para merecer que pensem em mim; o que quero é esquecer-me de mim e olhar para Deus, que é realmente digno de todos os meus pensamentos".

"...visto que andamos por fé e não pelo que vemos" (2 Coríntios 5.7).

Você já parou para se perguntar por que um jogo de futebol é mais empolgante para a maioria das pessoas que uma reunião de oração? No entanto, registros de presença comparados provam que isto é verdade.

Talvez perguntemos: "Porque a presidência dos Estados Unidos é mais atraente que a supervisão de uma igreja?" Pais não dizem aos seus filhos: "Coma a sua comida para que um dia você seja um presbítero". Não, eles dizem: "Limpe seu prato e um dia, quando crescer, você poderá chegar a presidente".

Por que uma carreira de negócios bem sucedida é mais atraente que a vida de um missionário? Cristãos muitas vezes desencorajam seus filhos a irem ao campo missionário, felizes de vê-los chegarem a "cargos importantes em empreendimentos seculares".

Por que um documentário na televisão é mais cativante que o estudo da Palavra de Deus? Pense nas horas que gastamos na frente da TV e nos momentos corridos diante de uma Bíblia aberta!

Por que as pessoas estão dispostas a fazer por dinheiro o que não fariam por amor a Jesus? Muitos dos que são incansáveis em seu trabalho para uma empresa são apáticos e indiferentes quando o Salvador os chama.

Por fim, por que nossa nação parece ser maior e mais importante que a igreja? A política nacional é colorida e cativante. A igreja muitas vezes parece mover-se lentamente e sem dinâmica.

A razão por trás de todas estas coisas é que andamos pelo que vemos e não pela fé. Nossa visão está distorcida. Não vemos as coisas como realmente são. Valorizamos mais o temporal que o eterno. Valorizamos mais a alma que o espírito. Valorizamos mais a opinião dos homens que a de Deus.

Quando andamos pela fé, tudo muda. Temos uma visão espiritual completa. Vemos as coisas como Deus as vê. Valorizamos a oração como o privilégio indescritível de ter uma audiência direta com o Soberano do universo. Vemos que um ancião de uma assembléia significa mais para Deus que o governador de uma nação. Vemos, assim como Spurgeon, "que se Deus chama alguém para ser um missionário, seria uma tragédia vê-lo reduzir-se a um rei". Vemos a televisão como uma terra do nunca de irrealismo, enquanto a Bíblia contém a chave para uma vida de satisfação. Estamos dispostos a gastar e a sermos gastos por Jesus de uma forma que jamais aceitaríamos fazê-lo por uma corporação impessoal e indigna. E reconhecemos que nossa igreja local é mais importante para Deus e para o Seu povo que o maior império do mundo.

Andar pela fé faz toda a diferença!

8 DE JANEIRO

"Maldito aquele que fizer a obra do SENHOR relaxadamente!" (Jeremias 48.10a).

A obra do Senhor é tão importante, urgente, grandiosa e inspiradora que há uma maldição sobre quem a fizer negligentemente. O Deus que quer e merece o melhor não tolera preguiça, atrasos, corações divididos ou métodos descuidados. Quando pensamos nas tremendas questões envolvidas, não nos surpreendemos.

Durante o final do ano de 1968 um jovem cristão em Praga, República Checa, testemunhou a outro jovem checo chamado Jan Palach. Parecia haver um interesse genuíno da parte de Jan, então o cristão prometeu enviar-lhe um Novo Testamento. Ele estava cheio de boas intenções, mas deixou que se passassem semanas até comprar o Novo Testamento. Então protelou ainda mais sua entrega.

Em 16 de Janeiro de 1969 Jan Palach foi para o centro da Praça Venceslau, derramou gasolina sobre seu próprio corpo e pôs fogo em si mesmo. Ele não viveu para ver o Novo Testamento que lhe havia sido prometido.

Boas intenções não bastam. Há um ditado de que "a estrada para o inferno está pavimentada de boas intenções". Elas não fazem a obra. Precisam ser transformadas em ações. Aqui estão algumas formas de fazer isto.

Primeiro, quando o Senhor lhe instruir a servi-Lo de alguma forma, jamais rejeite a instrução. Se Ele é Senhor, então nossa função é obedecê-Lo sem questionar.

Segundo, não procrastine. Atrasos são mortais. Eles roubam outros da ajuda e da bênção necessárias e nos enchem de culpa e remorso.

Terceiro, faça-o diligentemente. *"Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças"* (Eclesiastes 9.10). Se vale a pena fazer algo, vale a pena fazê-lo bem.

Por fim, faça-o para a glória de Deus. *"Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus"* (1 Coríntios 10.31).

Devemos todos ter o espírito de Amy Carmichael, que escreveu: "Os juramentos de Deus estão sobre mim. Não posso ficar brincando com sombras ou colhendo flores silvestres até que tenha terminado meu trabalho e prestado contas".

"... aprendam primeiro a exercer piedade para com a própria casa.." (1 Timóteo 5.4).

Você já ouviu a expressão "um demônio em casa, um santo fora dela". Ela descreve a terrível tendência de sermos agradáveis e extrovertidos com os de fora, mas grosseiros e indelicados em casa.

Esta é uma fraqueza não limitada a certas classes específicas de pessoas. Jovens precisam lutar contra ela. É muito fácil ter uma personalidade cativante com seus amigos, mas ser um terror com seus pais. Maridos podem ter uma aparência charmosa diante de seus sócios no trabalho e então, quando chegam em casa, desligam o charme e voltam ao seu estado normal e impaciente. Pastores podem parecer brilhantes no púlpito e ter um temperamento detestável na sala de casa.

Um dos traços perversos da nossa natureza caída é que às vezes somos mais cruéis com aqueles que estão mais próximos a nós, que fazem mais por nós e que, em nossos momentos mais sãos, amamos mais. Por isto Ella Wheeler Wilcox escreveu:

Uma grande verdade na vida encontrei,
Enquanto viajava para o Oeste;
Os únicos que realmente ferimos
São os que mais amamos.
Exaltamos os que mal conhecemos,
Agradamos o visitante passageiro,
E damos muitos golpes impensados
Àqueles que mais amamos.

Outro poeta ecoou esta sensação da seguinte forma: "Temos cumprimentos para os desconhecidos e sorrisos para os convidados, mas muitas vezes, para os nossos, o tom amargo, embora amemos mais aos nossos".

"É muito fácil ter uma religião de igreja, ou uma religião de reuniões de oração, ou da obra cristã; mas é completamente diferente termos uma religião do dia a dia. 'Exercer piedade para com a própria casa' é uma das partes mais vitais do cristianismo, mas também uma das mais raras; e não é nem um pouco raro encontrar cristãos que exercem sua justiça perante os de fora para serem 'vistos por eles', mas que fracassam lamentavelmente ao demonstrar esta piedade em casa. Conheci um pai de família que era tão influente em sua oração na reunião semanal de oração e tão impressionante ao exortar que a igreja inteira era edificada pela sua piedade; mas ele, quando voltava para casa depois das reuniões, era tão irritado e desagradável que sua esposa e sua família tinham medo de dizer uma palavra em sua presença" (H. W. Smith).

Samuel Johnson disse: "Tudo animal vinga suas dores contra aqueles que estiverem por perto". O homem precisa evitar esta tendência natural.

O que somos em casa é um medidor bem mais preciso do nosso verdadeiro caráter cristão do que o que somos em público.

10 DE JANEIRO

"Portanto... corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta" (Hebreus 12.1).

Muitas pessoas tem uma perspectiva excessivamente idealista da vida cristã. Elas acham que deveria ser uma série ininterrupta de experiências místicas. Elas lêem livros e revistas cristãs e ouvem testemunhos pessoais de eventos comoventes e concluem que a vida toda é assim. Em seu mundo dos sonhos, não há problemas, decepções, dificuldades e complicações. Não há trabalho duro, rotina diária ou monotonia. É o sétimo céu. Quando percebem que suas vidas não seguem este padrão, sentem-se desanimadas, desiludidas e desprivilegiadas.

A verdade é esta: A maior parte da vida cristã é o que G. Campbell Morgan chama de "o caminho da árdua perseverança ao fazer coisas aparentemente pequenas". Esta é a forma como eu a vejo. Houve inúmeras tarefas simples, longas horas de estudo e disciplina, de serviços sem resultados aparentes. Às vezes surge a pergunta: "Estamos realmente fazendo alguma coisa?". Exatamente neste ponto o Senhor nos dá um sinal de encorajamento, uma resposta maravilhosa a um pedido de oração, uma palavra clara de orientação; e me sinto fortalecido para continuar mais um pouco.

A vida cristã é uma corrida de longa distância, não um tiro de 100 metros e precisamos de resistência para corrê-la. É importante começar bem, mas o que realmente conta é a resistência que nos capacita a terminar com um glorioso esplendor.

Enoque sempre terá um lugar de honra entre as histórias de persistência. Ele andou com Deus – pense nisto – por 300 anos (Gênesis 5.22). Porém não devemos pensar que estes foram anos de glamour puro ou de empolgação ininterrupta. Em um mundo como o nosso, é inevitável que ele tenha tido sua porção de dificuldades, complicações e até mesmo perseguições. No entanto, ele não cansou de fazer o bem. Ele persistiu até o fim.

Se você for tentado a desistir, lembre-se das palavras de Hebreus 10.36. *"...Tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa"*.

Uma vida nobre não é um brilho
De glória repentinamente alcançada,
Mas apenas um somar de dias
Onde é feita a vontade de Deus.

“...para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça” (Mateus 18.16).

Segundo a Bíblia, é preciso haver o depoimento de duas ou três testemunhas para chegar-se a uma conclusão válida. Se apenas déssemos atenção a este princípio, evitaríamos enormes problemas.

Nossa tendência natural é ouvir o lado de uma das pessoas na história e imediatamente assumir uma posição em seu favor. Ele é convincente e simpatizamos com ele. Então depois descobrimos que aquela era apenas uma parte da história. Quando ouvimos o outro lado, percebemos que o primeiro homem tinha distorcido os fatos e ao menos colorido partes em seu favor. Por isto, *“O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina” (Provérbios 18.17)*. Quando tomamos uma decisão antes de tentar averiguar todos os fatos, agimos com menos justiça que o sistema judicial do mundo e nos colocamos sob a repreensão de Provérbios 18.13, *“Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha”*.

Quando Ziba relatou a Davi que Mefibosete queria que lhe restituíssem o trono, Davi aceitou a difamação sem investigar e deu todas as propriedades de Mefibosete a Ziba (2 Samuel 16.1-4). Mais tarde Mefibosete teve uma chance de explicar ao rei os verdadeiros fatos. Davi então percebe que havia tomado uma decisão sem ter evidências suficientes.

O Senhor Jesus reconheceu este princípio. Ele disse que Seu testemunho acerca de Si mesmo poderia não ser considerado válido (João 5.31). Ele então apresentou quatro outras testemunhas: João Batista (v. 32-35); Suas obras (v. 36); Deus Pai (v. 37,38); a Palavra (v. 39,40).

Ao não obter o testemunho competente de duas ou três testemunhas acabamos partindo corações, arruinando reputações, dividindo igrejas e rachando amizades. Se seguirmos a Palavra de Deus, evitaremos inúmeras injustiças e dor.

12 DE JANEIRO

"E que tens tu que não tenhas recebido?..." (1 Coríntios 4.7).

Esta é uma boa pergunta por que ela põe nossos pés no chão. Não temos nada que não tenhamos recebido. Recebemos nosso equipamento físico e mental ao nascer. Nossa aparência e capacidade intelectual estão muito além do nosso controle para serem motivo de orgulho. É uma casualidade de nascimento.

Tudo o que sabemos é resultado da nossa educação. Outros deram informações em nossas mentes. Muitas vezes, quando pensamos que temos uma idéia original, a encontramos em um livro que lemos há vinte anos. Emerson (1803-1882), escritor panteísta americano, disse que "todas as minhas melhores idéias foram roubadas pelos antigos".

E quanto a nossos talentos? Alguns talentos definitivamente vêm de família. São desenvolvidos com treino e prática, porém o ponto é que eles não se originaram de nós. Eles nos foram dados.

Pilatos estava cheio de si pela autoridade que possuía, mas o Senhor Jesus o lembrou de que *"Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada"* (João 19.11).

Resumindo, cada fôlego que respiramos é um presente de Deus. É por isso que Paulo pergunta em 1 Coríntios 4.7. *"... Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?"*.

Também é por isso que, por exemplo, Harriet Beecher Stowe recusou-se a levar crédito por ter escrito Uncle Tom's Cabin ["A Cabana do Pai Tomás", em português]: "Eu, a autora de Uncle Tom's Cabin? Não, de fato!..." Ela considerava que era Deus Quem lhe deu as idéias e que apenas as escreveu. "Somente a Ele seja o louvor!", foram suas palavras.

A percepção constante de que não temos nada que não tenhamos recebido nos liberta do orgulho e da vangloria e nos leva a dar a Deus a glória por tudo de bom que somos ou que tenhamos feito.

Portanto, *"Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor"* (Jeremias 9.23,24).

“...tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4.13).

É muito fácil entender mal um versículo assim. O lemos e imediatamente pensamos em centenas de coisas que não conseguimos fazer. No mundo físico, por exemplo, pensamos em alguma acrobacia ridícula que exigiria poderes sobre-humanos. Ou pensamos em alguma grande proeza mental que está muito além de nós. Então estas palavras se tornam uma tortura para nós, ao invés de um conforto.

O que o versículo na verdade quer dizer, claro, é que o Senhor nos dará poder para fazer qualquer coisa que Ele queira que façamos. Dentro do círculo da Sua vontade não há impossibilidades.

Pedro sabia deste segredo. Ele sabia que, por si só, não poderia andar sobre as águas. Porém, também sabia que se o Senhor lhe havia dito para fazê-lo, ele conseguiria. Assim que Jesus disse “Venha”, Pedro saiu do barco e caminhou sobre as águas até Ele.

Normalmente uma montanha não vai se lançar ao mar ao meu comando. No entanto, se esta montanha estiver entre mim e o cumprimento da vontade de Deus, então posso dizer “Saia do caminho” e ela o fará.

O ponto central é que “Sua vontade é Sua capacidade”. Portanto, Ele proverá a força para enfrentarmos qualquer desafio. Ele me capacitará para resistir a cada tentação e vencer cada hábito. Ele me fortalecerá para ter uma vida de pensamentos limpos, motivos puros e para sempre fazer aquilo que agrada ao Seu coração.

Se não tenho forças para fazer algo, se me vejo ameaçado por um colapso físico, mental ou emocional, então eu talvez deva questionar-me se por acaso entendi mal Sua vontade e estou seguindo meus próprios desejos. É possível fazer para Deus o que não é de Deus. Tais obras não carregam a promessa do Seu poder.

Por isso é importante saber que estamos seguindo a corrente do Seu plano. Então podemos ter a alegre certeza de que Sua graça irá nos sustentar e capacitar.

14 DE JANEIRO

"Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: ²² seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, ²³ e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus" (1 Coríntios 3.21-23).

"...tudo é vosso..." (v.22) Os santos impuros de Corinto estavam brigando a respeito da liderança humana da igreja. Para alguns Paulo era o ideal. Outros tinham Apolo como seu preferido. Outros ainda sentiam que Cefas se sobressaía. Paulo está lhes dizendo que é ridículo limitar sua escolha a um homem quando todos eles lhes pertenciam. Ao invés de dizer "Apolo é meu", deveriam dizer "Paulo, Apolo e Cefas são todos meus".

Esta é uma palavra para nós hoje. Erramos quando nos tornamos seguidores exclusivos de Lutero, Wesley, Booth, Darby, Billy Graham ou qualquer outro grande presente à igreja. Todos estes homens são nossos e podemos nos alegrar com a medida de luz que cada um deles nos proporciona. Não devemos nos tornar seguidores de um único homem.

Porém não são apenas servos do Senhor que nos pertencem. O mundo nos pertence. Somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo. Um dia voltaremos e reinaremos sobre o mundo com o Senhor Jesus. Neste meio tempo, homens não convertidos controlam as coisas como se o mundo lhes pertencesse. Mas não pertence. Eles estão apenas cuidando dele, administrando-o para nós até o dia em que tomaremos posse dele.

A vida é nossa. Isto não significa simplesmente que temos vida; todos os homens têm isto. Significa que temos a vida mais abundante, a vida eterna, a vida do próprio Cristo. Nossa vida não é vaidade nem tédio. Ela tem significado e propósito e vale a pena.

A morte também nos pertence. Não estamos mais sujeitos a vida toda à escravidão do medo da morte. Agora a morte é o mensageiro de Deus que leva nossas almas para o céu. Portanto, morrer é lucro. Além de tudo isto, pertencemos a Cristo e Cristo pertence a Deus. Quando penso nisto sou lembrado da excêntrica frase de Guy King: "Que miseráveis sortudos nós somos!".

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gálatas 5.13).

A liberdade de um filho de Deus é um de seus bens inestimáveis. Tendo sido liberto pelo Filho, ele é realmente livre. Porém, ele é chamado à liberdade responsável, não à libertinagem.

Filhos querem se ver livres das restrições de casa. Jovens querem estar livres da disciplina dos estudos. Adultos querem estar livres dos seus votos matrimoniais. Outros ainda se rebelam contra estarem presos em seus empregos regulares. Estas, porém, não são as liberdades às quais fomos chamados.

As estrelas não estão liberadas para sair de suas órbitas e vagar pelo espaço. Um trem não é livre para sair dos trilhos e serpentear pelas colinas. Um avião não é livre para sair da sua rota designada; sua segurança depende da obediência do piloto aos regulamentos.

Jowett comentou que “Não há área onde aqueles que não têm lei são livres. Seja qual for a direção para onde queremos ir, precisamos aceitar sujeição se queremos encontrar a liberdade. Um músico precisa respeitar as leis da harmonia se quiser triunfar em seu amado mundo. Um construtor precisa sujeitar-se à lei da gravidade, ou seu trabalho não será uma casa, mas um amontoado de lixo. De que tipo de liberdade pode desfrutar um homem que constantemente desafia as leis da saúde? Em todas estas áreas, infringir é mutilar-se e demonstrar respeito é ser livre”.

É verdade que o crente está livre da lei (Romanos 7.3), mas isto não significa que ele vive sem lei. Ele agora está sob a lei de Cristo, preso por cordões de amor e comprometido a obedecer aos muitos mandamentos que se encontram no Novo Testamento.

O crente está livre do pecado como seu mestre (Romanos 6.7,18,22), mas apenas para tornar-se um servo de Deus e da justiça.

O crente é livre de todos (1 Coríntios 9.19) para tornar-se um servo de todos, para ganhar o maior número possível.

No entanto, ele não é livre para usar sua liberdade como um pretexto para o mal (1 Pedro 2.16). Não é livre para dar ocasião à vontade da carne (Gálatas 5.13). Não é livre para fazer tropeçar ou ofender outra pessoa (1 Coríntios 8.9). Ele não é livre para trazer desonra ao Nome do Senhor Jesus (Romanos 2.23,24). Não é livre para amar o mundo (1 João 2.15-17). Ele não é livre para fazer mal à habitação do Espírito Santo (1 Coríntios 6.19).

O homem não é capaz de encontrar satisfação ou paz fazendo as coisas do seu jeito. Ele só as encontra carregando o fardo de Cristo e aprendendo com Ele. “Servi-Lo é a perfeita liberdade”.

16 DE JANEIRO

“Veio a palavra do SENHOR, segunda vez, a Jonas, dizendo...” (Jonas 3.1).

Aqui está uma mensagem que brilha com esperança e promessa. Só porque alguém errou não quer dizer que Deus o colocou na prateleira.

Os erros de Davi estão registrados com um duro realismo. Quando os lemos, nos sentamos no pó com ele e ardemos de vergonha. Porém Davi sabia quebrantar-se diante do Senhor, sabia arrepender-se de todo coração. E Deus ainda não tinha terminado sua obra nele. Deus o perdoou e o restaurou a uma vida frutífera.

Jonas não aceitou o chamado missionário de Deus e foi parar na barriga de um grande peixe. Naquele submarino “animado” ele aprendeu a obedecer. Quando Deus o chamou uma segunda vez, ele foi para Nínive, pregou a condenação iminente e viu a cidade inteira cair no mais profundo arrependimento.

João Marcos teve um início brilhante com Paulo e Barnabé, mas depois desistiu e foi para casa. Deus, porém, não o abandonou. Marcos voltou para a batalha, reconquistou a confiança de Paulo e foi encarregado de escrever o Evangelho do Servo Sofredor.

Pedro traiu o Senhor apesar de todas as suas afirmações de lealdade eterna. As pessoas o teriam descartado dizendo que um pássaro de asa quebrada jamais voaria tão alto de novo. No entanto, Deus não o descartou e Pedro voou mais alto que jamais antes. Ele abriu as portas do Reino para 3.000 pessoas em Pentecostes. Dedicou-se incansavelmente e sofreu repetidamente nas mãos de perseguidores. Escreveu as duas epístolas que levam seu nome e então terminou uma vida gloriosa de serviço com uma morte de mártir.

Portanto, em se tratando de serviço, Deus é o Deus das segundas chances. Ele não descarta alguém simplesmente porque esta pessoa errou. Sempre que Ele encontra um coração quebrantado e contrito, se inclina para levantar a cabeça do seu soldado caído.

Isto não deve ser usado, no entanto, como desculpa para pecar ou errar. A amargura e o remorso de ter errado contra o Senhor deveria bastar como restrição.

Tampouco significa que Deus dá ao pecador arrependido uma segunda chance depois desta vida. Há um fim terrível na morte. Para o homem que morre em seus pecados, a horrível sentença é *“no lugar em que cair, aí ficará” (Eclesiastes 11.3).*

“...servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens” (Efésios 6.7).

As instruções de Paulo para os escravos (Efésios 6.5-8) estão carregadas de significado para qualquer um que confesse ser um servo de Jesus Cristo.

Elas mostram, em primeiro lugar, que qualquer serviço, por menor que seja, pode ser feito para a glória de Deus. Os escravos a quem Paulo escreveu talvez limpassem chão, preparassem refeições, lavassem louças, cuidassem de animais ou cultivassem plantações. Porém o apóstolo disse que estas tarefas poderiam ser feitas *“como a Cristo”* (v.5); que ao fazê-las os escravos eram *“servos de Cristo, fazendo (...) a vontade de Deus”* (v.6); que estavam *“servindo (...) como ao Senhor”* (v.7); e que seriam recompensados pelo Senhor por fazerem *“alguma coisa boa”* (v.8).

É fácil, segundo o nosso raciocínio, criar uma dicotomia entre o secular e o sagrado. Pensamos no nosso trabalho semanal como algo secular, enquanto nossa pregação, testemunho e ensino da Bíblia são sagrados. Porém, esta passagem ensina que para o cristão não pode haver tal distinção. Ao perceber isto, a esposa de um pregador conhecido colocou uma frase sobre a pia da sua cozinha: “Serviços divinos conduzidos aqui três vezes por dia”.

Um servo com esta visão
Torna rotina em algo divino;
Aquele que serve de acordo com Suas leis
Torna cada ação um prazer.
- George Herbert

Há mais uma lição aqui, a saber, que não importa o quão embaixo alguém esteja na escada social, ele não está excluído das maiores bênçãos e recompensas do cristianismo. Ele pode nunca trocar seu uniforme por um terno, mas se o seu serviço é de tão alta qualidade a ponto de trazer glória para o nome de Cristo, ele receberá uma recompensa plena. *“Certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre”* (v.8).

Crendo nisto, devemos orar segundo as palavras de George Herbert:

Ensina-me, meu Deus e Rei,
Ver a Ti em todas as coisas,
E em tudo que eu faça
A fazê-lo como para Ti.

18 DE JANEIRO

"Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos..." (João 18.36 - ACF).

O fato de que o Reino de Cristo não é deste mundo é o suficiente para manter-me longe da política do mundo. Se eu me envolver com a política, estou dando um voto de confiança à habilidade do sistema de resolver os problemas do mundo. Porém, francamente, não tenho tal confiança porque sei que *"o mundo inteiro jaz no maligno"* (1 João 5.19).

A política tem se mostrado especialmente inútil para resolver os problemas da sociedade. As soluções políticas não são nada além de um *Band-Aid* sobre uma ferida supurada; elas não tratam da fonte da infecção. Sabemos que o pecado é a base do problema da nossa sociedade doente. Algo que não lida com o pecado não pode ser considerado seriamente como cura.

Então se torna uma questão de prioridades. Devo gastar tempo envolvendo-me com política ou devo dedicar este mesmo tempo para pregar o Evangelho? Jesus respondeu a esta pergunta quando disse: *"Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus"* (Lucas 9.60). Nossa maior prioridade precisa ser tornar Cristo conhecido porque Ele é a solução para os problemas deste mundo.

"As armas da nossa milícia não são carnis e sim poderosas em Deus para destruir fortalezas" (2 Coríntios 10.4). Sendo assim, chegamos à ousada conclusão de que podemos mudar a história nacional e internacional através de oração, de jejum e da Palavra de Deus mais do que jamais conseguiríamos através dos votos.

Um homem bastante conhecido afirmou certa vez que a política é corrupta em sua própria natureza. Ele acrescentou este alerta: *"A igreja não deve esquecer sua verdadeira função, tentando envolver-se com uma questão humana onde será um concorrente fraco... Ela perderá a pureza do seu propósito ao envolver-se com isso"*.

O plano de Deus para esta era é reunir dentre as nações um povo para o Seu nome (veja Atos 15.14). Ao invés de deixar as pessoas confortáveis em um mundo corrupto, Ele está comprometido a salvá-las deste mundo. Eu preciso estar comprometido a trabalhar com Deus nesta libertação gloriosa.

Quando as pessoas perguntaram a Jesus como realizar as obras de Deus, Ele respondeu que a obra de Deus é crer naquele a quem Deus enviou (veja João 6.28,29). Esta, portanto, é a nossa missão – levar homens à fé, não às urnas eleitorais.

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1.9)

Sem a garantia deste versículo seria praticamente impossível continuar a vida cristã. Conforme crescemos em graça, temos uma noção cada vez mais profunda da nossa total propensão para o pecado. Precisamos ter uma fonte de purificação de pecados instantânea, do contrário estamos condenados à culpa e frustração contínuas.

João nos diz que, para os crentes, esta fonte vem da confissão. O não crente recebe o perdão imparcial da punição pelos pecados através da fé no Senhor Jesus. O crente recebe o perdão paternal da corrupção do pecado através da confissão.

O pecado rompe a comunhão na vida de um filho de Deus e esta comunhão permanece rompida até que o pecado seja confessado e abandonado. Quando confessamos, Deus é fiel à Sua Palavra; Ele prometeu perdoar. Ele é justo ao perdoar porque a obra de Cristo na cruz criou um fundamento justo através do qual Ele pode perdoar.

O que este versículo quer dizer, então, é que quando confessamos os nossos pecados, podemos ter certeza de que a ficha está limpa, de que fomos completamente purificados, de que o espírito de felicidade familiar foi restaurado. Assim que nos tornamos cientes do pecado em nossas vidas podemos entrar na presença de Deus, chamar este pecado pelo nome, rejeitá-lo e ter a certeza de que ele foi perdoado.

Porém, como podemos ter esta certeza? Nos sentimos perdoados? Não é, de forma alguma, questão de como nos sentimos. Sabemos que fomos perdoados porque Deus o diz em Sua Palavra. Sentimentos são no mínimo duvidosos. A Palavra de Deus é confiável.

Suponha, no entanto, que alguém diz: “Sei que Deus me perdoou, mas não consigo me perdoar”. Isto pode parecer muito espiritual, mas na verdade é algo que desonra a Deus. Se Deus me perdoou, então Ele quer que eu aceite este perdão pela fé, me alegre nEle e vá servi-LO como um vaso purificado.

20 DE JANEIRO

“Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre” (Hebreus 10.17).

A capacidade de Deus de perdoar pecados que foram cobertos pelo sangue de Cristo é uma das verdades mais agradáveis da Palavra para nossas almas.

É um grande milagre quando lemos que *“Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões”* (Salmo 103.12). É maravilhoso podermos dizer com Ezequias *“Lançaste para trás de ti todos os meus pecados”* (Isaias 38.17). Fico espantado quando ouço o Senhor dizer *“Desfaço as tuas transgressões como a névoa e os teus pecados, como a nuvem”* (Isaias 44.22). Porém, é ainda mais incrível quando lemos *“Perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei”* (Jeremias 31.34).

Quando confessamos os nossos pecados Ele não apenas perdoa, Ele esquece instantaneamente. Não estamos exagerando quando dizemos que Ele enterra nossos pecados no mar do Seu esquecimento. Isto é ilustrado pela história de um crente que estava brigando e batalhando contra um pecado insistente. Em um momento de fraqueza, ele cedeu à tentação. Correndo à presença do Senhor, ele falou sem nem pensar *“Senhor, fiz aquilo de novo”*. Então pensou ter ouvido o Senhor dizer *“O que você fez de novo?”*. O ponto, claro, é que no momento exato em que o pecado foi confessado, Deus já o havia esquecido.

Este é um paradoxo encantador – o fato de que o Deus onisciente consegue esquecer. Por um lado, Ele sabe de tudo. Conta as estrelas e as conhece pelo nome. Enumera nossas noites sem dormir e conta nossas lágrimas. Ele presta atenção à queda do pardal. Conta os cabelos de nossas cabeças. No entanto, Ele esquece os pecados que foram confessados e renunciados. David Seamands disse: *“Não sei como a onisciência divina pode ser capaz de esquecer, mas sei que ela o faz”*.

Há um último ponto! Foi corretamente dito que quando Deus perdoa e esquece, Ele coloca uma placa ali dizendo *“proibido pescar”*. Estou proibido de pescar de volta meus próprios antigos pecados ou os pecados de outros que Deus já esqueceu. Neste aspecto precisamos ter uma memória fraca e facilidade para esquecer.

“Tendo-se retrado de Saul o Espírito do SENHOR, da parte deste um espírito maligno o atormentava” (1 Samuel 16.14).

Há versículos na Bíblia que parecem atribuir más ações a Deus. Por exemplo, quando Abimeleque reinava há três anos sobre Israel, *“...suscitou Deus um espírito de aversão entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém” (Juizes 9.23)*. Nos dias de Acabe, Micaías disse ao cruel rei: *“Eis que o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas” (1 Reis 22.23)*. Jó atribuiu suas perdas ao Senhor quando disse: *“Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10)*. E então o próprio Senhor diz em Isaías 45.7. *“Faço a paz e crio o mal”*.

No entanto sabemos que, porque Deus é santo, Ele não pode nem gerar nem tolerar o mal. Nenhum pecado, doença, sofrimento ou morte vem do Senhor. Ele é *“luz, e não há nele treva nenhuma” (1 João 1.5)*. É impensável que Ele seja a causa de qualquer coisa que seja contrária a Sua própria perfeição moral.

Fica claro em outras passagens que Satanás é o autor das doenças, sofrimentos, tragédias e destruições. As perdas e a intensa dor de Jó foram causadas pelo Diabo. Jesus disse que a mulher que andava encurvada havia sido mantida presa por Satanás por dezoito longos anos (Lucas 13.16). Paulo falou do seu espinho na carne como *“um mensageiro de Satanás” (2 Coríntios 12.7)*. Satanás é o culpado por trás de todos os problemas da humanidade.

Como, então, podemos conciliar isto com os versículos que apresentam Deus criando mal? A explicação é simplesmente esta: na Bíblia diz-se muitas vezes que Deus fez algo que Ele permitiu que acontecesse. É a diferença entre Sua vontade soberana e Sua vontade permissiva. Ele muitas vezes permite que as pessoas passem por experiências que Ele jamais teria escolhido para elas. Ele permitiu que Israel vagasse por quarenta anos no deserto, enquanto Sua vontade soberana, se tivesse sido aceita, seria levá-los à Terra Prometida por uma rota mais rápida.

Mesmo permitindo o mal de demônios e dos homens, Deus sempre tem a resposta final. Ele a faz prevalecer para Sua própria glória e para a bênção daqueles que são tocados por ela.

22 DE JANEIRO

“Não viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó” (Números 23.21 – ACF).

O profeta mercenário, Balaão, disse uma verdade notável quando falou que o Deus que tudo vê não via pecado em Seu povo, Israel. O que era verdade a respeito de Israel naquela época é então maravilhosamente verdade a respeito dos cristãos hoje. Quando Deus olha para nós, não encontra um pecado sequer pelo qual punir-nos com a morte eterna. O crente está “em Cristo”. Isto significa que ele se encontra diante de Deus em toda a perfeição e dignidade de Cristo. Deus o recebe com toda a aceitabilidade do Seu próprio Filho amado. É uma posição de favor impossível de se melhorar e que jamais acabará. Por mais que procure, Deus não consegue encontrar qualquer acusação contra quem está em Cristo.

Isto é ilustrado por um incidente envolvendo um inglês e seu Rolls Royce. Ele estava viajando pela França de férias quando o eixo das rodas traseiras quebrou. A oficina local não tinha como substituir o eixo, então eles ligaram para a Inglaterra. A companhia enviou não apenas um eixo traseiro, mas também dois mecânicos para garantir que ele fosse instalado corretamente. O inglês continuou sua viagem e então voltou para a Inglaterra esperando receber a conta. Quando meses se passaram e a conta nunca havia chegado ele escreveu à companhia, descreveu o incidente inteiro e pediu a conta. Pouco depois ele recebeu uma carta da companhia dizendo: “Examinamos cuidadosamente nossos registros e não encontramos registro algum de um *Rolls Royce* com um eixo traseiro quebrado”.

Deus examina cuidadosamente seus registros e não encontra registro algum de qualquer pecado na conta de um crente que o condene ao inferno. O crente é aceito no Amado. Ele está completo em Cristo, revestido de toda a justiça de Deus. Ele se encontra absolutamente perfeito diante de Deus. Pode dizer com confiança e alegria:

Se puderes tomar meu Salvador primeiro;
Separá-LO do amor de Deus;
E provar que Jesus teve algum pecado sequer,
Então podes dizer que sou impuro.

"E procuras tu grandezas para ti mesmo? Não as procuras..." (Jeremias 45.5 - ACF).

Há uma sutil tentação, mesmo no ministério cristão, em nos tornarmos importantes, em ver nossos nomes nas revistas ou ouvi-los nas rádios. Porém esta é uma grande armadilha. Isto rouba de Cristo a glória. Rouba também nossa paz e alegria e nos torna os alvos principais das balas do Diabo.

Isto rouba de Cristo a glória. Como C. H. Mackintosh disse: "Há sempre um perigo extremo quando um homem ou seu trabalho se tornam famosos. Satanás certamente está alcançando seu objetivo quando qualquer coisa ou qualquer um além do próprio Senhor Jesus atrai atenção. Um trabalho pode ser começado com a maior sinceridade possível, mas com a falta de uma vigilância santa e de espiritualidade da parte do trabalhador, ele ou os resultados do seu trabalho podem atrair grande atenção pública e ele pode cair na armadilha do Diabo. O objetivo maior e constante de Satanás é desonrar ao Senhor Jesus. Então se ele puder fazê-lo através do que parece ser um ministério cristão, terá alcançado uma vitória ainda maior". Denney também o disse bem: "Ninguém consegue ao mesmo tempo provar que é magnífico e que Cristo é maravilhoso".

Roubamos de nós mesmos no processo. Já foi dito: "Nunca conheci verdadeira paz e alegria no ministério até que parei de tentar ser importante".

O desejo de sermos importantes também faz de nós alvos fáceis para o ataque de Satanás. A queda de alguém famoso traz vergonha ainda maior para a causa de Cristo.

João Batista renunciou incansavelmente a qualquer pretensão de grandeza. Seu lema era "Que Ele cresça e que eu diminua".

Nós também devemos colocar-nos nos lugares de mais baixa posição até que o Senhor nos chame para posições de destaque. Uma boa oração para cada um de nós é "Mantém-me pequeno e desconhecido, amado e valorizado somente por Cristo".

Nazaré era um lugar pequeno –
A Galiléia também.

24 DE JANEIRO

“Não andeis ansiosos de coisa alguma...” (Filipenses 4.6).

Há tanto com que se preocupar – a possibilidade de um câncer, problemas no coração, ou uma multidão de outras doenças; comidas que são supostamente prejudiciais, mortes acidentais, um comunista que assume o poder, guerra nuclear, inflação descontrolada, um futuro incerto, a terrível perspectiva de crianças crescendo em um mundo assim. As possibilidades são incontáveis.

No entanto ouvimos da Palavra de Deus: *“Não andeis ansiosos de coisa alguma”*. Deus quer que tenhamos vidas livres da preocupação. E por bons motivos!

Ansiedade é desnecessária. O Senhor está cuidando de nós. Ele nos segura na palma de Suas mãos. Nada que aconteça pode nos separar da Sua vontade permissiva. Não somos vítimas do acaso, de acidentes ou do destino. Nossas vidas foram planejadas, controladas e orientadas.

Ansiedade é inútil. Ela nunca resolve problema algum ou evita qualquer crise. Como já disseram, “A ansiedade nunca rouba a tristeza do amanhã; ela apenas consome a força de hoje”.

Ansiedade é prejudicial. Médicos já concluíram que muitas das enfermidades de seus pacientes são causadas por preocupação, tensão, nervosismo. Úlceras estão no topo da lista de doenças ligadas à ansiedade.

Ansiedade é pecado. “Ela duvida da sabedoria de Deus; sugere que Ele não sabe o que está fazendo. Ela duvida do amor de Deus; diz que Ele não se importa. Ela duvida do poder de Deus; diz que Ele não é capaz de controlar as circunstâncias que geram a minha ansiedade”.

Muitas vezes temos orgulho da nossa ansiedade. Quando um marido repreendeu sua esposa por sua constante preocupação, ela respondeu: “Se eu não me preocupasse, nada aconteceria por aqui”. Jamais seremos libertos da ansiedade até a confessarmos como pecado e a rejeitarmos completamente. Então poderemos dizer com convicção:

Não me preocupo com o amanhã,
Meu Salvador fará disso Sua preocupação;
Se Ele o encher de dificuldades e tristeza,
Me ajudará a sofrer e a suportar.
Não me preocupo com o amanhã;
Do seu fardo, então, porque devo compartilhar?
Não posso tomar emprestadas sua graça ou sua força;
Então porque tomar emprestada sua preocupação?

"...Deus é amor" (1 João 4.8).

A vinda de Cristo trouxe uma nova palavra que significasse "amor" para a língua grega – *agape*. Já havia uma palavra para "amizade" (*philia*) e uma para o "amor romântico" (*eros*), mas não havia uma que expressasse o tipo de amor que Deus demonstrou ao dar Seu único Filho, amor esse que Ele quer ver Seu povo demonstrando uns aos outros.

Este é um amor de outro mundo, um amor com novas dimensões. O amor de Deus jamais teve um início e não tem fim. É um amor que não tem limite, que não se pode medir. Ele é absolutamente puro, livre de qualquer mancha de lascívia. Ele é sacrificial, nunca levando o preço em consideração. O amor se manifesta ao dar de si mesmo, porque lemos que *"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu..."* e *"também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós"*. O amor busca incessantemente o bem do outro. Ele se estende ao pouco amável, bem como ao amável. Se estende a seus inimigos, bem como a seus amigos. Ele não é atraído por qualquer merecimento ou virtude naqueles que ama, apenas pela bondade daquele que ama. Ele é completamente altruísta, nunca esperando algo em troca e jamais explorando outros para tirar vantagens pessoais. Ele não enumera erros, mas lança um véu gentil sobre uma multidão de desprezos e insultos. O amor paga toda grosseria com bondade e ora pelos seus chamados assassinos. O amor sempre pensa nos outros, considerando-os superiores a si mesmo.

No entanto, o amor pode ser firme. Deus disciplina àqueles a quem ama. O amor não pode tolerar o pecado porque este é prejudicial e destrutivo e o amor deseja proteger a quem ama do mal e da destruição.

A maior manifestação do amor de Deus foi entregar Seu amado Filho para morrer por nós na Cruz do Calvário.

Quem é capaz, ó Deus, de medir Teu amor,
Amor que massacrrou por nós seu Tesouro,
Ele, em quem estava todo o Teu prazer,
Cristo, Teu Filho de amor?

(Allaben)

26 DE JANEIRO

"Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (1 João 4.11).

Não devemos pensar no amor como uma emoção incontrolável e imprevisível. Recebemos a ordem de amar e isto seria praticamente impossível se o amor fosse uma sensação inesperada e abstrata, vindo de forma tão inexplicável quanto um resfriado qualquer. O amor envolve, sim, emoções, mas é mais uma questão de vontade do que de emoção.

Também precisamos nos guardar da idéia de que o amor está limitado a um mundo dos sonhos com pouco a ver com a realidade do dia a dia. Para cada hora de luz de velas e rosas há semanas de esfregões e louças sujas.

Em outras palavras, o amor é extremamente prático. Por exemplo, quando um prato de bananas é servido em uma mesa e uma delas tem manchas pretas, o amor escolhe aquela. O amor limpa o banheiro e o chuveiro depois de usá-los. Ele repõe o papel toalha quando o rolo acaba para que a pessoa seguinte não sofra desta inconveniência. O amor apaga as luzes quando estas não estão sendo usadas. Ele recolhe o lençinho amassado do chão ao invés de passar por cima dele; repõe a gasolina e o óleo depois de usar um carro emprestado. O amor esvazia o lixo sem que tenham que lhe pedir. Ele não deixa as pessoas esperando; e serve aos outros antes de si mesmo. Ele sai com o bebê em prantos para não atrapalhar a reunião. O amor fala alto o bastante para que os surdos possam ouvir. E o amor trabalha para ter o que compartilhar com os outros.

O amor tem uma bainha em sua roupa
Que chega ao chão, ao pó –
Ele pode alcançar as manchas das ruas e caminhos,
E porque pode, precisa fazê-lo.

Ele não ousa repousar sobre a montanha;
Precisa descer até o vale;
Pois não pode sentir-se completo
Até tocar as vidas caídas.

“...remindo o tempo, porque os dias são maus” (Efésios 5.16).

Numa época em que os homens do mundo estão se tornando cada vez mais alérgicos a trabalho, os cristãos precisam aproveitar ao máximo cada momento. É um pecado perder tempo.

Vozes de todas as eras comprovam a importância de um trabalho diligente. O próprio Salvador o disse: *“É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (João 9.4).*

Tomás de Kempis escreveu o seguinte: “Jamais fique à toa ou desocupado; esteja lendo ou escrevendo ou orando ou meditando ou envolvido em algum projeto útil para o bem comum”.

Quando lhe perguntaram a respeito do segredo do seu sucesso como intérprete da Palavra, G. Campbell Morgan disse: “Trabalho – trabalho duro – e mais uma vez, trabalho!”.

Jamais podemos esquecer de que quando o Senhor Jesus veio a este mundo serviu como carpinteiro. A maior parte da Sua vida foi gasta em uma oficina em Nazaré.

Paulo fazia tendas. Ele considerava isto uma parte importante do seu ministério.

Seria um engano pensar que trabalho é o resultado do surgimento do pecado. Antes do pecado entrar no mundo Adão foi colocado no jardim para cultivá-lo e guardá-lo (Gênesis 2.15). A maldição falava da exaustão e do suor que acompanhariam o trabalho (Gênesis 3.19). Mesmo no céu haverá trabalho, pois *“os seus servos O servirão” (Apocalipse 22.3).*

Trabalho é bênção. Através dele encontramos a satisfação da nossa necessidade de criatividade. A mente e o corpo funcionam melhor quando trabalhamos diligentemente. Quando estamos ocupados de forma útil, temos uma proteção maior contra o pecado, porque *“Satanás sempre encontra algum pecado para ocupar mãos desocupadas” (I. Watts).* Thomas Watson disse que *“o ócio incentiva o Diabo a tentar”.* Um trabalho honesto, diligente e fiel é uma parte vital do nosso testemunho cristão. E o resultado do nosso trabalho pode ser mais duradouro que a nossa vida. Alguém disse certa vez: *“Cada um deve a si mesmo a obrigação de encontrar uma ocupação útil para enquanto o seu corpo estiver no túmulo”.* E William James disse que *“A maior função da vida é ser gasta em algo que durará mais do que ela mesma”.*

28 DE JANEIRO

"...aquele que crer não foge" (Isaías 28.16).

Em uma era de viagens supersônicas e comunicação em alta velocidade, em uma cultura cujo lema é pressa, nos surpreende saber que, na Bíblia, raramente a palavra "pressa" se aplica a Deus em um bom sentido. Raramente, eu digo, porque há o exemplo do pai que corre para encontrar-se com o filho pródigo que retorna, sugerindo que Deus se apressa em perdoar. Porém, geralmente Deus não está com pressa.

Quando Davi disse que *"a ordem do rei era urgente"* (1 Samuel 21.8), estava usando de um subterfúgio e nós não devemos usar suas palavras para justificar nossa correria frenética. A simples verdade é que, como diz o nosso versículo, se realmente confiamos no Senhor, não precisamos ter pressa. A urgência da nossa tarefa será mais bem trabalhada em uma caminhada silenciosa com o Espírito que em um frenesi de atividades mundanas.

Imagine um jovem que está com pressa de se casar. Seu raciocínio é que se ele não agir rapidamente alguém mais conquistará a moça. A verdade é que se Deus quiser que aquela moça seja sua, ninguém mais poderá conquistá-la. Se ela não for a escolha de Deus, então ele terá que aprender da forma difícil que "quem casa correndo passa a vida se arrependendo".

Imagine outro com pressa para assumir um ministério de período integral. Ele afirma que o mundo está morrendo e que ele não pode esperar. Jesus não usou estes argumentos durante seus anos em Nazaré. Ele esperou até que Deus O chamou ao ministério público.

Muitas vezes ficamos com pressa em nosso evangelismo pessoal. Ficamos tão ansiosos para juntar confissões que colhemos o fruto antes de estar maduro. Não deixamos o Espírito convencer totalmente a pessoa de seu pecado. O resultado de um método assim é um rastro de confissões falsas e de naufrágios humanos. Precisamos lembrar que *"a perseverança deve ter ação completa"* (Tiago 1.4).

A verdadeira eficácia das nossas vidas não está em correr loucamente atrás de missões pessoais, mas em envolver-se em atividades dirigidas pelo Espírito que são confirmadas pela espera paciente no Senhor.

"Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mateus 11.26).

Na vida de quase qualquer pessoa há coisas que ela jamais teria escolhido, das quais gostaria de livrar-se, mas que nunca poderão ser mudadas. Há deficiências ou anomalias físicas. Ou então pode ser uma doença crônica que não nos deixa em paz. Pode ser talvez um distúrbio nervoso ou emocional que decide ficar como um convidado nada bem-vindo.

Tantas pessoas vivem vidas derrotadas, sonhando como poderiam ter sido as coisas se... Se ao menos fossem mais altos. Se ao menos fossem mais bonitos. Se ao menos tivessem nascido em uma família diferente, com uma raça ou de um sexo diferente. Se ao menos tivessem um porte atlético. Se ao menos tivessem uma saúde perfeita.

A lição que estas pessoas precisam aprender é que há paz ao aceitar-se o que não pode ser mudado. O que somos, o somos pela graça de Deus. Ele planejou nossas vidas com amor e sabedoria infinitos. Se pudéssemos ver as coisas tão bem quanto Ele, teríamos feito as coisas exatamente como Ele as fez. Portanto, devemos ser capazes de dizer *"Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado"*.

Há, porém, um passo além. Não precisamos aceitar estas coisas com um espírito de humilde resignação. Sabendo que elas foram permitidas por um Deus de amor, podemos vê-las como motivo de louvor e alegria. Paulo orou três vezes para que seu espinho na carne fosse retirado. Quando o Senhor lhe prometeu graça para carregar este espinho, o apóstolo disse: *"De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo"* (2 Coríntios 12.9).

É um sinal de maturidade espiritual quando conseguimos nos alegrar nas circunstâncias aparentemente adversas da vida e usá-las como forma de glorificar a Deus. Fanny Crosby aprendeu esta lição cedo na vida. Quando tinha apenas oito anos, a poeta cega escreveu:

Ó, que criança feliz eu sou
Embora não possa ver!
Decidi que neste mundo
Satisfeita serei.

De quantas bênçãos eu desfruto
Que outras pessoas não têm!
Então chorar ou suspirar por ser cega
Não poderia e não o farei!

30 DE JANEIRO

"...de graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10.8).

Fritz Kreisler, um dos melhores violinistas do mundo, disse: "Nasci com música em meu sistema. Aprendi partituras instintivamente, antes de aprender o ABC. Foi um presente divino. Não o adquiri. Portanto, nem sequer mereço agradecimentos pela música... Música é algo sagrado demais para ser vendido. E os preços ultrajantes que as celebridades musicais cobram hoje em dia são um verdadeiro crime contra a sociedade".

Estas são palavras que todos os envolvidos em ministérios cristãos deveriam adotar. O ministério cristão é um ministério de dar, não de receber. A pergunta não é: "O que eu ganho com isso?", mas: "Qual é a melhor forma em que posso compartilhar a mensagem com o maior número possível?". Ao servir a Cristo, é muito melhor que nos desgastemos com as coisas do que lucremos com elas.

É verdade que *"digno é o trabalhador do seu salário"* (Lucas 10.7) e que os *"que pregam o evangelho que vivam do evangelho"* (1 Coríntios 9.14). Isto, no entanto, não justifica que o homem coloque um preço em seu dom. Não justifica cobrar preços exorbitantes pelo direito do uso de hinos. Não justifica as taxas irracionais cobradas por preletores e líderes de louvor.

Simão, o Mago, queria comprar o dom de conceder a outros o Espírito Santo (Atos 8.19). Ele sem dúvida viu isto como uma forma de ganhar dinheiro. Por sua ação, ele deu seu nome à nossa língua (simonia) para descrever a compra ou venda de privilégios religiosos. Não é exagero dizer que o mundo religioso hoje em dia está permeado com simonia.

Se o dólar fosse de alguma forma desligado da obra cristã, grande parte dos ministérios pararia imediatamente. Porém ainda haveria servos fiéis ao Senhor que continuariam até que seu último resquício de força fosse gasto.

Recebemos de graça, devemos dar de graça. Quanto mais dermos, maior será a benção e maior a recompensa – *"boa medida, recalçada, sacudida, transbordante"*.

"Não julgueis, para que não sejais julgados" (Mateus 7.1).

Pessoas que conhecem pouco da Bíblia muitas vezes conhecem este versículo e o usam da forma mais bizarra. Mesmo quando uma pessoa é criticada por crueldades indescritíveis, os religiosos murmuram: *"Não julgueis, para que não sejais julgados"*. Em outras palavras, eles usam o versículo para condenar qualquer tipo de condenação do mal.

A simples realidade é que, embora haja áreas em que não devemos julgar, há outras em que julgamento é uma ordem.

Aqui estão alguns exemplos de quando julgar não é permitido. Não devemos julgar a motivação das pessoas; não sendo oniscientes, não temos como saber por que eles fazem o que fazem. Não devemos julgar o ministério de outro crente; ele se levanta ou cai diante do seu próprio Mestre. Não devemos condenar aqueles que têm escrúpulos cuidadosos quanto a coisas que são moralmente neutras; seria errado para eles ofenderem sua própria consciência. Não devemos julgar com base na aparência exterior ou fazer acepção de pessoas; é o que está no coração que conta. E certamente devemos evitar um espírito crítico severo, censurador; um caçador de erros é um obstáculo para a fé cristã.

Há, no entanto, outras áreas onde somos chamados a julgar. Devemos julgar todo ensino para ver se ele está de acordo com a Palavra. Para evitar o jugo desigual, precisamos julgar se os outros são verdadeiramente cristãos. Cristãos devem julgar contendas entre cristãos, ao invés de deixá-los irem aos tribunais civis. A igreja local precisa julgar em casos de formas extremas de pecado e afastar-se do transgressor culpado. Os membros da igreja precisam julgar que homens têm as qualidades de presbíteros e diáconos.

Deus não espera que joguemos fora nosso pensamento crítico ou abandonemos qualquer padrão moral e espiritual. Tudo o que Ele pede é que nos abstenhamos de julgar quando nos é proibido e que julgremos com justiça quando nos é ordenado.

1º DE FEVEREIRO

“...a luz do evangelho da glória de Cristo” (2 Coríntios 4.4)

Jamais podemos esquecer que o Evangelho é as boas novas da glória de Cristo. Verdade, ele diz respeito Àquele que foi crucificado e sepultado. Entretanto, Ele não está mais na cruz, não está mais no túmulo. Ele ressuscitou, subiu aos céus e está glorificado à direita de Deus.

Não O apresentamos como humilde carpinteiro de Nazaré, o Servo sofredor ou o Visitante da Galiléia, tampouco como o frágil benfeitor da arte religiosa moderna.

Pregamos o Senhor da vida e da glória. Foi a Ele que Deus exaltou grandemente e a quem deu o Nome que está acima de todo nome. Ao Seu Nome todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Ele é Senhor para a glória de Deus Pai. Ele está coroado com glória e honra, um Príncipe e um Salvador.

Muitas vezes O desonramos com a mensagem que pregamos. Exaltamos o homem e seus talentos e criamos a impressão de que Deus teria sorte de ter um homem assim para servi-Lo. Fazemos parecer que o homem está fazendo um favor colossal para o Senhor ao confiar nEle. Este não é o Evangelho que os apóstolos pregavam. Eles diziam: “Vocês são os culpados assassinos do Senhor Jesus Cristo. Vocês O prenderam e com mãos perversas O pregaram ao madeiro. Porém, Deus O ressuscitou dos mortos e O glorificou à Sua direita no Céu. Ele está lá hoje, com um corpo glorificado de carne e ossos. Suas mãos marcadas pelos pregos seguram o cetro do domínio do Universo. Ele voltará para julgar o mundo com justiça; assim, é melhor vocês se ARREPENDEREM e se voltarem para Ele com FÉ. Não há outra forma de salvação. Não há outro nome sob o Céu, dentre os homens, pelo qual vocês possam ser salvos”.

Ah, uma nova visão do Homem glorificado! E uma língua para proclamar as incontáveis glórias que coroam Sua cabeça! Certamente então, como em Pentecostes, os pecadores estremeçerem diante dEle e clamariam *“Que faremos, irmãos?”*

“Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Coríntios 4.6)

Deus *“resplandeceu (...) para iluminação”*. Aqui aprendemos que o plano não é que sejamos os receptores finais das bênçãos de Deus, mas apenas os canais. A expressão *“Deus (...) resplandeceu”* se refere à nossa conversão. Enquanto na criação original Ele ordenou que a luz brilhasse, na nova criação Ele mesmo resplandeceu em nossos corações.

No entanto, Ele não o fez para que pudéssemos acumular egoisticamente a enchente das Suas bênçãos. Ao contrário, Ele o fez para que o conhecimento da Sua glória na face de Jesus Cristo pudesse se tornar conhecido de outros através de nós.

De maneira semelhante Paulo falou de como Deus escolheu *“revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios” (Gálatas 1.16)*. Deus revela Seu Filho em nós para que possamos revelá-LO a outros. Quando compreendi a verdade disso anos atrás, escrevi na contracapa da minha Bíblia:

Se a única visão de Jesus Cristo
For o que eles vêem em ti,
MacDonald, o que eles vêem?

Não admira que Ian MacPherson tenha dito que “pregar é algo admirável, sublime, majestoso – um ato sobrenatural, a transmissão de uma Pessoa através de uma pessoa a um grupo de pessoas, a Pessoa assim apresentada sendo o eterno Jesus”. Ele ilustrou isto com um incidente que aconteceu quando Rei George V estava falando no rádio e suas palavras estavam sendo retransmitidas para os Estados Unidos. Um cabo essencial quebrou na estação de Nova Iorque, deixando os funcionários em pânico. “Então Harold Vivien, um mecânico júnior, viu em um piscar o que deveria fazer. Apanhando as pontas do cabo rompido, ele as segurou, corajosa e inflexivelmente, enquanto a corrente transportando a mensagem real era transmitida. Cargas elétricas de cerca de duzentos e cinqüenta volts o sacudiam, chacoalhando-o da cabeça aos pés e causando-lhe uma dor considerável. No entanto, ele não afrouxou suas mãos. Resoluto, decidido, ele segurou os cabos até que as pessoas tivessem ouvido o rei”.

Canais apenas, bendito Mestre,
Mas com todo Teu magnífico poder
Fluindo através de nós Tu podes usar-nos
Toda dia e toda hora.

3 DE FEVEREIRO

“Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono” (Apocalipse 8.3).

Acreditamos que o anjo desta passagem seja ninguém menos que o próprio Senhor Jesus; e Seu ministério aqui está repleto de consolo e encorajamento para nós.

O que Ele está fazendo? Ele toma as orações de todos os santos, acrescenta-lhes Seu precioso incenso e as oferece a Deus Pai.

Sabemos muito bem que nossas orações e louvores são imperfeitos. Não sabemos orar como deveríamos. Tudo o que fazemos está manchado de pecado, de motivações falsas, de egoísmo.

**“As horas mais santas gastamos em oração de joelhos,
Os momentos que cremos que nossas canções de louvor
agradarão,
Examinador de corações, derrama perdão sobre eles”.**

No entanto, antes da nossa adoração e intercessão chegarem a Deus Pai, elas passam pelo Senhor Jesus. Ele remove cada traço de imperfeição para que, quando elas por fim chegarem ao Pai, sejam impecáveis. Algo mais incrivelmente maravilhoso também acontece. Ele oferece o incenso com as orações dos santos. O incenso se refere à fragrante perfeição da Sua pessoa e obra. É isto que dá poder às nossas orações.

Que enorme encorajamento isto deve ser para nós. Estamos bem cientes de como oramos mal. Massacramos as regras da gramática, nos expressamos de forma deselegante e dizemos absurdos doutrinários. Porém, isto não precisa nos desencorajar de orar. Temos um grande Sumo Sacerdote que corrige e purifica toda a nossa comunicação com o Pai.

Mary Bowley capturou a verdade de forma poética quando escreveu:

Muito incenso sobe
Até Teu trono eterno;
Deus se curva com graça
Para ouvir cada fraco gemido;
A todas as nossas orações e louvores
Cristo acrescenta Seu doce perfume,
E o amor levanta este incensório
Para consumir estes aromas.

"Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos" (Salmo 73.15).

O salmista estava passando por um período difícil. Ele via os perversos prosperando no mundo, enquanto sua própria vida era um pesadelo de problemas e sofrimento. Ele começou a ter dúvidas sobre a justiça de Deus, o amor de Deus e a sabedoria de Deus. Parecia que Deus recompensava a perversidade e punia a retidão.

Porém Asafe tomou uma decisão nobre. Ele resolveu não expor suas dúvidas para não fazer tropeçar um dos filhos de Deus.

A maioria de nós provavelmente tem dúvidas e perguntas às vezes. Especialmente quando estamos quase no fim de nossas forças, quando tudo parece prestes a desmoronar em cima de nós, é fácil questionar a providência de Deus. O que devemos fazer?

Certamente nos é permitido compartilhar nossas dúvidas com alguém espiritualmente qualificado para nos aconselhar. Às vezes estamos distraídos demais para ver a luz no fim do túnel, enquanto ela pode ser bastante clara pra outros e eles podem nos levar até lá.

De modo geral, jamais devemos "duvidar no escuro do que já nos foi revelado na luz". Não devemos interpretar a Palavra de Deus de acordo com as circunstâncias, não importa o quão desanimadoras. Ao invés disso, devemos interpretar nossas circunstâncias de acordo com a Palavra e perceber que nada jamais poderá frustrar os propósitos de Deus ou anular Suas promessas.

Acima de tudo, porém, não devemos sair por aí exibindo nossas dúvidas desnecessariamente. Há o terrível perigo de fazermos um dos pequeninos de Cristo tropeçar, a respeito de quem Ele disse: *"Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho e fosse afogado na profundidade do mar"* (Mateus 18.6).

Nossas certezas são inúmeras; nossas dúvidas, quando há alguma, são poucas. Vamos compartilhar nossas certezas. Como Goethe disse: *"Dê-me o benefício das suas convicções, se tiver alguma, mas guarde suas dúvidas para si, porque as minhas já me são o suficiente"*.

5 DE FEVEREIRO

“Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42.2).

Nenhum dos planos de Deus pode ser frustrado. O homem pode ter sua crueldade, mas Deus fará as coisas do Seu jeito. O homem pode ter muito para dizer, mas a palavra final pertence a Deus. Salomão nos lembra de que *“não há sabedoria, nem (...) conselho contra o Senhor” (Provérbios 21.30)*. Jeremias também afirma: *“...cada um dos desígnios do Senhor está firme” (Jeremias 51.29)*

Os irmãos de José decidiram livrar-se dele vendendo-o a um grupo de midianitas. Porém tudo o que conseguiram fazer foi executar a vontade de Deus. Os midianitas proporcionaram um meio de transporte para José até o Egito onde ele foi elevado ao posto de Primeiro Ministro e foi o salvador do seu povo.

Quando o homem que havia nascido cego ganhou sua visão e confiou no Salvador, os judeus o expulsaram da sinagoga. Isto foi uma grande vitória para eles? Não, Jesus o teria levado para fora de qualquer forma porque o Bom Pastor *“chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora” (João 10.3)*. Eles apenas ajudaram Jesus ao fazê-lo.

A maldade do homem alcançou o ponto máximo quanto prenderam o Senhor Jesus e, pregando-O em uma cruz, O mataram. Porém, Pedro lembrou de que Ele lhes havia sido entregue *“pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (Atos 2.23)*. Deus prevaleceu sobre o gigantesco crime do homem exaltando a Cristo como Senhor e Salvador.

Donald Gray Barnhouse contou a história de um rico proprietário de terras que tinha lindas árvores em sua propriedade: “Ele tinha, no entanto, um inimigo implacável que disse: ‘Vou cortar uma de suas árvores, isso vai ofendê-lo’. No meio da noite, o inimigo passou escondido pela cerca e foi até a mais bela das árvores e com serrotes e machados ele começou a trabalhar. Assim que o dia raiou ele viu ao longe dois homens vindo a cavalo em direção àquela colina e reconheceu um deles como o dono da propriedade. Apressadamente ele empurrou as cunhas para fora e deixou a árvore cair, mas um dos galho o acertou e o prendeu contra o chão, ferindo-o gravemente e levando-o à morte. Antes de morrer ele gritou: ‘Bem, eu cortei sua bela árvore’. O proprietário da terra olhou para ele com pena e disse: ‘Este é o arquiteto que eu trouxe comigo. Nós estávamos planejando construir uma casa e seria preciso cortar uma árvore para abrir espaço para ela. Era exatamente essa árvore que você esteve tentando derrubar a noite toda’”.

"Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos" (Tiago 1.22).

Existe um engano sutil de que ir a reuniões, conferências e seminários é fazer a obra de Deus. Ouvimos mensagens e conversamos sobre o que sabemos que deveríamos estar fazendo e a ilusão de que estamos executando a Sua vontade vai tomando conta. O que estamos fazendo, na verdade, é aumentando nossa responsabilidade e enganando a nós mesmos. Nos enganamos pensando que somos espirituais quando, na verdade, podemos ser bastante carnis. Nos enganamos de que estamos crescendo quando a verdade é que estamos estagnados. Nos enganamos de que somos sábios quando somos patéticos tolos.

Jesus disse que o homem sábio é aquele que ouve Suas palavras e as segue. O homem tolo também ouve Suas palavras, mas não faz nada quanto a elas.

Não basta ouvir um sermão e sair dizendo: "Que mensagem maravilhosa". O verdadeiro teste é quando saímos dizendo: "Vou fazer algo a respeito do que ouvi". Já disseram que uma boa pregação não apenas alonga a mente, aquece o coração e endurece a pele, mas também provoca a decisão de agir.

No meio de sua mensagem um pregador certa vez perguntou o nome do primeiro hino que eles haviam cantado. Ninguém sabia. Perguntou que texto da Palavra havia sido lido. Ninguém sabia. Perguntou que avisos haviam sido dados. Ninguém lembrava. As pessoas estavam brincando de igreja.

Antes de cada reunião, poderíamos nos fazer as seguintes perguntas: Por que eu vim? Estou disposto a ouvir Deus falar comigo pessoalmente? Vou obedecê-lo se Ele o fizer?

O Mar Morto recebeu seu nome merecidamente por ter um influxo constante sem um escoamento equivalente. Em nossas vidas, informação sem aplicação leva à estagnação. A persistente pergunta do Salvador acerta em cheio conosco: *"Por que me chamais Senhor, Senhor e não fazeis o que vos mando?"*

7 DE FEVEREIRO

“Estou crucificado com Cristo” (Gálatas 2.19b).

Quando morreu na cruz, o Senhor Jesus morreu não apenas como meu Substituto; morreu também como meu Representante. Ele morreu não apenas **por** mim, mas **como** eu. Quando ele morreu, de uma forma bastante real eu morri. Tudo o que eu era como filho de Adão, todo o meu velho, mau e pecaminoso ser foi pregado à cruz. No parecer de Deus, minha história enquanto homem na carne chegou ao fim.

Isto não é tudo! Quando o Salvador foi sepultado, também fui. Identifico-me com Cristo em Seu sepultamento. Isto representa a remoção do velho “eu” da vista de Deus para sempre.

Também quando o Senhor Jesus ressuscitou dos mortos, ressuscitei com ele. Porém aqui a cena muda. Não é aquele que foi sepultado que ressuscita, não o velho “eu”. Não, é o novo homem – Cristo vivendo em mim. Ressuscite com Cristo para andar em novidade de vida.

Deus vê tudo isto como algo que aconteceu **posicionalmente**. Agora Ele quer que isso seja verdade de forma **prática** em minha vida. Ele quer que eu reconheça que passei por este ciclo de morte, sepultamento e ressurreição. Mas como posso fazer isso?

Quando a tentação vier, devo reagir a ela exatamente da forma como um defunto reage a qualquer importunação do mal. Sem resposta alguma! Devo dizer: “Eu morri para o pecado. Você não é mais meu mestre. No que lhe diz respeito, estou morto”.

Dia a dia devo reconhecer meu velho e corrupto ser, que foi sepultado no túmulo de Jesus. Isto significa que não estarei ocupado introspectivamente com ele. Não procurarei nada de valor nele ou me decepcionarei com sua completa corrupção.

Por fim, viverei cada momento como alguém que ressuscitou com Cristo para novidade de vida – novas ambições, novos desejos, novas motivações, nova liberdade e um novo poder.

George Muller registrou como esta verdade da identificação com Cristo fez sentido para ele pela primeira vez:

Houve um dia em que eu morri. Morri para George Muller, suas opiniões, preferências, gostos e vontades; morri para o mundo, sua aprovação ou crítica, para a aprovação ou culpa mesmo de meus irmãos e amigos e desde então tenho me esforçado para apresentar-me *“a Deus aprovado”*.

"Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha" (Mateus 12.30).

O Senhor Jesus falou estas palavras a respeito dos fariseus. Eles haviam acabado de cometer o pecado imperdoável, atribuindo Seus milagres a Belzebu, o príncipe dos demônios, quando eles na verdade eram feitos pelo poder do Espírito Santo. Naquele momento se tornou evidente que eles jamais O aceitariam como o Messias de Israel e o Salvador do mundo. Porque eles não tomaram uma decisão por Cristo, estavam necessariamente contra Ele. Porque não serviram ao Seu lado, trabalhavam contra Ele.

Quando se trata da Pessoa e da obra de Cristo, não pode haver neutralidade. Não há nenhum jeito de ficar em cima do muro. Ou se é a favor de Cristo ou contra Ele. Qualquer um que diga que não consegue decidir já decidiu.

Quando se trata da verdade a respeito de Cristo, não pode haver negociação. No cristianismo bíblico há algumas áreas onde pode haver diferenças razoáveis de opinião, mas esta não é uma delas. Como A. W. Tozer nos lembra: "Algumas coisas não são negociáveis". Precisamos nos prender firmemente à divindade absoluta do Senhor Jesus, ao Seu nascimento virginal, à Sua verdadeira humanidade, à Sua natureza sem pecados, à Sua morte como substituição pelos pecadores, à Sua ressurreição corpórea, à Sua ascensão à mão direita de Deus e à Sua volta. Quando os homens começam a limitar estas doutrinas primordiais acabam tendo um "semi salvador", que de modo algum é um Salvador.

O poeta descreveu bem quando disse:

"O que você pensa de Cristo?" é o critério
Para testar tanto seu estado como seu sistema;
Você não tem como estar certo no restante
Até pensar da forma certa nEle:
Como Jesus lhe parece,
Se Ele é amado ou não,
Assim Deus o vê,
E ira ou misericórdia será sua recompensa.

9 DE FEVEREIRO

"...quem não é contra vós outros é por vós" (Lucas 9.49-50).

A princípio isto parece contradizer diretamente nosso versículo anterior, mas não há contradição. Lá o Salvador estava falando com os descrentes fariseus e dizendo: "Se vocês não são a favor de Mim, estão contra Mim". Aqui, porém, é uma questão diferente. Os discípulos haviam acabado de repreender um homem que estava expulsando demônios no nome de Jesus. Não havia outro motivo melhor do que o fato de que ele não tinha ligação com eles. Jesus disse: *"Não proibais; pois quem não é contra vós outros é por vós"*.

Quando falamos de salvação, aqueles que não são a favor de Cristo estão contra Ele. No entanto, quando falamos de servir, quem não é contra Ele é a favor dEle.

Não somos chamados a nos opor a outros que estão servindo o Senhor. É um mundo muito grande e há bastante espaço para todos nós continuarmos nossos trabalhos sem pisar nos pés uns dos outros. Devemos dar ouvidos às palavras do Salvador: *"Não proibais"*.

Ao mesmo tempo, podemos notar que Jesus não disse a João e aos outros para se unirem a este homem. Alguns usam métodos que para outros são inaceitáveis. Alguns têm ênfases diferentes na mensagem que pregam. Alguns têm uma luz maior que outros; e alguns se sentem livres para fazer coisas que pesaria na consciência de outros. Não podemos esperar que seja possível encaixar todo crente no exato molde que nós usamos. Podemos, porém, nos alegrar com cada triunfo do Evangelho, como Paulo fazia. Ele disse: *"Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei"* (Filipenses 1.15-18).

Sam Schoemaker fez a edificante pergunta: "Quando aprenderemos que na grande batalha da luz contra as trevas da nossa época, vamos precisar do apoio de aliados que podem não ser da nossa predileção e aprender que será necessário que todos os cristãos trabalhem e esforcem-se juntos para avançar contra o ataque do Anticristo?"

“Digo, porém: andai no Espírito...” (Gálatas 5.16).

O que quer dizer exatamente andar no Espírito? Na verdade é mais simples e prático do que alguns tendem a pensar. Veja como poderia ser um dia de caminhada com o Espírito!

Primeiro, você começa o dia orando. Confessa qualquer pecado conhecido em sua vida; isto faz de você um vaso limpo e, portanto, útil para Deus. Você gasta tempo em louvor e adoração; isto afina sua alma. Entrega o controle da sua vida a Ele; isto o deixa disponível para que o Senhor viva Sua vida através de você. Através deste ato de dedicação você “deixa de fazer planos desnecessários e deixa o controle da sua vida com Ele”.

A seguir, você gasta tempo se alimentando da Palavra de Deus. Aqui você vê um esboço geral da vontade de Deus para sua vida. Você pode também receber uma orientação específica da Sua vontade para você quanto à sua circunstância atual.

Depois da sua hora silenciosa, você faz o que suas mãos encontram para fazer. Geralmente serão as tarefas triviais, rotineiras e habituais da vida. É aqui que muita gente tem a idéia errada. Eles acham que andar no Espírito é contrário ao mundo dos aventais e jalecos. Na verdade andar no Espírito é composto principalmente de fidelidade e zelo no trabalho diário de cada um.

Ao longo do dia você confessa e abandona pecados assim que se torna ciente deles. Louva a Deus conforme Suas bênçãos lhe vêm à mente. Obedece a cada impulso de fazer o bem e rejeita cada tentação ao mal.

Então você aceita o que lhe acontece durante o dia como sendo a vontade dEle para você. Interrupções se tornam oportunidades de ministrar. Decepções se tornam Seus desígnios. Telefonemas, cartas e visitas são vistas como parte do Seu plano.

Harold Wildish citou o seguinte resumo em um de seus livros:

“Assim como você deixa todo o peso do seu pecado e descansa sobre a obra completa de Cristo, deixe também todo o peso da sua vida e serviço e descanse sobre a obra do Espírito Santo. Abra mão de si mesmo a cada manhã, para ser guiado pelo Espírito Santo e para seguir em frente louvando e em paz, deixando que Ele controle a você e ao seu dia. Cultive o hábito de, durante todo o dia, depender dEle e obedecer-Lhe com alegria, esperando que Ele o oriente, esclareça, repreenda, ensine, use e faça em e com você o que Ele desejar. Considere Sua ação um fato totalmente independente de visão ou sentimento. Se apenas cremos no Espírito Santo e Lhe obedecermos como o Governador das nossas vidas e largarmos o peso de tentar controlar a nós mesmos; então o fruto do Espírito surgirá em nós, conforme a Sua vontade, para a glória de Deus”.

11 DE FEVEREIRO

*“...penetra até ao ponto de dividir alma e espírito...”
(Hebreus 4.12).*

Quando a Bíblia fala do homem como um ser dividido em três partes, a ordem é sempre espírito, alma e corpo. Quando o homem usa estes três termos em conjunto, a ordem é quase sempre corpo, alma e espírito. O pecado virou a ordem de Deus de cabeça para baixo. Agora o homem coloca o corpo em primeiro lugar, depois a alma e por último o espírito.

As duas partes não materiais do homem são seu espírito e sua alma. O espírito lhe permite ter comunhão com Deus. A alma tem a ver com suas emoções e paixões. Embora não seja possível distinguir o espírito e a alma nos mínimos detalhes, podemos e devemos aprender a distinguir o que é espiritual e o que pertence à alma.

O que é espiritual, então? Pregações que exaltam a Cristo o são. Orações a Deus através de Jesus Cristo no poder do Espírito o são. Serviço motivado por amor ao Senhor e capacitado pelo Espírito é espiritual. Adoração em espírito e em verdade também o é.

E o que está ligado à alma? Pregações que chamam atenção para o homem, para sua oratória, sua presença imponente ou inteligência. Orações mecânicas sem envolvimento real do coração, mas feitas para impressionar a outros. Serviços escolhidos a dedo, feitos por recompensas financeiras ou usando métodos mundanos. Adoração que gira em torno de ajudas visíveis e materiais ao invés das realidades espirituais invisíveis.

O que a Igreja de Deus tem a ver com prédios consagrados, vitrais, vestes eclesiásticas, títulos honrosos, velas, incenso e pompas deste tipo? Ou, aproximando-se da nossa realidade, o que a igreja tem a ver com o mundo do marketing, com profissionais que levantam sustento, com truques evangelísticos, com cultos a celebridades, com extravagâncias musicais?

Os anúncios da maioria das revistas cristãs bastam para nos mostrar o quanto valorizamos a alma.

Paulo distingue o serviço que é de ouro, prata e pedras preciosas do que é de madeira, palha e feno (1 Coríntios 3.12). Tudo o que é espiritual resistirá ao fogo do penetrante juízo de Deus. Tudo o que for segundo a alma arderá em chamas.

*"...nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai"
(João 4.21).*

Para os samaritanos, o local de adoração era o Monte Gerezim. Para os judeus, Jerusalém era o lugar onde Deus havia colocado Seu Nome na terra. Porém Jesus anunciou uma nova ordem à mulher de Samaria: *"...vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores"*.

Não há mais um único lugar na terra designado para a adoração. Na nossa dispensação, uma Pessoa Santa tomou o lugar de um lugar santo. O Senhor Jesus Cristo é agora o centro de encontro do Seu povo. As palavras de Jacó encontraram seu cumprimento: *"...a ele se congregarão os povos"* (Gênesis 49.10 – ARC).

Nos congregamos a Ele. Não somos reunidos por um prédio consagrado com vitrais e música de órgão. Não nos congregamos a um homem, não importa o quão talentoso ou eloqüente ele seja. O Senhor Jesus é o ímã divino.

O lugar na terra não é importante; podemos nos encontrar em uma capela, uma casa, um campo ou uma caverna. Na verdadeira adoração, através da fé entramos no santuário celestial. Deus Pai está lá. O Senhor Jesus está lá. Os anjos estão lá em roupa de festa. Os santos da época do Antigo Testamento estão lá e os santos da era da Igreja que já morreram estão lá também. E em tão ilustre companhia temos o privilégio de derramar nossos corações em adoração a Deus através do Senhor Jesus no poder do Espírito Santo. Assim, enquanto nossos corpos ainda estão na terra, em espírito subimos "além, muito além do mundo agitado que batalha abaixo" (parte do hino *Lord Jesus We Seek Thy Face*).

Isto contradiz as palavras do Salvador de que *"onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles"* (Mateus 18.20)? Não, isto também é verdade. Ele se faz presente de uma forma especial quando Seu povo se reúne em Seu Nome. Ele ouve nossas orações e as apresenta ao Pai. Que privilégio ter o Senhor Jesus em nosso meio.

13 DE FEVEREIRO

"A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros..." (Romanos 13.8).

Não precisamos interpretar este versículo como uma proibição contra todo e qualquer tipo de dívida. Em nossa sociedade não temos como fugir de contas de telefone, gás, eletricidade e água. Em algumas circunstâncias, também, pode ser uma administração mais sábia comprar uma casa com um empréstimo e assim aumentar seu patrimônio, do que pagar a mesma quantia mensal de aluguel. É impossível também administrar uma empresa atualmente sem assumir algumas dívidas.

No entanto, o versículo certamente proíbe outras práticas. Ele proíbe que se entre em dívida quando há uma probabilidade pequena de se poder pagá-la depois. Proíbe pedir dinheiro emprestado para comprar um produto que perde seu valor. Ele também proíbe dívidas atrasadas e proíbe que se entre em dívidas por motivos que não sejam essenciais. Ele proíbe que se mergulhe de cabeça em dívidas; proíbe a tentação de gastar demais por impulso porque temos cartões de crédito. Ele proíbe o desperdício do dinheiro do Senhor quando se paga taxas de juros exorbitantes sobre dívidas.

O propósito do versículo é nos proteger de cobradores insistentes, de problemas matrimoniais causados por excesso de gastos e da falência jurídica, todos devastadores para o testemunho cristão.

Em geral, precisamos praticar a responsabilidade financeira vivendo de forma humilde e dentro dos nossos limites, sempre nos lembrando de que quem toma emprestado é escravo de quem empresta (veja Provérbios 22.7).

A única dívida que sempre cabe ao cristão é a obrigação de amarmos uns aos outros. Somos obrigados a amar os não convertidos e a compartilhar o Evangelho com eles (Romanos 1.14). Somos obrigados a amar nossos irmãos e a doar nossas vidas por eles (1 João 3.16). Este tipo de dívida jamais nos colocará em uma situação problemática com a lei. Ao contrário, como Paulo diz, esta dívida é o próprio cumprimento da lei.

"agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra" (Atos 4.29).

Quando os primeiros cristãos estavam passando por perseguições, não esperaram as circunstâncias mudarem. Ao invés disto, glorificaram a Deus em meio a estas circunstâncias.

Muitas vezes não seguimos seu exemplo. Adiamos qualquer atitude até que as condições estejam mais favoráveis. Vemos obstáculos como impedimentos ao invés de degraus. Damos desculpas para desistir, afirmando que nossas circunstâncias não são ideais.

Imagine um estudante que não se envolve com o ministério até depois de se formar. Então ele está preocupado com romance e casamento. Depois disto a pressão do seu emprego e da sua vida familiar o impedem de mergulhar na obra. Ele decide esperar até aposentar-se; e então estará livre para dar o resto de sua vida para o Senhor. Quando ele finalmente se aposenta, sua energia e visão já se foram e ele cai em uma vida de lazer.

Pode ser também que estejamos em uma posição onde temos que trabalhar com pessoas que nos irritam. Talvez estas pessoas tenham posições de liderança na igreja local. Embora sejam fiéis e esforçadas, para nós são censuráveis. O que fazemos então? Ficamos mal humorados na arquibancada, esperando para assistir a alguns enterros de primeira classe. Mas não funciona. Pessoas assim sempre têm uma longevidade incrível. Esperar funerais é inútil.

José não esperou até sair da prisão para fazer valer sua vida; ele tinha um ministério divino na prisão. Daniel se tornou uma influência de Deus durante o cativeiro babilônico. Se ele tivesse esperado até o cativeiro terminar teria sido tarde demais. Foi durante a prisão de Paulo que ele escreveu Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon. Ele não esperou as circunstâncias melhorarem.

A simples verdade é que as circunstâncias jamais serão ideais nesta vida. Para o cristão, não há promessa de que elas vão melhorar. Por isso, tanto para servir quanto para a salvação, agora é a hora certa.

Lutero disse: "Aquele que deseja esperar até que uma ocasião pareça ser totalmente favorável para seu ministério jamais a encontrará". E Salomão nos alertou de que *"quem somente observa o vento nunca semeará e o que olha para as nuvens nunca segará"* (Ec 11.4).

15 DE FEVEREIRO

"Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás" (Eclesiastes 11.1).

Aqui o pão provavelmente é usado como figura em lugar do grão do qual ele é feito. No Egito, as sementes eram lançadas em áreas alagadas. Conforme a água recuava, as plantações cresciam. Porém, isso não acontecia imediatamente. A colheita vinha *"depois de muitos dias"*.

Vivemos hoje em uma sociedade "instantânea" e queremos resultados instantâneos. Temos purê de batatas instantâneo, chá, café e achocolatado instantâneos, sopa instantânea e mingau de aveia instantâneo. Além disso, temos crédito imediato no banco e repetições imediatas na TV.

Entretanto, não é assim na vida e no ministério cristão. Nossos atos de bondade não são recompensados imediatamente. Nossas orações nem sempre são respondidas na hora; e nosso ministério geralmente não gera resultados imediatos.

A Bíblia usa repetidamente o ciclo agrícola para ilustrar o ministério espiritual. *"O semeador saiu a semear..."*, *"Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus"*, *"Primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga"*. É um processo gradual ao longo de um período prolongado. A abóbora cresce mais rápido que um carvalho, mas ainda assim precisa de tempo.

Portanto, esperar resultados instantâneos dos nossos atos altruístas de bondade é irrealista. Esperar respostas imediatas às nossas orações é imaturo. Pressionar alguém a tomar uma decisão na primeira vez que ouve falar o Evangelho é tolice. A experiência normal certamente é dar, orar e servir incansavelmente por um longo período. Faça-o com a certeza de que seu trabalho não é em vão no Senhor. Depois de certo tempo, verá resultados; não o suficiente para enchê-lo de orgulho, mas o bastante para encorajá-lo a seguir em frente. Não veremos os resultados completos até chegarmos ao céu – que é – no fim das contas, o melhor lugar, o mais confiável, para vermos os frutos do nosso trabalho.

"Até no riso tem dor o coração..." (Provérbios 14.13).

Nada nesta vida é perfeito. Todo riso se mistura à tristeza. Todo diamante tem uma imperfeição. Todo mundo tem defeitos de caráter. Durante toda nossa vida, com frequência encontramos maçãs com manchas apodrecidas.

É bom ser idealista; Deus colocou dentro de nós um anseio pela perfeição. Porém também é bom ser realista; jamais encontraremos perfeição absoluta sob o sol.

É fácil para jovens pensarem que a sua família é a única que tem brigas; ou que seus pais são os únicos que não têm personalidades cinematográficas brilhantes.

É fácil se decepcionar com nossa comunidade cristã local, supondo o tempo todo que tudo é cor de rosa na igreja ao lado.

Ou é fácil passar a vida procurando amigos que são absolutamente ideais. Esperamos a perfeição dos outros mesmo sem conseguir produzi-la em nós mesmos.

Precisamos encarar o fato de que todo mundo tem defeitos de caráter, alguns mais evidentes que outros. Muitas vezes, quanto mais impressionante é uma pessoa, mais óbvias são as suas falhas. Ao invés de nos frustrarmos com os defeitos, melhor seria enfatizar as qualidades de outros crentes. Todo mundo tem qualidades também; mas apenas uma Pessoa tem todas elas ao mesmo tempo, isto é, o Senhor Jesus.

Eu muitas vezes acho que o Senhor nos deixou propositalmente aqui embaixo com um anseio insatisfeito por perfeição, para que O busquemos, a Ele, em Quem não há mancha nem imperfeição. Ele representa a soma de todas as belezas morais. Não há decepções nEle.

17 DE FEVEREIRO

"...na angústia, me tens aliviado..." (Salmo 4.1).

É verdade que "mar calmo nunca fez marinheiro". É através da tribulação que desenvolvemos paciência. É sob pressão que somos alargados, que crescemos.

Mesmo homens do mundo perceberam que dificuldades têm valores educativos e engrandecedores. Charles Kettering disse certa vez: "Problemas são o preço do progresso. Não me traga nada além de problemas. Boas notícias me enfraquecem".

No entanto, é especialmente do mundo cristão que vêm testemunhos dos benefícios vindos de dificuldades.

O poeta acrescenta esta afirmação:

E muitos arrebatadores menestréis entre os filhos da luz
Dirão da sua doce música, "o aprendi à noite";
E muitos hinos retumbantes que enchem a casa do Pai
Choraram seus primeiros ensaios nas sombras de um quarto
escuro.

Spurgeon escreveu de sua forma inimitável:

"Temo que toda a graça que encontrei nos meus momentos confortáveis e fáceis e nas horas alegres poderiam caber sobre uma moeda de um centavo. No entanto o bem que recebi de minhas tristezas, dores e sofrimentos é totalmente incalculável. O que não devo ao martelo e à lima! Afição é o melhor equipamento da minha casa".

Por que deveríamos nos surpreender? O escritor desconhecido aos hebreus nos escreveu: *"Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça"* (Hebreus 12.11).

“Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gênesis 18.25).

Quando há na vida mistérios profundos demais para compreendermos, podemos descansar na certeza de que o Juiz de toda a terra é o Deus da justiça absoluta e infinita.

Há a questão da condição das crianças que morrem antes de chegar à idade de responsabilidade. Para muitos de nós, basta saber que *“dos tais é o reino de Deus”*. Cremos que elas estão salvas pelo sangue de Jesus. Porém para outros que ainda não estão satisfeitos, as palavras do nosso versículo devem bastar. Podemos ter a certeza de que Deus fará o que é certo.

Há o problema recorrente da eleição e da predestinação. Deus escolhe alguns para a salvação sem ao mesmo tempo escolher alguns para a condenação? Depois que os calvinistas e os arminianos já tiverem dado suas opiniões, podemos ter plena confiança de que não há injustiças da parte de Deus.

Há também a aparente injustiça de que os perversos muitas vezes prosperam, enquanto os justos passam por dificuldades extremas. Há a repetida questão quanto ao destino dos pagãos que nunca ouviram do Evangelho. Os homens se questionam por que Deus deixou o pecado entrar no mundo. Muitas vezes nos vemos sem respostas frente a tragédias, pobreza e fome, a horribéis deficiências físicas e mentais. Dúvidas murmuram continuamente: *“Se Deus está no controle, por que Ele permite tudo isso?”*

A fé responde: *“Espere até que o último capítulo seja escrito. Deus não errou uma vez sequer. Quando formos capazes de ver as coisas com uma perspectiva mais clara, perceberemos que o Juiz de toda a terra acertou”*.

Deus escreve com letras grandes demais
Para que nossa curta visão entenda;
Vemos pequenos traços e tentamos
Compreender todo o mistério
De esperanças mortas, da morte, da vida,
Da guerra sem fim, das disputas inúteis –
Mas lá, com uma visão maior, mais clara,
Veremos isto – Seu modo estava certo.

- John Oxenham

19 DE FEVEREIRO

"A estultícia do homem perverte o seu caminho, mas é contra o SENHOR que o seu coração se ira" (Provérbios 19.3).

Não há nenhum livro de psicologia como a Bíblia. Ela traz uma compreensão tal do comportamento humano que não se encontra em qualquer outro lugar. Aqui, por exemplo, ela descreve um homem cuja própria desobediência destrói sua vida, mas que, ao invés de assumir sua própria culpa, volta-se e joga sua raiva contra o Senhor.

Quão realista! Conhecemos pessoas que se declararam cristãos, mas que então se envolveram com formas depravadas de imoralidade sexual. Isto lhes trouxe vergonha, desgraça e ruína financeira. Mas eles se arrependeram? Não, se voltaram contra Cristo, renunciaram sua fé e se tornaram ateus militantes.

Com mais frequência do que provavelmente percebemos a apostasia tem suas raízes no fracasso moral. A. J. Pollock relata o encontro com um jovem que começou a vomitar todo tipo de dúvidas e negações quanto à Palavra. Quando Pollock lhe perguntou: "A que tipo de pecado você tem cedido?", o jovem desmoronou e despejou uma história sombria de pecado e indecência.

A maior injustiça está na forma perversa do homem enfurecer-se com o Senhor pelas consequências do seu próprio pecado. W. F. Adeney disse que "é monstruoso acusar a providência de Deus pelas consequências de ações que Ele proibiu".

Quão verdadeiro é o fato de que *"todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras" (João 3.20)*! O apóstolo Pedro nos lembra de que os escarnecedores, *"andando segundo as suas próprias paixões"*, ignoram *"deliberadamente"*. Pollock comenta: "Isto traz à tona a verdade de extrema importância de que a incapacidade e a relutância contra aceitar a verdade de Deus são em grande parte graças ao que é moral. Muitas vezes a pessoa quer continuar com seu pecado, ou a carne tem um desgosto natural por Deus. Talvez o caráter sondador da luz e a influência restringente da Bíblia a ofenda. Não é tanto na cabeça o problema, mas no coração".

"Não comerei enquanto não expuser o propósito a que venho" (Gênesis 24.33).

Assim como o servo de Abraão sentiu a urgência ligada à sua missão, também deveríamos senti-lo. Isto não quer dizer que precisamos sair correndo em todas as direções ao mesmo tempo. Não quer dizer que precisamos fazer tudo nervosos e com pressa. No entanto, significa, sim, que precisamos nos entregar à tarefa diante de nós como uma questão da mais alta prioridade.

Devemos adotar a atitude expressa nas palavras de Robert Frost:

Os bosques são lindos, escuros e profundos,
Mas tenho promessas a cumprir
E milhas a percorrer antes de dormir.

Amy Carmichael registrou bem este espírito quando escreveu: "A vontade de Deus está sobre mim. Não posso ficar brincando com sombras ou colhendo flores silvestres enquanto não tiver terminado meu trabalho e prestado contas".

Em outro texto ela escreveu:

Apenas doze curtas horas – Ó, nunca
Deixe a sensação de urgência
Morrer em nós, Bom Pastor, faça-nos
Sempre vasculhar as montanhas Contigo.

Diz-se que Charles Simeon tinha um quadro de Henry Martyn em seu escritório e que não importava para onde ele fosse naquela sala, parecia que Martyn estava olhando para ele e dizendo: "Seja diligente, seja diligente; não fique brincando, não fique brincando". E Simeon respondia: "Sim, serei diligente; serei, serei diligente; Não ficarei brincando, porque almas estão perecendo e Jesus deve ser glorificado".

Ouçã essa urgência nas palavras do valente apóstolo Paulo: "*Uma coisa faço... Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus*" (Filipenses 3.13,14).

E como nosso Salvador viveu com uma sensação de urgência! Ele disse: "*Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize!*" (Lucas 12.50).

Não há desculpas para um cristão dormir sobre louros.

21 DE FEVEREIRO

“Habito no meio do meu povo” (2 Reis 4.13).

Uma rica mulher de Suném mostrava hospitalidade a Eliseu sempre que ele passava por ali. Finalmente, ela sugeriu a seu marido que construíssem um quarto a mais para que o profeta tivesse seu próprio espaço. Querendo recompensar sua bondosa anfitriã, Eliseu perguntou-lhe o que poderia fazer por ela – talvez apresentá-la ao rei ou ao comandante. Sua simples resposta foi: *“Habito no meio do meu povo”*. Em outras palavras: “Estou feliz com o que tenho na vida. Amo o povo com quem moro. Não desejo particularmente conviver com a alta sociedade. Ser amiga de pessoas famosas não tem nenhuma atração especial para mim”.

Ela era uma mulher sábia! Aqueles que nunca estão satisfeitos até se socializarem com os famosos, os ricos, os aristocráticos muitas vezes precisam aprender que a maioria das melhores pessoas da terra jamais chega à primeira página dos jornais – ou às colunas sociais.

Já tive um pouco de contato com alguns dos grandes nomes do mundo evangélico, mas preciso confessar que, na maioria das vezes, a experiência foi decepcionante. Quanto mais eu vejo o que é propagandeado pela imprensa cristã, mais decepcionado fico. Se eu tiver que escolher, dê-me os cidadãos humildes, comprometidos e genuínos que são desconhecidos neste mundo, mas bem conhecidos no céu.

A. W. Tozer ilustrou como me sinto quando escreveu: “Creio em santos. Já conheci os comediantes; conheci os promotores; conheci os fundadores que põe seu nome na fachada do prédio para que as pessoas saibam que eles o fundaram. Conheci cowboys convertidos não tão convertidos assim. Conheci todo tipo de cristão estranho por todos os Estados Unidos e Canadá, mas meu coração está procurando santos. Quero conhecer pessoas que são como o Senhor Jesus Cristo... Na verdade, o que queremos e devemos ter é a beleza do Senhor nosso Deus em forma humana. Um santo agradável e cativante vale 500 promotores, vendedores e engenheiros religiosos”.

Charles Simeon expressou uma sensação semelhante. “Desde o primeiro dia, quando comecei, até hoje... tenho me relacionado com os melhores da terra, cada um deles se esforçando até o fim de suas forças para mostrar-me bondade por causa do Senhor”.

Portanto – orquídeas à mulher de Suném pelo discernimento espiritual em suas palavras: *“Habito no meio do meu povo”*.

"...com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço..." (Efésios 4.12).

Uma perspectiva revolucionária! Os dons em Efésios 4 são dados para aperfeiçoar os santos para o desempenho do seu serviço. Assim que os santos forem capazes de continuar, o dom pode seguir em frente.

Isto significa que o sucesso no ministério é tornar-se desnecessário no menor tempo possível e então procurar novos mundos para conquistar.

Foi isto que Paulo fez. Ele foi para Tessalônica, por exemplo, pregou aos judeus por três semanas e deixou para trás uma assembléia em funcionamento. Sem dúvida esta foi uma exceção em questão de velocidade de estabelecimento de um ministério. O maior tempo que Paulo ficou em um único lugar de uma vez foi dois anos. Foi em Éfeso.

Deus nunca quis que Seus santos dependessem eternamente de quaisquer dons mencionados. Os dons são descartáveis. Se os santos continuarem sendo provadores de pregações profissionais, jamais se envolvendo com a obra do ministério, nunca se desenvolveriam espiritualmente da forma como deveriam e o mundo jamais seria evangelizado do jeito que Deus planejou.

William Dillon disse que um missionário estrangeiro bem sucedido nunca tem um sucessor estrangeiro. Isto deveria ser igualmente verdade para os que trabalham no país de origem – quando a tarefa do ministro está completa, os próprios santos assumem a tarefa; não começam a procurar outro profissional.

Nós, pregadores, muitas vezes vemos nossas posições como um compromisso de vida inteira. Achamos que os outros não fariam um trabalho tão bom. Desculpamos a nossa permanência com o fato de que a frequência cairia se saíssemos. Reclamamos que os outros não fazem as coisas do jeito certo e que não podemos depender deles. Porém o fato é que eles precisam aprender. E, para aprender, precisam que lhes dêem oportunidades. Precisa haver um treinamento, delegação de responsabilidades e avaliação de progresso.

Quando os santos chegam ao ponto onde sentem que conseguem seguir em frente sem um pregador ou professor em particular, não há razão para ele ficar de mau humor ou magoado. É motivo de comemoração. Este obreiro está liberado para ir onde é mais necessário.

A situação é ruim quando a obra de Deus é permanentemente construída em torno de um homem, não importa o quão talentoso ele seja. Seu grande objetivo precisa ser multiplicar sua eficácia treinando santos até o ponto em que eles não dependem mais dele. Em um mundo como o nosso, ele jamais ficará sem trabalho em outros lugares.

23 DE FEVEREIRO

“O sábio ouvirá e crescerá em conhecimento...” (Provérbios 1.5 – ACF).

A diferença essencial entre o homem sábio e o tolo no livro de Provérbios é que o homem sábio ouve e o tolo não.

Não é uma questão da capacidade mental do tolo. Ele pode na verdade ter uma capacidade intelectual acima do normal. Porém, ele simplesmente não aceita que lhe digam o que fazer. Trabalha sob a ilusão fatal de que seu conhecimento é infinito e seu discernimento é infalível. Se seus amigos tentam aconselhá-lo, recebem escárnio por seus esforços. Eles o vêem tentar escapar dos resultados inevitáveis de ações pecaminosas e estúpidas, mas não podem fazer nada para evitar a colisão. Assim, ele continua de crise em crise. Agora suas finanças estão um desastre. Agora sua vida pessoal está aos pedaços. Agora seus negócios cambaleiam à beira do caos. Mas ele racionaliza que a vida lhe está dando azar. Nunca lhe ocorreu que ele é seu próprio inimigo. Ele é generoso na hora de dar conselhos a outros, mas cego para sua incapacidade de controlar sua própria vida. Um falante compulsivo, ele se exhibe com a autoconfiança de um oráculo.

O homem sábio é feito de coisas melhores. Ele percebe que os fios mentais de todo mundo ficaram enrolado com a Queda. Sabe que os outros às vezes conseguem ver aspectos de um problema que ele não percebeu. Ele está disposto a reconhecer que sua memória falha às vezes. É ensinável, aceitando de bom grado quaisquer sugestões que o ajude a tomar as decisões certas. Na verdade, ele pede conselhos para outros, porque sabe que *“na multidão de conselheiros há segurança”* (Provérbios 11.14). Assim como todo mundo, ele às vezes erra. Porém ele tem o valor redentor de aprender com seus erros e transforma cada erro em um degrau para a vitória. Ele é grato por repreensões merecidas e está disposto a dizer “Eu estava errado. Sinto muito”. Filhos sábios se submetem à disciplina de seus pais; tolos se rebelam. Jovens sábios obedecem aos preceitos da Palavra quanto à pureza moral; tolos seguem suas próprias vontades. Adultos sábios avaliam tudo para verificar se são coisas agradáveis ao Senhor; tolos agem de acordo com o que lhes agrada.

Assim, os sábios se tornam mais sábios e os tolos estão firmemente presos à cova da sua própria insensatez.

"Adão... e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem..." (Gênesis 5.3).

É uma parte básica da vida física que geremos filhos à nossa semelhança, conforme a nossa imagem. Adão gerou um filho à sua semelhança e o chamou de Sete. Quando as pessoas viam Sete provavelmente diziam o que dizem até hoje: "Tal pai, tal filho".

Também um fato que deve nos fazer refletir sobre a vida espiritual é que geramos filhos à nossa imagem. Quando estamos acostumados a apresentar outros ao Senhor Jesus, eles inconscientemente adquirem características semelhantes às nossas. Aqui não é questão de hereditariedade, mas de imitação. Eles nos vêem como o ideal de como um cristão deve ser e inconscientemente ajustam seu comportamento ao nosso. Eles logo manifestam a semelhança familiar.

Isto quer dizer que o lugar que dou à Bíblia em minha vida estabelecerá o padrão para os meus filhos na fé. Quer dizer que minha ênfase na oração também se tornará a deles. Se sou um adorador, esta característica provavelmente será passada a eles também.

Se eu for fiel às firmes exigências do discipulado, eles entenderão que esta é a norma para todos os crentes. Por outro lado, se eu diluir as palavras do Salvador e viver para riquezas, fama e prazer, posso contar que eles seguirão o meu exemplo.

Os que são comprometidos com ganhar almas tendem a gerar evangelistas entusiasmados. Aqueles que encontram prazer e proveito em decorar as Escrituras passam a visão aos seus filhos espirituais.

Se você não é um freqüentador assíduo dos encontros da sua comunidade, dificilmente poderá esperar que seus protegidos sejam diferentes. Se geralmente está atrasado, eles provavelmente estarão também. Se você se senta na última fileira, não se surpreenda se isso os influenciar a fazer o mesmo.

Por outro lado, se você for disciplinado, confiável, pontual e vitalmente envolvido, seus Timóteos seguirão a sua fé.

Então a pergunta para cada um de nós é: "Estou contente de gerar filhos à minha imagem?". O apóstolo Paulo pôde dizer: *"...que sejais meus imitadores"* (1 Coríntios 4.16). Podemos dizer o mesmo?

25 DE FEVEREIRO

“Seja-vos feito segundo a vossa fé” (Mateus 9.29 - ACF).

Quando Jesus perguntou a dois cegos se eles criam que Ele era capaz de lhes dar vista, eles responderam que sim. Quando tocou seus olhos, Ele disse: *“Faça-se-vos conforme a vossa fé”* e seus olhos foram abertos.

Seria fácil concluir a partir disto que se tivermos fé o suficiente, podemos conseguir tudo o que queremos, seja riqueza, cura ou o que for. Porém este não é o caso. A fé precisa basear-se em uma palavra do Senhor, uma promessa de Deus, um mandamento da Palavra. Do contrário, não é nada além de uma credulidade interesseira.

O que aprendemos com nosso texto é que a medida que nos apossamos das promessas de Deus depende do tamanho da nossa fé. Depois de prometer ao rei Jeoás que ele obteria a vitória contra os sírios, Eliseu lhe disse para golpear o chão com suas flechas. Jeoás golpeou o chão três vezes e então parou. Eliseu, irado, avisou que o rei teria apenas três vitórias contra a Síria, enquanto poderia ter tido cinco ou seis (2 Reis 13.14-19). A extensão da sua vitória dependeu da sua fé.

O mesmo acontece na vida de discipulado. Somos chamados a andar pela fé, a deixar tudo para trás. Somos proibidos de acumular tesouros na terra. Quão longe ousamos ir em obediência a estas ordens? Devemos acabar com o seguro de vida, seguro de saúde, poupanças no banco, ações e hipotecas? A resposta é *“Faça-se-vos conforme a vossa fé”*. Se você tem fé para dizer: *“Me esforçarei para suprir as minhas necessidades e as da minha família e colocarei tudo o mais na obra do Senhor e confiarei a Deus o meu futuro”*, então pode ter certeza absoluta de que o Senhor cuidará do seu futuro. Ele disse que o faria e Sua palavra não falha. Se, por outro lado, sentimos que precisamos exercitar a *“prudência humana”* economizando para o futuro, Deus ainda nos amará e ainda nos usará de acordo com a extensão da nossa fé.

A vida de fé é como as águas que correm do Templo em Ezequiel 47. Você pode entrar até o seu tornozelo, até o seu joelho, até o seu quadril – ou, melhor ainda, você pode nadar nelas.

As maiores bênçãos de Deus, é claro, são para aqueles que confiam nEle mais completamente. Uma vez que tenhamos provado da Sua fidelidade e suficiência, desejaremos jogar fora nossas muletas, apoios e travessieiros do *“senso comum”*. Ou, como já foi dito: *“Uma vez que você caminhou sobre as águas, jamais desejará voltar a andar de barco”*.

“Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?” (João 5.44).

Através destas palavras nosso Senhor indica que não podemos buscar ao mesmo tempo a aprovação dos homens e a aprovação de Deus. Ele também afirma que uma vez quando embarcamos em uma busca pela aprovação humana, damos um golpe na vida pela fé.

Seguindo a mesma linha, o apóstolo Paulo expressa a inconsistência moral entre desejar o louvor dos homens e de Deus: *“Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gálatas 1.10b).*

Deixe-me ilustrar. Imagine um jovem cristão que quer um título avançado em certa área da tecnologia. No entanto, ele quer o diploma de uma universidade oficialmente reconhecida. Precisa ser de uma instituição certificada. Infelizmente as únicas universidades reconhecidas que oferecem este diploma são aquelas que negam as grandes verdades fundamentais da fé. Acrescentar aquele título ao lado do seu nome significa tanto para ele que ele está disposto a recebê-lo de homens que, embora sejam estudiosos conhecidos, são inimigos da cruz de Cristo. Quase inevitavelmente ele se corrompe no processo. Ele nunca mais fala com a mesma convicção.

O desejo de ser conhecido pelo mundo como um estudioso ou um cientista traz perigos embutidos. Há o perigo sutil de abrir mão de seus valores, de sacrificar princípios bíblicos em favor de uma posição mais liberal, de se tornar alguém que mais critica os fundamentalistas que os modernistas.

As escolas cristãs se deparam com uma escolha angustiante – buscar ou não o reconhecimento de agências oficiais do mundo educacional. O desejo de ser “oficializado” muitas vezes resulta em diluir sua ênfase bíblica e adotar princípios carnis estabelecidos por homens que não tem o Espírito.

O que mais deve ser desejado é ser “reconhecido por Deus”. O preço da alternativa é alto demais, porque “na moeda pela qual vendemos a verdade há sempre, mesmo que seja apenas de leve, a imagem do anticristo” (F. W. Grant).

27 DE FEVEREIRO

“pelo contrário, Deus escolheu... as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1 Coríntios 1.27).

Se um carpinteiro consegue usar sobras e fragmentos de madeira e fazer um móvel esplêndido com eles, isso lhe traz mais crédito do que se ele só usasse os melhores materiais. Assim, quando Deus usa coisas tolas, sem valor e fracas para alcançar resultados gloriosos, isso exalta Sua habilidade e poder. As pessoas não têm como atribuir o sucesso aos materiais rústicos; elas são obrigadas a confessar que só pode ser o Senhor que recebe o crédito.

O livro de Juízes traz inúmeras ilustrações de Deus usando as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. Eúde, por exemplo, era um benjamita canhoto. Na Palavra, a mão esquerda é ligada à fraqueza. No entanto, Eúde derrotou Eglom, rei de Moabe e conquistou paz para Israel por oitenta anos (Juízes 3.12-30).

Sangar entrou para a batalha usando uma aguilhada de bois e, no entanto, com sua estranha arma, matou 600 filisteus e libertou Israel (3.31). Débora era membro do “sexo frágil”, mas pelo poder de Deus venceu uma incrível batalha contra os cananeus (4.1, 5.31). O exército de 10.000 soldados de Baraque não tinha como competir, humanamente falando, com as 900 carruagens de ferro de Sísera, mas Baraque limpou os campos (4.10,13). Jael, outro membro do “sexo frágil”, matou Sísera com algo tão distante de uma arma quanto uma estaca de tenda (4.21). De acordo com a septuaginta, ela segurou a estaca com sua mão esquerda. Gideão marchou contra os midianitas com um exército que o Senhor havia reduzido de 32.000 a 300 (7.1-7). Seu exército foi comparado a um pão de cevada. Considerando que pão de cevada era a comida dos pobres, é uma ilustração de pobreza e fraqueza (7.13). As armas pouco convencionais do exército de Gideão foram jarros de barro, tochas e trombetas (7.10). E como se isso não bastasse para garantir a derrota, os jarros tinham que ser quebrados (7.19). Abimeleque foi derrubado pela mão de uma mulher que arremessou uma pedra de moinho em sua cabeça (9.53). O nome Tolá significa verme, um nome nada prometedor para um libertador militar (10.1). Na primeira vez que ouvimos falar da mãe de Sansão ela era uma mulher estéril e sem nome (13.2). Por fim, Sansão matou 1.000 filisteus com nada mais letal que uma queixada de jumento (15.15).

"Sabe, pois, hoje, que o SENHOR, teu Deus... os destruirá, e os subjugará diante de ti" (Deuteronômio 9.3).

Em todas as interações de Deus com a humanidade há uma junção curiosa do divino e do humano.

Veja a Bíblia, por exemplo. Há o Autor divino e há os autores humanos, que escreveram conforme a inspiração do Espírito Santo.

Quanto à salvação, ela vem do Senhor do início ao fim. Não há nada que um homem possa fazer para obtê-la ou merecê-la. No entanto, ele precisa aceitá-la pela fé. Deus claramente escolhe indivíduos para a salvação, mas eles precisam passar pela porta estreita. Assim, Paulo escreve a Tito a respeito da *"fé que é dos eleitos de Deus"* (Tito 1.1).

Do ponto de vista divino, somos *"guardados pelo poder de Deus"*. Porém há também o lado humano – *"mediante a fé"* (1 Pedro 1.5). *"Guardados pelo poder de Deus, mediante a fé"*.

Somente Deus pode me tornar santo. No entanto, ele não me fará santo sem a minha cooperação. Preciso acrescentar à minha fé: virtude, conhecimento, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade e amor (2 Pedro 1.5-7). Preciso vestir toda a armadura de Deus (Efésios 6.13-18). Preciso despir-me do velho homem e vestir-me do novo (Efésios 4.22-24). Preciso viver pelo Espírito (Gálatas 5.16).

Você encontra a junção do divino e do humano por toda a área do ministério cristão. Paulo planta, Apolo rega, mas é Deus quem dá o crescimento (1 Coríntios 3.6).

Quando chegamos à liderança de uma igreja local, aprendemos que apenas Deus pode transformar um homem em um presbítero. Paulo lembra os presbíteros de Éfeso que havia sido o Espírito Santo quem os havia colocado em uma posição de supervisores (Atos 20.28). Porém, a vontade do próprio homem também está envolvida. Ele precisa desejar exercitar essa supervisão (1 Timóteo 3.1).

Por fim, no versículo com o qual começamos, vemos que é Deus quem destrói nossos inimigos, mas que nós precisamos expulsá-los e destruí-los (Deuteronômio 9.3 – NVI).

Para sermos cristãos equilibrados, precisamos reconhecer esta junção do divino e do humano. Precisamos orar como se tudo dependesse de Deus, mas nos esforçar como se tudo dependesse de nós. Ou, tomando emprestado o conselho dos tempos de guerra: "Louvar a Deus e passar a munição". Como já foi sugerido, precisamos orar por uma boa colheita, mas continuar capinando.

29 DE FEVEREIRO

“...Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos” (Atos 10.36).

Um dos grandes temas do Novo Testamento é o senhorio de Jesus Cristo. Somos repetidamente lembrados de que Ele é Senhor e que devemos dar-Lhe este lugar em nossas vidas.

Coroar a Jesus como Senhor significa entregar nossas vidas a Ele. Significa não ter vontade própria, mas buscar mais do que tudo Sua vontade. Significa estar disposto a ir a qualquer lugar, fazer e dizer qualquer coisa que Ele deseje. Quando Josué perguntou ao capitão do exército do Senhor: “Você é por nós ou contra nós?”, o capitão respondeu: “Não vim nem para ajudá-los nem para impedi-los. Vim para assumir o comando” (veja Josué 5.14). Da mesma forma, o Senhor não vem como um tipo de assistente glorificado: Ele vem assumir o comando supremo das nossas vidas.

A importância do senhorio pode ser vista no fato de que enquanto a palavra “Salvador” aparece apenas 24 vezes no Novo Testamento, a palavra “Senhor” aparece 522 vezes. Também é significativo o fato de que enquanto os homens em geral dizem “Salvador e Senhor”, nesta ordem, a Palavra sempre diz “Senhor e Salvador”.

Tornar Jesus nosso Senhor é a coisa mais razoável e lógica a fazer. Ele morreu por nós; o mínimo que podemos fazer é viver por Ele. Ele nos comprou; não pertencemos mais a nós mesmos. “Amor tão incrível, tão divino, exige nossas almas, nossas vidas, nosso tudo”.

Se podemos confiar a Ele nossa salvação eterna, não podemos confiar a Ele o controle de nossas vidas? “Há certa falta de sinceridade no ato de entregar sua alma eterna a Deus e guardar para si sua vida mortal – professar entregar-Lhe o que é maior e negar-Lhe o que é menor” (R. A. Laidlaw).

Como, então, coroaos a Jesus como Senhor? Deve haver uma experiência de crise quando pela primeira vez entregamos o controle a Ele, quando cada área da nossa vida é colocada sob o Seu domínio soberano. É um compromisso total de viver “sem ressalvas, sem recuos, sem remorso”.

A partir dali se torna uma questão de em todo momento render-se à Sua instrução, apresentando nossos corpos a Ele para que Ele possa viver a Sua vida através de nós. A crise se torna um processo.

Faz sentido! Com a Sua sabedoria, amor e poder, Ele pode cumprir a tarefa de controlar nossas vidas muito melhor do que jamais o fariamos.

“Não são doze as horas do dia?” (João 11.9).

Quando Jesus sugeriu que voltassem para a Judéia, os discípulos ficaram aterrorizados. Ali os judeus haviam tentado apedrejá-lo recentemente e agora Ele estava falando de visitá-los novamente. Como resposta à preocupação dos discípulos, Jesus disse: *“Não são doze as horas do dia?”*. A princípio, a pergunta parece estar completamente desconectada da conversa. Porém, o que o Salvador estava dizendo era isto: Um dia de trabalho tinha doze horas. Quando alguém se rende a Deus, cada dia tem um plano programado. Nada pode frustrar a realização deste plano. Assim, mesmo que Jesus voltasse para Jerusalém e mesmo que os judeus novamente tentassem matá-lo, não conseguiriam. Seu trabalho ainda não estava terminado. Sua hora não havia chegado.

A cada filho de Deus se aplica a verdade de que ele é “imortal até que seu trabalho tenha terminado”. Isto deveria trazer grande paz e tranqüilidade a nossas vidas. Se vivemos segundo a vontade de Deus e se seguimos regras razoáveis de segurança e saúde, nunca morreremos um instante antes da hora certa. Nada pode nos atingir sem a Sua vontade e permissão.

Muitos cristãos se preocupam terrivelmente quanto à comida que comem, a água que bebem, o ar que respiram. Em nossa sociedade tão consciente por poluição, sempre há algo que sugira que a morte está batendo à nossa porta. No entanto, esta ansiedade é desnecessária. *“Não são doze as horas do dia?”* Deus não pôs uma cerca em volta do crente (Jó 1.10) que o Diabo é incapaz de transpor?

Se crermos nisto, evitaremos muitas dúvidas. Não diremos: “Se a ambulância ao menos tivesse chegado antes” ou: “Se o médico tivesse detectado o crescimento quatro semanas antes” ou: “Se meu marido tivesse escolhido outro voo”. Nossas vidas foram planejadas por uma sabedoria infinita com um poder infinito. Ele tem um horário perfeito para cada um de nós e Seus planos sempre cumprem o horário.

2 DE MARÇO

"Mas o fruto do Espírito é: amor..." (Gálatas 5.22).

A frase: "*o fruto do Espírito*" nos ensina logo de partida que as virtudes que a seguem só podem ser geradas pelo Espírito Santo. Um homem não convertido é incapaz de manifestar qualquer um destes valores. Mesmo um verdadeiro crente é incapaz de gerá-los por sua própria força. Então, quando pensarmos nestas virtudes, precisamos nos lembrar de que elas são sobrenaturais e de outro mundo.

O amor do qual se fala aqui, por exemplo, não é o Eros de paixão, ou o *philia* de amizade, ou o *storge* de afeição. É o amor *agape* – o tipo de amor que Deus demonstrou para conosco e que Ele quer que demonstremos aos outros.

Deixe-me ilustrar! O Dr. T. E. McCully foi o pai de Ed McCully, um dos cinco jovens missionários martirizados pelos índios Aucas, no Equador. Certa noite, quando o Dr. McCully e eu estávamos juntos, de joelhos no Oak Park, em Illinois, o pensamento dele voltou-se para o Equador e para o Rio Curaray que guarda segredo da localização do corpo de Ed. Ele orou: "Senhor, permita que eu viva tempo suficiente para ver os homens que mataram nossos meninos serem salvos, que eu possa colocar meus braços ao redor deles e dizer-lhes que eu os amo porque eles amam meu Cristo". Quando me levantei vi um filete de lágrimas descendo pelo seu rosto.

Deus respondeu aquela oração de amor. Alguns daqueles índios Aucas depois professaram fé em Cristo. O Dr. McCully foi até o Equador, conheceu estes homens que haviam assassinado seu filho, lançou seus braços em torno deles e lhes disse que os amava porque eles amavam o seu Cristo.

Este é o amor *agape*. Ele é imparcial, busca o bem de todos – tanto dos simples quanto dos grandes, tanto dos inimigos quanto dos amigos. Ele é incondicional, não pede nada em troca da sua constante entrega. Ele é sacrificial, não se importa com o custo. Ele é altruísta, mais preocupado com as necessidades dos outros que com as suas. Ele é puro, livre de qualquer traço de impaciência, inveja, orgulho, desejo de vingança ou ódio.

O amor é a maior virtude de qualquer vida cristã. Sem ele, mesmo nossos esforços mais nobres são inúteis.

"Mas o fruto do Espírito é: ...alegria..." (Gálatas 5.22).

O homem jamais encontra alegria verdadeira até encontrar o Senhor. A partir daí ele entra no que Pedro chama de *"alegria indizível e cheia de glória"* (1 Pedro 1.8).

Qualquer um consegue se alegrar quando as circunstâncias são favoráveis, mas a alegria que é fruto do Espírito não é resultado de circunstâncias terrenas. Ela surge a partir do nosso relacionamento com o Senhor e das preciosas promessas que Ele nos fez. Cristo teria que ser destronado antes que a alegria da Igreja pudesse ser roubada.

A alegria cristã pode coexistir com o sofrimento. Paulo une as duas quando fala de *"toda a perseverança e longanimidade, com alegria"* (Colossenses 1.11). Os santos tessalonicenses haviam recebido a palavra *"em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo"* (1 Tessalonicenses 1.6). Cristãos que passaram por sofrimentos ao longo da história foram testemunhas de como o Senhor lhes deu canções em meio à escuridão.

A alegria pode coexistir com a tristeza. O crente pode estar diante do túmulo de um ente querido, derramar lágrimas de tristeza pela perda e ainda assim se alegrar na certeza de que aquele ente querido está na presença do Senhor.

Entretanto, a alegria nunca pode coexistir com o pecado. Sempre que um cristão peca, ele perde sua canção. A alegria da sua salvação só lhe é restaurada depois que ele confessa e abandona aquele pecado.

O Senhor Jesus disse a Seus discípulos para alegrarem-se quando fossem injuriados, perseguidos e acusados falsamente (Mateus 5.11-12). E eles o fizeram! Poucos anos depois vemos que eles saíram do Sinédrio *"regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome"* (Atos 5.41).

Nossa alegria aumenta conforme crescemos no conhecimento do Senhor. A princípio, talvez, nos alegremos em meio a pequenas irritações, indisposições crônicas e inconveniências triviais. Porém o Espírito de Deus deseja nos levar ao ponto de vermos a Deus quando as circunstâncias não poderiam ser piores e de nos alegrarmos na certeza de que Seus caminhos são perfeitos. Somos espiritualmente maduros quando podemos dizer junto com Habacuque: *"Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação"* (Habacuque 3.17,18).

4 DE MARÇO

"Mas o fruto do Espírito é: ...paz..." (Gálatas 5.22).

Assim que somos justificados pela fé, temos paz com Deus através do nosso Senhor Jesus Cristo (Romanos 5.1). Isto quer dizer que a hostilidade que havia entre Deus e nós acabou, já que Cristo lidou de uma vez por todas com a causa desta hostilidade – nossos pecados.

Também temos paz de consciência sabendo que a obra foi completa, Cristo pagou o preço dos nossos pecados e Deus os esqueceu.

Porém, o Espírito Santo também quer que desfrutemos da paz de Deus em nossos corações. Esta é a calma e a tranquilidade que vêm de saber que nossas vidas estão nas mãos de Deus e que nada que não seja da Sua vontade pode acontecer conosco.

Assim, podemos nos manter calmos quando fura um pneu do carro no meio de uma estrada movimentada. Não precisamos perder a cabeça quando o trânsito nos faz perder um voo. Paz significa manter-se calmo em um acidente de carro. Ou quando o óleo da panela pega fogo.

Este fruto do Espírito capacita um Pedro a dormir tranquilamente na prisão, um Estevão a orar pelos assassinos que o atacavam, um Paulo a confortar outros em um naufrágio.

Quando um avião entra em uma grande turbulência e é sacudido de um lado para o outro como uma pena em um temporal, quando as asas se curvam quatro metros, quando a maioria dos passageiros está gritando enquanto o avião é sacudido, começa a cair, sobe e mergulha, a paz permite que um crente abaixe sua cabeça, entregue sua alma a Deus e O louve por qualquer que seja o resultado.

Ou, mudando a ilustração, o Espírito de Deus pode nos dar paz quando estamos sentamos no consultório do médico e o ouvimos dizer: "Sinto muito, mas é maligno". Ele pode nos capacitar a responder: "Eu estou pronto, doutor. Sou salvo pela graça de Deus e sei que vou 'deixar o corpo e habitar com o Senhor'".

Assim, nas palavras do lindo hino de Bickersteth, podemos ter "Paz, perfeita paz, neste escuro mundo de pecado... quando a pressão das tarefas aumenta... com tristezas surgindo ao seu redor... com aqueles que você ama longe de você... nosso futuro completamente desconhecido" porque "a Jesus conhecemos e Ele está no trono".

"Mas o fruto do Espírito é: ...longanimidade..." (Gálatas 5.22).

Longanimidade é o fruto que aguenta as provações da vida de forma paciente e até mesmo vitoriosa. Embora possa se referir a reações pacientes em circunstâncias adversas, geralmente se refere a uma resistência misericordiosa às provocações das pessoas.

Deus é longânimo com o homem. Pensa por um instante na enorme pecaminosidade da raça humana atualmente – a legalização da prostituição e do homossexualismo, as leis permitindo abortos, as destruições de casamentos e de famílias, a rejeição completa de valores morais e, é claro, o maior pecado do homem – a rejeição absoluta do próprio Filho de Deus como seu único Senhor e Salvador. Dificilmente poderíamos culpar a Deus se Ele destruísse a humanidade com um golpe. Porém, Ele não o faz. Sua bondade leva o homem ao arrependimento. Ele não quer que ninguém pereça.

Sua vontade, assim, é que esta longanimidade seja reproduzida na vida do Seu povo conforme eles se rendem ao Espírito Santo. Isto significa que não devemos ser desequilibrados. Não devemos perder o controle tão facilmente. Não devemos tentar ficar quites com aqueles que fizeram algo contra nós. Ao invés disso, precisamos demonstrar o que já foi chamado de "um tipo de paciência que conquista".

Quando Corrie e Betsie ten Boom estavam passando por sofrimentos indescritíveis no campo de concentração, Betsie muitas vezes dizia que elas precisavam encontrar uma forma de ajudar estas pessoas depois que fossem libertas. Simplesmente tinham que encontrar uma forma de ajudá-las. Corrie achava, claro, que sua irmã estava pensando em algum tipo de programa para reabilitar as vítimas dos nazistas. Somente muito depois foi que Corrie percebeu que Betsie estava falando dos perseguidores. Ela queria encontrar uma forma de ensiná-los a amar. Corrie comentou: "E me perguntei, não pela primeira vez, que tipo de pessoa ela era, minha irmã... que tipo de caminho ela seguia enquanto eu me arrastava ao seu lado sobre a terra endurecida" (*The Hiding Place*, p. 175).

O caminho que Betsie seguia era o caminho da longanimidade. E Corrie também o seguiu, apesar de, humildemente, ter omitido isso.

6 DE MARÇO

"Mas o fruto do Espírito é: ...benignidade..." (Gálatas 5.22).

A versão da Bíblia King James (assim como algumas em português) traz a palavra "delicadeza" aqui, mas quase todas as versões modernas dizem "benignidade". *"O fruto do Espírito é... benignidade"*.

Benignidade descreve a disposição gentil, bondosa e generosa que resulta em fazer favores, mostrar misericórdia e favorecer outras pessoas. Alguém benigno é bondoso, não rude; compreensivo, não indiferente e servo, não distante. Ele é atencioso, compassivo e generoso.

Há uma benignidade natural que até mesmo as pessoas do mundo demonstram umas às outras. Porém a benignidade que é gerada pelo Espírito é sobrenatural. Ela vai além de qualquer coisa que o homem seja capaz de fazer por conta própria. Ela capacita o crente a emprestar sem esperar nada em troca. O capacita a mostrar hospitalidade para com aqueles que não têm como retribuir. Ela o capacita a recompensar cada insulto com educação. Um aluno de uma universidade cristã demonstrou este tipo de benignidade sobrenatural a outro aluno que era alcoólatra. Este havia se tornado tão repulsivo que tinha sido rejeitado por seus colegas e por fim foi expulso dos dormitórios. O cristão tinha uma cama a mais em seu quarto e convidou o bêbado para viver ali. Por muitas noites o cristão teve que limpar o vômito do seu colega, tirar suas roupas, dar-lhe um banho e colocá-lo para dormir. Foi uma demonstração magnífica da benignidade cristã.

E – para completar a história – valeu a pena. Certa vez, durante um período sóbrio, o rapaz desregrado lhe perguntou irritado: "Escuta, por que você está fazendo tudo isso por mim? O que você ganha com isso?" O cristão respondeu: "Eu ganho sua alma" – e realmente a ganhou.

Quando o Dr. Ironside estava limpando o porão certo dia, chamou um vendedor de sucata para separar papéis, revistas, panos e ferro velho. O Dr. Ironside fingiu negociar seriamente um bom preço pela sucata, mas o vendedor ganhou, claro. Quando estava levando o último saco para sua caminhonete, H. A. I. cordialmente o chamou de volta, dizendo: "Ah, me esqueci de algo. Quero dar-lhe isso no Nome do Senhor Jesus". E lhe deu mais cinquenta centavos.

O vendedor de sucata foi embora dizendo: "Nunca ninguém tinha me dado algo no Nome de Jesus antes".

"O fruto do Espírito é... benignidade".

"Mas o fruto do Espírito é: ...bondade..." (Gálatas 5.22).

Bondade significa excelência de caráter. Alguém já a definiu como "virtude que afeta cada área", o que simplesmente quer dizer que a pessoa que a tem é gentil, íntegra e justa em todas as áreas da vida.

Bondade é o oposto de maldade. Um homem mau pode ser enganador, imoral, traiçoeiro, injusto, cruel, egoísta, detestável, avarento e/ou desequilibrado. O homem bom, embora não seja perfeito, exemplifica a verdade, a justiça, a pureza e outras características igualmente desejáveis.

O apóstolo Paulo distingue o homem justo do homem bom em Romanos 5.7. O homem justo é íntegro, honesto e franco na sua conduta, mas pode viver friamente distante dos outros. O homem bom, no entanto, é carinhoso e amável. Dificilmente alguém morreria por um justo, mas talvez morresse por um homem bom.

No entanto, precisamos nos lembrar de que a bondade pode ser firme. Não seria bom deixar passar ou ignorar pecados. Assim, a bondade pode repreender, corrigir e disciplinar. Vemos isto quando o Senhor Jesus, que é a bondade encarnada, limpou o Templo.

Uma característica única da bondade é que ela consegue vencer o mal. Paulo escreveu aos crentes romanos: *"Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem"* (Romanos 12.21). Quando permitimos que a ira de outra pessoa destrua nosso ânimo, fomos derrotados por seu mal. Porém, quando vamos além e demonstramos graça, misericórdia e amor, vencemos o mal com o bem.

Murdoch Campbell nos conta de um ministro que vivia nas montanhas e cuja esposa tentava tornar sua vida miserável. Certo dia, quando ele estava lendo sua Bíblia, ela a tomou de suas mãos e a jogou no fogo! Ele olhou para o seu rosto e disse calmamente: "Acho que nunca me senti ao lado de um fogo tão quentinho". Sua bondade venceu o mal dela. Ela se tornou uma esposa amável e bondosa. Como Campbell comenta: "Sua Jezabel se tornou uma Lídia. Seu espinho se tornou um lírio". A bondade venceu!

8 DE MARÇO

"Mas o fruto do Espírito é: ...fidelidade..." (Gálatas 5.22).

Este fruto do Espírito é geralmente chamado de fidelidade. Não é a fé que salva ou a confiança que exercemos em Deus dia a dia (embora possa incluir isto). Na verdade é a nossa fidelidade e confiabilidade na nossa conduta com o Senhor e uns com os outros. Ela já foi definida como ser: "verdadeiro consigo mesmo, com sua natureza, com qualquer promessa feita, com qualquer compromisso assumido".

Quando dizemos que a palavra de um homem é sua honra, queremos dizer que, ao negociar com ele, não é necessário ter um contrato por escrito. Se ele concordou em fazer algo, podemos confiar que ele o fará.

O homem fiel chega na hora a seus compromissos, paga suas contas na data, vai regularmente às reuniões da comunidade local, faz as tarefas que lhe foram designadas sem ter que ser lembrado constantemente. Ele é inabalavelmente honesto aos seus votos de casamento e fiel no desempenho das suas responsabilidades familiares. Ele é cuidadoso ao separar dinheiro para a obra do Senhor e também na administração do seu tempo e de seus talentos.

Fidelidade significa manter sua palavra, mesmo a um alto preço. O homem fiel: *"jura com dano próprio e não se retrata"* (Salmo 15.4c). Em outras palavras, ele não cancela um jantar quando recebe outro convite que oferece um cardápio melhor ou uma companhia mais agradável. Ele não volta atrás em um compromisso no trabalho em troca de uma viagem de lazer (a não ser que antes consiga um substituto adequado). Ele vende sua casa pelo preço combinado, mesmo que alguém depois lhe ofereça R\$ 15.000 a mais.

O ápice da fidelidade é estar disposto a morrer antes de negar sua fidelidade a Cristo. Quando o rei ordenou que um cristão fiel negasse sua fé em Cristo, o homem respondeu: "O coração pensou; a boca falou; a mão cumpriu; e, se for necessário, pela graça de Deus o sangue deve completá-lo". Quando ofereceram a Policarpo sua vida em troca da sua rejeição do Senhor, ele escolheu ser queimado amarrado a uma estaca, dizendo: "Durante oitenta e seis anos servi ao meu Senhor. Ele jamais me fez qualquer mal e não posso agora negar meu Senhor e Mestre".

Os mártires foram fiéis até a morte e receberão uma coroa da vida (Apocalipse 2.10).

"Mas o fruto do Espírito é: ...mansidão..." (Gálatas 5.22-23).

Quando pensamos em mansidão, podemos acabar pensando em Caspar Milquetoast, o personagem de histórias em quadrinhos que era a personificação da timidez e da fraqueza. Porém este fruto do Espírito é algo bem diferente. Ele vem de um poder sobrenatural, não da fraqueza.

Mansidão se refere, em primeiro lugar, à submissão carinhosa do crente a todas as ações de Deus em sua vida. O homem manso se curva diante da vontade de Deus sem rebelar-se, sem questionar ou reclamar. Ele reconhece que: "Deus é sábio demais para errar e amoroso demais para ser cruel". Percebendo que não há acaso ou acidente, ele crê que Deus está operando todas as coisas para o bem em sua vida.

Mansidão também inclui o relacionamento do crente com outros. Aqui ele se coloca em segundo plano, não no holofote e é humilde, não arrogante. O homem manso é aquele que pratica o quebrantamento. Quando disse ou fez algo errado, ele vence seu orgulho, dizendo: "Sinto muito. Por favor, me perdoe!". Ele prefere ser humilhado a perder o respeito próprio. Quando sofre por fazer o que é certo, ele aguenta pacientemente sem pensar em responder. Quando é acusado falsamente, ele se abstém de defender-se. Como Trench diz, o homem manso vê os insultos e ofensas dos outros como coisas permitidas por Deus para refiná-lo e purificá-lo.

Já se definiu um homem manso como: "aquele que aceita a vontade de Deus sem ressentir-se, que pode se permitir ser gentil e compassivo por força interior e que está sob o perfeito controle de Deus". Quando um paroquiano disse ao Dr. Alexander Whyte que outro ministro estava sendo acusado de não ser convertido, o Dr. Whyte inflamou-se de indignação. Quando o paroquiano acrescentou que o acusador havia dito que o próprio Dr. Whyte não era um verdadeiro crente, ele disse: "Por favor, saia deste escritório para que eu possa ficar sozinho e examinar meu coração perante o Senhor". Isto é mansidão.

Todos nós somos chamados a carregar o fardo dAquele que é: *"manso e humilde de coração"*. Ao fazer isto, encontraremos descanso para nossas almas e, no final, herdaremos a terra.

10 DE MARÇO

"Mas o fruto do Espírito é: ...domínio próprio" (Gálatas 5.22-23).

A interpretação preferida deste último fruto do Espírito é autocontrole. Há versões que trazem a palavra temperança, mas ela acabou sendo associada à abstinência de bebidas intoxicantes. Autocontrole leva a idéia de moderação ou domínio próprio em todas as áreas da vida.

Pelo poder do Espírito Santo, o crente é capaz de exercitar autocontrole sobre seus pensamentos, seu apetite por comida ou bebida, sua fala, sua vida sexual, seu humor e qualquer outra capacidade que Deus tenha lhe dado. Ele não precisa ser escravizado por qualquer paixão ou desejo.

Paulo lembrou os coríntios que um atleta pratica autocontrole em todas as coisas (1 Coríntios 9.25). Ele mesmo estava decidido a não ser escravizado por nada (1 Coríntios 6.12) e assim esmurrava e subjugava seu corpo para que, tendo pregado a outros, ele mesmo não fosse reprovado (1 Coríntios 9.27).

O cristão disciplinado evita comer exageradamente. Se café, chá ou Coca-Cola tem domínio sobre ele, ele abandona esse hábito. Ele se recusa a ser dominado pelo tabaco em qualquer forma. Evita cuidadosamente o uso de tranquilizantes, pílulas para dormir ou outros remédios, a menos que tenha sido prescrito pelo médico. Ele controla o tempo gasto dormindo. Se estiver lutando com o problema de luxúria, ele aprende a expulsar pensamentos impuros, a concentrar-se em uma vida de pensamentos puros e a manter-se ocupado com atividades construtivas. Para ele, cada vício ou pecado constante é um Golias a ser derrotado.

Muitas vezes ouvimos cristãos reclamando que não conseguem largar certo hábito. Tal derrotismo é garantia de fracasso. Quer dizer que o Espírito Santo não é capaz de dar-lhe a vitória necessária. O fato é que não convertidos, que não têm o Espírito, muitas vezes conseguem parar de fumar, beber, apostar ou proferir palavrões. Tanto mais facilmente deveriam os cristãos ser capazes de fazê-lo através do Espírito que habita em nós!

Domínio próprio, assim como os outros oito frutos do Espírito, é sobrenatural. Ele capacita cristãos a exercitar disciplina sobre si da maneira que outros jamais conseguiriam.

“Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça e sejas recolhido à prisão” (Mateus 5.25).

Uma das lições que aprendemos logo de cara com esta passagem é que cristãos não devem estar propensos a entrar em processos judiciais. É uma reação natural correr para o tribunal em busca de retificações por injustiças ou danos. Porém, o crente é guiado por princípios maiores que reações naturais. A vontade de Deus muitas vezes vai exatamente contra a nossa natureza.

Nossos tribunais hoje em dia estão lotados de queixas por acidentes, processos por negligência médica, casos de divórcio e disputas por herança. Em muitos casos, as pessoas correm atrás de um advogado com a esperança de enriquecerem rapidamente. O cristão, porém, precisa resolver as coisas em amor e não através de processos legais. Como já foi dito: “Se você for atrás de processos legais, estes o encontrarão e você pagará o último centavo”.

O único que certamente ganhará será o advogado; sua taxa está garantida. Uma charge representou o processo desta forma: o denunciante estava puxando a cabeça de uma vaca, o acusado, puxando o rabo – e o advogado estava ordenhando a vaca.

Em 1 Coríntios 6, os cristãos são terminantemente proibidos de ir ao tribunal contra outros cristãos. Primeiro porque deveriam levar suas disputas aos anciãos da igreja. Além disso, eles deveriam estar dispostos a sofrer o dano e a trapaça ao invés de ir ao tribunal perante os juízes do sistema do mundo. Isto, conseqüentemente, elimina quaisquer casos de divórcio envolvendo casais cristãos.

E quanto a casos entre um crente e um descrente? O cristão não precisa defender seus direitos? Posso afirmar que é bem melhor abrir mão dos seus direitos para demonstrar que Cristo faz diferença na vida das pessoas. Não é necessário viver no sobrenatural para abrir um processo contra alguém que o ofendeu; mas é preciso viver sobrenaturalmente para entregar sua causa a Deus e usar este caso como uma oportunidade de testemunhar do poder salvador e transformador de Cristo. Tanto quanto possível, devemos viver em paz com todos os homens (Romanos 12.18).

“Certo homem começou a construir uma cerca entre ele e seu vizinho. O vizinho se aproximou e disse: ‘Quando você comprou este terreno, comprou um processo legal junto com ele. Esta cerca vai estar 2 metros para dentro do meu terreno’. O homem respondeu: ‘Eu sabia que sempre teria um bom vizinho ao meu lado. Vou lhe fazer uma sugestão: Coloque a cerca onde você achar que ela deve ficar, me mande a conta e eu pagarei por ela’. A cerca nunca foi construída. Não houve necessidade!” (E. Stanley Jones).

12 DE MARÇO

“...sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25.40).

Aqui há os dois: um encorajamento gratificante e um alerta que deveria nos fazer parar abruptamente. Tudo o que fazemos aos irmãos de Cristo é visto como se o tivéssemos feito a Ele.

Podemos demonstrar bondade para com o Senhor Jesus sempre que demonstrarmos bondade a outro cristão. Quando demonstramos hospitalidade ao povo de Deus, é como se O recebêssemos em nossas casas. Se lhes dermos o melhor quarto, o estamos dando a Ele.

Quase qualquer um se apressaria para fazer todo o possível pelo Salvador se Ele viesse como o Rei dos reis e Senhor dos senhores. No entanto, Ele geralmente vem à nossa porta de maneira muito humilde e é isto que nos põe à prova. A maneira como tratamos Seus pequeninos irmãos é a maneira como O tratamos.

Um sábio e velho pastor visitou uma igreja com a esperança de poder compartilhar da Palavra com os santos. Ele não tinha carisma pessoal e podia não ter um estilo carismático de pregar; mas era um servo de Deus e tinha uma mensagem do Senhor. Os anciãos lhe disseram que não podiam convidá-lo para os encontros e sugeriram que ele fosse a encontros em um bairro de negros na periferia. Ele foi e foi muito bem recebido pelos irmãos ali. Durante essa semana de encontros e cultos ele teve um ataque cardíaco e morreu. Foi como se o Senhor estivesse dizendo aos irmãos daquela primeira igreja: “Vocês não o quiseram, mas Eu sim. Ao rejeitá-lo, rejeitaram a Mim”.

Em seu poema *“How the Great Guest Came”* [“Como o Grande Convidado Veio”], Edwin Markham nos fala de um velho sapateiro que fez grandes preparativos para uma visita do Senhor com que ele sonhava. O Senhor nunca veio. Porém, quando um mendigo veio, o sapateiro colocou sapatos em seus pés. Quando uma senhora idosa passou, o sapateiro a ajudou com o que estava carregando e lhe deu comida. Quando uma criança perdida veio até ele, o sapateiro a levou de volta à sua mãe.

Então ele ouviu uma voz suave no silêncio:

Anime-se o teu coração, pois cumpri minha palavra.

Três vezes vim até tua porta amável;

Três vezes minha sombra esteve sobre o teu chão.

Eu era o mendigo com os pés machucados,

Eu era a mulher a quem deste de comer,

Eu era a criança sem lar pelas ruas.

"...Atentai no que ouvís..." (Marcos 4.24).

O Senhor Jesus nos alerta a sermos cuidadosos com o que ouvimos. Somos responsáveis por controlar o que entra por nossos ouvidos e igualmente responsáveis por colocar em uso, da forma certa, o que ouvimos.

Não devemos ouvir o que é obviamente falso. Seitas estão espalhando propagandas em um volume nunca antes visto. Estão sempre procurando alguém disposto a ouvir. João diz que não devemos receber participantes de seitas em nossas casas, ou sequer cumprimentá-los. Eles são contra Cristo.

Não devemos ouvir o que é enganosamente subversivo. Jovens em faculdades, universidades e seminários são muitas vezes expostos a ataques diários de dúvidas e negações quanto à Palavra de Deus. Eles ouvem os milagres sendo "explicados", o Senhor Jesus sendo condenado e desprezado e o significado claro da Palavra sendo diminuído. É impossível ouvir ensinamentos subversivos e não ser afetado por eles. Mesmo que a fé deste estudante não seja destruída, sua mente será corrompida. *"Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem? Ou andarão alguém sobre brasas, sem que se queimem os seus pés?" (Provérbios 6.27-28).* A resposta óbvia é: "Não".

Não devemos ouvir o que é impuro ou sugestivo. A pior forma de poluição na sociedade de hoje é a poluição da mente. A palavra que descreve a maioria dos jornais, revistas, livros, programas de rádio e de TV, filmes e conversas é "lixo". Através de uma constante exposição a isto, um cristão está correndo o risco de perder a noção da contaminação excessiva do pecado. E este não é o único perigo! Quando permitimos que histórias imorais e sugestivas entrem em nossas mentes, elas costumam voltar para nos assombrar em nossos momentos mais santos.

Não devemos encher nossas mentes de coisas que não tem valor ou que são superficiais. A vida é curta demais e a tarefa é urgente demais para isto. "Tudo precisa ser levado a sério em um mundo como o nosso".

Certamente devemos ser cuidadosos ao ouvir a Palavra de Deus. Quanto mais enchermos nossas mentes com a Palavra de Deus e obedecermos a seus santos preceitos, mais pensamentos como os dEle teremos, mais seremos transformados à imagem de Cristo e mais nos distanciaremos da poluição moral do nosso meio.

14 DE MARÇO

“Vede, pois, como ouvis...” (Lucas 8.18).

Na vida cristã, a questão não é apenas o **que** ouvimos, mas **como** ouvimos.

É possível ouvir a Palavra de Deus com uma atitude de indiferença. Podemos ler a Bíblia como leríamos qualquer outro livro, aparentemente despreocupados com o que o Todo-Poderoso Deus está nos falando ali.

Podemos ouvir com uma atitude crítica. Aqui, colocamos o intelecto humano acima da Palavra. Julgamos a Bíblia ao invés de permitir que a Bíblia nos julgue.

Podemos ouvir com uma atitude rebelde. Quando chegamos a passagens que tratam das duras exigências do discipulado ou da submissão das mulheres ao cobrirem suas cabeças, ficamos irritados e nos recusamos terminantemente a obedecer.

Podemos ser ouvintes esquecidos, como o homem do livro de Tiago, que *“contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla e se retira e para logo se esquece de como era a sua aparência” (Tiago 1.23,24).*

Talvez o grupo mais comum seja o dos ouvintes endurecidos. Estas pessoas já ouviram tanto a Palavra que se tornaram insensíveis. Ouvem uma pregação mecanicamente. Tornou-se uma rotina entediante. Seus ouvidos estão saturados. Sua atitude é: “o que você pode me dizer que eu já não tenha ouvido?”

Quanto mais ouvimos da Palavra de Deus sem obedecer aos ensinamentos, mais nos tornamos oficialmente surdos. Se nos recusamos a ouvir, perdemos a capacidade de ouvir.

A melhor forma de ouvir é fazê-lo reverentemente, em obediência e seriedade. Devemos ler e ouvir a Palavra determinados a fazer o que ela diz, mesmo que ninguém mais o faça. O homem sábio é aquele que não apenas ouve, mas que também faz. Deus está procurando homens que tremam diante da Sua Palavra (Isaías 66.2).

Paulo elogia os tessalonicenses porque, quando eles ouviram a palavra de Deus, não a receberam *“como palavra de homens e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (1 Tessalonicenses 2.13)*. Da mesma maneira, nós devemos ser cuidadosos quanto ao **como** ouvir.

"Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará" (Lucas 9.24).

Há basicamente duas atitudes que nós cristãos podemos assumir com relação à vida. Podemos tentar salvá-la ou podemos intencionalmente perdê-la por causa de Cristo.

A coisa natural a fazer é tentar salvá-la. Podemos viver uma vida egocêntrica, tentando nos proteger de esforços e inconveniências. Podemos fazer planos cuidadosos de nos abrigar contra choques, evitar perdas e qualquer forma de desconforto. Nossas casas se tornam propriedades privadas com avisos de "Entrada Proibida". Ela é apenas para a família – com uma hospitalidade mínima para com os outros. Nossas decisões são tomadas com base em como as coisas vão nos afetar. Se elas interrompem nossos planos e envolvem muito trabalho ou exigem gastos de fundos para ajudar a outros, as rejeitamos. Tendemos a dedicar uma atenção excessiva à nossa saúde pessoal, nos recusando a fazer qualquer serviço que possa exigir noites sem dormir, contato com doenças ou morte, riscos físicos. Também damos uma prioridade maior para a aparência pessoal do que para as necessidades dos outros ao nosso redor. Em resumo, vivemos para cuidar do corpo que, em poucos e curtos anos, será devorado por vermes se o Senhor não voltar antes.

Ao tentarmos salvar nossa vida, a perdemos. Sofremos todas as misérias de uma existência egoísta e perdemos as bênçãos de viver para os outros.

A alternativa é perder nossa vida por causa de Cristo. Esta é uma vida de serviço e de sacrifício. Embora não corramos riscos desnecessários ou ansiemos pelo martírio, não fugimos dos nossos deveres com a justificativa de que precisamos viver a todo custo. De certa forma, entregamos totalmente "nossa alma e corpo para que Deus os faça desaparecer". Consideramos nossa maior alegria poder gastar e sermos gastos por Ele. Nossa casa está aberta, nossas posses são descartáveis, nosso tempo está disponível para aqueles que precisarem.

Ao derramar nossas vidas desta forma por Cristo e por outros, encontramos vida, vida real. Ao perder nossas vidas, na verdade as salvamos.

16 DE MARÇO

“Pois eu vos declaro: a todo o que tem dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado” (Lucas 19.26).

A palavra “tem” no começo deste versículo significa mais do que um simples “possuir”. Ela inclui a idéia de obedecer ao que nos foi ensinado e usar o que nos foi dado. Em outras palavras, não é apenas o que temos, mas o que fazemos com aquilo que temos.

Aqui há, então, um grande princípio para nós ao estudarmos a Bíblia. Conforme seguimos o entendimento que nos foi dado, Deus nos dá mais entendimento. O homem que mais progride na vida cristã é aquele que está decidido a fazer o que a Bíblia diz, mesmo quando não vê ninguém ao seu redor fazendo isto. Isso quer dizer: não é questão do quociente de inteligência de cada um. O que realmente conta é o quociente de obediência. A Palavra abre seus tesouros mais prontamente ao coração obediente. Oséias o disse bem: *“Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor” (6.3)*. Quanto mais praticarmos o que nos foi ensinado, mais o Senhor nos revelará. Informação mais aplicação leva à multiplicação. Informação sem aplicação leva à estagnação.

O princípio se aplica também ao uso dos nossos dons e talentos. Ao homem cujos 5 talentos se transformaram em dez foi dada autoridade sobre dez cidades e ao homem que conseguiu cinco talentos foi dado o domínio de cinco cidades (Mateus 25.16-19).

Isso mostra que uma execução correta das nossas responsabilidades é recompensada com privilégios e responsabilidades ainda maiores. O homem que não fez nada com o seu talento o perdeu. Assim também aqueles que se recusam a usar o que têm pelo Senhor acabam perdendo a habilidade de fazê-lo. *“Se você não usa, acaba perdendo”*.

Sabemos que quando deixamos de usar qualquer parte do corpo, ela se atrofia ou se define. É através do uso constante que o crescimento normal acontece. A vida espiritual também é assim. Se enterrarmos nosso talento, seja por timidez, seja por preguiça, logo descobriremos que Deus nos colocou na estante e está usando outros em nosso lugar.

Portanto, é de enorme importância que obedecemos aos preceitos da Palavra, reivindicemos as promessas e usemos quaisquer habilidades que Deus nos tenha dado.

"Não sejas como o cavalo ou a mula" (Salmo 32.9).

Parece-me que o cavalo e a mula representam duas atitudes erradas que podemos ter quando estamos buscando a orientação do Senhor. O cavalo quer disparar correndo; a mula quer ir devagar. O cavalo tende a ser impaciente, orgulhoso e impetuoso. A mula, por outro lado, é teimosa, obstinada e preguiçosa. O salmista diz que nenhum dos dois tem entendimento. Ambos precisam ser controlados por freios e cabrestos, do contrário não se aproximarão dos seus mestres.

O desejo de Deus é que sejamos sensíveis à Sua condução, não nos precipitando em nossa própria sabedoria nem enrolando quando Ele já tiver mostrado Sua vontade.

Aqui estão algumas regras práticas que podem ser úteis neste sentido:

Peça a Deus para confirmar Sua instrução pela boca de duas ou três testemunhas. Ele disse que *"pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça"* (Mateus 18.16b). Estas testemunhas podem incluir um versículo da Palavra, o conselho de outros cristãos e a maravilhosa convergência de circunstâncias. Se você tiver duas ou três indicações diferentes da Sua vontade, não terá dúvidas nem receios.

Se você estiver buscando a orientação de Deus, mas nada acontece, então a orientação de Deus para você é que você fique onde está. Ainda é verdade que "escuridão quanto a prosseguir é luz para ficar".

Esperê até que a instrução seja tão clara que rejeitá-la seria, certamente, desobediência. Os filhos de Israel foram proibidos de mover-se até que a coluna de nuvem e de fogo se movesse. Nenhuma racionalização de sua parte poderia justificar uma ação contrária. Sua responsabilidade era mover-se quando a nuvem se movia – nem antes, nem depois.

Por fim, deixe que a paz de Cristo seja o juiz do seu coração. Esta é uma tradução livre de Colossenses 3.15. Significa que, quando Deus realmente nos está guiando, Ele influencia nosso intelecto e emoções para que estejamos em paz quanto ao caminho certo e não sintamos paz alguma quanto a qualquer outro.

Se estivermos ansiosos para saber qual é a vontade de Deus e nos apressarmos em obedecê-la, não precisaremos do cabresto ou do freio da disciplina de Deus.

18 DE MARÇO

“Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Filipenses 2.4).

A palavra chave em Filipenses 2 é “*outros*”. O Senhor Jesus viveu para os outros. Paulo viveu para outros. Timóteo viveu para outros. Epafrodito viveu para outros. Também nós deveríamos fazê-lo.

Não nos é ordenado fazer isto apenas porque é certo, mas também porque é para o nosso próprio bem. Se, às vezes, parece sair caro viver para outros, não fazê-lo sai mais caro ainda.

Nossa sociedade está cheia de pessoas que vivem apenas para os seus interesses pessoais. Ao invés de manterem-se ocupadas servindo a outros, elas sentam em casa meditando. Pensam sobre cada mínima aflição e dor e logo se tornam hipocondríacas incorrigíveis. Em sua solidão, reclamam que ninguém se interessa por elas e logo se afundam em autocomiseração. Quanto mais tempo têm para pensar em si, mais se deprimem. A vida se torna um grande e introspectivo pavor da escuridão. Logo vão ao médico e engolem enormes quantidades de pílulas – pílulas que jamais poderão curar o egocentrismo. Então, freqüentam o sofá do psiquiatra para, de alguma forma, encontrar uma solução para o seu tédio e o cansaço da vida.

A melhor terapia para pessoas assim é uma vida servindo a outros. Há doentes esperando uma visita. Há idosos que precisam de um amigo. Há hospitais que aceitam a ajuda de voluntários com alegria. Há pessoas que poderiam ser encorajadas por um cartão ou uma carta. Há missionários que ficariam felizes em receber notícias de casa (e que talvez precisem de algo mais para animá-los). Há almas a salvar e cristãos a ensinar. Em resumo, não há desculpas para qualquer um ficar entediado. Há o suficiente a fazer para preencher a vida de qualquer um de atividades produtivas. Assim, através do próprio processo de viver para outros, aumentamos nosso círculo de amizades, tornamos nossas próprias vidas mais interessantes e encontramos satisfação e realização. P. M. Derham disse que “um coração cheio de compaixão pelos outros tem menor probabilidade de ser absorvido por suas tristezas e envenenado por sua autocomiseração”.

Outro, sim, Senhor, outros,
Que este seja o meu lema.
Ajuda-me a viver para outros
Para que possa viver como Tu.

“Amaldiçoai a Meroz, diz o Anjo do SENHOR, amaldiçoai duramente os seus moradores, porque não vieram em socorro do SENHOR, em socorro do SENHOR e seus heróis” (Juizes 5.23).

O cântico de Débora lança uma maldição sobre Meroz por ficarem sentados no banco de reservas enquanto o exército de Israel era atacado pelos cananeus. O povo de Ruben também é desmoralizado e desprezado; eles tinham boas intenções, mas nunca deixaram seus apriscos. Gileade, Aser e Dã também são citados de forma desonrosa por não intervirem quando necessário.

Dante disse que “os lugares mais quentes do inferno estão reservados para aqueles que permanecem neutros em uma época de grandes crises morais”.

Esta mesma visão ecoa no livro de Provérbios, onde lemos: *“Livra os que estão sendo levados para a morte e salva os que cambaleiam indo para serem mortos. Se disseres: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?”* (Provérbios 24.11-12). Kidner comenta que “é o mercenário, não o verdadeiro pastor, que alegrará condições ruins (10), tarefas impossíveis (10) e uma ignorância desculpável (12); o amor não é tão facilmente calado – nem tampouco o é o Deus de amor”.

O que faríamos se uma grande onda de anti-semitismo tomasse conta do nosso país; se os judeus fossem levados para campos de concentração, câmaras de gás ou fornos? Arriscaríamos nossas próprias vidas para dar-lhes abrigo?

Ou se alguns de nossos companheiros cristãos estivessem sendo perseguidos e se fosse um crime federal ajudá-los, nós os receberíamos em nossas casas? O que faríamos?

Ou, talvez, possamos usar um exemplo menos heróico e mais contemporâneo. Imagine que você é um dos diretores de uma organização cristã onde um empregado fiel está sendo acusado injustamente por outro diretor rico e influente. Na votação para decidir o futuro deste empregado, você cruzaria os braços e ficaria quieto?

Imagine que nós estivéssemos no Sinédrio quando Jesus foi julgado ou diante da cruz onde Ele foi crucificado! Teríamos sido imparciais ou teríamos nos identificado com Ele?

“O silêncio às vezes não vale ouro; ele às vezes é apenas amarelo”.

20 DE MARÇO

"E o filho lhe disse: Pai, pequei..." (Lucas 15.21).

Foi só depois que o filho pródigo voltou arrependido que o pai correu para encontrá-lo, o abraçou e o beijou. Não teria sido correto dar-lhe o perdão até haver arrependimento. O princípio bíblico é: "... *se ele se arrepender, perdoa-lhe*" (Lucas 17.3).

Não há qualquer registro de que o pai tenha enviado ajuda ao filho pródigo enquanto ele estava fora de casa. Na verdade, fazer isso teria sido uma obstrução da obra de Deus na vida deste rebelde. O objetivo do Senhor era levar este desobediente até o fundo do poço. Ele sabia que o filho tinha que chegar até o fim de si mesmo, que jamais olharia para cima sem antes chegar ao fundo. Quanto antes este sem-rumo chegasse ao chão, mais cedo ele estaria pronto para ser quebrantado. Então o pai teve que entregar seu filho ao Senhor e esperar o auge da crise.

Esta é uma das coisas mais difíceis para os pais fazerem – especialmente para as mães. A tendência natural é afiançar um filho ou uma filha rebelde em cada emergência que o Senhor envia em sua direção. Porém tudo o que pais conseguem ao fazer isto é obstruir o Senhor em Seu propósito e prolongar a agonia deste filho amado.

Spurgeon disse, certa vez, que "o amor mais sincero para com aqueles que caem não é concordar com eles em seu erro, mas ser fiel a Jesus em todas as coisas". Tolerar uma pessoa em sua perversidade não é amor. O amor, ao contrário, entrega a pessoa para o Senhor e diz: "Senhor, restaura-o, não importa o custo".

Um dos maiores erros que Davi cometeu foi trazer Absalão de volta antes que houvesse um arrependimento. Assim, não demorou muito até que ele estivesse ganhando o coração do povo e planejando uma revolta contra seu pai. No fim, ele expulsou seu pai de Jerusalém e foi ungido rei em seu lugar. Mesmo quando ele enviou seu exército para destruir Davi, este instruiu seus homens a poupar Absalão caso houvesse uma confrontação. Porém Joabe repensou e matou Absalão.

Pais dispostos a suportar a dor de assistir, enquanto Deus reduz seus filhos a uma vida no chiqueiro, são muitas vezes poupados de dores ainda maiores.

"Pois até a ira humana há de louvar-te; e do resíduo das iras te cinges" (Salmo 76.10).

Uma das características fascinantes da história humana é a forma como Deus faz com que a ira humana O louve. Desde a queda no Éden, o homem levanta seu punho contra Deus, contra o Seu povo e contra a Sua Causa. Ao invés de punir tal ira no instante em que ela surge, o Senhor a deixa agir, subjugando e usando-a para a Sua glória e para a bênção do Seu povo.

Um grupo de homens planejou o mal de seu irmão, vendendo-o como escravo a um grupo de nômades que o levou para o Egito. Deus o exaltou à posição de segunda maior autoridade e de salvador do seu povo. José mais tarde lembrou seus irmãos que *"Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem" (Gênesis 50.20).*

A ira de Hamã contra os judeus resultou em sua própria destruição e na exaltação daqueles a quem ele queria destruir.

Três jovens hebreus foram lançados em uma fornalha de fogo tão quente que queimou àqueles que os jogaram ali dentro. Porém, os hebreus saíram ilesos e sem nenhum cheiro de fumaça neles. O rei pagão então condenou à morte qualquer um que dissesse uma palavra sequer contra o Deus dos judeus.

Daniel foi jogado em uma cova de leões por orar ao Deus dos céus. Porém sua libertação milagrosa resultou em outro decreto por seu governador pagão, exigindo reverência e respeito pelo Deus de Daniel.

Seguindo para a era do Novo Testamento, a perseguição da Igreja resultou em uma disseminação mais rápida do Evangelho. O martírio de Estevão tinha dentro de si a semente da conversão de Saulo. A prisão de Paulo gerou quatro cartas que se tornaram parte da Bíblia Sagrada.

Mais tarde, as cinzas de John Hus foram lançadas ao rio e o Evangelho chegou logo em seguida a todo lugar para onde o rio corria.

Há homens que rasgam a Bíblia e a jogam ao vento, mas alguém recolhe uma página qualquer, a lê e é salvo de forma gloriosa. Há homens que zombam da doutrina da Segunda Vinda de Cristo e assim cumprem a profecia de que viriam zombadores nos últimos dias (2 Pedro 3.3-4).

Assim, Deus transforma a ira dos homens em louvor para Si -- e o que não O louva, Ele retém.

22 DE MARÇO

“...bem fizeste em o resolver em teu coração” (1 Reis 8.18).

Um dos maiores desejos do coração de Davi era construir um Templo para *Yahweh* em Jerusalém. O Senhor disse que não lhe seria permitido construir o Templo porque ele era um homem de guerras, porém, o Deus acrescentou estas importantes palavras: *“Bem fizeste em o resolver em teu coração”*. Parece claro, aqui, que Deus considera nossa intenção quando somos incapazes de realizar nossos desejos quanto a Ele.

Isto não se aplica quando nossa incapacidade de fazer algo é por causa da nossa própria morosidade ou falta de ação. Aqui, o desejo não é suficiente. Como já foi dito, de boas intenções o inferno está cheio.

No entanto, há muitas situações na vida cristã em que queremos fazer algo para agradar ao Senhor, mas somos impedidos por circunstâncias fora do nosso controle. Um recém-convertido, por exemplo, que deseja ser batizado, mas é proibido por pais descrentes. Em tal caso, Deus considera a sua situação até que ele saia de casa e possa obedecer ao Senhor sem ser desobediente aos seus pais.

Ou uma esposa cristã que deseja participar de todas as reuniões da igreja local, mas seu marido alcoólatra insiste que ela fique em casa. O Senhor recompensa tanto a sua submissão a seu marido quanto seu desejo de encontrar-se com outros em Seu Nome.

Uma irmã idosa chorou ao assistir a outros servindo refeições em uma conferência bíblica. Isto havia sido sua grande alegria por muitos anos, mas ela agora era fisicamente incapaz de fazê-lo. Do ponto de vista de Deus, ela recebe uma recompensa tão grande por suas lágrimas quanto os outros por seus serviços.

Quem sabe quantas pessoas se dispuseram, de todo coração, a servir no campo missionário, mas jamais puderam viajar para fora de sua própria cidade? Deus sabe – e todos estes santos anseios serão recompensados no trono do Tribunal de Cristo.

O princípio também se aplica à questão de doar-se. Há aqueles que já investem de forma sacrificial na obra do Senhor e queriam apenas conseguir dar mais. Um dia, no futuro, o registro divino mostrará que eles deram mais, sim.

Os doentes, os deficientes, os isolados, os idosos não estão excluídos dos lugares de honra, porque “em Sua misericórdia, Deus nos julga não apenas por nossos feitos, mas por nossos sonhos”.

"...não oferecerei ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que não me custem nada" (2 Samuel 24.24).

Quando Davi foi instruído a oferecer um holocausto para que o Senhor fizesse cessar uma praga, Araúna se dispôs a dar, como presente sincero, um debulhador, bois e lenha para o fogo. Porém Davi insistiu em comprar estas coisas. Ele não ofereceria ao Senhor algo que não lhe havia custado nada.

Sabemos que não nos custa nada nos tornarmos cristãos, mas provavelmente também sabemos que uma vida de discipulado genuíno custa caro. "Uma religião que não custa nada não vale nada".

Muitas vezes a extensão do nosso compromisso é determinada por considerações de conveniência, custo, conforto. Sim, vamos à reunião de oração se não estivermos cansados ou se não estivermos com dor da cabeça. Sim, podemos dar aulas na escola dominical, desde que não atrapalhe nosso final de semana na praia ou no sítio.

Ficamos nervosos na hora de orar em público, dar um testemunho, pregar o Evangelho – assim, ficamos quietos. Não temos desejo algum de ajudar o ministério de serviço social por medo de pegar piolhos ou pulgas. Excluimos qualquer consideração do campo missionário porque temos horror a cobras ou aranhas.

Nossa doação muitas vezes é mais uma gorjeta que um sacrifício. Damos o que jamais nos fará falta – diferente da viúva que deu tudo. Nossa hospitalidade é determinada pela quantia de gastos, inconveniências e bagunça na nossa casa – diferente do ganhador de almas que disse que cada tapete da sua casa havia sido manchado por bêbados vomitando neles. Nossa disponibilidade aos que passam por necessidade acaba quando nos deitamos em nossos colchões de água – diferente do ancião que estava disposto a ser chamado a qualquer hora para prestar ajuda espiritual ou material.

Muitas vezes, quando o chamado de Cristo nos alcança, temos a tendência de perguntar: "O que eu ganho com isso?" ou: "Vai valer a pena?". A pergunta certa, na verdade, é: "Esta é uma oferta que realmente me custa algo?" É bem verdade a frase que diz: "É muito melhor na vida espiritual que nos desgastemos com as coisas do que lucremos com elas".

Quando pensamos no quanto a nossa redenção custou para o nosso Salvador, parece uma compensação pobre que evitemos custos e sacrifícios por Ele.

24 DE MARÇO

“e a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo” (Efésios 4.7).

Devemos sempre lembrar que, toda vez que o Senhor nos ordena fazer alguma coisa, Ele nos dá a capacidade necessária. Todas as Suas ordens incluem a Sua capacitação, mesmo que Suas ordens sejam o que consideraríamos impossível.

Jetro disse a Moisés: *“Se isto fizeres e assim Deus te mandar, poderás, então, suportar” (Êxodo 18.23)*. “O princípio é que Deus assume total responsabilidade por capacitar Seu enviado para cumprir qualquer tarefa que Ele lhe tenha designado” (J. O. Sanders).

Em Seu ministério, o Senhor Jesus conheceu pelo menos dois paralíticos (Mateus 9.6, João 5.9). Em ambas as ocasiões Ele lhes disse para levantar e carregar suas macas. Enquanto eles exerciam a disposição de obedecer, poder fluía até às suas pernas impotentes.

Pedro sentiu que, se o Senhor Jesus lhe havia chamado para caminhar sobre as águas, então ele conseguiria fazê-lo. Assim que Jesus disse: *“Vem”*, Pedro saiu do barco e andou sobre as águas.

Era duvidoso que o homem com a mão deformada pudesse estendê-la; mas quando nosso Senhor lhe ordenou que o fizesse, ele o fez e sua mão foi curada.

A idéia de alimentar 5.000 pessoas com poucos pães e peixes é algo fora de questão. Porém quando Jesus disse aos discípulos: *“Dai-lhes de comer”*, a impossibilidade desapareceu.

Lázaro estava deitado em seu túmulo há quatro dias quando Jesus o chamou: *“Lázaro, vem para fora!”* A ordem foi acompanhada pelo poder necessário. Lázaro saiu da sepultura.

Precisamos apreciar esta verdade. Quando Deus nos instrui, jamais devemos usar a desculpa de que não conseguimos. Se Ele nos disser para fazer algo, Ele nos dará o poder para fazê-lo. A frase foi bem dita: *“A vontade de Deus nunca irá levá-lo aonde a graça de Deus não possa guardá-lo”*.

É igualmente verdade que, quando Deus ordena algo, Ele paga pelo que compra. Se temos certeza quanto à Sua instrução, não precisamos nos preocupar com finanças. Ele proverá.

O Deus que abriu o Mar Vermelho e o Jordão para que o Seu povo pudesse passar é o mesmo hoje. Ele ainda trabalha com a remoção de impossibilidades quando Seu povo obedece à Sua vontade. Ele ainda dá toda a graça necessária para fazermos tudo o que Ele ordena. Ele ainda opera em nós tanto o querer quanto o realizar, segundo a Sua vontade.

"No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gênesis 1.1).

Se modificarmos um pouco as primeiras quatro palavras de Gênesis 1.1 e as separarmos do restante do versículo, chegamos a um lema de vida. Elas dizem: "Deus primeiro".

Encontramos este lema sugerido no primeiro mandamento: "*Não terás outros deuses diante de mim*" (Êxodo 20.3). Nada nem ninguém pode tomar o lugar do verdadeiro Deus vivo.

O encontramos ensinado na história de Elias e a viúva que tinha apenas farinha e azeite suficientes para fazer um último pão para seu filho e para si (1 Reis 17.12). Surpreendentemente, Elias disse: "*Primeiro fazê (...) para mim um bolo pequeno*". Embora isso possa parecer puro egoísmo, não era. Elias era um representante de Deus. Ele estava dizendo: "Coloque Deus em primeiro lugar e seu suprimento para as necessidades da vida jamais lhe faltará".

O Senhor Jesus ensinou a mesma coisa séculos depois no Monte quando disse: "*Buscai, pois, em primeiro, o seu reino e a sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas*" (Mateus 6.33). A prioridade central da vida é o reino de Deus e a Sua justiça.

Mais uma vez o Salvador enfatizou sua afirmação anterior em Lucas 14.26: "*Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai e mãe e mulher e filhos e irmãos e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*". Cristo precisa estar em primeiro lugar.

Porém, como colocamos Deus em primeiro plano? Temos nossas famílias para cuidar. Temos nossos empregos seculares com os quais nos preocupar. Temos uma multidão de tarefas exigindo nosso tempo e recursos. Colocamos Deus em primeiro lugar ao amá-LO com um amor tal que qualquer outro amor, quando comparado, parece ódio. Ao usarmos todas as coisas materiais como uma responsabilidade que Ele nos deu, retendo apenas aquelas que podem ser usadas de forma relacionada ao Seu reino. Ao darmos prioridade máxima a questões de conseqüências eternas, lembrando que mesmo coisas boas são, às vezes, inimigas das coisas melhores.

O maior benefício para o homem está em um relacionamento correto com Deus. Este relacionamento correto é quando ele dá a Deus o primeiro lugar. Mesmo quando o homem coloca a Deus primeiro, ele tem alguns problemas, mas encontrará satisfação na vida. No entanto, quando coloca a Deus em segundo, ele terá nada além de problemas – e uma existência miserável.

26 DE MARÇO

“...que te importa? Quanto a ti, segue-me” (João 21.22).

O Senhor Jesus tinha acabado de dizer a Pedro que ele viveria até se tornar um idoso e então morreria a morte de um mártir. Pedro imediatamente olhou para João e perguntou em voz alta se João receberia um tratamento melhor. A resposta do Senhor foi: *“...que te importa? Quanto a ti, segue-me”*.

Lembrando da atitude de Pedro, Dag Hammarskjöld escreveu: “Apesar de tudo, sua amargura, porque os outros estão desfrutando do que lhe foi negado, está sempre pronta para explodir. Na melhor das hipóteses, ela fica dormindo por uns poucos dias ensolarados. Ainda assim, mesmo neste nível indescritivelmente miserável, ela ainda é uma expressão da verdadeira amargura da morte – o fato de que aos outros é permitido continuarem vivendo”.

Se levássemos a sério as palavras do Senhor, elas resolveriam muitos problemas entre o povo cristão.

É tão fácil ficarmos ressentidos quando vemos outros prosperarem mais que nós. O Senhor permite que eles tenham uma casa nova, um carro novo, um chalé perto do lago.

Outros, a quem talvez consideremos como menos devotos que nós, têm boa saúde enquanto nós lutamos contra duas ou três doenças crônicas.

A família ao lado tem filhos lindos que se sobressaem em esportes e no meio acadêmico. Nossos filhos são normais, do tipo mais comum.

Vemos outros crentes fazendo coisas que não temos a liberdade de fazer. Mesmo que essas coisas não sejam pecado, ficamos ressentidos com a sua liberdade.

É triste dizer, mas há certa inveja profissional entre obreiros cristãos. Um dos pregadores fica ofendido porque o outro é mais popular, tem mais amigos, fica mais na luz do holofote. Ou outro fica irritado porque seus colegas usam métodos que ele não aprova.

As palavras do Senhor atingem todas estas atitudes indignas com força surpreendente: *“...que te importa? Quanto a ti, segue-me”*. Como o Senhor lida com outros cristãos realmente não é da nossa conta. Nossa responsabilidade é segui-LO em qualquer que seja o caminho que Ele escolheu para nós.

“O vento sopra onde quer...” (João 3.8).

O Espírito de Deus é soberano. Ele age segundo Sua própria vontade. Tentamos encaixá-lo no nosso molde particular, mas nossas tentativas são invariavelmente frustradas.

A maioria das ilustrações do Espírito Santo é fluida – vento, fogo, azeite e água. Podemos tentar segurá-los em nossas mãos, mas eles parecem dizer: “Não me prenda”.

O Espírito Santo jamais fará algo moralmente errado, mas Ele se dá o direito de agir de maneiras excepcionais e incomuns. Por exemplo, embora seja verdade que Deus deu a chefia ao homem, não podemos dizer que o Espírito Santo não possa levantar uma Débora para liderar o povo de Deus, se Ele assim desejar.

Em tempos de exceção, o Espírito permite comportamentos que, geralmente, seriam proibidos. Assim, Davi e seus homens foram autorizados a comer pães consagrados, o que era reservado exclusivamente para os sacerdotes. E os discípulos foram inocentados por colher grãos no sábado.

As pessoas dizem que há um padrão preciso e previsível de evangelismo no livro de Atos, mas o único padrão que eu vejo é a soberania do Espírito Santo.

Os apóstolos e os outros não seguiam um manual; seguiam Sua liderança que, muitas vezes, era bem diferente do que seu senso comum lhes instruíra.

Por exemplo, vemos o Espírito levando Filipe para deixar um grande avivamento em Samaria para testemunhar a um único etíope eunuco na estrada para Gaza.

Em nossa época, precisamos tomar cuidado para não determinar ao Espírito Santo o que Ele pode ou não fazer. Sabemos que Ele nunca fará nada pecaminoso. Porém, em outras áreas, podemos contar que Ele fará o extraordinário. Ele não está limitado a um conjunto específico de métodos. Não está preso à nossa forma tradicional de fazer as coisas. Ele costuma protestar contra formalismo, ritualismo e indiferença levantando novos movimentos com poder renovador. Devemos, portanto, estar abertos à ação soberana do Espírito Santo e não sentados no banco de reservas, criticando.

28 DE MARÇO

“...mator era a aversão que sentiu por ela que o amor que ele lhe votara” (2 Samuel 13.15).

Amnon estava inflamado de paixão por sua meia-irmã, Tamar. Ela era bonita e ele estava determinado a possuí-la. Ele estava frustrado porque sabia que o que queria fazer era claramente proibido pela lei de Deus. Porém, ele estava tão perdido em seu desejo por ela que nenhuma outra consideração parecia ser importante. Então ele fingiu estar doente, atraiu-a para seu quarto e a violentou. Ele estava disposto a sacrificar tudo por um único momento de paixão.

Porém, em seguida, o desejo se transformou em ódio. Depois que ele havia se aproveitado egoisticamente dela, a desprezou e provavelmente desejou nunca tê-la visto. Ele ordenou que ela fosse colocada para fora e que a porta fosse trancada.

Esta vinheta da história está se repetindo diariamente. Na nossa sociedade livre para escolher, padrões morais foram basicamente abandonados. Sexo antes do casamento é aceito como algo normal. Casais vivem juntos sem a formalidade do casamento. Prostituição é algo legalizado. Homossexualismo se tornou aceito como um estilo de vida alternativo.

Jovens e velhos vêem alguém de quem gostam e isso basta. Não aceitam leis estabelecidas. Não se prendem a qualquer inibição. Estão determinados a conseguir o que querem. Afastam qualquer noção de certo e errado e racionalizam que não têm como viver uma vida normal de qualquer outra forma. Então mergulham, como Amnon e acham que alcançaram a satisfação.

Porém, o que antes parecia ser tão bonito, depois, muitas vezes, parece horrendo. A culpa é inevitável, não importa o quão ardentemente ela seja negada. Uma perda mútua de respeito próprio leva ao ressentimento. Isto, por sua vez, com frequência leva a brigas e, por fim, ao ódio. A pessoa que antes parecia ser tão indispensável agora é totalmente repulsiva. A partir dali é um pequeno passo para a violência, brigas na justiça e até mesmo assassinato.

A base, que a lascívia fornece para construir um relacionamento duradouro, é apodrecida. Homens ignoram a lei de Deus quanto à pureza, ao custo de sua própria perda e destruição. Apenas a graça de Deus pode trazer perdão, cura e restauração.

“Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou” (2 Timóteo 2.4).

Todo cristão foi recrutado pelo Senhor e está na ativa para Ele. Ele não deve se envolver com as questões do cotidiano. A ênfase aqui está na palavra “envolver-se”. Ele não pode se separar completamente dos negócios deste mundo. Precisa trabalhar para suprir as necessidades da vida para sua família. Há certo envolvimento nas questões do dia a dia que são inevitáveis. Do contrário, ele teria que deixar o mundo, como Paulo nos lembra em 1 Coríntios 5.10.

No entanto, ele não pode permitir se envolver demais. Precisa manter suas prioridades claras. Mesmo coisas que são boas, em si, podem às vezes se tornar inimigas daquelas que são melhores.

W. Kelly diz que “envolver-se nos negócios desta vida significa realmente desistir de separar-se do mundo e assumir seu papel nas questões do mundo como seu sócio legítimo”.

Me emaranhei quando me envolvi com o mundo da política como uma forma de resolver os problemas do homem. Isto seria como gastar meu tempo “arrumando as cadeiras no *deck* do Titanic”.

Ou me emaranhei quando enfatizo mais o serviço social que o Evangelho como panacéia para as enfermidades do mundo.

Me emaranhei quando negócios têm um poder tal sobre mim que meus maiores esforços se voltam para ganhar dinheiro. Ao ganhar a vida assim, deixo de viver.

Me emaranhei quando o reino de Deus e a Sua justiça deixaram de ocupar o primeiro lugar na minha vida.

Me emaranhei quando me vejo fascinado por coisas pequenas demais para um filho da eternidade – como as deficiências minerais do tomate e da família *asteraceae* de plantas, os hábitos de verão do antílope do estado do Wyoming, a quantidade de micróbios nas camisetas de algodão, as reações escurecedoras das batatas fritas ou os movimentos pós-rotacionais dos olhos de uma pomba. Estes estudos não constituem um problema se forem uma forma de sustento, mas não são dignos de ser um objetivo de vida.

30 DE MARÇO

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8.28).

Este é um daqueles versículos que mais nos desorienta quando passamos por momentos difíceis. Enquanto o vento sopra suavemente, não temos dificuldade em dizer: “Senhor, eu creio”. Porém, quando as tempestades da vida se levantam, dizemos: “Ajuda-me na minha falta de fé”.

No entanto, sabemos que este versículo é verdade. Deus realmente opera todas as coisas para o bem. Sabemos disso porque a Bíblia o diz. A fé toma posse disso, mesmo quando não conseguimos ver ou entender.

Sabemos que é verdade por causa do caráter de Deus. Se Ele é um Deus de amor infinito, de sabedoria infinita e de poder infinito, então faz sentido que Ele planeje e opere tudo para o nosso bem maior.

Sabemos que é verdade por causa das experiências do povo de Deus. Nos calendários *Choice Gleanings* conta-se a história de um único sobrevivente de um acidente de barco que foi parar em uma ilha deserta. Ele conseguiu construir uma cabana para si, onde guardou tudo que conseguiu salvar do barco. Orou a Deus por libertação e ansiosamente vigiou o horizonte todos os dias, esperando que um navio passasse. Um dia, ele ficou horrorizado de encontrar sua cabana em chamas; tudo o que ele tinha estava pegando fogo. Porém o que parecia ser o pior possível foi, na verdade, o melhor. “Vimos o seu sinal de fumaça”, disse o capitão do navio que veio resgatá-lo. Precisamos lembrar que, se nossas vidas estão nas mãos de Deus, *“todas as coisas cooperam para o bem”*.

Certamente há momentos em que nossa fé vacila, quando o fardo parece ser insuportável e a escuridão, impossível de aguentar. Perguntamos, nestes momentos extremos: “Que bem pode jamais sair disso?” Há uma resposta. Encontramos o bem que Deus opera no versículo seguinte (Romanos 8.29) – que sejamos *“conformes à imagem de seu Filho”*. É somente quando o formão do escultor desgasta o mármore que a imagem do homem aparece. E, somente quando os golpes da vida cortam fora tudo o que não é digno, é que podemos nos amoldar à Sua bendita imagem. Então, se você não consegue encontrar nada mais de bom nas crises da vida, lembre-se desta – conformidade à imagem de Cristo.

“...não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do Diabo” (1 Timóteo 3.6).

Ao listar as características de um presbítero, o apóstolo Paulo nos alerta contra a idéia de alguém assumir esta função quando ainda é novo na fé. Supervisão requer sabedoria e discernimento que vêm somente da maturidade espiritual e de caminhar com Deus. Porém, quantas vezes este princípio é infringido! Um jovem empresário, político ou homem de negócios começa a fazer parte da igreja local. Achamos que, se não fizermos com que ele se envolva rapidamente, ele pode ir embora ou trocar de igreja, então, o catapultamos a uma posição de liderança. Seríamos mais sábios se seguissemos a opinião de Paulo quanto aos diáconos, *“...também sejam estes primeiramente experimentados”*.

Podemos ver uma transgressão ainda mais evidente deste princípio espiritual na forma como “estrelas” recém-convertidas são propagandeadas e exaltadas no mundo evangélico. Pode ser um herói do futebol que acabou de conhecer a salvadora fé em Cristo. Um marqueteiro religioso assume o papel de seu empresário e o carrega para todo tipo de evento. Assim que a notícia se espalha, de que uma atriz famosa nasceu de novo, ela se torna notícia de primeira página. Perguntam suas opiniões sobre tudo, da pena de morte ao sexo antes do casamento – como se a conversão lhe tivesse dado sabedoria instantânea quanto a todos os assuntos. Devemos temer que ela seja explorada por algum ganancioso atrás de lucro fácil.

O Dr. Paul Van Gorder disse o seguinte: “Jamais fui a favor de levantar um pecador que estava de joelhos e exibi-lo diante de uma multidão. Danos irreparáveis foram feitos à Causa de Cristo, motivados por desfiles de figuras famosas do mundo do entretenimento, esportes e política sobre o palco evangélico, antes que tempo suficiente tivesse passado para indicar se a semente da Palavra de Deus realmente havia brotado e criado raízes”.

Provavelmente há certo encorajamento para o ego religioso de alguns cristãos quando se anuncia que um viciado em drogas ou um político alcançou fé. Talvez eles tenham problemas com sentimentos de inferioridade ou insegurança e cada celebridade convertida ajuda a levantar sua confiança decadente.

No entanto, estes bravos heróis e heroínas muitas vezes se tornam alvo fácil para os ataques do Diabo. Alheios às suas estratégias sutis, eles caem em pecado e trazem enorme desgraça ao testemunho do Senhor Jesus.

Somos gratos por todos que foram genuinamente salvos, quer famosos, quer desconhecidos. Porém, estamos enganados se achamos que podemos ajudar mais a causa de Cristo empurrando principiantes para trás do púlpito ou para frente da câmera de TV.

1° DE ABRIL

"Nele, estais aperfeiçoados" (Colossenses 2.10).

Contrariando a crença popular, não existem graus de aptidão para alguém alcançar o céu. Ou alguém está plenamente capacitado para entrar no céu ou não entra de forma alguma. Obviamente isso contradiz completamente a tão difundida idéia de que, na ponta da régua de Deus estão as pessoas boas, de vida limpa e bem na ponta de baixo os criminosos e bandidos, enquanto no meio da escala ficariam os cidadãos médios em níveis variados de aptidão para entrar no céu. Quem pensa assim está redondamente enganado. Ou estamos em condições de entrar no céu, ou não estamos. Não existem zonas cinzentas intermediárias.

Na realidade, ninguém tem condições por si mesmo. Todos nós somos pecadores culpados, que merecem a condenação eterna. Todos nós cometemos pecados e não alcançamos a glória de Deus. Todos nos desviamos pelo caminho, cada um tomando seu próprio rumo. Somos todos impuros e até nossas obras mais justas são comparáveis a trapos de imundícia.

Além de sermos absolutamente imprestáveis para chegar ao céu, não existe nada, nada mesmo, que possamos fazer para nos tornarmos aptos a entrar. Nossos melhores propósitos e nossos mais nobres esforços não têm qualquer efeito para remover nossos pecados ou nos fornecer a justiça que Deus exige. Mas a boa notícia é que o amor de Deus providencia tudo o que a justiça divina exige e o concede como um dom completamente gratuito. *"É dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie"* (Efésios 2.8-9).

Aptidão para chegar ao céu é encontrada unicamente em Cristo. Quando um pecador nasce de novo, ele aceita a Cristo. A partir desse momento Deus deixa de vê-lo como pecador na carne; agora Ele o vê em Cristo e o aceita nessa base. A Cristo, que não conheceu pecado, Deus O fez pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus (2 Coríntios 5.21).

Por outro lado, se não temos Jesus estamos mais do que perdidos. Não ter a Ele é uma carência absolutamente fatal, que condiciona todo o nosso destino eterno. Nada jamais pode preencher esse lugar vazio, tão decisivo em termos de eternidade.

É óbvio que nenhum crente é um pouquinho mais apto ao céu do que qualquer outro crente. Todos os crentes têm direito à glória. Esse direito é o próprio Cristo. Nenhum crente tem mais em Cristo do que outro. Por isso, não há nenhuma pessoa que possa se considerar mais apta para o céu do que qualquer outra.

"Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (2 Coríntios 5.10).

O que escrevemos ontem continua sendo verdade, pois não existem graus de aptidão ao céu. Mas também é verdade que existem diversos níveis de recompensa na eternidade. O Tribunal de Cristo é um lugar de retrospectiva e de premiação, onde uns serão mais recompensados que outros.

Também haverá capacidades diferentes de usufruir as glórias celestiais. Cada um será plenamente feliz, mas alguns terão uma capacidade maior de gozar as bem-aventuranças eternas. O cálice de todos estará cheio, mas alguns terão cálices maiores que outros.

Precisamos afastar a idéia de que seremos todos iguais quando tivermos alcançado a glorificação. Em lugar algum a Bíblia ensina uma homogeneidade monótona e sem identidade. Ela ensina, isso sim, que haverá coroas para recompensar uma vida de fidelidade e consagração e enquanto alguns serão premiados, outros sofrerão dano.

Tomemos dois jovens da mesma idade que se converteram na mesma época. Um começa sua caminhada cristã e vive os próximos quarenta anos dando prioridade máxima ao reino de Deus e à Sua justiça. O outro usa os melhores anos de sua vida para ganhar dinheiro. O primeiro fala com entusiasmo das coisas de Deus, o outro se ocupa com as oportunidades do mercado. O primeiro já possui, desde agora, uma capacidade maior de se alegrar no seu Senhor e levará essa capacidade consigo para o céu. O segundo, mesmo estando salvo pela Pessoa e pela obra de Jesus Cristo e apto a entrar no céu permaneceu um anão espiritual e levará essa diminuta capacidade consigo quando chegar lá.

Dia após dia decidimos o galardão que receberemos e a medida com que conseguiremos gozar de nossa pátria eterna. Nós é que decidimos, pelo nosso conhecimento bíblico e pela nossa obediência a esse conhecimento, pela nossa vida de oração, pela comunhão com o povo de Deus, pelo envolvimento na obra do Senhor e nossa maneira de administrar tudo aquilo que o Senhor nos confiou. Se estivermos conscientes de que cada novo dia é decisivo em relação à eternidade, essa percepção terá profundas conseqüências na nossa lista de prioridades e nas decisões que tomamos.

3 DE ABRIL

"Como imagina em sua alma, assim ele é" (Provérbios 23.7a).

A.P.Gibbs costumava dizer: "Você não é o que pensa que é. O que você pensa, isso é o que você é". Ele está dizendo que o pensamento é a fonte de onde vem nosso comportamento. Controle a fonte e você estará controlando a corrente que jorra dela.

Por isso o domínio sobre os nossos pensamentos é uma necessidade tão fundamental. Essa razão também levou Salomão a dizer: *"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Provérbios 4.23)*. Aqui "coração" é usado como sinônimo de "pensamentos".

Tiago nos lembra que o pecado começa nos nossos pensamentos (Tiago 1.13-15). Se pensarmos por tempo suficiente em fazer alguma coisa, acabaremos fazendo.

Semeie um pensamento e você colherá um ato.

Semeie um ato e você colherá um hábito.

Semeie um hábito e você colherá um caráter.

Semeie um caráter e você colherá um destino.

O Senhor Jesus salientou o significado fundamental dos nossos pensamentos ao equiparar ódio com assassinato (Mateus 5.21-22) e um olhar de cobiça com adultério (Mateus 5.28). Ele também ensinou que alguém não é contaminado pelo que come, mas pelo que pensa (Marcos 7.14-23).

Temos responsabilidade por aquilo que pensamos porque temos a capacidade de controlar o que deixamos passar por nossa cabeça. Podemos optar em ficar pensando em coisas duvidosas e indecentes ou no que é puro e está relacionado com Jesus Cristo. Cada um de nós é rei. O reino sobre o qual governamos é o império dos nossos pensamentos. Esse reino dispõe de grandiosos recursos tanto para o bem como para o mal. Somos nós que decidimos como eles serão usados.

Algumas sugestões para termos pensamentos limpos e disciplinados: primeiro, devemos expor todo esse assunto ao Senhor em oração: *"Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável" (Salmo 51.10)*. Em segundo lugar, devemos avaliar como cada pensamento se apresenta na presença de Cristo (2 Coríntios 10.5). Em terceiro lugar, devemos confessar qualquer pensamento mau imediatamente, banindo-o da nossa mente (Provérbios 28.13). Além disso, devemos evitar uma cabeça vazia, ocupando-a com pensamentos positivos, que agradam a Deus (Filipenses 4.8). Em quinto lugar, precisamos, sem falta, exercer disciplina no que lemos, vemos e ouvimos. Não podemos esperar uma mente limpa se nos ocupamos com lixo e sujeira. Finalmente, devemos pensar no Senhor e nas coisas do Senhor. Se nossos pensamentos estão em "ponto morto", as fantasias sujas tentarão entrar.

"Pela fé, entendemos..." (Hebreus 11.3).

"Pela fé, entendemos..." Essas palavras contêm um dos princípios mais elementares da vida espiritual. Primeiro cremos na palavra de Deus e depois entendemos. O mundo diz: "Ver para crer"; Deus diz: "Crer e depois ver". O Senhor Jesus disse a Marta: *"Não te disse que, se creres, verás...?" (João 11.40)*. Mais tarde Ele disse a Tomé: *"Bem-aventurados os que não viram e creram" (João 20.29)*. E o apóstolo João escreveu: *"Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes..., a vós outros que credes" (1 João 5.13)*. Crer é o pré-requisito para o saber.

Billy Graham conta como esse princípio se tornou real em sua vida. "Em 1949 eu tinha uma porção de dúvidas em relação à Sagrada Escritura. Pensava ter descoberto contradições evidentes na Bíblia. Com minha compreensão limitada de Deus, eu simplesmente não conseguia conciliar algumas coisas. Quando me levantava para pregar, faltavam-me autoridade e poder, tão característicos de todos os grandes pregadores do passado. Como muitos dos estudantes do seminário teológico, eu estava travando a guerra intelectual da minha vida. E com toda a certeza o resultado dessa luta iria marcar decisivamente todo o meu ministério dali por diante.

Em agosto daquele ano eu havia sido convidado para Forest Home, o centro presbiteriano de conferências localizado nas montanhas fora de Los Angeles. Lembro de ter descido por uma trilha e entrado na floresta enquanto lutava com Deus. Eu lutava com minhas dúvidas e minha alma parecia estar presa no meio do fogo cruzado dos meus pensamentos. Finalmente, em meu desespero entreguei minha vontade ao Deus vivo revelado nas Escrituras. Me ajoelhei diante da Bíblia aberta e disse: "Senhor, não entendo muitas coisas que esse livro diz. Mas Tu disseste: 'O justo viverá pela fé'. Até hoje aceitei pela fé tudo o que recebi de Ti. Aqui e agora, pela fé, aceito a Bíblia como sendo a Tua Palavra. Aceito-a do começo ao fim. Aceito-a sem quaisquer restrições. Se me defrontar com coisas que não entendo, esperarei com meu julgamento até receber mais luz de Ti. Se isso Te agrada, então dá-me mais poder quando proclamo a Tua Palavra e por meio desse poder convence pessoas do seu pecado e conduz pecadores ao Salvador!"

Seis semanas mais tarde começamos nossa campanha em Los Angeles, que agora já é História. Durante essa cruzada descobri o segredo que transformou meu ministério. Deixei de tentar provar que a Bíblia é verdadeira. Eu havia crido, para mim mesmo, nessa realidade e essa convicção foi passada para os ouvintes".

5 DE ABRIL

"Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoadando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou" (Efésios 4.32).

Em relação ao perdão segundo as Escrituras, existe uma seqüência bem definida a observar. Se obedecêssemos essa seqüência, seríamos poupados de muita dor de barriga e de cabeça.

Quando acontece uma injustiça conosco, o primeiro passo é perdoar interiormente, de coração, a quem nos ofendeu. Ainda não dizemos a essa pessoa que a perdoamos; mas ao perdoar em nosso coração, estamos colocando o assunto entre Deus e ela. Isso impede que nosso suco gástrico se transforme em ácido sulfúrico e nos protege de muitas outras disfunções físicas e emocionais.

Em seguida vamos até o irmão e o repreendemos sozinho (Lucas 17.3). Ao invés de ficar dizendo aos outros que alguém cometeu uma injustiça conosco, a Escritura deixa claro que devemos convencer nosso próximo diretamente: *"Se teu irmão pecar contra ti, vai argüí-lo entre ti e ele só"* (Mateus 18.15). Deveríamos tentar resolver o problema entre nós, ou seja, tão particularmente quanto possível.

Se o irmão não admite seu erro e não pede perdão, voltamos a ele com uma ou duas testemunhas (Mateus 18.16). Segundo a Escritura, essa é a base para adquirir um testemunho suficiente da postura do transgressor.

Se ele ainda não se dobra, trazemos o assunto diante da igreja acompanhados das testemunhas. Se ele não quer obedecer ao veredito da reunião de irmãos, naturalmente deve ser excluído da comunhão (Mateus 18.17).

Mas se ele se arrepende durante a conversa precisamos perdoá-lo (Lucas 17.3). Já o tínhamos perdoado em nosso coração e agora o perdoamos na prática. Nesse ponto é importante não lidar levemente com o assunto. Não deveríamos dizer: "Está tudo bem. Na realidade, você nem me prejudicou". É preferível que digamos: "Eu perdôo você. O assunto está encerrado. Vamos nos ajoelhar e orar juntos"

A vergonha de ter de reconhecer o erro e pedir perdão talvez o impeça de nos fazer mal outra vez. E mesmo que o pecado se repita e ele se arrependa mais uma vez, temos de perdoá-lo novamente. Ainda que ele peque sete vezes ao dia e se arrependa sete vezes, precisamos perdoá-lo – acreditando ou não na sua sinceridade (Lucas 17.4).

Jamais devemos esquecer que também tínhamos uma dívida enorme e essa imensa fortuna nos foi perdoada. Por isso não devemos hesitar em perdoar os trocados que nosso irmão nos deve, como o Senhor ordena na parábola que ensinou (Mateus 18.23-25).

“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (João 7.17).

A Bíblia Viva apresenta a primeira parte desse versículo da seguinte maneira: *“Se qualquer um de vocês realmente decidir fazer a vontade de Deus, então saberá com certeza...”*. Isso é uma maravilhosa promessa de que, se uma pessoa deseja saber a Sua vontade sinceramente, Deus lhe mostrará.

Quando um pecador chega ao fim de suas forças e ora, em profundo desespero: *“Ó Deus, revela-Te para mim!”* então Deus realmente o fará. É uma oração que nunca ficará sem resposta.

Um *hippie*, que morava em uma caverna, no sudoeste dos EUA, estava determinado a acabar com tudo. Ele havia procurado satisfação no álcool, nas drogas, no sexo e no ocultismo. No entanto, sua vida continuava vazia, vazia, vazia. Ele não encontrava saída para o seu estado de miséria. Certo dia, estando encolhido na caverna, ele gritou: *“Ó Deus – se é que existe um Deus – revela-Te para mim ou eu acabo com minha vida!”*

Apenas dez minutos depois disso, um jovem cristão que passava ali “por acaso”, chegou à entrada da caverna. Ao olhar para dentro dela, viu o *hippie*-ermitão e perguntou: *“Ei, você! Se importa se eu lhe falar de Jesus?”*

Sabem o que aconteceu? O *hippie* ouviu as boas novas da salvação através da fé no Senhor Jesus Cristo. Ele se entregou ao Salvador e encontrou perdão, aceitação e uma nova vida. Ele clamou das profundezas e Deus ouviu e respondeu. Nunca ouvi de alguém que tenha orado como ele sem ter recebido uma revelação especial de Jesus Cristo para a sua alma.

Naturalmente, essa promessa vale também para os cristãos. Se alguém deseja, com toda a sinceridade, saber qual é a vontade de Deus para a sua vida, Deus lhe mostrará. Se quiser saber o caminho apropriado para comunhão em uma igreja, Deus lhe mostrará também isso. Não importa qual seja a necessidade, Deus estará comprometido em satisfazê-la, se buscarmos Sua vontade suprema. O obstáculo que existe entre nós e o real conhecimento da vontade de Deus é a falta, em nós, desse desejo sincero de conhecê-la.

“Recebi tudo e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus” (Filipenses 4.18).

A Carta de Paulo aos filipenses, na verdade, era um aviso de recebimento e de agradecimento por uma oferta que lhe havia sido enviada pelos crentes em Filipos. Podemos afirmar quase com certeza que era uma oferta em dinheiro. O que causa admiração é a forma de Paulo agradecer por essa oferta. Ele a chama de “aroma agradável, sacrifício aceitável e aprazível a Deus”. Em Efésios 5.2 ele usa uma expressão semelhante para descrever o sacrifício indescritível do próprio Senhor Jesus no Gólgota. Ali está escrito: “...*como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave*”. É de tirar o fôlego quando paramos para pensar que uma oferta entregue a um servo do Senhor é descrita de forma semelhante à que enaltece o dom indescritível de Deus em Jesus.

J.H.Howett (1864-1923) – pregador inglês que viveu algum tempo em Nova York e foi o sucessor de Campbell Morgan na Capela de Westminster – comenta essa passagem muito adequadamente: “Como é poderosa a abrangência de uma ação bondosa aparentemente limitada no tempo e no espaço! Pensamos em ajudar a um enfermo e, na realidade, lidamos com o próprio Rei. Pensávamos que o aroma suave ficasse restrito a uma área insignificante, mas, veja só, o perfume agradável se espalhou por todo o universo. Pensávamos que estávamos ajudando Paulo, mas atestamos que servimos ao Senhor e Salvador de Paulo”. Se entendermos a verdadeira natureza espiritual do ofertar cristão e toda a abrangência de sua influência, então estaremos, de uma vez por todas, libertos de nos sentirmos forçados e constrangidos na hora de doar e ofertar. Para sempre estaremos imunes aos truques profissionais dos coletores de ofertas, que tentam extorquir os crentes por meio de adulação e métodos teatrais. Vemos que dar é uma forma de ministério sacerdotal, não uma obrigação legalista. Damos porque amamos e amamos dar.

A verdade de que minha pequenina oferta inunda de perfume agradável a sala do trono do Grande Deus deveria me conduzir à humilde adoração e me incentivar a dar com alegria e liberalidade. Então a coleta de ofertas no domingo de manhã jamais será uma parte monótona, mesmo que necessária, do culto. Será um meio de entregar algo ao Senhor de forma direta e particular, como se Ele estivesse presente em Pessoa.

“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hebreus 4.12).

Um estudante crente dava seu testemunho a um estudante de teologia liberal. Quando o crente citou um versículo bíblico, o teólogo respondeu: “Eu não acredito na Bíblia”. O crente citou outro versículo, mas foi apenas para receber a mesma resposta: “Eu já lhe disse que não acredito na Bíblia”. Quando o crente citou o terceiro versículo, o estudante de teologia explodiu dizendo: “Não quero ouvir você citando a Bíblia! Já disse que não acredito nela”. Nesse momento o crente sentiu-se completamente frustrado e derrotado, um fracasso como ganhador de almas.

Justamente nesse dia o Dr. H.A. Ironside era hóspede de sua família. Durante o jantar o jovem contou sua experiência frustrante com o estudante de teologia. Perguntou ao Dr. Ironside: “Se você testemunhar para alguém e ele responder: ‘Eu não creio na Bíblia’, o que é que você faz?” O Dr. Ironside, com um sorriso de felicidade, disse: “Eu simplesmente continuo citando a Bíblia”.

Esse é um conselho excelente para quem deseja ser um ganhador de almas. Quando as pessoas dizem que não acreditam na Bíblia, continue citando a Bíblia. A Palavra de Deus é viva e eficaz. Ela jamais falha em seu efeito nas pessoas, mesmo que elas não acreditem.

Imaginemos dois homens em duelo corpo a corpo. Um diz para o outro: “Não acredito que sua espada seja mesmo de aço”. O que acontece? O outro joga fora sua espada e capitula? Ou será que ele faz uma palestra científica sobre o teor de carbono e sobre a forja do metal da sua espada? Isso seria mais do que ridículo! Ele dá um golpe rápido e certo em seu oponente e o faz sentir que sua espada é real. Assim é com a Bíblia. A Palavra de Deus é a espada do Espírito. Ela deve ser mais usada e menos defendida. Ela pode muito bem defender-se a si mesma.

Não quero negar que as provas da inspiração divina da Bíblia têm seu valor. Essas provas servem para uma finalidade importante, que é fortalecer a fé daqueles que já são salvos. Em alguns poucos casos elas também ajudam pessoas descrentes a chegar à fé salvadora. Mas em geral as pessoas não são salvas pela lógica humana nem convencidas por argumentos. “Alguém que é forçado a assumir alguma convicção contra sua vontade, geralmente se manterá adepto de sua antiga opinião”. As pessoas precisam ser confrontadas com a poderosa Palavra de Deus. Muitas vezes um único versículo bíblico vale mais do que mil argumentos.

Isso também reforça a importância de aprender versículos bíblicos de cor. Se não tenho passagens bíblicas armazenadas em minha memória, o Espírito não terá como me fazer lembrar delas em momentos decisivos. O ponto mais importante, porém, é que Deus não prometeu honrar as minhas palavras, mas a Sua. Portanto, quando lido com descrentes, preciso usar destemidamente a Espada do Espírito e então poderei observá-la realizando o milagre da graça, convencendo e persuadindo o pecador.

9 DE ABRIL

“...como cordeiro foi levado ao matadouro” (Isaías 53.7b).

Certa vez vi um cordeiro sendo morto. Foi uma visão ao mesmo tempo extremamente tocante e terrível.

Quando ele foi levado ao lugar de seu abate, parecia especialmente meigo. As crianças teriam desejado acariciá-lo e tocá-lo. Os filhotes de qualquer espécie de animal são encantadores – gatinhos, cachorrinhos, pintos, bezerros e potros – mas um cordeirinho é especialmente cativante.

Quando o cordeiro estava lá, era a própria imagem da inocência. Sua lã branca e imaculada dava a impressão de pureza. Ele era meigo e suave, indefeso e desamparado. Seus olhos eram muito expressivos; falavam de medo, dor e sofrimento. Parecia impossível haver qualquer motivo para que uma criatura tão bela devesse morrer.

Então suas pernas foram amarradas e o cordeirinho sofredor ficou deitado de lado, respirando com dificuldade, como se pressentisse a morte iminente. Com um movimento rápido o açougueiro passou a faca pela sua garganta. O sangue jorrava pelo chão. Seu pequeno corpo se contorcia em espasmos de morte e logo ele ficou imóvel. O cordeiro estava morto.

Alguns dos presentes viraram o rosto; ver o cordeirinho morto era triste demais. Outros enxugavam suas lágrimas. Ninguém dizia uma palavra.

Pela fé vejo outro cordeiro morrendo – o Cordeiro de Deus. É uma visão bendita e assustadora ao mesmo tempo.

Esse Cordeiro também é totalmente amável: Ele foi o mais distinguido entre dezenas de milhares, o mais belo dentre os belos, sendo conduzido ao lugar de sua imolação na flor da idade.

Ele não é apenas inocente – Ele é santo, imaculado, separado dos pecadores, sem mancha e sem defeito. Parece não haver motivo algum para matar Alguém assim tão puro.

Mas os carrascos pegaram Jesus e O pregaram na cruz, traspassando Seus pés e Suas mãos. No lugar dos pecadores, ali Ele sofreu de forma concentrada o tormento e o terror do inferno. Enquanto isso, Seus olhos continuaram cheios de amor e perdão.

Mas o tempo do Seu sofrimento chegou ao fim. Ele entregou Seu espírito e Seu corpo pendia inerte na cruz. Um soldado furou Seu lado e dele saiu sangue e água. O Cordeiro de Deus estava morto.

Meu coração está abalado. Lágrimas quentes escorrem livremente pelo meu rosto. Caio de joelhos agradecendo e louvando-O! Só pensar que Ele morreu por mim já me basta! Jamais deixarei de amá-LO.

*“...não tendes necessidade de que alguém vos ensine”
(1 João 2.27).*

À primeira vista, parece que esse versículo nos confronta com problemas. Se não precisamos de ninguém para nos ensinar, por que o Senhor glorificado designou mestres para a edificação dos santos no serviço cristão? (Efésios 4.11-12).

Para melhor entender a intenção de João, talvez seja válido buscar mais informações acerca dos bastidores dessa carta. Na época em que ela foi escrita, a Igreja estava sendo prejudicada por falsos mestres, os gnósticos. Esses hereges se apresentavam como crentes verdadeiros e sérios e mantinham comunhão com as igrejas locais. Mas se separaram para difundir suas concepções erradas acerca da humanidade e da divindade de Cristo.

Eles afirmavam possuir um conhecimento superior, daí a definição de “gnósticos” (que vem da palavra grega “*gnosis*”, que significa “conhecimento, sabedoria”). Provavelmente eles diziam aos cristãos mais ou menos o seguinte: “O que vocês têm é bom, mas nós temos mais verdade. Podemos conduzir vocês além desses ensinamentos rudimentares. Podemos introduzi-los em mistérios novos e mais profundos. Se quiserem ser adultos plenos, precisam dos nossos ensinamentos”.

Mas João adverte os crentes de que tudo isso é fraude. Eles não precisam dos ensinamentos desses vigaristas. Pois eles têm o Espírito Santo. Eles têm a Palavra da verdade. A fé cristã foi entregue aos santos de uma vez por todas (Judas 3) e tudo o que se considera um acréscimo é puro engano. Mestres cristãos são necessários para explicar as Escrituras e ensinar como aplicá-la, mas eles jamais devem se tornar culpados do pecado de ir além do que as Escrituras dizem.

João seria o último a negar a necessidade de mestres na Igreja. Ele próprio era um mestre por excelência. Mas ele também seria o primeiro a insistir que o Espírito Santo é a autoridade final que conduz o povo de Deus a toda a verdade por meio da Sagrada Escritura. Toda e qualquer doutrina ou ensino deve ser avaliado e testado à luz da Bíblia. Quando for um acréscimo à Palavra de Deus, quando for além do que está escrito, deve ser rejeitado.

"Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos" (Mateus 28.12-13).

O Senhor Jesus recém havia ressuscitado dentre os mortos quando seus inimigos já começaram a criar um álibi para tentar negar o milagre da ressurreição. O melhor conjunto de mentiras que eles conseguiram formar na época foi dizer que os discípulos tinham vindo à noite para roubar o cadáver de Jesus. O problema com a teoria do furto – como de todas as outras teorias – é que ela gera mais perguntas do que respostas. Por exemplo:

Por que os sumos sacerdotes e os anciãos não questionaram o relato original dos soldados acerca do sepulcro vazio? Eles simplesmente aceitaram-no como verídico e inventaram apressadamente uma explicação de como tudo teria acontecido.

Por que os soldados dormiam quando deveriam ficar vigiando? No exército romano, dormir em trabalho era punido com a morte. Mesmo assim, receberam a promessa dos sumo-sacerdotes de que não seriam punidos. Por quê?

Como foi possível que todos os soldados adormeceram ao mesmo tempo? Beira as raias do absurdo, imaginar que todos eles arriscassem a morte por um pouco de sono.

Como os discípulos conseguiram remover a pedra sem acordar os guardas? A pedra era muito pesada e só podia ser rolada com bastante barulho.

E como é que os discípulos conseguiram remover a pedra? Em um sepulcro típico da era herodiana, a pedra que servia de porta era rolada em uma calha até cair em uma depressão diante da abertura. Portanto, era mais fácil fechar um túmulo desses do que abri-lo novamente. Além disso, o sepulcro de Jesus estava tão "seguro" quanto era possível ser providenciado pelas autoridades romanas.

É provável que os discípulos – há pouco ainda amedrontados e fugindo por sua vida – de repente tivessem adquirido tamanha coragem a ponto de enfrentar a guarda romana para pilhar o sepulcro de Jesus? Com certeza eles sabiam que um delito dessa envergadura teria um castigo bem pesado.

Se os soldados todos dormiam, como poderiam saber que foram os discípulos que roubaram o corpo?

Se os discípulos tivessem roubado o corpo, porque teriam gasto tempo para retirar os lençóis do corpo e ainda deixar à parte o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus (Lucas 24.12; João 20.6-7)?

E por que, afinal, os discípulos iriam querer roubar o corpo? Não havia razão nem motivo para isso. Pelo contrário: eles próprios ficaram surpresos e incrédulos quando souberam que seu Mestre havia ressuscitado.

Como é que os discípulos, como homens honrados que eram, iriam pelo mundo afora, arriscando suas vidas para pregar a ressurreição se soubessem que tudo era uma grande mentira? Paul Little disse: "Pessoas não morrem por algo que sabem ser uma mentira". Os discípulos estavam plenamente convictos de que Jesus havia ressuscitado.

“Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?” (Lucas 16.11).

Essas “riquezas de origem injusta” são os bens materiais e as riquezas terrenas. Não existe ilusão mais difundida do que aquela que diz que rico é quem tem muito dinheiro. Dizemos que casas e terrenos são “bens imóveis” porque acreditamos que eles não se movem e não podem ser tomados de nós contra nossa vontade. Chamamos ações e apólices de seguro de “seguridades” porque cremos que podem nos garantir verdadeira segurança.

Em Lucas 16.11 o Senhor diferencia entre riquezas de origem injusta e a verdadeira riqueza. As coisas que as pessoas consideram riqueza não são riqueza de forma alguma.

João era um cristão temente a Deus que trabalhava de caseiro na propriedade de um nobre rico. Certa noite João teve um sonho impressionante, no qual ele viu que o homem mais rico do vale morreria antes da próxima meia-noite. Na manhã seguinte, quando o caseiro encontrou seu patrão, contou seu sonho. No início o milionário se mostrou indiferente. Ele se sentia saudável como nunca. Além disso, não acreditava em sonhos.

Mas assim que João começou seu trabalho, o rico chamou seu motorista e pediu que o conduzisse ao médico para uma consulta. Este solicitou uma avaliação geral de seu estado de saúde. Como era de esperar, ele gozava da mais perfeita saúde. Mesmo assim ele continuava pensando no sonho de João e, na saída, perguntou ao médico: “Doutor, o senhor quer jantar comigo hoje?” O médico aceitou o convite.

O jantar transcorreu normalmente e a conversa girava em torno dos mais variados assuntos. Diversas vezes o médico fez menção de ir embora e toda vez seu anfitrião pedia que ele ficasse mais um pouco.

Finalmente, quando o relógio deu meia-noite, de coração aliviado o homem rico deu boa-noite a seu convidado.

Alguns minutos depois tocou a campainha. Quando o proprietário abriu a porta, a filha do velho João o cumprimentou e disse: “Peço desculpas, mas minha mãe mandou dizer que papai teve um ataque de coração e acabou de falecer”.

O homem mais rico do vale morreu nessa noite.

13 DE ABRIL

“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10.31).

Um dos grandes parâmetros para avaliar o comportamento cristão é perguntar se ele contribui para a glória de Deus. Tantas vezes examinamos nossa conduta questionando tão somente: “Isso traz algum prejuízo?” Mas a questão não é essa. A pergunta que sempre precisamos fazer é: “Isso contribui para honrar a Deus?”

Antes de começarmos alguma atividade, seja ela qual for, deveríamos inclinar nossa cabeça e pedir que o Senhor seja glorificado naquilo que estamos prestes a fazer. Se Deus não for honrado com isso, é melhor desistir.

Outras religiões talvez se satisfaçam com um comportamento que não faça mal a ninguém. Mas o cristianismo vai além do que é negativo e busca o que é positivo. Por isso Keith L. Brooks disse: “Se você quiser ser um cristão comprometido, então pare de ficar perguntando pelos danos que algumas coisas ou atitudes podem causar e busque o que é bom. Se você quiser viver uma vida feliz, busque a comunhão com aqueles cristãos que questionam se algo é bom e que não ficam se perguntando pelo mal que porventura esteja embutido em alguma coisa”.

Muitas coisas são inócuas em si mesmas, não fazem bem nem mal, mas são danosas e fardos pesados demais na nossa corrida cristã. Não existe regra olímpica que proíba um corredor dos 1.500 metros de carregar um saco de batatas durante a competição. Obviamente ele pode carregar as batatas mas desse jeito certamente não ganhará a corrida. Com os cristãos acontece o mesmo. Talvez muitas coisas sejam inofensivas e inocentes mas ainda assim representam um empecilho na caminhada de fé.

Quando questionamos: “Isso faz algum tipo de mal?”, essa pergunta revela certa dose de dúvida da nossa parte. Nunca questionamos dessa forma as atividades que são claramente permitidas como a oração, o estudo bíblico, o culto a Deus, nosso testemunho ou trabalho diário.

Aliás, todo trabalho honesto pode ser feito para a honra de Deus. Por isso muitas donas de casa têm um cartaz acima da pia da cozinha: “Aqui – Culto diário”

Sempre que tivermos dúvidas, podemos seguir o conselho da mãe de John Wesley: “Se você quiser avaliar a legitimidade de algum divertimento, siga a regra: tudo o que enfraquece sua razão, que afeta a sensibilidade de sua consciência, que obscurece seu relacionamento com Deus ou tira a alegria das coisas espirituais; tudo o que acaba exigindo que seu corpo domine sobre seu espírito, é pecado”.

“...quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo” (Mateus 20.26-27).

O que é grandeza verdadeira? No reino deste mundo, grande é aquele que consegue posição de riqueza e poder. Possui um séquito de ajudantes e assistentes, todos treinados para executar suas ordens. É considerado VIP e recebe tratamento diferenciado onde quer que vá. É olhado com respeito e veneração por causa do cargo que ocupa. Jamais precisa se curvar para realizar qualquer trabalho humilde; sempre existe alguém para resolver as coisas em seu lugar.

Mas no reino de nosso Senhor as coisas são bem diferentes. Aqui, grandeza é medida na proporção em que servimos aos outros, não como somos servidos. Grande é o que se curva para ser escravo dos outros. Nenhuma tarefa é simples demais para ele. Não espera tratamento especial nem agradecimento. Quando um dos homens de George Washington viu que ele estava fazendo trabalho de mensageiro, dirigiu-se a ele dizendo: “General, o senhor é um homem grande demais para fazer uma coisa desse tipo”. Washington respondeu: “Oh não, eu tenho o tamanho exato para isso”.

Com relação a Lucas 17.7-10, Roy Hession nos lembra de que existem “cinco características de um escravo:

1. Ele deve estar disposto a receber uma tarefa depois da outra sem poupar a si mesmo.
2. Não deve esperar gratidão pelo que faz.
3. Depois de ter feito tudo, não pode dizer que seu senhor é egoísta.
4. Deve reconhecer que, na realidade, é um servo inútil.
5. Deve admitir que, se suportar e fizer com mansidão e humildade tudo o que lhe é ordenado, não terá feito um milímetro além da sua obrigação”.

Quando o Senhor Jesus deixou a suprema glória do céu para tornar-se Homem neste planeta, *“assumiu a forma de servo” (Filipenses 2.7)*. Esteve entre nós como servo (Lucas 22.27). Ele disse que *“o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20.28)*. Ele cingiu-se com uma toalha, que era o avental dos escravos e lavou os pés dos Seus discípulos (João 13.1-17).

“O servo não é maior do que seu senhor” (João 13.16). Se Jesus se rebaixou tanto para nos servir, por que achamos que servir aos outros está abaixo de nossa posição?

15 DE ABRIL

"...sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor" (Gálatas 5.13).

Alguém falou: "O egoísmo se acha grande e deixa que o sirvam; o amor serve e é grande".

Um conhecido cantor cristão deu seu testemunho a um vizinho de mesa no restaurante e teve a alegria de poder conduzi-lo ao Senhor. Nas semanas seguintes ele instruiu esse novo convertido no crescimento espiritual e no discipulado cristão. Então Fred, o recém-convertido, foi tomado por um câncer incurável e levado a um hospital para ser internado por tempo indeterminado. Infelizmente, ali os cuidados eram muito deficientes. O cantor – uma personalidade muito conhecida na mídia – visitava-o fielmente, trocava sua roupa de cama, dava banho, punha comida na boca do seu "Timóteo" e fazia muitas outras coisas que, na verdade, eram responsabilidade da equipe do hospital. Na noite em que Fred morreu, o cantor famoso o embalava em seus braços e sussurrava versículos bíblicos consoladores em seu ouvido. "...pelo amor, sirvam uns aos outros".

Muitas vezes, um dos mais graduados docentes de um seminário bíblico encontrava o banheiro masculino todo alagado depois da higiene matinal dos alunos. Ele limpava pacientemente as pias e se ajoelhava para enxugar o piso. Suas melhores lições não foram transmitidas exclusivamente em sala de aula. Os alunos sentiram-se humilhados e incentivados pelo exemplo do respeitado professor, que limpava o que eles sujavam. "...pelo amor, sirvam uns dos outros".

Nessa mesma escola bíblica um dos membros da equipe de basquete tinha um verdadeiro coração de servo. Depois do jogo, quando todos saíam correndo para chegar ao chuveiro antes dos outros, ele ficava no ginásio e arrumava as coisas para que no dia seguinte tudo estivesse no seu devido lugar. No egocentrismo dos outros ele encontrou a oportunidade de se identificar mais uma vez com o Senhor, o Servo de todos. "...pelo amor, sirvam uns dos outros".

Uma mulher crente de uma região rural da Turquia foi levada a Londres para doar um rim para seu filho doente. Ela achava que a doação do rim iria lhe custar a vida. Quando o médico inglês perguntou se ela realmente estava disposta a sacrificar um rim por seu filho, ela respondeu: "Estou pronta a sacrificar os dois rins". "...pelo amor, sirvam uns dos outros".

Em um mundo dominado pelo egoísmo, o caminho do serviço altruísta e da ajuda sacrificial não é exatamente um caminho superlotado. Cada novo dia oferece novas oportunidades para realizar inúmeras obras, grandes ou pequenas, de verdadeiro servir cristão.

"...como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos" (2 Coríntios 6.9).

A Bíblia está cheia de paradoxos, ou seja, de verdades que contradizem aquilo que normalmente esperaríamos, ou verdades que são aparentemente antagônicas. G.K. Chesterton dizia que um paradoxo é uma verdade que faz cambalhota para chamar à atenção.

Nós salvamos nossa vida ao perdê-la; perdemos nossa vida ao amá-la (Marcos 8.35).

Quando somos fracos é que somos fortes (2 Coríntios 12.10) e na nossa própria força somos fracos (João 15.5). Encontramos a verdadeira liberdade sendo escravos de Cristo, porém a escravidão, quando nos livramos de Seu jugo (Romanos 6.17-20). Encontramos mais alegria quando repartimos com os outros do que ganhando sempre mais. Ou, com as palavras do Senhor: *"Mais bem-aventurado é dar que receber"* (Atos 20.35). Multiplicamos o que temos quando dividimos generosamente e nos tornamos pobres quando guardamos tudo para nós mesmos (Provérbios 11.24).

Temos uma nova natureza, que não pode pecar (1 João 3.9) e mesmo assim tudo o que fazemos está manchado pelo pecado (1 João 1.8). Vencemos pela submissão (Gênesis 32.24-28) e somos derrotados pela soberba (1 Pedro 5.5c). Somos humilhados quando nos exaltamos, mas o Senhor nos exalta quando nos humilhamos (Lucas 14.11). Podemos possuir tudo e não ter nada; podemos ser pobres enriquecendo a muitos (2 Coríntios 6.10). Quando somos sábios, somos tolos, mas quando somos loucos por amor a Cristo, então somos verdadeiramente sábios (1 Coríntios 1.20-21). A vida de fé traz libertação do medo e da preocupação; a vida pelo que se vê traz medo e prejuízos causados por traças, ferrugem e ladrões (Mateus 6.19).

O poeta vê a vida cristã, do seu começo ao seu final, como um único grande paradoxo:

Como é curioso o caminho que alguém deve tomar,
como é tortuoso o caminho que deve trilhar.
Sua esperança e felicidade nascem do medo,
Entretanto, de um morto recebe a verdadeira vida.
Suas mais elevadas ambições precisam ser aniquiladas,
seus melhores planos frustrados;
não poderá ser plenamente salvo
até admitir que está completamente perdido.
Quando tudo isso estiver feito
quando seu coração estiver convicto
do pleno perdão dos seus pecados,
quando sua absolvição estiver selada,
quando sua paz estiver garantida,
a partir desse momento
começa sua verdadeira luta.

17 DE ABRIL

“Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chamais vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo” (Mateus 23.8-10).

O Senhor Jesus advertiu Seus discípulos em relação a títulos vistosos, que afagam o ego e colocam o eu no lugar da Trindade. Deus é nosso Pai, Cristo é nosso Mestre e o Espírito Santo é nosso Guia. Não deveríamos reivindicar esses títulos dentro da igreja. Naturalmente aqui no mundo temos um pai humano, no trabalho temos um mestre ou chefe e na escola temos professores que nos guiam. Mas na área espiritual as Pessoas da Trindade preenchem esses papéis e somente elas deveriam ser honradas com esses títulos.

Deus é nosso Pai no sentido de que é Ele quem nos dá a vida. Cristo é nosso Mestre porque pertencemos a Ele e estamos submissos à Sua direção. O Espírito Santo é nosso Guia porque é o autor da Sagrada Escritura e Aquele que a esclarece para nós; todo o nosso ensinar deve ser dirigido por Ele.

Como é curioso ver que até nos dias de hoje costumam ser distribuídos esses títulos nas igrejas, como se Cristo não tivesse ordenado evitá-los. Ainda se costuma chamar os sacerdotes de “padres” ou “monsenhores”. Nas áreas de domínio inglês se usa muito o título de “dominus” e muitos religiosos gostam de ser chamados de “reverendos”. Na verdade essa reverência deve ser tributada exclusivamente a Deus (Apocalipse 4.11; 5.9,12). O título de “doutor” vem do latim “docere”, “ensinar”. “Doutor”, portanto, significa mestre. Esse título, seja ele adquirido por meio do estudo ou de forma honorária, pode vir de uma instituição que representa um foco de incredulidade mais do que um bastião da fé cristã. Apesar disso, quando alguém com o título de “doutor” começa a fazer parte da nossa igreja local, imediatamente se pensa que suas palavras têm mais valor apenas devido ao seu título. Obviamente isso prescinde de qualquer fundamento. Um lixeiro encurvado, cheio do Espírito Santo, pode ser um canal que proclama as verdades divinas muito melhor do que um homem que possui muitos títulos e honrarias, mas não é espiritual.

Naturalmente esses títulos e designações são pertinentes na esfera secular. Nessa área é válido o princípio: *“...a quem honra, honra” (Romanos 13.7)*. Mas o princípio que se aplica à reunião dos irmãos em Cristo foi assentado pelo próprio Senhor quando disse: *“...vós todos sois irmãos” (Mateus 23.8)*.

"...agora, vemos como em espelho, obscuramente..." (1 Coríntios 13.12).

Poucas vezes em nossa experiência cristã essa verdade se torna tão real para nós como na ocasião em que nos reunimos na Ceia do Senhor para pensar nEle e em Sua morte por nós. *"Vemos como em espelho, obscuramente"*.

É como uma cortina, espessa e impenetrável. De um lado estamos nós, com todas as nossas limitações e restrições. Do outro lado encontra-se todo o grandioso drama da nossa salvação – Belém, Getsêmani, Gábara, Gólgota, o sepulcro vazio, o Cristo glorificado à direita de Deus. De alguma forma sentimos que tudo isso é infinitamente grande e poderoso e tentamos captar um pouco dessa magnitude, mas nos sentimos mais como torrões de terra do que seres vivos.

Na Ceia do Senhor tentamos compreender Seus sofrimentos por nossos pecados. Nosso espírito se esforça para interiorizar o pavor que Jesus deve ter sentido ao ser abandonado por Deus. Sabemos que Ele padeceu os sofrimentos que nós teríamos de padecer por toda a eternidade. Mesmo assim ficamos tão frustrados, uma vez que ainda há tanto a experimentar e sondar. Nos encontramos às margens de um oceano inexplorado!

Pensamos no amor, que enviou o que há de melhor no céu pelo que há de pior na terra. Ficamos tocados quando paramos para pensar que Deus enviou Seu Filho unigênito para o meio de uma selva de pecados, para buscar e salvar o que estava perdido. Mas estamos lidando com um amor que ultrapassa todo e qualquer entendimento. Reconhecemos apenas em parte.

Cantamos da graça do Senhor Jesus que, mesmo sendo rico, se fez pobre por amor de nós, para que, por sua pobreza, nos tornássemos ricos. É um milagre que deixa os anjos sem fala. Nossos olhos se esforçam para tentar enxergar toda a infinita dimensão de uma graça assim. Mas esse esforço é vão. Somos tolhidos por nossa visão humana tão estreita e limitada.

Sabemos que deveríamos ficar dominados pela admiração da obra de Cristo no Gólgota, mas curiosamente às vezes somos pouco tocados por isso. Se realmente penetrássemos naquilo que se encontra além do véu, nos desmancharíamos em lágrimas. Mesmo assim precisamos reconhecer:

Que milagre sou para mim mesmo,
ó querido Cordeiro que sangrou e morreu,
eu conseguir pensar sobre Teu mistério
sem ser movido a Te amar ainda mais.

Ou, nas palavras de outro poeta, digamos:
Acaso sou uma pedra e não um homem,
Para que eu pare junto à Tua cruz
Contando, gota a gota, Tua lenta perda de sangue
E ainda ficar sem chorar?

Como aconteceu com os discípulos de Emaús, nossos olhos estão como que impedidos de reconhecer a Jesus e de captar todo o significado do que Ele fez por nós. Esperamos com ardente ansiedade pelo momento em que o véu será afastado e então, com nosso olhar livre e desimpedido, perceberemos plenamente o significado, que transcende qualquer imaginação, do pão partido e do vinho derramado.

19 DE ABRIL

“Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 João 5.13).

Alguns de nós serão eternamente gratos a Deus por esse versículo, porque ele nos ensina que a certeza da salvação vem primeiro e, principalmente, por meio da Palavra de Deus e não pelos nossos sentimentos. A Bíblia foi escrita, dentre outras razões, para que os que crêem no nome do Filho de Deus possam saber que têm a vida eterna.

Podemos ser gratos porque a certeza não vem por meio das nossas emoções, já que elas mudam todos os dias. “Deus não espera que a alma diga: ‘Graças a Deus estou me sentindo tão bem’, mas Ele dirige nosso olhar em outra direção, a Jesus e à Sua Palavra”. Quando alguém perguntou certa vez a Martin Lutero: “Você sente que seus pecados foram perdoados?”, ele respondeu: “Não, mas estou tão certo disso como existe um Deus no céu. Os sentimentos vão e vêm e as emoções são enganosas. Minha garantia é a Palavra de Deus; nada além dela merece crédito”. C.I.Scofield nos lembra que a “justificação acontece nos pensamentos de Deus e não no sistema nervoso dos crentes”. H.A. Ironside costumava dizer: “Não sei que estou salvo porque me sinto feliz, mas me sinto feliz porque sei que estou salvo”. E era por meio da Palavra de Deus escrita que ele sabia que estava salvo.

Quando lemos que o Espírito Santo testifica juntamente com nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.16), então devemos levar em consideração que o Espírito Santo testifica principalmente através da Escritura. Por exemplo, em João 6.47 lemos: “*Quem crê em mim tem a vida eterna*”. Sabemos que nos confiamos a Cristo no que diz respeito à vida eterna; Ele é nossa única esperança de chegar ao céu. Por isso, através desse versículo, o Espírito de Deus testemunha-nos que somos filhos de Deus.

Naturalmente também existem outros meios de fortalecer a certeza da salvação. Sabemos que estamos salvos porque amamos os irmãos, porque odiamos o pecado e praticamos a justiça, porque amamos a Palavra de Deus e porque temos o desejo de orar. Mas o primeiro meio, o meio básico da certeza da salvação é a coisa mais garantida e confiável do universo: a Palavra de Deus. George Cutting, em sua conhecida brochura “Segurança, certeza e gozo da salvação”, expressiu-se assim: “O sangue nos deixa seguros; a Palavra nos dá certeza”.

"E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça" (Romanos 11.6).

Se alguém se basear claramente na doutrina da graça ainda nos primórdios de sua vida de fé será poupado de uma infinidade de problemas em sua vida futura. É muito importante e fundamental entender que a salvação é um dom gratuito da graça de Deus que é presenteado àqueles que o recebem não apenas sem merecer, mas que teriam merecido justamente o contrário. Não existe nada meritório que alguém possa fazer ou ser para adquirir a vida eterna. Ela é concedida de presente a todos aqueles que abrirem mão de qualquer idéia de merecimento próprio e que se apóiam total e exclusivamente nos méritos do Salvador.

Uma vez tendo reconhecido que a salvação é exclusivamente pela graça podemos ter certeza absoluta de estarmos salvos. Podemos saber que somos e estamos salvos. Se a salvação dependesse, mesmo que só um pouquinho, de nós ou de nossos miseráveis esforços, jamais estaríamos certos. Jamais saberíamos se fizemos as boas obras certas ou suficientes para estarmos salvos. Mas se a salvação depende exclusivamente da obra de Cristo, então não resta lugar para a dúvida que corrói.

O mesmo é válido para nossa segurança eterna de salvação. Se nossa segurança perene se baseasse, de alguma forma, em nossa própria capacidade de perseverar, talvez hoje estaríamos salvos e amanhã perdidos outra vez. Mas enquanto nossa segurança depender da capacidade de nosso Salvador de nos guardar, poderemos saber que estamos seguros para todo o sempre.

Quem vive debaixo da graça deixa de ser uma peça de xadrez nas mãos do pecado. O pecado domina os que se encontram sob a Lei, porque a Lei diz o que devem fazer sem lhes proporcionar a força para cumprir esses mandamentos. A graça, por sua vez, concede à pessoa uma posição perfeita diante de Deus, ensinando-a a viver de forma digna de sua vocação, capacitando-a por meio do Espírito Santo e ainda recompensando-a quando o faz.

Debaixo da graça nosso serviço torna-se um privilégio feliz, não uma obrigação legal. O crente é motivado pelo amor, não pelo medo. A lembrança de tudo o que o Senhor Jesus sofreu para nos trazer a salvação é o que motiva o pecador salvo a gastar sua vida em um ministério de serviço consagrado e dedicado.

A graça enriquece nossa vida ao nos conduzir à gratidão, ao louvor, à honra e à adoração a Deus. Saber quem é Jesus, saber que somos pecadores por natureza e na prática e conhecer tudo o que Ele fez por nós deixa nossos corações transbordar em amorosa adoração a Ele.

Não existe nada comparável à graça divina. Ela é a jóia da coroa de Suas virtudes. Enraíze-se profundamente na soberana graça de Deus e ela transformará toda a sua vida.

21 DE ABRIL

“O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém que for bem instruído será como o seu mestre” (Lucas 6.40).

Nessa passagem, o Senhor Jesus explica aos doze homens que Ele havia enviado a fazer discípulos que eles apenas poderiam esperar de seus futuros seguidores um crescimento espiritual proporcional ao que eles próprios tivessem alcançado. Em outras palavras, a medida de nossa influência positiva na vida de outras pessoas é limitada por aquilo que nós mesmos somos. O.L. Clark disse:

Você não pode ensinar o que você mesmo não sabe;
você não pode conduzir para onde nem você vai.

O Senhor sublinhou esse ensinamento por meio da história do cisco e da trave. Certo homem passava por uma eira quando um pé de vento jogou um cisquinho no seu olho. Ele esfregou, puxou a pálpebra superior e a inferior e tentou todos os bons conselhos de seus amigos para tirar o cisco de seu olho. Aí apareço eu no seu caminho com um poste de luz saltando de meu olho e digo: “Um momento, meu querido, eu ajudo você a retirar este átomo de seu olho”. Com sua cabeça levemente inclinada, desconfiado, ele fica me olhando com seu olho bom e diz: “Você não acha que seria mais coerente tirar primeiro o poste de seu próprio olho?”

Naturalmente, não posso ajudar alguém que luta com um pecado costumaz se eu mesmo estou ainda mais preso ao mesmo hábito. Não posso pressioná-lo a obedecer um mandamento explícito da Escritura se eu mesmo ainda sou desobediente a essa ordem do Senhor. Cada derrota espiritual em minha vida sela meus lábios na hora de querer ajudar alguém que se encontra em vias de cair nessa área.

Quando meu discípulo estiver “pronto”, ou seja, quando meu treinamento estiver concluído, não poderei esperar que ele seja um centímetro sequer maior do que minha própria estatura espiritual. Ele talvez cresça até minha própria grandeza, mas eu não poderei conduzi-lo além disso.

Mais uma vez, tudo isso nos mostra que temos de prestar atenção em nós mesmos. Nosso serviço é marcado por nosso caráter. O nosso ser interior conta muito. Talvez sejamos bons no falar, inteligentes e rápidos na argumentação, mas se houver pontos escuros na nossa vida, se houver áreas que negligenciamos ou onde somos desobedientes, todo nosso treinamento de discípulos nada mais será do que um cego guiando outros cegos.

“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Romanos 10.9).

Esse versículo tão popular das Escrituras se concentra em duas verdades básicas, tão difíceis de serem aceitas pelas pessoas perdidas – a encarnação e a ressurreição de Cristo. Mas sem aceitar essas doutrinas com tudo o que elas significam não existe salvação.

Primeiro precisamos confessar com nossa boca que Jesus é o Senhor, ou seja, que Aquele que nasceu na estrebaria de Belém não é outro senão o Deus revelado em carne. A divindade do Senhor Jesus é imprescindível para todo o plano de salvação.

Em segundo lugar, precisamos crer em nosso coração que Deus O ressuscitou dos mortos. Mas isso representa bem mais do que o simples fato da ressurreição. Inclui a realidade de que o Senhor Jesus morreu na cruz como nosso Substituto. Ele pagou o castigo pelos nossos pecados, Ele suportou a ira de Deus que nós teríamos de suportar por toda a eternidade. Então Deus O ressuscitou ao terceiro dia como prova de que aceitou plenamente o sacrifício de Cristo pelos nossos pecados.

Quando O recebemos como Senhor e Salvador em nossa vida somos salvos, diz a Bíblia.

Mas talvez alguém pergunte: “Por que nessa passagem a confissão vem antes da fé? Não devemos crer primeiro para depois testemunhar?”

No versículo 9 Paulo salienta a encarnação e a ressurreição e se reporta à seqüência histórica, à ordem em que as coisas aconteceram: primeiro a encarnação e 33 anos depois a ressurreição.

No versículo seguinte, ele coloca a fé antes da confissão: *“Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação”*. Aqui a ordem dos fatos segue a cronologia do nosso renascimento. Primeiro confiamos no Salvador e somos justificados. Então saímos para falar da salvação que recebemos.

O versículo de hoje tem em si uma simplicidade natural e um frescor atemporal.

23 DE ABRIL

“Salamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hebreus 13.13).

Primeiramente aprendemos com esse versículo que Cristo é o ponto central em redor de quem o Seu povo se reúne. Não nos unimos a uma denominação, a uma igreja, a um edifício ou a um grande pregador, mas a Cristo somente. *“...a ele obedecerão os povos” (Gênesis 49.10). “Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios” (Salmo 50.5).*

A segunda lição encontrada aqui é que devemos ir ao encontro dEle saindo do arraial. O arraial pode ser definido como “a totalidade dos sistemas terrenos-religiosos adequados ao homem natural”. É justamente na área religiosa que Cristo é desonrado e pisoteado. O arraial é o monstro pagão mascarado de cristianismo, *“que tem forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder”*. Cristo está fora e nós precisamos ir para fora também, até Ele.

Terceiro, ficamos sabendo que a reunião com Cristo exclusivamente fora do arraial traz vergonha consigo. Raramente os cristãos se dão conta de que a obediência ao Senhor, no que diz respeito à filiação a uma igreja, também vem acompanhada de vergonha. Muitas vezes a membresia a determinada igreja traz consigo certa dose de prestígio e status social. No entanto, quanto mais nos aproximamos do ideal neotestamentário, mais provavelmente compartilharemos da vergonha de Cristo. Você está pronto a pagar esse preço?

Ele me chamou para fora, o homem de vestes ensangüentadas,
e eu reconheci Sua voz – a voz do meu Senhor, o Crucificado;
Ele mostrou-se a mim e eu não pude ficar.
Simplesmente tive de segui-IO, tive de obedecê-IO.
Ele me rejeitou – o mundo, quando descobriu
que em meu coração rebelde coroei
O Homem que rejeitou, desprezou e assassinou,
que Deus elevou em poder maravilhoso para reinar.
E assim estamos fora do arraial, meu Senhor e eu,
mas Sua presença é mais bela do que qualquer laço humano
que um dia considerei maior do que Sua reivindicação;
Eu saí, não apenas do mundo, mas junto a Ele, em Seu nome.

“Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado” (1 Coríntios 3.17).

Nesse versículo, *“santuário de Deus”* refere-se à igreja local. Paulo não está falando aos crentes individualmente, mas à sua reunião quando diz: *“o santuário de Deus... sois vós”* (plural). Os santos em Corinto formavam um santuário de Deus.

Naturalmente também é verdade que cada crente é um templo do Espírito Santo. O apóstolo salienta essa verdade em 1 Coríntios 6.19: *“Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus e que não sois de vós mesmos?”* O Espírito Santo habita no corpo de cada filho de Deus.

No versículo de hoje é a Igreja que está em destaque. Paulo diz que aquele que destrói a igreja será, por sua vez, destruído por Deus. “Aqui a palavra ‘destruir’ significa arruinar uma igreja local, afastando-a de sua posição de vida santificada e da sã doutrina, em que ela deveria perseverar e significa a divina destruição do destruidor em retribuição ao estrago que fez” (W.E.Vine).

Nosso verso contém, portanto, uma séria advertência a não mexer nem causar dano a uma igreja local. Afinal, isso equivale a uma forma de auto-destruição. Mesmo assim os cristãos são extremamente reservados quando devem agir contra essas pessoas que destroem a igreja. Por exemplo, um homem não consegue impor sua vontade na reunião local. Ou ele se envolve em uma briga pessoal com outro irmão. Ao invés de resolver as coisas da forma bíblica, ele junta pessoas que se posicionam do seu lado e assim se forma um partido dentro da igreja. O caso se desenvolve de mal a pior e logo existe uma divisão aberta entre os membros dessa igreja.

Ou talvez seja uma irmã carnal que faz uma verdadeira campanha de fofoca e difamação contra outra pessoa. Sua língua caluniadora trabalha tanto até que a igreja toda está repleta de amargura e confusão. Ela não pára até que uma igreja, até então viva e crescente, se transforme num monte de ruínas.

Essas pessoas fazem um jogo muito perigoso. Elas não ficarão impunes. O grande Deus do universo está decidido a destruir aqueles que destroem a igreja. Esse é um alerta a todos que tendem ao partidarismo!

25 DE ABRIL

“Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento” (2 Coríntios 2.14).

Segundo a concepção geral, aqui Paulo estaria usando a ilustração de um general acabando de voltar de uma campanha vitoriosa e desfilando pelas ruas. O general lidera a parada triunfal e sente o prazer do sabor da vitória. Atrás dele vêm suas tropas exultantes. Depois delas vêm os prisioneiros de guerra, por quem espera a prisão e a escravidão, talvez até a morte. Ao longo de todo o caminho há barris de incenso queimando e enchendo o ar com seu perfume. Mas esse cheiro têm significados diferentes para pessoas diferentes, dependendo do lado em que estão. Aos que seguiram fielmente o seu general, o cheiro é de vitória. Para os prisioneiros, é o prenúncio de queda e vingança.

O caminho de um servo do Senhor apresenta diversos paralelos com essa ilustração. O Senhor sempre o conduz em triunfo. Mesmo que sua vitória nem sempre pareça uma vitória, continua sendo real o fato de encontrar-se do lado do Vencedor e que a obra de Deus jamais perecerá.

Onde quer que vá, um servo de Jesus traz consigo o bom perfume de Cristo. Mas esse perfume tem diferentes significados para pessoas diferentes. Para os que se submetem ao Senhor Jesus, é o perfume de vida eterna. Mas para os que rejeitam o Evangelho, é o cheiro de morte e destruição.

Nos dois casos Deus é glorificado. Ele é glorificado com a conversão do pecador arrependido. Mas Ele também é justificado ao rejeitar aqueles que se perdem. No juízo, diante do grande Trono Branco, quando os perdidos estiverem frente a frente com Jesus Cristo, não poderão atribuir a Deus qualquer culpa por seu terrível destino. Eles tiveram a chance de se salvar mas a recusaram.

No geral, avaliamos a eficácia do ministério cristão conforme a quantidade de pessoas conduzidas a Cristo. Mas talvez esse versículo contenha uma indicação de que seria igualmente correto avaliar o serviço conforme a quantidade de pessoas que rejeitaram o Evangelho depois de ouvi-lo de forma clara e cristalina, lançando-se assim no inferno.

Em ambos os casos Deus é glorificado. No primeiro caso, sobe até Ele a fragrância da graça, no segundo caso é o odor da justiça!

Que pensamento sério e solene! Não é em vão que o apóstolo pergunta no final: *“Quem é suficiente para estas coisas?”* *“Quem é competente para uma tarefa dessas?”* (ABV).

"Nunca me lavarás os pés" (João 13.8).

O Senhor acabara de cingir-se com uma toalha de linho e derramara água em uma bacia para lavar os pés dos Seus discípulos. Quando chegou a vez de Pedro, este reagiu recusando-se terminantemente: *"Nunca me lavarás os pés"*.

Por quê? Por que Pedro não queria aceitar do Senhor esse amoroso serviço? Por um lado, ele pode ter sentido toda a sua indignidade; ele não se considerava digno de ser servido pelo Senhor. Mas existe a possibilidade da reação de Pedro ter sido motivada por orgulho e independência. Ele não queria ser um receptor de assistência. Ele não queria depender da ajuda dos outros.

Essa mesma postura impede muitas pessoas de serem salvas. Elas querem merecer a salvação, mas consideram alguém de seu nível recebê-la como um dom gratuito da graça de Deus. Não querem ficar devendo nada a Deus. Mas "aquele que é orgulhoso demais para ter uma dívida eterna e infinita para com Deus jamais poderá tornar-se cristão" (James S. Stewart).

Esse verso também contém uma lição para os que já são cristãos. Todos nós conhecemos cristãos que são doadores quase compulsivos. Estão sempre fazendo alguma coisa pelos outros. Sua vida consiste unicamente em servir seus parentes e vizinhos. Sua liberalidade e disposição para ajudar merece muitos elogios. Mas todo esse ânimo tem um lado negativo! Eles jamais querem aceitar ajuda para si mesmos. Aprenderam a dar generosamente, mas não aprenderam a receber com gratidão. Gozam da bênção e da alegria de servir ao próximo mas privam os outros dessa mesma bênção.

Paulo mostrou-se um grato receptor das ofertas dos filipenses. Ele lhes escreveu cheio de gratidão: *"Não que eu procure o donativo, mas o que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito"* (Filipenses 4.17). Ele pensava mais na recompensa dos filipenses do que nas suas próprias necessidades.

"Conta-se que o bispo Westcott, no final da vida, afirmou ter cometido um grande erro. Pois enquanto ele sempre esteve disposto a ajudar os outros até os limites de sua capacidade, jamais esteve disposto a permitir que os outros fizessem alguma coisa por ele. Como consequência, em sua vida faltava um elemento de amorosidade e completude. Ele havia negligenciado o aprendizado de ser receptor de muitos gestos de bondade que não podem ser retribuídos" (J.O. Sanders).

Um poeta desconhecido resumiu com acerto:

Considero grande aquele que, por causa do amor,
consegue dar de coração grande e aberto;
mas quem consegue receber por causa do amor,
esse eu considero, creio eu, ainda maior.

“...e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor” (Atos 11.23).

Em muitos círculos cristãos existe a alarmante tendência de cortejar pessoas apenas porque são estudadas, mesmo que desonrem a pessoa de Cristo.

Por exemplo aquele escritor brilhante, mestre no uso de ilustrações, um comentarista cujos estudos lingüísticos são simplesmente excelentes, mas que nega o nascimento virginal de Jesus. Ele rejeita sumariamente os milagres de nosso Senhor. Rejeita a ressurreição física e literal de Cristo. Fala desdenhosamente de Jesus como se Ele fosse apenas alguém que deveria receber seu lugar na galeria dos heróis da humanidade. Para ele, Jesus é apenas mais um dentre muitos outros heróis. Isso naturalmente acaba levando à negação de que Jesus é o Filho de Deus e, para disfarçar, obviamente esse desmerecimento da Pessoa de Cristo vem acompanhado de uma pitada de elogios. Esse homem simplesmente não pertence ao Senhor.

Mas é chocante o quanto muitos cristãos defendem um homem desses por causa de sua brilhante erudição. De maneira iludida elogiam sua capacidade intelectual e menosprezam levemente sua postura herética acerca de Cristo. Gostam de citá-lo como reconhecida autoridade e de freqüentar os seus círculos intelectuais. Quando chamados à atenção por se irmanarem com inimigos da cruz de Cristo, usam linguagem ambígua para disfarçar seu erro que clama aos céus. Não raro ainda atacam outros crentes, cristãos fiéis à Bíblia por terem ousado levantar sua voz contra uma autoridade tão reconhecida.

É tempo de os cristãos voltarem a adquirir a noção de ira santa quando seu Senhor é traído. Não é hora de fazer compromissos e concessões nos átrios do conhecimento. A verdade acerca da pessoa e da obra de Cristo é irrenunciável. Precisamos lutar e tomar a nós a responsabilidade custe o que custar.

Os profetas não usaram palavras ambíguas quando estava em jogo a verdade divina. Eles eram fiéis a seu Senhor com destemida determinação e voltavam-se com cáustica precisão contra aqueles que ousassem negá-LO ou zombar dEle.

Os apóstolos também ficaram irados diante de qualquer tentativa de usurpar a honra do Senhor. Eles preferiram ser fiéis a Cristo ao invés de gozar de uma duvidosa fama no mundo teológico.

Os mártires preferiram morrer do que abrir mão de sua fidelidade ao Filho de Deus. Estavam mais interessados na aprovação divina do que no aplauso dos homens.

É responsabilidade nossa ser fiel ao Senhor em todas as coisas e rejeitar tudo o que é inimigo da cruz de Cristo, tudo o que não concede a Ele seu devido lugar de primazia absoluta.

“Ouví, filhos, a instrução do pai e estai atentos para conhecerdes o entendimento” (Provérbios 4.1).

Nos primeiros quatro versículos de Provérbios 4, Salomão escreve que os bons conselhos devem ser transmitidos de uma geração a outra. Ele relata como seu pai o ensinou e passa a exortar seu próprio filho a atentar aos bons ensinamentos e ao entendimento saudável.

É aconselhável que os jovens aprendam o máximo de seus pais no que diz respeito às coisas da vida prática. Mas na vida espiritual também seria válido todo jovem crente ter um pai espiritual – alguém a quem ele possa recorrer com suas dúvidas, alguém em quem confiar, alguém que dispõe de um rico tesouro de experiências e que, em situações problemáticas, dê sua opinião sincera e o ajude a ir em frente.

Crentes maduros e tementes a Deus adquiriram um rico tesouro em conhecimentos práticos para a vida de fé. Sem dúvida também experimentaram derrotas, mas extraíram delas valiosas lições e aprenderam como evitar o erro da próxima vez. Cristãos mais velhos conseguem ver um problema e reconhecer algum aspecto que muitas vezes passa despercebido às pessoas mais jovens. E eles aprenderam a pensar e agir de maneira equilibrada evitando extremos insensatos.

Um jovem e sábio “Timóteo” buscará o relacionamento com um “Paulo”, usufruindo de sua sabedoria e experiência de vida. Ele tentará evitar derrotas e reveses buscando primeiro o conselho de alguém que já passou pela mesma experiência. Ao invés de desprezar os mais velhos, honrará os que combateram o bom combate e mantiveram seu bom testemunho até à velhice.

No geral, santos idosos não tentarão se impor aos mais jovens. Eles sabem que nenhum conselho é tão mal recebido quanto um conselho não solicitado. Mas sempre que consultados, sentem-se gratos em poder partilhar as convicções que foram de grande ajuda em sua própria jornada.

Se um jovem tem problemas na área do sexo ou deseja saber qual é a vontade de Deus para sua vida, se almeja constituir família para a honra do Senhor ou se questiona se deve ir ao campo missionário, se precisa de apoio na área das finanças ou almeja uma vida de oração mais efetiva – sempre estará bem assessorado se buscar a ajuda de um líder espiritual que tenha a capacidade de iluminar seu problema à luz das Escrituras. Debaxo dos cabelos brancos muitas vezes repousa uma mina de ouro em sabedoria e conhecimento, que sente prazer em partilhar suas preciosidades com os mais jovens. Por que deveríamos aprender da forma mais difícil quando podemos tirar proveito do conhecimento e das experiências de outros?

29 DE ABRIL

“A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hebreus 11.1).

A fé é confiança incondicional na Palavra de Deus. É firmar-se na convicção de que Deus é digno de toda confiança. É a convicção de que aquilo que Deus diz é verdade sempre e de que tudo o que Ele promete, realmente acontece. A fé está voltada principalmente às coisas futuras (“que se esperam”) e à área do invisível (“fatos que não se vêem”).

Whittier (John Greenleaf, 1807-1892), *quaker* americano, contrário à escravidão e poeta, disse que “damos passos da fé no aparente nada e então sentimos a rocha que está por baixo”. Mas a fé não é assim! A fé não é um salto no escuro. Ela exige a mais garantida das provas – e a encontra na Palavra de Deus.

Muitas pessoas nutrem a errônea concepção de que basta crer intensamente em alguma coisa para que ela aconteça. Isso é ilusionismo (ou “pensamento positivo”), mas não é fé. A fé precisa de uma revelação de Deus em que se apoiar, uma promessa divina para se agarrar. Quando Deus promete alguma coisa, ela está tão garantida como se já tivesse acontecido. Quando Ele afirma algo acerca do futuro, então isso certamente acontecerá. Em outras palavras, a fé traz o futuro para o presente e torna visível o invisível.

Se cremos em Deus jamais corremos qualquer risco. Deus não pode mentir. Ele jamais enganaria e tampouco pode ser enganado. Crer em Deus é a coisa mais racional, mais segura e mais lógica que se pode fazer. O que é mais sensato do que a criatura acreditar no Criador?

A fé não está limitada ao âmbito das possibilidades, mas transpassa as fronteiras do impossível. Alguém declarou: “A fé começa onde acabam as possibilidades. Se algo é possível, nisso não reside uma honra especial a Deus. Se é impossível, então poderá acontecer”

Fé, grande fé!

A promessa vem

olhando só para Deus.

Impossibilidades, Jesus as vencerá!

Convenhamos, também existem dificuldades e problemas na vida de fé. Deus testa nossa fé na fornalha da angústia e das tentações para ver se ela é genuína (1 Pedro 1.7). Às vezes precisamos esperar muitos anos até vermos o cumprimento de Suas promessas e em alguns assuntos precisaremos esperar até estarmos com o Senhor. Mas “dificuldades são os nutrientes que alimentam a fé” (Georg Müller).

“Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11.6). Se nos negamos a crer em Deus, O chamamos de mentiroso (ver 1 João 5.10) e será que Deus se agradaria de pessoas que O chamassem de mentiroso?

“Se me amais, guardareis os meus andamentos” (João 14.15).

Mandamentos? No Novo Testamento? Sempre que as pessoas ouvem a palavra “mandamento” logo pensam em legalismo. Essas duas expressões, no entanto, não são sinônimas. Ninguém falou mais em mandamentos do que o Senhor Jesus e mesmo assim ninguém foi menos legalista do que Ele.

O que é legalismo? Mesmo que a palavra em si não apareça no Novo Testamento, ela descreve o incessante empenho do homem por merecer o favor de Deus. Em seu significado básico, legalismo descreve a tentativa de conseguir justificação ou santificação por meio do cumprimento de leis.

Mas hoje essa palavra é usada em um sentido diferente e muito mais amplo, ou seja, para descrever as regras e os preceitos considerados moralistas e inflexíveis. Qualquer tentativa de categorizar certa postura ou comportamento como sendo proibido logo recebe a etiqueta de “legalista”. Sim, agora a palavra “legalismo” está sendo usada como bordão adequado a derrubar quase todas as restrições e proibições que caracterizam uma postura cristã.

Mas como um cristão deveria proceder para evitar os riscos aliados a essa nova idéia de “legalismo”?

Primeiro, é verdade que um cristão está liberto da Lei, mas nos apressamos a acrescentar que ele não é sem Lei. Ele está debaixo da Lei de Cristo. Não deveria agir como bem entende, mas sempre de forma a agradar a Cristo.

Segundo, precisamos ter em mente que o Novo Testamento está repleto de mandamentos, inclusive com um número considerável de proibições e restrições. A diferença é que esses mandamentos não são dados como uma lei vinculada a um castigo, mas para o povo de Deus são ensinamentos na justiça.

Além disso, algumas coisas podem ser permitidas a um cristão, mas ainda assim não são proveitosas. Ou elas são permitidas, mas não devem nos dominar (1 Coríntios 6.12).

E possível que um cristão tenha a liberdade de fazer alguma coisa e ainda assim levar outro a cair por causa desse ato. Nesse caso é melhor se abster de fazer.

Apenas alguém considerar um mandamento “legalista” não significa que o mandamento seja ruim. Hoje se usa o termo “puritano” para condenar certas atitudes, mas a vida dos puritanos honrou muito mais a Cristo do que a vida de muitos de seus críticos.

Quando cristãos passam a denunciar como “legalistas” modelos de comportamento até então considerados bíblicos e no temor de Deus, muitas vezes isso é sinal de que eles mesmos perderam sua força moral, desarraigados de todas as suas âncoras morais e estão sendo arrastados pelo caudal do espírito da época em que vivem. São tão ingênuos a ponto de se iludir pensando que farão melhor figura se jogarem lama nos que eles chamam de “legalistas” e “puritanos”.

Nossa segurança reside em nos mantermos o mais próximo possível das doutrinas da Escritura e não ficar experimentando até que ponto podemos nos aproximar do abismo.

1º DE MAIO

*“Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”
(João 14.14).*

Deus responde orações. Ele as responde exatamente da mesma forma que responderíamos se tivéssemos sabedoria, amor e poder infinitos. Às vezes, Ele nos dá o que queremos; às vezes, algo melhor; mas sempre nos dá o que precisamos. Às vezes Ele responde nossas orações rapidamente e, às vezes, nos ensina a esperar pacientemente.

Deus responde orações; às vezes quando corações estão fracos,
Ele dá exatamente os presentes que Seus filhos buscam.
Mas com frequência a fé precisa aprender a descansar mais profundamente,

E confiar no silêncio de Deus quando Ele não fala;

Pois Ele, cujo nome é amor, enviará o melhor.

As estrelas podem se apagar, as paredes das montanhas podem ruir,

Mas Deus é verdadeiro, Suas promessas são certeza

Para aqueles que O buscam.

Há condições para a oração. Muitas vezes o que parece ser um cheque em branco (*“se me pedirdes alguma coisa”*) traz consigo algumas condições (*“em meu nome”*). Promessas individuais relacionadas à oração precisam ser consideradas à luz de outras passagens da Palavra a respeito deste assunto.

Há mistério na oração. É fácil pensar em todo tipo de pergunta sobre os “porquês” e “motivos”. Porém, em sua maioria, elas não são edificantes. É melhor orar e ver Deus agir do que resolver todos os mistérios relacionados à oração. Gosto do que o arcebispo Temple disse: “Quando eu oro, coincidências acontecem. Quando não oro, não”.

Quando oramos a Deus, em nome do Senhor Jesus, é como se Ele estivesse fazendo aqueles pedidos ao Pai. Isso é o que dá tanto significado e poder às nossas orações. E é por isso que jamais estaremos mais perto da onipotência do que quando oramos. Claro, jamais seremos onipotentes, mesmo na Eternidade. Mas, quando oramos em nome do Senhor Jesus, temos acesso a um poder infinito.

As melhores orações vêm de uma extrema necessidade interior. Isso significa que, quanto mais dependermos do Senhor, mais eficaz será nossa vida de oração.

Quando oramos, vemos acontecerem coisas que jamais seriam possíveis de acordo com as leis da probabilidade ou da sorte. Nossas vidas estão pulsando com o sobrenatural. Elas se tornam ativas com o Espírito Santo. E, quando tocamos outras vidas, algo divino acontece.

Devemos ser como o cristão que disse “eu meço minha influência pelo número de pessoas que precisa das minhas orações e que ora por mim”.

“Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mateus 4.23).

Um problema comum entre cristãos é manter o equilíbrio correto entre evangelismo e envolvimento social. Evangélicos são criticados, com frequência, por se preocuparem demais com as almas das pessoas e não se preocuparem o suficiente com seus corpos. Em outras palavras, eles não gastam tempo suficiente alimentando os pobres, vestindo os nus, curando os enfermos e educando os analfabetos.

Dizer algo contra qualquer um destes ministérios seria como criticar a maternidade. O Senhor Jesus certamente se preocupou com as necessidades físicas do homem e ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo. Historicamente, cristãos sempre estiveram à frente de causas compassivas.

No entanto, assim como em tantas outras áreas da vida, trata-se de uma questão de prioridades. O que é mais importante: o eterno ou o temporário? Avaliando-se a partir disso, o Evangelho é o principal. Jesus insinuou isso quando disse “A obra de Deus é esta: que creiais...” A doutrina vem antes do envolvimento social.

Alguns dos maiores problemas humanos são resultado de falsas religiões. Há, por exemplo, pessoas morrendo de fome que se recusam a matar uma vaca porque acreditam que um de seus parentes pode ter reencarnado nela. Quando outras nações enviam enormes carregamentos de grãos, ratos os aproveitam mais que pessoas, porque ninguém os mata. Estas pessoas estão acorrentadas a falsas religiões e Cristo é a resposta para seus problemas.

Ao tentar alcançar o equilíbrio correto entre evangelismo e serviço social, sempre há o perigo de se estar tão ocupado com “café e bolachas” que o Evangelho fica de fora. A história de instituições cristãs está cheia de exemplos assim, onde o bom se tornou inimigo do melhor.

Certas formas de envolvimento social são questionáveis, senão completamente fora de propósito. Cristãos jamais devem participar de tentativas revolucionárias de derrubar o governo. Não creio que devamos recorrer a processos políticos para corrigir injustiças sociais. Nem o Senhor nem os apóstolos o fizeram. Podemos fazer mais através da expansão do Evangelho que através da legislação.

Cristãos que abrem mão de tudo para seguir a Cristo, que vendem tudo para dar aos pobres, que abrem seus corações e carteiras quando vêem um caso genuíno de necessidade não precisam se preocupar com uma consciência pesada por indiferença social.

3 DE MAIO

“Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção” (Gálatas 6.8).

Ninguém pode pecar e escapar impune. As consequências do pecado são não apenas inescapáveis, mas também extremamente amargas. O pecado pode parecer um gatinho inofensivo, mas ele pode destruir como um leão impiedoso.

O suposto encanto do pecado recebe grande atenção. Raramente ouvimos falar do outro lado. Poucos deixam uma descrição de sua queda e subsequente miséria.

Um dos escritores mais brilhantes da Irlanda o fez. Este homem começou a envolver-se com terríveis maus hábitos. A coisa foi crescendo até que ele se emaranhou com processos judiciais e foi parar na prisão, onde escreveu o seguinte:

“Os deuses me haviam dado quase tudo. Eu tinha inteligência, um nome reconhecido, uma alta posição social, brilhantismo, ousadia intelectual: eu fiz da arte uma filosofia e da filosofia uma arte: alterei as mentes de homens e as cores das coisas: Não havia nada que eu fizesse ou dissesse que não levasse as pessoas a pensar... Tratei a arte como a realidade suprema e a vida como um simples hábito da ficção: despertei a imaginação do meu século ao ponto de criar mitos e lendas ao meu redor. Eu uni todos os sistemas em uma frase e toda a existência em um epigrama.

Ao mesmo tempo, experimentei coisas diferentes. Me deixei ser seduzido pelos longos encantos de um ócio sensual e insensato. Me diverti sendo um homem da moda. Cerquei-me de naturezas menores e de inteligências mediócras. Me tornei um esbanjador do meu próprio gênio e desperdiçar uma juventude eterna me dava uma alegria estranha. Cansado de estar nas alturas, eu fui deliberadamente às profundezas em busca de novas sensações. Em termos de paixão, a perversidade foi, para mim, o que o paradoxo era em termos de intelecto. Desejos, no final, foram doença ou loucura ou ambos. Me tornei indiferente quanto à vida dos outros. Obtinha prazer de onde me agradava e seguia em frente. Esqueci que cada ação do dia-a-dia constrói ou destrói o caráter e que, portanto, o que se faz nas câmaras secretas precisa um dia vir à luz... Acabei em uma horrível desgraça”.

O artigo onde ele escreveu a confissão acima leva um nome adequado – *De Profundis* – Das profundezas.

“Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte” (Provérbios 14.12).

No livro de Provérbios, vemos duas vezes (cap. 14.12 e 16.25) que o discernimento do homem, quanto ao caminho correto, não é confiável. O que lhe parece certo termina em desastre e morte.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Marinha norte-americana deu uma brilhante ilustração disso à sua tripulação de vôo. A Marinha estava tentando incutir a idéia neles de que, quando estavam voando em grandes altitudes sem usar seu oxigênio, não podiam confiar em seus sentidos. Um dos pilotos foi instruído a entrar em uma câmara de descompressão e sentar-se a uma mesa sobre a qual havia uma folha com exercícios matemáticos. O oxigênio foi diminuído na câmara para simular grandes altitudes. Quando o ar se tornou menos denso, o instruíram que resolvesse os exercícios. Também foi dito que ninguém o havia feito corretamente até aquele momento.

O piloto passou rapidamente pelos exercícios com total convicção de que havia derrotado o sistema. Os exercícios pareciam fáceis e ele tinha certeza de que receberia a nota máxima. Em sua mente não havia dúvida quanto a isso.

Porém, quando o oxigênio foi acionado novamente na câmara e ele se levantou para que corrigissem seus exercícios, descobriu que sua habilidade de resolver problemas havia sido seriamente prejudicada pela falta de oxigênio para o seu cérebro. A lição era, é claro, que, se ele voasse em grandes altitudes sem usar seu oxigênio, não poderia confiar em seu próprio discernimento e estaria praticamente esperando um acidente.

O discernimento humano foi seriamente prejudicado pelo pecado. Ele tem absoluta certeza de que a forma de chegar ao céu é dar o seu melhor. Se você lhe disser que ninguém jamais foi salvo por boas obras, ele ainda assim terá toda a certeza de ter vencido o sistema. Ele tem convicção de que Deus jamais o rejeitará nos portões do céu.

No entanto, ele está errado e, se persistir em sua falta de “oxigênio espiritual”, certamente morrerá. Sua segurança está em confiar na Palavra de Deus e não em seu próprio entendimento. Se ele o fizer, se arrependerá de seus pecados e receberá o Senhor Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador. Porque a Palavra de Deus é a verdade, aqueles que nela crêem podem ter a certeza de que estão seguindo a rota certa.

5 DE MAIO

“...como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura” (Hebreus 12.16).

Muitas vezes é possível trocar algumas das coisas mais importantes da vida por uma gratificação momentânea de apetite físico.

Foi isso que Esaú fez. Ele havia chegado do campo, cansado e com fome. Nesse momento, Jacó estava cozinhando um “ensopado vermelho”. Quando Esaú lhe pediu uma porção do ensopado, Jacó disse: “Claro, lhe dou se você, em troca, me vender seu direito de primogenitura”.

O direito de primogenitura era um privilégio valioso que pertencia ao filho mais velho de uma família. Era valioso, porque lhe dava o lugar de eventual líder da família ou tribo e o direito a uma porção dobrada da herança.

Naquele momento, no entanto, Esaú considerou o direito de primogenitura como algo sem valor. Para que serve um direito de primogenitura, ele pensou, para alguém tão faminto como eu? Sua fome parecia ser tão esmagadora que ele estava disposto a dar quase qualquer coisa para satisfazê-la. Para aplacar um apetite momentâneo, ele estava disposto a abrir mão de algo de valor duradouro. Então, ele aceitou o terrível negócio!

Um drama parecido é reencenado quase diariamente. Imagine um homem que tem dado um bom testemunho há anos. Ele tem o amor de sua família e o respeito de sua comunidade cristã. Quando fala, suas palavras transmitem autoridade espiritual e a bênção de Deus está sobre seu serviço. Ele é um cristão exemplar.

Chega, então, um momento de paixão ardente. Parece que ele está sendo consumido pelo fogo da tentação sexual. De repente nada parece ser tão importante quanto a satisfação desse impulso sexual. Ele renuncia à capacidade de raciocínio. Está disposto a abrir mão de tudo por essa união ilícita.

Então, ele toma essa decisão insana! Por aquele momento de paixão, ele troca a honra de Deus, seu próprio testemunho, a estima de sua família, o respeito de seus amigos e o poder de um caráter cristão aprovado. Ou, como Alexander Maclaren diz, “Ele se esquece de seu anseio por justiça, joga fora a alegria da comunhão divina; escurece sua alma; acaba com sua prosperidade; traz uma torrente de calamidades sobre sua cabeça pelo resto de seus anos; e faz de seu nome e sua religião um alvo do sarcasmo afiado de cada uma das próximas gerações de zombadores”.

Nas palavras clássicas da Bíblia, ele vende seu direito de primogenitura por um punhado de comida.

"Até quando terás pena de Saul, havendo-o eu rejeitado, para que não reine sobre Israel?" (1 Samuel 16.1).

Há um momento na vida em que precisamos parar com o luto pelo passado e continuar vivendo o presente.

Deus havia rejeitado Saul como rei. A ação fora decisiva, irreversível. Porém, Samuel teve dificuldade para aceitá-la. Ele havia tido uma grande ligação com Saul e, agora, chorava ao ver sua esperança frustrada. Ele continuou a lamentar uma perda que jamais seria reparada. Deus disse "Pare de lamentar. Vá ungir o sucessor de Saul. Meu plano não falhou. Tenho alguém melhor que Saul para subir ao palco da história de Israel".

Gostamos de imaginar que Samuel não apenas aprendeu a lição, mas também a passou a Davi, que tomou o lugar de Saul como rei. De qualquer forma, Davi demonstrou que havia aprendido bem a lição. Enquanto seu filho estava morrendo, ele jejuou e orou, esperando que Deus poupasse a criança. Porém, quando o menino morreu, Davi tomou banho, trocou de roupa, foi para o Tabernáculo para adorar e, então, comeu uma refeição. Aqueles que questionaram seu realismo, ele disse: *"agora que é morta [a criança], por que jejuaria eu? Poderei fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim"* (2 Samuel 12.23).

Isso fala também a nós quanto a nosso ministério e vida cristã. Às vezes pode acontecer de um ministério ser arrancado de nós e dado a alguém outro. Lamentamos a perda de uma maneira de servir.

Pode ser uma amizade ou relacionamento que se rompe e que, como resultado, a vida pareça vazia e monótona. Ou, ainda, podemos nos decepcionar brutalmente com alguém que nos era muito querido. Ficamos de luto pela morte de um relacionamento precioso.

É possível, também, que um grande sonho se despedace ou que uma grande ambição seja frustrada. Lamentamos a morte de uma nobre visão ou desejo.

Não há nada de errado em lamentar, mas isso não deve ser prolongado ao ponto de enfraquecer nossa capacidade de lidar com os desafios que se apresentam.

Stanley Jones disse que tinha como alvo "recuperar-se em uma hora" das tristezas e golpes da vida. Uma hora pode não ser o suficiente para a maioria de nós, mas não podemos ficar inconsoláveis para sempre por circunstâncias que não podem ser mudadas.

7 DE MAIO

"...ele tem cuidado de vós" (1 Pedro 5.7).

A Bíblia está relativamente cheia de sinais do cuidado maravilhoso de Deus com Seu povo. Durante a jornada de quarenta anos vagando pelo deserto, o povo comeu comida do céu (Êxodo 16.4), teve um estoque inesgotável de água (1 Coríntios 10.4) e foi equipado com sapatos que nunca se desgastavam (Deuteronômio 29.5).

A mesma coisa acontece na nossa jornada pelo deserto. Para prová-lo, nosso Senhor nos lembra de que Seu cuidado por nós é muito mais que pelos pássaros, flores e animais. Ele fala dos pardais, por exemplo. Ele provê sua comida (Mateus 6.26). Nenhum deles é esquecido por Deus (Lucas 12.6). Nenhum deles cai ao chão sem o conhecimento d'Ele (Mateus 10.29), ou, como H. A. Ironside afirmou, "Deus vai ao funeral de cada pardal". A moral da história, claro, é que somos muito mais valiosos para Ele do que muitos pardais (Mateus 10.31).

Se Ele veste os lírios do campo com mais beleza que Salomão jamais usou, vestirá muito mais a nós (Mateus 6.3). Se Ele supre os bois, quanto mais suprirá nossas necessidades (1 Coríntios 9.9).

Como nosso Sumo-Sacerdote, o Senhor Jesus leva nossos nomes sobre Seus ombros – lugar da força (Êxodo 28.9-12) e em seu peito – lugar da afeição (Êxodo 28.15-21). Nossos nomes também estão gravados nas palmas de Suas mãos (Isaías 49.16), um fato que inevitavelmente nos lembra das feridas dos pregos que ele suportou por nós no Calvário.

Ele sabe o número exato de cabelos em nossa cabeça (Mateus 10.30). Numera cada vez que nos debatemos à noite e anota cada lágrima em Seu livro (Salmo 56.8).

Quem quer que toque o Seu povo, toca a menina dos Seus olhos (Zacarias 2.8). Nenhuma arma forjada contra nós prevalecerá (Isaías 54.17).

Enquanto os pagãos carregam seus deuses sobre seus ombros (Isaías 46.7), nosso Deus carrega Seu povo (Isaías 46.4).

Quando passamos pela água, por rios ou pelo fogo, Ele está conosco (Isaías 43.2). Ele se aflige em todas as nossas aflições (Isaías 63.9).

Aquele que nos protege não descansa nem dorme (Salmo 121.3-4). Alguém chamou essa característica de Deus de "a insônia divina".

O Bom Pastor, que deu Sua vida por nós, não nos recusará nenhum bem (João 10.11; Salmo 84.11; Romanos 8.32).

Ele cuida de nós do começo ao fim do ano (Deuteronômio 11.12). Nos sustenta, até mesmo na velhice (Isaías 46.4). Na verdade, Ele nunca nos deixará ou abandonará (Hebreus 13.5). Deus realmente se importa conosco!

"...dar-te-ei os tesouros escondidos e as riquezas encobertas..." (Isaías 45.3).

Quando Deus fez essa promessa a Ciro, Ele estava falando de tesouros escondidos de terras que Ciro conquistaria. Mas não estamos prejudicando o versículo ao aplicá-lo no sentido espiritual.

Há tesouros que são descobertos nas noites escuras da vida e que jamais são encontrados em dias de sol.

Por exemplo, Deus dá canções na noite mais escura (Jó 35.10) que jamais seriam cantadas se a vida fosse completamente livre de dificuldades. Foi por isso que o poeta escreveu:

E muitos dos encantadores menestréis
Entre os filhos da luz
Dirão de suas canções
"A aprendi durante a noite";
E muitos dos ressoantes hinos
Que enchem a casa do Pai
Soluçaram seus primeiros ensaios
Nas sombras de uma sala escura.

Há as trevas do que J. Stuart Holden chama de "os mistérios inexplicáveis da vida – as calamidades, as catástrofes, as experiências repentinas e inesperadas que ganham vida e que nem mesmo toda nossa prevenção pôde evitar; e a vida escurece por causa delas – tristeza, perda, decepção, injustiça, desentendimento, difamação". Essas, freqüentemente, são as coisas que escurecem nossas vidas.

Falando humanamente, nenhum de nós escolheria essas trevas e, no entanto, seus benefícios são incalculáveis. Leslie Weatherhead escreveu: "Assim como todos os homens, eu amo e prefiro planaltos ensolarados de experiências onde saúde, felicidade e sucesso são abundantes, mas aprendi muito mais sobre Deus, sobre a vida e sobre mim na escuridão do medo e do fracasso do que jamais aprendi ao sol. Há tesouros nas trevas. As trevas, graças a Deus, passam. Mas o que se aprende na escuridão se guarda para sempre".

9 DE MAIO

"...a jovem que é da terra de Israel" (2 Reis 5.4).

Não precisamos ter nossos nomes reconhecidos para realizar grandes feitos para Deus. Na verdade, algumas das pessoas da Bíblia que ganharam fama eterna não são sequer identificadas por nome.

Há os três homens que trouxeram água para Davi do poço de Belém (2 Samuel 23.13-17), por exemplo. Davi achou esta expressão de devoção algo tão notável que não bebeu a água, mas derramou-a como uma oferta ao Senhor. Porém, os homens não são nomeados.

Não sabemos o nome da generosa mulher de Suném (2 Reis 4.8-17) mas ela sempre será lembrada por construir um quarto para o profeta Eliseu.

Foi uma serva judia, anônima, quem deu o conselho que enviou Naamã a Eliseu para ser curado de lepra (2 Reis 5.3-14). Deus sabe o seu nome e isso é tudo o que importa.

Quem era a mulher que ungiu a cabeça de Jesus (Mateus 26.6-13)? Mateus não nos dá seu nome, mas sua fama é anunciada nas palavras do nosso Senhor, *"Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua"* (v. 13).

A pobre viúva que pôs suas duas pequeninas moedas na caixa de ofertas é outra dos "desconhecidos de Deus" (Lucas 21.2). Ela ilustra a verdade de que é maravilhoso o quanto se pode dar a Deus quando não ligamos para quem ganha o crédito.

Há também, é claro, o rapaz que deu seus cinco pães e dois peixes ao Senhor e os viu serem multiplicados para alimentar 5.000 homens, além de mulheres e crianças (João 6.9). Não sabemos seu nome, mas o que ele fez jamais será esquecido.

Uma última ilustração! Paulo enviou dois irmãos a Corinto com Tito, em uma tarefa ligada à coleta para os santos pobres de Jerusalém. Ele não nos dá seus nomes, mas os elogia, chamando-os de mensageiros das igrejas e glória de Cristo (2 Coríntios 8.23).

Enquanto Gray olhava para as lápides de pessoas desconhecidas, no cemitério de uma igreja de uma cidade pequena, ele escreveu:

Muitas flores nascem para florescer sem serem vistas,
E desperdiçam sua doçura no ar do deserto.

Com Deus, no entanto, nada é desperdiçado. Ele sabe o nome de todos aqueles que O servem anonimamente e os recompensará de maneira digna de Si mesmo.

"pois não lhe [satanás] ignoramos os desígnios" (2 Coríntios 2.11).

É importante conhecer os artifícios do nosso inimigo, o Diabo. Do contrário, ele provavelmente terá vantagem sobre nós.

Devemos saber que ele é um mentiroso e o foi desde o princípio. Na verdade, ele é o pai da mentira (João 8.44). Ele mentiu para Éva, distorcendo o que Deus havia dito e o tem feito desde então.

Ele é um enganador (Apocalipse 20.10). Mistura um pouquinho de verdade com mentiras e imita ou falsifica tudo o que vem de Deus. Ele se apresenta como um anjo de luz e envia seus mensageiros como ministros da justiça (2 Coríntios 11.14-15). Ele engana fazendo grandes sinais e maravilhas mentirosas (2 Tessalonicenses 2.9) e corrompe as mentes das pessoas (2 Coríntios 11.3).

Satanás é um destruidor assassino (João 8.44; 10.10). Seu alvo e o alvo de todos os seus demônios é destruir. Não há exceções a este fato. Como um leão, rugindo, ele anda procurando a quem possa devorar (1 Pedro 5.8). Ele persegue o povo de Deus (Apocalipse 2.10) e destrói seus próprios escravos com drogas, demonismo, álcool, imoralidade e hábitos igualmente condenáveis.

Ele é o acusador dos irmãos (Apocalipse 12.10). A palavra "diabo" (do grego *diabolos*) significa acusador ou difamador e, assim como seu nome, ele também o é. Todos aqueles que difamam irmãos estão fazendo a obra do Diabo.

Ele semeia desânimo. Paulo alertou os coríntios de que, se eles não perdoassem o apóstata arrependido, Satanás poderia ganhar vantagem ao dominá-lo por excessiva tristeza (2 Coríntios 2.7-11).

Assim como Satanás, falando através de Pedro, tentou dissuadir Jesus de ir até a cruz (Marcos 8.31-33), ele também encoraja cristãos a pouparem-se da vergonha e sofrimento de carregar a sua cruz.

Uma das estratégias preferidas do Diabo é dividir para conquistar. Ele procura semear discórdia e contendas entre os santos, sabendo que "se uma casa estiver dividida contra si mesmo, tal casa não poderá subsistir". Infelizmente ele tem sido muito bem-sucedido nessa estratégia.

Ele cega as mentes dos descrentes para que a luz do Evangelho da glória de Cristo não brilhe sobre eles e não sejam salvos (2 Coríntios 4.4). Ele os cega com entretenimento, falsas religiões, procrastinação e orgulho. Ele os ocupa com sentimentos ao invés de fatos e consigo mesmos ao invés de Cristo.

Por fim, Satanás ataca logo depois de grandes vitórias espirituais ou experiências muito empolgantes, quando o perigo do orgulho é maior. Ele procura uma falha em nossa armadura e atira diretamente ali.

A melhor defesa contra o Diabo é viver em comunhão direta com o Senhor, cobertos pela armadura de um caráter santo.

11 DE MAIO

“Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha, nem foi para o cativo; por isso, conservou o seu sabor e o seu aroma não se alterou” (Jeremias 48.11).

Jeremias usa aqui uma ilustração da arte da vinicultura para nos ensinar que uma vida de conforto não produz força de caráter.

Sempre que o vinho está sendo fermentado em barris ou tonéis, sedimentos ou resíduos se juntam no fundo. Se o vinho foi deixado inalterado, ele se torna intragável. Então o vinicultor precisa passar o vinho de recipiente em recipiente, eliminando os resíduos e impurezas. Ao fazê-lo, o vinho se concentra e desenvolve aroma, cor e sabor.

Moabe vivia uma vida de conforto. Ele nunca havia sofrido o rompimento de ser mandado para o cativo. Ele havia se isolado de problemas, dificuldades e privações. O resultado foi que sua vida era maçante e insípida, lhe faltava fragrância e sabor.

As verdades sobre o vinho se aplicam também a nós. Precisamos de rompimentos, oposições, dificuldades e perturbações para nos livrar de impurezas e desenvolver as virtudes de uma vida cheia de Cristo.

Nossa tendência natural é nos protegermos de qualquer coisa que nos incomode. Lutamos constantemente para nos aconchegar.

Porém, a vontade de Deus para nós é que nossas vidas sejam uma perpétua crise de dependência dEle. Ele está sempre tumultuando o ninho.

Na biografia de Hudson Taylor, a Sra. Howard Taylor escreveu: “A vida, feita para ser uma bênção para o mundo todo, precisa passar por um processo muito diferente [diferente, por exemplo, de deixar-se sedimentar], incluindo bastante do esvaziar contínuo “de vasilha para vasilha”, tão doloroso à natureza deficiente da qual estamos sendo refinados”.

Quando percebemos o que o Divino Vinicultor quer fazer em nossas vidas, isso nos protege da rebeldia e nos ensina submissão e dependência. Aprendemos a dizer:

Deixe que Seu controle soberano
Escolha e comande;
Então reconhecerás maravilhado Seu caminho,
Quão sábio, quão forte é Sua mão.
Muito acima do teu pensamento
Seu conselho aparecerá,
Quando Ele tiver completado totalmente a obra
Que causava teu desnecessário medo.

“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (1 Coríntios 1.21).

Algumas pessoas da igreja de Corinto estavam tentando tornar o Evangelho respeitável intelectualmente. Sua preocupação com a sabedoria deste mundo as tornou sensíveis aos aspectos da mensagem cristã que eram ofensivos aos filósofos.

Não consideravam a questão de abandonar a fé, apenas de redefini-la de forma que se tornasse mais agradável aos estudiosos.

Paulo os repreendeu severamente por sua tentativa de unir a sabedoria do mundo à de Deus. Ele sabia muito bem que alcançar *status* intelectual resultaria em uma perda de poder espiritual.

Sejamos realistas: Há partes da mensagem cristã que são escandalosas para judeus e tolas para gentios. Não só isso – a maioria dos cristãos não é o que o mundo chamaria de sábios, poderosos ou nobres. Mais cedo ou mais tarde temos que encarar o fato de que, ao invés de pertencer ao grupo dos intelectuais, somos tolos, fracos, comuns, desprezados – na verdade, no que diz respeito ao mundo, somos “ninguém”.

No entanto, a maravilha é que Deus usa essa mensagem, que parece ser tola, para salvar aqueles que crêem. E Deus usa os “ninguém” como nós para cumprir seus propósitos. Ao escolher instrumentos tão pouco promissores, Ele confunde toda a pompa e pretensão deste mundo, elimina qualquer possibilidade de orgulho de nossa parte e garante que somente Ele ganhe o crédito.

Com isso, não quero dizer que não há lugar para intelectualidade. Claro que há. Porém, a menos que essa intelectualidade seja unida a uma espiritualidade profunda, ela se torna algo mortal e perigoso. Quando o intelectualismo decide julgar a Palavra de Deus, afirmando, por exemplo, que alguns autores usaram fontes mais confiáveis que outros, ele representa um afastamento da verdade de Deus. E, quando buscamos a aprovação de intelectuais assim, ficamos vulneráveis a heresias.

Paulo não foi aos coríntios com um discurso ou saber excelentes. Ele estava determinado a não fazer saber nada entre eles, a não ser Jesus Cristo e este crucificado. Ele sabia que o poder estava na apresentação simples e direta do Evangelho, não na preocupação com problemas enrolados ou teorias inúteis, ou no louvor ao intelectualismo.

13 DE MAIO

“Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho e fosse afogado na profundidade do mar” (Mateus 18.6).

Seria difícil imaginar um método mais eficiente e à prova de acidentes que esse para afogar-se. A pedra de moinho, aqui, não é a pedra pequena que era operada à mão, mas a grande, girada por um jumento. Ter uma pedra de moinho como esta amarrada ao seu pescoço significaria um afogamento rápido e inescapável.

A princípio podemos ficar chocados com a veemência das palavras do Salvador. Ele parece reagir fortemente e com uma condenação incomum contra o pecado de ofender um pequenino. O que será que provoca tanta ira?

Vejamos uma ilustração! Imaginemos um ministro do Evangelho que tem uma fila constante de pessoas lhe pedindo aconselhamento. Entre eles, está um jovem dominado por certo pecado sexual. Este jovem precisa de ajuda – desesperadamente. Ele (ou ela) olha para o ministro como alguém em quem pode confiar, alguém que o ajudará a encontrar libertação. Porém, ao invés disso, o ministro se vê inflamado de paixão, faz propostas indecentes e logo leva seu aconselhado de volta à imoralidade. O jovem é destruído por essa traição de confiança e fica completamente desiludido com o mundo religioso. É possível que ele fique espiritualmente aleijado pelo resto de sua vida.

Em outra situação, o ofensor pode ser um professor de universidade que se empenha incansavelmente em roubar qualquer porção de fé que seus alunos tenham. Ao semear dúvidas e negações, ele mina a autoridade da Palavra e ataca a Pessoa do nosso Senhor.

Pode ser, também, um cristão cujo comportamento leva um jovem cristão a tropeçar. Ao cruzar a fina linha entre a liberdade e seu abuso, ele é visto envolvido com atividades questionáveis. O jovem cristão interpreta seu comportamento como uma conduta aceitável a cristãos e deixa o caminho de santidade para mergulhar em uma vida mundana e de complacência.

Devíamos ser seriamente alertados pelas palavras do Salvador de que é algo tremendamente sério contribuir para a delinquência ética, moral ou espiritual de um menor que pertence a Ele. É melhor afogar-se literalmente em água do que afogar-se em um mar de culpa, desgraça e remorso por fazer com que um dos Seus pequeninos caia em pecado.

"nem sequer se nomeiem entre vós ...nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes" (Efésios 5.3-4).

A chocarrice ou futilidade excessiva deve ser evitada porque resulta inevitavelmente em um esvaziamento de poder espiritual.

Pregadores lidam com questões sérias, vida e morte, tempo e eternidade. Podem pregar uma mensagem brilhante, mas se houver humor desmedido, as pessoas tendem a lembrar-se das piadas e esquecer-se do resto.

Muitas vezes, o poder de uma mensagem pode se dissipar nas conversas banais que a seguem. Um apelo solene do Evangelho pode resultar numa sensação da eternidade no encontro. No entanto, quando as pessoas se levantam para sair, começa o murmúrio do bate-papo. Elas conversam sobre os resultados dos jogos de futebol ou as atividades do dia. O fato de o Espírito se entristecer e de não acontecer nada da parte de Deus, não deveria nos surpreender.

Cristãos mais velhos, que estão sempre contando piadas, têm pouco impacto espiritual real sobre os jovens que neles se inspiram. Eles podem pensar que seu senso de humor os ajuda a fazer amizade com os jovens, mas a verdade é que estes ficam grandemente decepcionados e desiludidos.

Uma forma especialmente prejudicial de futilidade é fazer trocadilhos com a Bíblia, usando passagens da Palavra para gerar riso ao invés de mudança de vida. Sempre que fazemos um trocadilho com a Bíblia rebaixamos sua autoridade sobre nossas vidas e as vidas de outros.

Isso não significa que cristãos precisam ser melancólicos e taciturnos, sem uma pitada de humor. Ao contrário, significa que devem controlar seu humor para que ele não anule a mensagem.

Kierkegaard nos conta de um palhaço de circo que chegou correndo a uma cidade, gritando que a tenda do circo, perto dali, estava em chamas. As pessoas ouviram seus gritos e deram gargalhadas. Ele fazia tanta palhaçada que havia perdido a credibilidade.

Charles Simeon tinha um quadro de Henry Martyn em seu escritório. Onde quer que Simeon estivesse na sala, parecia que Martyn o estava seguindo com o olhar e dizendo "Seja diligente, seja diligente; não fique brincando, não fique brincando". E Simeon respondia: "Sim, serei diligente; serei, serei diligente; Não ficarei brincando, porque almas estão perecendo e Jesus deve ser glorificado".

15 DE MAIO

"Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador" (1 Coríntios 10.10).

Os israelitas sofriam de reclamação crônica durante sua peregrinação pelo deserto. Reclamavam da provisão de água. Reclamavam da provisão de comida. Reclamavam de seus líderes. Quando Deus lhes enviou maná do céu, eles rapidamente se cansaram e passaram a ansiar pelo alho e pelas cebolas do Egito. Embora não houvesse mercados com comida ou lojas de sapatos no deserto, Deus lhes proveu com um estoque infalível de comida por quarenta anos e com sapatos que nunca se desgastavam. Porém, ao invés de serem gratos por essas provisões miraculosas, os israelitas reclamavam sem parar.

Os tempos não mudaram. Os homens hoje reclamam do clima: está sempre quente demais ou frio demais ou úmido demais ou seco demais. Reclamam da comida, como o caldo de carne que ficou grosso demais ou as torradas queimadas. Reclamam de seu trabalho, de seus salários e, então, do desemprego, se não têm nenhum dos dois. Encontram problemas no governo e em seus impostos, enquanto exigem, ao mesmo tempo, benefícios e serviços cada vez melhores. Ficam infelizes com as outras pessoas, com seus carros, com o atendimento no restaurante. Reclamam de pequenas dores e desejam ser mais altos, mais magros, mais bonitos. Não importa o quanto Deus tem sido bom com eles, continuam dizendo: "O que Ele tem feito por mim ultimamente?"

Deve ser um desafio para Deus ter gente como nós em Suas mãos. Ele tem sido tão bom conosco, nos provendo não apenas com as necessidades da vida, mas com luxos de que seu Filho não desfrutou quando esteve na terra. Temos boa comida, água pura, casas confortáveis, roupas em abundância. Temos visão, audição, paladar, memória e tantas outras misericórdias que não valorizamos o suficiente. Ele tem nos protegido, nos guiado, nos sustentado. Acima de tudo, Ele nos deu vida eterna através da fé no Senhor Jesus Cristo. E como Lhe agradecemos? Por vezes até demais Ele não ouve nada além de uma longa lista de reclamações.

Eu tinha um amigo em Chicago, há anos atrás, que tinha uma boa resposta para a pergunta "Como vai?". Ele sempre respondia: "Seria um pecado reclamar". Frequentemente penso nisso quando me sinto tentado a murmurar. É pecado reclamar. O antídoto para a reclamação é gratidão. Quando nos lembramos de tudo o que o Senhor fez por nós, percebemos que não temos razão para reclamar.

"Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (1 João 2.15).

O mundo é apresentado no Novo Testamento como um reino que se opõe a Deus. Satanás é seu soberano e todos os não crentes são seus súditos. Este reino atrai os homens através da cobiça dos olhos e da carne e da soberba da vida. É uma sociedade na qual o homem tenta ser feliz sem Deus e onde o nome de Cristo não é bem vindo. O Dr. Gleason L. Archer Jr. afirma que o mundo é "o sistema organizado de rebelião, de egoísmo e de inimizade para com Deus que caracteriza a raça humana em oposição a Deus".

O mundo tem suas próprias formas de entretenimento, sua política, arte, música, religião, jeito de pensar e estilo de vida. Ele busca forçar todos a se conformarem e odeia aqueles que se recusam fazê-lo. Isto explica seu ódio contra o Senhor Jesus.

Cristo morreu para nos libertar do mundo. Agora, o mundo está crucificado para nós e nós para ele. Para cristãos, amar o mundo em qualquer uma de suas formas é indiscutivelmente traição. Na verdade, o apóstolo João diz que aqueles que amam o mundo são inimigos de Deus.

Cristãos não são parte deste mundo, mas são enviados a ele para testemunhar contra o mundo, para denunciar suas obras como más e para pregar a salvação através da fé no Senhor Jesus Cristo.

Cristãos são chamados a caminhar separados do mundo. No passado, isto foi estritamente limitado a dançar, ir ao cinema, fumar, beber, jogar cartas e apostar. Porém, inclui muito mais que isso. Muito do que passa na TV é mundano, apelando à cobiça dos olhos e da carne. Orgulho é algo mundano, quer seja orgulho de títulos, de diplomas, de salários, de herança ou de um grande nome. Uma vida luxuosa é mundana, seja em casas suntuosas, comidas exóticas, roupas e jóias para chamar à atenção ou carros de prestígio, bem como uma vida de conforto e prazer gasta em cruzeiros marítimos, esbanjamentos em compras, esportes e recreação. Nossas ambições pessoais e para nossos filhos podem ser mundanas, mesmo quando parecem ser espirituais e virtuosas. Por fim, sexo fora do casamento também é uma forma de mundanismo.

Quanto mais consagrados formos ao Senhor e quanto mais entregues formos a Ele, menos tempo teremos para os prazeres e distrações mundanas. C. Stacey Woods disse: "O cumprimento da nossa devoção a Cristo é o cumprimento da nossa distância do mundo".

Somos apenas estrangeiros aqui, não almejamos
Uma casa na terra, que Lhe deu apenas um túmulo;
Tua cruz rompeu os nós que nos prendiam aqui,
Tu és nosso tesouro em um nível mais luminoso.

J. G. Deck

17 DE MAIO

"Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei" (Filipenses 1.18).

É comum, entre os homens, o defeito de não reconhecer mérito algum fora do círculo pessoal de cada um. É como se tivessem um monopólio da excelência e se recusassem a admitir que alguém mais consiga fazer ou ser algo que sequer se compare. Eles nos lembram dos adesivos que diziam "Eu estou bem e você, mais ou menos". E mesmo isso já seria uma afirmação relutante para alguns deles.

Sua igreja é a única certa. Seu serviço para o Senhor é o que realmente importa. Suas perspectivas sobre qualquer assunto são as únicas competentes. Eles são "os caras" e a sabedoria morrerá com eles.

Paulo não fazia parte deste grupo. Ele reconhecia que outros também estavam pregando o Evangelho. Realmente, alguns o estavam fazendo por inveja, tentando irritá-lo. No entanto, ele ainda assim lhes dava mérito por estarem proclamando o Evangelho e ainda assim se alegrava porque Cristo estava sendo pregado.

Em seus comentários sobre as Epístolas Pastorais, Donald Guthrie escreveu: "É preciso muita graça para que pensadores independentes reconheçam que a verdade pode fluir por outros canais além dos seus".

Líderes que afirmam ter a última palavra a respeito de qualquer questão de fé ou moral demonstram um traço característico de seitas. Eles exigem obediência incondicional às suas decisões e buscam isolar seus seguidores de contato com visões dissidentes.

Na introdução (raramente lida) da versão King James da Bíblia, os tradutores escreveram a respeito de "irmãos convencidos que seguem seus próprios caminhos e não dão ouvidos a nada além do que aquilo que foi concebido e moldado por eles mesmos". A lição para nós é que sejamos mais nobres, dispostos a reconhecer o bem onde quer que o encontremos e a perceber que nenhum cristão ou comunidade cristã pode afirmar ter a única resposta ou ser o dono da verdade.

"...Moisés falou irrefletidamente" (Salmo 106.33).

Quando o povo de Israel reclamou da falta de água em Cades, Deus disse a Moisés que brotaria água de uma pedra se ele falasse com ela. Porém, Moisés estava irritado com o povo a essa altura, então gritou: "Ouvi, agora, rebeldes: porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?" Então ele bateu na rocha duas vezes com sua vara. Por suas palavras iradas e ação desobediente, ele distorceu o que Deus havia dito ao povo. O resultado foi a perda do privilégio de liderar os filhos de Israel à terra prometida (Números 20.1-13).

É fácil um homem extremamente devoto perder o controle com outros cristãos. Ele é tão disciplinado, enquanto eles precisam ser tratados como eternos bebês. Ele é tão instruído e eles tão ignorantes.

O que ele precisa aprender, porém, é que eles, mesmo assim, são o povo amado de Deus e que o Senhor não vai tolerar nenhum tipo de abuso verbal contra eles. Pregar a Palavra de Deus com tamanha intensidade que as pessoas se arrependam e se quebrem é uma coisa. No entanto, repreendê-los severamente, como expressão de irritação pessoal, é completamente outra. Isso pode afastá-lo das melhores recompensas de Deus.

Quando os nobres homens de Davi são citados em 2 Samuel 23, há um nome cuja ausência nos chama a atenção. É o nome de Joabe, o comandante de Davi. Por que seu nome não está ali? Uma teoria é que a razão seria a de Joabe ter usado sua espada contra alguns amigos de Davi. Se assim o for, o incidente está cheio de alertas para nós quando somos tentados a usar nossas línguas como espada contra o povo de Deus.

Quando Tiago e João, os filhos do trovão, quiseram que chovesse fogo do céu sobre os samaritanos, Jesus disse: "*Vós não sabeis de que espírito sois*" (Lucas 9.55). Que repreensão pertinente para nós quando falamos sem refletir àqueles que pertencem a Ele não apenas como criaturas (como os samaritanos), mas também como filhos redimidos.

"Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade..." (Romanos 2.2).

Deus é o Único no universo que tem as qualificações perfeitas para julgar. Podemos ser eternamente gratos porque Ele não nos confiou o julgamento final. Pense sobre algumas das dificuldades sob as quais um juiz humano tem que trabalhar. É impossível para ele ser completamente objetivo. Ele pode ser influenciado pela importância do réu ou por sua aparência. Pode ser influenciado por subornos ou por outras considerações mais sutis. Ele nem sempre sabe quando uma testemunha está mentindo. Ou, mesmo que não minta, a testemunha pode estar omitindo ou, talvez, distorcendo a verdade. Quem sabe ela até seja sincera, mas esteja errada.

O juiz não tem como sempre saber a motivação daqueles com quem lida – e é importante definir a motivação em muitos dos casos legais.

Mesmo o polígrafo (detector de mentiras) pode ser enganado. Criminosos cauterizados às vezes conseguem controlar suas reações fisiológicas à culpa.

Deus, porém, é o Juiz perfeito. Ele tem conhecimento absoluto de todas as ações, pensamentos e motivações. Ele pode julgar os segredos dos corações dos homens. Ele conhece toda a verdade: é impossível ocultar qualquer coisa dEle. Ele não é um respeitador de indivíduos, mas trata a cada um imparcialmente. Ele conhece a capacidade mental que foi dada a cada um; um deficiente mental não pode ser considerado responsável por suas ações como outros seriam. Ele conhece as distintas forças morais de cada um de seus réus; alguns resistem à tentação com mais facilidade que outros. Ele conhece os diferentes privilégios e oportunidades de cada um e o quanto a pessoa peca contra a luz. Ele detecta pecados de omissão tão bem quanto os de comissão e pecados secretos tanto quanto escândalos públicos.

Portanto, não precisamos ter medo de que o pagão, que nunca ouviu o Evangelho, seja tratado injustamente, de que aqueles que sofreram injustamente ao longo de suas vidas não sejam vingados ou que os cruéis tiranos, que fugiram nesta vida, não sejam punidos.

O Juiz Supremo é um Juiz perfeito e Sua justiça será de acordo com a verdade e, portanto, absolutamente perfeita.

“E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos e ambos se conservam” (Lucas 5.37-38).

Os odres desta passagem eram, na verdade, vasilhas feitas com as peles de animais. Estas vasilhas, enquanto novas, eram maleáveis e razoavelmente elásticas. Quando ficavam velhas, porém, se tornavam duras e inflexíveis. Se o vinho novo fosse posto nas vasilhas velhas, a fermentação criaria pressão demais para as vasilhas agüentarem e elas se romperiam.

Aqui em Lucas 5, Jesus usa isto para ilustrar o conflito entre o judaísmo e o cristianismo. Ele afirma que “as formas, ordenanças, tradições e rituais antiquados do judaísmo eram rígidos demais para agüentar a alegria, a exuberância e a energia da nova dispensação”.

Este capítulo contém ilustrações dramáticas. Nos versículos de 18 a 21 vemos quatro homens destruindo o telhado de uma casa para trazer um paralítico a Jesus para ser curado. Seu método inovador e não convencional é uma ilustração do vinho novo. Nos versículo 21 os escribas e os fariseus começam a procurar culpa em Jesus; eles são as vasilhas velhas. Mais uma vez, nos versículos 27-29, vemos a resposta entusiasmada de Levi ao chamado de Cristo e o banquete que é feito para apresentar seus amigos a Jesus. Isto é o vinho novo. No versículo 30, os escribas e fariseus reclamam mais uma vez. Eles são as vasilhas velhas.

Vemos isto durante toda nossa vida. As pessoas se prendem a formas tradicionais de fazer as coisas e têm dificuldade de se adaptar às mudanças. A dona de casa tem seu jeito próprio de lavar a louça e acha irritante ter alguém mais mexendo na sua pia. O marido tem sua própria definição de como se deve dirigir um carro e quase enlouquece quando sua esposa ou filhos dirigem.

No entanto, a grande lição para nós está no reino espiritual. Precisamos ser flexíveis o bastante para aceitar a alegria, a empolgação e o entusiasmo da fé cristã, mesmo se vierem de formas incomuns. Não queremos nem precisamos do formalismo frio e da falta de discernimento dos fariseus, sentados do lado de fora criticando quando Deus estava agindo.

21 DE MAIO

“...se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (João 12.24).

Certo dia alguns gregos se aproximaram de Filipe com o nobre pedido: “Senhor, queremos ver Jesus!” Mas por que queriam vê-LO? Talvez quisessem levá-LO a Atenas como um novo filósofo famoso ou, talvez, o quisessem salvar da crucificação e da morte, que agora pareciam inevitáveis.

Jesus respondeu com uma das grandes leis da colheita: um grão de trigo precisa cair na terra e morrer para gerar fruto. Se Ele se salvasse da morte, ficaria só. Desfrutaria das glórias do céu sozinho; não haveria pecadores salvos lá para compartilhar de Sua glória. No entanto, ao morrer, Ele estaria abrindo um caminho para a salvação pelo qual muitos desfrutariam da vida eterna. Era essencial para Ele passar por uma morte sacrificial ao invés de viver uma vida confortável.

T. G. Ragland disse, certa vez, que “de todos os planos de sucesso garantido, o mais incontestável é o de Cristo, se tornando um grão de trigo, caindo na terra e morrendo. Se nos recusarmos a nos tornar grãos de trigo... não sacrificaremos nossas esperanças nem arriscaremos nosso caráter, nossa propriedade, nossa saúde; nem quando chamados, deixaremos nossa casa ou romperemos laços familiares por causa de Cristo; então ficaremos sós. No entanto, se quisermos gerar frutos, precisamos seguir nosso Bendito Senhor, nos tornando um grão de trigo e morrendo para, então, gerarmos muito fruto”.

Há anos atrás li a respeito de um grupo de missionários, na África, que havia trabalhado incansavelmente por anos sem ver qualquer fruto duradouro para Deus. Desesperados, eles por fim anunciaram uma conferência onde se colocariam diante de Deus em oração e jejum. Na discussão que se seguiu, um dos missionários disse “acho que nunca veremos bênçãos até que um grão de trigo caia no chão e morra”. Pouco depois, este mesmo missionário ficou doente e morreu. Então a colheita começou – a bênção que ele havia predito.

Samuel Zwemer escreveu:

Não há ganho a não ser por uma perda
Não se pode salvar a não ser por uma cruz;
O grão de trigo, para multiplicar,
Precisa cair na terra e morrer.
Onde quer que você veja campos maduros,
Balançando para Deus seus feixes de ouro,
Saiba que alguns grãos de trigo morreram,
Uma alma foi crucificada ali –
Alguém batalhou, chorou e orou,
E lutou bravamente com as legiões do inferno.

"Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz. Pois em que é ele estimado?" (Isaías 2.22).

Quando damos a um homem ou mulher o lugar que somente Deus deve ter em nossas vidas, devemos nos preparar para uma desilusão amarga. Aprenderemos rapidamente que, mesmo os melhores entre os homens, são nada além de homens. Embora tenham algumas qualidades, ainda têm pés de ferro e barro. Isso pode soar como cinismo, mas não é. É realismo.

Quando os invasores estavam ameaçando Jerusalém, o povo de Judá pediu ao Egito que o livrasse. Isaías os condenou por colocarem sua confiança no lugar errado, dizendo: *"Pois veja! Agora você está confiando no Egito, aquela cana esmagada, que fura a mão de quem nela se apoia! Assim é o faraó, o rei do Egito, para todos os que dele dependem"* (Isaías 36.6 – NVI). Jeremias complementou, depois, em uma situação semelhante: *"Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do Senhor!"* (Jeremias 17.5).

O salmista demonstrou um discernimento genuíno sobre este assunto quando escreveu: *"Melhor é buscar refúgio no Senhor do que confiar no homem. Melhor é buscar refúgio no Senhor do que confiar em príncipes"* (Salmo 118.8-9). E acrescenta: *"não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios"* (Salmo 146.3-4).

Claro, precisamos entender que, num certo sentido, devemos confiar uns nos outros. Como funcionaria um casamento, por exemplo, sem certa quantidade de confiança e respeito? No mundo dos negócios, o uso de cheques como dinheiro é baseado em um sistema de confiança mútua. Confiamos que os médicos farão um diagnóstico e uma prescrição correta. Confiamos nos rótulos de latas e pacotes de comida no mercado. Seria praticamente impossível viver em qualquer sociedade sem algum tipo de confiança em nossos companheiros.

O perigo surge quando confiamos em homens para fazerem o que apenas Deus pode fazer, quando retiramos o Senhor do trono e colocamos uma pessoa ali. Qualquer um que tome o lugar de Deus em nosso coração, que tome Seu lugar como a pessoa em quem confiamos, que usurpe qualquer um de Seus privilégios em nossas vidas – essa pessoa certamente nos decepcionará amargamente. Perceberemos, depois mais tarde, que homens não são dignos da nossa confiança.

23 DE MAIO

"...a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (João 17.21).

Duas vezes, em Sua oração como Supremo Sumo Sacerdote, nosso Senhor pede que Seu povo seja um (versículos 21-22 e 23). Esta oração, pedindo unidade, foi usada como base bíblica para o movimento ecumênico – uma grande união organizacional de todas as igrejas que se declaram cristãs. Infelizmente, esta unidade ecumênica é alcançada através do abandono ou reinterpretação das doutrinas fundamentais cristãs. Como Malcolm Muggeridge escreveu: "Por uma das maiores ironias da nossa época, o ecumenismo somente triunfa quando não há nada sobre o qual ser ecumênico; os diversos corpos religiosos provavelmente descobrirão que é fácil se unirem somente porque, crendo em pouco, eles têm divergências sobre igualmente pouco".

Será que é esse o tipo de unidade pelo qual o Senhor Jesus estava orando em João 17? Cremos que não. Ele disse que a unidade que tinha em mente resultaria no mundo crendo que Deus O havia enviado. É extremamente duvidoso que qualquer federação externa tenha esse efeito.

O Senhor definiu a unidade que tinha em mente quando disse "... como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós". E também "...que sejam um, como nós o somos; eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade". De que unidade o Pai e o Filho compartilham, da qual também podemos compartilhar? Não o fato de sua divindade comum; jamais compartilharemos disso. Sugiro que o Senhor Jesus estivesse se referindo a uma unidade baseada em uma semelhança moral comum. Ele estava orando para que os cristãos sejam um ao demonstrar o caráter de Deus e de Cristo para o mundo. Isso significa vidas de justiça, santidade, graça, amor, pureza, persistência, autocontrole, humildade, alegria e generosidade. Ronald Sider sugere em *Rich Christians in an Age of Hunger* [Cristão Ricos em Tempos de Fome] que a unidade pela qual Cristo orou se manifestou quando os primeiros cristãos compartilhavam livremente, uns com os outros, onde houvesse necessidade. Eles tinham um verdadeiro espírito de *koinonia* ou comunidade. "A oração de Jesus de que a amorosa unidade de Seus seguidores fosse tão marcante que convencesse o mundo de que Ele havia sido enviado pelo Pai foi respondida – ao menos uma vez! Aconteceu na igreja de Jerusalém. O caráter incomum de suas vidas juntos deu poder à pregação apostólica" (veja Atos 2.45-47; 4.32-35).

Uma unidade assim, hoje, impactaria o mundo profundamente. Conforme os cristãos apresentassem um testemunho unido ao irradiar a vida do Senhor Jesus, não cristãos se arrependeriam de seus próprios pecados e teriam sede da água viva. A tragédia de hoje é que mal se consegue distinguir muitos cristãos de seus vizinhos não crentes. Sob tais circunstâncias, há pouca motivação para que não cristãos se convertam.

"Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem..."
(Provérbios 13.11).

"Você ganhará R\$100.000,00!" Com frases chamativas como essa, somos constantemente cercados pela tentação de participar de algum tipo de aposta. A dona de casa, fazendo compras no supermercado, é seduzida pela loteria. O cidadão comum é encorajado a enviar seu nome (juntamente com a assinatura de uma revista) para participar de uma loteria envolvendo milhões ou pode ser um jogo de bingo em que você é quase convencido a ser um vencedor.

Depois, é claro, há as formas mais óbvias de apostas – roleta, corridas de cavalos ou de cachorros, o jogo dos números, etc.

O que a Bíblia tem a dizer sobre tudo isso? Nada de bom.

A Palavra diz: *"Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento"* (Provérbios 13.11).

A Palavra diz: *"Aquele que tem olhos invejosos corre atrás das riquezas, mas não sabe que há de vir sobre ele a penúria"* (Provérbios 28.22).

A Palavra diz: *"Como a perdiz que choca ovos que não pôs, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias, as deixará e no seu fim será insensato"* (Jeremias 17.11).

Embora os Dez Mandamentos não digam explicitamente "Não apostarás", eles dizem, sim, "não cobiçarás" (Êxodo 20.17) e o que são apostas senão uma forma de cobiça?

Jogos de sorte sempre terão uma conotação ruim para cristãos quando estes lembram que os soldados romanos tiraram a sorte para ver quem ficava com as vestes de Jesus na cena de Sua crucificação.

Considere também a pobreza e a tristeza que viciados em jogos trouxeram a suas famílias, os crimes cometidos para indenizar perdas e as associações negativas com apostas e verá que não há lugar para isso na vida de um cristão.

Depois de lembrar Timóteo de que o cristão deve ficar satisfeito com comida e vestes, Paulo alertou que *"os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição"* (1 Timóteo 6.9).

25 DE MAIO

*“Se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só”
(Mateus 18.15).*

Alguém fez ou disse algo que o ofendeu ou chateou de alguma forma. A Bíblia diz que você deve ir até ele e mostrar-lhe o erro, mas você não quer fazê-lo: é muito difícil.

Então você começa a remoer o ocorrido. Começa a ensaiar o que ele fez, como ele estava totalmente errado. Enquanto você deveria estar trabalhando, sua mente está repassando cada detalhe e seus sucos gástricos se tornam sulfurosos. Quando deveria estar dormindo, você ressuscita o incidente desagradável e a pressão aumenta na caldeira. A Bíblia lhe fala para ir até ele e mostrar-lhe o erro, mas você simplesmente não consegue encarar a questão.

Você tenta pensar em alguma forma de fazer com que a mensagem chegue até ele anonimamente ou espera que algo lhe aconteça que o humilhe pelo que fez. Não acontece. Você sabe o que tem que fazer, mas tem medo do trauma de uma confrontação cara a cara.

A essa altura, o ocorrido está fazendo mais mal a você do que a ele. As pessoas notam pela sua expressão carrancuda que algo está lhe incomodando. Quando falam com você, sua mente está em outro hemisfério. Seu rendimento no trabalho sofre porque você está preocupado. No geral, você está distraído demais para ser eficiente. A Bíblia, no entanto, diz *“vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro” (NVI)*. Com uma demonstração tremenda de autocontrole, você se absteve de conversar com alguém sobre isso, mas, por fim, a pressão se torna insuportável. Você desiste e conta a uma pessoa – apenas para compartilhar o pedido de oração, é claro. Ao invés de agir com a simpatia esperada, ela lhe diz: “Porque você não vai falar com aquele que o ofendeu?”.

É a última gota! Você decide “matar no peito”. Depois de ensaiar seu discurso, você obedece à Palavra e mostra a ele seu erro. Ele o aceita surpreendentemente bem, sente muito que aquilo tenha acontecido e pede seu perdão. A conversa termina em oração.

Conforme você vai embora, um grande peso foi retirado dos seus ombros. Seu estômago se acalma e seu metabolismo volta ao normal. Você meio que se despreza por não ter tido o bom senso de obedecer à Palavra mais prontamente.

“Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1 Samuel 15.22).

As instruções de Deus ao rei Saul foram claras: matar os amalequitas e destruir todos os seus pertences. Todos. Não levar despojos. Porém, Saul poupou o rei Agague e o melhor das ovelhas, bois, bezeros gordos e cordeiros.

Quando Samuel se encontrou com Saul, na manhã seguinte em Gilgal, Saul, cheio de si, anunciou que havia feito exatamente o que o Senhor havia ordenado. No entanto, nesse momento, um coro de animais começou a cantar – ovelhas balindo e bois mugindo. Bastante vergonhoso!

Samuel quis saber, é claro, como as ovelhas poderiam estar balindo se Saul as havia matado. O rei tentou então ocultar sua desobediência ao colocar a culpa no povo e a justificá-lo alegando motivações religiosas. Ele disse: “O povo poupou o melhor das ovelhas e dos bois, para os sacrificar ao Senhor”.

Foi então que ouviu o profeta gritar as acusações: *“Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar e o atender, melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolos do lar”*.

Obediência é mais importante que rituais, sacrifícios e ofertas. Ouvi falar de uma família que tratava sua mãe com desdém e desobediência durante sua vida. Porém, quando ela morreu, eles vestiram seu corpo com um vestido *Dior* original. Uma tentativa fútil e desprezível de reparar anos de rebelião e grosseria!

Muitas vezes ouvimos pessoas defenderem posições ou associações em desacordo com a Bíblia, afirmando que assim têm uma influência maior. Deus, porém, não se engana com essas relativizações ilusórias. Ele quer nossa obediência – Ele cuidará da nossa esfera de influência. A verdade é que, quando somos desobedientes, nossa influência é negativa. Somente quando estamos caminhando em comunhão com o Senhor é que podemos exercer uma influência divina sobre outros.

William Gurnall disse que “sacrifício sem obediência é sacrilégio”. E se torna algo ainda pior quando disfarçamos nossa desobediência com uma desculpa espiritual ou religiosa. Deus não se deixa enganar.

27 DE MAIO

"Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro?" (Mateus 23.17).

Os escribas e fariseus do tempo de Jesus ensinavam que, se alguém jurasse pelo Templo, não era necessariamente obrigado a cumprir o que havia prometido. Porém, se jurasse pelo ouro do Templo, era outra história. Ele estaria preso a este juramento. Eles faziam a mesma falsa distinção entre jurar pelo altar e jurar pelo sacrifício sobre ele. O primeiro juramento poderia ser quebrado, mas o segundo era obrigatório.

O Senhor lhes disse que sua noção de valor estava completamente distorcida. É o Templo que dá ao outro um valor especial e é o altar que torna o sacrifício algo especial.

O Templo era o lugar da habitação de Deus na terra. A maior honra que qualquer ouro poderia alcançar seria a de ser usado neste edifício. Sua conexão com a Casa de Deus o diferenciava de forma especial. O mesmo acontecia com o altar e o sacrifício colocado ali. O altar era parte integral do culto divino. Nenhum animal seria mais honrado que o animal sacrificado sobre o altar. Se animais pudessem ter ambições, todos buscariam este destino.

Certo turista comprou um colar velho de âmbar por muito pouco em um brechó de Paris. Ele ficou curioso quando teve que pagar um alto preço na alfândega em Nova Iorque. Foi a um joalheiro para que o avaliasse e este lhe ofereceu US\$25,000 pelo colar. Um segundo joalheiro lhe ofereceu US\$35,000. Quando perguntou por que era tão valioso, o joalheiro colocou o colar sob uma lupa. O turista leu "de Napoleão Bonaparte para Josefina". Era o nome de Napoleão que tornava o colar tão valioso.

A aplicação fica clara. Por nós mesmos, não somos nada e não conseguimos fazer nada. É nossa ligação com o Senhor e com Sua obra que nos diferencia de forma especial. Como Spurgeon o disse: "Sua ligação com o Calvário é a coisa mais maravilhosa que você tem".

Talvez você tenha uma mente mais brilhante que a média. Isso é algo digno de gratidão. Mas lembre-se: ela alcança seu destino mais honrável somente conforme essa mente é usada para o Senhor Jesus Cristo. É Cristo quem santifica seu intelecto.

Talvez você tenha talentos pelos quais o mundo está disposto a pagar um alto preço. Talvez você até mesmo pense que a igreja é muito insignificante para eles. Mas é a igreja que santifica seus talentos e não seus talentos que santificam a igreja.

Talvez você tenha montanhas de dinheiro. Você pode guardá-lo, gastá-lo buscando seu próprio prazer ou usá-lo para o Reino. A melhor forma de usá-lo é apoiando a causa de Cristo. É o Reino que santifica sua riqueza, não o contrário.

"E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Coríntios 3.18).

A Bíblia nos ensina que nos tornamos iguais àquilo que adoramos. Essa importante conclusão se encontra no texto de hoje. Vejamos dessa forma:

"E todos nós" - isto é, todos os verdadeiros cristãos;

"com o rosto desvendado" - o pecado gera um véu entre nossos rostos e o do Senhor. Quando confessamos e abandonamos nosso pecado, ganhamos um rosto descoberto ou desvendado;

"contemplando, como por espelho" - este espelho é Palavra de Deus, onde contemplamos;

"a glória do Senhor" - quer dizer sua excelência moral. Na Bíblia contemplamos a perfeição do Seu caráter, a beleza de todas as Suas obras e ações;

"somos transformados (...) na sua própria imagem" - nos tornamos como Ele. Somos transformados ao contemplar. Quanto mais tempo gastarmos com nossa mente nEle, mais nos tornamos como Ele.

Esta mudança é

"de glória em glória" - de um nível de glória a outro. A transformação não acontece de uma só vez. É um processo que continua enquanto O contemplamos. A transformação do nosso caráter acontece

"como pelo Senhor, o Espírito" - o Espírito Santo produz essa semelhança com Cristo em todos que contemplam pela fé o Salvador como é revelado na Bíblia.

Em *The Tales of Nathaniel Hawthorne* (Os Contos de Natanhiel Hawthorne), não foi o Sr. Cataouro, o General Sangue-e-Trovão, o velho Cara de Pedra ou mesmo o poeta, mas Ernest quem, contemplando em silêncio o rosto na montanha (*Great Stone Face* - Grande Rosto de Pedra) por fim se tornou como ela.

Ouvi falar certa vez de um homem que ia, diariamente, a um templo budista e sentava com as pernas e os braços cruzados, contemplando a estátua verde. Dizem que depois de anos meditando assim ele, na verdade, se tornou parecido com o Buda. Se isso é verdade, eu não sei, mas sei que gastar tempo reverentemente com o Filho de Deus produz semelhança moral a Ele.

O caminho para a santidade passa por contemplar o Senhor Jesus. Normalmente não é possível pensar em Cristo e no pecado ao mesmo tempo. Durante aqueles momentos em que estamos absorvidos nele é quando estamos mais livres do pecado. Nosso alvo, então, deve ser aumentar a porcentagem do nosso tempo gasto contemplando-O.

29 DE MAIO

“Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Filipenses 4.11).

É notável que Paulo nunca tenha falado de suas necessidades financeiras. Vivía uma vida de fé. Ele cria que Deus o havia chamado a Seu serviço e estava totalmente convencido de que Deus paga pelo que pede.

Será que cristãos, hoje em dia, devem tornar suas necessidades públicas ou pedir dinheiro? Aqui estão algumas considerações: Não há justificativa espiritual para esta prática. Os apóstolos falavam sobre as necessidades de outros, mas nunca pediram dinheiro para si.

A idéia de confiar somente em Deus parece conferir mais consistência a uma vida de fé. Ele proverá os fundos necessários para qualquer coisa que queira que façamos. Quando O vemos provendo para nós na quantidade certa e na hora certa, nossa fé é tremendamente fortalecida. E Ele é tremendamente glorificado quando essa provisão é inegavelmente miraculosa. Por outro lado, Ele não leva o crédito quando manipulamos nossas finanças, usando técnicas “espertas” de ganhar dinheiro.

Ao fazer apelos e pedidos, podemos acabar fazendo coisas “para Deus” que podem estar longe da Sua vontade ou podemos dar continuidade a algo mesmo depois de o Espírito tê-lo abandonado há muito tempo. Porém, quando nos tornamos dependentes da Sua provisão sobrenatural, só podemos continuar a obra enquanto Ele a suprir.

Pedidos insistentes se apresentam como uma nova forma de medir sucesso no meio cristão. Quem for mais esperto na área de relações públicas ganha mais dinheiro. Pode ser que ministérios dignos sofram porque os fundos para as campanhas sugaram todo o dinheiro. Isso freqüentemente gera inveja e desunião.

C. H. Mackintosh rejeitou a idéia de anunciar as necessidades pessoais de alguém. “Anunciar minhas necessidades, direta ou indiretamente, a um ser humano é afastar-me de uma vida de fé e uma desonra indiscutível para Deus. É, na verdade, traí-lo. É a mesma coisa que dizer que Deus falhou comigo e preciso buscar ajuda em meus companheiros. É esquecer da fonte de água viva e voltar para a cisterna rachada. É colocar a criação entre minha alma e Deus, negando, então, ricas bênçãos à minha alma e a glória devida à Deus”.

Semelhantemente, Corrie Tem Boom escreveu em *Tramp for the Lord* (Andarilha para o Senhor): “Eu preferiria ser uma filha confiante de um Pai rico a ser uma mendiga às portas de homens mundanos”.

"Ninguém conhece o Filho, senão o Pai" (Mateus 11.27).

Há um grande mistério ligado à Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Parte do mistério é a combinação da divindade absoluta à humanidade completa em uma só Pessoa. Há a questão, por exemplo, de como Ele pode ter os atributos divinos e, ao mesmo tempo, ter as limitações do homem finito. Nenhum homem mortal é capaz de compreender a Pessoa de Cristo. Apenas Deus Pai entende.

Muitas das heresias mais sérias que atormentaram a Igreja giraram em torno disso. Desatentos à sua própria fragilidade, os homens se ocuparam com o que é profundo demais para eles. Alguns enfatizaram demais a natureza divina do nosso Senhor à custa de Sua humanidade. Outros focaram tanto em Sua humanidade que diminuíram Sua divindade.

William Kelly escreveu certa vez: "O ponto onde o engano entra é quanto ao Filho de Deus se tornar homem; pois é a Pessoa complexa do Senhor Jesus que expõe as pessoas ao quebrantamento. Sem dúvida há aqueles que ousam negar Sua glória divina. Há, porém, uma forma muito mais sutil em que o Senhor Jesus é rebaixado; enquanto, embora Ele tenha afirmado ser divino, permite-se que a humanidade do Senhor obscureça Sua glória e neutralize a confissão de Sua pessoa. Cria-se, portanto, confusão, permitindo que aquilo que O associa a nós aqui embaixo diminua o que Ele tem em comum com o próprio Deus. Há apenas uma proteção que pode manter nossa alma correta com respeito a isso, isto é, que não nos aventuremos a explorar e nunca ousemos discuti-lo, por medo de entrar com a tolice humana em terreno santo, imaginando que seremos apenas adoradores em um local assim. Onde quer que isso seja esquecido pela alma, será descoberto invariavelmente que Deus não está presente – e que Ele permite que este ser autoconfiante que se aventura sozinho a falar a respeito do Senhor Jesus prove sua própria tolice. É somente pelo Espírito Santo que ele pode entender o que é revelado sobre o Unigênito".

Um servo respeitável do Senhor certa vez aconselhou seus alunos a se aterem à linguagem da própria Bíblia quando estivessem discutindo a natureza dupla do nosso Senhor. O engano surge quando colocamos ali nossas próprias idéias e especulações.

Nenhum homem conhece o Filho. Somente o Pai O conhece.

Os grandes mistérios da Sua fama
Transcende a compreensão da criação.
Somente o Pai – afirmação gloriosa –
Pode o Filho compreender.

- Josiah Conder

“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Coríntios 2.14).

O homem natural é aquele que nunca nasceu de novo. Ele não tem o Espírito de Deus. Ele não está propenso a receber verdades espirituais porque elas lhe parecem loucura. Mas isso não é tudo! Ele não consegue compreender as verdades espirituais porque elas só podem ser entendidas através da iluminação do Espírito Santo.

Isto precisa ser enfatizado. Não é só que o não salvo não quer entender as coisas de Deus. Ele não consegue entendê-las. Tem uma incapacidade inata de fazê-lo.

Isto me ajuda a avaliar corretamente os cientistas, filósofos e outros profissionais do mundo. Enquanto falarem de questões mundanas, eu os respeito enquanto especialistas. Porém, assim que começam a intrometer-se no reino espiritual, os considero como desqualificados para falar com autoridade.

Não me surpreendo quando um professor universitário ou mesmo clérigo liberal conquista destaque com suas dúvidas e negações a respeito da Bíblia. Já o espero e desconsidero. Entendo que os não regenerados foram além do seu alcance quando falam sobre as coisas do Espírito de Deus.

F. W. Boreham compara os grandes nomes da ciência e filosofia a passageiros de segunda classe de um cruzeiro, impedidos de entrar no convés da primeira classe. “Cientistas e filósofos – como tais – são, por assim dizer, ‘passageiros de segunda classe’ e precisam ser mantidos no seu lado da cerca. Eles não têm autoridade sobre a fé cristã... O fato é que temos uma fé que não pode se chocar com o descaso dos passageiros de segunda classe e que não recebe ajuda verdadeira alguma de sua corroboração e patrocínio”.

Claro, há os eventuais filósofos ou cientistas que são cristãos. Sobre tais casos, Boreham diz: “Sempre descubro uma ‘passagem de primeira classe’ aparecendo em seu bolso e, enquanto passeio pelo convés em sua agradável companhia, não penso nele como um cientista mais do que penso em John Bunyan como ferreiro. Somos companheiros de viagem – primeira classe”.

Disse Robert G. Lee: “Homens podem ser críticos, intelectuais e científicos, sabendo tudo sobre rochas, moléculas e gases e, ainda assim, serem completamente incompetentes para julgar o cristianismo e a Bíblia”.

*“O SENHOR era com José, que veio a ser homem próspero”
(Gênesis 39.2).*

Ouvi dizer que uma das primeiras versões da Bíblia em inglês traduzia este versículo como: “E o Senhor estava com José e ele era um homem de sorte”. Talvez “sorte” tivesse um significado diferente naquela época. De qualquer forma, ainda bem que tradutores posteriores retiraram José do reino da sorte.

Não há sorte para o filho de Deus. Sua vida é controlada, guardada, planejada por um Pai celestial que o ama. Nada lhe acontece por acaso.

Sendo assim, é incompatível um cristão desejar “boa sorte” a alguém ou tampouco dizer “dei sorte”. Tais expressões são uma negação prática da verdade da Providência divina.

O mundo não cristão associa várias coisas à boa sorte – um pé de coelho, um ossinho da sorte, um trevo de quatro folhas, uma ferradura (com as pontas sempre apontando para cima para não derramar a sorte!). Os homens cruzam os dedos e batem na madeira como se tais ações pudessem afetar positivamente eventos futuros ou espantar o azar.

Estas mesmas pessoas associam outras coisas com azar – um gato preto, sexta-feira 13, passar por baixo de uma escada, o número 13 em um quarto ou no andar de um prédio. É triste pensar em pessoas vivendo presas a tais superstições, uma prisão que é tão desnecessária quanto é inútil.

Em Isaías 65.11, Deus ameaçou punir aqueles em Judá que, ao que tudo indica, estavam adorando o deus do acaso.

Mas a vós outros, os que vos apartais do Senhor,
Os que vos esqueceis do meu santo monte,
Os que preparais mesa para a deusa Fortuna
E misturais vinho para o deus Destino...

Não temos como ter certeza do pecado específico envolvido aqui, mas suspeitamos que as pessoas estivessem trazendo ofertas a ídolos associados à sorte e ao acaso. Deus odiava isso e ainda odeia.

Que segurança saber que não somos fantoches desamparados do acaso cego ou do rolar de dados cósmicos ou da deusa Fortuna. Tudo na vida está planejado, tem um significado e um propósito. Para nós é nosso Pai, não o destino; Cristo e não o acaso; amor e não sorte.

2 DE JUNHO

"Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais" (1 Reis 19.4).

Não é incomum que o povo de Deus sofra de depressão nervosa, como Elias. Moisés e Jonas também desejaram morrer (Êxodo 32.32; Jonas 4.3). O Senhor jamais prometeu aos cristãos a isenção deste tipo de dificuldade. Tampouco quer dizer que esta aflição indique necessariamente falta de fé ou de espiritualidade. Pode acontecer com qualquer um de nós.

Quando acontece, é mais ou menos assim: você sente que Deus o abandonou, mesmo sabendo muito bem que Ele jamais abandona os Seus. Você busca conforto na Palavra de Deus e, invariavelmente, abre em uma passagem sobre o pecado imperdoável ou a condição desesperadora de um apóstata. Você sente a frustração de uma angústia que não pode ser retirada cirurgicamente e não pode ser curada com remédios. Seus amigos sugerem que você "deixe disso", mas nunca lhe dizem como fazê-lo. Você ora e anseia por alguma solução rápida, mas descobre que, embora a depressão nervosa chegue aos montes, ela vai embora aos poucos. Você só consegue pensar em si mesmo e na sua miséria. Em seu desânimo, você queria poder morrer através de alguma ação dramática de Deus.

Uma depressão assim pode ter diversas causas. Pode ser um problema físico como, por exemplo, a anemia que pode fazer com que a sua cabeça lhe pregue peças. Pode ser uma causa espiritual: pecado não confessado ou não perdoado pode ter esse efeito. Pode haver uma causa emocional: a infidelidade de um cônjuge pode causá-lo. Trabalhar demais ou *stress* mental extremo pode levar à exaustão nervosa ou pode ser causado por uma medicação a que certo indivíduo reage prejudicialmente.

O que pode ser feito? Primeiro, vá a Deus em oração, pedindo-Lhe que cumpra Seus maravilhosos propósitos. Confesse e abandone qualquer pecado conhecido. Perdoe qualquer um que lhe possa ter ofendido. Faça um *check-up* médico detalhado para eliminar qualquer indisposição física dentre os possíveis motivos. Tome medidas drásticas para eliminar causas de trabalho excessivo, preocupação, *stress* e qualquer outra coisa que possa estar lhe incomodando. Descanso regular, comida saudável e atividade física ao ar livre podem ser boas terapias.

A partir daí, você precisa conhecer seu próprio ritmo, ousando dizer "não" a exigências que possam levá-lo a passar dos seus limites novamente.

"Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (Atos 24.16).

Em uma sociedade como a nossa e com uma velha natureza corrupta como a nossa, constantemente enfrentamos problemas éticos que testam a sinceridade do nosso compromisso com princípios cristãos.

Os alunos, por exemplo, que são tentados a colar em suas provas. Se todos os diplomas recebidos desonestamente fossem devolvidos, as escolas e universidades mal teriam onde guardá-los.

O cidadão que paga seus impostos é constantemente tentado a diminuir o valor de sua renda e aumentar o de seus gastos ou a sonegar qualquer tipo de informação importante.

O nome do jogo nos negócios, na política e na lei é "favor". Subornos são usados para perverter a justiça. Presentes trocam de mão para conseguir ordens. Propinas mantêm os negócios funcionando. Compensações apaziguam inspetores locais que freqüentemente fazem exigências extremas e, às vezes, ridículas.

Quase qualquer profissão tem suas próprias pressões à desonestidade. O médico cristão é chamado para acionar o seguro assinando documentos que são evidentemente falsos. O advogado precisa decidir se vai defender um criminoso que sabe que é culpado ou lidar com um caso de divórcio em que ambas as partes são cristãs. O vendedor de carros usados luta uma batalha interior quanto a ajustar os hodômetros para que mostrem uma quilometragem menor. O trabalhador precisa decidir, ao unir-se a um sindicato, se usará de violência no caso de uma greve. Uma comissária de bordo cristã deve servir bebidas alcoólicas (ou, tendo escolhido esta profissão, ela tem outra escolha)? Um atleta cristão deve competir no Dia do Senhor? Um vendedor cristão deve vender cigarros, conhecidos por causar câncer?

É pior para um arquiteto cristão projetar uma boate ou o prédio de uma igreja liberal modernista? Uma organização cristã deve aceitar presentes de uma cervejaria? Ou de um cristão vivendo em pecado? Um comprador deve aceitar um engradado de laranjas ou uma caixa de geléia de um de seus distribuidores no Natal?

A melhor regra para decidir é a que aparece em nosso texto – *"ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens"*.

4 DE JUNHO

“Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável” (Salmo 145.3).

O conceito de Deus é sem dúvida o mais alto pensamento a ocupar a mente humana. Pensar “grande” sobre Deus enobrece toda a vida. Pensar “pequeno” sobre Deus destrói aqueles que assim pensam.

Deus é muito grande. Depois de uma descrição magnífica do poder e da majestade de Deus, Jó disse: *“E tudo isso é apenas a borda de suas obras! Um suave sussurro é o que ouvimos dele. Mas quem poderá compreender o trovão do seu poder?” (Jó 26.14 – NVI).* Apenas vemos a borda e ouvimos apenas um sussurro!

O salmista nos lembra de que o olhar de Deus produz um terremoto e que Seu toque precipitam erupções vulcânicas (Salmo 104.32).

O Senhor tem que se inclinar para contemplar as coisas nos céus (Salmo 113.6). Ele é tão grande que chama as estrelas pelo nome (Salmo 147.4).

Quando Isaías nos diz que a glória das vestes de Deus enche o templo (Isaías 6.1), ele nos deixa a imaginar quão grandiosa deve ser a visão completa de Sua glória. Mais adiante ele apresenta Deus medindo os oceanos na concha de Sua mão e medindo os céus com a largura de Sua mão aberta (Isaías 40.12). Para Ele as nações são como uma gota em um balde ou um grão de pó na balança (40.15). Nem todas as florestas do Líbano ou todos os animais de lá bastariam para fazer uma oferta digna dEle (40.16).

O profeta Naum diz que *“o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade e as nuvens são o pó dos seus pés” (Naum 1.3).*

Em meio à outra descrição da glória de Deus de tirar o fôlego, Habacuque diz: *“e ali está velado o Seu poder” (Habacuque 3.4).* Tudo afirma que a linguagem humana sucumbe em qualquer tentativa de representar a grandeza de Deus.

Ao contemplarmos alguns dos atributos de Deus nos próximos dias, eles nos levarão a:

Maravilhar-nos – porque Ele é maravilhoso.

Louvar – por causa de quem Ele é e de tudo o que Ele fez por nós.

Confiar – porque Ele é digno de nossa confiança total e completa.

Servir – porque é um dos maiores privilégios da vida servir a um Mestre assim.

Imitar – porque Sua vontade é que sejamos cada vez mais como Ele. (Há, porém, alguns atributos de Deus, como Sua ira, que não devemos imitar e outros, como Sua infinitude, que não conseguimos imaginar).

“Deus... conhece todas as coisas” (1 João 3.20).

A onisciência de Deus significa que Ele tem conhecimento perfeito de tudo. Ele jamais aprendeu e jamais poderá aprender.

Uma das grandes passagens sobre este assunto é Salmo 139.1-6, onde Davi escreveu: *“Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra me não chegou à língua e tu, Senhor, já a conheces toda. Tu me cercas por trás e por diante e sobre mim pões a mão. Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir”*.

No Salmo 147.4, aprendemos que Deus conta as estrelas e as chama pelo nome. A maravilha disso aumenta ainda mais quando Sir James Jeans nos diz que “o número total de estrelas no universo é provavelmente algo como o número total de grãos de areia em todos os litorais do mundo”.

Nosso Senhor lembrou seus discípulos que nem mesmo um pardal cai ao chão sem ser notado por nosso Pai. Na mesma passagem, Ele diz que até mesmo os cabelos em nossas cabeças estão todos contados (Mateus 10.29-30).

Fica claro, então, que *“todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”* (Hebreus 4.13), fazendo com que nos juntemos a Paulo dizendo: *“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis, os seus caminhos!”* (Romanos 11.33).

A onisciência de Deus está cheia de significado prático para cada um de nós. Há um alerta. Deus vê tudo o que fazemos. Não podemos esconder nada dEle.

Há conforto. Ele sabe pelo que estamos passando. Como Jó disse: *“ele sabe o meu caminho”* (Jó 23.10). Ele registra nossos lamentos e recolhe nossas lágrimas em Seu odre (Salmo 56.8 – NVI).

Há encorajamento. Ele sabia tudo sobre nós e ainda assim nos salvou. Ele sabe o que sentimos em louvor ou oração, mas não conseguimos expressar.

Há maravilha. Embora Deus seja onisciente, Ele pode esquecer os pecados que perdoou. Como David Seamands o disse: *“não sei como a onisciência divina pode conseguir esquecer, mas ela o faz”*.

6 DE JUNHO

"...porventura, não encho eu os céus e a terra? - diz o SENHOR" (Jeremias 23.24).

Quando falamos da onipresença de Deus, queremos dizer que Ele está presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Certo puritano, chamado John Arrowsmith, nos contou de um filósofo pagão que certa vez perguntou: "Onde está Deus?". O cristão respondeu: "Deixe-me primeiro perguntar-lhe 'Onde Ele não está?' "

Certo ateu escreveu em uma parede: "Deus está em lugar nenhum" ("*God is nowhere*", em inglês). Então uma criança passou por ali e mudou a divisão das palavras de forma que dissesse: "Deus está aqui agora" ("*God is now here*").

Temos uma dívida com Davi por ter escrito uma passagem clássica sobre a onipresença de Deus. Ele escreveu: "*Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá*" (Salmo 139.7-10).

Quando falamos de onipresença, precisamos tomar cuidado para não confundi-la com panteísmo. Este diz que tudo é Deus. Em alguma de suas variações, os homens adoram a árvores ou rios ou forças da natureza. O verdadeiro Deus controla e enche o Universo, mas Ele próprio está separado do Universo e é maior que este.

Que influência prática a verdade da onipresença de Deus deve ter sobre a vida de Seu povo?

Há o lembrete solene, é claro, de que não podemos nos esconder de Deus. Ele é inescapável.

Há o conforto indescritível de saber que Deus está sempre com Seu povo. Ele nunca nos deixa. Nunca estamos sozinhos.

Então há um desafio! Porque Ele está sempre conosco, devemos andar em santidade e separados do mundo.

Ele prometeu Sua presença de uma forma especial quando dois ou três estiverem reunidos em Seu Nome: Ele estará ali no meio deles. Isto deve inspirar uma profunda reverência e solenidade nas reuniões dos Santos.

"Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso"
(Apocalipse 19.6).

A onipotência de Deus quer dizer que Ele pode fazer qualquer coisa que não seja inconsistente com Seus outros atributos. Ouça o testemunho uniforme das Escrituras! *"Eu sou o Deus Todo-Poderoso"* (Gênesis 17.1). *"Acaso, para o Senhor, há coisa demasiadamente difícil?"* (Gênesis 18.14). *"Bem sei que tudo podes e nenhum dos teus planos pode ser frustrado"* (Jó 42.2). *"Coisa alguma te é demasiadamente maravilhosa"* (Jeremias 32.17). *"Para Deus tudo é possível"* (Mateus 19.26). *"Porque para Deus não haverá impossíveis"* (Lucas 1.37).

Porém, compreende-se que Deus não pode fazer algo que seria inconsistente com Seu caráter. Por exemplo, para Deus é impossível mentir (Hebreus 6.18). Ele não pode negar a Si mesmo (2 Timóteo 2.13). Ele não pode pecar porque é absolutamente Santo. Não pode falhar porque é absolutamente fidedigno.

A onipotência de Deus é visível na criação e sustentação do Universo, em Sua providência, na salvação dos pecadores e no julgamento dos impenitentes. A maior demonstração do Seu poder, no Antigo Testamento, está em Êxodo e, no Novo Testamento, na Ressurreição de Cristo.

Se Deus é onipotente, então ninguém consegue lutar contra Ele e vencer. *"Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor"* (Provérbios 21.30).

Se Deus é onipotente, então o cristão está do lado vencedor. Um cristão acompanhado de Deus sempre é maioria. *"Se Deus é por nós, quem será contra nós?"* (Romanos 8.31).

Se Deus é onipotente, então em oração podemos tocar o reino do impossível. Como o coro diz, podemos rir das impossibilidades e dizer: "Será feito".

Se Deus é onipotente, então temos o conforto inexprimível de que:

O Salvador pode resolver qualquer problema,

Pode desfazer os nós da vida.

Não há nada difícil demais para Jesus,

Não há nada que Ele não consiga fazer.

"Quando minha fraqueza se apoia em Seu poder, tudo parece leve".

8 DE JUNHO

"Ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém!" (Romanos 16.27).

A sabedoria de Deus é um fio que percorre toda a Bíblia. Por exemplo! *"Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento... Com ele está a força e a sabedoria; seu é o que erra e o que faz errar" (Jó 12.13,16). "Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas" (Salmo 104.24). "O Senhor com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus" (Provérbios 3.19). "Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder" (Daniel 2.20). "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação" (1 Coríntios 1.21). "Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria" (1 Coríntios 1.30).*

A sabedoria de Deus se refere a Sua compreensão perfeita, Seu discernimento e Suas decisões infalíveis. Alguém certa vez a definiu como Sua habilidade de produzir o melhor resultado possível através do melhor meio possível. É mais que conhecimento. É a habilidade de usar este conhecimento da forma correta.

Toda a obra de Deus expressa Sua sabedoria. O projeto maravilhoso do corpo humano, por exemplo, presta-lhe um tributo eloqüente.

A sabedoria de Deus também é vista no plano de salvação. O Evangelho nos conta como o preço do pecado foi pago, a justiça de Deus foi satisfeita, Sua misericórdia é concedida justamente e o crente em Cristo se sai melhor do que jamais teria se saído se Adão jamais tivesse caído.

Agora que somos salvos, a sabedoria de Deus conforta gentilmente nossas almas. Sabemos que nosso Deus é sábio demais para cometer erros. Embora haja coisas na vida que são difíceis de compreender, sabemos que Ele não erra.

Podemos ter confiança total em Sua orientação. Ele conhece o fim desde o começo. Ele conhece caminhos de bênção dos quais não temos idéia. Seu caminho é perfeito.

Por fim, Ele quer que nós crescamos em sabedoria. Devemos ser sábios para o bem (Romanos 16.19). Devemos andar prudentemente, como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus (Efésios 5.15,16). Devemos ser prudentes como as serpentes e simplices como as pombas (Mateus 10.16).

“Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir” (Apocalipse 4.8).

Quando falamos da santidade de Deus, queremos dizer que Ele é espiritualmente e moralmente perfeito em Seus pensamentos, ações, motivos – em todos os sentidos. Ele está absolutamente livre de pecado e de corrupção. Não pode ser nada além de puro.

O testemunho da Palavra a respeito de Sua santidade é abundante. Aqui estão alguns exemplos. *“Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo” (Levítico 19.2). “Não há santo como o Senhor” (1 Samuel 2.2). “Ó Senhor, meu Deus, ó meu Santo... Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar” (Habacuque 1.12,13). “Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta” (Tiago 1.13). “Deus é luz e não há nele treva nenhuma” (1 João 1.5b). “Só tu és santo” (Apocalipse 15.4).*

Nem mesmo as estrelas são puras aos Seus olhos (Jó 25.5).

O sacerdócio e o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento ensinavam, entre outras coisas, sobre a santidade de Deus. Eles ensinavam que o pecado havia afastado o homem e Deus, que precisava haver um mediador para atravessar o abismo e que só é possível aproximar-se de um Deus santo através do sangue de uma vítima sacrificial.

A santidade de Deus também foi demonstrada de forma única na Cruz. Quando Ele olhou para a terra e viu Seu Filho levando nossos pecados, Deus abandonou Seu Amado por aquelas terríveis três horas de escuridão.

A aplicação disso tudo para nós é clara. A vontade de Deus é que sejamos santos: *“Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1 Tessalonicenses 4.3). “Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos e todo o vosso procedimento” (1 Pedro 1.15).*

Reflexões a respeito da santidade de Deus também deveriam criar uma profunda sensação de reverência e respeito em nós. Como Ele disse a Moisés: *“...tire as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (Êxodo 3.5).*

T. Binney maravilhou-se com a santidade necessária para estar na presença de Deus.

Luz eterna! Luz eterna!
Quão pura precisa ser a alma
Quando, colocada sob Teu olhar penetrante,
Não se encolhe, mas com tranqüilo deleite
Pode viver e contemplar a Ti.

Nossos corações transbordam em adoração quando percebemos que temos essa pureza necessária colocada sobre nós através da fé no Senhor Jesus.

10 DE JUNHO

Porque eu, o SENHOR, não mudo...” (Malaquias 3.6).

O atributo de Deus que O descreve como alguém que jamais muda é chamado de imutabilidade. Ele não muda a essência do Seu ser. Ele não muda Seus atributos. Ele não muda os princípios pelos quais Ele opera.

O salmista contrastou o destino inconstante dos céus e da terra com a imutabilidade de Deus: *“Eles perecerão, mas tu permaneces” (Salmo 102.26-27)*. Tiago descreveu o Senhor como o *“Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tiago 1.17)*.

Há outras passagens que nos lembram de que Deus não se arrepende. *“Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa” (Números 23.19)*. *“A glória de Israel não mente, nem se arrepende” (1 Samuel 15.29)*.

O que fazemos, então, com os versículos que dizem que Deus se arrepende, sim? *“Se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra” (Gênesis 6.6)*. *“O Senhor se arrependeu de haver constituído Saul rei sobre Israel” (1 Samuel 15.35b)*. Veja também Êxodo 32.14 e Jonas 3.10.

Não há contradição. Deus sempre age baseado nestes dois princípios: Ele sempre recompensa a obediência e sempre pune a desobediência. Quando o homem troca a obediência pela desobediência, ainda assim Deus precisa agir de acordo com Seu caráter, trocando o primeiro princípio pelo segundo. Isso parece arrependimento para nós e assim é descrito no que podemos chamar da língua da aparência humana. Porém, não indica remorso ou mutabilidade.

Deus é sempre o mesmo. Na verdade, este é um dos Seus nomes. *“...Tu, o Mesmo, Tu somente és o Deus de todos os reinos da terra” (Isaías 37.16 – Darby*. Esta versão não existe em português). Este nome também é encontrado em 2 Samuel 7.28, Salmo 102.27 e Isaías 41.4, todos na tradução de Darby.

A imutabilidade de Deus tem sido um conforto para Seus santos ao longo da história e um tema de suas canções. Nós vemos a celebração nos trechos imortais de Henry F. Lyte:

Mudanças e decadência eu vejo ao meu redor –
Ó tu que não mudas, permanece comigo!

Também é uma qualidade para imitarmos. Devemos ser estáveis, constantes e firmes. Se formos oscilantes, inconstantes e voláteis, estaremos representando mal nosso Pai diante do mundo.

“Sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1 Coríntios 15.58).

"Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 João 4.10).

Amor é a qualidade de Deus que O faz derramar afeição generosa sobre outros. Seu amor é manifesto ao dar presentes bons e perfeitos aos amados.

Podemos citar apenas alguns dos incontáveis versículos que falam deste amor! *"Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí" (Jeremias 31.3). "Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Romanos 5.8). "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou..." (Efésios 2.4).* Ainda, é claro, o mais conhecido deles, *"Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3.16).*

Quando João diz que *"Deus é amor" (1 João 4.8)*, não está definindo Deus, mas enfatizando que amor é um elemento chave da natureza divina. Não adoramos ao amor, mas ao Deus do amor.

Seu amor não teve início e não terá fim. É ilimitado em suas dimensões. É absolutamente puro, sem qualquer traço de egoísmo ou qualquer outro pecado. É sacrificial, jamais se importando com o custo. Busca apenas o bem dos outros, sem nada em troca. Se estende aos não amáveis assim como aos amáveis, aos inimigos como aos amigos. Não é atraído por virtudes de seus objetos, mas apenas pela bondade do Doador.

As implicações práticas desta verdade sublime são óbvias. *"Sede, pois, imitadores de Deus",* disse Paulo, *"como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Efésios 5.1-2a).* Nosso amor deve subir ao Senhor, fluir a nossos irmãos e estender-se ao mundo não salvo.

A contemplação do Seu amor também deve inspirar o mais profundo louvor. Enquanto caímos aos Seus pés, devemos dizer repetidamente:

Como podes amar-me como fazes

E ser o Deus que és

É obscuro ao meu intelecto

Mas raio de luz ao meu coração.

12 DE JUNHO

"...o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória..." (1 Pedro 5.10).

A graça de Deus é Seu favor e aceitação daqueles que não o merecem; que, na verdade, merecem exatamente o contrário; mas que confiam em Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Quatro dos versículos mais conhecidos a respeito da graça são estes! *"A lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (João 1.17). "Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3.24). "Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos" (2 Coríntios 8.9). "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.8,9).*

Alguns exaltam a graça de Deus como a maior de todas as Suas virtudes. Samuel Davies, por exemplo, escreveu:

Grande Deus de maravilhas! Todos os Teus caminhos
Demonstram Teus divinos atributos;
Mas as brilhantes glórias da Tua graça
Brilham acima de Tuas outras maravilhas:
Quem é Deus perdoador como Tu?
Ou quem tem graça tão abundante e gratuita?

Porém, quem pode dizer que um dos atributos de Deus é maior que os outros?

Deus sempre foi um Deus de graça – tanto no Antigo Testamento como no Novo. No entanto, este aspecto do Seu caráter foi revelado de uma forma nova e surpreendente com a vinda de Cristo.

Uma vez que tenhamos compreendido parte da graça de Deus, nos tornamos adoradores eternos. Nos perguntamos: "Por que Ele me escolheria? Por que o Senhor Jesus derramaria Seu sangue por alguém tão indigno? Por que Ele não apenas me salvaria do inferno, mas me abençoaria com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais e me daria o destino de viver a eternidade com Ele no céu?" Não é de se estranhar que cantemos da graça maravilhosa que salvou miseráveis como nós!

Deus também quer que Sua graça seja reproduzida em nossas vidas e flua a outros através de nós. Nosso falar deve ser sempre com graça, temperada com sal (Colossenses 4.6). Devemos nos fazer pobres para que outros possam enriquecer (2 Coríntios 8.9). Devemos conceder favores e aceitação aos indignos e desagradáveis.

"Mas Deus, ...rico em misericórdia..." (Efésios 2.4).

A misericórdia de Deus é Sua piedade, bondade e compaixão por aqueles que são culpados, falhos, estão angustiados ou necessitados. A Palavra enfatiza que Deus é rico em misericórdia (Efésios 2.4) e abundante em misericórdia (Salmo 86.5). Sua misericórdia é muita (1 Pedro 1.3); se eleva até os céus (Salmo 57.10). *"Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem"* (Salmo 103.11). Deus é citado como *"o Pai de misericórdias"* (2 Coríntios 1.3), *"Cheio de terna misericórdia e compassivo"* (Tiago 5.11). Ele é imparcial ao conceder misericórdia: *"Porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos"* (Mateus 5.45). Os homens não são salvos por obras de justiça (Tito 3.5), mas por Sua misericórdia soberana (Êxodo 33.19; Romanos 9.15). Sua misericórdia dura para sempre sobre os que O temem (Salmo 136.1; Lucas 1.50), mas para os impenitentes apenas durante esta vida.

Há diferença entre graça e misericórdia. Graça significa que Deus me cobre de bênçãos que não mereço. Misericórdia significa que Ele não me dá a punição que eu mereço.

Toda a doutrina na Palavra vem com deveres. As misericórdias de Deus exigem, em primeiro lugar, que apresentemos nossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Romanos 12.1). É a coisa mais razoável, racional, sã e sensível que podemos fazer.

Além disso, Deus também quer que tenhamos misericórdia uns dos outros. Uma recompensa especial é prometida aos misericordiosos: *"alcançarão misericórdia"* (Mateus 5.7). O Senhor prefere misericórdia a sacrifícios (Mateus 9.13) ou seja, grandes atos de sacrifício são inaceitáveis se vêm separados da devoção pessoal.

O bom samaritano é quem demonstra misericórdia para com seu próximo. Mostramos misericórdia quando alimentamos os famintos, vestimos os pobres, cuidamos dos doentes, visitamos as viúvas e os órfãos e choramos com quem chora.

Somos misericordiosos quando rejeitamos a oportunidade de vingar-nos de alguém que nos prejudicou ou quando demonstramos compaixão por aqueles que falham.

Lembrando-nos do que somos, devemos orar sempre por misericórdia para nós mesmos (Hebreus 4.16) e para outros (Gálatas 6.16; 1 Timóteo 1.2).

Por fim, as misericórdias de Deus devem levar nossos corações a cantar Seu louvor.

Quando todas as tuas misericórdias, ó meu Deus,
Minha alma ascendente contempla,
Transportado pela vista me perco,
Em maravilha, amor e louvor.

- Joseph Addison

14 DE JUNHO

"A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela Injustiça" (Romanos 1.18).

A ira de Deus é Sua fúria violenta e Sua punição retribuída diretamente contra os pecadores não arrependidos no tempo e na eternidade. A. W. Pink ressaltou que esta é uma perfeição divina tanto quanto Sua fidelidade, amor e misericórdia. Não precisamos nos desculpar por ela.

Ao considerar a ira de Deus, há alguns fatos que devemos ter em mente.

Não há conflito entre o amor de Deus e a Sua ira. O amor verdadeiro pune o pecado, a rebeldia e a desobediência.

Se os homens rejeitam o amor de Deus, o que lhes resta além de Sua ira? Há somente duas moradas eternas: o céu e o inferno. Se os homens rejeitam o céu, por consequência eles escolhem o inferno.

Deus não criou o inferno para os homens, mas para o Diabo e seus anjos (Mateus 25.41). O Senhor não deseja a morte dos ímpios (Ezequiel 33.11). Porém, não há alternativa para quem rejeitou a Cristo.

Julgamento é citado como a obra estranha de Deus (Isaías 28.21). A sugestão é que Ele prefere mostrar misericórdia (Tiago 2.13b).

Não há vingança ou rancor na ira de Deus. É uma ira justa, sem qualquer mancha de pecado.

A ira de Deus é um atributo que não somos chamados a imitar. Ela é particularmente dEle no sentido em que somente o Senhor pode executá-la com justiça absoluta. Por isso, Paulo escreve aos Romanos: *"Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: 'Minha é a vingança; eu retribuirei' diz o Senhor"* (Romanos 12.19 – NVI).

O cristão é chamado a demonstrar uma raiva justa, mas ela precisa ser justa. Ela não pode transbordar e transformar-se em uma ira pecaminosa (Efésios 4.26). Deve também ser executada somente quando a honra de Deus está em jogo, jamais em auto-defesa ou auto-justificação.

Se realmente cremos na ira de Deus, ela deveria nos levar a compartilhar o Evangelho com aqueles que ainda estão na ampla estrada que leva à destruição. E quando pregamos sobre a ira de Deus, deve ser com lágrimas de compaixão.

"As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade" (Lamentações 3.22-23).

Deus é fiel e verdadeiro. Ele não pode mentir ou enganar. Não pode voltar atrás em Sua palavra. Ele é absolutamente confiável. Nenhuma de Suas promessas jamais deixará de se cumprir.

"Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?" (Números 23.19). "Saberás, pois, que o Senhor, teu Deus, é Deus, o Deus fiel" (Deuteronômio 7.9). "A tua fidelidade estende-se de geração em geração" (Salmo 119.90).

A fidelidade de Deus pode ser vista no fato de Ele nos ter chamado à comunhão com Seu Filho (1 Coríntios 1.9). Ela é vista no modo como Ele não permite que sejamos tentados além do que conseguimos suportar (1 Coríntios 10.13). É vista na forma como Ele nos confirma e nos guarda do mal (2 Tessalonicenses 3.3). Mesmo que alguns não creiam, Ele ainda assim permanece fiel: Não pode negar a Si mesmo (2 Timóteo 2.13).

O Senhor Jesus é a verdade encarnada (João 14.6). A Palavra de Deus é a verdade que santifica (João 17.17). *"Seja Deus verdadeiro e mentiroso, todo homem" (Romanos 3.4).*

Saber que Deus é fiel e verdadeiro inunda nossas almas de confiança. Sabemos que Sua Palavra não falha, que Ele fará o que prometeu (Hebreus 10.23). Sabemos, por exemplo, que temos uma segurança eterna, porque Ele disse que nenhuma de Suas ovelhas jamais perecerá (João 10.28). Sabemos que jamais nos faltará nada porque Ele prometeu suprir nossas necessidades (Filipenses 4.19).

Deus quer que Seu povo seja fiel e verdadeiro. Ele quer que sejamos fiéis à nossa palavra. Quer que sejamos confiáveis quanto a nossos compromissos. Não devemos ceder a mentiras, exageros ou meias verdades. Devemos ser fiéis ao cumprir nossas promessas. Cristãos, mais que quaisquer outros, devem ser fiéis a seus compromissos no casamento. Devem ser fiéis ao cumprir seus compromissos na igreja, nos negócios e em casa.

Devemos louvar e agradecer o Senhor por Sua fidelidade. Ele é o Deus que não falha.

Ele não falha – pois Ele é Deus

Ele não falha – Ele deu Sua Palavra

Ele não falha – Ele o acompanhará

Ele não falha – Ele o responderá

16 DE JUNHO

*"No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada"
(Salmo 115.3).*

Deus é soberano. Isso quer dizer que Ele é o Governador supremo do Universo e que pode fazer o que desejar. Porém, tendo dito isto, devemos acrescentar que o que Deus deseja é sempre certo. Seu caminho é perfeito.

Isaias cita o Senhor, dizendo: *"O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade"* (Isaias 46.10). Quando Nabucodonosor voltou a si, disse: *"Segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?"* (Daniel 4.35). O apóstolo Paulo afirma que o homem não tem o direito de questionar as ações de Deus: *"Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?"* (Romanos 9.20). Em outra passagem ele fala também de Deus como Aquele que *"faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade"* (Efésios 1.11).

Spurgeon disse que *"proclamamos um Deus entronizado e Seu direito de fazer o que desejar com os Seus, de tratar livremente Suas criaturas como achar melhor, sem consultá-las a respeito"*.

Simplificando, a doutrina da soberania de Deus é a que permite que Deus seja Deus.

Esta é uma verdade que me enche de reverência e respeito. Não consigo compreender todas as suas ramificações, mas posso louvar e adorar.

É uma verdade que me leva a submeter-me a Ele. Ele é o Oleiro; eu sou o barro. Ele tem direito sobre mim pela criação e pela redenção. Sob nenhuma circunstância devo responder-Lhe de forma grosseira ou questionar Suas decisões.

É uma verdade repleta de conforto. Já que Ele é o Governador supremo, sei que Ele está cumprindo Seus propósitos e que estes alcançarão o alvo desejado.

Embora haja coisas na vida que eu não entenda, posso ter certeza de que os fios escuros são tão necessários na Sua tapeçaria quanto os fios de ouro e prata.

"Porventura, desvendará os arcanos de Deus ou penetrará até à perfeição do Todo-Poderoso?" (Jó 11.7).

Há outros atributos de Deus que precisam ser mencionados, mesmo que rapidamente. Contemplar estas perfeições divinas eleva a alma da terra ao céu, do insignificante ao sublime.

Deus é justo, isto é, Ele é íntegro, imparcial e incorruptível em todos os Seus feitos. Ele é um *"Deus justo e Salvador"* (Isaias 45.21).

Deus é incompreensível (Jó 11.7-8). Ele é grande demais para ser compreendido pela mente humana. Como Stephen Charnock o disse: "É visível que há um Deus. Invisível é o que Ele é". Por sua vez, Richard Baxter disse: "Você pode conhecer a Deus, mas não pode compreendê-Lo".

Deus é eterno – sem início ou fim (Salmo 90.1-4). Sua existência é a eternidade.

Deus é bom (Na 1.7). Ele é *"bom para todos e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras"* (Salmo 145.9).

Deus é infinito (1 Reis 8.27). Ele não tem limitações ou restrições. "Sua grandeza vai além do cálculo, medida ou imaginação humana".

Deus é auto-existente (Êxodo 3.14). Ele não recebeu Sua existência de uma fonte externa. Ele é a Fonte de Sua própria vida, assim como de qualquer outra.

Deus é auto-suficiente ou seja, Ele tem, dentro da Trindade, tudo de que possa precisar.

Deus é transcendente. Ele está muito acima do Universo e do tempo e está além da criação material.

Um último atributo de Deus é Sua pré-ciência. Cristãos estão divididos quanto a se a pré-ciência de Deus determina quem será salvo ou se é apenas um conhecimento prévio de quem confiará no Salvador. A partir de Romanos 8.29 eu acredito que Deus selecionou soberanamente indivíduos e decretou que todos aqueles a quem Ele predestinou seriam eventualmente glorificados.

Então, chegamos ao final das nossas reflexões sobre os atributos de Deus. Porém, é um assunto que, de certa forma, não tem fim. Deus é tão grande, tão majestoso, tão maravilhoso que vemos somente obscuramente através de um vidro. Porque Ele é infinito, jamais poderá ser completamente conhecido por mentes finitas. Por toda a eternidade contemplaremos as maravilhas de Sua Pessoa e ainda assim teremos que dizer *"eis que não me contaram a metade"*.

"A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tiago 1.27).

Quando Tiago escreveu estas palavras, não quis sugerir que se um cristão fizesse estas coisas, estaria fazendo tudo o que lhe era pedido. Ao invés disso, estava dizendo que dois exemplos extraordinários de uma religião ideal são visitar órfãos e viúvas e manter-se puro.

Poderíamos pensar que ele focaria em uma pregação expositiva, na obra missionária ou em ganhar almas individualmente. Mas não! Ele pensa primeiro em visitar aqueles que estão em necessidade.

O apóstolo Paulo lembrou aos anciãos de Éfeso de que havia visitado pessoas *"de casa em casa"* (Atos 20.20). J. N. Darby considerava visitaçao "a parte mais importante da obra". Ele escreveu: "O relógio marca as horas e quem passa por ali o vê, mas é o mecanismo dentro do relógio que o faz funcionar e continua a marcar as horas e a mover os ponteiros. Acho que visitaçao deveria ser sua obra essencial e o resto a acompanharia. Tenho medo dos muitos testemunhos públicos: especialmente se não há ministério pessoal" (de uma carta a G. V. Wigram, 2 de Agosto de 1839).

Uma viúva idosa, morando sozinha, chegou ao ponto de depender da ajuda de vizinhos e amigos. Com tempo sobrando, ela começou um diário de toda e qualquer coisa que acontecesse durante o dia – especialmente dos contatos com o mundo exterior. Certo dia os vizinhos perceberam que não viam sinais de vida em sua casa há vários dias. A polícia foi chamada para entrar na casa e descobriram que ela estava morta há vários dias. Nos três dias antes de sua morte a única coisa escrita em seu diário era: "Ninguém veio", "ninguém veio".

Na ocupação de nosso dia a dia é fácil esquecer os solitários, os necessitados, os enfermos. Damos prioridade a outras questões e freqüentemente às formas de serviço que são mais públicas e glamourosas. No entanto, se queremos que nossa religião seja pura e genuína, não negligenciaremos os órfãos e as viúvas, os idosos e os isolados. O Senhor tem uma preocupação especial com aqueles que precisam de ajuda e uma recompensa especial para aqueles que se oferecem para suprir essa necessidade.

"...e a tua força seja como os teus dias" (Deuteronômio 33.25 - ACF).

Deus promete dar força ao Seu povo de acordo com suas necessidades em cada momento. Ele não promete dá-la antes da necessidade, mas quando a crise chega, a graça está lá para enfrentá-la.

Talvez você seja chamado a passar por uma série de doenças e sofrimentos. Se soubesse antes quão grandes seriam as provações, diria: "eu jamais aguentaria". Porém, todo o apoio divino vem com a provação, para a sua surpresa e de todos ao seu redor.

Vivemos com medo da época em que nossos amados serão levados pela morte. Temos certeza de que nosso mundinho cairá aos pedaços e de que seremos totalmente incapazes de enfrentar isso. No entanto, não é assim. Temos consciência da presença e do poder do Senhor de uma maneira que nunca havíamos experimentado antes.

Muitos de nós passamos de raspão pela morte em acidentes ou situações de perigo extremo. Vemos nossos corações cheios de paz quando normalmente estaríamos em pânico. Sabemos que é o Senhor, nos acompanhando e ajudando.

Ao ler as histórias daqueles que, heroicamente, sacrificaram suas vidas por causa de Cristo, percebemos novamente que Deus nos dá "graça de mártires para dias de mártires". Sua coragem e tranquilidade estavam além da bravura humana. Seu testemunho audacioso era obviamente capacitado pelo alto.

A essa altura deve parecer óbvio que preocupar-se antes mesmo da necessidade produz nada além de úlceras. O fato é que Deus não nos dá graça e força até que estas sejam necessárias. Como D. W. Whittle disse:

Não posso fazer nada pelo amanhã
O Salvador o tomará sob Seu cuidado
Sua graça e sua força não posso tomar emprestado,
Por que devo então tomar sua preocupação?

As linhas memoráveis escritas por Annie Johnson Flint são ainda apropriadas.

Ele concede mais graça quando a carga cresce;
Envia mais força quando o trabalho aumenta.
À maior aflição Ele acrescenta Sua misericórdia;
As aflições múltiplas, Sua paz multiplicada.

Quando esgotamos nossa reserva de persistência,
Quando nossa força acaba antes de o dia chegar à sua metade,
Quando chegamos ao fim de nossos recursos guardados,
O cuidado completo do nosso Pai apenas começa.

20 DE JUNHO

"Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias" (Provérbios 31.10).

Quais são algumas das coisas que um marido cristão deseja em sua esposa? A lista a seguir é uma sugestão. Espero que ninguém seja imaturo ao ponto de esperar encontrar tudo isto em uma única mulher.

Em primeiro lugar, ela deve ser uma mulher comprometida com Deus – não apenas nascida de novo, mas tendo uma mentalidade espiritual também. Esta mulher coloca Cristo em primeiro lugar em sua vida. É uma mulher de oração e é envolvida no ministério do Senhor – uma mulher de caráter cristão e integridade a quem ele pode respeitar espiritualmente e que o respeita também.

Ela é uma mulher que assume seu lugar de submissão designado por Deus e auxilia ativamente seu marido a assumir seu lugar como o cabeça... Ela é fiel aos seus votos matrimoniais... É uma boa esposa e boa mãe para seus filhos... É asseada e atraente, não se vestindo de forma extrema, mas sendo feminina e refinada sem ser puritana.

A esposa ideal é uma boa dona de casa que mantém o lugar limpo e organizado e que administra seus afazeres de forma eficiente. Serve boas refeições diariamente e gosta de mostrar hospitalidade a outros... Não preciso nem dizer que ela deve compartilhar dos mesmos alvos e interesses de seu marido.

Quando surgem diferenças, ela está disposta a trazer seus problemas à superfície ao invés de calar-se, cruzar os braços e ficar de mau humor. Está disposta a negociar essas diferenças e é capaz de desculpar-se e confessar se for necessário.

Ela não é fofoqueira ou intrometida, interferindo nos assuntos pessoais de outras pessoas. Ela tem um espírito manso e pacífico e não é briguenta ou resmungona.

Esta esposa coopera para viver dentro do orçamento familiar. Não é obcecada por um desejo de ter coisas luxuosas e não se esforça pra competir com os vizinhos.

Ela está disposta a aceitar adversidade, se necessário.

Ela oferece a seu marido seus privilégios conjugais com alegria, não de forma passiva ou desinteressada.

Ela tem um bom temperamento, sabe perder, não é uma alpinista social e é completamente confiável.

Maridos devem ser gratos quando encontram a maioria dessas características em suas esposas e as esposas podem usá-las como uma lista para ajudá-las a crescer ainda mais.

"Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5.25).

O que uma mulher cristã deseja em seu marido? Sua primeira preocupação deve ser com sua vida espiritual, não com sua aparência física.

Ele deve ser um homem comprometido com Deus, que busca primeiro o reino de Deus e a Sua justiça. Seu objetivo é servir ao Senhor e ser um membro ativo da sua igreja local. Ele deve conduzir sua família a Deus em casa e ser um exemplo de cristão.

Este homem assume seu lugar como o cabeça da casa, mas não é um tirano.

Ele ama sua esposa e, portanto, conquista sua submissão ao invés de impô-la. Ele é respeitoso com ela, tratando-a como uma dama o tempo todo. Ele é fiel, compreensivo, paciente, amável, zeloso, atencioso e alegre.

O marido ideal é um bom provedor, diligente em seus negócios. Porém, dinheiro não é a sua prioridade. Ele não é avarento ou ganancioso.

Ele ama seus filhos, os treina, gasta tempo, planeja atividades sociais, é um bom exemplo para eles e dá atenção individual a cada um.

Ele ama hospitalidade. Sua casa está aberta para os servos do Senhor, para todos os cristãos e para os não salvos.

Ele mantém uma boa comunicação com sua esposa e sua família. Entende e aceita suas limitações e consegue rir bondosamente de seus erros. Ele compartilha com eles social e intelectualmente. Quando diz ou faz algo errado, é rápido para admitir seu erro e pedir desculpas. Ele está sempre aberto às sugestões de sua família. É altamente preferível que ele consiga manter as coisas funcionando quando sua esposa não estiver bem.

Outras características desejáveis são que ele seja limpo e organizado, altruísta, honesto, gentil, confiável, leal, generoso e grato. Ele deve ter um bom senso de humor e não deve ser emburrado ou reclamador.

Poucos homens, se algum, personificam todas estas virtudes e é irrealista esperá-las todas. Uma esposa deve ser grata por aquelas que encontrar e deve ajudar carinhosamente seu marido a desenvolver outras.

22 DE JUNHO

“Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Tessalonicenses 5.21).

Às vezes parece que cristãos estão mais propensos a aceitar modas passageiras e ventos de doutrina. John Blanchard escreveu a respeito de dois motoristas de ônibus turísticos que comparavam anotações. Quando um deles mencionou que tinha um ônibus cheio de cristãos, o outro disse: “É mesmo? No que eles acreditam?” Ao que o primeiro respondeu: “Em qualquer coisa que eu lhes disser!”.

Uma hora pode ser uma moda quanto à comida. Certas comidas são denunciadas como venenosas e a outras são dadas propriedades quase mágicas ou pode ser uma moda medicinal, afirmando produzir resultados espetaculares com uma erva ou extrato estranho.

Cristãos podem ser ingênuos quando se trata de atrativos financeiros. Ao menos neste país, eles respondem prontamente à publicidade envolvendo órfãos ou cruzadas anti-comunistas sem investigar a integridade da agência responsável.

Impostores encontram seu auge entre os crentes. Não importa o quão ridícula seja a sua triste história, eles conseguem amontoar dinheiro.

Talvez o problema seja que não conseguimos distinguir fé de ingenuidade. A fé acredita na coisa mais confiável do Universo, ou seja, a Palavra de Deus. Ingenuidade aceita coisas como fatos sem evidências e às vezes até diante de evidências do contrário.

Deus nunca quis que Seu povo abandonasse sua capacidade de discernir ou de ver as coisas com um olhar crítico. Entremeadas na Bíblia estão exortações quanto a isso, como as seguintes:

“Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Tessalonicenses 5.21),

“...se apartares o precioso do vil, serás a minha boca” (Jeremias 15.19),

“E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção” (Filipenses 1.9),

“Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora” (1 João 4.1).

O perigo é ainda maior, é claro, quando se mistura modas e novidades doutrinárias. Porém, em muitas outras áreas é possível que cristãos se desviem ou se deixem enganar com conspirações ou modas que seguem com entusiasmo demais.

"Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem" (1 Tessalonicenses 4.14).

Como devemos reagir quando alguém que amamos morre no Senhor? Alguns cristãos desmoram emocionalmente. Outros, embora tristes, conseguem suportá-lo heroicamente. Depende de quão profundas estão nossas raízes em Deus e quão completamente nos apropriamos das grandes verdades da nossa fé.

Em primeiro lugar, devemos ver a morte do ponto de vista do Salvador. É uma resposta à Sua oração em João 17.24: *"Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória..."* Quando aqueles que amamos se vão para estar com Ele, Ele vê o sofrimento de Sua alma e fica satisfeito (Isaías 53.11). *"Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos" (Salmo 116.15).*

Devemos, então, ficar gratos pelo que isso significa para aquele que morreu. Ele foi chamado para ver o Rei em Sua beleza. Ele está livre para sempre do pecado, da doença, do sofrimento e da tristeza. Ele foi poupado do mal do futuro (Isaías 57.1). *"Nada se compara com a ida de um santo de Deus para casa... ir para casa, deixar essa terra de barro, estar livre da escravidão do material – ser recebido pela companhia incontável de anjos".* O Bispo Ryle escreveu: *"No mesmo momento em que cristãos morrem, estão no paraíso. Sua batalha foi vencida. Sua luta terminou. Passaram pelo vale das sombras pelo qual precisamos andar. Passaram pelo rio escuro que precisamos cruzar. Beberam o último copo amargo que o pecado misturou para o homem. Eles chegaram ao lugar onde a tristeza e o lamento não existem mais. Certamente, não devemos desejar que voltem! Não devemos chorar por eles, mas por nós mesmos".* A fé se apropria desta verdade e é capaz de agüentar firme como uma árvore plantada junto à corrente de águas.

Para nós, a morte de alguém que amamos sempre envolve tristeza. Mas não sofremos como outros que não têm esperança (1 Tessalonicenses 4.13). Sabemos que aquele que amamos está com Cristo, o que é muito melhor. Sabemos que a separação é apenas por um curto tempo. Então, seremos reunidos nas colinas das terras do Emanuel e nos conheceremos sob circunstâncias melhores do que jamais vivemos aqui embaixo. Ansiamos pela vinda do Senhor quando os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Então nós, que permaneceremos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens para encontrar com o Senhor nos ares e assim estaremos com o Senhor para sempre (1 Tessalonicenses 4.16-17). Esta esperança faz toda a diferença.

O consolo do Pai também não é pequeno para nós (Jó 15.11). Nossa tristeza se mistura com a alegria e nossa sensação de perda é mais que compensada pela promessa da bênção eterna.

24 DE JUNHO

"Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus" (Marcos 10.14).

A morte de crianças é sempre um desafio especialmente severo para a fé do povo de Deus e é importante ter amarras sólidas para nos segurarem em momentos assim.

A crença mais comum entre cristãos é que crianças que morrem antes de chegarem a uma idade de prestação de contas estão salvas pelo sangue de Jesus. O raciocínio funciona mais ou menos assim: a criança, em si, nunca teve a capacidade de aceitar ou rejeitar o Salvador, então Deus atribui a ela o valor da obra de Cristo na cruz. Ela é salva através da morte e da ressurreição do Senhor Jesus, mesmo sem jamais ter entendido pessoalmente a importância daquela obra para a salvação.

Quanto à idade de prestação de contas, ninguém além de Deus sabe qual é. É claramente diferente em cada caso, já que uma criança pode amadurecer antes de outra.

Embora não haja uma passagem que diga especificamente que crianças que morrem antes da idade de prestação de contas vão para o céu, há dois versos que apóiam esta perspectiva. O primeiro é o nosso versículo de hoje: *"Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus" (Marcos 10.14)*. Falando das crianças, Jesus disse que *"...dos tais é o reino de Deus"*. Ele não disse que tinham que se tornar adultos para entrar no reino de Deus, mas que elas mesmas são típicas daqueles que fazem parte do reino de Deus. Este é um argumento bastante forte a favor da salvação de crianças pequenas.

Outra linha de argumentos é a seguinte: Quando Jesus estava falando de adultos, Ele disse *"Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido" (Lucas 19.10)*. Porém, quando falava sobre crianças, Ele omitia qualquer menção a uma busca. Simplesmente disse *"Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido" (Mateus 18.11)*. O que se implica aqui é que as crianças não se afastaram como os adultos e que o Salvador soberanamente os traz ao Seu abrigo na hora de sua morte. Embora nunca tenha ouvido da obra de Cristo, Deus a conhece e atribui o valor da salvação deste feito a suas vidas.

Não devemos questionar a providência de Deus quando Ele leva nossas crianças. Como Jim Elliot escreveu: "Não devo achar estranho quando Deus leva em sua juventude aqueles a quem eu manteria na terra até estarem velhos. Deus está povoando a eternidade e não posso restringi-LO a homens e mulheres idosas".

"Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (2 Samuel 18.33).

Quer Absalão fosse salvo, quer não, o pranto de seu pai espelha a dor de muitos cristãos que pranteiam a morte de um parente não salvo por quem oraram por muitos anos. Há algum bálsamo em Gileade para uma ocasião assim? Qual é a atitude a ser tomada de acordo com a Palavra?

Bem, em primeiro lugar, jamais podemos ter certeza se a pessoa realmente morreu sem Cristo. Já ouvimos o testemunho de um homem que foi jogado do cavalo e que confiou em Cristo "Entre o estribo e o chão, ele buscou misericórdia e encontrou misericórdia". Outro homem caiu de uma prancha de embarque e se converteu antes de chegar à água. Se qualquer um deles tivesse morrido nesses infortúnios, ninguém saberia que eles haviam morrido já na fé.

Creemos que é possível alguém ser salvo durante um coma. Autoridades médicas nos dizem que pessoas em coma freqüentemente conseguem ouvir e entender o que está sendo dito no quarto, mesmo que não consigam falar. Se são capazes de ouvir e entender, por que não poderiam aceitar a Jesus Cristo em um último passo de fé?

Porém, vamos supor o pior. Suponhamos que a pessoa realmente tenha morrido sem ter sido salva. Qual deve ser a nossa atitude? Devemos bem claramente aliar-nos a Deus contra nossa própria carne e sangue. Não é culpa de Deus se alguém morre ainda em seus pecados. A um custo estupendo, Deus providenciou uma forma pela qual as pessoas podem ser salvas de seus pecados. Sua salvação é um presente de graça, totalmente desligado de mérito ou dívidas. Se os homens rejeitam o presente e vida eterna, o que mais Deus pode fazer? Ele certamente não pode encher o céu de pessoas que não querem estar lá, senão não seria o céu.

Assim, se alguns dos que amamos vão para a eternidade sem esperança, tudo o que podemos fazer é compartilhar da dor e da tristeza do Filho de Deus, que, chorando sobre Jerusalém, disse: "Eu quis, mas vocês não quiseram".

Sabemos que o Juiz de toda a terra fará o que é certo (Gênesis 18.25), então O justificamos na punição dos perdidos, assim como na salvação dos pecadores arrependidos.

“E ele lhes disse: Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto... Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades e chegaram antes deles. ...Jesus... compadeceu-se deles” (Marcos 6.31-34).

É fácil para nós nos aborrecermos com interrupções. Me envergonho de pensar em quantas vezes me irritei com incumbências inesperadas que me impediram de terminar uma tarefa pré-planejada. Quem sabe eu estava escrevendo e as palavras estavam fluindo com facilidade. Então o telefone tocava ou havia alguém à porta precisando conversar. Era uma intrusão importuna.

O Senhor Jesus jamais se incomodava com interrupções. Ele aceitava a todas elas como parte do plano de Seu Pai para aquele dia. Isto dava tremendo equilíbrio e calma à Sua vida.

Na verdade, quanto somos interrompidos é muitas vezes um parâmetro da nossa utilidade. Certo escritor da *Anglican Digest* disse: “Quando você se enfurecer com interrupções, tente lembrar-se de que a própria frequência destas interrupções pode indicar a preciosidade da sua vida. Somente pessoas fortes e capazes de ajudar são sobrecarregadas com as necessidades de outros. As interrupções com que nos irritamos são as credenciais da nossa indispensabilidade. A maior condenação que qualquer um poderia sofrer – e é um perigo ao qual devemos estar alertas – é ser independente demais, tão inútil que ninguém jamais o interrompa e seja deixado desconfortavelmente sozinho”.

Todos sorriem nervosamente quando lêem sobre a experiência de uma dona de casa ocupada. Certo dia, quando ela havia planejado um dia mais ocupado que o normal, levantou os olhos do que estava fazendo para ver seu marido chegando em casa mais cedo que de costume. “O que você está fazendo aqui?” ela perguntou com uma irritação pouco disfarçada. “Eu moro aqui”, ele respondeu com um sorriso aflito. Mais tarde ela escreveu, “Desde aquele dia decidi deixar meu trabalho de lado quando meu marido chega em casa. O recebo com carinho e faço com que saiba que ele é prioridade”.

Devemos entregar o dia ao Senhor a cada manhã, pedindo-Lhe que organize cada detalhe. Então, se alguém nos interromper, será porque Ele enviou aquela pessoa. Devemos descobrir o porquê e responder de acordo. Aquela pode ser a coisa mais importante que faremos naquele dia, mesmo se vier disfarçada de interrupção.

"Todavia, será preservada através de sua missão de mãe..." (1 Timóteo 2.15).

A partir de algumas das restrições que Paulo coloca sobre o ministério da mulher na igreja, pode parecer que ela está reduzida a alguém sem importância. Por exemplo, não lhe é permitido ensinar ou exercer autoridade sobre o homem, mas deve estar em silêncio (v. 12). Alguns podem concluir que ela está relegada a uma posição inferior na fé cristã.

O versículo 15, porém, exclui tal idéia falsa. *"...será preservada através de sua missão de mãe..."*. Isso claramente não se refere à salvação de sua alma, mas à salvação de sua posição na igreja. A ela é dado o privilégio tremendamente importante de criar filhos e filhas para Deus.

William Ross Wallace disse: "A mão que balança o berço é a mão que governa o mundo". Por trás de quase todo grande líder há uma grande mãe.

Duvido que Susannah Wesley jamais tenha ministrado de um púlpito, mas seu ministério em casa teve um impacto mundial através de dois de seus filhos, John e Charles.

Em nossa sociedade, está na moda as mulheres saírem de casa para seguir carreiras mais glamourosas no mundo profissional ou de negócios. Para elas, o trabalho do lar é monótono e ter uma família é uma tarefa dispensável.

Em certo almoço para mulheres cristãs, a conversa acabou indo para a área de carreiras. Cada uma começou a descrever seu cargo e salário com entusiasmo. Não há dúvida de que havia um espírito de rivalidade! Por fim, uma delas voltou-se para uma dona de casa que tinha três filhos robustos e perguntou: "É qual é a sua carreira, Charlotte?" Charlotte respondeu humildemente: "Eu crio homens de Deus".

A filha do Faraó disse à mãe de Moisés: *"Leva este menino e cria-o; pagar-te-ei o teu salário"* (Êxodo 2.9). Talvez uma das grandes surpresas diante do Tribunal de Cristo seja o grande salário que o Senhor paga às mulheres que se dedicaram a criar meninos e meninas para Ele e para a eternidade.

Sim, ela *"será preservada através de sua missão de mãe..."*. O lugar da mulher na igreja não é o de um ministério público, mas talvez a missão de mãe tenha uma importância muito maior aos olhos de Deus.

28 DE JUNHO

“Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado” (Marcos 16.16).

Se este fosse o único versículo na Bíblia sobre o assunto, poderíamos concluir, justamente, que a salvação é pela fé mais batismo. No entanto, quando há 150 versículos do Novo Testamento que condicionam a salvação somente à fé, precisamos concluir que estes 150 não podem ser contraditos por um ou dois versículos como este.

No entanto, embora o batismo não seja essencial para a salvação, ele é essencial para a obediência. A vontade de Deus é que todos os que confiaram em Seu Filho como Senhor e Salvador identifiquem-se com Ele publicamente nas águas do batismo cristão.

O Novo Testamento não considera a anormalidade de um cristão não batizado. Ele presume que quando uma pessoa for salva, ela será batizada. No livro de Atos, os discípulos praticavam o que chamamos de “batismo instantâneo”. Eles não esperavam até um culto formal em uma igreja, mas batizavam imediatamente com base na profissão de fé da pessoa.

A seqüência de crença e batismo é tão próxima que a Bíblia fala dos dois na mesma frase – *“Quem crer e for batizado...”*

Em nosso desejo de evitar o ensino não bíblico da regeneração pelo batismo, freqüentemente permitimos que o pêndulo balance demais na direção oposta. As pessoas podem sair com a idéia falsa de que, na verdade, não importa se você é batizado ou não. Mas sim, importa.

Ouvimos alguns dizerem eloqüentemente: “Posso ir para o céu sem ser batizado”. Sempre lhes respondo: “Sim, isso é verdade. Você pode ir para o céu sem ser batizado, mas se o fizer, ficará sem ser batizado por toda a eternidade”. Não haverá uma oportunidade para o batismo no céu. É uma das coisas nas quais temos que obedecer ao Senhor agora ou nunca.

Todos os que confiaram em Jesus Cristo como Senhor e Salvador não devem perder tempo quanto ao batismo. Desta forma, eles se identificam publicamente com Ele em Sua morte e ressurreição e se comprometem publicamente a caminhar com Ele em novidade de vida.

“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (João 5.24).

Aqui está um ponto que tem revolucionado e transformado muitas vidas.

A duplicação de *“em verdade”* ou *“na verdade”*, logo de saída, nos alerta a esperar algo significativo. Não nos decepçionamos.

“Vos digo”. Aqui é o Senhor Jesus falando; sabemos disso pelo versículo 19. O que também precisamos saber é que, quando Ele diz alguma coisa, isso é absoluta e invariavelmente verdade. Ele não pode mentir. Não pode enganar. Não pode ser enganado. Nada pode ser mais confiável e certo do que aquilo que Ele diz.

A quem Ele está falando? *“Vos digo”*. O Filho Eterno de Deus está falando com você e comigo. Jamais tivemos alguém tão ilustre falando conosco antes e nunca mais o teremos. Precisamos ouvir!

“Quem ouve a minha palavra”. Este *“quem”* significa *“qualquer um”*. Tem o mesmo impacto que *“todos que”*. Ouvir Sua palavra significa não apenas ouvi-la com os ouvidos, mas ouvi-la e crer, ouvi-la e receber, ouvi-la e obedecer.

“...e crê naquele que me enviou”. Sabemos que foi Deus o Pai quem O enviou. No entanto, a pergunta importante é: *“Por que Ele O enviou?”* Preciso crer que o Pai enviou Seu Filho para morrer como meu substituto, para pagar a punição que eu mereço, para derramar Seu sangue para a remissão dos meus pecados.

Então vem a promessa tripla. Primeiro: *“tem a vida eterna”*. Assim que a pessoa crê, ela possui a vida eterna. É simples assim. Segundo: ela *“não entra em juízo”*. Isso significa que ela jamais será condenada ao inferno por seus pecados, porque Cristo pagou sua dívida e Deus não exigirá este pagamento duas vezes. Terceiro: *“passou da morte para a vida”*. Ela passa de uma condição na qual está espiritualmente morta quanto ao seu relacionamento com Deus e nasce outra vez em uma nova vida que nunca terminará.

Se você verdadeiramente ouviu Sua Palavra e se creu no Pai que O enviou, então o Senhor Jesus Cristo lhe assegura que você está salvo.

Não é de se admirar que se chame *“Boas Novas”*.

30 DE JUNHO

"Quando Moisés levantava a mão, Israel prevalecia; quando, porém, ele abaixava a mão, prevalecia Amaleque" (Êxodo 17.11).

Israel estava em guerra contra o exército de Amaleque. Moisés estava no topo da colina, contemplando o campo de batalha. A posição das mãos de Moisés foi a diferença entre a vitória e a derrota. As mãos erguidas faziam os amalequitas recuarem. Mãos abaixadas faziam Israel recuar.

Enquanto as mãos de Moisés estavam levantadas, ele via o Senhor Jesus como nosso Intercessor, "por nós levantando Suas mãos com amor e compaixão" (hino tradicional de Lord Adalbert Percy Cecil). É pela Sua intercessão que somos completamente salvos. Porém, a partir dali, o paralelo se parte, porque as mãos do nosso Intercessor jamais se abaixam. Nenhum tipo de cansaço faz com que Ele precise da ajuda de outros. Ele vive para sempre para interceder por nós.

Há outra forma de aplicar este incidente a nós enquanto guerreiros de oração. As mãos levantadas representam nossa intercessão fiel pelos cristãos diretamente envolvidos em batalhas espirituais nos campos missionários pelo mundo. Quando negligenciamos o ministério da oração, o inimigo prevalece.

Certo missionário e seu grupo, durante uma expedição, tiveram que passar uma noite em uma área infestada de bandidos. Eles se entregaram aos cuidados do Senhor e foram dormir. Meses depois, quando um dos chefes destes bandidos foi trazido ao hospital da missão, ele reconheceu o missionário. "Nós tínhamos planejado assaltá-los naquela noite no campo", ele disse, "mas ficamos com medo dos seus vinte e sete soldados".

Mais tarde, quando o missionário contou esta história em uma carta à sua igreja, um dos membros disse: "Nós tivemos uma reunião de oração naquela mesma noite e havia vinte e sete de nós ali".

Quando nosso Deus nos vê ali,
Suplicando no lugar de oração,
Então a maré da batalha muda,
Então a chama da conquista queima,
Então a bandeira da verdade prevalece,
Inimigos se escondem e Satanás treme!
Então o lamento vacilante de medo
Se transforma no ressoante grito da vitória!
Leva-nos, Senhor, ó leva-nos até lá,
Onde aprendemos oração vitoriosa.

Podemos, então, aprender ainda outra lição com este incidente. O Senhor jurou que guerrearía com Amaleque de geração a geração. Amaleque é uma ilustração da carne. Todo cristão precisa lutar ininterruptamente contra a carne. A oração é uma de suas principais armas. A fidelidade de sua vida de oração, muitas vezes, se torna a diferença entre a vitória e a derrota.

“...então, conhecerei como também sou conhecido” (1 Coríntios 13.12).

É bastante normal e compreensível, para nós como cristãos, nos perguntarmos se no céu reconheceremos aqueles a quem amamos. Embora não haja uma passagem que trate especificamente deste assunto, há diversas linhas de raciocínio que nos levam a uma conclusão afirmativa.

Em primeiro lugar, os discípulos de Jesus O reconheceram em Seu corpo ressurreto e glorificado. Sua aparência física não havia mudado. Não havia dúvida de que era “este mesmo Jesus”. Isto sugere que também teremos nossas características distintas no céu, mas de forma glorificada. Não há sugestão alguma de que todos teremos aparência igual. Quando se diz, em 1 João 3.2, que seremos como o Senhor Jesus, quer dizer **moralmente** como Ele, por exemplo, livres para sempre do pecado e de suas conseqüências. Mas, certamente, não pareceremos fisicamente com Ele a ponto de sermos confundidos com Ele. Jamais!

Em segundo lugar, não há razão para crer que saberemos menos no céu do que sabemos aqui embaixo. Se nos reconhecemos aqui embaixo, por que seria estranho nos reconhecermos lá em cima? Se conheceremos como somos conhecidos, isto se torna claro.

Paulo esperava reconhecer os tessalonicenses no céu. Ele afirma que eles seriam sua esperança, alegria e coroa em quem se gloriaria (1 Tessalonicenses 2.19).

Há indicações na Bíblia de que as pessoas receberam e receberão a habilidade de reconhecer pessoas que nunca viram antes. Pedro, Tiago e João reconheceram Moisés e Elias no Monte da Transfiguração (Mateus 17.4).

O homem rico no Hades reconheceu Abraão (Lucas 16.24). Jesus disse aos judeus que eles veriam Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus (Lucas 13.28). A Bíblia nos fala para ganhar amigos através de uma mordomia sábia das nossas riquezas para que estes amigos nos recebam nas moradas eternas (o que pressupõe que eles nos reconhecerão como seus benfeitores – Lucas 16.9).

No entanto, um cuidado deve ser tomado! Embora pareça claro que reconheceremos nossos amados no céu, não os conheceremos dentro dos mesmos relacionamentos que tínhamos na terra. Por exemplo, o relacionamento marido-mulher não existirá mais. Este parece ser o significado claro das palavras do Salvador em Mateus 22.30: *“...na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento”*.

2 DE JULHO

“Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas Inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada” (Lucas 10.41-42).

Maria sentou-se, em silêncio, aos pés de Jesus e ouviu Sua palavra. Marta estava agitada e incomodada em seu serviço e se ofendeu com o fato de que Maria não se esforçou para ajudar. O Senhor Jesus não corrigiu Marta por seu serviço, mas pelo motivo pelo qual ela o estava fazendo. Há também a sugestão de que as prioridades de Marta estavam erradas; ela não deveria ter posto o serviço acima da adoração.

Muitos de nós somos como Marta. Somos empreendedores que preferem fazer a sentar-se. Nos orgulhamos por sermos organizados, eficazes, capazes de realizar coisas. Estamos tão preocupados com nosso trabalho que nossa leitura bíblica a cada manhã muitas vezes é interrompida pela lembrança das “sessenta coisas” que temos que fazer. Nossas orações tendem a ser uma confusão porque nossa mente divaga de Dã a Berseba, planejando nosso dia. É fácil ficarmos ressentidos quando os outros não arregaçam as mãos e ajudam. Achamos que todo mundo deveria estar fazendo o que estamos fazendo.

Então, há aqueles como Maria. Eles são amorosos. Suas vidas exalam afeição pelos outros. Para eles, pessoas são mais importantes que panelas e frigideiras. Uma Pessoa em particular é o Objetivo de sua afeição. Eles não são preguiçosos, embora possa ser isso que nós, “Martas”, achamos. Acontece que eles apenas têm prioridades diferentes.

Nós mesmos admiramos pessoas carinhosas e atenciosas mais do que aquelas que são friamente capazes e eficazes. Nossos corações são bem mais aquecidos por uma criança que nos cobre de abraços e beijos do que por uma que está ocupada demais com seus brinquedos para prestar atenção em nós.

Alguém disse, corretamente, que Deus está mais interessado em nossa adoração que em nosso serviço; o Noivo celestial está cortejando uma noiva, não contratando uma serva.

Cristo jamais pede de nós um trabalho tão árduo
Que não nos sobre tempo para sentar-nos aos Seus pés.
A atitude paciente de esperar
Ele muitas vezes conta como serviço mais completo.

Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada. Que façamos o mesmo!

“Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hebreus 13.2).

A hospitalidade não é apenas um dever sagrado (*“Não negligencieis a hospitalidade”*); ela carrega consigo a promessa de surpresas gloriosas (*“...pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos”*).

O dia havia começado como qualquer outro para Abraão. De repente, três homens apareceram diante dele enquanto estava sentado à porta da sua tenda. O patriarca reagiu da forma típica do oriente médio – lavou seus pés, acomodou-os em um local fresco para descansar sob uma árvore, foi buscar um novilho de seu rebanho, pediu a Sara que assasse pães e serviu-lhes uma refeição suntuosa.

Mas quem eram estes três homens? Dois deles eram anjos; o terceiro era o **Anjo do Senhor**. Acreditamos que o **Anjo do Senhor** era o Senhor Jesus aparecendo como Homem (veja Gênesis 18.13 quando o anjo é chamado de “o Senhor”).

Então Abraão acolheu não apenas anjos, mas acolheu ao próprio Senhor em uma de Suas muitas aparições pré-encarnação. E podemos ter o mesmo privilégio, por mais surpreendente que isso pareça!

Muitas famílias cristãs podem testemunhar da bênção recebida por acolherem homens e mulheres em suas casas. Marcas divinas foram deixadas em crianças que as levarão para o resto de suas vidas. O zelo pelo Senhor foi reacendido, corações entristecidos foram consolados, problemas foram resolvidos. Quanto devemos a esses “anjos” cuja própria presença foi uma bênção em casa!

Mas também é nosso privilégio incomparável ter o Senhor Jesus como hóspede. Sempre que recebemos um dos Seus em Seu Nome, é como se estivéssemos recebendo o próprio Senhor (Mateus 10.40). Se realmente acreditarmos nisso, investiremos e nos esgotaremos no maravilhoso ministério da hospitalidade como nunca antes. Seremos *“mutuamente hospitaleiros, sem murmuração”* (1 Pedro 4.9). Trataremos cada hóspede como trataríamos o próprio Cristo. E nossas casas serão como a casa de Maria e de Marta, em Betânia – onde Jesus gostava de estar.

4 DE JULHO

“Porventura, não tornarás a vivificar-nos, para que em ti se regozije o teu povo?” (Salmo 85.6).

A apatia espiritual é muitas vezes como um câncer: não sabemos que estamos doentes. Podemos esfriar espiritualmente de forma tão gradual que não percebemos quão carnis realmente nos tornamos. Às vezes precisamos que uma tragédia, uma crise ou a voz de um profeta de Deus nos acorde para nossa necessidade desesperadora. Somente então podemos reivindicar a promessa de Deus: *“Derramarei água sobre o sedento e torrentes sobre a terra seca” (Isaías 44.3).*

Preciso de um reavivamento quando perco meu entusiástico interesse pela Palavra de Deus, quando minha vida de oração cai em uma rotina monótona (ou parou completamente), quando deixo meu primeiro amor. Preciso de um toque novo de Deus quando estou mais interessado nos programas da TV que no encontro da minha igreja local, quando sou pontual para o trabalho, mas estou sempre atrasado para encontros com a igreja, quando sou constante no meu emprego, mas inconstante nos compromissos com a comunidade. Preciso ser reavivado quando estou disposto a fazer por dinheiro o que não estou disposto a fazer pelo Salvador, quando gasto mais dinheiro no que me agrada do que na obra do Senhor.

Precisamos de um reavivamento quando nutrimos rancores, ressentimentos, sentimentos de amargura. Quando somos culpados de fofoca e difamação. Quando não estamos dispostos a confessar erros que cometemos ou a perdoar outros quando estes nos confessam seus erros. Precisamos ser reavivados quando brigamos como cães em casa e então aparecemos no culto como se tudo fossem flores e doces. Precisamos ser reavivados quando nos amoldamos ao mundo em nosso jeito de falar, de caminhar e em nosso estilo de vida. Quão grande é a nossa necessidade quando somos culpados dos pecados de Sodoma – arrogância, fartura de comida e uma vida despreocupada (Ezequiel 16.49)!

Assim que percebemos o quanto esfriamos e nos tornamos estéreis, podemos reivindicar a promessa de 2 Crônicas 7.14: *“Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra”.*

Confissão é o caminho do reavivamento!

Ó Santo Espírito, reavivamento vem de Ti;
Dá-nos um reavivamento – começa a obra em mim.
Tua Palavra declara que suprirás nossas necessidades.
Por bênçãos agora, ó Senhor, humildemente peço.

- J. Edwin Orr

"Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias"
(1 Tessalonicenses 5.19-20).

Geralmente pensamos em apagar como algo relacionado a um incêndio. Apagamos o fogo quando jogamos água nele. Ao fazê-lo, ou extinguiamos completamente ou reduzimos muito sua extensão e eficácia.

Fogo é usado nas Escrituras como um paralelo para o Espírito Santo. Ele é intenso, abrasador, entusiástico. Quando as pessoas estão sob o controle do Espírito Santo, elas brilham, ardem, transbordam. Apagamos o Espírito quando suprimimos a Sua manifestação nos encontros do povo de Deus.

Paulo diz *"Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias"*. A forma como ele liga o apagar do Espírito com o desprezo das profecias nos leva a crer que esse apagar tem a ver primariamente com as reuniões na igreja local.

Apagamos o Espírito quando fazemos alguém ter vergonha de seu testemunho para Cristo, seja em oração, em adoração ou no ministério da Palavra. Crítica construtiva é uma coisa, mas quando censuramos alguém por suas palavras ou por detalhes minuciosos, somos capazes de desencorajá-lo ou derrubá-lo em seu ministério público.

Também apagamos o Espírito quando temos cultos tão excessivamente organizados que O prendemos em uma camisa de força. Se os programas forem planejados em oração e dependência do Espírito Santo, não há quem se oponha. Mas programas planejados com base na sabedoria humana têm o efeito de tornar o Espírito Santo um espectador ao invés de Líder.

Deus deu muitos dons à Igreja. Ele usa dons diferentes em momentos diferentes. Talvez um irmão tenha uma palavra de exortação à comunidade. Se todo o ministério público estiver centralizado em outro homem, então o Espírito não tem liberdade para trazer a mensagem necessária na hora certa. Esta é outra forma de apagar o Espírito.

Por fim, apagamos o Espírito quando rejeitamos suas sugestões quanto às nossas próprias vidas. Talvez sejamos levados a ministrar poderosamente sobre certo assunto, mas nos seguramos por temor a homens. Nos sentimos impelidos a liderar o grupo em oração mas permanecemos sentados por timidez. Pensamos em um hino que seria particularmente relevante naquele momento, mas não temos a coragem de sugerir-lo.

O resultado é que o fogo do Espírito é apagado, nossos encontros perdem sua espontaneidade e poder e o corpo local é empobrecido.

6 DE JULHO

"E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Efésios 4.30)

Assim como é possível apagar o Espírito nas reuniões da igreja, também é possível entristecê-lo com nossas vidas.

Há certa ternura na palavra "entristecer". Só podemos entristecer alguém que nos ama. Os garotos mal educados da vizinhança não nos entristecem, mas nossos filhos malcriados sim.

Temos um lugar especial de proximidade e carinho no coração do Espírito Santo. Ele nos ama. Ele nos selou até o dia da redenção. Ele pode ser entristecido por nós.

Mas o que O entristece? Qualquer tipo de pecado traz pesar ao Seu coração. Não é sem querer que Paulo o chama aqui de Espírito Santo. Qualquer coisa não santa O faz abaixar o rosto em tristeza.

A exortação "*não entristeçais*" vem no meio de uma série de pecados contra os quais somos alertados. A lista não tem o objetivo de ser completa, apenas sugestiva.

Mentir entristece o Espírito (v.25) – mentiras "para o bem" ou para o mal, "mentirinhas", exageros, meias verdades e verdades distorcidas. Deus não pode mentir e não pode dar este privilégio ao Seu povo.

Ira que se torna pecado entristece o Espírito (v.26). A única situação em que a ira é justificada é quando ela ocorre pela causa de Deus. Todos os outros tipos de ira dão vantagem ao Diabo (v.27).

Roubar entristece o Espírito Santo (v. 28), seja da bolsa da mãe, seja tempo, ferramentas ou material de escritório do nosso chefe.

Um linguajar nocivo entristece o Espírito Santo (v.29). Isso vai desde as piadas sujas e sugestivas às conversas fúteis. Nosso falar deve ser edificante, conveniente e cheio de graça.

Amargura, cólera, ira, gritaria, blasfêmia e malícia completam a lista do capítulo 4.

Um dos ministérios preferidos do Espírito Santo é nos preencher com o Senhor Jesus Cristo. Porém, quando pecamos, Ele precisa deixar esse ministério para nos restaurar à comunhão com o Senhor.

Ainda assim Ele não se entristece a ponto de nos deixar. Ele jamais nos abandona. Fomos selados por Ele até o dia da redenção. Entretanto, isso não deve ser usado como desculpa para a negligência, mas deve ser um dos grandes motivos para a santidade.

"Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Romanos 8.18)

Isoladamente, as tribulações atuais podem parecer terríveis. Eu penso nos sofrimentos horríveis dos mártires cristãos. Penso no que alguns dos homens e mulheres de Deus tiveram que suportar nos campos de concentração. O que diremos dos trágicos sofrimentos associados à guerra? Dos cruéis desmembramentos e paralisias ligadas a acidentes? Da dor inexprimível de corpos humanos torturados por câncer ou outras doenças?

E ainda assim, a lista não acaba no sofrimento físico. Às vezes parece que dores corporais são mais fáceis de suportar que tortura mental. Não foi isso que Salomão quis dizer quando escreveu "*O espírito firme sustém o homem na sua doença, mas o espírito abatido, quem o pode suportar?*" (Provérbios 18.14)? Há o sofrimento que vem da infidelidade no relacionamento conjugal, da morte de um ente querido ou da decepção de um sonho quebrado. Há a mágoa de ser esquecido, de ser traído por um grande amigo. Com frequência questionamos a habilidade humana de aguentar os golpes, as agonias e as tristezas esmagadoras da vida.

Quando olhamos para estes sofrimentos isolados, eles são opressivos. Porém, quando vistos ao lado da glória futura, são apenas alfinetadas. Paulo diz que eles "*não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós*". Se os sofrimentos são tão grandes, quão gigantesca não deve ser a glória!

Em outra passagem, o apóstolo Paulo cede a uma agradável explosão de ilustrações espirituais quando diz que "*a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação*" (2 Coríntios 4.17). Vistas na escala certa, as aflições têm o peso de penas enquanto a glória tem um peso infinito. Julgando pelo calendário, as tribulações são momentâneas, enquanto a glória é eterna.

Quando virmos o Salvador ao final desta jornada, os sofrimentos atuais desaparecerão na insignificância.

Tudo vai valer a pena quando virmos Jesus.

As provações da vida parecerão tão pequenas quando virmos a Cristo.

Um vislumbre de Seu querido rosto apagará toda a tristeza,

Então corra a corrida bravamente até virmos a Cristo.

- Esther K. Rusthoi

8 DE JULHO

"...me puseram por guarda de vinhas; a vinha, porém, que me pertence, não a guardei" (Cântico dos Cânticos 1.6).

Os irmãos da mulher sulamita a haviam enviado para trabalhar nas vinhas. Ela ficou tão ocupada nos seus afazeres que negligenciou a sua própria vinha, isto é, sua aparência pessoal. Sua pele se havia tornado escura e seca e seu cabelo, sem dúvida, estava mal cuidado.

Sempre há o perigo de negligenciarmos nossa própria vinha por estarmos ocupados demais com a de outra pessoa. Há o risco, por exemplo, de estarmos tão absortos na evangelização do mundo que nossas famílias se perdem. Se Deus nos deu filhos, estes filhos são nosso campo missionário número um. Quando estivermos perante Deus, uma das maiores alegrias será poder dizer *"Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu"* (Hebreus 2.13). Nem todos os prêmios de platéias reconhecedoras compensarão pela perda dos nossos filhos e filhas.

Parece, pela Palavra, que a responsabilidade começa em casa. Depois que Jesus expulsou os demônios de Legião, Ele ordenou: *"Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti"* (Marcos 5.19). Muitas vezes parece que o lugar mais difícil para evangelizarmos é nosso próprio jardim de casa, mas é onde devemos começar.

Mais uma vez, quando Jesus comissionou Seus discípulos, Ele disse: *"...tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra"* (Atos 1.8). Comece em "Jerusalém" (sua casa)!

André estava decidido a não negligenciar sua própria vinha. Lemos a seu respeito que *"ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo)"* (João 1.41).

Há, é claro, casos em que um cristão é fiel em sua tentativa de ganhar seus entes queridos para o Senhor Jesus, mas eles persistem em sua falta de fé. Não podemos garantir a salvação eterna de nossos parentes e amigos. No entanto, precisamos nos guardar da possibilidade de estar tão ocupados ministrando a outros que negligenciamos nosso próprio círculo familiar. Nossa própria vinha, nestes casos, deve ser prioridade.

"Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Romanos 10.13).

Ninguém jamais poderá invocar o Nome do Senhor sem ser salvo. Este clamor de uma determinação desesperada nunca será ignorado. Quando chegamos ao fim de nossos próprios recursos, quando abandonamos qualquer esperança de nos salvarmos, quando não temos outro lugar para onde olhar além do Alto, se nesta hora, angustiados, invocarmos o Senhor, Ele ouvirá e responderá.

Um jovem *sikh* chamado Sadhu Sundar Singh decidiu que, se não conseguisse encontrar paz, cometeria suicídio. Ele orou, dizendo "Ó Deus, se há um Deus, revela-Te a mim nessa noite". Se não recebesse uma resposta em sete horas, ele ia deitar sua cabeça nos trilhos da ferrovia quando o próximo trem passasse para Lahore.

Nas primeiras horas da manhã, ele teve uma visão de Jesus entrando em seu quarto e dizendo em *hindustani*: "Você estava orando para saber qual o caminho certo. Por que não o segue? Eu sou o caminho".

Ele correu até o quarto de seu pai e disse "Sou cristão. Não consigo servir a ninguém além de Jesus. Até o dia em que eu morrer, minha vida é dEle".

Nunca ouvi falar de alguém que houvesse invocado o Nome do Senhor com total determinação sem ser ouvido. Claro, há aqueles que oram ao Senhor quando estão em um aperto, que prometem viver para Ele se Ele os livrar e que, depois, rapidamente esquecem quando a pressão se vai. Mas Deus conhece os corações deles; sabe se eles eram apenas oportunistas de trincheira que jamais se comprometeram com Ele de coração.

O fato permanece que Deus sempre se revelará a quem está desesperado para encontrá-LO. Em países onde não se pode encontrar uma Bíblia tão facilmente, Ele pode fazê-lo através de uma visão. Em outros lugares, Ele pode fazê-lo através de partes da Palavra, de testemunhos pessoais, da literatura cristã ou através da convergência milagrosa de circunstâncias. Então, de certa forma, é realmente verdade que "quem busca a Deus já O encontrou". É garantido!

10 DE JULHO

“Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sós se as praticardes” (João 13.17).

Aqueles que pregam e ensinam a fé cristã devem praticar o que pregam. Eles devem apresentar ao mundo um exemplo vivo da verdade. A vontade de Deus é que a Palavra se faça carne nas vidas do Seu povo.

O mundo se impressiona mais com ações do que com discursos. Não foi Edgar Guest quem escreveu: “Prefiro muito mais ver a ouvir um sermão”? E há o famoso insulto: “Quem você é fala tão alto que não consigo ouvir o que você diz!”

Diz-se de certo pregador que, quando ele estava no púlpito, as pessoas queriam que ele nunca mais o deixasse, mas quando ele estava fora do púlpito, as pessoas não queriam, nunca, se aproximar dele.

H. A. Ironside disse que “nada cerra os lábios como a vida”. Na mesma linha, Henry Drummond escreveu que “o homem é a mensagem”. Carlyle acrescentou seu testemunho: “Um viver santo é o melhor argumento a favor de Deus em uma era de fatos... Palavras têm peso quando têm um homem por trás delas”. E. Stanley Jones disse: “A Palavra precisa se tornar carne em nós antes de se tornar poder através de nós”. “Se prego a coisa certa, mas não a vivo, estou contando uma mentira sobre Deus”, disse Oswald Chambers.

É claro que sabemos que o Senhor Jesus Cristo é o Único que personifica perfeitamente o que ensina. Não há absolutamente nenhuma contradição entre a Sua mensagem e a Sua vida. Quando os judeus lhe perguntaram “*Quem é você?*” Ele respondeu “*Exatamente o que tenho dito o tempo todo*” (João 8.25 – NVI). Sua conduta correspondia às suas afirmações. As nossas também deveriam fazê-lo cada vez mais.

Dois irmãos eram doutores, um era pregador, o outro era médico. Certo dia uma mulher conturbada veio falar com o pregador, mas não tinha certeza de qual dos doutores vivia ali. Quando o pregador abriu a porta, ela perguntou: “Você é o doutor que prega ou o que pratica?” A pergunta o marcou novamente quanto à necessidade de ser um exemplo vivo do que ele ensinava.

“Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição...” (Filipenses 3.12).

No estudo de ontem vimos que nossa conduta precisa corresponder à nossa crença. Porém, para equilibrar a questão, precisamos acrescentar dois pontos.

Primeiro, temos que reconhecer que jamais viveremos a verdade de Deus total e completamente enquanto estivermos neste mundo. Mesmo depois de termos feito nosso melhor, ainda temos que dizer que somos servos deficientes. No entanto, não devemos usar este fato para desculpar nossas falhas ou nossa mediocridade: nossa obrigação é continuar tentando diminuir a distância entre nossos lábios e nossas vidas.

A segunda consideração é esta: A mensagem é sempre maior que o mensageiro, não importa quem for ele. Andrew Murray diz que “nós, que somos servos do Senhor, teremos, mais cedo ou mais tarde, que pregar palavras que nós mesmos somos incapazes de cumprir”. Trinta e cinco anos depois de escrever o livro “Permanecei em Cristo”, ele escreveu: “Eu gostaria que vocês entendessem que um ministro ou autor cristão pode muitas vezes ser levado a falar mais do que já viveu. Naquela época [quando escreveu “Permanecei em Cristo”] eu não havia vivido tudo sobre o que escrevi. Mesmo hoje ainda não posso dizer que já vivi tudo”.

A verdade de Deus é insuperável e sublime. Ela é tão magnífica, como Guy King escreveu: “Nos causa medo de estragá-la ao tocar nela”. Mas ela precisa continuar oculta simplesmente porque não compreendemos seus ápices? Ao contrário, nós a proclamaremos, mesmo que, ao fazê-lo, estejamos nos condenando. Embora até certo ponto fracássemos em vivê-la pessoalmente, devemos torná-la o desejo de nossos corações.

Mais uma vez enfatizamos que estas considerações jamais devem ser usadas como desculpas para comportamentos indignos de um discípulo do Salvador. No entanto, elas podem nos guardar de condenar injustamente verdadeiros homens de Deus simplesmente porque suas mensagens às vezes chegam a alturas às quais eles não chegaram. Elas devem, porém, nos incentivar a falar abertamente dos designios de Deus, mesmo que não os vivamos completamente. Deus conhece nossos corações. Ele sabe se somos hipócritas praticantes ou aspirantes passionais.

12 DE JULHO

“...pols a peleja não é vossa, mas de Deus” (2 Crônicas 20.15).

Se alguém é um soldado da Cruz, pode esperar ser atacado mais cedo ou mais tarde. Quanto mais corajosamente esse soldado declarar a verdade de Deus e quanto melhor exemplificar a verdade em sua própria vida, mais ele estará sujeito a ataques. Um antigo puritano disse que “quem permanece perto do Capitão é alvo certo para os arqueiros”.

Ele será acusado de erros que não cometeu. Será atacado com fofocas, difamação e calúnia. Ele será excluído e ridicularizado. Este tratamento virá do mundo e, infelizmente, pode também às vezes vir de outros cristãos.

Em momentos assim, é importante lembrar que a batalha não é nossa, mas de Deus. Assim, devemos reivindicar a promessa de Êxodo 14.14: *“O Senhor pelejará por vós e vós vos calareis”*. Isto significa que não precisamos nos defender ou revidar. O Senhor nos vindicará no momento certo.

F. B. Meyer escreveu: “Quanto se perde por uma palavra! Acalme-se; fique quieto; se te baterem no rosto, dê a outra face. Nunca revide. Não se preocupe com sua reputação ou caráter – eles estão nas mãos d’Ele e você os estraga ao tentar preservá-los”.

José se destaca como um exemplo de alguém que não tentou se defender quando foi falsamente acusado. Ele entregou sua causa a Deus e o Senhor limpou seu nome e o promoveu à grande honra.

Um servo idoso de Cristo testemunhou que havia sofrido injustiças muitas vezes ao longo dos anos. Mas ele orava as palavras de Agostinho: “Senhor, livra-me do desejo de sempre me defender”. Ele disse que o Senhor jamais havia deixado de justificá-lo e de expor seus acusadores.

O Senhor Jesus, é claro, é o Exemplo supremo: *“...quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pedro 2.23).*

Essa, então, é a mensagem de hoje. Não precisamos nos defender quando somos acusados falsamente. A batalha é do Senhor. Ele lutará por nós. Devemos manter a paz.

"Amados, não dels crédito a qualquer espírito; antes, provaí os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora" (1 João 4.1).

Vivemos em uma época em que as seitas estão se multiplicando com rapidez impressionante. Na verdade, não há seitas novas; elas são apenas variações de grupos hereges que surgiram no tempo do Novo Testamento. É sua diversidade que é nova, não sua doutrina básica.

Quando João diz que devemos examinar os espíritos, quer dizer que devemos examinar todos os que ensinam através da Palavra de Deus para que possamos detectar os que são falsos. Há três áreas fundamentais através das quais essas seitas se expõem como falsificações e nenhuma delas consegue passar todos estes três testes.

A maioria das seitas é fatalmente defeituosa em seu ensino sobre a Bíblia. Elas não a aceitam como a perfeita Palavra de Deus, a revelação máxima de Deus ao homem. Elas dão a mesma autoridade aos escritos de seus líderes. Afirmam ter novas revelações do Senhor e se orgulham dessa "nova verdade". Publicam sua própria tradução da Bíblia que distorce e perverte a verdade. Elas aceitam a voz da tradição como se estivesse no mesmo nível que a Bíblia. Lidam de forma enganosa com a Palavra de Deus.

A maioria das seitas é herege em seus ensinamentos sobre nosso Senhor. Negam que Ele é Deus, a segunda Pessoa da Santa Trindade. Podem até admitir que Ele é o Filho de Deus, mas com isso querem dizer que é inferior (e não igual) a Deus Pai. Muitas vezes negam que Jesus é o Cristo, ensinando que o Cristo é uma influência divina que desceu sobre o homem Jesus. Muitas vezes negam a humanidade verdadeira e sem pecados do Salvador.

Uma terceira área onde as seitas se condenam é quanto ao que ensinam a respeito do caminho para a salvação. Elas negam que a salvação aconteça somente pela graça através da fé no Senhor Jesus. Todas elas ensinam outro evangelho, como a salvação por boas obras ou um bom caráter.

Quando propagadores destas seitas vêm à nossa porta, qual deve ser nossa resposta? João não nos deixa dúvidas: *"Não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más" (2 João 10,11).*

14 DE JULHO

"...pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2 Coríntios 4.2).

Na página anterior, falamos de três áreas através das quais as seitas expõem-se como falsas diante da fé cristã que foi entregue aos santos de uma vez por todas. Há outras características de seitas das quais devemos não apenas estar cientes, mas que também devemos evitar cuidadosamente em nossas comunidades cristãs.

Por exemplo, líderes de seitas criam o que chamamos de culto à pessoa, colocando a si mesmos como messias e homens milagrosos. Homens carismáticos muitas vezes exercem um controle severo e autocrático sobre os laicos, exigindo submissão e ameaçando com punições severas os que não obedecerem.

Estas seitas, muitas vezes, afirmam ser as únicas detentoras da verdade, fazem declarações arrogantes sobre pequenas diferenças e criticam qualquer grupo que discordar. Algumas afirmam ter juntado o que há de melhor em outras doutrinas, tendo, assim, o ponto final. Sugerem que ninguém pode ser completamente feliz até ter sido iniciado em seus mistérios.

Elas tentam isolar seus membros, cortando contato com quaisquer outros ensinamentos, com qualquer um que se declare cristão e com livros escritos por autores que não sejam seus líderes.

Muitas vezes, estas seitas ensinam um estilo de vida legalista, que acaba se tornando um sistema de escravidão. Elas igualam santidade a rituais e cerimônias que se pode fazer por suas próprias forças e não por uma vida espiritual.

Seitas exploram as pessoas financeiramente usando um engenhoso sistema de manipulação psicológica. Os líderes vivem em esplendor e luxo, enquanto muitos dos seus seguidores são praticamente levados à pobreza.

Muitas dessas seitas são ladrões de ovelhas, invadindo outras instituições religiosas ao invés de tentar alcançar os que não fazem parte de nenhuma igreja.

Elas enfatizam demais uma ou algumas doutrinas, negligenciando completamente áreas vitais da revelação divina.

Seitas tratam aqueles que ensinam a verdade como inimigos. Por isso Paulo pergunta aos gálatas legalistas, *"Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?" (Gálatas 4.16).*

É triste que qualquer uma dessas atitudes ou ações afetem comunidades cristãs sólidas, mas enquanto fizermos parte do Corpo, precisamos nos proteger delas zelosamente.

"Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia que-ro e não holocaustos" (Mateus 9.13).

Deus está muito mais interessado em como tratamos outras pessoas do que em verificar por quantas cerimônias religiosas passamos. Ele prefere a misericórdia ao sacrifício. Ele coloca a moralidade prática acima da ritual. Pode parecer estranho ler que Deus não deseja sacrifícios, porque foi Ele mesmo que instituiu o sistema sacrificial. Mas não há contradição. Embora seja verdade que Ele ordenou que o povo trouxesse sacrifícios e ofertas, nunca foi Seu plano que estas coisas tomassem o lugar da justiça e da bondade. *"Exercitar justiça e juízo é mais aceitável ao Senhor do que sacrifício" (Provérbios 21.3).*

Os profetas do Antigo Testamento repreendiam severamente as pessoas que observavam todos os rituais corretos, mas enganavam e oprimiam seus vizinhos. Isaías lhes disse que Deus estava farto de suas ofertas queimadas e festas religiosas enquanto eles oprimiam os órfãos e as viúvas (Isaías 1.10-17). Ele lhes disse que o jejum que Deus desejava era tratar seus empregados com justiça, alimentar os famintos, vestir os pobres (Isaías 58.6,7). A não ser que suas vidas fossem justas, eles poderiam igualmente oferecer a cabeça de um cachorro ou sangue de porco (Isaías 66.3).

Amós disse ao povo para parar com suas festas religiosas porque Deus continuaria odiando estes rituais até que justiça e misericórdia fluíssem como uma chuva torrencial (Amós 5.21-24). Miquéias, por sua vez, alertou-os de que, acima de rituais, o que Deus quer é sinceridade – integridade, justiça, misericórdia e verdadeira humildade (Miquéias 6.6-8).

Nos tempos do nosso Senhor, os fariseus ganharam Seu desprezo por fingirem ser religiosos, proferindo longas orações em público ao mesmo tempo em que expulsavam viúvas de suas casas (Mateus 23.14). Eles tomavam cuidado para dar sempre um décimo da hortelã de seus jardins, mas isso jamais pode tomar o lugar da justiça e da fé (Mateus 23.23). É fútil levarmos nossa oferta ao Senhor se nosso irmão tem uma queixa válida contra nós (Mateus 5.24); a oferta só é aceita depois do erro ter sido corrigido. Ir regularmente à igreja jamais servirá como compensação por práticas desonestas nos negócios durante a semana. Não há razão em dar uma caixa de chocolates à sua mãe no Dia das Mães se você a trata com desdém durante o ano ou uma camisa ao seu pai no Dia dos Pais se você não demonstra amor e respeito por ele no restante do tempo.

Deus não é enganado pelo que é externo ou por rituais. Ele vê o coração e o nosso comportamento diário.

16 DE JULHO

“Socorro, SENHOR! Porque já não há homens piedosos; desaparecem os fiéis entre os filhos dos homens” (Salmo 12.1).

Pessoas fiéis são uma espécie em extinção; estão desaparecendo rapidamente da raça humana. Se Davi chorava o seu fim ainda em sua época, às vezes nos perguntamos como ele se sentiria se vivesse hoje.

Quando falamos de alguém fiel, nos referimos a alguém confiável, fidedigno, de quem podemos depender. Se ele faz uma promessa, ele a cumpre. Se tem uma responsabilidade, a executa. Se faz um juramento honrável, ele é firmemente leal.

O homem infiel marca algo e, então, deixa de ir ou chega indesculpavelmente atrasado. Ele concorda em dar uma aula na escola dominical, mas não vai atrás de um substituto para quando não puder estar presente. Você nunca pode depender dele. Sua palavra não significa nada. Não é de surpreender que Salomão tenha dito *“Como dente quebrado e pé sem firmeza, assim é a confiança no desleal, no tempo da angústia” (Provérbios 25.19).*

Deus está buscando homens e mulheres fiéis. Ele quer servos que sejam fiéis no cuidado de Seus interesses (1 Coríntios 4.2). Quer professores que sejam fiéis no ensino das grandes verdades da fé cristã (2 Timóteo 2.2). Ele quer cristãos que sejam fiéis ao Senhor Jesus, compartilhando de Sua rejeição e carregando Sua cruz. Quer pessoas incondicionalmente fiéis à Sua Palavra perfeita, inspirada, infalível. Ele quer cristãos que sejam fiéis à comunidade local, ao invés de ficar saltando de igreja em igreja como ciganos religiosos. Deus quer santos que sejam fiéis para com outros cristãos e também fiéis com os que não são salvos.

Assim, como em todas as outras virtudes, o Senhor Jesus é nosso exemplo glorioso. Ele é a Testemunha fiel e verdadeira (Apocalipse 3.14), um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus (Hebreus 2.17), fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça (1 João 1.9). Suas palavras são verdade, Suas promessas são infalíveis e Seus caminhos são totalmente confiáveis.

Embora as pessoas não valorizem muito a fidelidade, Deus o faz. O Senhor Jesus louvou a fidelidade dos Seus discípulos com as palavras: *“Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio” (Lucas 22.28,29).* E a maior recompensa pela fidelidade será ouvir Seu elogio: *“Muito bem, servo bom e fiel; ...entra no gozo do teu Senhor” (Mateus 25.21).*

"Abençoei os que te abençoem e amaldiçoei os que te amaldiçoem..." (Gênesis 12.3).

Quando Deus chamou Abraão pela primeira vez para ser o cabeça do Seu povo terreno, Ele prometeu abençoar os amigos desta nação e amaldiçoar seus inimigos. Nos séculos seguintes o povo judeu sofreu hostilidade e discriminação indescritíveis, mas a maldição de Deus jamais foi retirada de sobre o anti-semitismo.

Hamã planejou a destruição do povo judeu na Pérsia. Ele enganou o rei para que este assinasse um decreto irrevogável. Por um tempo, tudo parecia estar funcionando a seu favor. Mas, então, começaram a aparecer problemas inesperados. O arqui-conspirador cambaleou da decepção ao fracasso até que finalmente foi executado na forca que ele havia construído para Mordecai, o judeu.

Não tendo aprendido com a história, Adolf Hitler foi condenado a revivê-la. Ele criou um plano perverso para eliminar os judeus com seus campos de concentração, câmaras de gás, fornos, extermínio em massa. Parecia que nada poderia pará-lo. Então a maré virou e ele morreu vergonhosamente com sua noiva em um abrigo militar em Berlim.

O anti-semitismo vai atingir o seu mais horrendo clímax durante a Grande Tribulação. Os judeus serão entregues para ser afligidos e mortos, serão odiados por todas as nações gentias. Números exorbitantes de judeus serão massacrados. No entanto, a perseguição será interrompida pela vinda pessoal do Senhor Jesus Cristo. Aqueles que perseguiram Seu povo serão destruídos; aqueles que ajudaram aos judeus irmãos de Cristo entrarão no Reino.

Nenhum verdadeiro crente deve jamais permitir que sua alma se manche com o menor traço de anti-semitismo. Seu Senhor, seu Salvador, seu melhor e maior Amigo foi e é judeu. Deus usou o povo judeu para dar e preservar as Escrituras. Embora Deus tenha posto esta nação temporariamente de lado por sua rejeição ao Messias, Ele ainda ama Israel por causa do Pai. Ninguém que odeia judeus pode esperar a benção de Deus sobre sua vida e serviço.

"Orai pela paz de Jerusalém! Sejam prósperos os que te amam"
(Salmo 122.6). Sejam também prósperos os que amam o povo judeu.

18 DE JULHO

"Mical, filha de Saul, não teve filhos, até ao dia da sua morte" (2 Samuel 6.23).

Davi estava maravilhado quando trouxe a arca para Jerusalém colocando-a na tenda que ele havia preparado especialmente para ela. Sentindo que este era um dos seus maiores feitos e um dos momentos mais gloriosos da sua carreira, o rei dançou diante do Senhor com toda sua força. Sua esposa, Mical, o ridicularizou considerando que, em sua opinião, aquilo era um comportamento vergonhoso. Como resultado direto da sua atitude crítica, ela não teve filhos até o dia da sua morte.

Aprendemos, através disso, que um espírito crítico produz infertilidade. Claro, quando dizemos isto, não estamos falando de críticas construtivas. Se a crítica é verdadeira, devemos sempre ouvi-la e aprender com ela. Há poucos amigos em nossas vidas que nos amam o suficiente para fazer críticas que nos ajudem.

Críticas destrutivas, no entanto, podem ser devastadoras. Elas podem destruir a obra de Deus na vida de alguém e desfazer o progresso de anos em alguns minutos.

No incidente envolvendo Davi, a arca representa Cristo e o fato da arca ganhar seu lugar em Jerusalém é um paralelo para Cristo sendo entronizado no coração humano. Quando isto acontece, o cristão, cheio do Espírito, não consegue evitar de demonstrar seu entusiasmo e empolgação. Isto muitas vezes atrai hostilidade de não cristãos e, às vezes, o desprezo de outros cristãos. Mas este espírito crítico leva inevitavelmente à infertilidade.

Ele pode levar à infertilidade não apenas em uma única vida, mas também em uma igreja local. Imagine, por exemplo, uma comunidade onde os jovens são constantemente e cruelmente criticados. São atacados pela forma como se vestem, por seus penteados, por suas orações em público, por sua música. Ao invés de treiná-los pacientemente, a liderança espera que eles amadureçam instantaneamente. Logo, os jovens vão para igrejas mais condizentes com o seu estilo e a comunidade é abandonada para morrer à míngua.

Sejamos alertados pelo exemplo de Mical de que censura não apenas faz mal às suas vítimas, mas se vinga daqueles que a praticam. Esta vingança é a infertilidade espiritual.

"...segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 João 4.17).

Aqui está uma daquelas verdades do Novo Testamento que nos choca simplesmente pela sua audácia. Não ousaríamos pronunciar estas palavras se não as víssemos na Bíblia. Mas elas são gloriosamente verdadeiras e podemos festejar e nos alegrar com elas.

Em que sentido somos como Cristo neste mundo? Nossas mentes, quase automaticamente, pensam primeiro nos aspectos em que não somos como Ele. Não compartilhamos com Ele os atributos da divindade, como onipotência, onisciência e onipresença. Estamos cheios de pecados e de falhas enquanto Ele é absolutamente perfeito. Não amamos como Ele ama ou perdoamos como Ele perdoa.

Como, então, somos como Ele? O versículo explica. *"Dessa forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque neste mundo somos como ele" (NVT).* O amor de Deus transforma tanto nossas vidas que não estaremos aterrorizados quando estivermos diante do Trono do Juízo de Cristo. O motivo para nossa confiança é que temos isso em comum com o Salvador – o juízo já passou. Somos como Ele com relação ao juízo. Ele suportou o juízo pelos nossos pecados na cruz do Calvário e resolveu a questão do pecado de uma vez por todas. Porque Ele sofreu a punição pelos nossos pecados, jamais teremos que sofrê-la. Podemos cantar confiantes, "Morte e juízo ficaram para trás,/ graça e glória estão adiante./ Todas as ondas caíram sobre Jesus,/ ali perderam todo o seu poder". Assim como o juízo é passado para Ele, também é passado para nós e podemos dizer, "Não há condenação,/ não há inferno para mim,/ o tormento e o fogo,/ meus olhos jamais verão./ Para mim não há sentença,/ para mim a morte não tem ferrão:/ porque o Senhor que me ama / me protegerá com Suas asas".

Somos como Ele não apenas quanto ao juízo, mas também quanto à nossa aceitação diante de Deus. Podemos estar diante de Deus com a mesma proteção que o Senhor Jesus tem, porque estamos nEle. "Perto, tão perto de Deus / eu não poderia estar mais perto,/ pois na pessoa do seu Filho, / sou tão próximo quanto Ele".

Por fim, somos como Cristo porque somos amados pelo Deus Pai, assim como Cristo. Em sua oração como Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus disse: *"...Tu... os amaste como também amaste a mim" (João 17.23b)*. Assim, não é exagero nosso dizer, "Querido, tão querido para Deus,/ eu não poderia ser mais querido./ O amor com o qual Ele ama Seu Filho,/ assim é Seu amor por mim".

Assim, felizmente é verdade que segundo Ele é, também nós somos neste mundo.

20 DE JULHO

“O homem que tem muitos amigos sai perdendo; mas há amigo mais chegado do que um irmão” (Provérbios 18.24 – ARA).

Embora todas as versões modernas traduzam este versículo de maneira semelhante a essa, a tradução da King James Version valoriza a valiosa verdade de que amizades precisam ser cultivadas, quando diz: “Um homem que tem amigos precisa demonstrar amizade”. Elas florescem com a atenção, mas morrem pela negligência.

Um editorial da *Decision Magazine* disse, “Amizades não simplesmente acontecem; elas precisam ser cultivadas – em resumo, precisamos investir nelas. Não crescem porque só tomamos, mas porque damos. Não são apenas para os bons tempos, também são para os tempos ruins. Não escondemos nossas necessidades de um amigo verdadeiro. Nem tampouco seguramos um amigo só para ter a sua ajuda”.

Vale a pena manter um bom amigo. Ele fica ao seu lado quando você é acusado injustamente, o elogia pelo que é digno de louvor e é franco ao apontar áreas que precisam melhorar. Ele mantém o contato ao longo dos anos, compartilhando das suas alegrias e tristezas.

Isto é importante – manter contato. Pode ser feito através de cartas, cartões, telefonemas, visitas. No entanto, a amizade é uma via de duas mãos. Se, frequentemente, eu deixo de responder cartas, estou dizendo que não acho que valha a pena continuar esta amizade. Estou ocupado demais ou não posso ser incomodado ou odeio escrever cartas. Poucas amizades conseguem sobreviver à contínua negligência.

Nossa escolha de não nos comunicarmos é, muitas vezes, uma forma de egoísmo. Estamos pensando em nós mesmos ou no tempo, no esforço e no custo envolvidos. A amizade verdadeira pensa nos outros – em como podemos encorajá-los ou consolá-los, alegrá-los, ajudá-los; como podemos dar-lhes alimento espiritual.

Quanto não devemos a amigos que nos acompanharam, dizendo palavras dadas pelo Espírito quando mais precisávamos ouvi-las! Houve uma época em minha vida em que eu estava muito triste por causa de uma grande decepção com o serviço cristão. Uma amiga que não tinha como saber do meu desânimo me escreveu uma carta alegre onde citou Isaías 49.4, *“Eu mesmo disse: de balde tenho trabalhado, inútil e vãmente gastei as minhas forças; todavia, o meu direito está perante o Senhor; a minha recompensa, perante o meu Deus”*. Era exatamente o que eu precisava ouvir para me levantar e voltar a trabalhar.

Charles Kingsley escreveu, “Somos capazes de esquecer um amigo,/ somos capazes de esquecer um rosto,/ que nos animou até o fim,/ que nos deu força para nossa corrida?! Com almas divinas, quão grande é nossa dívida! Não esqueceríamos, nem se pudéssemos”.

A maioria de nós tem somente alguns poucos grandes amigos em nossa vida. Sendo assim, devemos fazer todo o possível para manter estas amizades fortes e saudáveis.

"...lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1 Pedro 5.7).

É possível viver uma vida extremamente longa como cristão e jamais aprender a lançar nossa ansiedade sobre o Senhor. Podemos decorar o versículo e até mesmo ensiná-lo a outros, mas nunca realmente praticá-lo em nossas próprias vidas. Sabemos teologicamente que Deus cuida de nós, que Ele se importa com o que nos preocupa e que Ele é bem capaz de cuidar das maiores ansiedades que poderíamos imaginar. Ainda assim, insistimos em passar a noite nos revirando na cama, nos inquietando, nos preocupando e imaginando o pior.

Não precisa ser assim. Tenho um amigo que enfrenta mais problemas e dores de cabeça do que a maioria de nós jamais conheceu. Se ele tivesse que agüentá-los sozinho, seria um caso perdido espiritualmente. O que ele faz? Ele os leva diante do Senhor e os deixa lá, se levanta, deita em sua cama, canta alguns versos de algum hino e pega no sono rapidamente.

Bill Bright certa vez disse a LeRoy Eims: "LeRoy, encontrei grande conforto em 1 Pedro 5.7. Concluí que, em minha vida, ou eu carrego meu fardo ou Jesus o faz. Nós dois não podemos carregá-lo e decidi lançá-lo sobre Ele".

Eims decidiu tentar. Ele escreveu: "Fui para o meu quarto e comecei a orar. Tanto quanto pude, fiz o que Bill havia dito. Há meses eu carregava um nó no estômago. Pude realmente senti-lo se desfazendo. Experimente da libertação de Deus. Não, o problema não foi embora e até hoje ainda está lá. Mas o peso se foi. Não passo mais noites em claro ou chorando até adormecer. Consigo honestamente encarar os fardos com um espírito alegre e gratidão de coração".

A maioria de nós consegue se identificar com o que ele escreveu: "É a vontade de Deus que eu lance / minhas preocupações sobre Ele a cada dia./ Ele também me pede para não lançar / fora a minha confiança./ Mas ó, quão estupidamente eu ajo / quando pego desprevenido, / jogo minha confiança fora / e levo todas as minhas preocupações".

O tempo todo o Salvador está nos dizendo:

Não tenhas sobre ti um só cuidado,
Somente um é demais para ti.
É meu, somente meu, todo o trabalho.
O teu trabalho é descansar em Mim.

22 DE JULHO

"Senhor... se nenhuma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais" (Lucas 19.8).

Assim que Zaqueu abriu seu coração ao Senhor Jesus, um instinto divino lhe disse que ele precisava restituir o passado. Pode parecer, pelo texto, que há dúvida quanto a se ele já havia enganado alguém, mas é razoável crer que, no caso deste rico coletor de impostos, "se", na verdade, signifique "já que". Ele havia ganhado dinheiro de forma desonesta, sabia disso e estava determinado a fazer algo a respeito.

Restituição é uma boa doutrina bíblica e uma boa prática bíblica. Quando nos convertemos, devemos devolver ao legítimo dono coisas que tenhamos tomado de forma errada. A salvação não libera uma pessoa de corrigir os erros do passado. Se foi roubado dinheiro antes da salvação, um entendimento verdadeiro da graça de Deus exige que este dinheiro seja devolvido. Nem mesmo dívidas legítimas, feitas durante o tempo antes da conversão, são canceladas com o novo nascimento.

Há anos passados, quando centenas de pessoas foram salvas em Belfast sob o ensino de W. P. Nicholson, as fábricas locais tiveram que construir enormes galpões para guardar as ferramentas, anteriormente roubadas e agora devolvidas pelos novos convertidos.

Armazéns gigantescos seriam necessários nos EUA para guardar o que foi tomado apenas das Forças Armadas. Sem mencionar o vazamento constante de ferramentas, materiais e produtos que saem ilegalmente de fábricas, escritórios e lojas.

Idealmente, quando uma restituição é feita por um cristão, ela deve ser feita no nome do Senhor Jesus. Por exemplo: "Roubei estas ferramentas quando trabalhava para você há algum tempo, mas fui salvo recentemente e minha vida foi transformada pelo Senhor Jesus Cristo. Ele colocou em meu coração a necessidade de devolver estas ferramentas e de pedir o seu perdão". Desta forma, a glória vai para o Salvador, a quem realmente pertence.

Há circunstâncias em que, pelo testemunho cristão, juros devem ser pagos por dinheiro roubado. A oferta da culpa do Antigo Testamento previa isso. Ela exigia o pagamento de danos mais um quinto.

Reconhecidamente, há situações em que, por causa do tempo ou de mudança de condições, não é mais possível fazer uma restituição. O Senhor sabe disso. Se o pecado for confessado, Ele aceita o desejo sincero em lugar da ação – mas apenas nos casos em que uma restituição é impossível.

"a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles" (Atos 5.15).

As pessoas reconheciam que o ministério de Pedro era um ministério de poder. Aonde quer que ele fosse, os doentes eram curados. Não é de se admirar que a multidão quisesse tocar sua sombra! Ele exercia uma influência tremenda.

Todos nós projetamos uma sombra. Inevitavelmente influenciemos as vidas daqueles com quem temos contato. Herman Melville escreveu o seguinte: "Não podemos viver apenas para nós. Nossas vidas estão conectadas por milhares de fios invisíveis e ao longo dessas fibras nervosas nossas ações saem como causas e voltam para nós como resultados".

Você está escrevendo um evangelho,/ um capítulo por dia,/ com as obras que faz,/ com as palavras que diz./ As pessoas lêem o que você escreve,/ Verdadeiro ou falso./ Diga! O que é o evangelho/ de acordo com você?

Quando lhe perguntaram qual dos evangelhos era seu preferido, certo homem respondeu: "O evangelho segundo a minha mãe". John Wesley, certa vez, disse: "Aprendi mais sobre o cristianismo com a minha mãe que com todos os teólogos da Inglaterra".

É desafiador perceber que alguém olha para cada um de nós e pensa "É exatamente assim que um cristão deve ser". Pode ser um filho ou filha, um amigo ou vizinho, um professor ou aluno. Você é o herói dele, seu modelo, seu ideal. Ele o observa mais de perto do que você pensa. Sua vida nos negócios, na igreja, sua vida de oração ou com sua família – todas estas áreas estabelecem o modelo que ele vai imitar. Ele quer que a sua sombra o cubra.

Normalmente pensamos que sombras são nada. No entanto, a sombra espiritual que projetamos é algo real. Portanto, precisamos nos fazer esta pergunta: Quando para o grande juízo/ as vidas que conheci se forem,/ Terá meu toque pequeno e passageiro/ acrescentado alegria ou tristeza?/ Dirá Ele, que verifica seus registros -/ de nome e tempo e lugar -/ "Aqui houve uma influência bendita" / Ou "Aqui está o rastro do mal"? (Strickland Gillilan).

Robert G. Lee escreveu: "Você não pode evitar que aquilo que você é, o que diz e o que faz afete outras pessoas da mesma forma que não pode evitar que seu corpo projete uma sombra à luz do sol. O que você é por dentro se revela por fora, sem expressões ambíguas. Você exerce uma influência que a mera linguagem ou a forte persuasão mal podem expressar.

24 DE JULHO

“Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente” (Romanos 14.5).

A palavra *“iguais”* deveria ser omitida deste versículo; ela foi acrescentada pelos tradutores. Ele deveria dizer *“outro julga todos os dias”*, ou seja, ele vê todos os dias como sagrados.

Para os judeus, vivendo sob a lei, o *Sabbath* ou sétimo dia era especialmente sagrado. A lei proibia trabalhar neste dia e limitava viagens. Era necessário fazer ofertas a mais.

Para os cristãos, vivendo sob a graça, jamais foi ordenado que guardassem o *Sabbath*. Para eles, todos os dias são sagrados, embora creiam que há um princípio na Palavra quanto a um dia de descanso a cada sete. Eles não podem ser condenados por não guardar o *Sabbath* (Colossenses 2.16).

O primeiro dia da semana, isto é, o Dia do Senhor, se destaca no Novo Testamento por diversos motivos. O Senhor Jesus ressuscitou neste dia (João 20.1). Depois de Sua ressurreição, Ele Se encontrou com Seus discípulos em dois domingos consecutivos (João 20.19,26). O Espírito Santo desceu dos céus no Pentecostes no primeiro dia; o Pentecostes aconteceu sete domingos depois da Festa da Colheita (Lv 23.15,16; Atos 2.1), que simboliza a ressurreição de Cristo (1 Coríntios 15.20,23). Os discípulos se encontravam para compartilhar o pão no primeiro dia da semana (Atos 20.7). E Paulo deu instruções aos coríntios para que fizessem uma oferta especial no primeiro dia da semana (1 Coríntios 16.1,2). No entanto, não é um dia de obrigações especiais, como o *Sabbath*, mas um dia de privilégios especiais. Porque estamos livres do nosso trabalho semanal no domingo, podemos dedicar o dia à adoração e serviço do nosso Senhor de uma forma que não podemos fazer nos outros dias.

Ao mesmo tempo em que temos a liberdade de considerar todos os dias igualmente sagrados, não podemos fazer nada no domingo que possa fazer outros tropeçarem. Se reformar a casa, consertar o carro ou jogar futebol puder fazer um irmão cair, então devemos abrir mão do que consideramos um direito legítimo. Como Paulo disse, *“Não nos julgemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão” (Romanos 14.13).*

Judeus, sob a lei, tinham seu dia de descanso no final de uma semana de trabalho. Cristãos, sob a graça, começam sua semana com o dia de descanso, porque Cristo terminou a obra da redenção.

C. I. Scofield ressaltou que o caráter verdadeiro do Dia do Senhor é ilustrado pela forma como o Senhor o usava: *“Ele consolou Maria em seu choro; caminhou sete milhas com dois discípulos confusos, ensinando a Bíblia no caminho; mandou mensagens a outros discípulos; fez uma entrevista particular com Pedro desviado e concedeu o Espírito Santo aos homens reunidos na casa descrita em Pentecostes”*.

“Vendo o SENHOR que Lia era desprezada, fê-la fecunda; ao passo que Raquel era estéril” (Gênesis 29.31).

Há uma lei de compensação na vida. De acordo com essa lei, pessoas deficientes em uma área ganham benefícios em outra para contrabalançar. A lei impede que uma pessoa tenha tudo. O que falta a alguém em beleza pode ser compensado em sabedoria prática. Um homem, que não é muito coordenadoleticamente, pode ter uma disposição melhor do que se fosse. Poetas nem sempre são práticos e artistas nem sempre são bons administradores de suas finanças.

Quando Deus viu que Jacó amava à Raquel mais que à Lia, fez com que Lia fosse mais fértil. Anos depois, a lei da compensação funcionou da mesma forma com Ana e Penina. Elcana amava à Ana mais que à Penina, mas Penina tinha filhos e Ana não (1 Samuel 1.1-6).

Embora Fanny Crosby não tivesse o dom da visão, ela tinha o dom da música em um grau incrível. Seus hinos são um dos grandes legados da igreja. Alexander Cruden sofria de profunda depressão, mas teve força para escrever a concordância que recebeu seu nome.

Por exemplo, há um cristão que não consegue pregar nem na frente do espelho, ele não tem nenhum dom com o público. No entanto, ele é um gênio mecânico e felizmente consegue manter o carro do pregador rodando. O pregador não sabe nada de mecânica. Sempre que algo estraga em seu carro, tudo o que ele pode fazer é levantar o capô, abaixar a cabeça e orar.

Se alguém levantasse a objeção de que a lei da compensação não funciona perfeitamente em sua vida, temos que concordar. Há diferenças e injustiças. Mas esta vida não é tudo! O último capítulo ainda não foi escrito. Quando Deus abrir as cortinas e nos deixar ver o mundo além delas, perceberemos que as contagens se igualam e que tudo muda. Ouviremos Abraão, por exemplo, dizendo ao homem rico: *“Filho, lembra-te de que recebestes os teus bens em tua vida e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos” (Lucas 16.25).*

Enquanto isso, é bom termos uma perspectiva equilibrada da vida. Ao invés de nos concentrarmos em nossas deficiências, devemos lembrar que Deus nos deu algumas habilidades e qualidades que outros, que parecem ser mais favorecidos, não têm. Isso nos protegerá de sentimentos de falta de valor, inadequação e inveja.

26 DE JULHO

"Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os Inimigos do homem serão os da sua própria casa" (Mateus 10.35-36).

Nosso Senhor não está falando aqui do propósito direto da Sua vinda, mas das conseqüências inevitáveis. Ele está dizendo que, quando as pessoas decidem segui-IO, elas podem encontrar uma oposição amarga de seus parentes e amigos. Neste sentido, Ele não veio para trazer paz, mas a espada (v.34).

A história cumpriu a profecia. Todo lugar onde as pessoas se converteram ao Salvador vivo e amoroso, encontraram abuso e hostilidade. Elas foram ridicularizadas, deserdadas, expulsas de casa, demitidas de seus empregos e, em muitos casos, assassinadas.

Esta oposição é completamente irracional. Por exemplo, um pai cujo filho era viciado em drogas e que, no entanto, deixou as drogas e está servindo a Cristo ativamente. Qualquer um imaginaria que o pai estaria feliz. Mas não! Ele está furioso. Ele admite honestamente que preferia ter seu filho como estava antes.

Outros são salvos de alcoolismo, crime, perversão sexual, ocultismo. Eles, ingenuamente, acham que seus parentes não apenas ficarão empolgados, mas que também vão querer se tornar cristãos. Não funciona assim. A vinda do Senhor Jesus traz divisão às famílias.

Abandonar a religião de seus pais por Cristo traz à tona as más profundas paixões. Por exemplo, uma família pode ser judia apenas nominalmente, mas, se um de seus membros se tornar cristão, causa uma violenta explosão emocional. O ofensor é chamado de apóstata, traidor e é, até mesmo, associado à Hitler como um inimigo dos judeus. Apelos e protestos cristãos são completamente ignorados.

Em muitos países muçulmanos, a conversão a Cristo é punida com a morte. A sentença é executada, não pelo governo, mas pela própria família do convertido. A esposa, por exemplo, pode adicionar pó de vidro na comida de seu marido.

Ainda assim, através da confissão ousada de novos convertidos e através da sua perseverança paciente, semelhante à de Cristo, diante de perseguições e ataques, outros percebem o vazio de suas próprias vidas e de sua religião e se voltam ao Senhor Jesus Cristo com arrependimento e fé. Então o exército cresce em meio à oposição e prospera em meio à perseguição.

“Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra” (Ezequiel 33.32).

Uma das ironias em declarar a palavra do Senhor é que as pessoas, muitas vezes, ficam intrigadas com o porta-voz, mas não com a mensagem que requer atitudes por parte delas.

Isto é verdade com a pregação em público. As pessoas admiram o pregador. Elas se lembram de suas piadas e de suas ilustrações. Ouvem cada palavra de suas declarações. Como a mulher que disse: “Eu quase choro toda vez que meu ministro diz aquela bendita palavra “Mesopotâmia””. Porém, estão paralisados quanto à obediência. Estão imunes à ação. Estão anestesiados pela voz agradável.

Isto também é uma síndrome conhecida daqueles que têm um ministério de aconselhamento. Há alguns que sentem uma satisfação secreta por serem aconselhados. Eles conseguem ser o centro das atenções por aquele curto período. Gostam tanto da companhia do conselheiro que se tornam aconselhados crônicos.

Teoricamente, eles vieram buscar conselhos. No entanto, na verdade, não querem conselhos. Suas mentes já se decidiram. Eles sabem o que querem fazer. Se a opinião do conselheiro concordar com seus desejos, eles são fortalecidos. Se não, eles rejeitam seu conselho e seguem seu caminho de teimosia.

O rei Herodes pertencia a esse grupo de admiradores da mediocridade. Ele gostava de ouvir João Batista (Marcos 6.20), mas era um medíocre assumido e superficial. Ele não tinha intenção alguma de deixar que a mensagem mudasse sua vida.

Erwin Lutzer escreveu o seguinte: “Descobri que o problema mais frustrante, ao ajudar aqueles que vêm pedir conselhos, simplesmente é que a maioria das pessoas não quer mudar. Claro, elas estão dispostas a fazer ajustes mínimos – especialmente se seu comportamento lhes está causando problemas. A maioria deles, porém, sente-se confortável em seus pecados, desde que não percam o controle. Além disso, muitas vezes preferem que Deus mantenha Suas ações em suas vidas no nível mínimo possível”.

Alguns conselheiros desenvolvem um artifício para diminuir a distância entre o ouvir e o fazer. Eles dão ao aconselhado uma tarefa específica – algo que ele precisa fazer antes da próxima sessão. Isto normalmente elimina os que não estão levando aquilo a sério e faz com que nenhum dos dois fique perdendo tempo.

É algo sério chegarmos a um ponto em nossas vidas em que podemos ouvir a Palavra de Deus e não nos sentimos tocados. Precisamos orar por sensibilidade contínua à voz do Senhor e por prontidão para fazer o que Ele disser.

28 DE JULHO

“Deixe o perverso o seu caminho, o Iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Isaías 55.7).

O pecador trêmulo teme que Deus não o aceite. O cristão, que havia abandonado a fé, agora arrependido, duvida que Deus possa esquecer. Nosso versículo, porém, nos lembra de que aqueles que voltam ao Senhor são recebidos com misericórdia generosa e perdão abundante.

Isto é ilustrado com uma história que volta à tona periodicamente ao longo dos anos – uma história onde os detalhes mudam, mas a mensagem permanece. É sobre um filho rebelde que saiu de casa, foi para Nova Iorque, viveu em pecado e vergonha e por fim acabou na cadeia. Depois de quatro anos na prisão, ele foi liberto e queria desesperadamente ir para casa. Entretanto, ele era torturado pelo medo de que seu pai não o receberia. Ele não conseguiria encarar a decepção de ser rejeitado.

Por fim, ele escreveu ao seu pai sem escrever o remetente. Disse que estaria no trem na sexta feira seguinte. Se a família o quisesse de volta, devia amarrar um lenço branco no carvalho na frente da casa. Se ele não visse um lenço branco quando o trem passasse, seguiria em frente.

Agora, ele estava no trem, calado e isolado, temendo o pior. Acontece que um cristão estava sentado ao lado dele. Depois de várias tentativas frustradas, o cristão finalmente conseguiu fazê-lo se abrir e contar sua história. Agora eles estavam a cinquenta milhas de sua casa. O pródigo, voltando, variava entre medo e esperança. Quarenta milhas. Ele pensava na desgraça que trouxera a seus pais e em como partiu seus corações. Trinta milhas. Os anos jogados fora passaram por sua mente. Vinte milhas. Dez milhas. Cinco milhas.

Por fim, a casa pôde ser avistada. Ele se sentou, incrédulo. O carvalho estava coberto por tiras de tecido branco agitadas fortemente com o vento. Ele se levantou, pegou sua mala e se preparou para sair na estação.

A árvore, é claro, representa a cruz. Com os braços estendidos e cobertos de inúmeras promessas de perdão, ela chama o pecador arrependido para casa. Que recepção na casa do Pai! Que perdão sem limites quando o perdido se encontra!

"Devias tu ajudar ao perverso e amar aqueles que aborrecem o SENHOR? Por isso, caiu sobre ti a ira da parte do SENHOR" (2 Crônicas 19.2).

O rei Josafá havia se unido ao cruel rei Acabe em uma guerra contra os sírios. Esta foi uma aliança pecaminosa que quase lhe custou a vida. Os sírios pensaram que Josafá era Acabe e estavam prestes a matá-lo quando perceberam seu engano. Embora Josafá tenha escapado da morte, não escapou de uma dura repreensão do profeta Jeú. Deus se ira quando Seu povo ama aqueles que O odeiam e coopera com os ímpios.

Como poderia acontecer algo assim, hoje? Pode acontecer quando cristãos evangélicos professos se unem a liberais declarados em grandes cruzadas religiosas. Estes liberais negam as grandes doutrinas fundamentais da fé cristã. Eles tentam diminuir a autoridade da Palavra com suas dúvidas e negações. Embora se passem por cristãos, na verdade, são inimigos da cruz de Cristo. Seu deus é seu ventre. Sua glória é sua vergonha. Sua mente está nas coisas terrenas (veja Filipenses 3.18-19). A Causa de Cristo não tem como se beneficiar com sua ajuda. Ela só pode sofrer.

Conforme o movimento ecumênico vai crescendo, cristãos que seguem a Bíblia enfrentarão pressão cada vez maior para unir-se a todo tipo de elemento profano na cristandade. Se recusarem, serão ridicularizados e denunciados e suas liberdades serão reduzidas. No entanto, a fidelidade a Cristo pede que eles andem em um caminho de separação.

Um dos piores impactos de todos acontece quando cristãos verdadeiros desprezam seus irmãos que se recusam a trabalhar com os ímpios. Não é raro ver líderes cristãos elogiarem modernistas enquanto criticam fundamentalistas. Eles festejam a educação liberal, citam escritores liberais demonstrando seu apoio e demonstram uma adorável tolerância por heresias liberais. No entanto, não têm nada além de insultos desprezíveis para seus irmãos fundamentalistas que buscam manter linhas claras de demarcações entre o que é justo e o que é profano.

Cortejar o favor dos inimigos de Deus ou buscar sua ajuda é uma política de traição. Lealdade a Cristo exige que resistamos junto aos Seus seguidores fiéis contra o inimigo.

30 DE JULHO

“Porque qual é a parte dos que desceram à peleja, tal será a parte dos que ficaram com a bagagem; receberão partes iguais” (1 Samuel 30.24).

Quando Davi recuperou a cidade de Ziclague dos amalequitas, alguns dos seus homens não quiseram dividir os despojos com os 200 que haviam ficado para trás no ribeiro de Besor. Davi determinou que aqueles que ficaram com os mantimentos deveriam receber tanto quanto os que haviam ido para a batalha.

Para cada soldado que entra em combate, há vários que trabalham por trás das linhas. No exército dos EUA, durante a II Guerra Mundial, somente cerca de 30% das tropas eram unidades de combate. As outras eram equipes de apoio, servindo em unidades como engenharia, acomodação e alimentação, arsenal, comunicação, química, transporte e controle militar.

Há um paralelo para esta situação na obra do Senhor. Embora todos os cristãos sejam soldados, nem todos estão na linha de frente da batalha. Nem todos são pregadores, evangelistas, professores ou pastores. Nem todos são missionários servindo nas frentes de batalha do mundo.

Deus também tem equipes de apoio em Seu exército. Há Seus fiéis guerreiros de oração que lutam diariamente até que a maré da batalha mude. Há Seus mordomos devotos que vivem de forma sacrificial para poder mandar mais dinheiro para a linha de frente. Há aqueles que conseguem comida e acomodações para os que estão em conflitos, cara a cara, com o inimigo. Lembre também daqueles que digitam manuscritos que um dia levarão a mensagem a terras distantes. Pense naqueles que editam, traduzem e imprimem livros e revistas cristãs. Pense nas mulheres excelentes que ministram em casa, criando filhos e filhas para o serviço do Rei. Para cada um que está no furor da batalha, há vários outros servindo como equipe de apoio.

Quando as recompensas forem distribuídas, aqueles que tiveram papéis de apoio receberão o mesmo que os que foram aclamados heróis de guerra. Aqueles que serviram, silenciosamente por trás das linhas, terão honras iguais às celebridades evangélicas.

Deus é capaz de resolver tudo isso. Ele pode medir corretamente a importância da contribuição de cada um. Haverá diversas surpresas. Pessoas imperceptíveis que pensávamos serem relativamente irrelevantes serão vistas assumindo posições cruciais. Sem eles, nós seríamos impotentes.

“Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o centuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna” (Marcos 10.29-30).

O maior de todos os investimentos é o investimento de uma vida vivida para Jesus Cristo. As considerações importantes em qualquer investimento são a segurança da aplicação e a taxa de retorno. A partir destes pontos, nenhum investimento se compara com uma vida vivida para Deus. A aplicação é absolutamente segura porque Ele é capaz de guardar o que Lhe confiamos (2 Timóteo 1.12). Quanto aos rendimentos, sua imensidão nos deixa perplexos.

Na passagem de hoje, o Senhor Jesus promete devolver cem vezes mais. Isso significa uma taxa de juros de 10.000% – algo que jamais acontece no mundo. Mas isso não é tudo!

Aqueles que abriram mão dos confortos de uma casa para servir a Cristo recebem a promessa da acolhida e da comodidade de muitas casas, onde podem ver a bondade de Deus por causa de Jesus.

Aqueles que renunciam às alegrias de um casamento e de uma família ou que abrem mão de outros laços de relacionamento, por causa do Evangelho, recebem a promessa de uma família mundial, onde, na verdade, muitas pessoas se tornam mais próximas que parentes de sangue.

Aqueles que saem de suas terras recebem a promessa de terras. Eles deixam para trás o privilégio de possuir alguns hectares de imóveis e ganham o privilégio imensuravelmente maior de alcançar países e até mesmo continentes para o precioso nome de Jesus.

Eles também recebem a promessa de perseguições. A princípio, isto parece ser um traço amargo em uma sinfonia até então harmoniosa. Porém, Jesus inclui perseguições como um retorno positivo por investimento. Compartilhar da desonra de Cristo é um tesouro maior que toda a riqueza do Egito (Hebreus 11.26).

Estes são os dividendos nesta vida. A isso o Senhor acrescenta: *“...e, no mundo por vir, a vida eterna”*. Isto se refere à vida eterna em sua plenitude. Embora a vida eterna seja um presente recebido pela fé, haverá diferentes capacidades de aproveitá-la. Aqueles que deixaram tudo para seguir a Jesus compartilharão de outro nível de recompensas na Cidade das ruas de ouro.

Quando consideramos a incrível compensação recebida por uma vida investida em Deus, é estranho que não haja mais gente participando. Investidores podem ser extremamente perspicazes em se tratando de ações e bônus, mas estranhamente obtusos quando se trata do melhor investimento que existe.

1º DE AGOSTO

“Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” (Provérbios 25.11).

A combinação de maçãs de ouro em uma bandeja de prata é agradavelmente adequada. Os dois combinam. É a mesma coisa com uma palavra que vale ouro dita no momento certo. *“O homem se alegra em dar resposta adequada e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (Provérbios 15.23).* Imaginemos algumas situações:

- Uma missionária veterana está morrendo na ala de câncer, ainda consciente, mas fraca demais para falar. Então, um líder cristão vai até a sua cama ao final do horário de visita da noite. Inclinando-se sobre sua cama, ele cita Cântico do Cânticos 8.5, *“Quem é esta que sobe do deserto e vem encostada ao seu amado?”*. Ela abre seus olhos e sorri. Aquele é seu último contato com o mundo sofrido e triste. Antes de amanhecer ela deixou este deserto, encostada ao seu Amado. Era exatamente a palavra certa!

- Uma família está em choque, de luto pela perda de um ente querido. Amigos os cercam com mensagens de pêsames, mas ninguém consegue amenizar a dor. Então chega uma carta do Dr. H. A. Ironside, citando o Salmo 30.5: *“Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã”*. Esta foi a palavra certa do Senhor para quebrar a corrente de tristeza.

- Quando um grupo de jovens está fazendo uma longa viagem, um deles começa a compartilhar algumas dúvidas acerca da Palavra que surgiram em uma de suas aulas, na faculdade. Depois de ouvir por um tempo, um dos passageiros mais quietos, mais reservados, surpreende o grupo ao citar Provérbios 19.27 de cor: *“Filho meu, se deixas de ouvir a instrução, desviar-te-ás das palavras do conhecimento”*. É uma maçã de ouro em uma salva de prata!

Há também a conhecida história de como Ingersoll, falando a uma grande platéia, desafiou a Deus, dizendo que se Ele existia, devia matá-lo em até cinco minutos. Os cinco minutos passaram com um pesado suspense. O fato de que Ingersoll ainda estava vivo deveria demonstrar que não há nenhum Deus. Então um cristão anônimo que o assistia se levantou e disse: *“Sr. Ingersoll, você acha que consegue esgotar a misericórdia de Deus em cinco minutos?”* A palavra atingiu o alvo.

A palavra certa, falada no momento certo, realmente é um presente de Deus. Ansiemos por este dom, para que o Espírito de Deus possa nos usar para falar a palavra adequada de consolo, encorajamento, advertência ou repreensão.

"Enquanto assim falava, veio uma nuvem e os envolveu; e encheram-se de medo ao entrarem na nuvem" (Lucas 9.34).

Pedro, Tiago e João estavam no monte com Jesus. Sentindo que este era um momento importante da história e desejando, de alguma forma, preservar a sua glória, Pedro propôs que fizessem três tendas – uma para cada um, Jesus, Moisés e Elias. Isto, é claro, colocaria o Senhor no mesmo nível dos outros dois santos do Antigo Testamento. Deus impediu este projeto envolvendo-os em uma nuvem. Lucas nos diz que eles *"encheram-se de medo ao entrarem na nuvem"*.

Eles não precisariam ter sentido medo. Era uma nuvem de glória, não de juízo. Era um fenômeno temporário, não um fato permanente da vida. Deus estava na nuvem, mesmo que não estivesse visível.

Muitas vezes, entram nuvens em nossas vidas e, como os apóstolos, ficamos com medo ao ficarmos envolvidos em uma delas. Quando Deus nos chama para servir em outro lugar, por exemplo, muitas vezes tememos o desconhecido. Imaginamos o pior em termos de perigos, desconfortos e situações desagradáveis. Na verdade, só estamos com "medo" de uma bênção.

Temos medo quando entramos na nuvem da doença. Nossa mente enlouquece de preocupação. Interpretamos cada palavra e movimento facial do médico como presságio de morte. Diagnosticamos cada sintoma como se indicasse uma doença terminal. Porém, quando a doença passa, nos vemos dizendo com o salmista que *"Foi-me bom ter eu passado pela aflição"* (Salmo 119.71). Deus estava na nuvem e nós não sabíamos.

Tememos quando entramos na nuvem da tristeza. Nos perguntamos, o que poderia vir de bom através de tantas lágrimas, angústia e perda? Todo o nosso mundo parece desmoronar. No entanto, há instrução na nuvem. Aprendemos a consolar outros com o consolo que nos foi dado por Deus. Agora entendemos as lágrimas do Filho de Deus de uma maneira que jamais teríamos entendido antes.

Não precisamos ter medo quando entrarmos nas nuvens da vida. Elas são educativas. São temporárias. Não são destrutivas. Podem esconder o rosto do Senhor, mas não Seu amor e poder. Devemos abraçar as palavras de William Cowper:

Vós temerosos santos, tomai nova coragem;
As nuvens que tanto temeis
Estão cheias de misericórdia e derramarão
Bênçãos sobre suas cabeças.

3 DE AGOSTO

“...nem se compraz nos músculos do guerreiro” (Salmo 147.10).

Que perspectiva interessante! O grande e transcendente Deus não se compraz nos músculos do guerreiro!

Podemos olhar para isso em relação ao mundo dos esportes. A estrela do atletismo, ágil e veloz, cruzando a linha de chegada com suas mãos erguidas em vitória. O jogador de basquete, atravessando a quadra para enterrar a cesta decisiva. O herói do futebol americano, forte e musculoso, mergulhando em direção à linha.

A multidão enlouquece. Os torcedores pulam, gritam, torcem (ou vão e zombam). São fanáticos, envolvidos emocionalmente em cada jogada. Pode-se dizer que eles se comprazem nos músculos dos guerreiros – ou seja, em sua habilidade de jogar.

Nosso versículo não tem a intenção de proibir o interesse nos esportes. A Bíblia fala bem, em outros lugares, do valor do exercício corporal. No entanto, o desinteresse de Deus nos músculos do guerreiro deve nos lembrar de manter nossas prioridades em equilíbrio.

É fácil, para um jovem cristão, se envolver tanto em um esporte que ele se torna a paixão da sua vida. Todos os seus esforços estão voltados para alcançar a excelência. Ele disciplina seu tempo, sua alimentação, seu sono. Ele pratica incessantemente, aperfeiçoando suas habilidades de todas as formas possíveis. Tem uma vida de exercícios planejada para mantê-lo na melhor condição física. Ele pensa e fala deste esporte como se fosse a sua vida. Talvez realmente seja.

Às vezes, um jovem assim é pego de surpresa quando percebe que Deus não se compraz nos músculos do guerreiro. Se ele quiser andar em comunhão com Deus, precisa adotar a perspectiva de Deus.

No que, então, Deus se compraz? O décimo primeiro versículo do Salmo 147 nos responde: *“Agrada-se o Senhor dos que o temem e dos que esperam na sua misericórdia”*. Em outras palavras, Deus está mais interessado no espiritual que no físico. O apóstolo Paulo reflete este mesmo sistema de valores quando diz que *“o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser”* (1 Timóteo 4.8).

Daqui a cem anos, quando não se puder mais ouvir as torcidas, quando o estádio estiver vazio e a pontuação esquecida, o que realmente contará é uma vida que buscou primeiro o reino de Deus e a Sua justiça.

"Porque o SENHOR é justo, ele ama a justiça..." (Salmo 11.7).

O próprio Senhor é justo e ama ver Seu povo agindo de maneira justa. Ele se agrada quando cristãos, instintivamente, tomam decisões consistentes com a lei moral ou divina.

No entanto, isso nem sempre é fácil em um mundo como o nosso. Somos constantemente tentados a cair na área moral e ética. Algumas tentações são gritantes, outras são traiçoeiras. É preciso ter discernimento e firmeza de caráter para caminhar em linha reta.

Não seria possível classificar todas as áreas problemáticas, mas talvez uma lista seletiva nos dê uma base para tomar decisões no futuro.

Subornos e propinas são formas de injustiça, assim como dar presentes a um comprador para afetar sua decisão... É errado passar cheques sem fundo, ou seja, passar um cheque sem ter o saldo necessário na conta, na esperança de poder depositar dinheiro suficiente antes dos cheques serem cobrados... É ilegal enviar um pacote comercial com cartas anexadas sem pagar a taxa extra de envio das cartas... Uma forma de falsidade é dizer, a quem telefonou, que o chefe não está quando, na verdade, ele está sentado na sala ao lado... Qualquer administração errada de tempo na empresa ou declaração de gastos com despesas pessoais sem relação com a empresa... E há também, é claro, a prática comum de falsificar a declaração de imposto de renda, seja ao informar uma quantia menor que a que se ganha, seja por aumentar o valor de gastos e contribuições... O preenchimento de sinistros de seguro fraudulentos chega a proporções epidêmicas... Trabalhar lentamente de propósito ou abaixo do nível é errado... E talvez um dos abusos mais freqüentes seja o uso não autorizado do período de trabalho para tratar de questões pessoais.

Não é certo defender parentes ou amigos quando estes estão claramente errados. Isto é afeição enganosa ou falsa lealdade. A causa da justiça é servida quando defendemos a verdade contra o pecado, não importando quem seja o culpado.

Da mesma forma, é errado tomar o partido de alguém excomungado com a desculpa sentimental de que alguém precisa ser amigo do pecador. Isto só serve para criar divisões na igreja e encorajar o pecador em seu erro.

Por fim, nunca é certo assumir a culpa por algo que não se fez. Há algumas almas pacificadoras que estão dispostas a assumir a culpa quando o culpado se recusa a admiti-la e confessar. A paz não pode ser alcançada através do sacrifício da verdade.

Coragem, irmão! Não tropece,
Embora seu caminho seja escuro como a noite;
Há uma estrela para guiar o humilde:
"Confie em Deus e faça o que é certo".

- Norman MacLeod

5 DE AGOSTO

*"Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus"
(Tiago 1.20).*

Esta não é uma cena desconhecida: Uma reunião administrativa da igreja está acontecendo. Uma decisão precisa ser tomada. Não se trata de nenhuma grande doutrina de fé, mas, talvez, de aumentar o prédio ou pintar a cozinha ou distribuir fundos. Surge uma divergência de opiniões, as pessoas começam a se irritar, temperamentos se inflamam e começam os gritos. Alguns indivíduos determinados e de voz potente vencem, no final e então vão embora com a ilusão de que contribuíram para a obra de Deus. Não sei para que eles contribuíram, mas não foi para o avanço da obra de Deus ou para o cumprimento da Sua vontade. A ira do homem não produz a justiça de Deus.

Conta certa história que Emerson saiu de uma reunião do comitê onde tinham tido uma grande discussão. Enquanto ele ainda estava fervendo de raiva, parecia ouvir as estrelas lhe dizendo "Por que tanta raiva, homenzinho?", ao que Leslie Weatherhead comentou: "Quão maravilhosa é a forma como as silenciosas estrelas, em sua majestade e distante beleza, acalmam nossos espíritos, como se, na verdade, estivessem dizendo: 'Deus é grande o suficiente para cuidar de você' e 'Nada do que o está incomodando é tão importante quanto parece'".

Nós sabemos, é claro, que há momentos para a ira justa. Estes momentos acontecem quando a honra de Deus está em jogo. Porém, Tiago não estava pensando nisso quando falou da ira do homem. Ele estava pensando no homem que insiste em fazer as coisas do seu jeito e que, quando impedido, explode de raiva. Ele estava falando do orgulhoso que considera seu próprio entendimento infalível e que, portanto, não tolera outras opiniões.

Para as pessoas deste mundo, um temperamento explosivo é sinal de força. Para elas, este é um símbolo de liderança, uma maneira de exigir respeito. Elas acham que humildade é fraqueza.

No entanto, os cristãos sabem que não é assim. Sabem que, quando perdem a cabeça, perdem o respeito. Cada explosão é um erro. É a obra da carne, não o fruto do Espírito.

Cristo nos ensinou um caminho melhor: o caminho do autocontrole, de dar lugar à ira de Deus, de demonstrar humildade diante de todos. É o caminho de suportar pacientemente a injustiça, de oferecer a outra face. Cristãos sabem que atrapalham a obra de Deus ao demonstrar raiva, que obscurecem qualquer diferença visível entre eles e os que não são convertidos e que perdem o respeito ao falar no que diz respeito ao seu testemunho.

"Não vos comove isto, a todos vós que passais pelo caminho? Considerai e vede se há dor igual à minha, que veio sobre mim, com que o SENHOR me afligiu no dia do furor da sua ira" (Lamentações 1.12).

Às vezes, quando celebro a Ceia do Senhor, preciso me perguntar: "Qual é o meu problema? Como posso ser capaz de sentar aqui e contemplar a paixão do Salvador e não me derramar em lágrimas?"

Um poeta desconhecido se fez as mesmas perguntas. Ele escreveu: "Sou uma pedra e não um homem, para estar,/ ó Cristo, diante da Tua cruz,/ e contar, gota a gota,/ a lenta perda do Teu sangue,/ e não chorar?! Não são assim o sol e a lua,/ que esconderam seus rostos em um céu da meia-noite,/ enquanto a terra se contorceu e gemeu – somente eu/ consigo olhar, impassível, indiferente,/ Grande Deus, não devo ser,/ ou conhecerei a ira que Ele suportou./ Ó Senhor, eu Te peço, volte-Se e olha mais uma vez/ e comove esta rocha, o meu coração".

Outro poeta escreveu seguindo a mesma linha: "Que enigma sou para mim mesmo,/ Cordeiro que amou, sangrou, morreu,/ que consigo analisar o mistério,/ e não ser movido a amar-Te mais!".

Eu admiro as almas sensíveis que são tão profundamente tocadas pelo sofrimento do Redentor em sua morte que desabam e choram. Penso no meu barbeiro cristão, Ralph Ruocco. Muitas vezes, enquanto cortava meu cabelo, ele falava das agonias que o Salvador suportou. Então, com suas lágrimas caindo na capa que me cobria, ele dizia: "Não sei por que Ele estava disposto a morrer por mim. Sou um miserável. Ainda assim Ele suportou a punição pelos meus pecados em Seu corpo na cruz".

Penso, então, na pecadora que lavou os pés do Salvador com suas lágrimas, secou-os com seus cabelos, beijou Seus pés e os ungiu com unguento (Lucas 7.38). Embora isso tenha acontecido antes da cruz, ela estava mais sintonizada emocionalmente que eu com todo o meu treinamento e privilégio superiores.

Por que sou tamanho bloco de gelo? Será porque fui criado em uma cultura onde "chorar não é coisa de homem"? Caso sim, queria jamais ter conhecido essa cultura. Não é uma desgraça chorar à sombra do Calvário; a desgraça é não chorar.

Tomando emprestadas as palavras de Jeremias, preciso orar a partir de hoje, dizendo: *"Prouvera a Deus a minha cabeça se tornasse em águas e os meus olhos, em fonte de lágrimas! Então choraria de dia e de noite" (Jeremias 9.1)*; isto é, chorar pelos sofrimentos e pela morte que meus pecados lançaram sobre o puro Salvador. E assumo para mim as palavras imortais de Isaac Watts:

Que eu esconda meu rosto envergonhado, enquanto Sua querida cruz aparece;
Dissolva meu coração com gratidão e derretam meus olhos em lágrimas.

Senhor, liberta-me da maldição de um cristianismo de olhos secos!

7 DE AGOSTO

“e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado...” (Isaías 61.3).

Nesta passagem sublime, o Messias está descrevendo algumas das maravilhosas mudanças que Ele faz naqueles que O recebem: Ele nos dá uma coroa ao invés de cinzas, alegria ao invés de pranto, louvor ao invés de angústia.

Lhe entregamos as cinzas de uma vida queimada por prazeres, cinzas de um corpo estragado por bebidas ou drogas. Lhe entregamos as cinzas de anos desperdiçados a esmo ou as cinzas de esperanças frustradas e sonhos despedaçados. E o que recebemos? Ele nos dá a beleza, a beleza de uma deslumbrante coroa de casamento. Que troca! “O pobre e exausto escravo do pecado é honrado se tornando o cônjuge do santo Deus” (J. H. Jowett). Maria Madalena, controlada por sete demônios, não somente foi liberta, mas se tornou uma filha do Rei! Os coríntios foram a Ele em toda a sua indignidade e foram lavados, santificados e purificados.

Lhe entregamos as lágrimas de pranto. Estas são lágrimas trazidas por pecados, derrotas, fracassos. Lágrimas causadas por tragédias e perdas. Lágrimas por casamentos destruídos e filhos desobedientes. Ele pode fazer algo com estas lágrimas salgadas e escaldantes? Sim, Ele pode limpá-las e nos dar o óleo de alegria em seu lugar. Ele nos dá a alegria do perdão, a alegria da aceitação, a alegria da Sua família, a alegria de encontrar a razão da nossa existência. Em resumo, Ele nos dá “a alegria do banquete de casamento em troca da nossa angústia opressiva”.

Por fim, Ele nos livra do nosso espírito angustiado. Todos sabemos como é este espírito – o fardo da culpa, do remorso, da vergonha, da humilhação. O espírito da solidão, da rejeição, da traição. O espírito do medo e da ansiedade. Ele nos livra de todos eles e nos dá vestes de louvor. Põe um novo cântico em nossos lábios, um hino de louvor ao nosso Deus (Salmos 40.3). O que sempre resmungava fica cheio de gratidão e o blasfemo, de louvor.

Algo lindo, algo bom,

Toda a minha confusão Ele entendeu.

Tudo o que eu tinha para oferecer-Lhe era imperfeição e discórdia

E Ele fez algo lindo com a minha vida.

(Gaither)

"...faça o bem e empreste, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão..." (Lucas 6.35).

Estas ordens do nosso Senhor se referem ao nosso comportamento para com todos os homens, convertidos ou não, mas nós vamos focar agora particularmente nas negociações financeiras entre cristãos. Infelizmente, é verdade que alguns dos conflitos mais sérios entre cristãos surjam por questões envolvendo dinheiro. Não deveria ser assim, mas infelizmente o antigo ditado continua valendo: quando o dinheiro entra pela porta, o amor sai pela janela.

Uma solução simples poderia ser proibir qualquer negociação entre os santos, mas não podemos fazer isso, porque a Bíblia nos diz: *"Dá a todo o que te pede"* e *"empreste, sem esperar nenhuma paga"* (Lucas 6.30,35). Então precisamos adotar várias diretrizes que nos ajudem a obedecer a Palavra, mas evitem conflitos e amizades desfeitas.

Devemos ajudar em qualquer caso genuíno de necessidade. A doação deve ser incondicional. Ela não pode, de forma alguma, obrigar a outra pessoa a votar por nós em reuniões da igreja ou a nos defender quando somos acusados. Não devemos tentar "comprar" as pessoas com nossa bondade.

O mandamento de dar a todos os que nos pedem tem algumas exceções. Não devemos dar dinheiro a alguém para financiar apostas, bebidas ou cigarro. Não devemos dar para assumir as despesas de um insensato plano qualquer de ficar rico que apóia a ganância do homem.

Quando emprestarmos dinheiro a uma causa justa, devemos fazê-lo com a atitude de quem não se importa caso o dinheiro jamais seja devolvido. A falta do pagamento não afetará nossa amizade. Além disso, não devemos cobrar juros sobre o empréstimo. Se um judeu, vivendo sob a lei, não podia cobrar juros de outro judeu (Levítico 25.35-37), quanto mais um cristão, vivendo sob a graça, não deve cobrar juros de outro cristão.

Se surgir um caso onde não temos certeza se a necessidade é genuína, em geral é melhor tentar suprir a necessidade. Se tivermos que errar, é melhor fazê-lo exagerando na graça.

Ao dar a outros, precisamos encarar o fato de que aqueles que recebem caridade, muitas vezes ficam ressentidos com o doador. Este é um preço que precisamos estar dispostos a pagar. Quando Disraeli, certa vez, foi lembrado de que certo homem o odiava, disse: "Não sei o por quê. Não fiz nada por ele, recentemente".

9 DE AGOSTO

“Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu” (Lucas 5.28).

Imagine Levi sentado a uma mesa, ao lado da estrada, cobrando impostos dos que passavam por ali. Se ele era um coletor de impostos típico, embolsava consideráveis quantias de dinheiro ao invés de entregá-lo ao odiado governo romano.

Neste dia em particular, Jesus passou por ali e disse: “Siga-me”. Um tremendo despertar espiritual aconteceu na vida de Levi. Ele viu seus pecados expostos. Percebeu o vazio da sua vida. Ouviu a promessa de coisas melhores. Sua resposta foi imediata. *“Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu”*. Ao fazê-lo, ele premeditou as significativas frases de Amy Carmichael: “Ouvi Seu chamado, ‘venha, siga-me!’ / Foi simples assim./ Meu tesouro terreno perdeu o brilho./ Minha alma foi atrás dEle./ Me levantei e segui./ Foi simples assim./ Quem não seguiria/ se O ouvisse chamar?”.

Mas Levi, ou Mateus, como é mais conhecido, naquele dia em que aceitou o chamado de Cristo, mal percebeu que grandes coisas viriam de sua obediência.

Em primeiro lugar, é claro, ele experimentou da inestimável bênção da salvação. A partir dali, ele se entregou à causa sem reservas. A partir dali, ele teve mais alegria, mesmo quando estava triste, do que tinha antes, mesmo quando estava feliz. A partir dali ele podia dizer, nas palavras de George Wade Robinson, que “vive algo em cada cor que olhos sem Cristo jamais viram”.

Então, Mateus também se tornou um dos doze apóstolos. Ele viveu com o Senhor Jesus, ouviu seus incomparáveis ensinamentos, foi uma testemunha da Sua ressurreição, levou adiante a gloriosa mensagem e por fim entregou Sua vida pelo Salvador.

A Mateus foi dado o indescritível privilégio de escrever o primeiro Evangelho. Dissemos que ele deixou tudo para trás, mas o Senhor permitiu que Ele mantivesse sua pena de escrever. Esta pena foi usada para descrever o Senhor Jesus como o verdadeiro Rei dos judeus.

Sim, Mateus deixou tudo, mas, ao fazê-lo, ganhou tudo e encontrou a razão real da sua existência.

De certa forma, o chamado de Cristo chega a todo homem, mulher, menino e menina. Podemos aceitá-lo ou ignorá-lo. Se o aceitamos, Ele nos abençoa mais do que nossos maiores sonhos imaginariam. Se o ignoramos, Ele encontra outros para segui-lo. Porém, jamais encontraríamos um Cristo melhor para seguir.

"A multidão... dizia ter havido um trovão." (João 12.29).

Deus tinha falado dos céus em tons claros e articulados. Alguns disseram que tinha trovejado. Deram uma explicação naturalista para o que era divino e milagroso.

Esta é uma das atitudes que podemos ter diante de milagres hoje em dia. Podemos tentar explicá-los como nada além de acontecimentos naturais.

Podemos, ainda, dizer simplesmente que a era dos milagres já passou. Podemos bani-los para o arquivo das dispensações passadas.

Uma terceira atitude possível é ir para o outro extremo e afirmar ter visto milagres que, na verdade, não são nada além do produto de uma imaginação vívida.

A abordagem correta é reconhecer que Deus pode fazer e faz milagres em nossos dias. Como Senhor Soberano, Ele pode fazer o que quiser. Não há razões bíblicas para afirmar que Ele teria abandonado os milagres como uma forma de Se revelar a nós.

Um milagre acontece toda vez que alguém nasce de novo. É uma demonstração poderosa de poder divino, libertando aquela pessoa do reino das trevas e trazendo-a para o reino do amor do Filho de Deus.

Há milagres de cura quando a ciência médica já desistiu e toda a esperança humana se foi. Então, como resposta a orações de fé, Deus às vezes escolhe tocar o corpo e restaurar a saúde da pessoa.

Há milagres de provisão, quando a carteira está completamente vazia. E milagres de orientação, quando estamos em uma encruzilhada e não sabemos para onde ir.

Há milagres de proteção quando, por exemplo, alguém sai sem um arranhão de um emaranhado de aço que costumava ser um carro.

Sim, Deus ainda faz milagres, mas não necessariamente os mesmos. Ele nunca decidiu repetir as dez pragas que Ele enviou sobre o Egito. Embora Jesus Cristo seja o mesmo, ontem, hoje e para sempre, não significa que Seus métodos sejam os mesmos. O fato de que Ele ressuscitou mortos, quando estava na terra, não quer dizer que Ele ressuscite mortos hoje.

Último ponto! Nem todos os milagres são divinos. O Diabo e seus agentes podem fazer milagres. No futuro, a segunda besta de Apocalipse 13 vai enganar os habitantes da terra com os milagres que fará. Mesmo hoje precisamos testar todos os supostos milagres pela Palavra de Deus e pela direção à qual eles levam as pessoas.

11 DE AGOSTO

"Porque, se enlouquecemos, é para Deus..." (2 Coríntios 5.13).

Deus tem voluntários em Seu exército e, muitas vezes, são eles que alcançam as maiores vitórias. Parecem excêntricos em sua paixão pelo Senhor. Eles usam métodos originais ao invés de seguir os tradicionais. Estão sempre dizendo e fazendo o inesperado. Eles podem assassinar o idioma nacional e quebrar todas as regras de ensino e pregação e, ainda assim, ver grandes vitórias para o reino de Deus. Muitas vezes são comoventes, até mesmo empolgantes. As pessoas ficam chocadas, mas jamais os esquecem.

Estes voluntários são uma fonte constante de perturbação para os acomodados e convencionais, para aqueles que tremem ao pensar em quebrar as normas culturais. Outros cristãos tentam mudá-los, torná-los mais normais, apagar o fogo. Mas, felizmente para a Igreja, seus esforços em geral são em vão.

É difícil para nós acreditar que nosso Senhor parecia ser esquisito para Seus contemporâneos. "Ele era tão apaixonado em Sua obra que muitas vezes não tinha tempo para comer e Sua mãe e Seus irmãos queriam levá-lo para casa, porque achavam que estava 'maluco'. Disseram 'Ele enlouqueceu'. Jesus, porém, era a Pessoa sã ali, não seus irmãos" (W. Mackintosh Mackay).

Parece que as pessoas acusaram o apóstolo Paulo de ser estranho. Sua resposta a isso foi *"Se enlouquecemos, é para Deus" (2 Coríntios 5.13)*.

Já ouvimos falar de um dos voluntários de Deus que vestia dois cartazes com frases na frente e atrás. Na frente ele dizia "Sou tolo por amor a Cristo". Atrás dizia "Você é o tolo de quem?"

O problema com a maioria de nós é que somos muito normais para criar um tumulto para Deus, na sociedade. Como foi dito, "deixamos a média ficar onde está. Somos como Pedro, do lado de fora do tribunal em que Cristo estava sendo julgado, apenas 'nos aquecendo'".

Rowland Hill, o grande pregador de Londres, era excêntrico. Assim como C. T. Studd, além de Billy Bray e de W. P. Nicholson, o evangelista irlandês. Preferiríamos que eles tivessem sido diferentes? Não, quando consideramos como Deus os usou, só queríamos ser mais como eles. "É mil vezes melhor uma excêntrica eficaz que uma ineficácia normal. O primeiro amor pode às vezes ser excêntrico, mas, graças a Deus, é eficaz e alguns de nós já o perdemos" (Fred Mitchell).

"Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida e vive pecando e por si mesma está condenada" (Tito 3.10-11).

Quando pensamos em um herege, geralmente imaginamos alguém que tem e difunde visões contrárias às grandes verdades fundamentais da fé. Pensamos em homens como Arius, Montanus, Marcion e Pelagius que viveram no segundo e terceiro séculos d.C..

Minha proposta não é rejeitar essa definição de herege, mas ampliá-la. Um herege, no sentido do Novo Testamento, também inclui qualquer um que promova obstinadamente uma doutrina, mesmo que de importância secundária e que cause divisões na igreja. Ele pode concordar com os pontos fundamentais e, ainda assim, acrescentar outros preceitos que causem discórdia, porque diferem da crença aceita pela igreja da qual ele faz parte.

A maioria das traduções modernas diz "*homem faccioso*" ao invés de "herege". Um homem faccioso está teimosamente determinado a montar em seu cavalo de brinquedo doutrinário, ainda que isso cause uma separação na igreja. Suas conversas, inevitavelmente, se voltam para seu assunto de "estimação". Não importa para onde ele olhe na Bíblia, ele acha que encontra apoio para sua perspectiva. Ele é incapaz de ministrar a Palavra publicamente sem trazê-la à tona. Só sabe falar deste assunto. Ele só tem uma corda em seu violino e só toca uma nota naquela corda.

Seu comportamento é totalmente perverso. Ele desconsidera os mil e um preceitos da Bíblia que ajudariam os santos a crescer em sua fé e foca naquelas uma ou duas doutrinas distorcidas que só servem para criar discórdia. Pode ser que ele repita um aspecto particular de uma profecia, que enfatize demais um dos dons do Espírito Santo ou que sua obsessão seja com os cinco pontos do Calvinismo.

Quando os líderes da igreja o advertem contra sua cruzada pessoal, ele não se arrepende. Insiste que não seria fiel ao Senhor se não ensinasse essas coisas. Que não será silenciado. Ele tem uma resposta "super espiritual" para cada argumento usado contra ele. O fato de que ele está criando discórdia e divisão na igreja não o dissuade de forma alguma. Ele parece ser imune ao decreto divino de que "*Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá*" (1 Coríntios 3.17).

A Palavra diz que esta pessoa está pervertida, pecando e condenando a si mesma. Ela está pervertida no sentido de que tem uma retorsão moral, uma mente distorcida, está torta. Ela está pecando porque a Bíblia condena tal comportamento. E ela sabe disso, apesar dos seus virtuosos protestos. Depois de duas advertências, a igreja deve rejeitá-lo, esperando que esta exclusão social faça-o abandonar seu sectarismo.

13 DE AGOSTO

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mateus 18.20).

Quando Jesus disse estas palavras, Ele se referia a um encontro da igreja convocado para tratar de um membro em pecado e que se recusava a arrepender-se. Outros esforços para lidar com o pecador fracassaram e, agora, ele é trazido diante da igreja. Se ele ainda assim se recusar a arrepender-se, deverá ser excluído. O Senhor Jesus promete Sua presença em uma reunião assim, convocada para lidar com uma questão de disciplina na igreja.

Porém, o versículo certamente tem uma aplicação mais ampla. Ele é verdade em qualquer momento e lugar onde dois ou três se reunirem em Seu nome. Reunir-se em Seu nome significa encontrar-se como comunidade cristã. Significa reunir-se sob Sua autoridade, agindo em Seu favor. Significa encontrar-se centrados nEle. Significa reunir-se de acordo com a prática dos primeiros cristãos, focando *"na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações"* (Atos 2.42). Isto significa encontrar-se com Cristo como o centro, encontrar-se com Ele (Gênesis 49.10; Salmo 50.5).

Onde quer que cristãos estejam reunidos com a Pessoa do Senhor Jesus, Ele promete estar presente. Alguém poderia, porém, perguntar: "Ele não está presente em todo lugar? Como o Onipresente, Ele não está em todos os lugares ao mesmo tempo?" A resposta, logicamente, é: "Sim, Ele está". No entanto, Ele promete estar presente de maneira especial quando os santos se reúnem em Seu nome.

"...ali estou no meio deles". Está é, por si só, a maior razão para sermos fiéis em comparecer às reuniões da igreja local. O Senhor Jesus está ali de uma maneira especial. Muitas vezes podemos não estar cientes da sua presença prometida, mas há momentos em que Ele se manifesta a nós de modo incomum. São momentos em que o céu parece se aproximar da terra. São momentos em que todo coração se prostra perante a influência da Palavra. São momentos em que a glória do Senhor enche tanto um lugar que uma profunda sensação de reverente majestade envolve as pessoas e que as lágrimas correm livremente. São momentos em que nossos corações ardem dentro de nós.

Nunca sabemos quando estes momentos sagrados acontecerão. Eles não são esperados ou anunciados. Se não estamos presentes, os perdemos. Então, compartilhamos de uma perda parecida com a de Tomé. Ele não estava presente quando o Senhor Jesus, glorificado e ressurreto apareceu diante dos discípulos na noite da Sua ressurreição (João 20.24). Foi um momento de glória que jamais foi revivido.

Se realmente acreditamos que Cristo está presente, quando Seu povo se reúne em Seu nome, estaremos bem mais decididos a estar presentes do que se o presidente fosse estar lá. Nada menor que a morte ou uma doença terminal impediria a nossa presença.

“Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (Salmo 51.17).

Não há nada mais belo na criação espiritual de Deus que um cristão que demonstra um verdadeiro espírito de quebrantamento. O próprio Deus acha tal pessoa irresistível; Ele resiste ao orgulhoso e ao arrogante (Tiago 4.6), mas não resiste ao submisso e humilde.

Em nossa condição natural, nenhum de nós é submisso. Somos como filhotes de burros selvagens – rebeldes, teimosos, impetuosos. Resistimos ao freio, ao estribo e à sela da vontade de Deus. Não deixamos que nos selem, queremos fazer as coisas do nosso jeito. Enquanto não formos domados, somos inadequados para o serviço.

A conversão é o começo do processo de nos ensinar humildade. O pecador arrependido pode dizer: “O coração mais orgulhoso que já bateu, foi calado em mim;/ A vontade mais selvagem que já se levantou/ Para zombar da Tua causa e ajudar Teus inimigos/ Foi dominada, meu Deus, por Ti!” Na conversão, tomamos o jugo de Cristo sobre nós.

No entanto, é possível ser um cristão, mas ainda se comportar como um potro selvagem que quer correr pelo pasto segundo sua própria vontade. Precisamos aprender a entregar as rédeas da vida ao Senhor Jesus. Precisamos nos submeter às Suas ações em nossas vidas sem dar coices, empinar ou pular. Precisamos ser capazes de dizer:

Seu caminho é melhor
Abandonamos planos desnecessários
E deixamos o governo de nossa vida com Ele.

Precisamos praticar submissão não apenas com relação a Deus, mas também a outras pessoas. Isto quer dizer que não seremos orgulhosos, agressivos ou arrogantes. Não nos sentiremos obrigados a defender nossos direitos ou a nós mesmos quando formos acusados injustamente. Quando formos insultados, ridicularizados, abusados ou difamados, não vamos responder. Pessoas submissas e humildes são rápidas para pedir desculpas quando disserem ou fizerem algo errado. Não guardam rancor ou ficam contando cada erro cometido contra elas. Elas vêem os outros como melhores que elas. Quando se deparam com atrasos, interrupções, acidentes, mudanças de planos e decepções, não respondem com delírio, pânico, histeria ou irritação. Elas demonstram equilíbrio e tranquilidade nas crises da vida.

Se um casal de cônjuges for realmente submisso, eles jamais precisarão ir ao tribunal de divórcio. Pais e filhos humildes nunca sentirão o abismo entre gerações. Vizinhos quebrantados jamais precisam erguer cercas. Igrejas com pessoas que aprenderam o caminho da submissão vêem um reavivamento contínuo.

Quando chegamos à Ceia do Senhor e ouvimos o Salvador dizer “*Isto é o meu corpo oferecido por vós*”, a única resposta adequada é “*Esta é a minha vida, Senhor Jesus, oferecida a Ti*”.

15 DE AGOSTO

“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza” (Lucas 12.15).

Avareza é o desejo excessivo de ter riquezas ou posses. É uma obsessão que se agarra às pessoas, fazendo-as lutar para ter cada vez mais. É uma febre que as leva a ansiar por coisas de que, na verdade, não precisam.

Vemos avareza no empresário que nunca está satisfeito. Ele diz que vai parar quando tiver acumulado certa quantia, mas quando chega esta hora, ele está ávido por mais.

A vemos na dona de casa cuja vida é um eterno dia de compras. Ela estoca toneladas das mais diversas coisas até que seu sótão, garagem e depósito ficam lotados com o exagero de coisas.

Vemos ganância na tradição de presentes de Natal e de aniversário. Jovens e idosos avaliam o sucesso da ocasião pelo tamanho da pilhagem que puderam acumular.

A vemos na distribuição de uma herança. Quando alguém morre, seus parentes e amigos derramam uma lágrima ritual e, então, descem como urubus para dividir a presa, muitas vezes, começando uma guerra civil no processo.

Avareza é idolatria (Efésios 5.5; Colossenses 3.5). Ela coloca a vontade própria no lugar da vontade de Deus. Expressa insatisfação com o que Deus lhe deu e está determinada a conseguir mais, não importando o custo.

Ganância é uma mentira, criando a impressão de que a alegria está na posse de coisas materiais. Conta-se a história de um homem que podia ter o que quisesse, bastava expressar um desejo. Ele desejou uma mansão, servos, um *Cadillac*, um iate e, instantaneamente, eles apareciam. A princípio foi muito divertido, mas, quando suas idéias começaram a acabar, ele ficou insatisfeito. Por fim, ele disse: “Quero sair daqui. Quero criar algo, sofrer alguma coisa. Preferia estar no inferno que aqui”. O servente respondeu: “Onde você acha que está?”.

Avareza tenta fazer as pessoas abrir mão de seus princípios, a trapacear e pecar para conseguirem o que querem.

Ela desqualifica o homem para a liderança da igreja (1 Timóteo 3.3). Ronald Sider pergunta: “Não seria mais bíblico aplicar a disciplina da igreja àqueles cuja aquisição gananciosa os levou ao ‘sucesso financeiro’ do que elegê-los como anciãos?”

Quando a avareza leva à fraude, extorsão ou outros escândalos públicos, é necessário excomungar a pessoa (1 Coríntios 5.11).

Se a avareza não for confessada e abandonada, ela leva à exclusão do Reino de Deus (1 Coríntios 6.10).

“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Timóteo 6.8).

Poucos cristãos levam estas palavras a sério e, no entanto, elas são Palavra de Deus tão verdadeiramente quanto João 3.16. Elas nos dizem para estarmos satisfeitos com comida e com o que vestir. Esta expressão “o que vestir” inclui um telhado sobre nossas cabeças, assim como roupas para vestir. Em outras palavras, devemos estar satisfeitos com o mínimo essencial e colocar todo o restante nas mãos do Senhor.

Um homem satisfeito tem algo que o dinheiro não pode comprar. E. Stanley Jones disse: “Tudo pertence ao homem que não quer nada. Tendo nada, ele possui tudo na vida, inclusive a própria vida... Ele é rico em suas poucas necessidades e não na abundância das suas posses”.

Anos atrás, quando Rudyard Kipling falou a uma turma de formandos na McGill University, ele alertou os alunos quanto a considerar riquezas materiais como grandes prêmios. Ele disse: “Um dia vocês vão conhecer alguém que não se importa com nenhuma destas coisas e então perceberão quão pobres vocês são”.

“A condição de maior alegria de um cristão na terra parece ser quando ele anseia por pouco. Se ele tem Cristo em seu coração, o Céu diante dos seus olhos e apenas a quantidade necessária de bênçãos temporais para permiti-lo viver, então a dor e a tristeza tem poucos alvos; tal homem tem pouco a perder” (William C. Burns).

Este espírito de satisfação parece ter sido característico de vários dos gigantes de Deus. David Livingston disse: “Estou determinado a não olhar para nada do que possuo com outra perspectiva que não em relação ao Reino de Deus”. Watchman Nee escreveu: “Não quero nada para mim; quero tudo para o Senhor”. Hudson Taylor disse que gostava do “luxo de ter poucas coisas com as quais se preocupar”.

Para alguns, a idéia de satisfação significa a falta de visão ou de ambição. Eles imaginam alguém satisfeito como um parasita ou um aproveitador. Mas essa não é a satisfação divina. O cristão satisfeito tem bastante visão e ambição, mas elas são direcionadas para o espiritual, não o material. Ao invés de ser um aproveitador, ele se esforça para dar aos que passam por necessidade. Nas palavras de Jim Elliot, a pessoa satisfeita é aquela por quem Deus “afrouxou a tensão do aperto de mão”.

17 DE AGOSTO

“...aos que me honram, honrarei” (1 Samuel 2.30).

Uma das muitas formas em que podemos honrar o Senhor é permanecer firmes aos princípios divinos e nos recusar a abrir mão de nossos valores.

Durante sua juventude, Adam Clarke trabalhou para um vendedor de seda. Certo dia seu chefe lhe mostrou como esticar a seda na hora de medi-la para um cliente. Adam disse: “Senhor, sua seda pode esticar, mas a minha consciência não”. Anos depois Deus honrou aquele empregado honesto capacitando-o para escrever o comentário bíblico que leva seu nome.

Eric Liddell estava inscrito para participar da corrida de 100 metros nos Jogos Olímpicos. Porém, quando descobriu que esta prova estava marcada para um domingo, disse a seu treinador que não correria. Ele sentia que, ao desonrar o dia do Senhor, estaria desonrando o próprio Senhor. Houve uma grande onda de críticas. Ele foi acusado de ser um desmancha-prazeres, de decepcionar seu país, de ser um fanático religioso enlouquecido. Mas ele não voltou atrás em sua decisão.

Quando percebeu que a prova de 220 metros estava marcada para um dia da semana, pediu ao seu treinador permissão para correr, mesmo que não fosse a sua distância. Ele venceu a primeira prova, a segunda e as semifinais. No dia da final, quando se dirigia à linha de partida, alguém colocou um pequeno pedaço de papel em suas mãos. Ele olhou para o papel e viu as palavras *“...aos que me honram, honrarei”*. Naquele dia ele não apenas ganhou a prova, mas estabeleceu um novo recorde mundial.

O Senhor lhe deu a grande honra de servir como um de Seus embaixadores no oriente. Durante a Segunda Guerra Mundial ele foi capturado pelos japoneses e morreu em um campo de concentração, ganhando a coroa de mártir.

Adam Clarke e Eric Liddell seguiram a ilustre fila de homens como José que honrou a Deus com seu caráter aprovado e foi honrado por Deus, se tornando o salvador do seu povo em uma época de escassez. Homens como Moisés, cuja lealdade ao seu Deus foi honrada liderando o povo de Israel para longe da escravidão do Egito. Homens como Daniel, cuja recusa a abrir mão de seus princípios lhe trouxe um lugar de distinção no reino persa. E – acima de todos – o Senhor Jesus, que honrou Seu Pai como ninguém mais e a Quem foi dado o Nome acima de todo nome.

“Quem está vestindo a sua armadura não deve se gabar como aquele que a está tirando” (1 Reis 20.11 – NVI).

Embora estas palavras tenham sido ditas por um rei mau, Acabe, elas são verdadeiras. Mesmo ímpios às vezes tropeçam na verdade.

O rei da Síria havia feito exigências insultantes e degradantes a Acabe, ameaçando um desastre militar caso este não obedecesse. Porém, na batalha que se seguiu, os sírios foram forçados a recuar e seu rei teve que fugir para salvar a vida. Seu desempenho não estava à altura de seu orgulho.

O texto de hoje também teria sido um bom conselho para Golias. Quando viu Davi se aproximando, ele disse: *“Vem a mim e darei a tua carne às aves do céu e às bestas-feras do campo” (1 Samuel 17.44)*. Mas Davi o derrubou facilmente com uma única pedra de sua funda. O gigante havia “cantado a vitória” cedo demais.

Quando somos jovens cristãos, é fácil superestimarmos nossa própria habilidade. Agimos como se pudéssemos vencer o mundo, a carne e o Diabo com uma só mão. Podemos até repreender cristãos mais velhos por seu fracasso no evangelismo mundial. Nós lhes mostraremos como se faz! Mas nosso orgulho é prematuro. A batalha mal começou e já estamos agindo como se tivesse terminado.

Em uma reunião informal de cristãos, certa noite, o holofote estava focado em um jovem pregador presente ali. Ele estava gostando de ser o centro das atenções. No mesmo grupo estava também um professor de escola dominical que havia tido uma grande influência sobre sua vida. Alguém disse ao professor: “Você deve estar bem orgulhoso do seu ex-aluno”. Sua resposta foi “Sim, se ele continuar bem até o fim”. Na época, o jovem pregador achou que aquela havia sido uma resposta meio amarga em meio a uma noite agradável. Porém depois, com a perspectiva de alguns anos, ele percebeu que seu professor estava certo. Não é como você coloca a sua armadura que importa. É como você termina a batalha.

Na verdade, a batalha não termina nesta vida. Ela não terminará até estarmos diante do nosso grande Capitão, nos céus. Então, ouviremos Sua avaliação do nosso serviço – a única avaliação que realmente conta. Não importa como for esta avaliação, não teremos motivo para nos orgulhar. Diremos com humildade sincera, *“Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lucas 17.10)*.

19 DE AGOSTO

“Contra Deus não blasfemarás, nem amaldiçoarás o príncipe do teu povo” (Êxodo 22.28).

Quando Deus deu a Lei a Moisés, incluiu uma proibição específica contra falar de forma acusativa ou desrespeitosa sobre aqueles que têm posições de autoridade. A razão para isto é clara. Estas autoridades e líderes são representantes de Deus. *“Não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas” (Romanos 13.1).* A pessoa investida de autoridade é *“ministro de Deus para teu bem” (Romanos 13.4).* Embora o líder possa não conhecer o Senhor pessoalmente, ainda assim ele é oficialmente um agente de Deus.

A conexão entre Deus e as autoridades humanas é tão próxima que Ele às vezes se refere a elas como deuses. Por isso lemos no versículo de hoje: *“...nem amaldiçoarás o príncipe do teu povo”*, que pode se referir também a autoridades governamentais. Na versão da Bíblia na Linguagem de Hoje, no Salmo 82.1 e 6, o Senhor se refere a juizes como “deuses” – não querendo dizer que eles são divindades, mas, apenas, que são agentes de Deus.

Apesar dos ataques assassinos do rei Saul contra Davi, este não permitia que seus homens ferissem o rei de nenhuma maneira porque ele era o ungido do Senhor (1 Samuel 24.6).

Quando o apóstolo Paulo repreendeu o sumo sacerdote (sem saber quem ele era), rapidamente se arrependeu e pediu perdão, dizendo *“Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo” (Atos 23.5).*

O respeito às autoridades se aplica também no reino espiritual. Isto explica porque Miguel, o arcanjo, não ousou fazer uma acusação injuriosa contra Satanás, mas disse apenas: *“O Senhor te repreenda!” (Judas 9).*

Uma das marcas dos apóstatas dos últimos dias é que eles desprezam governos e não têm medo de difamar autoridades (2 Pedro 2.10).

A lição para nós é clara. Devemos respeitar nossos governantes como servos oficiais de Deus, mesmo que não concordemos com suas políticas ou aproveamos seu caráter pessoal. Não devemos dizer sob nenhuma circunstância o que um cristão disse no meio de uma campanha política: *“O presidente é um patife sem caráter”*.

Mais do que isso, devemos orar *“em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito” (1 Timóteo 2.2).*

“É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige?” (Hebreus 12.7).

As palavras “disciplina”, “disciplinam” e “disciplinados” aparecem sete vezes nos primeiros 11 versículos de Hebreus 12. Como resultado, é fácil para o leitor desavisado ter a impressão errada. Ele pode facilmente imaginar Deus como um Pai irritado que está sempre açoitando Seus filhos. Este engano surge a partir da idéia de disciplina como nada além de punição.

É um grande alívio saber que, no Novo Testamento, “disciplina” tem um significado muito mais amplo que este. Significa, na verdade, treinar um filho e isso inclui todo tipo de atividade paterna e materna desenvolvidos na criação dos filhos. Kittel a define como “a formação e tratamento de um filho que está crescendo à maturidade e que precisa de direção, ensino, instrução e certa medida de coerção na forma de disciplina ou mesmo de correção”.

Os cristãos, a quem o livro de Hebreus foi escrito, estavam sofrendo perseguição. O autor fala desta perseguição como parte da disciplina do Senhor. Isto significa que Deus enviou a perseguição? Certamente não! Ela foi gerada por inimigos do Evangelho. Deus estava punindo os cristãos por causa de seus pecados? Não, a perseguição provavelmente aconteceu por causa de seu fiel testemunho a respeito dEle. De que maneira, então, pode a perseguição ser considerada disciplina do Senhor? No sentido de que Deus permitiu que ela acontecesse e, então, a usou como parte do Seu programa educacional nas vidas do Seu povo. Em outras palavras, Ele usou a perseguição para refinar, amadurecer e conformar Seus filhos à imagem de Seu Filho.

Não é preciso dizer que este tipo de disciplina não é agradável naquele momento. A talhadeira golpeia com força contra o mármore. A fornalha sujeita o ouro ao calor intenso. No entanto, tudo isso vale a pena quando o rosto do homem aparece no mármore e quando o ouro é purificado de impurezas.

Desprezar a disciplina do Senhor ou desistir diante dela é sabotar a si mesmo. A única atitude adequada é lembrar-se de que Deus a está usando como ferramenta para treiná-lo e então tentar beneficiar-se dela o máximo possível. É isto que o autor quer dizer quando fala que ela “...*produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça*” (Hebreus 12.11).

21 DE AGOSTO

“Contudo, prefiro falar na Igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua” (1 Coríntios 14.19).

O assunto aqui, claro, é o uso de línguas, sem interpretação, em reuniões da igreja. Paulo se opõe a esta prática. Ele insiste que o que é dito precisa ser compreensível, ou ninguém será edificado.

No entanto, o versículo pode ser aplicado em um sentido mais amplo. Quando falamos, devemos falar alto o suficiente para que todos possam ouvir, do contrário, seria o mesmo que se falássemos em outra língua. Em quase todos os públicos há pessoas com problemas de audição. É uma grande dificuldade para eles quando a voz de um palestrante é tão suave que eles perdem a linha de pensamento. Porque o amor pensa nos outros, não em si, ele fala em um volume alto o suficiente para que todos ouçam.

O amor também usa palavras que sejam simples o bastante para que o homem comum entenda. Temos uma grande mensagem – a maior mensagem do mundo. É importante que as pessoas ouçam e entendam a mensagem. Se usarmos um palavreado técnico, complicado e obscuro, combatemos nossa própria causa.

Um pregador foi para o oriente ministrar às pessoas, usando um intérprete, é claro. A primeira frase de sua mensagem foi “Todo pensamento se divide em duas categorias – concreto e abstrato”. Olhando para uma platéia de avós desdentadas e crianças inquietas, o intérprete a traduziu como “Eu vim de longe, dos EUA, para falar-lhes do Senhor Jesus”. A partir dali, dizem, a mensagem estava firmemente nas mãos dos anjos.

Em uma edição recente de uma revista cristã, me deparei com expressões como: dados normativos de uma categoria trans-histórica; obra que não é eclética, mas que tem uma relevância existencial; um *continuum* vertical de consciência; a linguagem canônica da atestação; casualidade clássica nos limites extremos da medição. Tenho pena das pessoas que precisam ler este material religioso sem o menor sentido! Poupem-nos de todos aqueles que têm uma maneira enfadonha de dizer nada em frases infinitas!

Diz-se que a maioria dos programas de TV ou rádio visa àqueles que têm um nível de escolaridade de terceira-série. Isto deveria ser uma dica para os cristãos que querem alcançar o mundo com a mensagem da redenção. Devíamos tornar a mensagem clara e simples: “CRISTO ACEITA PECADORES”. É melhor falar cinco palavras e ser entendido que falar dez mil em uma língua que ninguém entende.

*“Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai”
(João 20.17).*

Um dos hinos infantis preferidos diz: “Eu penso quando leio a doce e antiga história,/ Quando Jesus estava aqui entre os homens,/ Como Ele chamava as criancinhas como ovelhas para o Seu rebanho,/ Eu gostaria de ter estado com Ele lá”. A maioria de nós provavelmente compartilhou deste desejo sentimental em algum ponto. Imaginamos quão bom teria sido desfrutar da companhia pessoal do Filho de Deus durante Seu ministério da terra.

No entanto, o que precisamos perceber é que é melhor conhecê-LO hoje, revelado pelo Espírito através da Palavra. Ao invés de estarmos em desvantagem, na verdade somos mais privilegiados que os discípulos. Pense assim: Mateus viu Jesus através dos olhos de Mateus, Marcos através dos de Marcos, Lucas através dos de Lucas e João através dos de João. Mas nós O vemos através dos olhos dos quatro evangelistas. E, levando a idéia mais além, temos uma revelação ainda mais completa do Senhor Jesus no Novo Testamento inteiro do que qualquer um dos discípulos teve enquanto estava aqui na terra.

Há outro motivo pelo qual somos mais privilegiados que os contemporâneos de Jesus. Quando ele estava com a multidão em Nazaré ou Cafarnaum, Ele estava necessariamente mais próximo de uns que de outros. No cenáculo, João estava reclinado ao Seu lado, enquanto os outros discípulos estavam a distâncias variadas. Tudo isso, porém, mudou agora. O Salvador está igualmente próximo de todos os cristãos. Ele não está apenas conosco, Ele está em nós.

Quando Maria se encontrou com o Senhor ressurreto, ela queria segurá-LO da mesma forma que fazia antes. Não queria perder Sua presença física, corporal. Mas Jesus lhe disse: *“Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai...”* (João 20.17). Ele estava dizendo, na verdade: “Maria, não se prenda a Mim em um sentido terreno, físico. Quando Eu subir ao Pai, o Espírito Santo será enviado à terra. Através do Seu ministério você Me conhecerá de uma forma mais completa, mais clara e mais íntima como jamais conheceu antes”.

A conclusão, então, é esta: Ao invés de desejar ter estado com Jesus quando Ele estava na terra, devemos perceber com alegria que é melhor conhecê-LO agora.

23 DE AGOSTO

"Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas" (Jeremias 2.13).

É um mau negócio trocar uma fonte de água por cisternas, especialmente por cisternas rachadas. Uma fonte é uma nascente de água fresca, pura e refrescante jorrando da terra. Uma cisterna é um reservatório artificial para armazenar água. A água ali, parada, pode ficar suja. Quando a cisterna está com uma rachadura, a água vaza e a poluição se infiltra.

O Senhor é a Fonte de água viva. Seu povo encontra satisfação duradoura nEle. O mundo é uma cisterna e, pior, uma cisterna rachada. Ele oferece a esperança de prazer e felicidade, mas aqueles que buscam satisfazer-se ali se vêem inevitavelmente decepcionados.

Mary cresceu em um lar cristão onde a Palavra de Deus era lida e decorada. Mas ela se rebelou contra o estilo de vida de seus pais e saiu de casa, decidida a aproveitar a vida. Dançar se tornou a paixão da sua vida. Tentando reprimir todas as memórias que tinha de seu passado cristão, ela vivia de dança em dança.

Certa noite, enquanto deslizava pela pista de dança com seu parceiro, ela foi pega por um versículo da Bíblia que tinha aprendido quando criança: *"Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas"*. No meio da dança, ela caiu em si quanto ao seu pecado. Percebendo o vazio de sua vida, ela se voltou para o Senhor e se converteu. Pediu licença ao seu parceiro de dança, saiu do salão e nunca mais voltou.

A partir daquele momento, ela pôde identificar-se com o poeta que escreveu: *"Experimentei as cisternas quebradas, Senhor,/ Mas ah! As águas acabaram!/ Enquanto ainda me inclinava para beber elas já se tinham ido,/ e zombavam de mim enquanto eu chorava./ Agora nada além de Cristo pode satisfazer,/ Nenhum outro nome para mim;/ Há amor, vida e alegria eterna,/ Senhor Jesus, em Ti"*.

Mary experimentou da verdade das palavras do Salvador, *"Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (João 4.13,14).*

“Assim diz o SENHOR: Reprime a tua voz de choro e as lágrimas de teus olhos; porque há recompensa para as tuas obras, diz o SENHOR, pois os teus filhos voltarão da terra do inimigo” (Jeremias 31.16).

Stephen tinha crescido no campo missionário. Professou sua fé em Cristo ainda pequeno e foi o meio usado para levar vários ao Senhor. Quando voltou para os EUA para ir à universidade, manteve um bom testemunho. Porém, então começou a ser levado pela correnteza. A indiferença ocupou seu coração. Ele abriu mão de seus princípios por pecados. Logo começou a envolver-se com religiões orientais.

Quando seus pais voltaram de licença, ficaram terrivelmente tristes. Eles argumentaram, discutiram e suplicaram, mas ele não cedeu. Por fim, foram visitá-lo onde ele morava com três outros. O que viram os destruiu completamente. Eles foram para casa e choraram amargamente.

À noite, tentaram dormir, mas foi inútil. Por fim, às 4 da manhã eles decidiram levantar e fazer suas devocionais. Eles estavam lendo Jeremias e leriam o capítulo 31 naquele dia, mas o marido disse: “Jeremias não!”, pensando que o “profeta chorão” não lhes traria conforto. Mas o Senhor prevaleceu e eles abriram em Jeremias 31. Quando chegaram ao versículo 16, leram: *“Reprime a tua voz de choro e as lágrimas de teus olhos; porque há recompensa para as tuas obras, diz o Senhor, pois os teus filhos voltarão da terra do inimigo”*.

Milhares de pais cristãos, hoje em dia, se entristecem e choram por filhos e filhas rebeldes. Quando oram, os céus parecem metal. Eles começam a se perguntar se Deus jamais restaurará o desviado.

Ele precisam se lembrar de que nenhum caso é difícil demais para o Senhor. Precisam continuar a orar, esperando com gratidão. Devem suplicar as promessas da palavra de Deus.

Quando a mãe da história acima se perguntou se estava certa em afirmar Jeremias 31.16, ela leu Isaías 49.25, *“...eu contenderei com os que contendem contigo e salvarei os teus filhos”*.

25 DE AGOSTO

“Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1.9).

Paulo escapou, por pouco, da morte na província da Ásia. Não temos certeza do que aconteceu exatamente, mas foi tão sério que, se lhe tivéssemos perguntando: “Vai dar vida ou morte?”, ele teria respondido “Morte”.

A maioria das pessoas a quem Deus usa já passou por alguma experiência parecida em algum momento de suas vidas. Biografias de grandes homens de Deus registram libertações maravilhosas de doenças, acidentes e ataques pessoais.

Às vezes, Deus usa este tipo de experiência para chamar a atenção de alguém. Talvez ele esteja caminhando à beira do precipício quanto à prosperidade material. Tudo está funcionando bem. Então ele repentinamente fica seriamente doente. O cirurgião remove grandes partes do intestino infestado pelo câncer. Isto faz com que este homem reavalie sua vida e revise suas prioridades. Percebendo quão curta e incerta é a sua vida, ele decide dar o restante dela ao Senhor. Deus o levanta e lhe dá ainda muitos anos de serviço frutífero.

No caso de Paulo foi diferente: ele já havia rendido sua vida ao Senhor para servi-LO. Mas havia a perigosa possibilidade de que ele tentasse servir com suas próprias forças e por sua própria inteligência. Então, o Senhor o levou à beira do túmulo para que ele não confiasse em si mesmo, mas no Deus da ressurreição. Haveria muitas vezes, em sua tumultuada carreira, em que ele enfrentaria apuros além da solução humana. Já tendo provado da suficiência do Deus do impossível, ele não teria medo.

Estes quase encontros com a morte são bênçãos disfarçadas. Eles nos mostram quão frágeis somos. Nos lembram da insensatez dos valores deste mundo. Nos ensinam que a vida é uma história curta que pode acabar de forma bem inesperada. Quando nos deparamos com a morte, percebemos que precisamos fazer a obra daquele que nos enviou enquanto ainda é dia, porque a noite está chegando, quando ninguém pode trabalhar. De certa forma, todos temos uma sentença de morte sobre nós – um lembrete saudável para colocarmos os interesses de Cristo em primeiro lugar e para dependermos do Seu poder e sabedoria.

"...confirma sobre nós as obras das nossas mãos..." (Salmo 90.17).

Uma observação da versão da Bíblia *New American Standard Bible*, em inglês, diz "...dá durabilidade à obra de nossas mãos". Esta é uma idéia que vale a pena processar e uma oração que vale a pena proferir! Nosso alvo deve ser o de investir em nossas vidas, fazendo algo que vai durar.

Isto se repete no Novo Testamento quando o Senhor Jesus disse: *"Eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça"* (João 15.16).

F. W. Boreham disse que cada um de nós deve encontrar uma ocupação honrável para fazer enquanto seu corpo estiver deitado no túmulo. Mas devemos levar esta idéia ainda além do túmulo, dizendo que cada um de nós deve construir para a eternidade.

Tantas atividades modernas são de importância temporária e de valor passageiro. Outro dia ouvi falar de um homem que estava dedicando sua vida a uma análise química de 50 elementos voláteis na pele de uma pera *Williams*. Mesmo cristãos podem cair na armadilha de construir castelos de areia, caçar bolhas de sabão e se tornar peritos em cultura inútil. Como foi dito, podemos ser culpados de passar nossas vidas endireitando quadros em uma casa em chamas.

Há muitos tipos de tarefas que têm significado eterno e devemos nos concentrar nestes. Primeiro, há o desenvolvimento do caráter cristão. Nosso caráter é uma das poucas coisas que levaremos para o céu. Ele precisa ser cultivado agora.

Almas conquistadas para Cristo são de importância duradoura. Elas serão adoradoras do Cordeiro de Deus para sempre.

Aqueles que ensinam a Palavra da Verdade, que discipulam jovens cristãos, que alimentam as ovelhas de Cristo estão investindo em vidas que durarão eternamente.

País que criam seus filhos e filhas para servir ao Reino podem estar convictos de que seu trabalho resistirá.

Mordomos fiéis que investem seu dinheiro para Cristo e Sua causa estão envolvidos em um ministério que não falhará.

Aqueles que se dedicam à oração verão, um dia, que toda oração foi respondida no tempo e do jeito de Deus.

Todo o que serve ao povo de Deus está envolvido em uma obra eterna. O servo mais humilde de Cristo tem uma visão superior à dos homens mais sábios do mundo. Seu esforço durará enquanto os deles se desfarão em uma nuvem.

27 DE AGOSTO

“Quem, SENHOR, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte? ...o que jura com dano próprio e não se retrata” (Salmo 15.1,4).

No Salmo 15, Davi está descrevendo a pessoa que se qualifica para ser um companheiro do Grande Deus. Um dos aspectos do caráter deste homem é que ele mantém sua palavra, mesmo que isso lhe custe muito. Se ele faz uma promessa ou assume um compromisso, permanece fiel a ele.

Imagine, por exemplo, um cristão que está vendendo sua casa. Um comprador chega e concorda em pagar o preço pedido. O vendedor fecha o acordo. Antes dos papéis serem assinados, outra pessoa oferece \$5.000,00 a mais pela transação. Porém, moralmente ele está obrigado a ser fiel à sua palavra. Seu testemunho como cristão confiável está em jogo.

Ou imagine um crente que tem um dente do siso inflamado. Seu dentista lhe sugere um cirurgião dentista que trata do dente com um antibiótico e então marca uma consulta para a extração. Depois de testemunhar para o cirurgião, o cristão deixa o consultório. A caminho de casa ele encontra um amigo que lhe fala de um lugar onde a extração custaria a metade do preço. É claro que ele poderia pagar o cirurgião pelo trabalho que este já havia feito e então ir ao outro dentista. Mas ele deve fazê-lo?

Sue acabou de aceitar um convite de um casal mais velho para jantar. Então, o telefone toca e ela é convidada a uma janta com um grupo de jovens de sua idade. Ela está dividida. Não quer decepcionar o casal mais velho, mas quer desesperadamente estar com os jovens.

Muitas vezes, a decisão é mais difícil quando estão envolvidas grandes quantias de dinheiro. No entanto, nenhuma quantia de dinheiro deve nos levar a quebrar uma promessa, não honrar um compromisso, desacreditar nosso testemunho cristão ou trazer desonra ao Nome do Senhor. Não importa qual seja o preço, precisamos provar que não é verdade o comentário sarcástico de Voltaire de que “quando se trata de dinheiro, todos são da mesma religião”.

O homem de Deus *“cumpre o que promete, mesmo com prejuízo próprio” (BLH); e “mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado” (NVI).*

"...sabei que o vosso pecado vos há de achar" (Números 32.23).

Deus criou alguns princípios inalteráveis em nosso mundo e nem toda a ingenuidade do homem poderá fugir do funcionamento destes princípios. Um deles é que não é possível pecar e sair impune.

Alguns de nós aprendemos isso cedo quando atacamos um pote de geléia ou outra comida que deixou seu rastro e nossas mães logo descobriram. Essa verdade, no entanto, se aplica a todas as áreas da vida e é comprovada por todos os jornais.

O poema *"The Dream of Eugene Aram"* (O Sonho de Eugene Aram) é uma ilustração extraordinária deste ponto. Achando que poderia cometer o "crime perfeito", Aram matou um homem e jogou seu corpo no rio – "um rio lento, preto como tinta, de profundidade extrema". Na manhã seguinte ele foi até a margem do rio onde havia cometido o crime

E examinou a maldita piscina negra,
Com um olhar selvagem de apreensão;
E viu o morto no leito do rio
Pois o córrego inconstante estava seco.

Ele tentou cobrir o corpo com uma enorme pilha de folhas, mas naquela noite um forte vento soprou naquela área, deixando o corpo claramente visível.

Então me abaixei, rosto no chão,
E comecei a chorar,
Pois sabia que o meu segredo era um
Que a terra se recusava a guardar,
Na terra firme ou no mar, mesmo que tivesse
Dez mil metros de profundidade.

Por fim, enterrou sua vítima em uma caverna remota, mas, anos depois, o esqueleto foi descoberto. Ele foi julgado pelo crime e executado. Seu pecado o havia encontrado.

Há também outra forma em que nosso pecado nos acha. E. Stanley Jones nos lembra de que o pecado "deixa sua marca na deterioração interior, no inferno interior de não conseguir respeitar a si mesmo, em arrastá-lo para viver no subterrâneo em labirintos cegos".

Mesmo se o pecado de alguém conseguir se manter escondido nesta vida, é impossível escondê-lo diante do Senhor. A menos que este pecado tenha sido lavado através do sangue de Jesus, ele será trazido à luz no dia do Julgamento. Seja em ações, pensamentos, motivações ou intenções, ele será usado contra esta pessoa e a sentença será anunciada. Esta sentença, é claro, é a morte eterna.

“...Cristo é tudo em todos” (Colossenses 3.11).

Há uma tendência, entre nós cristãos, de gastar grande parte do nosso tempo buscando novas experiências espirituais que, de alguma forma, garantirão vitória ou liberdade permanente dos altos e baixos da vida diária. Corremos para convenções, conferências, seminários e *workshops* em busca da evasiva fórmula mágica que facilite as dificuldades da vida. Panfletos lustrosos nos garantem que o Dr. Fulano vai compartilhar uma grande novidade que nos deixará reluzindo com o Espírito ou um vizinho entusiasta insiste em nos arrastar até o auditório municipal para ouvir sobre um atalho recém-descoberto para a vida abundante.

As iscas são inúmeras. Um pregador oferece a magnífica estrada para a satisfação. Outro anuncia os três segredos da vitória. Então, vamos a um seminário sobre as chaves para uma vida mais profunda. Na semana seguinte, há uma convenção de cinco passos fáceis para a santidade. Vamos até a frente em um apelo através do qual ficaremos cheios do Espírito Santo ou nos tornamos obcecados com a cura do corpo, como se fosse a coisa mais importante na vida. Em um minuto estamos empolgados com a psicologia cristã, no outro, com a cura de memórias. Rastreamos terra e mar buscando ápices espirituais.

Não há dúvidas de que muitos destes palestrantes são sinceros e de que há valor em algumas das coisas que dizem. Porém, voltamos ao mundo real para descobrir que não há atalhos para a santidade, que os problemas ainda estão lá e que precisamos viver um dia de cada vez, dependendo do Senhor.

Eventualmente, devemos aprender que é melhor nos cercarmos do Senhor Jesus que de experiências. Não há decepção nEle. Temos tudo de que precisamos nEle. Ele é o Suficiente.

A. B. Simpson passou parte de sua vida, quando jovem, em uma busca por experiências, mas descobriu que elas não o satisfiziam. Então, escreveu o encantador hino chamado “*Himself*” (Somente Ele), cujos primeiro verso e coro são assim:

Antes era a bênção, agora é o Senhor;
Antes era o sentimento, agora é Sua Palavra;
Antes queria seus dons, agora o próprio Doador;
Antes queria cura, agora somente Ele.
Tudo em tudo para sempre, Jesus eu cantarei;
Tudo em Jesus e Jesus em tudo.

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina” (1 Timóteo 4.16).

Uma das muitas características extraordinárias da Palavra de Deus é que ela nunca separa a doutrina do dever. Veja Filipenses 2.1-13, por exemplo. É uma das passagens clássicas do Novo Testamento sobre a doutrina de Cristo. Aprendemos, ali, sobre Sua igualdade com Deus Pai, Seu esvaziar, Sua encarnação, Seu serviço, Sua morte e Sua glorificação subsequente. Porém, isto é apresentado não como um estudo doutrinário, mas como um apelo aos filipenses e a nós para que tenhamos a mente de Cristo. Se vivermos para os outros como Ele viveu, isto eliminará disputas e vanglórias. Se assumirmos o lugar mais baixo, como Ele fez, Deus nos exaltará na hora certa. A passagem é intensamente prática.

Freqüentemente penso nisso quando leio livros sobre teologia sistemática. Nestes livros, os outros tentam juntar tudo o que a Bíblia ensina a respeito das doutrinas da fé, seja de Deus, de Cristo, do Espírito Santo, dos anjos, do homem, do pecado, da redenção, etc. Embora isto certamente tenha valor, pode ser bastante fraco quando separado de um viver santo. É possível ser um perito intelectualmente quanto às grandes doutrinas e, ainda assim, ser seriamente deficiente quanto ao seu caráter cristão. Se estudarmos a Bíblia como Deus a deu para nós, jamais veremos uma dicotomia entre doutrina e dever. Os dois estão sempre maravilhosamente equilibrados e tecidos juntos.

Talvez a questão doutrinária que mais tenha sido separada da nossa responsabilidade pessoal seja a profecia. Muitas vezes, ela é apresentada para estimular curiosidade. Especulações sensacionalistas quanto à identidade do Anticristo podem atrair multidões, mas elas não geram santidade. Profecias nunca serviram para entreter ouvidos, mas para moldar o caráter cristão. George Peters lista 65 formas em que a Segunda Vinda afeta nossa doutrina, dever e caráter e não duvido que haja muitas mais.

A lição, para nós, é que jamais devemos separar teologia de santidade prática. Em nosso estudo pessoal e ao ensinar a Palavra a outros, precisamos enfatizar a exortação de Paulo a Timóteo, *“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina...”*.

31 DE AGOSTO

“Mas o que, para mim, era lucro, isto considero perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Filipenses 3.7-8).

É sempre incrivelmente bonito quando um cristão renuncia a grandes coisas por causa de Jesus. Um homem, cujos talentos lhe trouxeram riqueza e fama, mas em obediência ao chamado divino ele as deposita aos pés do Salvador. Talvez uma mulher, cuja voz abriu as portas dos maiores concertos do mundo. Mas agora ela sente que precisa viver para outro mundo, então, abre mão de sua carreira para seguir a Cristo. Afinal, o que são reputação ou fortuna ou honras terrenas quando comparadas com o ganho incomparável de ter a Cristo?

Ian MacPherson perguntou: “Há, em qualquer lugar, uma visão mais comovente que a de um homem repleto de dons, depositando-os humildemente e adorando aos pés do Redentor? E lá, enfim, é onde eles deveriam estar. Nas palavras de um velho religioso galês, ‘Hebraico, grego e latim estão todos bem em seus lugares; mas seu lugar não é onde Pilatos os colocou, acima da cabeça de Jesus e sim aos Seus pés’”.

O apóstolo Paulo renunciou à riqueza, cultura e *status* eclesiástico e os considerou todos como perda diante de Cristo. Jowett comenta que “quando o apóstolo Paulo considerava suas posses aristocráticas como grandes ganhos, ele jamais havia visto o Senhor; mas quando ‘a glória do Senhor’ brilhou diante dos seus olhos espantados, estas coisas se desvaneceram em uma sombra até desaparecerem. Não foi somente que os ganhos anteriores do apóstolo perderam seu valor diante do esplendor do Senhor e se tornaram um nada desprezível em suas mãos; foi que ele parou de pensar neles completamente. Eles sumiram totalmente de sua mente onde haviam sido tratados como tesouros supremos e sagrados”.

É estranho, então, quando alguém deixa tudo para trás para seguir a Cristo, que alguns pensem que ele perdeu a cabeça. Alguns ficam chocados e não compreendem. Alguns choram e oferecem rotas alternativas. Outros discutem com base na lógica e no senso comum. Uns poucos apóiam e são profundamente movidos. Porém, quando uma pessoa caminha pela fé, ela é capaz de avaliar as opiniões dos outros da forma certa.

C. T. Studd abandonou uma pequena fortuna e ótimas perspectivas de sucesso em casa para dedicar sua vida à obra missionária. John Nelson Darby deu as costas a uma carreira brilhante para se tornar um ungido evangelista, pregador, professor e profeta de Deus. Os cinco mártires do Equador renunciaram aos confortos e ao materialismo dos Estados Unidos para levar Cristo à tribo Auca.

As pessoas chamam isso de grande sacrifício, mas não é um sacrifício. Quando alguém tentou elogiar Hudson Taylor pelos sacrifícios que havia feito por Cristo, ele disse: “Amigo, eu nunca fiz um sacrifício em minha vida”. E Darby disse: “Não é um grande sacrifício abrir mão de lixo”.

“Santificareis o ano quinquagésimo e proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será e tornareis, cada um à sua possessão e cada um à sua família” (Levítico 25.10).

Todo quinquagésimo ano do calendário de Israel era conhecido como ano de jubileu. O solo não podia ser cultivado, as terras voltavam aos seus donos originais, escravos eram libertos. Era uma época alegre de liberdade, graça, redenção e descanso.

Se alguém comprasse uma propriedade, precisava levar em consideração a proximidade do ano de jubileu. Por exemplo, a terra valeria mais a pena se faltassem 45 anos para o próximo ano de jubileu. No entanto, se faltasse apenas um ano, praticamente não valeria a pena comprar aquela terra. O comprador só poderia cultivar uma colheita.

De certa forma, a volta do Senhor será o ano de jubileu para os cristãos de hoje. Eles entrarão no descanso eterno da casa do Pai. Serão libertos das correntes da mortalidade e receberão seus corpos glorificados. E todas as coisas materiais que lhes haviam sido confiadas enquanto mordomos voltariam ao seu dono original.

Precisamos levar isso em consideração ao avaliar nossas posses materiais. Podemos ter milhares de reais em imóveis, investimentos e depósitos no banco. Porém, se o Senhor voltar hoje, essas coisas não valeriam nada para nós. Quanto mais perto chegamos da Sua volta, menos valor real elas têm. Isto quer dizer, é claro, que devemos usá-las hoje para promover a Causa de Cristo e suprir as necessidades humanas.

Assim, como o jubileu era anunciado com o soar de uma trombeta, também a volta do Senhor será anunciada pelo som da “última trombeta”. “Tudo isso nos ensina uma bela lição. Se nossos corações estão alimentando a esperança constante da volta do Senhor, devemos nos apegar com muita leveza a todas as coisas deste mundo. É moralmente impossível estarmos esperando o Filho voltar dos céus e não estarmos desligados deste mundo presente... Quem vive na expectativa diária da vinda de Cristo precisa estar separado daquilo que será julgado e destruído quando Ele vier... Que nossos corações sejam afetados e nossa conduta influenciada em todas as coisas por esta verdade, a mais preciosa e santificadora” (C. H. Mackintosh).

2 DE SETEMBRO

“Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores” (Lucas 9.57 – ACF).

Às vezes acho que falamos e cantamos eloqüentemente demais sobre o senhorio de Cristo, sobre um comprometimento total e sobre uma entrega absoluta. Repetimos, mecanicamente, pequenos clichês como “Se Ele não é o Senhor de tudo, então não é Senhor”. Cantamos “Tudo entrego a Jesus, tudo a Ele entrego livremente”. Agimos como se um compromisso total envolvesse pouco mais que ir à igreja todo domingo.

Não é que não sejamos sinceros; é só que não percebemos tudo o que isto envolve. Se reconhecemos o senhorio de Cristo, isto significa que estamos dispostos a segui-LO na pobreza, na rejeição, no sofrimento e até mesmo na morte.

“Alguns desmaiam ao ver sangue. Certo dia um jovem entusiasta aproximou-se de Jesus com o melhor dos propósitos possíveis em seu coração. ‘Senhor’, ele disse, ‘eu O seguirei aonde quer que fores’. Nada poderia ser mais belo que isso. Mas Jesus não vibrou. Ele sabia que o jovem não entendia tudo o que aquela promessa envolvia. Portanto, lhe disse que Ele mesmo vivia tão sem lar quanto as raposas, que ele talvez tivesse que dormir sem jantar, ao relento. Ele lhe mostrou uma cruz com uma pitada de sangue e, diante disso, o homem que estava tão empolgado caiu desmaiado. Embora ansiasse pelos resultados, o preço era mais caro do que o que ele estava disposto a pagar. Muitas vezes este é o caso. Alguns de vocês não estão na batalha, não porque a causa de Cristo não os atrai, mas porque vocês têm medo de perder um pouquinho de sangue. Então dizem, lamentando: ‘Se não fosse por estas cruéis armas, eu teria sido um soldado’” (Chappell).

Se Jesus não vibrou quando o jovem em Lucas 9 se voluntariou para ir com Ele até o fim, tenho certeza de que Ele o fez quando Jim Elliot escreveu em seu diário: “Se eu poupasse meu sangue – me abstinêsse de derramá-lo como sacrifício, ao contrário do exemplo do meu Senhor – então precisaria sentir a dureza da face de Deus contra meus planos. Pai, toma a minha vida, sim, meu sangue, se quiseres e o consome com o Teu fogo envolvente. Eu não o pouparia, pois não é meu para poupar. Toma-o, Senhor, toma-o todo. Derrama minha vida como uma oferta para o mundo. Sangue só tem valor se estiver correndo diante dos Teus altares”.

Quando lemos palavras como estas e nos lembramos de que Jim realmente derramou seu sangue como mártir, no Equador, alguns de nós percebemos quão pouco sabemos sobre uma entrega absoluta.

“Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos” (Romanos 5.15).

Em Romanos 5.12-21, Paulo contrasta os dois cabeças da raça humana, Adão e Cristo. Adão foi o cabeça da primeira Criação; Cristo é o cabeça da Nova Criação. A primeira foi natural, a segunda é espiritual. Por três vezes Paulo usa as palavras “muito mais” para enfatizar que as bênçãos que resultam da obra de Cristo superabundam sobre as perdas causadas pelo pecado de Adão. Ele está dizendo: “em Cristo, os filhos de Adão têm mais bênçãos do que o que seu pai perdeu”. Crentes estão melhor em Cristo do que jamais estariam em um Adão não caído.

Vamos supor, por um momento, que Adão não tivesse pecado e que, ao invés de comer o fruto proibido, ele e sua esposa tivessem decidido obedecer a Deus. Qual teria sido o resultado de suas vidas? Até onde sabemos, eles teriam continuado a viver indefinidamente no Jardim do Éden. Sua recompensa teria sido uma vida longa na terra. E o mesmo seria verdade da sua descendência.

Enquanto seus filhos continuassem também sem pecar, viveriam indefinidamente no Éden. Não morreriam.

Porém, neste estado de inocência, eles jamais teriam qualquer expectativa de ir para o Céu. Não haveria promessa de sermos habitados e selados pelo Espírito Santo. Eles jamais teriam se tornado herdeiros de Deus e coerdeiros com Jesus Cristo. Jamais teriam a esperança de serem transformados à imagem do Filho de Deus. Além disso, sempre haveria a terrível possibilidade de pecarem e perderem as bênçãos terrenas de que desfrutavam no Éden.

Pense, por outro lado, na posição infinitamente superior que Cristo conquistou para nós por Sua obra redentora. Somos abençoados com todas as bênçãos espirituais celestiais em Cristo. Somos aceitos através do Amado, completos em Cristo, redimidos, reconciliados, perdoados, justificados, santificados, glorificados, feitos membros do Corpo de Cristo. Somos habitados e selados pelo Espírito e Ele é a garantia da nossa herança. Estamos eternamente em segurança com Cristo. Somos filhos de Deus, herdeiros de Deus e coerdeiros com Jesus Cristo. Somos tão próximos de Deus e tão queridos para Deus quanto Seu amado Filho. E há muito, muito mais. No entanto, isto basta para mostrar que os cristãos estão melhor hoje no Senhor Jesus Cristo que jamais estariam em um Adão inocente.

4 DE SETEMBRO

“...por isso, tenho de restituir o que não furtei” (Salmo 69.4).

Quem está falando no Salmo 69 é o Senhor Jesus. No versículo 4, Ele está dizendo que, em Sua gloriosa obra da redenção, Ele restituiu a Deus pelas perdas causadas pelo pecado do homem. Ele, sem dúvida, está Se retratando como a verdadeira oferta pela culpa.

Quando um judeu roubava de outro judeu, a lei da oferta pela culpa exigia que ele pagasse o valor que havia roubado e que acrescentasse um quinto desse valor.

Deus foi roubado pelo pecado do homem. Roubaram-Lhe serviço, adoração, obediência e glória. Roubaram-Lhe serviço, porque o homem se voltou para o serviço a si mesmo, ao pecado e a Satanás. Roubaram-Lhe adoração, porque o homem se prostrou diante de imagens esculpidas. Roubaram-Lhe obediência, porque o homem rejeitou a autoridade de Deus. Roubaram-Lhe glória, porque o homem deixou de dar-Lhe a honra que Lhe é devida.

O Senhor Jesus veio restituir o que não furtou.

Fora ele lançou Sua veste mais divina,
E cobriu Sua cabeça com um manto de barro,
E com tal traje demonstrou maravilhoso amor,
Restituindo o que jamais furtou.

Ele não apenas restituiu o que havia sido roubado pelo pecado do homem, mas acrescentou o máximo a esta quantia. Deus recebeu mais glória através da obra completa de Cristo do que perdeu através do pecado de Adão. “Ele perdeu criaturas pelo pecado, Ele ganhou filhos pela graça”. Podemos até mesmo dizer que Deus foi mais glorificado com a obra do Salvador do que jamais seria em uma eternidade de Adãos não caídos.

Talvez tenhamos aqui uma resposta à pergunta: “Por que Deus permitiu a entrada do pecado?” Sabemos que Deus poderia ter feito o homem sem a capacidade de tomar decisões morais. No entanto, Ele escolheu dotar o homem com a capacidade de amá-IO e adorá-IO por vontade própria. E isso, é claro, significa que ele também tinha a capacidade de desobedecê-IO, rejeitá-IO, voltar-se contra Ele. Mas Deus não é derrotado pelo pecado de Suas criaturas. Em Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão, o Senhor Jesus triunfou sobre o pecado, o inferno e Satanás. Através de Sua obra, Deus recebeu maior glória e o homem redimido recebeu bênçãos mais ricas do que se o pecado jamais tivesse entrado em nosso mundo.

“O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome” (João 1.10-12).

O Verbo estava no mundo. Foi uma graça incrível que o Senhor da vida e da glória viesse viver neste minúsculo planeta. Não seria relevante dizer de qualquer outra pessoa “Ele estava no mundo”. Isto é algo sobre o que o homem não tem controle algum. Mas para Ele, foi uma escolha deliberada, um ato de maravilhosa compaixão.

...o mundo foi feito por intermédio dele... A maravilha aumenta! Aquele que estava no mundo é Aquele que fez o mundo. Ele, que enche o universo, comprimiu-se no corpo de um bebê, um jovem, um homem e naquele corpo habitou toda a plenitude da divindade.

...mas o mundo não o conheceu. Este foi um caso de ignorância indesculpável. As criaturas deveriam ter reconhecido seu Criador. Pecadores deveriam ter sido tocados por Sua santidade. Eles deveriam ter reconhecido por Suas palavras e ações que Ele era mais que apenas um homem.

Veio para o que era seu... Tudo no mundo pertencia a Ele. Como Criador, Ele tinha direitos inalienáveis a tudo. Ele não estava invadindo a propriedade de outro.

...e os seus não o receberam. Este foi o maior insulto. O povo judeu O rejeitou. Ele tinha todas as credenciais do Messias, mas eles não quiseram que Ele os governasse.

Mas, a todos quantos o receberam... Um convite irrestrito foi feito. Tanto para judeus quanto para gentios. A única condição é que precisavam recebê-lo.

...deu-lhes o poder de serem filhos de Deus... Que honra imerecida – que pecadores rebeldes possam se tornar filhos de Deus através de um milagre de amor e graça!

...a saber, aos que crêem no seu nome. As condições não podiam ser mais simples. Autoridade para se tornarem filhos de Deus é dada a todos aqueles que, através de um ato específico de fé, recebem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Então há boas e más notícias. Primeiro, as más notícias: “*...o mundo não o conheceu*” e “*os seus não o receberam*”. Então as boas notícias: “*Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome*”. Se você ainda não O recebeu, por que não crer no Seu Nome hoje?

6 DE SETEMBRO

“Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no Jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gênesis 2.15).

Ao contrário da opinião de alguns, o trabalho não é uma maldição: é uma bênção! Antes do pecado entrar no mundo, Deus designou que Adão deveria cuidar do Jardim do Éden. Foi depois que o homem pecou que Deus amaldiçoou o solo – mas não o trabalho em si. Ele decretou que, ao tirar seu sustento do solo, o homem encontraria tristeza, frustração e suor (Gênesis 3.17-19).

Alguém honrado certa vez disse: “Bendito trabalho! Se você leva a maldição de Deus, qual deve ser Sua bênção?” Mas o trabalho não leva Sua maldição. Ele é parte da nossa essência. É parte da nossa necessidade de criatividade e valor-próprio. É quando cedemos ao ócio que o perigo de pecar fica maior. Acontece, muitas vezes que, quando nos aposentamos de uma vida ativa, é que começamos a desmoronar.

Não devemos esquecer que Deus ordenou que Seu povo trabalhasse (“Seis dias trabalharás” – Êxodo 20.9). As pessoas tendem a ignorar isto e enfatizar a outra parte que lhes ordena descansar no sétimo dia.

O Novo Testamento chama o preguiçoso de “desordenado” e “indisciplinado” e decreta que, se alguém não trabalhar, devem permitir que passe fome (2 Tessalonicenses 3.6-10).

O Senhor Jesus é nosso Exemplo supremo de um Trabalhador diligente. “Que dias de trabalho pesado eram os Seus! Que noites de oração dedicada! Três anos de ministério fizeram dEle um velho. ‘Ainda não tens cinqüenta anos’, eles disseram, tentando adivinhar sua idade. Cinqüenta? Ele só tinha trinta anos! Não farei disso um segredo” (Ian MacPherson).

Algumas pessoas desenvolvem uma alergia ao trabalho porque sua atividade tem características desagradáveis. Elas precisam perceber que nenhum trabalho é completamente ideal. Todo serviço tem algum tipo de inconveniência. No entanto, cristãos podem fazê-lo para a glória de Deus, “não de um jeito qualquer, mas triunfantemente”.

O cristão trabalha, não apenas para suprir suas próprias necessidades, mas para ajudar a outros que estão em necessidade (Efésios 4.28). Isto acrescenta um motivo novo e altruísta para trabalhar.

Mesmo na eternidade nós trabalharemos, pois “os Seus servos o servirão” (Apocalipse 22.3).

Enquanto isso, devemos seguir o conselho de Spurgeon: “Matenam-se trabalhando e então se ressuscitem de novo orando”.

“Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai e vós seréis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso” (2 Coríntios 6.17-18).

O que um cristão deve fazer quando se vê em uma igreja que se tornou cada vez mais liberal e modernista? Esta igreja foi fundada por homens que criam na infalibilidade da Bíblia e em todas as outras doutrinas fundamentais da fé. Ela teve uma história gloriosa de fervor evangelístico e empenho missionário. Muitos de seus ministros eram estudiosos conhecidos e pregadores fiéis da Palavra. Entretanto, os seminários denominacionais foram engolidos por uma nova classe de seminários e agora os ministros, que saem de lá, ensinam um “evangelho social”. Eles ainda usam fraseologia bíblica, mas querem dizer algo completamente diferente daquilo. Eles diminuíam as maiores doutrinas da Bíblia, dão explicações naturais para milagres e zombam da moralidade bíblica. Defendem políticas radicais e causas subversivas. Falam dos fundamentalistas com desdém.

O que um cristão deve fazer? Talvez sua família tenha feito parte dessa igreja por gerações. Ele mesmo contribuiu generosamente ao longo dos anos. Seus amigos mais íntimos são parte desta igreja. Ele se pergunta o que aconteceria com os jovens da sua turma de escola dominical se ele fosse embora. Ele não deveria ficar na igreja e ser uma voz de Deus o máximo de tempo possível?

Seus argumentos lhe parecem plausíveis. E, no entanto, aflige sua alma justa ver pessoas chegando à igreja, semanalmente procurando por pão e não ganhando nada além de pedras. Ele valoriza sua ligação ali, mas entristece ao ouvir seu Salvador condenado a um falso louvor.

Não há dúvida quanto ao que ele deve fazer. Ele deve deixar a igreja. Esta é a ordem clara da Palavra de Deus. Se ele se retirar deste jugo desigual, Deus cuidará de todas as conseqüências. Deus assumirá a responsabilidade por aqueles alunos de escola dominical. Deus proverá novas amizades. Na verdade, o próprio Deus promete ser um Pai para ele em uma intimidade que só pode ser conhecida por aqueles que são incondicionalmente obedientes. “A bênção da separação verdadeira é nada menos que a companhia gloriosa do próprio Grande Deus”.

8 DE SETEMBRO

“Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes” (Eclesiastes 5.4).

Todos já ouvimos falar de alguém que, quando se vê em uma situação complicada, faz um voto a Deus. Ele promete que, se Deus o livrar, confiará nEle, O amará e servirá para sempre. Porém, quando escapa da crise, ele esquece completamente o voto e segue vivendo da mesma forma.

Qual é o lugar dos votos na vida do cristão e que diretrizes são dadas na Palavra quanto a isto?

Em primeiro lugar, não é preciso fazer votos. Eles não são ordenados, mas são geralmente promessas voluntárias feitas ao Senhor em gratidão por Seus favores. Por isso lemos, em Deuteronômio 23.22: *“Porém, abstendo-te de fazer o voto, não haverá pecado em ti”*.

Segundo, devemos tomar cuidado para não fazer votos impensados, ou seja, votos que não seremos capazes de cumprir ou dos quais talvez nos arrependamos depois. Salomão nos alertou: *“Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras” (Eclesiastes 5.2).*

Porém, se fizermos um voto, precisamos tomar o cuidado de cumpri-lo. *“Quando um homem fizer voto ao SENHOR ou juramento para obrigar-se a alguma abstinência, não violará a sua palavra; segundo tudo o que prometeu, fará” (Números 30.2).* *“Quando fizeres algum voto ao SENHOR, teu Deus, não tardarás em cumpri-lo; porque o SENHOR, teu Deus, certamente, o requererá de ti, e em ti haverá pecado” (Deuteronômio 23.21).*

É melhor não fazer um voto que fazer um voto e não cumpri-lo. *“Melhor é que não votes do que votes e não cumpras” (Eclesiastes 5.5).*

Pode haver casos excepcionais em que seria melhor quebrar um juramento do que continuar com ele. Antes de sua conversão, alguém pode ter feito votos a uma religião falsa ou a uma ordem fraternal secreta. Se o cumprimento destes votos for contrário à Palavra de Deus, então ele deve obedecer à Palavra, mesmo que isso lhe custe quebrar seu juramento. Se estes votos foram apenas de não divulgar certos segredos, então ele pode permanecer em silêncio quanto a eles pelo resto de sua vida, mesmo depois de encerrar sua ligação com a ordem.

Talvez o voto mais freqüentemente quebrado hoje em dia seja o voto matrimonial. Promessas solenes, feitas na presença de Deus, são tratadas como se não tivessem importância. Mas o veredito de Deus permanece: *“O Senhor, teu Deus, certamente, o requererá de ti, e em ti haverá pecado” (Deuteronômio 23.21).*

*“O homem de bem deixa herança aos filhos de seus filhos...”
(Provérbios 13.22).*

Quando lemos este versículo, não devemos concluir rapidamente que se refere a uma herança financeira. É bem mais provável que o Espírito de Deus esteja falando de uma herança espiritual. Alguém pode ter sido criado por pais pobres, mas fiéis a Deus e esta pessoa, talvez, seja eternamente grata pela memória de uma mãe e um pai que liam a Bíblia diariamente, oravam juntos como família e o criaram no temor e na instrução do Senhor – mesmo que não lhe tenham deixado um centavo ao morrer. Uma herança espiritual é o melhor tipo de herança.

Na verdade, um filho ou filha poderia ser destruído espiritualmente ao herdar uma grande quantia de dinheiro. Riqueza repentina muitas vezes acaba sendo inebriante. Poucos são capazes de administrá-la com sabedoria. Poucos que herdaram fortunas continuam firmes no Senhor.

Outra consideração é que famílias são, muitas vezes, rachadas por inveja e brigas quando uma herança é dividida. É verdade que “onde há um testamento, há muitos parentes”. Membros da família que viveram em paz por anos de repente se tornam inimigos por umas poucas jóias ou porcelanas ou móveis.

Muitas vezes, pais cristãos deixam sua riqueza para filhos não salvos, para parentes de religiões falsas ou para filhos ingratos, quando aquele dinheiro poderia ter sido mais bem usado para espalhar o Evangelho.

Às vezes essa questão de deixar dinheiro para os filhos é um tipo mascarado de egoísmo. Os pais, na verdade, querem ficar com o dinheiro para si pelo máximo de tempo possível. Eles sabem que a morte um dia o arrancará de suas mãos, então seguem a tradição de deixá-lo como legado para seus filhos.

No entanto, nenhum testamento jamais foi dividido que não possa ser ignorado ou distorcido por taxas legais. Pais não podem assegurar que seus desejos serão realizados depois que eles se forem.

Portanto, a melhor política é dar generosamente à obra do Senhor enquanto ainda se está vivo. Como diz o ditado: “Doe enquanto está vivo; então saberás onde sua doação foi parar”.

Assim, a melhor forma de fazer um testamento é dizer: “Em sã consciência, coloquei meu dinheiro à disposição de Deus enquanto estive vivo. Deixo para meus filhos a herança de uma criação cristã, um lar onde Cristo foi honrado e onde a Palavra de Deus foi reverenciada. Os entrego a Deus e à palavra da Sua graça, que é capaz de edificá-los e de dar-lhes uma herança entre todos os que são santificados”.

10 DE SETEMBRO

“Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5.44).

Às vezes uma ilustração é o melhor comentário sobre um versículo.

O capitão Mitsuo Fuchida foi o piloto que dirigiu o ataque a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. Ele enviou de volta a mensagem: *“Tora, Tora, Tora”*, indicando o sucesso total de sua missão. Mas a Segunda Guerra Mundial não havia terminado. Conforme o conflito continuou, a maré da batalha mudou até que, finalmente, os Estados Unidos saíram vitoriosos.

Durante a guerra, os japoneses executaram um casal de missionários idosos nas Filipinas. Quando sua filha nos EUA recebeu a notícia, ela decidiu visitar os prisioneiros de guerra japoneses e compartilhar as boas novas do Evangelho com eles.

Quando lhe perguntaram por que era tão bondosa com eles, ela respondeu: *“Por causa da oração que meus pais fizeram antes de serem mortos”*. Mas isso era tudo o que ela dizia.

Depois da guerra, Mitsuo Fuchida estava tão amargurado que decidiu levar o Estados Unidos a um tribunal internacional para ser julgado por atrocidades de guerra. Em uma tentativa de juntar evidências, ele entrevistou prisioneiros de guerra japoneses. Quando interrogou os que haviam ficado presos nos EUA, ficou desapontado de ouvir não de atrocidades, mas da bondade demonstrada por uma moça cristã, cujos pais haviam sido mortos nas Filipinas. Os prisioneiros contaram como ela lhes havia dado um livro chamado de Novo Testamento e mencionado que seus pais haviam feito uma oração desconhecida antes de serem executados. Isto não era exatamente o que Fuchida queria ouvir, mas ele ainda assim registrou mentalmente o ocorrido.

Depois de ouvir a história inúmeras vezes, ele saiu e comprou um Novo Testamento. Quando leu o Evangelho de Mateus, o livro prendeu sua atenção. Ele leu o livro de Marcos e seu interesse se aprofundou. Quando chegou a Lucas 23.34, luz preencheu sua alma. *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”*. Instantaneamente ele soube que aquela era a oração que o casal de missionários idosos havia feito antes de serem mortos.

“Ele não pensou mais na americana ou nos prisioneiros de guerra japoneses, mas em si mesmo, um feroz inimigo de Cristo, a quem Deus estava preparado a perdoar em resposta à oração do Salvador crucificado. Naquele exato momento, ele buscou e encontrou perdão e vida eterna pela fé em Cristo”.

Planos para o julgamento internacional foram descartados. Mitsuo Fuchida passou o resto de sua vida proclamando as insondáveis riquezas de Cristo em muitos países.

"Guarda-te não te esqueças do SENHOR, teu Deus, ...depois de... ser abundante tudo quanto tens" (Deuteronômio 8.11,13).

Em geral o povo de Deus não consegue agüentar prosperidade material. Eles florescem muito mais sob adversidades. Em sua canção de despedida, Moisés predisse que a prosperidade de Israel os destruiria espiritualmente: *"Mas, engordando-se o meu amado, deu coices; engordou-se, engrossou-se, ficou nédio [lustroso] e abandonou a Deus, que o fez, desprezou a Rocha da sua salvação" (Deuteronômio 32.15).*

A profecia se cumpriu nos dias de Jeremias, quando o Senhor os acusou, dizendo: *"Depois de eu os ter fartado, adulteraram e em casa de meretrizes se ajuntaram em bandos" (Jeremias 5.7).*

De novo lemos em Oséias 13.6: *"Quando tinham pasto, eles se fartaram, e, uma vez fartos, ensoberbeceu-se-lhes o coração; por isso, se esqueceram de mim".*

Depois de voltar do exílio, os levitas confessaram que Israel não havia respondido adequadamente a tudo o que o Senhor havia feito por eles: *"Comeram e se fartaram e engordaram e viveram em delicias, pela tua grande bondade. Ainda assim foram desobedientes e se revoltaram contra ti; viraram as costas à tua lei e mataram os teus profetas, que protestavam contra eles, para os fazerem voltar a ti; e cometeram grandes blasfêmias" (Neemias 9.25b,26).*

Temos a tendência de ver a prosperidade material como uma evidência inegável de que o Senhor aprova o que somos e o que fazemos. Quando os lucros de nossas empresas vão às alturas, dizemos: "O Senhor está nos abençoando". Provavelmente, seria mais correto considerar estes lucros como um teste. O Senhor está esperando para ver o que faremos com eles. Vamos gastá-los para nosso próprio prazer? Agiremos como mordomos fiéis, usando-os para enviar as Boas Novas às partes mais remotas da terra? Vamos amontoá-los, tentando juntar uma fortuna ou os investiremos em Cristo e em Sua causa?

F. B. Meyer disse: "Se houvesse um debate sobre qual seria o teste de caráter mais rigoroso - sol ou tempestades, sucesso ou dificuldades - provavelmente os observadores mais astutos da natureza humana responderiam que nada demonstra tão claramente do que somos feitos quanto a prosperidade, porque este é o teste mais severo de todos".

José teria concordado. Ele disse: *"Deus me fez próspero na terra da minha afição" (Gênesis 41.52).* Ele lucrou mais com a adversidade do que com a prosperidade, embora tenha se comportado favoravelmente sob ambas as circunstâncias.

12 DE SETEMBRO

"Pensando, porém, estar ele entre os companheiros de viagem, foram caminho de um dia..." (Lucas 2.44).

Quando Jesus tinha doze anos, Seus pais e Ele foram de Nazaré a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa. Sem dúvida, eles viajavam com uma grande multidão de outros peregrinos. Era inevitável que meninos da mesma idade fizessem amizade durante as festividades. Portanto, na viagem de volta a Nazaré, José e Maria supuseram que Jesus estava com os outros jovens em algum lugar da caravana. Todavia, Ele não estava. Ele havia ficado para trás, em Jerusalém. Eles viajaram por um dia inteiro antes de notar Sua ausência. Então tiveram que voltar pelo caminho até Jerusalém onde O encontraram depois de três dias.

Há uma lição aqui para todos nós. É possível supormos que Jesus está em nossa companhia, mesmo que isso não seja verdade. Podemos achar que estamos caminhando em intimidade com Ele quando, na verdade, pecados se colocaram entre a nossa alma e o Salvador. O definhamento espiritual é sutil. Não estamos conscientes da nossa frieza, achamos que continuamos os mesmos.

No entanto, outras pessoas podem vê-lo. Elas vêem, pela forma como falamos, que nos afastamos do nosso primeiro amor e que interesses mundanos tomaram precedência sobre interesses espirituais. Elas detectam que temos nos alimentado do alho e das cebolas do Egito. Notam que usamos muito do linguajar do mundo, ao invés da linguagem de Sião. Quer os outros percebam, quer não, perdemos nossa música. Nós mesmos nos sentimos infelizes e miseráveis e geralmente fazemos com que os outros se sintam da mesma forma. Nada parece dar certo. O dinheiro foge dos nossos bolsos. Se tentamos compartilhar do Salvador, temos pouco impacto sobre outros. Eles não vêem tanta diferença assim entre eles e nós.

Geralmente é preciso passar por algum tipo de crise para que percebamos que Jesus não está em nossa companhia. Pode ser que escutemos a voz de Deus falando conosco através de uma pregação especial ou um amigo pode colocar seu braço em nosso ombro e nos confrontar quanto a nossa fraca condição espiritual. Ainda, pode ser uma doença, a morte de um ente querido ou uma tragédia que nos traz de volta à razão.

Quando isto acontece, temos que fazer o que José e Maria fizeram – voltar ao lugar onde O vimos pela última vez. Precisamos voltar ao lugar onde nossos pecados cortaram nossa comunhão com Ele. Ao confessarmos e abandonarmos nossos pecados, encontraremos perdão e começaremos a viajar com Jesus novamente ao nosso lado.

“...não sabia Moisés que a pele do seu rosto resplandecia, depois de haver Deus falado com ele” (Êxodo 34.29).

Quando Moisés desceu do Monte Sinai com as tábuas de pedra contendo os Dez Mandamentos, havia nele dois traços extraordinários. Em primeiro lugar, seu rosto estava brilhando. Ele havia estado na presença do Senhor, que revelou a Si mesmo em uma nuvem radiante e luminosa, conhecida como *Shekinah*. O brilho no rosto de Moisés era um resplendor emprestado. Depois de falar com Deus, o legislador levou consigo parte do esplendor e do resplendor da glória. Foi uma experiência transformadora.

O segundo traço notável foi que Moisés não sabia que seu rosto estava brilhando. Estava totalmente inconsciente do cosmético especial que ele havia trazido do encontro com o Senhor. F. B. Meyer comenta que esta foi a maior glória daquela transfiguração – o fato de que Moisés não estava ciente dela.

De certa forma, podemos ter a experiência que Moisés teve. Quando gastamos tempo na presença do Senhor, isto se torna visível. É possível que o vejam mesmo em nossos rostos, porque há uma conexão próxima entre o espiritual e o físico. No entanto, não dou destaque ao físico, porque alguns membros de seitas muitas vezes têm rostos muito bondosos. O ponto importante é que a comunhão com Deus transfigura uma pessoa moral e espiritualmente. É isso que Paulo ensina em 2 Coríntios 3.18: *“E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”*.

Porém, a maior glória dessa transformação é que nós mesmos não estamos conscientes dela. Outros percebem. Eles sabem que estivemos com Jesus. A mudança, porém, está oculta aos nossos próprios olhos.

Como podemos estar alegremente inconscientes de que a pele do nosso rosto está brilhando? A razão é esta: Quando mais perto estamos do Senhor, mais percebemos o quanto somos pecadores, o quanto não temos valor, o quanto somos miseráveis. Na glória da Sua presença, somos levados a sentir um desdém próprio e um arrependimento profundo.

Se estivéssemos cientes do nosso próprio brilho, isto levaria ao orgulho e este resplendor seria instantaneamente substituído por repugnância, porque o orgulho é repugnante.

Assim, é uma feliz circunstância para quem estava no monte com o Senhor e sai de lá com um resplendor emprestado, não perceba que a pele de seu rosto está brilhando.

14 DE SETEMBRO

“Tão certo como vive o SENHOR, nenhum castigo te sobrevirá por isso” (1 Samuel 28.10).

No início de seu reinado, Saul decretou que todos os médiuns e espíritas deveriam ser expulsos do reino. No entanto, as coisas foram de mal a pior em sua vida pessoal e pública. Depois da morte de Samuel, os filisteus concentraram suas tropas contra o exército de Saul em Gilboa. Ao não obter respostas do Senhor, ele consultou uma bruxa em Endor. Com medo, ela o lembrou de que ele havia ordenado a expulsão de todas as bruxas de seu país. Foi então que Saul a tranqüilizou, dizendo que *“Tão certo como vive o Senhor, nenhum castigo te sobrevirá por isso” (1 Samuel 28.10).*

A lição é simples. As pessoas têm a tendência de obedecer ao Senhor somente enquanto lhes for conveniente. Quando não for mais, eles facilmente encontram desculpas para fazer o que querem.

Eu disse “eles”? Talvez eu devesse ter dito “nós”. Todos nós tendemos a fugir da Palavra, distorcê-la ou explicá-la de outras maneiras quando não queremos obedecer.

Por exemplo, há algumas instruções simples a respeito do papel das mulheres na igreja. Mas elas parecem entrar em conflito com o movimento feminista atual.

Então o que fazemos? Dizemos que aqueles mandamentos foram baseados na cultura da época e não se aplicam a nós hoje. Claro, se aceitarmos este princípio, podemos nos livrar de quase qualquer coisa na Bíblia.

Às vezes, nos deparamos com algumas afirmações duras do Senhor Jesus quanto ao discipulado. Se achamos que elas exigem demais de nós, dizemos “Jesus não quis dizer que **precisávamos** fazê-lo, apenas que devemos **estar dispostos** a fazê-lo”. Nos enganamos, dizendo que estamos dispostos, quando não temos a menor intenção de jamais fazer o que nos é pedido.

Podemos ser bastante firmes na hora de exigir que, aqueles que estão em pecado, sejam disciplinados de acordo com as rigorosas exigências da Palavra. Porém, se um destes transgressores é um parente ou amigo nosso, teimamos para que as exigências sejam diminuídas ou completamente esquecidas.

Outra estratégia que usamos é a de classificar os mandamentos da Palavra como “importante” ou “não importante”. Os da categoria “não importante” podem ser descartados – ou ao menos é isso que dizemos a nós mesmos.

Em todas estas falsas racionalizações, estamos, na verdade, deturpando a Palavra para a nossa própria destruição. Deus quer que obedecemos a Sua Palavra quer nos seja conveniente, quer não. Este é o caminho da bênção.

“Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Romanos 5.5).

Às vezes, há palavras do vocabulário cristão que têm um significado diferente daquele usado normalmente. “Esperança” é uma destas palavras.

De acordo com o mundo, ter esperança muitas vezes significa esperar ou ter expectativa de algo que ainda não aconteceu, mas sem certeza de que acontecerá. Um homem, com sérios problemas financeiros, pode dizer “Espero que tudo dê certo no final”, mas ele não tem garantia alguma de que dará. Sua esperança não é nada além de pensamento positivo. A esperança cristã também espera algo que ainda não aconteceu, como Paulo nos lembra em Romanos 8.24: *“Esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?”* Toda a esperança lida com o futuro.

Porém, o que torna a esperança cristã diferente é que ela se baseia na promessa da Palavra de Deus e é, portanto, uma certeza absoluta. *“Temos esta esperança como âncora da alma, firme e segura” (Hebreus 6.19 – NVI).* Esperança é a “fé segurando-se à Palavra de Deus e viver com certeza presente do que Deus prometeu ou predisse” (Woodring). “Notem que estou usando a palavra esperança indicando ‘certeza’. Esperança na Palavra se refere a eventos futuros que ocorrerão independentemente do que aconteça. Esperança não é uma ilusão para impedir que nossos espíritos se afoguem, mas que continuem cegamente em frente, em direção a um destino inevitável. Ela é a base da vida cristã. Ela representa a realidade máxima” (John White).

Assim, porque a esperança do crente se baseia na promessa de Deus, ela jamais o levará à vergonha ou à decepção (Romanos 5.5). “A esperança sem as promessas de Deus é vazia é fútil e muitas vezes presunçosa. Porém, baseada nas promessas de Deus, ela repousa sobre Seu caráter e não pode levar à decepção” (Woodring).

A esperança cristã é uma chama de boa esperança. Nosso Senhor Jesus e Deus nosso Pai nos amaram e nos deram *“eterna consolação e boa esperança, pela graça” (2 Tessalonicenses 2.16).*

Ela é chamada de **bendita esperança**, referindo-se particularmente à volta de Cristo: *“Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tito 2.13).*

E ela é chamada de **esperança viva**. *“Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1 Pedro 1.3 – NVI).*

A esperança do cristão lhe permite agüentar atrasos aparentemente infinitos, tribulações, perseguições e até mesmo martírio. Ele sabe que estas experiências são apenas alfinetadas comparadas à glória futura.

16 DE SETEMBRO

“Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo” (Provérbios 19.18)

Vivemos em uma sociedade permissiva. Especialmente na área de criação de filhos, as pessoas ouvem os conselhos de psicólogos e sociólogos ao invés de ouvir aos ensinamentos da Palavra de Deus. Muitos adultos, que foram criados por pais que ousavam discipliná-los, decidiram dar liberdade e expressão a seus filhos. Quais são os resultados?

Estas crianças crescem com uma profunda sensação de insegurança. Elas não se encaixam na sociedade. Têm dificuldade em enfrentar problemas e conflitos e buscam alívio em drogas e álcool. Alguns anos de disciplina teriam tornado o restante da vida muito mais fácil para eles.

Não é surpresa que vivam indisciplinadamente. Sua aparência pessoal, seus quartos, seus hábitos pessoais todos evidenciam sua mentalidade descuidada e desorganizada.

Eles se satisfazem com o medíocre ou menos. Falta-lhes a vontade de serem excelentes em esportes, música, artes, negócios e em outras áreas da vida.

Crianças assim se afastam de seus pais. Estes achavam que conquistariam o amor terno de seus filhos por não lhes aplicar punições. Ao invés disso, ganharam o ódio de seus descendentes.

Sua rebeldia contra a autoridade paterna se estende a outras áreas da vida – escola, emprego, governo. Se seus pais tivessem apenas subjugado suas vontades quando crianças, teriam tornado a submissão em outras áreas da vida muito mais fácil para seus filhos.

A rebeldia se estende aos padrões morais estabelecidos na Bíblia. Jovens rebeldes zombam dos mandamentos divinos a respeito de pureza e entregam-se completamente a uma vida sem limites e negligente. Eles manifestam um ódio profundo por tudo o que é bom e um amor por tudo o que é abominável, obsceno e horrível.

Por fim, pais que não subjagam as vontades de uma criança através da disciplina tornam mais difícil que a criança seja salva. A conversão envolve subjugar nossa vontade em sua rebeldia contra a ordem de Deus. É por isso que Susannah Wesley disse: “O pai que busca subjugar a vontade própria de seu filho investe juntamente com Deus na renovação e salvação de uma alma. O pai que cede a ela está fazendo o trabalho do Diabo, torna a religião insuportável, a salvação inalcançável e faz todo o possível para condenar seu filho, corpo e alma, para sempre”.

"A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome" (Apocalipse 13.16-17).

A marca da besta! Durante o período da Tribulação um governador cruel e poderoso surgirá, ordenando que todos recebam uma marca em sua testa ou mão direita. Aqueles que se recusarem sofrerão a ira da besta. Os que se submeterem sofrerão a ira de Deus. Aqueles que se recusarem reinarão com Cristo em Sua glória durante o Milênio. Os que se submeterem serão atormentados com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro.

Ao lermos isto, podemos nos sentir distantes disso tudo, sabendo que pertence ao futuro e crendo que, enquanto isso, a Igreja será arrebatada para o Céu. No entanto, de certa forma a marca da besta está conosco agora. Há momentos na vida em que temos que escolher entre sermos leais a Deus e nos prostarmos a um sistema que se opõe a Deus.

Há momentos em que, para conseguir um emprego, por exemplo, nos pedem para aceitar condições que são claramente contrárias aos princípios divinos. É fácil racionalizar em momentos assim. A menos que trabalhemos, não poderemos comprar comida. E a menos que compremos comida, não poderemos sobreviver. E temos que viver, não? Sob esta falsa desculpa, concordamos com as exigências e, a saber, aceitamos a marca da besta.

Tudo o que ameaça nosso suprimento de comida ou a continuidade da nossa existência nos deixa em pânico e somos tentados a sacrificar quase qualquer coisa para afastar aquela ameaça. Os mesmos argumentos que homens usarão para justificar sua adoração à imagem no período da Tribulação são os argumentos que se apresentam a nós hoje, quando precisamos escolher entre a verdade de Deus e nossas próprias vidas.

A idéia de que temos que viver é falsa. O que temos que fazer é obedecer a Deus e não amar a nossas vidas até a morte.

F. W. Grant escreveu: "Na moeda pela qual vendemos a verdade há sempre, por mais fraca que seja, a imagem do Anticristo". Então a pergunta não é "eu me recusaria a aceitar a marca da besta se estivesse vivendo durante a Tribulação?", mas "eu me recuso a vender a verdade agora?"

18 DE SETEMBRO

"Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?" (Lucas 17.17).

O Senhor Jesus curou dez leprosos, mas apenas um voltou para Lhe agradecer e este era um desprezado samaritano.

Uma das experiências valiosas da vida para nós é encontrar ingratidão, porque então podemos compartilhar, em pequena escala, o sofrimento de Deus. Quando damos generosamente e não recebemos nem sequer reconhecimento, sentimos mais gratidão. Aquele que deu Seu Filho amado a um mundo mal-agradecido. Quando nos entregamos incansavelmente servindo a outros, nos unimos Aquele que tomou o lugar de um escravo para uma raça de ingratos.

Ingratidão é um dos desagradáveis traços do homem caído. Paulo nos lembra de que, quando o mundo pagão conheceu a Deus, eles não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças (Romanos 1.21). Um missionário, no Brasil, descobriu duas tribos que não tinham uma palavra para "obrigado". Se alguém lhes fizesse algo bondoso, eles diziam "era isso que eu queria" ou "isso me será útil". Outro missionário, trabalhando no norte da África, descobriu que aqueles a quem ele ministrava jamais expressavam gratidão porque lhe estavam dando a oportunidade de ganhar méritos com Deus. Era o missionário quem deveria se sentir grato, eles achavam, porque ele estava conseguindo favores através da bondade que demonstrava para com eles.

Ingratidão permeia toda a sociedade. Um programa de rádio chamado "*Job Center of the Air*" (Centro de Empregos do Ar) conseguiu encontrar empregos para 2.500 pessoas. O mestre de cerimônias relatou, mais tarde, que apenas dez deles voltaram para agradecer-lhe.

Uma abnegada professora havia dedicado sua vida a cinquenta turmas de alunos. Quando tinha oitenta anos, recebeu uma carta de um de seus ex-alunos dizendo-lhe o quanto era grato por sua ajuda. Ela havia ensinado por cinquenta anos e esta foi a única carta de agradecimento que ela recebeu.

Dissemos que é bom para nós nos depararmos com ingratidão, porque ela nos dá um pálido reflexo do que o Senhor sente o tempo todo. Outro motivo porque esta é uma experiência valiosa é que ela nos marca profundamente quanto à importância de sermos gratos. Muitas vezes, nossos pedidos a Deus são bem mais numerosos que nossos agradecimentos. Não valorizamos Suas bênçãos. Além disso, muitas vezes, deixamos de expressar nossa gratidão uns aos outros pela hospitalidade, pela instrução, pelo transporte, pela provisão, pelos inúmeros atos de bondade. Chegamos ao ponto de esperar estes favores quase como se os merecêssemos.

O estudo dos dez leprosos deve ser um lembrete constante de que, embora muitos tenham muito pelo que agradecer, poucos têm um coração que reconheça isto. Estamos entre estes poucos?

“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Romanos 5.6).

Deus não veio chamar os justos nem morreu pelos bons. Não foi pelas pessoas decentes, respeitáveis e refinadas que Ele foi para a cruz. Ele morreu pelos ímpios.

Claro, a partir da perspectiva de Deus, toda a humanidade é ímpia. Todos nascemos em pecado e fomos formados na iniquidade. Como ovelhas perdidas, nos desviamos e decidimos seguir nossos próprios caminhos. Aos olhos puros de Deus, somos depravados, impuros e rebeldes. Nossos maiores esforços para fazer o que é certo não são nada além de trapos imundos.

O problema é que na maioria das vezes, as pessoas não estão dispostas a admitir que são ímpias. Ao se compararem com os elementos criminosos da sociedade, elas imaginam que são razoavelmente boas para ir para o céu. São como a ilustre senhora da classe alta que se orgulha de seu envolvimento social e de suas doações para a caridade. Quando um vizinho lhe falou de Cristo, ela disse que não sentia necessidade de ser salva; suas próprias boas obras eram suficientes. Ela o lembrou de que era membro de uma igreja e que vinha de uma longa descendência de “cristãos”. O cristão então pegou um pedaço de papel, escreveu ÍMPIA em letras maiúsculas, olhou para ela e perguntou: “Você se importaria se eu colocasse isso na sua blusa?” Quando viu a palavra ÍMPIA, ela se indignou. “É claro que eu me importaria”, ela disse. “Ninguém vai me dizer que sou ímpia”. Ele então lhe explicou que ao recusar-se a admitir sua condição pecaminosa, perdida e desesperadora, ela estava se excluindo de qualquer benefício da obra salvadora de Cristo. Se não confessasse que era ímpia, então Cristo não havia morrido por ela. Se ela não estava perdida, então não poderia ser salva. Se estava bem, então não precisava do Grande Médico.

Uma festa especial aconteceu, certa vez, em um grande auditório municipal. Era para crianças cegas, aleijadas ou com outras deficiências. Os pequenos vieram em cadeiras de rodas, com muletas e sendo guiados pela mão. Enquanto a festa estava acontecendo, um guarda encontrou um menino chorando na escadaria da frente do prédio.

“Por que você está chorando?”, ele perguntou simpático.

“Porque não me deixam entrar”.

“Por que não lhe deixam entrar?”

O pequeno rapaz soluçou: “Porque não há nada errado comigo”.

É assim que funciona o banquete do Evangelho. Se não há nada errado com você, não pode entrar. Para ganhar um ingresso, você precisa provar que é um pecador. Precisa reconhecer que é ímpio. Foi pelos ímpios que Cristo morreu. Como Robert Munger disse: “A Igreja é a única comunidade no mundo onde o único requisito para se tornar membro é o desmerecimento do candidato”.

20 DE SETEMBRO

“...em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde...” (Romanos 12.16).

A tendência natural é querer se relacionar com a alta sociedade. Em todo coração humano há o desejo de associar-se com aqueles que são proeminentes, ricos, aristocráticos. Então, o conselho de Paulo em Romanos 12.16, realmente bate de frente com a natureza humana. Ele diz: “*Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior*” (NVI). Não há classes sociais na Igreja. Cristãos devem viver acima das distinções entre classes.

Uma história que ilustra isto é contada a respeito de Fred Elliot. Certo dia, ele estava fazendo seus devocionais familiares à mesa do café da manhã quando ouviu um ruído forte no jardim. Ele percebeu que o lixeiro havia chegado. Então colocou sua Bíblia sobre a mesa, foi até a janela, abriu-a, gritou uma saudação cordial ao funcionário e voltou à mesa para continuar seu devocional. Para ele, era tão sagrado cumprimentar o lixeiro quanto o era ler a Bíblia.

Houve outro servo do Senhor que aplicou o texto literalmente. Jack Wyrzten dirigia um acampamento bíblico todo verão, em Schroon Lake, NY. Em uma das conferências de adultos, apareceu um participante com uma séria deficiência física. Por não conseguir controlar os músculos da boca, ele não era capaz de engolir toda a sua comida. A maior parte dela caía novamente no jornal com o qual ele cobria seu peito e seu colo. A cena não gerava o ambiente mais agradável durante a refeição e, como resultado, este homem geralmente se sentava sozinho em uma mesa.

Por causa das pressões de seu trabalho, Jack Wyrzten geralmente chegava tarde ao refeitório. Sempre que ele chegava à porta, as pessoas acenavam animadamente para ele, convidando-o para sentar-se em suas mesas. Mas Jack nunca ia. Ele sempre ia para a mesa onde este homem estava comendo, sozinho. Ele condescendeu com um homem humilde.

“Um general cristão foi visto certa vez falando com uma pobre senhora idosa. Alguns amigos lhe censuraram, dizendo: ‘Você precisa considerar sua posição’. O general respondeu: ‘E se meu Senhor tivesse considerado Sua posição?’” (*Choice Gleanings*).

Em seu poema “*For A’That and A’That*”, Robert Burns nos lembra que, independente de sua posição na vida, um homem é um homem. Ele diz que o homem de mente independente ri do *show* brega dos tolos enfeitados com lantejoulas.

Quando pensamos em como nosso Salvador condescendeu conosco em nossa humildade, é absurdo que deixemos de fazer o mesmo com os outros.

"Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda" (2 Timóteo 4.8).

"...a todos quantos amam a sua vinda". Por muitos anos achei que esta expressão se referisse aos cristãos que ficam sensíveis e emotivos ao pensar na vinda do Senhor. Eles seriam recompensados com uma coroa de justiça porque seus corações brilhavam, aquecidos com a idéia do Arrebatamento.

No entanto, isto certamente significa mais. Amar Sua vinda significa viver à luz de Sua vinda, comportar-se como se Ele fosse voltar hoje.

Portanto, amar Sua vinda significa viver em pureza moral. Pois, como João nos lembra, deve purificar-se *"todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 João 3.3)*.

Significa permanecer livre das coisas desta vida. Devemos depositar nossas afeições nas coisas do Alto, não nas coisas da terra (Colossenses 3.2).

Significa servir ao povo de Deus, dando-lhes *"o sustento a seu tempo" (Mateus 24.45)*. O Senhor promete uma bênção especial sobre aqueles que estiverem fazendo isto quando Ele chegar.

Em resumo, isto quer dizer que não faremos nada do que não queremos ser encontrados fazendo quando Ele voltar. Não iremos a lugar algum que O envergonharia em Sua vinda. Não diremos nada que seria ofensivo em Sua presença.

Se você soubesse que Cristo vai voltar em uma semana, como gastaria o restante dos seus dias? Isto significaria que você pediria demissão de seu emprego, subiria até o topo de uma montanha e gastaria o dia lendo a Bíblia e orando? Significaria que você se dedicaria a um "ministério de tempo integral", pregando e ensinando dia e noite?

Se realmente estamos caminhando com o Senhor hoje e vivendo no centro de Sua vontade, significaria continuar vivendo como sempre. Se, no entanto, estamos vivendo para nós mesmos, então isto implicaria em algumas mudanças revolucionárias.

Não basta ficar sensível com a idéia da volta do Salvador. A coroa da justiça está reservada para aqueles que a amam o bastante para deixar que a verdade molde suas vidas. Não basta dominar a verdade sobre Sua vinda; esta verdade precisa nos dominar.

22 DE SETEMBRO

"...como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes" (1 Coríntios 14.16).

"Amém" é uma palavra extremamente útil para expressar concordância com o que foi dito. Muitas congregações poderiam usá-la com maior freqüência em seus cultos.

Esta palavra é encontrada 68 vezes na Bíblia. A partir de 1 Coríntios 14.15-16, fica claro que ela era usada nas reuniões da Igreja primitiva. Podemos, então, ter certeza de que o uso do "Amém" é eminentemente bíblico.

Não apenas isso, ele também é imperativo. A natureza sublime das verdades com as quais lidamos exigem esta inteligente expressão de apreço entusiasmada. Parece ingratição ouvir tais verdades sem jamais dar uma resposta verbal.

É sempre encorajador, para quem está falando, quando seu público diz "Amém" nos pontos de sua mensagem em que ele disse algo marcante. Isto lhe diz que as pessoas o estão acompanhando e que compartilham de seu vigor espiritual e emocional.

Também é bom para a pessoa que diz "Amém". Isto o mantém envolvido como ouvinte atento. O impede de estar apático quando deve estar maravilhado.

Entendo, também, que é bom para os de fora presentes ali. Eles sentem que os cristãos estão muito interessados, que têm prazer em sua fé, que realmente crêem no que crêem. O uso do "Amém" expressa vida e fervor. Sua ausência passa a idéia de tédio e indiferença.

"Amém" é uma das três palavras da Bíblia que são praticamente universais. Na maioria das línguas, estas palavras são iguais. Então, você pode ir a praticamente qualquer lugar e dizer "Maranata! Aleluia! Amém!" e as pessoas entenderão que você quer dizer "O Senhor vem! Louve ao Senhor! Que assim seja!"

Claro, a palavra "Amém" deve ser usada com discernimento. Seria inadequado usá-la para expressar entusiasmo por sofrimentos, tristezas ou tragédias.

É uma pena que alguns corpos de cristãos pararam de usar o "Amém" porque ele foi mal usado em reuniões repletas de sentimentalismo extremo. Como todas as boas coisas, ele pode ser bem ou mal usado. Mas não devemos ser roubados desta prática bíblica simplesmente porque alguns a usaram sem discernimento. Amém?

"No seu conselho, não entre minha alma..." (Gênesis 49.6).

Estas palavras se encontram na bênção de Jacó sobre seus filhos. Quando pensou na crueldade que Simeão e Levi demonstraram para com os homens de Siquém, ele disse: *"No seu conselho, não entre minha alma"*.

Gostaria de tomar emprestadas estas palavras e usá-las em um sentido mais amplo. Há conselhos e segredos ligados ao pecado que é melhor jamais saber.

A tentação coloca sua melhor máscara e insinua que jamais seremos felizes até termos sido iniciados em seus mistérios. Ela oferece emoções, gratificações físicas, felicidade emocional e a sedução do desconhecido.

Muitas pessoas, especialmente aqueles que viveram vidas protegidas, são afetadas por estes apelos. Sentem que perderam de aproveitar os verdadeiros prazeres. Se consideram em desvantagem. Acham que nunca conseguirão satisfazer-se até terem experimentado o mundo.

O problema é que o pecado não vem sozinho. Há riscos internos e conseqüências duradouras. Quando experimentamos qualquer pecado pela primeira vez, liberamos uma inundação de dor e remorso.

Ceder à tentação diminui nossa resistência ao pecado. Uma vez que tenhamos cometido um pecado, é sempre mais fácil cometê-lo da próxima vez. Logo nos tornamos peritos no pecado. Nos tornamos até mesmo escravos dele, presos pelas correntes do hábito.

No momento em que cedemos à tentação, nossos olhos se abrem a uma sensação de culpa que nunca havíamos sentido antes. A liberdade de quebrar o código do pecado é seguida de uma sensação terrível de nudez moral. É verdade que o pecado pode ser confessado e perdoado, mas por toda a vida há a vergonha de encontrar com antigos parceiros de transgressão. Há, inevitavelmente, a punhalada da memória quando revisitamos os lugares de nossa insensatez. Há ocasiões indesejadas quando todo o sórdido episódio volta à nossa mente durante nossos momentos mais santos – quando nossos corpos chegam a palpitar e nossos lábios seguram um gemido.

Embora seja maravilhoso experimentar o perdão de Deus por estes pecados, é ainda melhor jamais entrar em seus conselhos e segredos. O que parece um segredo atrativo depois se revela como um pesadelo. Prazer logo vira horror e um momento de paixão resulta em uma vida de remorso.

Na hora de nossa tentação, nossa resposta deve ser: *"No seu conselho, não entre minha alma"*.

24 DE SETEMBRO

“Tenho experimentado que o SENHOR me abençoou por amor de ti” (Gênesis 30.27).

Labão tinha aprendido, por experiência própria, que o Senhor o havia abençoado por causa de Jacó. Esta foi uma boa lição para aprender. A experiência própria é uma ótima professora.

Me impressiono com a maneira como a experiência nos ajuda a entender versículos da Bíblia. Podemos conhecer um versículo intelectualmente, mas quando passamos por algumas experiências novas, estes versículos ganham vida. Eles parecem se destacar com luzes *neon*. Ganhamos uma nova perspectiva deles.

A esposa de Martinho Lutero disse que ela jamais saberia o que alguns versículos de Salmos significavam se Deus não tivesse permitido que ela passasse por certas aflições.

Quando Daniel Smith e sua esposa eram missionários na China, um grupo de ladrões abriu um buraco na parede de sua casa, certa noite. Enquanto o casal dormia, os ladrões limpavam as gavetas e prateleiras. Se os missionários não estivessem em sono profundo, eles talvez tivessem sido mortos. Mais tarde, ao descrever o incidente, o Sr. Smith disse: “Nunca entendi Habacuque 3.17-18 até aquela manhã: *‘Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação’*”. Isto significa, é claro, que você não tem como compartilhar verdadeiramente da alegria de Habacuque na calamidade até ter experimentado o tipo de perda que ele descreve.

Quando Corrie Ten Boom estava no campo de concentração, teve que apresentar-se perante o juiz. “O juiz... ainda tinha um trabalho a fazer e houve um dia em que ele me mostrou papéis que poderiam significar não apenas a minha sentença de morte, mas também a sentença de meus amigos e parentes.

‘Você pode explicar estes papéis?’ ele perguntou. ‘Não, não posso’, admiti. De repente ele pegou todas as folhas e as jogou no forno! Quando vi as chamas destruindo aqueles papéis que nos condenavam soube que eu havia sido protegida pelo poder divino e entendi como nunca antes Colossenses 2.14: *‘...tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz’*”.

A nova compreensão que ganhamos das Escrituras Sagradas, através das experiências da vida, faz com que estas experiências valham tremendamente a pena.

“Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?” (Gálatas 4.16).

A experiência de Paulo com os cristãos da Galácia nos lembra de que, muitas vezes, transformamos nossos amigos em inimigos ao dizer-lhes a verdade. O apóstolo havia apresentado estas pessoas ao Senhor e as educado na fé. Mais tarde, porém, quando falsos mestres se infiltraram em suas congregações cristãs, Paulo teve que alertar os crentes de que eles estavam abandonando Cristo pela lei. Isto fez com que eles se tornassem hostis com seu pai na fé.

Isto também foi verdade nos tempos do Antigo Testamento. Elias sempre foi honesto e franco em suas mensagens a Acabe. No entanto, um dia, quando Acabe o encontrou, disse: *“És tu, ó perturbador de Israel?” (1 Reis 18.17)*. “Perturbador de Israel”? Ora, Elias foi um dos melhores amigos que Israel jamais teve! Mas seu agradecimento, por ser fiel, foi ser declarado um perturbador.

Micaías foi outro profeta corajoso. Quando Josafá perguntou se havia um profeta do Senhor a quem pudessem consultar, o rei de Israel disse: *“Há um ainda, pelo qual se pode consultar o Senhor, porém eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim o que é bom, mas somente o que é mau”*. O rei não queria a verdade e odiava quem a dissesse a ele.

No Novo Testamento, vemos João Batista dizendo a Herodes: *“Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão” (Marcos 6.18)*. Era verdade, mas esta corajosa forma de falar a verdade logo levou à execução de João.

Nosso Senhor incitou o ódio dos judeus descrentes. O que causou este ódio? Foi o fato de que Ele lhes disse a verdade. Ele disse: *“Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade” (João 8.40)*.

Thomas Jefferson escreveu o seguinte: *“Se queria escapar da maldade, deveria ter se confinado dentro das linhas sossegadas dos deveres rotineiros. Há dois lados em toda questão e se você assume um lado com firmeza e age com propósito, aqueles que assumem o outro irã, é claro, ser proporcionalmente hostis conforme sentem este propósito”*.

A verdade muitas vezes dói. Ao invés de prostrarem-se a ela, as pessoas muitas vezes amaldiçoam aqueles que a proclamam. O verdadeiro servo do Senhor já contou seus gastos. Ele precisa falar a verdade ou morrer. Sabe que os ferimentos de um amigo mostram lealdade, mas que os beijos de um inimigo são enganosos (Provérbios 27.6).

26 DE SETEMBRO

"Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal" (Romanos 11.4).

Deus nunca fica sem uma testemunha. Nos dias mais escuros, uma voz soa em Seu favor em tons claros e articulados. Muitas vezes, nas circunstâncias mais incomuns, Ele levanta um confessor inesperado para proclamar Seu Nome corajosamente.

Nos dias anteriores ao Dilúvio, a terra estava repleta de violência e imoralidade. Mas Noé estava lá para levantar-se com valentia pelo Senhor.

Elias imaginava que Israel havia se afundado em idolatria, mas Deus tinha 7.000 homens que não haviam se prostrado a Baal.

Em meio à morte espiritual e ao declínio moral, John Hus, Martinho Lutero e John Knox subiram ao palco da história para defender a Causa do Altíssimo.

Mais recentemente, Deus foi reconhecido quando o telégrafo foi descoberto. A primeira mensagem transmitida foi "O que Deus fez!"

Quando a nave Apollo 8 estava voltando à terra, depois da primeira viagem tripulada à lua, na véspera do Natal de 1968, três astronautas se revezaram lendo Gênesis 1.1-10 e então concluíram dizendo "E, da tripulação da Apollo 8, nos despedimos com... Deus os abençoe, a todos vocês na boa terra".

Apesar dos protestos furiosos dos infiéis, o serviço postal dos Estados Unidos emitiu um selo da Apollo 8 com as palavras de Gênesis 1.1: "*No princípio...*"

Nas cédulas de dinheiro dos Estados Unidos consta a frase "*In God we trust*" (Confiamos em Deus).

A abreviação do calendário A.D. (em inglês) nos lembra de que este é o ano do nosso Senhor (*Anno Domini*).

Será coincidência de que o céu estelar mostra uma virgem, uma criança, uma serpente e uma cruz – todos importantes participantes no drama da redenção? Será o Evangelho nas estrelas?

Mesmo ateus, às vezes, deslizam e reconhecem ao Senhor. Certo governante ateu disse, em uma conferência na Áustria em 1979: "Deus não nos perdoará se fracassarmos".

Há certo imperativo moral no Universo de que nosso Deus seja reconhecido publicamente. Quando os discípulos louvaram ao Senhor Jesus como o Rei que havia vindo em nome do Senhor, os fariseus exigiram que Cristo os repreendesse. Mas Ele lhes disse: "*Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão*" (*Lucas 19.40*).

Não precisamos jamais ter medo de que o nome de Deus deixe de ser louvado ou de que Sua honra seja negligenciada. No mesmo instante em que homens anunciarem que Ele está morto, Ele levantará uma testemunha para confundir Seus inimigos e confortar Seus amigos.

“Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos féticelos, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Apocalipse 21.8).

Provavelmente é chocante, para qualquer um que leia este versículo, a idéia de que os covardes e incrédulos sejam listados junto com o que considerariamos pecadores horrendos e vis e que compartilharão da mesma punição por toda a eternidade.

Provavelmente é uma surpresa ainda maior que os covardes sejam os primeiros da lista. Isto deveria ser tremendamente desafiador para qualquer um que justifique sua timidez como uma questão insignificante. Talvez tenham medo de aceitar o Senhor Jesus por causa do que seus amigos diriam ou porque têm uma atitude naturalmente confortável. Deus não dispensa isto como algo insignificante; Ele o vê como covardia condenável.

Também deveria ser desafiador para os que aparecem em segundo lugar na lista – os incrédulos. Ouvimos pessoas dizerem: “Não consigo acreditar” ou “Quem dera eu acreditasse”. Mas estas são afirmações falsas. Não há nada a respeito do Salvador que torne impossível que os homens acreditem nEle. O problema não está no intelecto do homem, mas em sua vontade. Incrédulos **não querem acreditar** nEle. O Senhor Jesus disse aos judeus incrédulos de Seu tempo: “...vocês não querem vir a mim para terem vida” (João 5.40 – NVI).

Não há dúvida de que muitos dos covardes e dos incrédulos acham que são pessoas decentes, cultas e morais. Nesta vida não querem ter nada a ver com assassinos, com imorais ou com aqueles que praticam artes mágicas. No entanto, a ironia é que eles viverão a eternidade juntos porque nunca foram a Cristo para serem salvos.

Seu destino é o *“lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte”*. Esta é, obviamente, a tragédia suprema. As pessoas podem discutir quanto à existência do inferno e a veracidade de uma punição eterna, mas a Bíblia é bastante explícita. O inferno existe no fim de uma vida sem Cristo.

O que torna isto ainda mais triste é o fato de que nem os covardes, nem os incrédulos, nem qualquer um dos outros, listados em nosso versículo, têm que ir para o lago de fogo. Isto é completamente desnecessário. Se eles apenas se arrependessem de seus medos e dúvidas e outros pecados e se voltassem ao Senhor Jesus com uma fé simples, confiante, seriam perdoados, limpos e tornados aceitáveis no céu.

28 DE SETEMBRO

"Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Romanos 12.21).

Se este versículo tivesse sido escrito por homens não inspirados, diria "Não deixe os outros passarem por cima de você. Dê a eles uma dose do seu próprio remédio". O mundo pensa com base em retaliação e vingança.

Entretanto, nós aprendemos uma lição diferente na escola de Cristo. Não devemos nos permitir ser vencidos pelo mal. A contrário, devemos usar o bem para derrotar o mal.

Uma história atribuída a Francisco de Assis ilustra este ponto. Quando um menininho estava brincando perto de sua casa, descobriu que ali havia um eco quando gritava. Era sua primeira experiência com ecos, então ele começou a testar. Gritou "eu te odeio" e a mensagem voltou "eu te odeio". Aumentando o volume, ele gritou mais alto "eu te odeio" e as mesmas palavras voltaram com uma intensidade maior. Na terceira vez ele gritou com toda a sua força "eu te odeio" e as palavras se refletiram com grande veemência: "eu te odeio". Isto foi o máximo que ele pode suportar. Correu de volta à sua casa chorando convulsivamente. Sua mãe tinha ouvido os gritos no jardim, mas ainda assim perguntou: "Qual é o problema, querido?" Ele respondeu: "Tem um menino ali fora que me odeia". Ela pensou por um instante e então disse: "Vou te dizer o que fazer. Vá lá fora e diga a esse menino que você o ama".

Então o pequeno correu para fora e gritou: "Eu te amo". Naturalmente, as palavras voltaram, claras e gentis: "Eu te amo". Ele gritou com maior ênfase: "Eu te amo" e mais uma vez ouviu a resposta: "Eu te amo". Na terceira vez ele gritou com profunda sinceridade: "Eu te amo" e as palavras voltaram até ele com ternura: "Eu te amo!"

Enquanto escrevo isto, pessoas por todo o mundo estão gritando: "Eu te odeio", umas para as outras e se perguntando por que as tensões continuam a se acumular. Nações expressam ódio por outras nações. Grupos religiosos entram em combate. Raças estão competindo, umas com as outras. Vizinhos estão discutindo sobre a cerca dos fundos e lares são destruídos por brigas e amargura. Estas pessoas estão se permitindo ser vencidas pelo mal, porque ódio gera ódio. Se mudassem sua estratégia, pagando o ódio com amor, elas venceriam o mal com o bem. Descobririam que amor gera amor.

Jamais podemos ser cuidadosos demais
Com as sementes que nossas mãos semeiam;
Amor do amor certamente amadurecerá,
Ódio do ódio certamente crescerá.

"Ao SENHOR pertence a salvação!" (Jonas 2.9).

Todos conhecem o famoso "ganhador de almas" que sai por aí abordando curiosos, que de nada suspeitam, guiando-os em uma fórmula da salvação e os atormentando até que, finalmente, professam a fé para então se livrarem dele. Ele marca mais um convertido e olha ao seu redor procurando mais cabeças para contar. Isto é evangelismo?

Temos que admitir que não. É uma forma de assédio religioso. Como qualquer serviço feito com a energia da carne, ele faz mais mal que bem.

John Stott estava certo quando escreveu: "Cristo tem as chaves. Ele abre as portas. Então não vamos nos intrometer, sem cerimônias, por portas que ainda estão fechadas. Precisamos esperar até que Ele as abra para nós. Testemunhos rudes ou espalhafatosos têm continuamente feito dano à Causa de Cristo. Realmente, é certo tentar ganhar nossos amigos e parentes para Cristo em casa e no trabalho. No entanto, às vezes temos mais pressa que Deus. Seja paciente! Ore muito e ame muito e aguarde esperançosamente por oportunidades de testemunhar".

Podemos não concordar muito com a doutrina de Dietrich Bonhoeffer, mas seria bom ouvir suas seguintes palavras: "A palavra da salvação tem seus limites. Ninguém tem nem o poder nem o direito de forçá-la sobre outras pessoas... Toda tentativa de impor o Evangelho à força, de correr atrás de pessoas e convertê-las, de usar nossos próprios recursos para planejar a salvação de outras pessoas é tanto fútil quanto perigosa. (...) Apenas encontraremos a irritação cega de corações endurecidos e escurecidos e isto será inútil e danoso. Nosso tráfico simplista de uma palavra de graça barata simplesmente leva o mundo ao nojo, de forma que, no fim, ele se volta contra aqueles que tentaram forçar sobre si o que ele não quer".

A verdadeira conversão é obra do Espírito Santo. Não "da vontade do homem" no sentido de que um homem não tem como produzi-la por esforço próprio, mesmo que bem intencionado. Pessoas que são pressionadas a professar a Cristo sem o consentimento total de sua vontade se tornam desiludidas e desleais e, muitas vezes, se tornam inimigas da Cruz de Cristo.

É uma das maiores experiências na vida quando o Espírito Santo nos usa na salvação de outra pessoa. Porém, é bizarro e grotesco quando tentamos fazê-lo por nossa própria força.

30 DE SETEMBRO

“Ele [André] achou primeiro o seu próprio irmão, Simão ... e o levou a Jesus” (João 1.41-42).

O método normal de evangelismo pessoal é que cristãos testemunhem de Cristo dentro de seu contexto de vida diário. Isto não significa que Deus nunca usa a abordagem “a sangue frio”, ou seja, aproximar-se de completos desconhecidos e apresentar-lhes o Evangelho. Ele usa! Mas é muito mais convincente quando um crente testemunha a pessoas que já o conhecem e que podem ver que Cristo faz diferença em sua vida. Foi isso que Simão fez.

Walter Henrichsen nos conta de um jovem que tinha um receio extremo de testemunhar no *campus* de sua universidade. Henrichsen lhe perguntou: “Joe, quantos alunos do *campus* você conhece pessoalmente? Com isso quero dizer que quando o vêem eles sabem seu nome”. Depois de estar lá há alguns meses, ele conhecia apenas um ou dois jovens.

“Eu disse: ‘Joe, nas próximas quatro semanas eu quero que você conheça o máximo que conseguir de alunos do *campus*. Vamos estabelecer um alvo de cinquenta alunos. Você não precisa testemunhar para eles. Não precisa nem dizer-lhes que é cristão. Tudo o que tem que fazer é conhecê-los. Passar por seus quartos e conversar com eles. Jogar pingue-pongue com eles. Ir com eles a eventos esportivos. Comer junto com eles. Faça o que quiser, mas conheça cinquenta homens para que, daqui a um mês, você possa me apresentar a cada um por nome”.

Quando Henrichsen se encontrou com o jovem um mês depois, ele havia levado seis outros a Cristo. “Nós não conversamos sobre se ele havia chegado a conhecer cinquenta pessoas. Não precisamos. Ele havia descoberto, por si só que, ao tornar-se amigo dos ‘publicanos e pecadores’, o Senhor naturalmente lhe dava oportunidades de compartilhar de sua fé”.

Quanto a este método de evangelismo dentro do contexto de nosso dia-a-dia, duas observações devem ser feitas. Primeiro, a vida do servo é importante. Faz diferença se ele está caminhando com o Senhor. Ele pode ser fluente em apresentar uma mensagem pré-embalada, mas se sua vida não for santa, isto anula sua mensagem.

A segunda observação é que este método não coloca a ênfase em resultados instantâneos e isto é um ponto a seu favor. Jesus comparou o processo de salvação ao crescimento de sementes: você não faz a colheita no mesmo dia em que planta a semente. É verdade que algumas pessoas são salvas da primeira vez que ouvem do Evangelho, mas elas representam uma porcentagem pequena do total. Geralmente a conversão é precedida por um período de ouvir a mensagem, convencer-se de seu pecado e de resistir à voz do Espírito Santo.

"Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (Tiago 4.14).

Com freqüência, a voz insistente do Espírito Santo lembra ao homem mortal na Palavra sobre a brevidade de sua vida. Pelo uso repetido de comparações, o Espírito do Senhor grava em nós o fato de que nossos dias são limitados e estão passando rapidamente.

Por exemplo, Ele compara a vida à lançadeira do tecelão (Jó 7.6), o aparelho que se move para frente e para trás, no tear, quase rapidamente demais para que um olho o possa acompanhar.

Jó fala de sua vida como um sopro (Jó 7.7), em um instante aqui e em outro lugar no instante seguinte, para nunca mais voltar. O salmista ecoa o sentimento, falando de um *"vento que passa e já não volta"* (Salmo 78.39).

Bildade lembra a Jó, desnecessariamente, de que *"nossos dias sobre a terra são como a sombra"* (Jó 8.9), uma ilustração repetida no Salmo 102.11: *"Como a sombra que declina, assim os meus dias"*. Uma sombra é passageira – dura pouquíssimo tempo.

Jó compara sua vida a uma folha (Jó 13.2-5) frágil, quebradiça e transitória e, ainda, à palha seca, levada pelo vento. Isaías apela à compaixão do Senhor ao lembrá-lo de que *"todos nós murçamos como a folha"* (Isaías 64.6).

Davi descreve seus dias como o comprimento de um palmo (Salmo 39.5 – NVI), tão estreitos quanto à largura de sua mão. Se vissemos a vida como uma jornada, ela mediria 10 centímetros.

Moisés, o homem de Deus, ilustra sua vida como um sono (Salmo 90.5), onde o tempo passa sem estarmos conscientes disto.

No mesmo local, Moisés fala do povo e de suas vidas como a relva: *"...como a relva que floresce de madrugada; de madrugada viceja e floresce; à tarde, murcha e seca"* (Salmo 90.5-6). Séculos depois, Davi usa o mesmo exemplo ao descrever nossa transitoriedade: *"Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce; pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar"* (Salmo 103.15-16). Como Spurgeon disse, a relva "brota e cresce, é soprada, cortada e some". Este é o resumo da vida!

Por fim, Tiago acrescenta seu testemunho de que a vida se dissipa como o vapor (Tiago 4.14). Aparece por um breve instante e, então, vai embora.

Este acúmulo de ilustrações existe por dois motivos. Primeiro, elas devem motivar o não convertido a considerar o quão curto é seu tempo e a importância de estar pronto para encontrar-se com Deus. Segundo, elas devem fazer com que os cristãos numerem seus dias para que possam alcançar um coração sábio (Salmo 90.12). Isto resultará em vidas de devoção e dedicação a Cristo, em vidas que são vividas para a eternidade.

2 DE OUTUBRO

“Não se achará entre ti... adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos” (Deuteronômio 18.10-11).

Deus alertou Seu povo Israel contra envolver-se com o mundo oculto. Todas as atividades listadas no versículo de hoje estão ligadas a demonismo e, portanto, devem ser evitadas. O alerta se aplica tanto aos cristãos de hoje quanto do tempo do Antigo Testamento.

Adivinhação é ler a sorte. Isto inclui o uso de bolas de cristal, clarividência, leitura de mãos, frenologia, leitura de folhas de chá e qualquer outro artifício parecido para adivinhar o futuro.

Um prognosticador é um astrólogo, alguém que usa a posição das estrelas e planetas para projetar sua influência sobre questões humanas. O horóscopo diário no jornal está ligado à astrologia, bem como o uso de signos do zodíaco.

Um agoureiro é alguém que influencia outros através de feitiços e encantos.

Um feiticeiro é uma pessoa que exerce poderes sobrenaturais através do contato com demônios. Estes contatos são essencialmente maus e nocivos.

Um encantador é quem lança maldições ou pragas sobre outros e que tem poder demoníaco para fazê-las acontecer. (Tais maldições não têm efeito sobre crentes).

Necromante é alguém que afirma invocar os espíritos dos mortos para revelar o futuro ou influenciar eventos.

Um mágico usa artes mágicas da área do espiritismo. Às vezes “mágico” é outra forma da palavra “feiticeiro”.

Pessoas que consultam os mortos são *médiuns* capazes de contatar o mundo dos espíritos malignos. Estes espíritos muitas vezes personificam parentes mortos daqueles que consultam os *médiuns*.

Cristãos devem evitar todas estas pessoas e também manifestações modernas do espiritismo, como *yoga*, meditação transcendental, *Hare Krishna*, sessões espíritas, magia negra, magia branca, hipnose, adivinhação com água, cura espírita, numerologia e orações aos mortos. Também precisam saber que os seguintes itens são mercadorias típicas de espíritas: drogas alucinógenas, o tabuleiro *ouija*, baralhos, cartas de tarô, dados, pendentos, medalhões, amuletos, dominós, palitos e ossos (quando usados para propósitos místicos).

"E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expellu muitos demônios" (Marcos 1.34).

Alguns cristãos tendem a pensar em possessões demoníacas como um fenômeno que existia quando nosso Senhor estava na terra, mas que não acontece mais hoje em dia. Este é um conceito falso que precisa ser corrigido. Os jornais de quase todos os dias trazem relatos de crimes hediondos que dão toda indicação de terem sido inspirados por demônios. Há certos sintomas de possessão demoníaca que nos ajudam a identificá-la e distingui-la de doenças mentais.

Em primeiro lugar, um demônio geralmente leva sua vítima à violência e destruição. O propósito do demônio sempre é destruir.

Uma pessoa possuída por demônios tem duas personalidades ou mais – a sua própria e a do(s) demônio(s). Ela pode falar com vozes diferentes e identificar-se com diferentes nomes.

Esta pessoa é capaz de demonstrações sobrenaturais de força ou capacidade intelectual sobrenatural.

Embora ela possa falar respeitosa do Senhor Jesus, às vezes seu comportamento normal será blasfemar ou reagir violentamente a qualquer menção do Senhor, de oração, do sangue de Cristo ou da Palavra de Deus.

Seu comportamento é extremamente estranho, excêntrico e agitado. Outros não conseguem entender, controlar ou reabilitar essa pessoa. Ela pode ser suicida e pode viver presa ao medo e à superstição.

Possessão demoníaca é, muitas vezes, associada ao uso de drogas alucinógenas. Estas drogas conduzem a pessoa ao mundo transcendental e abrem seu ser à entrada de demônios. A palavra traduzida como "bruxaria" ou "feitiçaria" vem da palavra grega *pharmakia*, que significa droga ou remédio.

A pessoa possuída geralmente é sádica, demonstrando crueldade mental ou física fora do comum chegando, às vezes, a mutilar e desmembrar os corpos de suas vítimas.

Outros, possuídos por demônios, podem ser mórbidos, freqüentar cemitérios, colecionar caveiras e outros ossos ou se tornam obcecados por histórias horríveis.

O sol e a lua, especialmente a lua nova, exercem profunda influência sobre o mundo do demonismo. Por isso há a promessa reconfortante da Palavra aos cristãos que diz: *"De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua" (Salmo 121.6).*

Demônios podem ser exorcizados através da oração e da autoridade do Nome do Senhor Jesus. No entanto, a libertação permanente para esta pessoa só pode ser encontrada quando ela mesmo nascer de novo através da fé no Salvador.

4 DE OUTUBRO

*“Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade”
(Salmo 119.37).*

Tanto a primeira quanto a última palavra desta curta oração, em inglês, começam com as letras TV (*“Turn away mine eyes from beholding vanity”*) e este versículo é especialmente adequado quando aplicado à televisão. A maioria dos programas na TV é vaidade. Eles representam um mundo que não existe e uma vida que é totalmente distante da realidade.

A televisão é um ladrão de tempo precioso. Telespectadores desperdiçam horas que jamais serão recuperadas. Falando no geral, a TV gerou uma diminuição na leitura da Bíblia, desligando assim a voz de Deus e diminuindo a temperatura espiritual dos espectadores sem que eles percebam.

Os efeitos danosos da TV sobre crianças são bem conhecidos. Seus princípios são corrompidos porque a violência é glorificada, o sexo é exaltado e a pornografia é promovida. As crianças sofrem em termos educacionais, não tendo nem tempo nem interesse de ler ou escrever. Seus valores são determinados pelo que vêem na tela e seu raciocínio inteiro é moldado pela propaganda anticristã.

O humor que aparece na televisão é sujo e a maior parte do restante do roteiro está cheio de insinuações depravadas.

Em muitas famílias, a TV gerou uma quebra de comunicação. Os membros são tão cativados pelos programas que não têm mais conversas construtivas uns com os outros.

Na área musical, as letras são altamente censuráveis. Elas glorificam a luxúria, tratam adultério e homossexualismo como estilos de vida aceitáveis e fazem do homem violento um herói.

Se surge a objeção de que há programas cristãos saudáveis na TV, a resposta é que esta é apenas a cobertura adocicada de uma pílula de veneno. O fato simples é que o efeito geral da TV destrói a vitalidade espiritual.

Um cristão havia comprado uma televisão e estava aguardando a entrega. Quando viu o caminhão estacionando em frente à sua casa, notou o anúncio escrito na lateral: “A TV traz o mundo para a sua sala de estar”. Esta foi a gota d’água. Ele pediu que o aparelho fosse devolvido à loja.

Alguém que vive gastando tempo diante da televisão jamais fará história para Deus. É uma das principais causas da decadência espiritual de nossos dias.

“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu prometi a Moisés” (Josué 1.3).

Deus havia dado a terra de Canaã ao povo de Israel. Pertencia a eles por promessa divina. Mas eles ainda tinham que tomar posse dela. Tinham que ocupá-la. A regra da posse foi: *“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado”*.

Deus nos deu muitas promessas grandes e preciosas. A Bíblia está cheia delas. Mas precisamos nos apropriar delas pela fé, pois, somente então elas serão realmente nossas.

Pense, por exemplo, nas promessas a respeito da salvação. O Senhor promete repetidamente que dará vida eterna àqueles que se arrependem de seus pecados e receberem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. No entanto, a promessa não faz diferença para nós até que a reivindicamos, confiando no Salvador dos pecadores.

Vamos dar um passo além! Alguém pode crer genuinamente no Senhor Jesus Cristo e ainda assim não aproveitar a segurança da salvação. Por exemplo, ele pode achar que é presunção dizer que é salvo. Então seguirá em frente em dúvida e escuridão. A Palavra promete que aqueles que crêem no Nome do Filho de Deus têm vida eterna (1 João 5.13), mas isto precisa ser reivindicado pela fé para ser aproveitado.

Deus se agrada que confiem nEle. Ele se agrada quando levamos Sua palavra a sério. É honrado quando tomamos posse das mais improváveis promessas e as consideramos cumpridas.

Certo dia, quando Napoleão estava revisando suas tropas, seu cavalo empinou tão violentamente que o imperador corria o risco de ser jogado do cavalo. Um soldado correu à frente, agarrou as rédeas e acalmou o cavalo.

Bem ciente de que quem o tinha ajudado era um soldado de baixa patente, Napoleão disse: “Muito obrigado, capitão!”. Acreditando em sua palavra, o soldado respondeu: “De que regimento, senhor?”

Mais tarde, quando o ex-soldado relatou o incidente a seus amigos, eles riram de sua confiança em crer que agora era capitão. Mas era verdade! O imperador o havia dito e ele havia reivindicado a promoção no mesmo instante.

A situação do crente é semelhante, de certa forma. Ele pode ser um capitão ou continuar sendo um soldado. Pode aproveitar as riquezas são suas em Cristo Jesus ou viver em uma pobreza simulada. “Podemos ter tanto de Deus quanto desejarmos. Cristo põe a chave da sala do tesouro em nossas mãos e nos pede que tomemos dEle quando quisermos. Se fosse permitido a um homem entrar no cofre principal de um banco, lhe fosse dito que ficasse à vontade e ele saísse de lá com um centavo, de quem é a culpa por ele ser pobre? De quem é a culpa se os cristãos geralmente tomam porções tão escassas das riquezas gratuitas de Deus?” (McLaren).

6 DE OUTUBRO

"...sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado, tal, o meu esposo, ó filhas de Jerusalém" (Cântico dos Cânticos 5.16).

O amor devoto, leal e imutável da mulher sulamita por seu amado representa o tipo de amor que devemos ter pelo Eterno Amado de nossas almas. Note os seguintes detalhes.

Primeiro, ela o amava completamente. Ela elogia a beleza da sua aparência, cabeça, cabelo, olhos, face, lábios, mãos, corpo, pernas, rosto e boca (5.10-16). Nós, é claro, não pensamos nas características físicas do Senhor Jesus, mas devemos ser tão articulados quanto ela ao elogiar a Sua excelência.

Ela pensava no seu amado de dia e de noite. Quer estivesse trabalhando na vinha, quer preparando-se para a noite ou, mesmo quando estava sonhando, era ele quem enchia sua visão e ocupava sua mente. É bom que nosso amor pelo Senhor Jesus seja tão grande que Ele encha nossos corações da manhã à noite.

Ela tinha olhos somente para ele. Outros poderiam tentar cortejá-la e conquistá-la com palavras de radiante admiração, mas ela redirecionava o elogio e o aplicava ao seu amado. Então, quando a voz do mundo tentar nos seduzir, devemos dizer: "Ó glória e pompa do mundo, seus encantos são gastos em vão./ Ouvi uma história mais doce, encontrei um ganho mais verdadeiro./ Onde Cristo um lugar preparou, ali é minha amada morada./ Lá contemplarei a Jesus. Ali habitarei com Deus".

Ela era capaz de falar dele prontamente. Sua boca falava do que transbordava o seu coração. Seus lábios eram a caneta de um escritor preparado. Idealmente devemos ser capazes de falar do nosso Senhor mais prontamente e eloqüentemente que sobre qualquer outro assunto. Infelizmente não é sempre assim.

Ela sentia grandemente seu próprio desmerecimento. Se desculpava por sua aparência desleixada, por sua mediocridade e por sua insensibilidade para com ele. Quando pensamos em nosso pecado, em nossa propensão a desviar-nos e em nossa desobediência, temos ainda mais motivos para nos maravilharmos por Cristo Se interessar por nós.

Sua maior alegria era estar com ele. Ela ansiava ardentemente pelo momento em que ele chegasse para levá-la como sua noiva. Com um anseio ainda maior devemos esperar a vinda do Noivo Celestial, para estarmos com Ele por toda a eternidade.

Enquanto isso, seu coração parecia ser um prisioneiro impotente e ela confessava estar completamente apaixonada. Achava que não conseguiria mais controlar-se. Que aspiremos ter corações que são tão cativados por Jesus e que são cheios ao ponto de transbordar de amor por Ele!

*"Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado..."
(Filipenses 3.13).*

O apóstolo Paulo não achava que tinha chegado lá e nós também não devemos achar. Todos precisamos mudar. Liu Shao-chi disse: "Os homens devem considerar-se como quem precisa e é capaz de mudar. Ninguém deve olhar para si como algo imutável, perfeito, santo e além do ponto de restauração... Caso contrário, não há como progredir".

O problema é que a maioria de nós resiste à mudança. Estamos desesperadamente ansiosos para ver outros mudarem. Suas manias pessoais nos irritam e queremos vê-los transformados. No entanto ou estamos inconscientes de nossas próprias reações temperamentais ou estamos satisfeitos em mantê-las. Queremos retirar a lasca do olho de outra pessoa, mas admiramos a trave no nosso. Suas falhas e fracassos são horrendos enquanto os nossos são encantadores.

O problema está em nossa própria vontade. Podemos mudar se realmente quisermos. Se encararmos o fato de que temos traços indesejáveis em nosso caráter, já teremos dado o primeiro passo em direção a nos tornarmos pessoas melhores.

Porém, como podemos saber que mudanças são necessárias? Uma forma é deixarmos a Palavra de Deus agir como um espelho. Conforme a lemos e estudamos, podemos ver como devemos ser e quão longe estamos deste parâmetro. Quando a Bíblia condena algo de que somos culpados, devemos encarar o fato com coragem e decidir fazer algo a respeito.

Outro jeito de aprender aspectos em que não somos como Cristo é ouvir atentamente a nossos parentes e amigos. Às vezes, suas sugestões vêm como uma luva de veludo, outras vezes como uma marreta. Quer o comentário venha suavemente, quer venha fazendo barulho, devemos ouvir a mensagem e aceitá-la com gratidão.

Na verdade, cultivar a crítica de amigos em amor é uma prática muito boa. Por exemplo, podemos dizer "Espero que você se sinta à vontade para me falar sobre qualquer traço indesejável em minha personalidade ou qualquer jeito que tenho e que seja irritante para os outros". Um amigo verdadeiro fará exatamente isto.

É triste pensar em pessoas que passam a vida agindo como "pestes" na igreja, em casa e na sociedade, simplesmente porque ninguém estava disposto a ser honesto com elas ou porque não estavam dispostas a mudar.

Se nos dermos o tempo e o trabalho de descobrir áreas em que irritamos as pessoas e se, então, dermos passos concretos para eliminar estas áreas, seremos pessoas melhores com quem conviver.

"Irmãos, não faleis mal uns dos outros" (Tiago 4.11).

Embora não se encontre a palavra "fofoca" na versão Almeida Revista e Atualizada da Bíblia, a idéia certamente está incluída em palavras como calúnia, difamação e boatos. Portanto, não é necessário dizer que a prática é unanimemente condenada.

Fazer fofoca significa revelar uma informação sobre outra pessoa que faça mal à sua reputação. Em outras palavras, a informação é cruel ou indelicada. Geralmente, há o elemento de segredo ou confidencialidade - a pessoa que conta a fofoca não quer ser citada.

Duas mulheres estavam conversando no Brooklyn. Uma delas disse: "A Tilly me disse que você disse pra ela o que eu disse sobre ela e eu te disse para não dizer". A outra respondeu: "Ela é desprezível. Eu disse pra Tilly não te dizer que eu tinha dito pra ela". A primeira completou: "Bom, eu disse pra Tilly que não ia te dizer que ela tinha me dito - então não diga pra ela que eu disse".

Há almas raras neste mundo que jamais dizem algo negativo sobre outra pessoa. Eu conheci algumas e as admiro além do que consigo descrever. Um deles me disse que, se não pudesse dizer nada de bom sobre outra pessoa, não diria nada. Outro disse que sempre tentava ver algo nos outros cristãos que o lembrassem do Senhor Jesus. Um terceiro começou a dizer algo negativo sobre outra pessoa, então se interrompeu no meio da frase e disse: "Não, não seria edificante". (Fiquei morrendo de curiosidade desde então).

Paulo ouviu que havia contendas entre os coríntios. Ao confrontá-los quanto a isso, disse que tinha sido informado pela família de Cloe (1 Coríntios 1.11). Claramente a família de Cloé não estava fazendo fofoca. Eles estavam compartilhando a informação para que o problema pudesse ser resolvido.

O apóstolo também escreveu algumas acusações firmes contra Himeneu, Alexandre e Fileto (1 Timóteo 1.20; 2 Timóteo 2.17), porque estavam prejudicando a causa de Cristo. Ele também alertou Timóteo quanto a Fígelo, Hermógenes e Demas (2 Timóteo 1.15; 4.10), homens que haviam olhado para trás depois de colocar a mão no arado. Porém, isto não era fofoca. Eram informações importantes para cristãos envolvidos em uma guerra comum.

Quando alguém se aproximava de um pastor famoso com uma fofoca quentinha, ele puxava um caderno preto e dizia ao fofoqueiro que a escreveria, diria para o tagarela assiná-la e passaria a informação adiante à pessoa envolvida. Dizem que ele abriu o caderno centenas de vezes, mas nunca ninguém escreveu nada.

“...para guardares os mandamentos do SENHOR e os seus estatutos que hoje te ordeno, para o teu bem?” (Deuteronômio 10.13).

Preste atenção nas quatro últimas palavras do versículo de hoje – “para o teu bem”. Todos os mandamentos do Senhor são para o nosso bem. Muitas pessoas não percebem isto. Elas imaginam Deus como um Juiz severo que impõe regras e leis para acabar com toda a diversão da vida. Mas não é assim! Ele está interessado em nosso bem e em nosso prazer e cria todas as Suas leis para este fim.

Vamos olhar para alguns dos Dez Mandamentos, por exemplo. Por que Deus diz que não devemos ter outros deuses? Porque Ele sabe que os homens se tornam como o objeto de sua adoração e deuses falsos levam à depravação.

Por que Ele diz que não devemos fazer imagens de escultura? Porque a idolatria é intimamente ligada a demonismo. “As coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam” (1 Coríntios 10.20) e o propósito dos demônios é sempre destruir.

Por que Deus separa um dia dos sete para o descanso? Porque Ele criou o homem e sabe que a constituição do homem exige que ele descanse do trabalho. Nações que tentaram impor semanas de sete dias de trabalho descobriram que a produtividade despencava e tinham que abandonar a experiência.

Por que Deus ordena que filhos obedeçam a seus pais? Porque isso protege as crianças de vidas de imprudência e desordem e, até mesmo, da morte prematura.

Por que Deus proíbe o adultério? Porque Ele sabe que isto destrói lares e família, bem como a alegria dos envolvidos.

Por que Deus proíbe que matemos? Porque isto leva a culpa e remorso, à prisão e às vezes à pena de morte.

Por que Deus condena a cobiça? Porque o pecado começa na mente. Se formos indulgentes ali, eventualmente cometeremos o ato. Se não conseguirmos controlar a fonte, não conseguiremos controlar o rio que flui dali.

Assim é com outros pecados – tomar o nome de Deus em vão, roubar, dizer falso testemunho, etc. Não temos como sair ilesos. Eles cobram seu preço sobre nossos espíritos, almas e corpos. Todo pecado gera uma série de conseqüências dolorosas, roubando o pecador de paz, alegria e satisfação. Colhemos o que plantamos. As conseqüências de nossos atos sempre nos alcançam.

Há alguns anos, alguém escreveu um livro chamado *The Kindly Laws of God* (As Bondosas Leis de Deus). Elas realmente são bondosas porque foram criadas para nosso próprio bem.

10 DE OUTUBRO

“Longe de vós, toda amargura e cólera e ira e gritaria e blasfêmias e bem assim toda malícia” (Efésios 4.31).

A vida está cheia de situações provocativas que tentam nos levar a perder a calma. Talvez você se identifique com alguns dos seguintes cenários. Um garçom derrama café quente em você ou lhe faz esperar interminavelmente por sua comida. Você chega em casa com sua última compra e só então descobre que o produto veio com defeito. Quando você tenta conseguir um reembolso, o vendedor é grosseiro. Talvez tenham lhe dado informações erradas que fazem com que você perca seu voo. Na sua primeira semana com seu carro novo, um motorista descuidado amassa sua lateral. Então uma loja promete entregar um utensílio doméstico em certa data. Você fica em casa, mas nada chega! Repetidas promessas de entrega não são cumpridas. O caixa do supermercado lhe cobra um valor a mais e, então, é grosseiro quando você fala com ele sobre isto. Sua vizinha discute com você por uma briguinha entre o filho dela e o seu – e o filho dela obviamente era o culpado. Outro vizinho lhe faz subir paredes com música a todo volume e festas barulhentas. Um colega de trabalho o incomoda constantemente por causa de seu testemunho cristão. O computador erra em sua conta mensal, então, apesar dos seus repetidos protestos pelo telefone, o erro continua aparecendo todo mês. Em seu esporte preferido, o árbitro comete um erro grosseiro ou, ainda, o problema pode ser uma disputa pelos programas de TV na sala da sua casa.

Não há forma de evitar algumas destas situações irritantes. Porém, para o crente, o importante é como ele reage a elas. O jeito natural é explodir de raiva e dizer umas poucas e boas para o ofensor. No entanto, quando um cristão perde a cabeça, também perde seu testemunho. Ele fica lá, vermelho de raiva, seus olhos parecendo pegar fogo, seus lábios tremendo. Ele não conseguirá, de maneira alguma, falar uma palavra em nome do Senhor Jesus. Está se comportando como alguém do mundo. Ele não é mais uma testemunha, mas um obstáculo.

A tragédia é que a pessoa que o prejudicou provavelmente precisa do Evangelho. Talvez este comportamento irritante seja por causa de uma crise em sua vida pessoal. Se apenas lhe mostrássemos amor e consideração, ela talvez se entregasse ao Salvador.

Explosões de ira já ajudaram muito a anular o testemunho de crentes e a trazer desonra ao nome do Senhor. Um cristão irado é uma propaganda negativa para a fé.

“Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? Se em terra de paz não te sentes seguro, que farás na floresta do Jordão?” (Jeremias 12.5).

Este é um bom versículo para nos desafiar quando somos tentados a desistir muito rapidamente ou muito facilmente. Se não conseguimos encarar dificuldades menores, como esperamos encarar as maiores? Se nos curvamos diante dos golpes insignificantes da vida, como aguentaremos os golpes de marreta?

Ouvimos falar de cristãos que cruzam os braços e ficam magoados porque alguém os ofendeu. Outros pedem demissão porque alguém os criticou. Outros, ainda, ficam desconcertados porque uma idéia de sua preferência perdeu na votação.

Alguns, com pequenos problemas físicos, muitas vezes uivam como um urso ferido. Imaginamos o que eles fariam com uma doença catastrófica. Se um empresário não consegue lidar com os problemas do dia a dia, é improvável que ele consiga encarar as grandes dificuldades.

Todos precisam de certa dose de dureza. Com isso, não queremos dizer que devemos ser rudes ou insensíveis. Queremos dizer, na verdade, que devemos ser capazes de suportar os golpes. Precisamos da resiliência que se recupera da ferida e segue em frente.

Talvez você esteja enfrentando uma crise hoje. No momento, ela parece monumental. Você está tentado a desistir. No entanto, daqui a um ano ela não parecerá ter a menor importância. Este é o momento em que você deve dizer com o salmista: *“Pois contigo desbarato exércitos, com o meu Deus salto muralhas” (Salmo 18.29).*

O autor não identificado de Hebreus faz uma observação interessante àqueles a quem ele está desafiando a permanecerem firmes. Ele diz: *“Ainda não tendes resistido até ao sangue” (Hebreus 12.4).* Em outras palavras, vocês ainda não pagaram o preço maior – martírio. Se cristãos se despedaçam diante de uma louça quebrada, um gato perdido ou uma decepção amorosa, o que fariam se tivessem que encarar o martírio?

A maioria de nós teria desistido há muito tempo se tivéssemos seguido nossos sentimentos. Mas não se desiste na batalha cristã. Você se levanta do chão, tira a poeira e segue em direção ao combate. Vitórias nos conflitos menores nos ajudarão nas batalhas maiores.

12 DE OUTUBRO

“Eia! Todos vós, que acendets fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes; de mim é que vos sobrevirá isto e em tormentas vos deitareis” (Isaías 50.11).

Há um jeito certo e outro errado de fazer qualquer coisa e isto certamente se aplica à questão de buscar orientação. O versículo de hoje descreve a forma errada. Ele fala de um homem que constrói uma fogueira e, então, usa o fogo e as tochas para iluminar o seu caminho.

Note que não há menção de que este homem tenha buscado ao Senhor. Não há sugestão de que ele fez disto um pedido de oração. Ele tem total confiança de que conhece o melhor caminho. Em sua independência arrogante, ele se apóia em seu próprio entendimento. Nas palavras de Henley, ele é o mestre de seu próprio destino e o capitão de sua própria alma.

Porém, veja o resultado! *“De mim é que vos sobrevirá isto e em tormentas vos deitareis”*. O homem que faz sua própria orientação está fadado a encontrar problemas. Qualquer um que seja obstinado e teimoso viverá para arrepender-se. Ele aprenderá na pele que o caminho de Deus é sempre o melhor caminho.

O verso anterior (v. 10) nos diz a forma certa de buscar orientação. Ele diz: *“Quem há entre vós que tema ao Senhor e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie no nome do Senhor e se firme sobre o seu Deus”*. Note três coisas a respeito deste homem. Primeiro, ele teme ao Senhor no sentido de que teme desagradá-LO ou caminhar independentemente dEle. Segundo, ele obedece à voz do Servo de Deus, o Senhor Jesus. Terceiro, ele está disposto a admitir que anda em trevas e que não tem luz. Reconhece que não sabe para onde ir.

O que alguém assim deve fazer? Confiar no nome do Senhor e firmar-se sobre o seu Deus. Em outras palavras, ele deve reconhecer sua própria ignorância, pedir ao Senhor que o guie e depender completamente da orientação divina.

Nosso Deus é um Deus de sabedoria e amor infinitos. Ele sabe o que é melhor para nós e traça apenas o que é para o nosso bem.

Ele sabe, Ele ama, Ele se importa.

Nada pode esta verdade ofuscar.

Ele faz o melhor por aqueles

Que deixam a decisão com Ele.

“Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?” (Mateus 7.9).

Esta pergunta pressupõe uma resposta negativa. Normalmente, um pai não daria uma pedra a seu filho ao invés de um pão. Certamente o Pai Celeste jamais o faria.

Porém, o triste é que nós, às vezes, fazemos exatamente isto. As pessoas vêm até nós com profundas necessidades espirituais. Talvez sejamos insensíveis quanto ao que realmente os está incomodando ou os dispensamos com um “curativo” superficial qualquer ao invés de compartilhar do Senhor Jesus com eles.

E. Stanley Jones ilustra isto com uma história que conta de si mesmo (é preciso ser um homem de valor para contar uma história que revela uma falha pessoal). “Quando os membros do congresso [indiano] em seus poderes recém-adquiridos estavam, às vezes, usando estes poderes para si ao invés de para o bem do país, foi demais para Jawaharlal Nehru suportar. Ele disse que estava pensando em renunciar ao cargo de Primeiro Ministro e afastar-se para recuperar seu espírito interior. Eu o vi nessa época e ao final da entrevista ofereci-lhe um vidro de pastilhas de grãos com todas as vitaminas conhecidas. Ele aceitou o vidro com gratidão, mas acrescentou: ‘Meu problema não é físico’, querendo dizer que era espiritual. Ao invés de oferecer-lhe graça, eu lhe ofereci grãos. Ele pediu pão e eu lhe dei uma pedra... Eu sabia que tinha a resposta, mas não sabia como dizê-la. Eu tive medo de ofender aquele homem de valor. Eu devia ter me lembrado do lema do muro de *Sat Tal Ashram*: ‘Não há lugar onde Jesus Cristo não deva estar’. Mas não o fiz. Lembrei-me de minhas hesitações e elas venceram.

“Eu lhe ofereci partilhas de grãos quando o que ele realmente queria era graça – a graça e o poder que curariam seu coração. Então, ele teria dito: ‘Meu coração foi curado. Agora que venha o mundo – o mundo dos problemas impossíveis. Estou pronto’”.

Temo que a experiência do Dr. Jones seja bastante familiar a muitos de nós. Encontramos pessoas que têm profundas necessidades espirituais. Elas dizem algo que nos dá uma porta escancarada para ministrarmos Cristo a elas. Mas não aproveitamos a situação. Sugerimos um remédio *band-aid* para uma ferida espiritual ou mudamos de assunto para algo de valor trivial.

Oração: Senhor, ajuda-me a aproveitar todas as oportunidades de testemunhar de Ti, de entrar por todas as portas abertas. Ajuda-me a superar minhas hesitações, dando pão e graça onde forem necessários.

14 DE OUTUBRO

*"...e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"
(João 8.32).*

As pessoas muitas vezes citam este versículo, esquecendo-se de que ele é parte de uma promessa condicional. O versículo anterior diz: *"Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos"*. Então segue a promessa: *"E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"*. Em outras palavras, **o poder libertador da verdade depende de permanecermos em Sua Palavra.**

Não basta apenas conhecermos a verdade em um sentido intelectual. Precisamos obedecer e praticá-la. Conforme vivermos segundo os preceitos da Bíblia, seremos libertos de inúmeros males.

Assim que obedecemos ao chamado do Evangelho, somos libertos da culpa e da condenação e apresentados à liberdade dos filhos de Deus.

Então, somos libertos do pecado como nosso mestre. Ele não tem mais controle sobre nossas vidas.

Somos libertos da lei. Não que passemos a viver sem lei, mas que agora vivemos sob a lei de Cristo. A partir disso, somos motivados à santidade pelo amor ao Salvador ao invés de pelo medo de punição.

Desfrutamos da liberdade do medo porque o perfeito amor lança fora todo medo. Deus agora é nosso amoroso Pai celestial, não um Juiz severo.

Estamos livres da escravidão de Satanás. Ele não nos governa de acordo com sua vontade.

Somos libertos da imoralidade sexual, escapando da corrupção que há no mundo pela lascívia.

Estamos livres de falsos ensinamentos. A Palavra de Deus é a verdade e o Espírito Santo guia Seu povo à verdade e os ensina a discernir verdade de falsidade. Aqueles que permanecem em Sua Palavra são libertos de superstições e do domínio de espíritos malignos. Que emancipação – estarmos livres do poder das forças demoníacas!

Somos libertos do medo da morte. Deixando de ser o terror maior, a morte conduz a alma à presença do Senhor. Morrer é lucro.

Somos libertos de hábitos escravizantes, do amor ao dinheiro, da desesperança e do desespero. De agora em diante a linguagem do nosso coração é:

Prostrado aos Teus pés, Senhor Jesus; este é o meu lugar;
Ali aprendi doces lições, verdades que me libertaram.
Livre de mim, Senhor Jesus, livre dos caminhos do homem;
Correntes mentais que me acorrentavam jamais me prenderão novamente.

"Jerusalém, Jerusalém...! Quantas vezes quis eu reunir os seus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas e vós não o quisestes!" (Mateus 23.37).

Isto é chamado de perder oportunidades religiosas. Significa que é oferecida uma graça maravilhosa às pessoas, uma oportunidade gloriosa, mas elas não a aproveitam.

Foi isso que aconteceu com Jerusalém. O Filho encarnado de Deus andou por suas ruas sujas. Suas construções alaranjadas olhavam, do alto, o Criador e Sustentador do Universo. O povo ouviu Suas palavras incomparáveis e O viu fazer milagres que nenhum outro homem jamais havia feito. Mas não reconheceram Seu valor. Não O receberam.

As coisas teriam sido tão melhores para eles se o tivessem feito. As condições seriam como aquelas descritas em Salmos 81.13-16: *"Ah! Se o meu povo me escutasse, se Israel andasse nos meus caminhos! Eu, de pronto, lhe abateria o inimigo e deitaria mão contra os seus adversários. Os que aborrecem ao Senhor se lhe submeteriam e isto duraria para sempre. Eu o sustentaria com o trigo mais fino e o saccaria com o mel que escorre da rocha".*

Isaias também descreve o que poderia ter acontecido. *"Ah! Se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! Então, seria a tua paz como um rio e a tua justiça, como as ondas do mar. Também a tua posteridade seria como a areia e os teus descendentes, como os grãos da areia; o seu nome nunca seria eliminado nem destruído de diante de mim" (Isaias 48.18,19).*

Bret Harte escreveu: "De todas as palavras da caneta e da língua, as mais tristes são 'poderia ter sido assim'".

Pense nos que rejeitaram o chamado do Evangelho. Jesus de Nazaré passou por eles, mas eles não o notaram. Agora vivem vidas vazias e enfrentam uma eternidade de perdição.

Ou lembre dos crentes que ouviram o chamado de Cristo para servir em uma área específica, mas não aceitaram. Eles não têm idéia das bênçãos presentes e recompensas eternas que deixaram passar.

É verdade que, às vezes, a oportunidade bate só uma vez. Embora esteja carregada de tesouros, na hora pode parecer que ela entra em conflito com planos pessoais ou envolve sacrifícios pessoais. Ela representa o melhor de Deus para nós, mas por razões pessoais deixamos a oportunidade passar. Rejeitamos Seu melhor e nos contentamos com o segundo lugar. O tempo todo Ele está dizendo: Eu quis, mas *"vós não o quisestes"*.

16 DE OUTUBRO

"A Ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça" (Romanos 1.18).

Em momentos específicos da história humana, Deus irrompeu em julgamento dos homens para mostrar-lhes Seu extremo desprazer diante de certos pecados que eles haviam cometido. Obviamente, Ele não mata o pecador instantaneamente toda vez que estes pecados são cometidos. Se o fizesse, a população mundial seria drasticamente reduzida. Mas Ele deixou claro, repetidamente, alertando a humanidade de que tamanha impiedade e injustiça não sairão impunes. Se Ele não lidar com isto aqui, certamente o fará na eternidade.

Quando Deus olhou para a terra e viu que estava corrompida e cheia de violência, enviou uma inundação cataclísmica, destruindo o mundo (Gênesis 6.13). Somente oito pessoas escaparam com vida.

Mais tarde, as cidades de Sodoma e Gomorra se tornaram centros de homossexualismo (Gênesis 19.1-13). Sodoma também era culpada de orgulho, de fartura de comida e de uma vida despreocupada (Ezequiel 16.49). Deus revelou Sua ira dos céus em uma chuva de fogo e enxofre sobre estas cidades, entregando-as à destruição perpétua.

"Nadabe e Abiú morreram perante o Senhor, quando ofereciam fogo estranho" (Números 3.4). Eles deveriam ter usado o fogo do altar (Levítico 16.12), mas decidiram acessar a Deus de outra forma. Ao atingi-los com morte instantânea, o Senhor alertou as futuras gerações contra tentativas de acesso a Ele de qualquer outra forma que não a que Ele indicou.

Nabucodonosor, rei da Babilônia, não reconheceu o Altíssimo que reina sobre as questões humanas. Ao invés disto, ele reivindicou todo o crédito pela glória da Babilônia. Deus o puniu com loucura. O rei afastou-se dos homens para viver como um animal nos campos. Ele comeu grama como os bois, seu corpo se molhou com o orvalho dos céus, seu cabelo cresceu como as penas de águias e suas unhas como as garras de pássaros (Daniel 4.33).

Ananias e Safira fingiram fazer um sacrifício total de sua propriedade ao Senhor, mas secretamente guardaram uma parte para si (Atos 5.1-11). Ambos morreram repentinamente como um aviso contra a falsidade na adoração e no serviço.

Algum tempo depois, Herodes aceitou ser louvado ao invés de dar a glória a Deus. Ele foi comido por vermes e morreu (Atos 12.22,23).

Pecadores não devem tomar liberdades no aparente silêncio ou inação de Deus. Só porque Ele nem sempre pune o pecado instantaneamente, não significa que não o punirá no fim. Em ocasiões isoladas ao longo dos anos, Ele deu Seu veredicto e revelou as penalidades conseqüentes.

"Compra a verdade e não a vendas..." (Provérbios 23.23).

Muitas vezes há um preço a ser pago pela obtenção da verdade de Deus e devemos estar dispostos a pagá-lo, seja ele qual for. Uma vez que tenhamos obtido a verdade, não devemos abrir mão dela.

Este versículo não deve ser lido de maneira tão literal, no sentido de comprarmos Bíblias e livros cristãos e não vendê-los sob circunstância alguma. Comprar a verdade significa fazer grandes sacrifícios para alcançar o conhecimento dos princípios divinos. Pode significar hostilidade de sua família, perda de emprego, separação de laços religiosos, perdas financeiras ou mesmo abuso físico.

Vender a verdade significa comprometé-la ou abandoná-la completamente. Jamais devemos estar dispostos a fazer isto.

Em seu livro *Church in the House* (Igreja em Casa), Arnot escreveu: "É uma lei geral da natureza humana que o que vem fácil, vai fácil. O que conquistamos através de grandes dificuldades, seguramos com um punho mais firme, seja nosso dinheiro, seja nossa fé. Aqueles que obtiveram grandes riquezas sem qualquer esforço ou dificuldade muitas vezes as perdem e morrem em pobreza. É raro que um homem que ganha uma fortuna com um esforço gigantesco desperdice a riqueza que ganhou. Da mesma forma, mostre-me o cristão que lutou para pertencer ao cristianismo. Se foi através do fogo e da água que ele chegou ao abundante lugar, ele não deixará sua rica herança facilmente".

Santos de todas as idades deram as costas à família, fama e fortuna para passar pelo portão estreito e caminhar pelo caminho estreito. Como o apóstolo Paulo, eles consideraram todo o resto como perda diante da excelência do conhecimento de Cristo Jesus o Senhor. Como Raabe, eles renunciaram aos ídolos pagãos e reconheceram *Yahweh* como o único Deus verdadeiro, mesmo se isto parecia ser traição para seu próprio povo. Como Daniel, se recusaram a vender a verdade, mesmo que isto significasse ser lançado em uma cova de leões famintos.

Vivemos em uma época em que o espírito dos mártires já foi esquecido há muito tempo. As pessoas preferem abrir mão de sua fé a sofrer por ela. Falta a voz do profeta. A fé está frouxa. Convicções a respeito da verdade são condenadas como dogmatismo. Para alcançar uma aparência de unidade, as pessoas estão dispostas a sacrificar doutrinas fundamentais. Elas vendem a verdade e não a compram.

No entanto, Deus sempre terá aquelas almas escolhidas que valorizam tanto o tesouro escondido que é a verdade, que estão dispostos a vender tudo o que têm para comprá-la e tendo-a comprado, não estão dispostos a vendê-la por preço algum.

18 DE OUTUBRO

“Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais prudente que os idosos, porque guardo os teus preceitos” (Salmo 119.99-100).

Quando lemos estes versículos pela primeira vez, parecem ser palavras de alguém arrogante e imaturo ou de um egotista crescido. Na verdade, ficamos quase surpresos de encontrar tamanha ostentação na Bíblia. Ela parece meio “sub-cristã”.

Entretanto, conforme estudamos os versículos mais de perto, encontramos uma chave que apaga esta dificuldade. O salmista nos dá a razão para a sua compreensão. Ele diz: *“porque medito nos teus testemunhos”*. Em outras palavras, ele está dizendo que tem mais entendimento que todos os seus mestres que não conhecem a Palavra. Ele compreende mais que os idosos cujo conhecimento é puramente secular. Ele não está se contrastando com outros crentes, mas apenas com os homens deste mundo.

Evidentemente, ele está certo! O crente mais humilde consegue ver mais, de joelhos, do que o descrente mais instruído pode ver da ponta de seus pés. Consideremos algumas ilustrações:

- Imagine um líder governamental garantindo ao povo que haverá paz no mundo se certas ações forem tomadas. Em uma vila remota, um fazendeiro cristão ouve o discurso em seu rádio. Ele sabe que jamais haverá paz até que o Príncipe da Paz estabeleça Seu Reino na terra. Somente então os homens transformarão suas espadas em arados e não haverá mais guerra. O fazendeiro tem mais entendimento que o diplomata.

- Pense, então, em um cientista conhecido ensinando que o Universo, como o conhecemos, foi gerado sem ação divina. Assistindo sua aula, há um recém-convertido a Cristo. Pela fé, este aluno entende que o Universo foi formado pela Palavra de Deus, de maneira que o que se vê não foi feito a partir de coisas visíveis (Hebreus 11.3). O aluno tem um conhecimento que o cientista não tem.

- Pensemos, ainda, em um psicólogo que busca explicar o comportamento humano, mas que não está disposto a aceitar o fato de que nascemos em pecado. Um crente, que conhece a Palavra de Deus, percebe que todo homem herda uma natureza má e corrupta e que não reconhecer isto só pode levar a soluções inúteis para os problemas do homem.

Portanto, o salmista não estava cedendo à arrogância quando disse que tinha mais entendimento que todos os seus mestres. Quem caminha pela fé tem uma visão melhor do que os que caminham pelo que vêem. Quem medita nos testemunhos de Deus vê verdades que estão escondidas dos sábios e prudentes.

“Que darei ao SENHOR por todos os seus benefícios para comigo? Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do SENHOR” (Salmo 116.12-13).

Quando se trata da salvação da nossa alma, não há nada que possamos fazer para conquistá-la ou merecê-la. Não temos como fazer com que Deus nos deva nada nem podemos reembolsá-LO de alguma maneira, porque a salvação é um presente de graça.

A reação adequada à oferta gratuita de vida eterna de Deus é, primeiro, tomar o cálice da salvação, isto é, aceitá-lo pela fé. Então devemos clamar o nome do Senhor, ou seja, agradecer e louvá-LO pelo presente indescritível.

Mesmo depois de sermos salvos, não há nada que possamos fazer para pagar o Senhor por todos os Seus favores para conosco. “Mesmo se todo o reino da natureza fosse meu, esta ainda seria uma oferta pequena demais”. No entanto, podemos reagir da forma adequada e está é a coisa mais razoável que podemos fazer. “Amor tão incrível, tão divino, exige minha alma, minha vida, tudo de mim”.

Se o Senhor Jesus entregou Seu corpo por nós, o mínimo que podemos fazer é entregar nossos corpos por Ele.

Pilkington, de Uganda, disse: “Se Ele é Rei, Ele tem direito a tudo”. C. T. Studd disse: “Quando compreendi que Jesus Cristo tinha morrido por mim, não me pareceu difícil abrir mão de tudo por Ele”.

Borden, de Yale, orou: “Senhor Jesus, abro minhas mãos com relação a minha vida. Te coloco no trono do meu coração”.

Betty Scott Stam orou: “Eu entrego a mim, minha vida, tudo em mim, completamente para Ti, para serem Teus para sempre”.

Charles Haddon Spurgeon disse: “Naquele dia, quando me entreguei ao meu Salvador, dei-Lhe meu corpo, minha alma, meu espírito; dei-Lhe tudo o que tinha e tudo o que terei nesta vida e na eternidade. Dei-Lhe todos os meus talentos, minha força, minhas habilidades, meus olhos, meus ouvidos, minha consciência, meus membros, minhas emoções, meu raciocínio, minha humanidade inteira e tudo o que fazia parte dela, qualquer nova habilidade ou capacidade que me fosse dada”.

Por fim, Isaac Watts nos lembra de que “gotas de dor jamais poderão pagar a dívida que tenho” e acrescentou: “Querido Senhor, eu me entrego, é tudo o que posso fazer”.

A paixão de Jesus – Suas mãos e pés ensangüentados, Suas feridas, Suas lágrimas exigem uma reação adequada: O sacrifício de nossas vidas para Ele.

20 DE OUTUBRO

“Suspirou Davi e disse: Quem me dera beber água do poço que está junto à porta de Belém!” (1 Crônicas 11.17).

Belém era a cidade natal de Davi. Ele conhecia bem todas as suas ruas e vielas, o mercado e a comunidade. Porém, agora os filisteus tinham uma guarnição em Belém e Davi estava escondido na caverna de Adulão. Quando três dos seus homens ouviram o anseio de Davi de beber da água do poço de Belém, atravessaram as linhas inimigas e lhe trouxeram a água. Ele se sentiu tão tocado por este corajoso ato de amor e devoção que não pôde beber a água, mas derramou-a como oferta ao Senhor.

Podemos ver Davi aqui como um reflexo do Senhor Jesus. Assim como Belém era a cidade de Davi, também *“ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém”*. Davi deveria estar no trono e, ao invés disto, estava em uma caverna. Da mesma forma, nosso Senhor deveria ser entronizado pelo mundo, mas, ao invés disso, Ele é rejeitado e negado. Podemos ligar o desejo de Davi de tomar daquela água à sede do Salvador pelas almas dos homens em todo o mundo. Ele anseia refrescar-Se ao ver Suas criaturas salvas do pecado, de si mesmas e do mundo. Os três corajosos soldados de Deus representam os intrépidos soldados de Cristo que desconsideraram seu conforto pessoal, conveniência e segurança para realizar o desejo do seu Comandante. Eles levam as boas novas a todo o mundo e, então, oferecem os convertidos ao Senhor como sacrifício de amor e devoção. A reação emotiva de Davi sugere a reação do Salvador quando Ele vê Sua ovelhas se unindo a Ele de toda tribo e nação. Ele vê o fruto do trabalho árduo de Sua alma e fica satisfeito (Isaias 53.11).

No caso de Davi, ele não precisou ordenar, persuadir ou insistir com seus homens. O menor sinal foi tudo o que eles precisavam; eles aceitaram aquilo como uma ordem do seu comandante.

O que devemos então fazer quando sabemos do anseio do coração de Cristo por aqueles a quem Ele comprou com Seu precioso sangue? Precisamos fazer apelos missionários e convites ao altar com maior pressão? Não! Basta ouvi-LO perguntar *“A quem enviarei e quem há de ir por nós?”* Dirão de nós que não estávamos dispostos a fazer por nosso Comandante o que os homens de Davi estavam dispostos a fazer por ele? Ou Lhe diremos: *“Seu menor desejo é uma ordem para mim?”*

“Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado, o caminho que conduz para a vida e são poucos os que acertam com ela” (Mateus 7.13-14).

Quando olhamos para o mundo religioso atual, vemos inúmeras religiões, denominações e seitas. E, no entanto, há somente duas religiões, como sugere nosso texto de hoje. De um lado há a porta larga e o caminho espaçoso, muito usado, que leva à perdição. Do outro, a porta estreita e o caminho apertado, esparsamente utilizado, mas que leva à vida. Todas as religiões podem ser classificadas sob uma ou sob a outra opção. A característica, que distingue as duas é esta: uma religião diz o que o homem precisa fazer para conquistar ou merecer a salvação; a outra diz o que Deus fez para dar a salvação ao homem.

A verdadeira fé cristã é única no sentido de que ela chama os homens a aceitar a vida eterna como um presente pela fé. Todas as outras religiões dizem que é preciso merecer a salvação por obras ou caráter. O Evangelho demonstra como Cristo completou a obra necessária para a nossa redenção. Todos os outros sistemas dizem ao homem o que ele precisa fazer para se redimir. É a diferença entre “a fazer” e “feito”.

A idéia popular é de que pessoas boas vão para o céu e pessoas más vão para o inferno. A Bíblia, porém, ensina que não há pessoas boas e que os pecadores, salvos pela graça de Deus, são os únicos que vão para o céu. O Evangelho cristão elimina o orgulho; ele diz ao homem que não há atos meritórios a serem feitos para ganhar o favor de Deus porque ele está morto em transgressões e pecados. Todas as outras religiões servem ao orgulho do homem, indicando que há algo que ele pode fazer para salvar-se ou para ajudar em sua própria salvação.

Todas as falsas religiões são como o “*caminho que ao homem parece direito*” (*Provérbios 14.12*), mas que termina em morte. A salvação, pela fé em Jesus Cristo, parece “fácil demais” para os homens, mas este é o caminho que leva à vida. Em religiões falsas, Cristo é nada ou apenas algo. Na verdadeira fé cristã, Cristo é tudo.

Em outras religiões não há real certeza da salvação porque a pessoa nunca sabe se já fez ações boas o suficiente ou o tipo certo de boas ações. O crente em Cristo pode saber que é salvo porque não é uma questão de obras dele, mas da obra de Cristo por ele.

Há somente duas religiões – uma da lei, outra da graça. Uma de obras, a outra da fé. Uma de coisas a fazer, a outra de creer. Uma de tentar, a outra de confiar. A primeira leva à condenação e à morte, a segunda, à justificação e à vida.

22 DE OUTUBRO

“Josué, filho de Num, estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés impôs sobre ele as mãos; assim, os filhos de Israel lhe deram ouvidos e fizeram como o SENHOR ordenara a Moisés” (Deuteronomio 34.9).

Uma revelação importante deste versículo é o fato de que Moisés indicou Josué como seu sucessor, sabendo que seu próprio ministério estava chegando ao fim. Ao fazer isto, ele deu um bom exemplo para outros que estão em posição de liderança espiritual. Alguns podem pensar que isto é básico demais para ser enfatizado, mas o fato é que muitas vezes há enormes dificuldades em treinar um sucessor e passar o ministério a ele. Parece haver uma resistência nata à idéia de que somos substituíveis.

Às vezes, isto é um problema que um ancião enfrenta em uma comunidade local. Talvez ele tenha servido fielmente por muitos anos, mas está chegando o dia em que ele não será mais capaz de pastorear o rebanho. No entanto, é difícil para ele treinar um homem mais novo para assumir o seu lugar. Ele pode ver homens mais novos como uma ameaça à sua posição ou pode comparar a inexperiência deles com sua própria maturidade e concluir que não estão aptos. É fácil para esquecer-se do quão inexperiente ele já foi e de como chegou à sua maturidade atual sendo treinado a fazer o trabalho de um supervisor.

Isto também pode ser um problema no campo missionário. O missionário sabe que precisa treinar cristãos locais para assumir posições de liderança. Entretanto, ele considera que eles não saberão fazê-lo tão bem quanto ele. E eles cometem tantos erros... E a freqüência nas reuniões vai cair se ele não der todos os estudos. E eles, de qualquer maneira, não sabem liderar. A resposta a todos estes argumentos é que ele precisa olhar para si mesmo como alguém sujeito a desgaste. Precisa treinar os locais e delegar autoridade a eles até que não seja mais necessária sua liderança, naquela área em particular. Sempre haverá campos não cultivados em outros lugares. Ele jamais precisa ficar sem emprego.

Quando Moisés foi substituído por Josué houve uma transição suave. Não houve um vácuo de liderança. A causa de Deus não sofreu nenhum trauma. É assim que deve ser.

Todo servo de Deus deveria alegrar-se ao ver homens mais jovens assumindo posições de liderança. Eles devem considerar um grande privilégio compartilhar seu conhecimento e experiência com estes discípulos e, então, passar o ministério a eles, antes de serem forçados a fazê-lo pelas mãos da morte. Eles precisam ter a atitude altruísta que Moisés demonstrou em outra ocasião, quando disse: *“Tomara todo o povo do Senhor fosse profeta”*.

“...o Espírito da verdade ...não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (João 16.13-14).

Quando o Senhor Jesus disse que o Espírito Santo não falará por Si mesmo, não quis dizer que o Espírito nunca fará qualquer referência a Si. Ao invés disso, a idéia é que o Espírito não falará de Sua própria autoridade ou independentemente de Deus Pai. Isto é sustentado pelas seguintes palavras: “... dirá tudo o que tiver ouvido”. A versão em inglês *New American Standard Bible*, diz: “Ele não falará por sua própria iniciativa”.

No entanto, tendo dito isto, devemos acrescentar que o Espírito Santo geralmente não fala sobre Si. Um de Seus ministérios característicos é glorificar a Cristo. Jesus disse: “*Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar*”.

Isto significa que, quando ouvimos ministrações que exaltam ao Senhor Jesus Cristo, podemos ter certeza de que são inspiradas pelo Espírito. Por outro lado, quando ouvimos mensagens que glorificam o palestrante ao invés do Senhor, temos certeza de que o Espírito é transtecido. Ele não pode testemunhar a grandeza de Jesus e a grandeza do palestrante ao mesmo tempo.

“O ensino mais espiritual será sempre caracterizado por uma constante e completa apresentação de Cristo. Ele sempre formará o tema principal de um ensino assim. O Espírito não pode habitar em lugar algum a não ser em Jesus. O Espírito tem prazer em falar de Jesus. Tem prazer em anunciar Seus encantos e qualidades. Por isso, quando alguém está ministrando pelo poder do Espírito de Deus, sempre haverá mais de Cristo do que de qualquer outra coisa em seu ministério. Haverá pouco espaço em um ministério assim para a lógica e o raciocínio humanos. O único objetivo do Espírito... será promover a Cristo” (C. H. Mackintosh).

Neste mesmo tema, o mundo evangélico deveria reconsiderar a prática de apresentar seus palestrantes com recitais extravagantes de realizações acadêmicas e honras teológicas. É irrealista exaltar um homem aos céus e então esperar que ele pegue no poder do Espírito Santo.

Um grande teste de ministério escrito é se ele glorifica o Senhor Jesus. Lembro-me de ter lido um livro sobre a Pessoa e a obra do Espírito Santo. A princípio, achei estranho que o autor parecesse ter gasto mais tempo falando das qualidades morais de Cristo do que do Espírito Santo. Então, percebi que isto representava uma visão verdadeira da Pessoa e da obra do Espírito.

Jim Elliot escreveu em seu diário: “Se os homens estivessem cheios do Espírito, não escreveriam livros sobre este assunto, mas sobre a Pessoa a quem o Espírito veio revelar. O foco em Cristo é o tema de Deus, não o estar cheio do Espírito”.

“E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo” (Apocalipse 20.15).

A questão do inferno gera enorme resistência no coração humano. Esta resistência, na maioria das vezes, é expressa através da pergunta: “Como poderia um Deus de amor permitir um inferno eterno?”

Se Paulo estivesse respondendo à pergunta, provavelmente, ele diria, de saída: *“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!”* ou *“Seja Deus verdadeiro e mentiroso, todo homem”*. Tradução: a criatura realmente não tem o direito de questionar o Criador. Se Deus permite um inferno eterno, Ele tem razões válidas para fazê-lo. Não temos o direito de questionar Seu amor ou Sua justiça. No entanto, na Bíblia nos foi dada bastante informação para defender a Deus nesta questão.

Em primeiro lugar, sabemos que Deus não fez o inferno para o homem, mas para o Diabo e seus anjos (Mateus 25.41).

Também sabemos que não é o desejo de Deus que alguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento (2 Pedro 3.9). Se alguém vai para o inferno, é uma grande tristeza para o coração do Senhor.

O pecado do homem é que causa o problema. A santidade, a retidão e a justiça de Deus exigem que o pecado seja punido. O decreto divino é: *“A alma que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18.4)*. Isto não é tirania de Deus. É a única atitude que um Ser Santo pode tomar em relação ao pecado.

Deus poderia ter deixado a questão assim. O homem pecou, portanto, precisa morrer.

No entanto, o amor de Deus interveio. Para que o homem não tenha que perecer eternamente, Ele foi ao maior dos extremos para criar uma maneira de salvação. Enviou Seu único Filho para morrer como um Substituto pelos homens pecadores, pagando o preço por eles. Foi uma graça maravilhosa da parte do Salvador suportar os pecados do homem sobre Seu corpo na cruz.

Agora, Deus oferece a vida eterna como um presente gratuito a todo o que se arrepende de seus pecados e crer no Senhor Jesus Cristo. Ele não salvará pessoas contra sua própria vontade. Elas precisam escolher o caminho da vida.

Francamente, não há nada mais que Deus poderia ter feito. Ele já fez mais do que se poderia esperar. Se os homens recusam Sua oferta gratuita de misericórdia, não há alternativa. Inferno é a escolha intencional daqueles que recusam o céu.

Acusar Deus por permitir um inferno eterno é completamente injusto. Isto ignora o fato de que Ele esvaziou o céu do seu Melhor para que o pior da terra pudesse nunca conhecer as agonias do lago de fogo.

"...há amigo mais chegado do que um irmão" (Provérbios 18.24).

A amizade de Jesus é um tema que desperta uma reação animada no coração do Seu povo por toda parte. Quando estava na terra, Ele foi ridicularizado como um *"amigo de publicanos e pecadores"* (Mateus 11.19), mas os cristãos tomaram o insulto e o transformaram em um título de honra.

Antes de ir para a cruz, nosso Senhor chamou Seus discípulos de "amigos": *"Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer"* (João 15.14,15).

Alguns de nossos hinos preferidos falam a respeito deste tema; por exemplo: *"What a friend we have in Jesus"* (Em Jesus amigo temos); *"There's not a friend like the lowly Jesus"* (Não há amigo como o humilde Jesus); e *"I've found a friend, oh, such a friend"* (Encontrei um amigo, ó, que amigo).

Por que a amizade de Jesus gera uma reação tão emotiva? Creio que a razão primária seja porque muitas pessoas estão solitárias. Podem estar cercadas de outras pessoas, mas não cercadas de amigos ou podem estar grandemente excluídas de interações com outros. Muitas vezes é o que acontece com idosos que vivem mais tempo que seus contemporâneos.

Solidão é cruel. É ruim para a saúde física, mental e emocional das pessoas. Ela corrói sua moral, deixa seus nervos expostos e as deixa cansadas da vida. Ela freqüentemente leva as pessoas a tal desespero que estão dispostas a abrir mão de seus princípios pelo pecado ou a entregar-se a loucuras. Para tais pessoas, a amizade de Jesus vem com as propriedades de cura do bálsamo de Gileade.

Outra razão porque Sua amizade é tão apreciada é que ela jamais falha. Amigos humanos muitas vezes nos decepcionam ou acabam se afastando de nós, mas este Amigo se mostra verdadeiro e fiel.

Amigos terrenos podem nos frustrar e abandonar,
Num dia nos confortam, no outro nos entristecem;
Mas este Amigo jamais nos enganará. Ó, como Ele ama!

Jesus é o Amigo que é mais chegado que um irmão. Ele é o Amigo que ama em todo tempo (Provérbios 17.17).

O fato de que o Senhor Jesus não está presente entre nós de forma física não limita a realidade da Sua amizade. Ele nos fala através da Palavra e falamos com Ele em oração. É desta forma que Ele se torna real para nós como o Amigo de que precisamos. É deste jeito que Ele responde a oração,

Senhor Jesus, torna-Te para mim uma realidade viva e brilhante;
Mais presente à aguçada visão da fé que qualquer objetivo terreno visível;
Mais querido, mais intimamente chegado que até mesmo o mais próximo
laço terreno.

"Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma" (1 Pedro 2.11).

Pedro lembra seus leitores de que eles são peregrinos e forasteiros, um lembrete que nunca foi tão necessário quanto hoje. Peregrinos são pessoas viajando de um país a outro. O país pelo qual estão passando não é o seu, eles são estrangeiros ali. O país para o qual estão indo é a sua casa.

A marca registrada do peregrino é uma tenda. Por isso, quando lemos que Abraão morava em tendas com Isaque e Jacó, devemos entender que ele considerava Canaã uma terra estrangeira (mesmo que lhe tivesse sido prometida). Ele morava em uma habitação temporária *"porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador"* (Hebreus 11.10). O peregrino não é um colonizador. Ele está a caminho.

Por estar embarcando em uma longa jornada, ele viaja com pouco peso. Não se permite ser atrasado pelo peso de grandes posses materiais. Ele não pode se dar ao luxo de carregar bagagens desnecessárias. Precisa desfazer-se de qualquer coisa que dificulte sua mobilidade.

Outra característica do peregrino é que ele é diferente daqueles ao seu redor, que estão em casa. Ele não se amolda ao seu estilo de vida, seus hábitos ou mesmo a suas formas de adoração. No caso do peregrino cristão, isto quer dizer que ele presta atenção ao alerta de Pedro para abster-se de *"paixões carnis, que fazem guerra contra a alma"*. Ele não permite que o seu caráter seja moldado pelo ambiente onde está. Está no mundo, mas não faz parte dele. Ele passa por este país estrangeiro sem adotar suas tradições e valores morais.

Se o peregrino está passando por um território hostil, toma cuidado para não confraternizar com o inimigo. Isto constituiria deslealdade para com seu líder. Ele seria um traidor da causa.

O peregrino cristão está passando por território inimigo. Este mundo não deu nada além de uma cruz e um túmulo ao nosso Líder. Confraternizar com tal mundo é trair o Senhor Jesus. A cruz de Cristo rompeu qualquer laço que nos manteve preso ao mundo. Não desejamos as honras deste mundo nem tememos sua condenação.

O peregrino se mantém em sua jornada pelo conhecimento de que a marcha de cada dia o leva para mais perto de casa. Ele sabe que, uma vez alcançado o seu destino, rapidamente esquecerá todas as dificuldades e perigos do caminho.

"...não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gálatas 3.28).

Ao ler um versículo como este, é tremendamente importante saber o que ele significa e o que não significa. Senão, podemos acabar adotando posturas grotescas que fazem violência ao restante da Palavra e aos fatos da vida.

A chave para este versículo se encontra nas palavras "*em Cristo Jesus*". Estas palavras descrevem nossa posição, isto é, o que somos na perspectiva de Deus. Elas não se referem à nossa prática diária, ou seja, o que somos por nós mesmos ou na sociedade onde vivemos.

O que o versículo está dizendo, então, é que não há judeu nem grego quanto à sua posição diante de Deus. Tanto o crente judeu quanto o crente gentio estão em Cristo Jesus e, portanto, ambos estão em uma posição de favor absoluto diante de Deus. Nenhum dos dois tem vantagem sobre o outro. Isto não quer dizer que estejam anuladas diferenças físicas ou distinções temperamentais.

Em Cristo Jesus, não há escravo nem liberto. O escravo encontra a mesma aceitação através da Pessoa e a obra de Cristo que o homem livre encontra. Ainda assim, no dia-a-dia, as distinções sociais permanecem.

Não há nem homem nem mulher em Cristo Jesus. Uma mulher crente é completa em Cristo, aceita no Amado, justificada gratuitamente – exatamente como o homem crente. Ela tem a mesma liberdade de acesso à presença de Deus.

Porém, não se deve forçar o versículo a se encaixar à vida diária. A distinção sexual continua – macho e fêmea. Os papéis resultantes continuam – pai e mãe. As posições de autoridade designadas por Deus e a submissão a essa autoridade continuam – ao homem é dado o lugar de cabeça e à mulher o lugar de submissão à autoridade do homem. O Novo Testamento especifica até mesmo diferenças entre os ministérios de homens e os de mulheres na Igreja (1 Timóteo 2.8, 2.12; 1 Coríntios 14.34,35). Os que argumentam que não deve haver nem homem nem mulher na Igreja se vêem forçados a distorcer estes versículos, a atribuir motivos indignos ao apóstolo Paulo ou até mesmo a questionar a inspiração de suas palavras nestas passagens.

O que estas pessoas precisam entender é que, embora as diferenças raciais, sociais e sexuais estejam anuladas quando se trata de nossa posição diante de Deus, elas não estão anuladas no dia a dia. Também precisam perceber que estas diferenças nada têm a ver com inferioridade. O gentio, o escravo e a mulher não são inferiores ao judeu, ao liberto ou ao homem. Em muitas maneiras, eles podem até ser superiores. Ao invés de tentar reescrever a ordem de Deus na criação e na provisão, estas pessoas devem aceitá-la e alegrar-se nela.

28 DE OUTUBRO

"A quem dá liberalmente, ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda" (Provérbios 11.24).

Aqui o Espírito Santo nos conta um segredo encantador. Ele é contrário a tudo o que jamais esperaríamos e, no entanto, é invariavelmente verdadeiro. Este é o segredo: quanto mais se dá, mais se tem. Quanto mais se acumula, menos se tem. Generosidade se multiplica. Mesquinhez gera pobreza. "O que dei, eu tenho; o que gastei, eu tinha; o que guardei, perdi".

Isto não quer dizer que você colherá na mesma moeda em que plantou, que o mordomo fiel se tornará financeiramente rico. Ele pode plantar dólares e colher almas. Pode plantar bondades e colher amigos. Pode plantar compaixão e colher amor.

Quer dizer que um homem generoso colhe recompensas que os outros desconhecem. Ele abre sua caixa de correio e descobre que o presente em dinheiro que havia enviado supriu uma necessidade crítica exatamente no momento certo e na quantia correta. Ele aprende que o livro que comprou para um jovem cristão foi usado por Deus para mudar toda a direção de sua vida. Ele ouve que um ato de bondade, que demonstrou no nome de Jesus, foi um elo da corrente da salvação daquela pessoa. Ele fica imensamente feliz. Sua alegria não tem limites. Ele jamais trocaria de lugar com outros que parecem ter mais que ele.

O outro lado da verdade é que o acúmulo leva à pobreza. Realmente, não temos prazer no dinheiro que está guardado no banco. Ele pode nos iludir com uma falsa sensação de segurança, mas não pode nos dar alegria verdadeira e duradoura. Um lucro mínimo qualquer que o dinheiro possa trazer é quase nada quando comparado à empolgação de vê-lo sendo usado para a glória de Cristo e para a bênção dos nossos companheiros. O homem que guarda para si mais do que necessita pode ter uma conta gorda no banco, mas uma alegria pequena nesta vida e um crédito pequeno no banco do céu.

O versículo de hoje não tem como alvo apenas apresentar um princípio bíblico, mas também lançar um desafio divino. O Senhor está nos dizendo: "Prove você mesmo. Deixe seus pães e peixes disponíveis para Mim. Sei que você planejava usá-lo para o seu próprio almoço. No entanto, se os entregar a Mim, haverá o bastante para o seu almoço e para milhares de outros. Você se sentirá mal desfrutando o seu almoço enquanto os outros ao seu redor ficam apenas lá sentados, assistindo-o comer. No entanto, pense na satisfação de saber que usei o seu almoço para alimentar a multidão".

Perdemos o que em nós gastamos
Temos como tesouro infindo
Tudo, Senhor, o que damos a Ti,
Que nos dá tudo.

– Charles Wordsworth

“Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 João 3.17).

Nos círculos médicos, seria impensável ter uma cura para o câncer e não compartilhá-la com os pacientes de câncer de todo o mundo. Esconder a cura demonstraria uma falta de compaixão insensível e desumana.

O apóstolo João faz uma comparação com o mundo espiritual. Imagine um homem, cristão professo, que acumular uma boa quantia de dinheiro. Ele vive com luxo, conforto e despreocupação. Ao seu redor, há um mundo passando por enormes necessidades físicas e espirituais. Milhões, em todo o mundo, jamais ouviram do Evangelho. Eles vivem em escuridão, em superstições, sem esperança. Muitos deles estão sofrendo a devastação de fome, guerras e desastres naturais. O homem rico está cego para toda esta necessidade. Ele consegue bloquear os gemidos de uma humanidade que chora e sofre. Poderia ajudar, se quisesse, mas prefere ficar com seu dinheiro.

É neste ponto que João explode sua bomba. Ele pergunta: “... *como pode permanecer nele o amor de Deus?*” A pergunta sugere, claro, que o amor de Deus não habita nele. E se o amor de Deus não habita nele, há razões válidas para duvidar que ele seja um cristão verdadeiro.

Isto é muito sério! Atualmente as igrejas exaltam o homem rico, o indicam para o quadro de anciãos e o exibem aos visitantes. O sentimento prevalece: “É bom ver cristãos ricos”. Porém, João pergunta: “Se ele é realmente um cristão, como pode guardar para si toda aquela riqueza excedente, quando tantos estão morrendo de fome?”.

Me parece que este versículo nos força a escolher uma de duas formas de agir. Por um lado, podemos rejeitar o significado claro das palavras de João, suprimir a voz da consciência e condenar o homem que ousa pregar a mensagem ou podemos receber a palavra com humildade, usar nossa riqueza para suprir as necessidades de nossos irmãos e ter uma consciência livre de ofensas contra Deus e o homem. O crente que se satisfaz com um padrão de vida modesto para que tudo o mais seja usado na obra do Senhor pode viver em paz com Deus e com seu irmão necessitado.

"Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade" (3 João 4).

O apóstolo João certamente não estava alheio à felicidade de ganhar almas. Levar um pecador ao Senhor Jesus traz tremenda alegria espiritual. Porém, uma alegria maior para João – na verdade, a maior alegria – era ver seus filhos na fé caminhando firmemente com o Senhor.

O Dr. M. R. DeHaan escreveu: "Houve uma época em meu ministério em que muitas vezes disse: 'A maior alegria de um cristão é levar uma alma a Cristo'. Com o passar dos anos, mudei de idéia... Tantos por quem nos alegramos quando tomaram suas decisões logo caíram ao longo do caminho e nossa alegria se transformou em extrema tristeza e pesar. No entanto, voltar a um lugar depois de anos e encontrar 'convertidos' crescendo em graça, caminhando na verdade – esta é a maior alegria".

Quando perguntaram, a LeRoy Eims, o que lhe traz mais alegria que qualquer outra coisa na vida, disse: "É quando a pessoa que você levou a Cristo cresce e se torna um discípulo dedicado, frutífero e maduro, que continua em frente e leva outros a Cristo e os ajuda também".

Não é surpresa que isto seja o que traz mais alegria. A área espiritual tem seus paralelos na natural. Há muita alegria quando um bebê nasce, mas sempre existe a pergunta: "Como ele será?". Quão felizes ficam os pais quando ele amadurece e demonstra ser um homem de excelente caráter e realizações! Lemos, em Provérbios 23.15-16: *"Filho meu, se o teu coração for sábio, alegrar-se-á também o meu; exultará o meu íntimo, quando os teus lábios falarem coisas retas"*.

Uma lição prática, que surge a partir disso tudo, é que não devemos nos satisfazer com métodos superficiais de evangelismo e de discipulado. Se quisermos filhos espirituais que caminhem em verdade, precisamos estar preparados para influenciar suas vidas com o nosso exemplo. Um processo custoso envolvendo oração, instrução, encorajamento, aconselhamento e correção.

"O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe" (Provérbios 10.1).

O que determina se um filho se tornará sábio ou insensato? Quais são os fatores que determinam se ele se tornará um João ou um Judas?

Instrução paterna é, certamente, algo importante a considerar. Isto inclui um fundamento cuidadoso baseado nas Escrituras Sagradas. A influência santificadora da Palavra jamais pode ser exageradamente enfatizada.

Outro fator a incluir é um lar fortalecido pela oração. A mãe de um pregador evangélico brilhante atribuiu sua preservação contra o mal moral e doutrinário ao fato de que ela "desgastou os joelhos em oração por ele".

Significa usar de disciplina firme para que a criança aprenda a obedecer e a submeter-se à autoridade. Ouvimos grandes protestos hoje em dia contra a disciplina rigorosa, mas foram destruídas mais vidas pela indulgência do que pelo uso da vara (Provérbios 13.24; 23.13,14).

Significa dar à criança a segurança de saber que ela é amada. A disciplina deve ser administrada como um ato de amor e não de raiva.

Significa que os pais precisam dar um exemplo vivo do que professam. Hipocrisia na religião tem comprovado ser uma pedra de tropeço para muitos filhos de pais cristãos.

Porém, a vontade da criança também está envolvida. Quando ela sai de casa, está livre para tomar suas próprias decisões. Muitas vezes, crianças criadas na mesma casa e sob as mesmas condições acabam sendo bem diferentes.

Dois fatos da vida precisam ser encarados: um é que a maioria das pessoas precisa experimentar um pouco do mundo por si só. A outra é que a maioria das pessoas prefere aprender através da vergonha e da desgraça ao invés de bons conselhos.

Pais sábios não pressionam seus filhos quanto a professarem sua fé. Se os filhos querem chegar ao Senhor, devem ser encorajados. Mas se forem forçados a uma falsa profissão de fé e então abandonam essa profissão alguns anos depois, torna-se mais difícil ganhá-los para Cristo.

Ainda, se pais cristãos deram o seu melhor tentando criar filhos no temor e na admoestação do Senhor, somente para ver seu filho naufragar depois e aí? Pra começar, eles precisam lembrar-se de que o último capítulo ainda não foi escrito. Nenhum caso é difícil demais para o Senhor. Ao perseverar continuamente em oração e manter os canais de comunicação abertos, muitos viveram para ver seus filhos pródigos voltarem. Em outros casos, as orações dos pais foram respondidas depois que eles mesmos já tinham ido para casa, para estar com o Senhor.

1º DE NOVEMBRO

“Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas” (Eclesiastes 11.6).

Nossa ignorância quanto a como e quando o Senhor usará nossos serviços deveria nos levar a buscar oportunidades, incansavelmente. O Senhor muitas vezes trabalha quando menos esperamos e trabalha em um número infinito de novas maneiras.

Um marinheiro, cristão situado em uma base aérea naval, estava parado em um canto de um hangar testemunhando a um colega. Um terceiro marinheiro, fora de vista e em outro canto, ouviu o Evangelho, arrependeu-se dos seus pecados e se converteu completamente. O colega, a quem o marinheiro cristão estava falando, não reagiu.

Um pregador, testando a acústica de um novo auditório, declarou as palavras de João 1.29: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* Até onde ele sabia, ninguém estava ouvindo. Mais uma vez ele proclamou as palavras eternas de João 1.29: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* O andar térreo estava vazio, mas um operário na primeira galeria foi tocado pela mensagem e voltou-se ao Cordeiro de Deus, pedindo perdão e uma nova vida.

Um professor de teologia americano conversou com um jovem turista americano, em uma estação de trem em Paris. (Ambos vinham da mesma cidade nos Estados Unidos e do mesmo bairro). O jovem ficou irritado com a confrontação. Disse: “Você acha que vai me salvar em uma estação de trem de Paris?” O professor respondeu: “Não, eu não tenho como salvá-lo. Mas nada acontece por acaso na vida. Não é um acidente que tenhamos nos conhecido aqui. Creio que Deus está falando com você e é melhor você ouvir”. Nos dias seguintes, um cristão deu uma carona ao viajante para Viena, testemunhando a ele no caminho. De volta nos Estados Unidos, aquele mesmo cristão convidou-o para ir a uma fazenda cristã no estado do Colorado. No último dia de sua estada na fazenda, o jovem estava sozinho na piscina. Logo outro hóspede juntou-se a ele e falou-lhe calmamente sobre o Senhor e teve a grande alegria de levá-lo ao Salvador. Anos depois aquele professor foi apresentado a um jovem e sedento discípulo, ao final de uma reunião. Seu nome lhe soou familiar. Então ele se lembrou. Era o turista com quem ele havia conversado na estação de trem de Paris.

A lição clara é que devemos ser diligentes por Cristo dia e noite e em todo tempo. Nunca saberemos que golpe quebrará a parede ou que palavra dará vida.

"Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1 Coríntios 15.58).

Não é incomum alguém desanimar em seu serviço para o Senhor e desistir. Suponho que a maioria de nós tenha enfrentado esta tentação em algum momento. Portanto, na leitura de hoje eu gostaria de compartilhar quatro passagens que tem sido um encorajamento tremendo para mim e que tem me impedido de desistir. A primeira é Isaías 49.4: *"Eu mesmo disse: debalde tenho trabalhado, inútil e vãmente gastei as minhas forças; todavia, o meu direito está perante o Senhor, a minha recompensa, perante o meu Deus"*. Há momentos (felizmente raros) em que anos de serviço para o Senhor parecem evaporar até sumir. Todo o nosso trabalho parece ter sido um esforço desperdiçado. Parece ser outro caso de obra de amor perdida. Mas não é assim! Nosso versículo declara que a justiça de Deus garantirá que sejamos majestosamente recompensados. Nada que tenha sido feito para Ele jamais é em vão.

A segunda passagem é Isaías 55.10-11: *"Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei"*. Os que estão comprometidos com a distribuição da Palavra viva de Deus têm a garantia do sucesso. Os resultados são certos. Sua Palavra é irresistível. Assim como os exércitos do mundo são impotentes para impedir que a chuva ou a neve caiam, também todas as legiões de demônios e de homens são incapazes de impedir que a Palavra de Deus avance e produza revoluções em vidas humanas. Estamos do lado vencedor.

Há então o incrível encorajamento de Mateus 10.40: *"Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou"*. Você já foi desprezado por causa de seu testemunho cristão? Ou rejeitado? Ou zombado? Ou abusado? Já fecharam a porta na sua cara? Bom, não leve isto muito para o lado pessoal. Ao rejeitá-lo, as pessoas na verdade estão rejeitando o Salvador. A forma como as pessoas o tratam é a forma como tratam o Senhor. Quão maravilhoso é estar tão intimamente ligado ao Filho de Deus!

Por fim, é claro, há o versículo de 1 Coríntios 15.58 (citado acima). Paulo estava proclamando a verdade da ressurreição. Se esta vida fosse tudo o que existe, então nosso trabalho seria em vão. No entanto, além do túmulo há a glória eterna. Tudo o que foi feito no Nome do Senhor será recompensado lá. Os encorajamentos da Palavra de Deus são o suficiente para impedir-nos de desistir.

3 DE NOVEMBRO

“Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que Lhe pertencem. É mais: Aparte-se da Injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Timóteo 2.19).

Mesmo nos dias dos apóstolos havia grande confusão no mundo religioso. Dois homens, por exemplo, estavam ensinando a bizarra doutrina de que a ressurreição do cristão já havia acontecido. Tal idéia é loucura para nós, mas ela era séria o bastante para derrubar a fé de algumas pessoas. A pergunta surge naturalmente: “Estes homens eram genuinamente cristãos?”

Muitas vezes nos deparamos com a mesma pergunta hoje em dia. Há o reconhecido clérigo que nega o nascimento virginal de Jesus. O professor de seminário que ensina que a Bíblia contém erros. O estudante universitário que afirma ter sido salvo pela graça através da fé, mas afirma firmemente que guardar o sábado é essencial para a salvação. O empresário que fala de uma experiência de conversão, mas continua em uma igreja que adora ídolos, ensina a salvação através dos sacramentos e afirma que seu líder é infalível em questões quanto à fé ou moral. Estas pessoas são cristãs?

Sendo franco, há casos em que não temos como saber com certeza se o cristianismo de alguém é genuíno ou simulado. Entre o verdadeiro e o falso, o branco e o preto, há uma área cinza. Não há como ter certeza quanto a esta área. Somente Deus sabe.

O que é certo em um mundo de incertezas é o fundamento de Deus. Tudo o que Ele constrói é firme e sólido. Há um selo em Seu fundamento e neste selo há duas inscrições. Uma apresenta o lado divino e a outra, o humano. A primeira é declarativa e a segunda é imperativa.

O lado divino é que o Senhor conhece os que são Seus. Ele conhece aqueles que Lhe pertencem genuinamente, mesmo que suas ações não sejam sempre o que deveriam ser. Por outro lado, Ele está ciente de todo o fingimento e hipocrisia, de todos os que têm uma aparência exterior, mas não uma realidade interior. Podemos não ser capazes de distinguir as ovelhas dos bodes, mas Ele é e o faz.

O lado humano é que todos os que conhecem o nome de Cristo devem afastar-se da iniquidade. É assim que se pode provar a realidade de sua profissão de fé. Alguém que continua em pecado perde credibilidade com relação à sua declaração de ser um cristão.

Esta, portanto, deve ser nossa reação quando acharmos difícil distinguir o trigo do joio. O Senhor conhece os que Lhe pertencem. Todos os que afirmarem pertencer a Ele podem demonstrá-lo a outros ao se afastarem do pecado.

“Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão” (1 João 3.10).

Há anos atrás, quase toda casa tinha um grande álbum de fotos da família na sala de estar. Ele tinha uma capa de couro com detalhes dourados em relevo. Uma alça de couro com um fecho saía do lado direito da contracapa até o lado direito da capa da frente, onde o fecho se encaixava perfeitamente. As páginas eram de um papel duro e brilhante, ornado com estampas floridas e beiradas douradas. De cada lado da página havia divisões recortadas onde as fotografias eram inseridas. Quando as visitas folheavam o álbum, muitas vezes comentavam que “José parece muito com seu avô” ou que “Sara certamente tem os traços da família”.

A primeira epístola de João me lembra daquele velho álbum de fotos de família, porque mostra aqueles que são membros da família de Deus e que tem os traços da família. No entanto, aqui se trata de uma questão de semelhança espiritual e moral, ao invés de física.

Há pelo menos oito características em que cristãos são espiritualmente parecidos. A primeira é que eles todos dizem a mesma coisa a respeito de Jesus. Eles confessam que Ele é o Cristo, isto é, o Messias ou Ungido (1 João 4.2; 5.1). Para eles, Jesus e o Cristo são a mesma Pessoa.

Todos os cristãos amam a Deus (5.2). Embora este amor possa, muitas vezes, ser fraco e oscilante, jamais há um momento em que um cristão não consegue levantar seus olhos para o rosto de Deus e dizer: “Eu sei que te amo”.

Todos os cristãos amam a seus irmãos (2.10; 3.10,14; 4.7,12). Esta é a marca registrada de todos os que passaram da morte para a vida. Por amarem a Deus, amam aqueles que são nascidos de Deus.

Aqueles que amam a Deus têm a característica de guardar os Seus mandamentos (3.24). Sua obediência é motivada não por medo de serem punidos, mas por amor Àquele que entregou tudo.

Cristãos não praticam pecado (3.6,9; 5.18). Verdade, eles cometem atos pecaminosos, mas o pecado não é o poder dominante sobre suas vidas. Eles não estão livres do pecado, mas pecam cada vez menos.

Membros da família de Deus praticam a justiça (2.29; 3.7). Não é só que eles habitualmente não pecam – isto poderia ser negativo e passivo. Eles servem, intencionalmente, a outros com ações de justiça – isto é positivo e ativo.

A sétima característica dos membros da família de Deus é que eles não amam o mundo (2.15). Eles percebem que o mundo é um sistema construído pela humanidade em oposição a Deus e, ao serem amigos do mundo, tornam-se inimigos de Deus.

Por fim, cristãos vencem o mundo através da fé (5.4). Eles enxergam, além da falsa aparência das coisas passageiras, até aquilo que é eterno. Vivem pelo que é invisível.

5 DE NOVEMBRO

“...mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé” (1 Timóteo 1.19).

A consciência é um mecanismo monitor, dado ao homem por Deus, para aprovar a conduta correta e protestar contra o que é errado. Quando Adão e Eva pecaram, suas consciências os condenaram e eles viram que estavam nus.

Como todas as outras partes da natureza humana, a consciência foi afetada pela entrada do pecado, nem sempre sendo completamente confiável. A antiga máxima: “Deixa sua consciência ser seu guia” não é uma regra invariável. Entretanto, mesmo tremendamente depravada, a consciência ainda acende seus sinais vermelho e verde.

No momento de sua conversão, a consciência do homem é purificada de obras mortas pelo sangue de Cristo (Hebreus 9.14). Isto significa que ele não depende mais de suas próprias obras para dar-lhe uma posição favorável diante de Deus. Seu coração é liberto de uma consciência culpada (Hebreus 10.22) porque ele sabe que a questão do pecado foi resolvida, de uma vez por todas, através da obra de Cristo. Sua consciência não o condena mais quanto à culpa e condenação do pecado.

A partir dali, o crente deseja manter uma consciência livre de culpa diante de Deus e dos homens (Atos 24.16). Ele deseja ter uma boa consciência (1 Timóteo 1.5,19; Hebreus 13.18; 1 Pedro 3.16) e uma consciência pura (1 Timóteo 3.9).

A consciência do cristão precisa ser educada pelo Espírito de Deus através da Palavra de Deus. Desta forma, ele desenvolve uma sensibilidade cada vez maior para áreas questionáveis na conduta cristã.

Crentes que são escrupulosos demais quanto a questões que não são certas ou erradas, em si mesmas, têm uma consciência fraca. Se seguem em frente e fazem algo que sua consciência condena, pecam (Romanos 14.23) e contaminam suas consciências (1 Coríntios 8.7).

A consciência é, de certa forma, como um elástico. Quanto mais ela é esticada, mais perde sua elasticidade. Ela também pode ser abafada. É possível racionalizar tanto um comportamento errado que se chega ao ponto em que é possível fazer a consciência dizer o que quisermos que ela diga.

Não cristãos têm uma consciência endurecida (1 Timóteo 4.2), como se houvesse sido cauterizada por um ferro quente. Através de uma rejeição contínua da voz da consciência, eles finalmente chegam a um ponto além dos sentimentos. Pecar não dói mais (Efésios 4.19).

Deus responsabiliza os homens pelo que fazem com suas consciências. Não se pode abusar impunemente de uma habilidade dada por Deus.

6 DE NOVEMBRO

“Assim voltarão os resgatados do SENHOR e virão a Sião com júbilo e perpétua alegria lhes coroará a cabeça; o regozilho e a alegria os alcançarão e deles fugirão a dor e o gemido” (Isaías 51.11).

Em seu contexto, esta profecia de Isaías ansiava pelo feliz retorno do povo escolhido de Deus do seu cativeiro de setenta anos na Babilônia.

Ela também pode estar se referindo a ainda-futura restauração de Israel, quando o Messias os trará de todas as partes do mundo à sua terra. Este também será um momento de grande alegria.

Porém, em seu sentido mais amplo, podemos aplicar este versículo ao Arrebatamento da Igreja. Despertados pela voz do Senhor e do Arcanjo e pela trombeta de Deus, os corpos dos redimidos de todas as eras se levantarão de seus túmulos. Cristãos ainda vivos, transformados em um instante, se unirão a eles enquanto se elevam para encontrar-se com o Senhor no Céu. Então começa a grande procissão à casa do Pai.

É bem possível que o caminho todo seja cercado por um exército de anjos. O próprio Redentor estará liderando a procissão, cheio de alegria por Sua vitória gloriosa sobre a morte e o túmulo. Então, vem a multidão dos resgatados, alguns de toda tribo, língua, povo e nação. Dez mil vezes dez mil e milhares de milhares, eles cantam com toda a perfeição musical: *“Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder e riqueza e sabedoria e força e honra e glória e louvor”*.

Cada pessoa da multidão é um troféu da maravilhosa graça de Deus. Cada um foi resgatado do pecado e da vergonha, sendo transformado em uma nova criatura em Cristo Jesus. Alguns passaram por sofrimentos profundos por sua fé, outros entregaram suas vidas pelo Salvador. Porém, agora, todas as cicatrizes e marcas se foram e os santos têm seus corpos imortais e glorificados.

Abraão e Moisés estão ali, além de Davi e Salomão. Também os queridos Pedro, Tiago, João e Paulo. Martinho Lutero, John Wesley, John Knox e João Calvino estão lá. Mas eles não estão mais notáveis agora que os ignorados de Deus, desconhecidos na terra, mas conhecidos nos céus.

Então, os santos marcham até o palácio do Rei. Tristeza e lágrimas não existem mais e há sobre eles uma alegria eterna. A fé se tornou visão e a esperança recebeu sua tão esperada consumação. Entes queridos se cumprimentam com abraços calorosos. Uma alegria impossível de conter vigora. Todos estão maravilhados com a incrível graça que os trouxe das profundezas do pecado para tão grande glória.

7 DE NOVEMBRO

“Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Marcos 5.19).

Logo que somos salvos, achamos que é algo tão simples, tão maravilhoso, que nossos familiares também vão crer no Salvador quando lhes contarmos. Ao invés disto, descobrimos, em alguns casos, que eles ficam ressentidos, desconfiados e hostis. Agem como se os tivéssemos traído. Ao nos encontrarmos em tal ambiente, muitas vezes reagimos de maneira que, na verdade, atrapalha sua aproximação a Cristo. Às vezes, os atacamos de volta, nos tornamos distantes, mal humorados, introvertidos ou, ainda, os criticamos por seu estilo de vida não cristão, esquecendo-nos de que eles não têm o poder divino necessário para alcançar o padrão cristão. Sob estas circunstâncias, é fácil passar-lhes a impressão de que nos consideramos superiores a eles. Já que eles, provavelmente, nos acusarão de uma atitude de “mais santo do que és” de qualquer forma, devemos evitar cuidadosamente de dar-lhes justa causa para fazê-lo.

Outro erro, que muitas vezes cometemos, é forçar o Evangelho garganta abaixo. Em nosso amor por eles e nossa preocupação com suas almas, os afastamos com nosso evangelismo errado.

Uma coisa leva à outra. Deixamos de demonstrar submissão em amor aos nossos pais, como se a nossa fé cristã nos liberasse de qualquer obrigação de obedecê-los. Então, nos ausentamos cada vez mais de casa, gastando tempo em programas da igreja e com outros cristãos. Isto, por sua vez, aumenta seu ressentimento contra a Igreja e os cristãos. Quando Jesus curou o endemoninhado, Legião, lhe ordenou que fosse para casa e contasse a seus amigos sobre as grandes coisas que o Senhor havia feito por ele (Marcos 5.2-20). Esta é a primeira coisa que devemos fazer – dar um testemunho simples, humilde e carinhoso da nossa conversão.

Isto, então, deve ser acompanhado do testemunho de uma vida transformada. Precisamos deixar nossa luz brilhar diante deles para que vejam nossas boas obras e glorifiquem ao nosso Pai que está nos céus (Mateus 5.16).

Isto quer dizer: mostrar nova honra, submissão, amor e respeito por nossos pais, acatando seus conselhos a menos que se oponham à Bíblia. Precisamos ajudar mais em casa do que jamais antes – limpando nossos quartos, lavando a louça, retirando o lixo – tudo isso sem que nos peçam.

Significará ouvir críticas com paciência e sem revidar. Eles ficarão agradavelmente chocados com nosso espírito de quebrantamento, especialmente, se nunca o viram antes. Pequenos atos de bondade ajudarão a amolecer a oposição – cartas de gratidão, cartões, telefonemas e presentes. Ao invés de nos isolarmos de nossos pais, devemos gastar tempo com eles, buscando fortalecer os relacionamentos. Assim, será mais provável que eles aceitem um convite de ir à igreja conosco – e que, eventualmente, comprometam-se com o senhor Jesus Cristo.

*"Cada um permaneça na vocação em que foi chamado"
(1 Coríntios 7.20).*

Quando alguém se torna cristão, pode pensar que precisa interromper completamente tudo o que fazia parte de sua antiga vida. Para corrigir esta idéia, o apóstolo Paulo anuncia uma regra geral de que a pessoa deve permanecer na vocação em que estava no momento de sua conversão. Vamos considerar esta regra e refletir sobre o que ela quer dizer e o que não quer.

Em seu contexto imediato, o versículo se aplica especificamente a um relacionamento conjugal. É o caso onde um dos cônjuges é salvo, mas o outro não. O que o cristão deve fazer? Deve divorciar-se de sua esposa? Não, diz Paulo, ele deve permanecer neste relacionamento conjugal com a esperança de que seu cônjuge se converta através do seu testemunho.

Em geral, a regra de Paulo quer dizer que a conversão não exige uma interrupção violenta ou destruição forçada de qualquer relacionamento ou associação pré-salvação que não esteja explicitamente proibido pela Palavra. Por exemplo, um judeu não precisa recorrer a cirurgias para remover a marca física do seu judaísmo. Nem deve um cristão gentio tampouco submeter-se a mudanças físicas como a circuncisão para distingui-lo dos pagãos. Características ou marcas físicas não são o que realmente importa. O que Deus quer ver é obediência aos Seus mandamentos.

Um homem, que é escravo no momento do seu novo nascimento, não deve rebelar-se contra sua servidão e trazer problemas e punições sobre si. Ele pode ser um bom escravo e um bom cristão ao mesmo tempo. Posições sociais e distinções entre classes não importam para Deus. Entretanto, se um escravo consegue obter sua liberdade através de meios legítimos, ele deve fazê-lo.

Isso basta sobre o significado da regra de Paulo. Deve ficar óbvio que há importantes exceções à regra. Por exemplo, não significa que um homem com uma profissão imoral deva continuar nela. Se alguém for um atendente de bar ou administrar um prostíbulo ou um cassino, ele saberá, por instinto espiritual, que precisa haver uma mudança.

Outra exceção à regra geral tem a ver com associações religiosas. Um novo convertido não precisa continuar em qualquer sistema onde os grandes fundamentos da fé cristã sejam negados. Ele precisa separar-se de qualquer igreja onde o Salvador é desonrado. Isto também se aplica à membresia de clubes sociais onde o nome de Cristo é proibido ou não é bem-vindo. Lealdade ao Filho de Deus exige que um crente abra mão de coisas assim.

Resumindo, então, a regra é que um novo convertido deve permanecer na vocação em que foi chamado, a menos que esta vocação seja pecaminosa ou desonre ao Senhor. Ele não precisa romper ligações do passado a menos que sejam claramente proibidas pela Palavra de Deus.

9 DE NOVEMBRO

"Meus irmãos, qual é o provelto, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?" (Tiago 2.14).

Tiago não diz que o homem do versículo de hoje tem fé. O próprio homem afirma ter fé, mas, se realmente tivesse a fé salvadora, também teria obras. Sua fé é uma questão apenas de palavras e este tipo de fé não salva ninguém. Palavras sem obras estão mortas.

A salvação não é pelas obras. Também não é por fé mais obras. Ao invés disto, é pelo tipo de fé que resulta em boas obras.

Por que, então, Tiago diz no versículo 24 que uma pessoa é justificada por obras? Isto não é uma contradição direta ao ensino de Paulo de que somos justificados pela fé? Na verdade, não há contradição. Ambas as afirmações são verdadeiras. O fato é que há seis aspectos diferentes da justificação no Novo Testamento, como vemos a seguir:

- Somos justificados por Deus (Romanos 8.33) – Ele é quem nos considera justos.

- Somos justificados pela graça (Romanos 3.24) – Deus nos dá a salvação como um presente gratuito e desmerecido.

- Somos justificados pela fé (Romanos 5.1) – recebemos este presente ao cremos no Senhor Jesus Cristo.

- Somos justificados por sangue (Romanos 5.9) – o precioso sangue de Cristo é o preço pago por nossa justificação.

- Somos justificados pelo poder (Romanos 4.25) – o poder que ressuscitou Jesus, nosso Senhor, dos mortos é o poder que torna nossa justificação possível.

- Somos justificados por obras (Tiago 2.24) – boas obras são a evidência externa para todos de que fomos verdadeiramente justificados.

Não basta afirmar ter passado por uma experiência de conversão. Precisamos demonstrá-lo através de boas obras que, inevitavelmente, seguirão o novo nascimento.

Fé é invisível. É uma transação invisível que acontece entre a alma e Deus. As pessoas não conseguem ver nossa fé, mas podem ver as boas obras que são o fruto da fé salvadora. Eles têm motivos para duvidar da nossa fé até que vejam nossas obras.

A boa obra de Abraão foi sua disposição de sacrificar seu filho como uma oferta a Deus (Tiago 2.21). A boa obra de Raabe foi trair seu país (Tiago 2.25). A razão porque estas foram "boas" obras é porque elas demonstraram fé em Deus *Yahweh*. Do contrário, teriam sido más obras, ou seja, assassinato e traição.

O corpo, separado do espírito, está morto. Isto é a morte – a separação do espírito do corpo. Da mesma forma, a fé sem as obras é morta. Ela é inerte, impotente e ineficaz.

Um corpo vivo demonstra que um espírito invisível habita ali dentro. Portanto, boas obras são o sinal certo de que há uma fé salvadora, mesmo que invisível, habitando naquela pessoa.

"...sede fervorosos de espírito..." (Romanos 12.11).

Uma das leis operantes no mundo físico afirma que as coisas tendem a perder o ímpeto, a ceder ou a esgotar-se. Esta não é uma definição científica da lei, mas passa a idéia geral.

Dizem, por exemplo, que o sol está queimando em uma velocidade incrível e que, embora isto possa continuar por muito tempo, seu tempo de existência está diminuindo.

Corpos envelhecem, morrem e voltam ao pó. Um pêndulo, posto em movimento manualmente, perde velocidade e, então, pára. Damos corda em um relógio de parede ou de pulso e logo precisamos fazê-lo novamente. A água quente se esfria até chegar à temperatura ambiente. Metais perdem seu brilho e se tornam foscos. As cores desbotam. Nada dura indefinidamente e não há movimento eterno. Mudança e deterioração afetam tudo.

O próprio mundo está envelhecendo. Falando a respeito do céu e da terra, a Palavra diz que *"eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; também qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados"* (Hebreus 1.11,12).

Infelizmente, parece haver um princípio semelhante no mundo espiritual. Isto também é verdade para indivíduos, igrejas, movimentos e instituições.

Mesmo se alguém começa sua vida cristã de forma brilhante, sempre há os perigos de declínio do zelo, diminuição do vigor e perda de visão. Nos tornamos fracos, complacentes, frios e velhos.

O mesmo se aplica às igrejas. Muitas começaram no topo de um grande mover do Espírito Santo. O fogo continua queimando e brilhando por anos. Então, chega o declínio. A igreja abandona seu primeiro amor (Apocalipse 2.4). A "lua de mel" acaba. O fervor evangelístico dá lugar a cultos rotineiros. A pureza doutrinária talvez seja sacrificada por uma união sem valor. Por fim, um prédio vazio se torna uma testemunha silenciosa da glória que já se foi.

Movimentos e instituições estão sujeitos à deterioração. Eles podem começar com grandes alcances evangelísticos, mas então se tornam tão absortos com o serviço social que o Evangelho é completamente negligenciado. Ainda, às vezes começam com o entusiasmo e a espontaneidade do Espírito, para então cair em rituais frios e em formalidades. Precisamos nos proteger do declínio espiritual. Precisamos experimentar o que Norman Grubb chama de um reavivamento contínuo. No zelo, não podemos ser remissos.

*"Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha"
(Provérbios 18.13).*

Esse versículo destaca uma lição importante: você não tem como tomar uma decisão inteligente até ouvir todos os fatos. Infelizmente, muitos cristãos não esperam até ouvir os dois lados de uma questão. Eles formam uma opinião com base na história de um só homem e, muitas vezes, esta opinião está totalmente errada.

Em 1979, André Mello (nome fictício) era membro do quadro de diáconos de uma igreja evangélica. Ele era extremamente popular. Tinha uma personalidade cativante e extrovertida. Sempre que entrava em uma sala cheia de gente, ela parecia acender-se. Se distinguia por servir aos membros da igreja sempre que eles precisavam de ajuda. Sempre era atencioso com os mais idosos da congregação. Sua esposa e seus dois filhos também estavam envolvidos ativamente na igreja. A família Mello era admirada como uma família modelo.

Foi como uma explosão de bomba, então, quando se ouviu que os anciãos haviam disciplinado André, dispensando-o de suas funções de diácono e pedindo-lhe que se abstivesse de participar do culto de ceia. Amigos correram para defendê-lo e chamaram outros membros da igreja para que se opusessem aos anciãos nesta decisão. Os anciãos estavam em desvantagem, não querendo fazer um anúncio público de tudo o que sabiam. Então, tiveram que ficar sentados enquanto todas as virtudes de André eram elogiadas, sabendo que havia outro lado na história. E tiveram que aceitar considerável abuso no processo.

O que os anciãos sabiam? Sabiam que o casamento de André estava aos pedaços porque ele estava tendo um caso com sua secretária. Sabiam que ele havia desviado fundos da igreja para financiar seu alto nível de vida. Sabiam que ele havia se envolvido com práticas antiéticas em seu trabalho e que seu testemunho no mundo dos negócios era negativo. Também sabiam que ele havia mentido para eles quando o confrontaram com evidências de seus erros.

Ao invés de submeter-se à disciplina dos anciãos, André organizou seus amigos em um desafio público, mesmo correndo o risco de rachar a igreja. Eventualmente, alguns de seus seguidores conversaram com um dos anciãos e souberam alguns dos tristes fatos, mas então tiveram vergonha demais para dar meia volta e, assim, continuaram a lutar em seu favor.

Três lições surgem para nós a partir disto tudo. Primeiro, não tente chegar a uma conclusão sem conhecer todos os fatos. Segundo, se não há como conhecer todos os fatos, guarde sua opinião para si. Por fim, não deixe que laços de amizade o pressionem a defender a injustiça.

“O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina” (Provérbios 18.17).

A primeira parte deste versículo destaca uma falha comum à maioria de nós – invariavelmente, apresentamos as evidências de forma a nos posicionarmos da melhor situação possível. Isto acontece muito naturalmente. Por exemplo, não dizemos fatos que nos causariam danos e nos concentramos em nossos pontos positivos. Nos comparamos a outros cujas falhas são mais óbvias. Passamos a culpa de nossas ações para outros. Afirmamos ter motivações corretas para ações que são evidentemente erradas. Torcemos e distorcemos os fatos até que eles tenham apenas uma leve semelhança com a realidade. Usamos palavras carregadas de emoção para gerar uma imagem mais favorável.

Adão culpou Eva: *“A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore e eu comi” (Gênesis 3.12)*. Eva culpou o Diabo: *“A serpente me enganou e eu comi” (Gênesis 3.13)*.

Saul defendeu sua desobediência em poupar as ovelhas e bois dos amalequitas, afirmando ter sido por motivos espirituais: *“O povo tomou do despojo... para oferecer sacrifício ao Senhor, teu Deus” (1 Samuel 15.21)*. Logicamente, ele também sugeriu que, se havia qualquer culpa, seria do povo e não dele.

Davi mentiu para Aimeleque para conseguir armas, dizendo que *“a ordem do rei era urgente” (1 Samuel 21.8)*. Na verdade, Davi não estava a serviço do rei, ele estava fugindo do rei Saul.

A mulher do poço não disse toda a verdade. Ela disse: *“Não tenho marido” (João 4.17)*. Na verdade, ela tinha tido cinco maridos e agora estava vivendo com um homem com quem não era casada.

E por aí vai! Por causa de nossa natureza caída, herdada de Adão, é difícil sermos completamente objetivos ao apresentar o nosso lado de uma questão. Nossa tendência é nos apresentar de forma mais favorável. Conseguimos ser bondosamente tolerantes quanto ao pecado em nossa própria vida, quando normalmente condenaríamos rigorosamente estes mesmos pecados na vida de outra pessoa.

“O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina”, ou seja, quando outro tem chance de testemunhar, ele dá uma versão mais precisa dos fatos. Ele expõe todas as sutis tentativas de encobrir defeitos e de auto-justificação. Conta a história sem distorções.

No fim das contas, Deus é nosso “outro” – Aquele que traz à luz as coisas ocultas da escuridão e revela os pensamentos e intenções do coração. Ele é a luz e não há trevas. Se quisermos andar em uma comunhão sincera com Ele, precisamos ser honestos e francos em todo o nosso testemunho, mesmo que isso resulte em nossa própria ruína.

"Nada tendes, porque não pedis" (Tiago 4.2).

Um versículo assim levanta uma pergunta interessante: se não temos nada porque não pedimos, que grandes coisas estamos perdendo na vida, simplesmente porque não oramos por elas?

Uma pergunta semelhante surge a partir de Tiago 5.16: *"Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo"*. Se este justo não orar, a consequência não seria que pouco poderia ser feito através dele?

O problema, para a maioria de nós, é que não oramos o suficiente ou que, quando oramos, pedimos muito pouco. Somos o que C. T. Studd chamou de "mordiscadores do possível ao invés de agarradores do impossível". Nossas orações são tímidas e sem imaginação quando deveriam ser corajosas e ousadas.

Deveríamos estar honrando a Deus orando por grandes coisas. Nas palavras de John Newton,

Tu estás indo a um Rei,
Grandes petições leve consigo;
Pois Sua graça e poder são tais,
Jamais se poderia pedir demais.

Quando fazemos isto, não apenas honramos a Deus, mas nos enriquecemos espiritualmente. Ele adora abrir os tesouros dos céus para nós, porém, o versículo de hoje sugere que Ele só o faz como resposta a orações.

Me parece que este versículo responde a uma pergunta que ouvimos muitas vezes. A pergunta é esta: A oração realmente leva Deus a fazer coisas que, do contrário, Ele não faria ou ela simplesmente nos leva a estar em sintonia com o que Ele teria feito de qualquer maneira? A resposta parece clara: Deus faz coisas em resposta a orações que, do contrário, Ele não faria.

Nossa imaginação pode se expandir em duas direções ao considerarmos isto. Primeiro, podemos pensar nos tremendos feitos que vivemos como resultado direto da oração. Tomando emprestadas as palavras de Hebreus 11.33,34, nos lembramos daqueles que *"subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguíram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros"*.

Porém, podemos também pensar do que poderíamos ter feito por Cristo se apenas tivéssemos pedido. Podemos pensar nas promessas extraordinariamente preciosas e formidáveis da Palavra que deixamos de reivindicar. Fomos fracos quando poderíamos ter sido poderosos. Tocamos algumas vidas para Deus quando poderíamos ter tocado milhares ou até milhões. Pedimos lotes quando poderíamos ter pedido continentes. Fomos pobres espirituais quando poderíamos ter sido pessoas influentes. Nada temos, porque não pedimos.

“...quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mateus 20.26-27).

Há dois tipos de grandeza no Novo Testamento e é útil distingui-las. Há uma grandeza associada à posição e outra grandeza associada ao caráter pessoal do indivíduo.

Falando de João Batista, Jesus disse que não havia profeta maior que ele (Lucas 7.28). Aqui, Jesus estava falando da grandeza da posição de João. Nenhum outro profeta teve o privilégio de ser o precursor do Messias. Não quer dizer que João tinha um caráter melhor que qualquer um dos profetas do Antigo Testamento, apenas que a ele foi dada a função singular de apresentar o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Em João 14.28, Jesus disse aos seus discípulos: *“o Pai é maior do que eu”*. Ele quis dizer que Seu Pai era maior pessoalmente? Não, porque todos os membros da Trindade são iguais. Ele quis dizer que o Pai estava entronizado na glória celestial enquanto Ele estava sendo rejeitado e desprezado pelos homens na Terra. Os discípulos deviam ter se alegrado por saberem que Jesus estava voltando para o Pai porque, então, teria a mesma posição gloriosa que o Pai.

Todo cristão tem uma magnífica posição por sua identificação com o Senhor Jesus. Eles são filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo.

No entanto, o Novo Testamento também fala de grandeza pessoal. Por exemplo, em Mateus 20.26,27, Jesus disse: *“Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo”*. A grandeza aqui é uma grandeza de caráter pessoal, demonstrada em uma vida de serviço a outros.

A maioria das pessoas do mundo está interessada apenas na grandeza de sua posição. O Senhor Jesus referia-se a isso quando disse: *“Os reis dos povos dominam sobre eles e os que exercem autoridade são chamados benfeitores” (Lucas 22.25)*. Porém, quando se trata do seu caráter pessoal, elas podem ser completamente desprovidas de grandeza. Podem ser adúlteras, trapaceiras e alcoólatras.

O cristão percebe que a grandeza de posição, sem grandeza de caráter, não vale nada. O que conta é aquilo que a pessoa é por dentro. O fruto do Espírito é mais importante que um lugar alto na escada corporativa. É melhor ser listado entre os santos do que entre as estrelas.

15 DE NOVEMBRO

“...mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam...” (Filipenses 3.13).

Normalmente, quando lemos este versículo, nossa tendência é achar que Paulo estava falando de seus pecados do passado. Ele sabia que estes pecados haviam sido perdoados, que Deus os havia colocado no passado e que o Senhor jamais se lembraria deles novamente. Então, Paulo estava determinado a esquecê-los também e a prosseguir *“para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”*.

Ainda acho que esta é uma aplicação válida do versículo. Mas Paulo não está pensando em seus pecados nesta passagem. Ao invés disto, ele está pensando nas coisas pelas quais ele se orgulhava – sua linhagem, sua religião anterior, seu zelo e sua retidão legal. Agora, estas coisas não significam nada para ele. Ele estava decidido a esquecê-las.

Lembro-me de John Sung, o devoto evangelista chinês, que tinha ido aos Estados Unidos para ser treinado. Agora, estava de volta a caminho da China. Leslie Lyall escreve que “um dia, quando o navio estava chegando ao final de sua viagem, John Sung foi para sua cabine, abriu sua mala, tirou seus diplomas, suas medalhas e os símbolos de sua vida acadêmica e os lançou ao mar, com exceção de seu diploma de medicina, que guardou para satisfazer seu pai. Este, depois, foi emoldurado e pendurado em sua casa. O Rev. W. B. Cole o viu em torno de 1938. O Dr. Sung notou que o Sr. Cole estava olhando para ele um dia e disse ‘coisas assim são inúteis. Não significam nada para mim’”.

“‘É preciso que haja grandes renúncias para haver grandes carreiras cristãs!’, foram palavras escritas por Dr. Denney, possivelmente tendo o Dr. Sung em mente. É provável que o maior segredo da carreira de John Sung tenha sido o fato de ter, num certo dia renunciado assim a todas as coisas que este mundo valoriza”.

Não permita, Senhor, que eu me orgulhe
A não ser na Cruz de Cristo meu Deus;
Todas as coisas vãs que mais me encantam,
As sacrificio ao Seu sangue.

As honras dos homens são coisas passageiras e vazias. Geram alegria por um instante e, então, acumulam poeira por décadas. A Cruz é toda a nossa glória. Tornamos nossa ambição ser agradáveis a Ele, que morreu por nós e ressuscitou. O que importa é ouvir Seu “muito bem!” e ser aceito por Deus. O que importa é estarmos dispostos a renunciar tudo mais para ganhar este prêmio.

“...que os ignorantes e Instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição delas” (2 Pedro 3.16).

O Dr. P. J. Van Gorder costumava contar de uma placa, sobre a porta da oficina de um marceneiro, que dizia: “Aqui se dobra e se torce de todos os jeitos”. Não só os marceneiros são bons nisto: muitos cristãos professos torcem e dobram a Palavra quando lhes convém. Alguns, como diz o nosso versículo, até mesmo deturpam as Escrituras para sua própria destruição.

Somos todos bastante peritos em racionalizar, ou seja, em desculpar nossa desobediência pecaminosa, dando explicações respeitáveis ou designando motivos dignos para nossas ações. Muitas vezes, tentamos dobrar as Escrituras para encaixá-las ao nosso comportamento. Damos razões plausíveis, mas falsas, para a nossa conduta ou atitudes. Aqui estão alguns exemplos:

- Um empresário cristão sabe que é errado ir ao tribunal contra outro crente (1 Coríntios 6.1-8). Porém, quando desafiado quanto a isto, ele diz: “Sim, mas ele estava definitivamente errado e o Senhor não quer que ele saia impune”.

- Jane pretende casar-se com John, mesmo sabendo que ele não é um crente. Quando uma amiga cristã a lembra de que isto está proibido por 2 Coríntios 6.14, ela diz: “Sim, mas o Senhor me disse para casar com ele para levá-lo a Cristo”.

- Carlos e Rute afirmam serem cristãos, no entanto, estão vivendo juntos sem serem casados. Quando um amigo de Carlos chamou sua atenção para o fato de que isto é fornicação e de que nenhum fornicador herdará o reino de Deus (1 Coríntios 6.9,10), Carlos respondeu: “Isto é o que você diz. Estamos profundamente apaixonados um pelo outro e na perspectiva da Deus já somos casados”.

- Uma família cristã vive em luxo e esplendor, apesar do conselho de Paulo de que vivamos de forma simples, felizes com comida e abrigo (1 Timóteo 6.8). Eles justificam seu estilo de vida com a resposta ensaiada: “Nada é bom demais para o povo de Deus”.

- O empresário avarento acumula gananciosamente o máximo de riqueza que consegue. Sua filosofia é: “Não há problema algum no dinheiro. É o amor ao dinheiro que é a raiz de todo o mal”. Nunca lhe ocorre que ele possa ser culpado de amar o dinheiro.

Os homens tentam colocar a melhor interpretação para seus pecados do que as Escrituras permitem e, quando estão determinados a desobedecer a Palavra, esta desculpa é tão boa (ou ruim) quanto qualquer outra.

17 DE NOVEMBRO

“Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal? Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? - diz o SENHOR dos Exércitos” (Malaquias 1.8).

Não havia dúvidas quanto ao que Deus exigia nos animais para o sacrifício. Eles não podiam ter qualquer defeito ou mancha. Ele esperava que Seu povo oferecesse os animais mais valiosos dos seus rebanhos. Deus quer o melhor.

Porém, o que os israelitas estavam fazendo? Estavam oferecendo animais cegos, coxos e enfermos. Os melhores animais gerariam maior lucro no mercado ou eram mais procurados para a reprodução. Então o povo ofereceu o que sobrou, como que dizendo “Qualquer coisa serve para o Senhor”.

Antes de julgarmos os israelitas, desprezando-os escandalizados, precisamos avaliar se nós, cristãos do Século 21, não estamos possivelmente também desonrando a Deus ao não dar-Lhe nosso melhor.

Passamos nossas vidas acumulando riquezas, tentando tornar nossos nomes famosos, vivendo em uma casa de bom nível em um bom bairro, desfrutando das melhores coisas e, então, damos a Deus a “bagana” de uma vida queimada. Nossos melhores talentos vão para os negócios e para nossas carreiras e o Senhor fica com nossas noites ou finais de semana livres.

Criamos nossos filhos para o mundo, encorajando-os a ganhar muito dinheiro, casar-se bem e ter uma casa de prestígio com todas as conveniências modernas. Nunca lhes mostramos a obra do Senhor como uma forma desejável de investirem suas vidas. O campo missionário pode ser bom para os filhos dos outros, mas não para os nossos.

Gastamos nosso dinheiro em carros caros, veículos de recreação, barcos à vela e equipamentos esportivos de alta classe e, então, damos valores insignificantes para a obra do Senhor. Usamos roupas caras e então sentimos aquela euforia, quando doamos as peças que rejeitamos para instituições de caridade.

O que estamos dizendo, na prática, é que qualquer coisa serve para o Senhor, mas que queremos o melhor para nós. E o Senhor está nos dizendo: “Ofereçam isto ao presidente, vejam se ele ficaria feliz com isto”. O presidente se sentiria insultado. Bem, o Senhor também. Por que devemos tratá-lo de uma forma tal que jamais pensaríamos em tratar o presidente?

Deus quer o melhor. Ele merece o melhor. Que nós possamos decidir com toda a sinceridade que Ele terá o nosso melhor.

“...sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mateus 10.16).

Um elemento importante da sabedoria prática é a sensibilidade. Todo cristão precisa aprender a ser sensível. Isto quer dizer que ele precisa desenvolver uma sensibilidade delicada quanto ao que fazer ou dizer de maneira a evitar ofensas e firmar bons relacionamentos. Alguém sensível se coloca no lugar do outro e se pergunta: “O que eu acharia se fizessem ou dissessem aquilo para mim?” Ele tenta ser diplomático, atencioso, educado e a ter discernimento.

Infelizmente, a fé cristã já teve a sua parcela de seguidores insensíveis. Um exemplo clássico foi um barbeiro cristão em uma pequena cidade do centro-oeste dos EUA. Quando um cliente desafortunado entrou na barbearia um dia e pediu para ter sua barba feita, o barbeiro o sentou, amarrou o típico lenço branco em seu pescoço e inclinou a cadeira para trás. No teto o cliente viu as palavras: “Onde você passará a eternidade?” O barbeiro colocou creme em seu rosto generosamente e, enquanto começava a afiar a lâmina no couro, começou seu testemunho evangelístico com a pergunta: “Você está pronto para encontrar-se com Deus?” O cliente saltou da cadeira – toalha, creme de barbear e tudo – e nunca mais apareceu.

Há, então, a história do estudante dedicado que saiu certa noite para evangelizar. Caminhando por uma rua escura, ele viu uma jovem à sua frente, nas sombras. Quando ele aumentou seu ritmo para alcançá-la, ela começou a correr. Ansioso, ele correu atrás dela. Quando ela aumentou a velocidade, ele fez o mesmo. Por fim ela correu até a varanda de uma casa, quase em choque, e começou a mexer em sua bolsa procurando as chaves. Quando ele chegou à varanda ela estava paralisada, com medo demais para gritar. Então, sorridente, ele lhe entregou um panfleto e foi embora, feliz por ter alcançado outro pecador com o Evangelho.

Grande sensibilidade é necessária ao visitar os enfermos. Não ajuda dizer: “Você realmente parece doente” ou: “Conheci alguém com o mesmo problema – e ele morreu”. Quem precisa deste tipo de apoio?

Também precisamos ser sensíveis quando visitamos amigos e parentes de pessoas que faleceram. Não devemos ser como o texano que disse à esposa de um político assassinado: “É imaginar que isto tinha que acontecer no Texas!”

Que Deus abençoe os sábios santos que parecem sempre saber dizer a palavra mais bondosa, mais adequada. E que Deus ensine ao restante de nós a sermos diplomatas sensíveis ao invés de desastrados insensíveis.

“Conheço a tua tribulação, a tua pobreza” (Apocalipse 2.9).

Sete vezes, em Suas cartas às igrejas da Ásia, o Senhor Jesus diz “conheço” e, geralmente, estas palavras são usada em um bom sentido. *“Conheço as tuas obras... o teu labor... a tua perseverança... a tua tribulação... a tua pobreza... o teu amor... a tua fé”*. Nesta palavra “conheço” há enorme conforto, compaixão e encorajamento para o povo de Deus.

Lehman Strauss ressalta que, quando Jesus disse “conheço”, “Ele não estava usando a palavra *ginoske*, que freqüentemente é utilizada no sentido de conhecer progressivamente. Ele usou a palavra *oida*, que sugere um conhecimento completo, conhecer perfeitamente e não apenas de observar, mas por experiência. Embora os santos passando por sofrimentos sejam desconhecidos para o mundo e odiados pelo mundo, eles são conhecidos pelo Senhor e amados por Ele. Cristo conhece a perseguição e a pobreza dos Seus; Ele sabe como o mundo os vê. Muitos santos cansados, enfraquecidos e atribulados já foram fortalecidos e encorajados por esta palavra de três sílabas, “conheço”. Esta palavra, pronunciada por nosso Salvador, toca nossos problemas com o sorriso de Deus e faz com que os sofrimentos deste mundo não possam *“ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Romanos 8.18)*”.

É uma palavra de compreensão. Nosso Sumo Sacerdote conhece as coisas pelas quais estamos passando porque Ele mesmo já passou por elas. Ele é o Homem das dores e conhece aflições. Ele sofreu e foi tentado.

É uma palavra de compartilhamento. Como o Cabeça do corpo, Ele compartilha das provações e perseguições dos membros. “O Homem das dores toma parte em cada pontada que despedaça o coração”. Ele não entende apenas intelectualmente pelo que estamos passando, Ele entende como uma experiência presente. Ele o sente.

É uma palavra de ajuda prometida. Como nosso Intercessor, Ele vem ao nosso encontro para carregar nossos fardos e limpar nossas lágrimas. Ele está ali para cuidar de nossos ferimentos e afastar nossos inimigos.

Por fim, é uma palavra de recompensas garantidas. Ele conhece tudo o que fazemos e sofremos por causa de nossa identificação com Ele. Ele tem um registro cuidadoso de cada ato de amor, obediência e paciência. Um dia, em breve, Ele nos recompensará generosamente.

Se você está passando por um vale de dor e sofrimento neste momento, ouça o Salvador lhe dizer: “conheço”. Você não está sozinho. Ele está com você no vale, o trará em segurança até o outro lado e lhe levará em segurança até o seu destino desejado.

“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Colossenses 2.8).

A palavra “filosofia”, basicamente, significa amor pela sabedoria, embora tenha adquirido outro significado, isto é, o de uma busca pela realidade e pelo propósito da vida.

A maioria das filosofias humanas é expressa em um linguajar complicado e pretensioso. Estão além da capacidade do homem comum. Apela a aqueles que gostam de usar suas habilidades intelectuais para revestir especulações humanas de palavras difíceis de entender.

Francamente, as filosofias humanas são inadequadas. Um autor as chama de “intelectualismo e besteiras pretensiosas”. Elas se baseiam em idéias humanas quanto à natureza das coisas e desconsideram Cristo. Mesmo um filósofo famoso como Bertrand Russel disse, ao fim de sua vida: “Para mim a filosofia se mostrou uma decepção”.

Um cristão sábio não se deixa levar pelas besteiras pretensiosas do intelectualismo moderno. Ele se recusa a prostrar-se diante do altar da sabedoria humana. Ao invés disto, ele percebe que todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento se encontram em Cristo. Ele testa cada filosofia humana em contraste com a Palavra de Deus e rejeita tudo o que é contrário às Escrituras.

Ele não se abala quando os filósofos criam manchetes com novos ataques à fé cristã, pois tem o discernimento maduro de perceber que não poderia esperar nada melhor deles.

Ele não se sente inferior por não poder conversar com filósofos, usando palavras de inúmeras sílabas ou acompanhá-los em seus raciocínios intrincados. Ele desconfia de sua incapacidade de passar sua mensagem de forma simples e se alegra porque o Evangelho é tal que peregrinos e ignorantes conseguem compreendê-lo.

Ele detecta a sedução da serpente nas filosofias modernas: “...e sereis como Deus” (*Gênesis 3.5 – ARC*). O homem é tentado a exaltar sua mente acima da mente de Deus, mas um cristão sábio rejeita a mentira do Diabo. Ele rebaixa o raciocínio humano e tudo o mais que exalte a si mesmo acima do conhecimento de Deus (2 Coríntios 10.5).

21 DE NOVEMBRO

“...para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Filipenses 2.10-11).

Que cena! Todo joelho no Universo se dobrando ao santo Nome de Jesus! Toda língua confessando que Ele é Senhor! Deus o decretou e certamente acontecerá.

Isto não é uma salvação universal. Paulo não está sugerindo aqui que todos os seres criados eventualmente aceitarão a Cristo como o Senhor de suas vidas. Ao invés disto, ele está dizendo que aqueles que se negarem a esta grande confissão nesta vida serão forçados a fazê-la na próxima. Todos os seres criados eventualmente reconhecerão a verdade sobre Jesus Cristo. Haverá uma submissão universal.

Em uma de suas mensagens, “Jesus é o Senhor”, John Stott disse: “Durante a coroação de Sua Majestade, a Rainha, na Abadia de Westminster, um dos momentos mais tocantes foi quando a coroa estava prestes a ser colocada sobre sua cabeça e o Arcebispo de Canterbury, Chefe de Estado do país, conclamou quatro vezes, voltado para cada ponto do compasso da Abadia – norte, sul, leste e oeste: ‘Senhores, eu lhes apresento a Rainha incontestável deste reino. Vocês estão dispostos a prestar-lhe reverência?’ A coroa foi colocada sobre sua cabeça somente depois que um grande grito de confirmação ressoou quatro vezes pela nave da Abadia de Westminster”.

Então, John Stott acrescentou: “Eu lhes digo nesta noite, senhoras e senhores: ‘Eu lhes apresento Jesus Cristo como seu Rei e Senhor incontestável. Vocês estão dispostos a prestar-Lhe reverência?’”

Esta pergunta insistente ressoa através dos séculos. De muitos, parte o grito de confirmação: “Jesus Cristo é nosso Senhor”. De outros, a resposta desafiadora é: “Não aceitaremos que este homem reine sobre nós”. O punho cerrado um dia será forçado a abrir-se e os joelhos até aqui inflexíveis se prostrarão Àquele cujo Nome está acima de todo nome. A tragédia é que então será tarde demais. O dia da graça do Senhor terá terminado. A oportunidade de confiar no Salvador dos pecadores terá passado. Aquele, cujo Senhorio foi rejeitado, se tornará o Juiz, sentado sobre um grande Trono Branco.

Se Ele não é seu Senhor hoje, confesse-O como tal. Esteja disposto a prestar-lhe reverência!

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor..." (1 Coríntios 13.1).

Depois que uma jovem soprano teve sua estréia no palco de uma ópera, um crítico escreveu que seu desempenho brilhante teria sido melhor se ela já tivesse amado. Ele detectou a ausência de amor. Aparentemente, seu canto estava tecnicamente correto, mas lhe faltava fervor.

Nós também podemos viver nossas vidas fazendo tudo segundo as regras. Podemos ser honestos, confiáveis, justos, generosos, enérgicos e humildes. No entanto, nem todas estas virtudes podem compensar a falta de amor.

Muitos de nós temos dificuldade em saber como dar e aceitar amor. Li recentemente a respeito de uma celebridade que sabia "fazer de tudo, exceto expressar o que sentia pelas pessoas que amava".

Em seu livro *People in Prayer* ("Povo em Oração", em tradução livre), John White escreveu: "Por muitos anos tive medo de ser amado. Não me importava de dar amor (ou o que achava que era amor), mas ficava inquieto se qualquer um - homem, mulher ou criança - demonstrasse muita afeição por mim. Em minha família jamais aprendemos a lidar com o amor. Não tínhamos muita experiência em demonstrá-lo ou aceitá-lo. Não estou dizendo que não nos amávamos ou que não conseguíamos encontrar formas de demonstrá-lo, mas éramos muito "ingleses". Quando tinha dezenove anos e estava saindo de casa para lutar na guerra, meu pai fez algo inédito. Ele pôs suas mãos em meus ombros e me deu um beijo. Fiquei chocado. Não soube o que dizer ou o que fazer. Para mim foi muito embaraçoso, enquanto que, para meu pai, deve ter sido muito triste".

Certa vez White teve um sonho: Cristo apareceu diante dele com Suas mãos marcadas pelos pregos estendidas para ele. A princípio, ele não sabia como fazer para aceitar o amor de Cristo. Então ele orou: "Ó, Senhor, quero segurar Suas mãos, mas não consigo".

"Depois disso, me sobreveio uma certeza de que a muralha de defesa que eu tinha construído ao meu redor seria gradualmente destruída e que eu aprenderia o que significa permitir que o amor de Cristo me envolvesse e preenchesse".

Se construímos muralhas de defesa ao nosso redor, impedindo o fluir de amor de nós e para nós, precisamos deixar que o Senhor destrua estas muralhas e nos liberte dos medos que nos tornam cristãos distantes.

23 DE NOVEMBRO

"...o caminho do infiel é áspero" (Provérbios 13.15b - NVI).

Se fosse necessário ter provas de que o caminho dos pérfidos é intransitável ou áspero, só precisaríamos pegar um jornal qualquer e encontraríamos inúmeras ilustrações. Fiz isso apenas como uma experiência e aqui estão os resultados:

- Um criminoso de guerra nazista, que havia fugido para a América do Sul para não ser encontrado ou capturado, cometeu suicídio depois de 35 anos. O medo de um julgamento e de uma provável execução tornou o viver algo insuportável.

- Um homem de 74 anos foi sequestrado à mão armada por três homens que exigiam um resgate de US\$ 90.000 de seu filho. O filho era um traficante conhecido, fugitivo da polícia e dos agentes federais naquela época.

- Um membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos foi expulso da Câmara por aceitar suborno em troca de uma promessa de favor político. Parece que sua expulsão do Congresso será permanente.

- Rebeldes afegãos lutavam continuamente contra tropas invasoras russas. As notícias dos jornais não mencionavam o fato de que, anteriormente, o governo afegão havia demolido o prédio da única igreja cristã do país. Será que a invasão russa era uma retribuição divina?

- Um capitão da polícia declarou, falsamente, que seu carro havia sido roubado. Ele esperava conseguir o dinheiro do seguro. Antes, ele era considerado um oficial excelente e um provável candidato a chefe de polícia. Agora, ele havia sido desligado da força e estava esperando a investigação criminal.

Às vezes nós, como o salmista, somos tentados a invejar os perversos. Parece que o mundo é seu palco e tudo dá certo para eles. Entretanto, esquecemos que eles colhem os inevitáveis frutos de culpa, vergonha e medo de serem expostos. Eles, muitas vezes, se tornam vítimas de chantagem e extorsão. Temem por suas vidas e pelas de seus familiares. Precisam manter sistemas de proteção elaborados e caros. Enfrentam a probabilidade de detenção, processos caros e multas ou prisão. A vida se torna um pesadelo ao invés do sonho que eles esperavam.

Um homem que aprendeu bem a lição disse a Sam Jones, o pregador, com profunda convicção: "Conheço um versículo da Palavra e sei que ele é verdade: '*O caminho do infiel é áspero*'. Ele havia comprovado que as conseqüências naturais do pecado são inescapáveis e extremamente desagradáveis.

“Então, começou ele a praguejar e a jurar” (Mateus 26.74).

Certo dia, um bispo estava caminhando em seu jardim, meditando sobre as atividades da semana que havia passado. Quando a memória de um incidente muito embaraçoso passou por sua cabeça, ele soltou uma lista de xingamentos que eram, no mínimo, fortes. Um de seus paroquianos, caminhando do outro lado do alto muro do jardim, ouviu o linguajar impróprio e suspirou incrédulo.

Foi um caso de profanação pessoal – uma luta dolorosa na vida de muitos dedicados filhos de Deus. Centenas sofrem sob a opressão deste hábito terrível, percebendo o quão desonroso ele é para o Senhor e o quanto ele mancha suas próprias vidas. Ainda assim todos os seus esforços para quebrar este hábito se mostram infrutíferos.

Estas palavras indesejadas geralmente brotam quando se está sozinho (ou se pensa que está) e sob tensão nervosa. Às vezes, são a expressão audível de uma ira reprimida. Às vezes, são um desabafo da nossa frustração. No caso do bispo, foi sua reação natural à humilhação de passar vergonha.

Ainda pior que a agonia da profanação pessoal é o medo de que algum dia estas palavras vão escapar em público ou quando dormimos ou quando estivermos anestesiados no hospital.

Este velho hábito voltou a Pedro na noite do julgamento do Salvador. Quando foi identificado como um dos companheiros de Jesus na Galiléia, ele O negou com pragas e juramentos (Mateus 26.74). Ele jamais o teria feito se estivesse relaxado, mas agora estava em perigo e sob ameaças extremas e as palavras surgiram com toda a facilidade como nos seus dias antes de converter-se.

Apesar de nossas melhores intenções e mais determinadas resoluções, as palavras escapam antes de termos chance de pensar. Nos pegam completamente desprevenidos.

Devemos nos desesperar, achando que jamais derrotaremos este Golias em nossas vidas? Há a promessa de vitória sobre isto, assim como sobre todas as tentações (1 Coríntios 10.13). Primeiro, precisamos confessar e abandonar o pecado toda vez que cairmos. Então precisamos clamar a Deus para colocar um guarda diante de nossos lábios. Precisamos pedir poder para responder às circunstâncias desfavoráveis da vida com equilíbrio e calma. Às vezes, o ato de confessar esta luta a outro crente ajuda a destruir este poderoso hábito. Por fim, precisamos sempre nos lembrar de que, embora outros talvez não ouçam estas palavras na terra, nosso Pai nos céus as ouve. A lembrança de quão ofensivas elas são para Ele deve servir como um poderoso filtro para nós.

25 DE NOVEMBRO

“...e sede agradecidos” (Colossenses 3.15b).

Um coração grato dá brilho à vida. Ao final de um jantar, um dos filhos disse: “Essa foi uma boa janta, mãe”. Este comentário criou uma nova sensação de afeto em uma casa já feliz.

Muitas vezes nos esquecemos de expressar nossa gratidão. O Senhor Jesus curou dez leprosos, mas somente um voltou para agradecer e este era samaritano (Lucas 17.17). Surgem duas lições. Gratidão é algo raro em um mundo cheio de homens caídos e, quando ela se faz presente, muitas vezes vem das fontes menos esperadas.

É fácil ficarmos magoados quando demonstramos bondade para com os outros e eles nem sequer tem a educação de dizer “obrigado”. Seguindo a mesma linha, precisamos perceber como outros se sentem quando deixamos de expressar gratidão por favores recebidos.

Mesmo um exame superficial da Bíblia revela que ela é cheia de exortações e exemplos de gratidão a Deus. E temos tantas coisas pelas quais agradecer a Ele; jamais poderíamos enumerá-las. Nossas vidas inteiras deveriam ser salmos de gratidão a Ele.

Dez mil, milhares preciosos presentes
A cada dia pedem minha gratidão;
Quem prova estes presentes com alegria
É o meu insignificante, mas feliz, coração.

E devemos também cultivar o hábito de expressar gratidão uns aos outros. Um caloroso aperto de mão, um telefonema ou uma carta – como levantam os ânimos! Um médico idoso recebeu um bilhete de agradecimento junto com o pagamento de um de seus pacientes. Ele guardou aquele bilhete entre suas posses mais preciosas; era o primeiro que ele recebia em toda sua vida.

Devemos ser rápidos para expressar gratidão por presentes, por hospitalidade, por caronas, pelo empréstimo de ferramentas ou de outros equipamentos, por ajuda em nossos projetos, pela bondade e pelo serviço que nos for demonstrado.

O problema é que, muitas vezes, não vemos o valor destas coisas ou somos indisciplinados demais para sentar e escrever uma carta. Neste caso, precisamos criar o hábito de agradecer, desenvolvendo uma consciência de tudo pelo que podemos ser gratos e, assim, nos treinando para reconhecer estas coisas rapidamente. A prontidão do reconhecimento dobra a gratidão.

"Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é feliz" (Provérbios 29.18).

A primeira parte do versículo de hoje é *"Não havendo profecia, o povo se corrompe"*. Isto geralmente é interpretado no sentido de que as pessoas precisam ter alvos pelos quais lutar, precisam ter um programa definido em mente com uma imagem clara dos resultados desejados e dos passos que os levarão até lá.

No entanto, a palavra "profecia" aqui significa "revelação de Deus". E a palavra "corrompe" quer dizer "estar sem restrições". Então, a idéia é que quando a Palavra de Deus não é conhecida e respeitada, as pessoas se perdem.

O contraste é encontrado na segunda metade do versículo: *"...o que guarda a lei, esse é feliz"*. Em outras palavras, o caminho da bênção está em obedecer à lei de Deus do modo como ela se encontra na Palavra.

Vamos pensar sobre a primeira parte do versículo. Quando as pessoas abandonam o conhecimento de Deus, ficam desenfreadas em sua conduta. Imagine, por exemplo, que uma nação se volte contra Deus e explique tudo com base na teoria do processo evolutivo. Isto significa que o homem é o resultado de processos puramente naturais e não a criação de um Ser sobrenatural. Sendo assim, não há uma base para valores éticos. Todo o nosso comportamento é o resultado inevitável de causas naturais. Como Lunn e Lean destacam em *The New Morality* ("A Nova Moralidade", em tradução livre): "Se a primeira célula viva evoluiu através de um processo puramente evolutivo na superfície de um planeta sem vida, se a mente do homem é somente o produto de forças naturais e materiais como um vulcão, é tão irracional condenar os políticos sul-africanos pelo *apartheid* quanto condenar um vulcão por expelir lava".

Se a Palavra de Deus é rejeitada, não há princípios absolutos de certo e errado. Verdades éticas dependem dos indivíduos ou dos grupos que as sustentam. As pessoas se tornam os juizes de sua própria conduta. Sua filosofia é: "Se me agrada, eu faço". O fato de que "todo mundo faz" se torna razão suficiente.

Assim, as pessoas ficam sem restrições. Elas se entregam à imoralidade, ao adultério e ao homossexualismo. O crime e a violência aumentam em proporções alarmantes. A corrupção se espalha nos negócios e no governo. Mentir e enganar são comportamentos aceitos. A estrutura da sociedade se desintegra.

"...mas o que guarda a lei, esse é feliz". Mesmo quando o restante do mundo vive descontrolado, o crente pode encontrar a boa vida na crença e na obediência à Palavra de Deus. É o único jeito.

27 DE NOVEMBRO

*"Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!"
(Apocalipse 22.20).*

Conforme nos aproximamos do fim desta era, imagina-se que muitos abandonem a esperança da volta iminente de Cristo. Porém, a verdade permanece, quer as pessoas creiam nela, quer não.

O fato é que o Senhor Jesus pode chegar a qualquer momento. Não sabemos o dia ou a hora da volta do Noivo para buscar Sua noiva; isto quer dizer que Ele poderia vir hoje. Não há mais profecias que precisem ser cumpridas antes de ouvirmos Seu grito, a voz do Arcanjo e a trombeta de Deus. Verdade, a Igreja sabe que tem que enfrentar tribulações durante seu tempo na Terra, mas os horrores do período da Tribulação não são parte do seu destino. Se a Igreja tiver que passar pela Tribulação, isto quer dizer que o Senhor não virá por pelo menos sete anos, porque certamente não estamos na Tribulação agora e quando ela vier, durará sete anos.

Há um grande número de versículos na Palavra que nos ensinam a estar sempre preparados para o aparecimento do Salvador. Veja os seguintes:

"...mais perto do que quando no princípio cremos" (Romanos 13.11).

"Vai alta a noite e vem chegando o dia..." (Romanos 13.12).

"Perto está o Senhor" (Filipenses 4.5).

"Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará" (Hebreus 10.37).

"...a vinda do Senhor está próxima" (Tiago 5.8).

"Eis que o juiz está às portas" (Tiago 5.9).

"O fim de todas as coisas está próximo" (1 Pedro 4.7).

Estes versículos parecem ter sido criados para gerar a impressão mental de que a vinda do Senhor é iminente. É um evento que precisamos estar vigiando e aguardando. Devemos estar ocupados servindo-O, cumprindo fielmente nosso papel de mordomos.

R. A. Torrey disse certa vez: "O retorno iminente do nosso Senhor é o grande argumento bíblico para uma vida de serviço pura, altruísta, devota e não mundana. Em grande parte das nossas pregações estimulamos as pessoas a viverem vidas santas e a trabalhar diligentemente porque a morte está chegando cada vez mais perto, mas este nunca foi o argumento da Bíblia. O argumento bíblico é sempre que Cristo está vindo: esteja pronto quando Ele chegar".

Nossa responsabilidade está clara. Nosso corpo precisa estar cingido, nossas candeias precisam estar acesas e devemos ser como aqueles que esperam por seu Senhor (veja Lucas 12.35-36). Não podemos ceder àqueles que ensinam que não temos o direito de esperá-LO a qualquer momento. Ao contrário, devemos crer em Seu retorno iminente, ensinar a respeito dele com entusiasmo e deixar que a verdade brilhe sobre nossas vidas.

"Mas, pela graça de Deus, sou o que sou..." (1 Coríntios 15.10a).

Uma das agonias auto-infligidas da vida é tentar ser alguém que Deus nunca quis que você fosse. Todos somos criações únicas de Deus. Como já foi dito: "Quando Ele nos fez, jogou o molde fora". Ele nunca quis que tentássemos mudar isto.

Maxwell Maltz escreveu que "você, como indivíduo, não está em uma competição com qualquer outro indivíduo, simplesmente porque não há outra pessoa como você na face da terra ou em sua classe específica. Você é um indivíduo. Você é único. Você não é 'igual' a qualquer outra pessoa e jamais se tornará 'igual' a qualquer outra pessoa. Você não foi criado para ser como alguém mais e ninguém mais foi criado para ser como você".

"Deus não criou uma pessoa modelo e de alguma forma a etiquetou com 'é isso'. Ele fez cada ser humano singular e único da mesma forma como fez cada floco de neve singular e único".

Cada um de nós é o produto da sabedoria e do amor de Deus. Ao nos fazer do jeito que somos, Ele sabia exatamente o que estava fazendo. Nossa aparência, nossa inteligência e nossos talentos representam o que Ele tem de melhor para nós. Qualquer um com conhecimento infinito e amor infinito teria feito o mesmo.

Assim, desejar ser outra pessoa é um insulto para Deus. Isto implica que Ele cometeu um erro ou nos negou algo que teria sido bom para nós.

Anelar ser como outra pessoa é fútil. Há um propósito na forma como Deus nos fez e naquilo que Ele nos deu. É claro que podemos imitar as virtudes de outras pessoas, mas aqui estamos falando de quem somos, enquanto criação de Deus.

Se vivermos insatisfeitos com o projeto de Deus para nossas vidas, seremos paralisados por sentimentos de inferioridade. No entanto, não é uma questão de inferioridade. Não somos inferiores – apenas singulares e únicos.

Tentar ser outra pessoa está fadado ao fracasso. É tão impensável quanto um dedo tentar fazer o trabalho de um coração. Nunca foi o projeto de Deus e simplesmente não funcionará.

A atitude correta é dizer, junto com Paulo: *"Pela graça de Deus, sou o que sou" (1 Coríntios 15.10)*. Devemos nos alegrar pelo projeto exclusivo de Deus que somos e decidir usar o que somos e temos, ao máximo, para Sua glória. Há muitas coisas que não seremos capazes de fazer, mas há outras coisas que conseguimos fazer e outros não conseguem.

29 DE NOVEMBRO

"Eu nada posso fazer de mim mesmo..." (João 5.30).

O Senhor Jesus diz duas vezes, em João 5, que não pode fazer nada de Si mesmo. No versículo 19, Ele diz: *"Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo..."*. E, então, mais uma vez nos versículo 30, Ele o diz: *"Eu nada posso fazer de mim mesmo..."*

Quando lemos estes versículos pela primeira vez, podemos nos sentir decepcionados. Eles parecem dizer que Jesus era limitado em Seus poderes, assim como nós. Mas, se Ele era Deus, como afirmava ser, Ele devia ser Onipotente. Como Ele pode dizer que não pode fazer nada de Si mesmo? De fato, os inimigos do Evangelho já usaram estes versículos para mostrar que Jesus era apenas um homem com todas as limitações da humanidade.

No entanto, olhe mais de perto! Nosso Senhor não estava falando de poder físico. O que estava enfatizando era que Ele era tão devoto à vontade do Seu Pai que não podia fazer nada por iniciativa própria. Ele era tão moralmente perfeito que não agia de acordo com Sua própria vontade. Ele não queria fazer nada além da vontade de Deus.

Eu e você não podemos dizer que não podemos fazer nada de nós mesmos. Muitas vezes agimos independentemente do Senhor. Tomamos decisões sem consultá-LO. Cedemos à tentação, totalmente cientes de que estamos pecando. Escolhemos a nossa própria vontade antes da dEle. O Senhor Jesus não conseguia fazer nenhuma destas coisas.

Portanto, ao invés de sugerir que Jesus Cristo era finito e fraco, os versículos provam o contrário – que Ele era divinamente perfeito. Isto se torna claro quando lemos os versículos inteiros, ao invés de parar na metade. O que Jesus disse no versículo 19 foi *"...o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz"*. Em outras palavras, o Filho não pode agir independentemente do Pai, mas pode fazer tudo o que o Pai faz. É uma afirmação de igualdade entre Ele e Deus.

Novamente, no versículo 30, Jesus disse: *"Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade e sim a daquele que me enviou"*. Isto quer dizer que Ele tomava decisões somente com base nas instruções que recebia de Seu Pai e que Sua submissão completa à vontade de Deus garantia que estas decisões eram as certas.

J. S. Baxter destaca que esta passagem contém sete afirmações diferentes de Cristo declarando ser igual a Deus. Igual: em obras (v.19); em conhecimento (v.20); em ressurreição (v.21,28-29); em julgamento (v.22,27); em honra (v.23); em regeneração (v.24,25); em auto-suficiência (v.26). Nosso Salvador não é uma criatura fraca e frágil com poder limitado, mas o Deus Onipotente manifesto na carne.

“Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. ...Porque cada um levará o seu próprio fardo” (Gálatas 6.2,5).

Uma leitura rápida destes dois versículos pode facilmente convencer alguém de que eles são uma contradição evidente. O primeiro diz que devemos levar as cargas uns dos outros e o segundo, que precisamos levar nossos próprios fardos.

A palavra traduzida como “cargas”, no verso 2, significa qualquer coisa que pese espiritualmente, fisicamente e emocionalmente sobre alguém. Em seu contexto primário, ela se refere à pesada carga da culpa e do desânimo que tomam a vida de um homem que foi surpreendido em uma falta (v.1). Ajudamos um irmão assim quando o abraçamos carinhosamente e o trazemos de volta a uma vida de comunhão com Deus e com o Seu povo. Porém, “cargas” também incluem as tristezas, dificuldades, dores e frustrações da vida que atingem a todos nós. Carregamos as cargas, uns dos outros, quando nos confortamos, encorajamos, compartilhamos de nossos bens materiais e damos conselhos construtivos. Quer dizer, envolver-nos nos problemas dos outros, mesmo que a um alto custo pessoal. Quando fazemos isto, cumprimos a lei de Cristo de amarmos uns aos outros. Demonstramos nosso amor de forma prática ao nos desgastarmos por outros e permitir que eles se desgastem por nós.

Uma palavra diferente é usada para “fardo” no versículo 5. Ela se refere a qualquer coisa que precise ser carregada, sem qualquer indicação quanto a se este fardo é pesado ou leve. O que Paulo está dizendo aqui é que todos nós precisamos levar nossos próprios fardos de responsabilidade até o trono do juízo de Cristo. Lá, não será uma questão de como estamos em comparação com outros. Seremos julgados com base em nosso próprio registro e as recompensas serão distribuídas de acordo.

A conexão entre estes dois versículos parece ser esta. Alguém que restaura um irmão surpreendido em uma falta pode cair na armadilha de sentir-se superior. Ao carregar as cargas de um irmão caído, ele pode de alguma forma achar que está em um nível superior de espiritualidade. Ele se vê numa posição melhor que a do “santo pecador”. Paulo o lembra de que, quando estiver diante do Senhor, ele terá que prestar contas de si, de suas obras e de seu próprio caráter e não de seu irmão. No final, ele terá que carregar seu próprio fardo da responsabilidade.

Portanto, os dois versículos não discordam um do outro. Ao contrário, eles vivem na mais perfeita harmonia.

1º DE DEZEMBRO

"Quando em alguma das tuas cidades que o SENHOR, teu Deus, te dá, para ali habitares, ouvires dizer ...: Vamos e sirvamos a outros deuses, que não conhecestes, então, Inquirirás, investigarás e, com diligência, perguntarás; e eis que, se for verdade e certo..." (Deuteronômio 13.12-14).

Se circulasse um rumor de que as pessoas, de uma cidade de Israel, haviam abandonado a Deus para adorar a ídolos, deveria haver uma minuciosa investigação antes que qualquer ação punitiva fosse tomada.

Deveríamos ser igualmente cuidadosos quando ouvimos um rumor ou boato, aplicando os seis testes: É fofoca? Eu me informei? Investiguei? Perguntei diligentemente? É verdade? É certo?

Realmente, seria uma boa idéia termos a mesma atenção e cautela antes de passarmos adiante as novidades sensacionais que aparecem nos círculos religiosos. Deixe-me dar-lhe algumas ilustrações!

Há algum tempo, circulou a história de que as pedras para a construção de um templo em Jerusalém estavam guardadas em um pier em Nova Iorque, prontas para serem enviadas a Israel quando o momento certo chegasse. Dizia-se que eram de pedra calcária. Os cristãos espalharam a notícia com entusiasmo, apenas para serem desacreditados quando veio à tona que o relato era mentira.

Em outro momento veio à tona que cientistas haviam calculado, através de um computador, inúmeros dados a respeito do calendário da história humana e que os resultados confirmavam a narrativa bíblica do longo dia de Josué. Ansiosos por qualquer notícia que confirme a Bíblia, os crentes rapidamente espalharam a história em revistas e ao vivo. Então, a bolha estourou. A história não tinha fundamento.

Mais recentemente, um cálculo matemático foi usado para sugerir que certa figura pública malquista poderia ser o Anticristo. Veja como funciona: um valor numérico é designado para cada letra do nome desta pessoa. Então, seguindo uma série de adições, subtrações, multiplicações e divisões, você chega ao número 666. Claro, isto não prova absolutamente nada. Poderíamos usar cálculos matemáticos para chegar a 666 a partir do nome de quase qualquer um.

Tenho um panfleto que afirma que Charles Darwin, ao final de sua vida, rejeitou a Evolução e voltou à sua fé na Bíblia. Pode ser verdade. Eu gostaria de acreditar que seja verdade. Talvez, um dia, eu descubra que é verdade. Porém, enquanto isso, eu não tenho documentação para a história e não ousa divulgá-la até que tenha.

Nós evitaremos muita vergonha e protegeremos a fé cristã de ser desacreditada se usarmos estes seis testes dos versículos de hoje: É fofoca? Eu me informei? Investiguei? Perguntei diligentemente? É verdade? É certo?

“...falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais” (Efésios 5.19).

Cantar aqui está ligado a estar cheio do Espírito, como se a canção fosse um dos resultados garantidos de estar cheio. Talvez seja por isto que quase todos os grandes reavivamentos da história tenham sido acompanhados de cânticos. O reavivamento no País de Gales é um exemplo claro.

Nenhum outro povo tem tanto sobre o que cantar quanto os cristãos e nenhum outro povo tem uma herança tão rica de salmos, hinos e cânticos espirituais. Nossos hinos expressam, em uma linguagem majestosa, o que tantas vezes sentimos, mas não conseguimos expressar. Alguns hinos expressam pensamentos que podem estar até mesmo além da nossa própria experiência – hinos de um comprometimento total, como “Tudo Entregarei”. Em casos assim, podemos cantá-los como o desejo de nossos corações.

Nos cânticos espirituais, não é o ritmo, a melodia ou a harmonia que conta. O mais importante é que a mensagem seja de coração e suba a Deus pelo poder do Espírito Santo. Mary Bowley expressou bem estas verdades nos versos:

Ó Senhor, sabemos que não importa
Quão doce é a canção;
Só o coração ensinado pelo Espírito
Faz melodias a Ti.

O Espírito de Deus pode usar a música da mesma maneira como pode usar o ensino da Palavra. A mãe de Grattan Guinness ouviu um fazendeiro cantando, enquanto este arava o campo e decidiu não mais cometer suicídio como pretendia, afogando-se no rio. Dr. Guinness disse, mais tarde: “Tudo o que sou para Deus, devo a um singelo lavrador cristão cantando louvores ao Senhor enquanto fazia seu humilde trabalho”.

Aqueles que se envolvem no ministério de música cristã precisam proteger-se de dois riscos. Um é o perigo de considerar-se mais do que os outros. Assim como em outras formas de ministério público, é fácil perder-se em um culto a si mesmo. Sempre há a tentação de tentar impressionar as pessoas com seu talento ao invés de cantar para a glória de Deus e para abençoar o Seu povo.

O outro é o perigo de entreter ao invés de edificar. É tremendamente possível cantar uma letra com grande habilidade musical e, ainda assim, não passar a mensagem aos corações dos ouvintes. É possível, também, tocar as pessoas emocionalmente com músicas que são fúteis, frívolas e totalmente indignas do Senhor a Quem amamos.

Culturas diferentes têm gostos diferentes para música, mas em todas elas as músicas precisam ser doutrinariamente confiáveis, uniformemente reverentes e espiritualmente edificantes.

3 DE DEZEMBRO

"Aquele que ...prega a fé que, outrora, procurava destruir"
(Gálatas 1.23).

Depois que Saulo de Tarso se converteu, as igrejas da Judéia ouviram que este grande perseguidor da fé cristã havia se tornado um zeloso pregador e defensor dessa fé. Foi uma inversão incrível.

Mais recentemente houve incidentes espetaculares quando homens deram uma meia-volta semelhante.

Lord Littleton e Gilbert West decidiram, juntos, que destruiriam a fé daqueles que defendiam a Bíblia. Littleton contestaria os registros da conversão de Saulo, enquanto West provaria decisivamente que a ressurreição de Cristo era um mito. "Ambos tiveram que reconhecer que estavam enfiados no que se tratava de registros bíblicos, mas decidiram: 'Se vamos ser honestos, precisamos ao menos estudar as evidências. Trocaram idéias diversas vezes durante suas pesquisas sobre estes assuntos. Em um destes encontros, Littleton abriu seu coração a seu amigo e confessou que estava começando a sentir que havia algo ali'. O outro homem respondeu que também havia sido desafiado pelos resultados de seu estudo. Por fim, quando os livros ficaram prontos, os dois autores se encontraram e descobriram que ambos, ao invés de escrever contra, haviam escrito livros a favor dos assuntos que haviam decidido ridicularizar. Concordaram que, depois de ver todas as evidências dos peritos legais, eles não tinham opção senão aceitar o que os registros bíblicos afirmam ser a verdade sobre ambos os assuntos" (Frederick P. Wood). O livro de Lord Littleton é *The Conversion of St. Paul* [A Conversão de S. Paulo]. O livro de West se chama *The Resurrection of Jesus Christ* [A Ressurreição de Jesus Cristo].

O infiel Robert C. Ingersoll desafiou um agnóstico, Lew Wallace, a escrever um livro para demonstrar a falsidade dos registros a respeito de Jesus Cristo. Wallace gastou anos pesquisando a respeito do assunto, para a tristeza de sua esposa metodista. Então, começou a escrever. Quando tinha terminado aproximadamente quatro capítulos, ele percebeu que os registros a respeito de Cristo eram verdadeiros. Caiu de joelhos, arrependido, passando a confiar em Cristo como Senhor e Salvador. Então escreveu o livro *Ben-Hur*, apresentando Cristo como o divino Filho de Deus.

Frank Morison queria escrever uma história a respeito de Cristo, mas já que não acreditava em milagres, decidiu limitar-se aos sete dias antes de sua crucificação. No entanto, conforme foi estudando os registros bíblicos, ele estendeu o assunto até à Ressurreição. Convencido, então, que Cristo havia realmente ressuscitado, ele O recebeu como seu Salvador e escreveu o livro *Who Moved the Stone?* [Quem Moveu a Pedra?]. O primeiro capítulo se chama "The Book that Refused to be Written" [O Livro que Recusou ser Escrito].

A Bíblia é viva, poderosa e mais afiada que uma espada de dois gumes. É sua própria melhor prova. Aqueles que a atacam e ridicularizam, precisam encarar a possibilidade de um dia crer nela e tornarem-se seus devotos defensores.

"...e o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento, em todo artifício" (Êxodo 31.3).

O texto de hoje se refere a Bezalel, que foi capacitado pelo Espírito Santo para coordenar a construção do Tabernáculo. Ele era hábil trabalhando com ouro, prata e bronze, cortando e posicionando pedras e entalhando madeira. O Espírito de Deus o tornou um artesão para fazer este tipo de trabalhos práticos.

O calendário *Choice Gleanings* cita E. Tramp, dizendo: "Geralmente negligenciamos esta fase do ministério do Espírito. Seja no campo, seja na fábrica, no escritório ou em casa, o cristão pode clamar pela ajuda do Espírito em seu trabalho diário. Um homem que conheço fez um altar de sua bancada na fábrica. Uma Marta em nosso meio transformou sua mesa da cozinha em uma mesa de comunhão. Outro homem fez de sua mesa do escritório um púlpito, de onde ele escreve e fala, transformando questões corriqueiras em assuntos do Rei".

Em Nazaré há um hospital cristão que atende principalmente árabes. Dentro do hospital há uma capela. Quando um pregador se levanta para ensinar, ele não fica atrás de um púlpito. Ao invés disto, ele fica atrás de uma bancada de carpinteiro polida com um torno de madeira em uma ponta. Este é um lembrete bonito e necessário de que nosso Senhor trabalhou como um carpinteiro em Nazaré e que uma bancada foi Seu púlpito.

Um médico no centro-oeste americano costumava tentar cuidar das almas dos homens juntamente com seus corpos. Às vezes, depois de ter conversado com alguém na clínica e de tê-lo examinado cuidadosamente, ele suspeitava que o problema fosse espiritual ao invés de físico. Naquela noite, ele ia até a casa do paciente e tocava a campainha. A princípio, o paciente ficava surpreso de ver o médico, mas então o bondoso clínico dizia algo como: "Não vim vê-lo como médico, mas como um amigo. Há algo sobre o qual eu gostaria de conversar com você. Você se importa se eu entrar?" Claro, a pessoa não se importava e então o médico entrava e falava com ela sobre sua necessidade espiritual. Então ele explicava como o Senhor Jesus era a resposta àquela necessidade. Muitos dos pacientes entregavam suas vidas ao Senhor e continuavam a servi-LO. Muitos serão eternamente gratos pelo ministério do amável médico que cuidava de seus corpos e de suas almas.

O Senhor tem muitos púlpitos não convencionais no mundo hoje. Como Tramp disse, muitos aprenderam a transformar questões corriqueiras em assuntos do Rei.

5 DE DEZEMBRO

“...vindo o inimigo como uma corrente de águas, o Espírito do SENHOR arvorará contra ele a sua bandeira” (Is 59.19b - ACF).

Há momentos de crises desesperadoras na vida quando Satanás lança seus ataques mais pesados contra o povo de Deus. O céu fica escuro, a terra treme e parece não haver qualquer raio de esperança. No entanto, Deus prometeu enviar reforços ao Seu povo em momentos extremos. O Espírito do Senhor levanta um estandarte contra o Diabo no momento exato.

Escravizados pelo tirano egípcio, o futuro do povo de Israel parecia desanimador. Eles estavam se encolhendo sob os chicotes dos capatazes, mas Deus não estava indiferente aos seus gemidos. Ele chamou Moisés para confrontar a Faraó e, finalmente, levar o Seu povo à liberdade.

No tempo dos juízes, invasores estrangeiros mantinham o povo de Israel cativo. Porém, no momento mais escuro, o Senhor levantou tropas para libertá-lo, expulsar os inimigos e levá-lo a um período de tranquilidade.

Quando Senaqueribe liderou o exército assírio contra Jerusalém, o cativo de Judá parecia inegável. Falando humanamente, não havia forma de parar a enorme força dos invasores. Entretanto, o Anjo do Senhor passou pelo acampamento dos assírios durante a noite e matou 185 mil homens.

Quando Ester era a rainha da Pérsia, o inimigo veio como uma inundação, aprovando um decreto irrevogável de que todos os judeus do reino deveriam ser executados. Será que Deus foi encurralado por este decreto dos medos e persas? Não! Ele orquestrou a situação para que outro decreto fosse aprovado, permitindo que os judeus se defendessem naquele dia fatídico. Os judeus, é claro, foram esmagadoramente vitoriosos.

Quando Savonarola viu pobreza, opressão e injustiça em Florença, se tornou um estandarte nas mãos do Espírito para trazer a reforma.

Quando Martinho Lutero começou a protestar contra a venda de indulgências e outros pecados da Igreja, foi como se uma luz se acendesse em uma era de escuridão.

A rainha Maria estava destruindo a verdadeira fé cristã na Inglaterra e na Escócia. Porém, Deus levantou um homem chamado John Knox naquele momento de enorme necessidade. “Prostrando-se no pó diante de Deus, Knox suplicou a Deus por uma noite que vingasse Seu eleito e lhe desse a Escócia ou ele morreria. O Senhor lhe deu a Escócia e retirou a rainha de seu trono”.

É possível que você esteja enfrentando uma das piores crises da sua vida, no momento. Não tema. O Espírito do Senhor enviará reforços no tempo certo e o levará à liberdade. Apenas confie nEle!

“Quando falava Efraim, havia tremor; foi exaltado em Israel, mas ele se fez culpado no tocante a Baal e morreu” (Oséias 13.1).

Há um tremendo vigor e autoridade nas palavras de um homem justo. Quando ele fala, causa impacto na vida dos outros. Suas palavras têm peso. As pessoas o admiram como alguém que merece respeito e obediência.

Porém, se este mesmo homem cai em pecado, ele perde toda esta influência positiva sobre outros. O tom de autoridade com o qual ele falava se dissipa. As pessoas não lhe pedem mais conselhos. Se ele tentar dá-los, elas são capazes de olhar para ele com desprezo e dizer “Médico, cura-te a ti mesmo” ou “Primeiro tire a trave do seu próprio olho; então poderá tirar o cisco do meu”. Ele perde a fala.

Isto enfatiza a importância de manter um testemunho consistente até o final. É importante começar bem, mas isto não basta. Se baixarmos nossa guarda no último trecho, a glória dos primeiros dias será obscurecida em meio à desonra.

“Quando Efraim falava os homens tremiam” (NVI). Williams comenta que “quando Efraim andava com Deus, como nos dias de Josué, ele falava com autoridade e as pessoas tremiam, então ele tinha uma posição de dignidade e poder. Porém ele se voltou a idolatria e morreu espiritualmente... Um cristão terá poder e dignidade morais enquanto seu coração for completamente governado por Cristo e estiver livre da idolatria”.

Gideão é outro exemplo. O Senhor estava com este forte e valoroso homem. Com um exército de 300 homens ele derrotou os midianitas, com a força de 135.000 homens. Quando os homens de Israel quiseram torná-lo rei, ele sabiamente recusou, porque percebeu que Deus *Yahweh* era o Rei verdadeiro.

No entanto, tendo tido grandes vitórias em batalhas e resistido a grandes tentações, ele caiu no que pode nos parecer um problema secundário. Ele pediu a seus soldados que lhe dessem os brincos de ouro que eles haviam saqueado dos ismaelitas. Com estes brincos, ele fez um éfode, que se tornou um ídolo para o povo de Israel e uma armadilha para Gideão e sua família.

Claro, sabemos que quando caímos, podemos confessá-lo a Deus e encontrar perdão. Sabemos que Ele pode até mesmo restaurar os anos que os gafanhotos comeram, isto é, Ele pode nos capacitar a compensar o tempo perdido. Porém, ninguém pode negar que é melhor evitar totalmente uma queda do que recuperar-se dela, é melhor não despedaçar nosso testemunho do que tentar colar os pedaços novamente. O pai de Andrew Bonar costumava lhe dizer: “Andrew, ore para que nós dois possamos estar em boas condições até o fim!”. Então oremos que possamos terminar nossa corrida com alegria!

7 DE DEZEMBRO

“...porém o maior destes é o amor” (1 Coríntios 13.13).

O amor é a força maior em um mundo de ódio, conflitos e egoísmo. Ele é capaz de fazer o que nenhuma outra virtude consegue e, neste sentido, é a maior das graças. O amor paga abuso com bondade. Ele ora pedindo misericórdia para seus executores. Age de forma altruísta quando todos ao seu redor estão protestando por seus direitos. Ele dá até não haver mais nada.

Certo indiano estava guiando seu elefante por uma rua, aferroando-o continuamente para que aumentasse sua velocidade. De repente, o agulhão de ferro caiu de sua mão, caindo barulhentosamente no chão. O elefante virou-se, pegou o agulhão com sua tromba e devolveu-o ao mestre. O amor é assim.

Em uma das fábulas de Esopo, acontece uma competição entre o sol e o vento, para ver quem conseguia fazer um homem tirar seu casaco. O vento soprou furiosamente, mas quanto mais ele soprava, mais o homem apertava seu casaco. Então o sol brilhou sobre ele e ele tirou seu casaco. O sol o fez mudar com o calor. O amor é assim.

Sir Walter Scott, certa vez, jogou uma pedra em um cachorro de rua com tanta força e pontaria que quebrou a perna do cachorro. Quando Scott se aproximou, com remorso, o cão mancou até ele e lambeu a mão que havia lançado a pedra. O amor é assim.

Stanton atacava Lincoln com críticas violentas, chamando-o de “palhaço de pouca esperteza” e de “gorila original”. Disse que qualquer um seria tolo de ir até a África para ver um gorila quando havia um bem ali em Springfield. Lincoln deu a outra face. Na verdade, ele mais tarde elegeu Stanton como Ministro de Guerra, insistindo que ele era o homem mais qualificado para o trabalho. Quando Lincoln foi baleado, Stanton aproximou-se de seu corpo sem vida, chorou abertamente e disse: “Aí jaz o maior líder de homens que o mundo já conheceu”. Lincoln o havia conquistado por ter dado a outra face. O amor é assim.

E. Stanley Jones escreveu que “ao dar a outra face você desarma seu inimigo. Ele o atinge no rosto e você, por sua audácia moral, o atinge no coração ao dar a outra face. Sua inimizade se dissolve. Seu inimigo se vai. Você se livra do seu inimigo ao livrar-se de sua inimizade... O mundo está aos pés do Homem que tinha a força para devolver o golpe, mas que teve força para não devolver o golpe. Isto é poder – poder supremo”.

As vezes, pode parecer que se conseguirá mais através da palavra dura, pagando dente por dente, exigindo seus direitos. Estes métodos têm, sim, certo poder. Mas o fator que desequilibra a balança do poder está no amor porque, ao invés de aprofundar a hostilidade, o amor transforma inimigos em amigos.

“Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Eclesiastes 8.11).

Enquanto escrevo isto, há uma grande onda de indignação pública com o aumento da criminalidade em nosso país. As pessoas estão clamando por lei e ordem. Parece que nossas leis e tribunais favorecem os criminosos, enquanto as vítimas do crime recebem pouca ou nenhuma reparação. Casos legais se arrastam indefinidamente e, muitas vezes, um advogado criminal consegue vencer o caso através de falhas tolas da lei.

As afirmações suntuosas dos sociólogos, psiquiatras liberais e outros “peritos” contribuem para a desordem geral. Eles insistem que a pena de morte é algo irracional e desumano. Eles declaram que o medo da punição não serve como meio de intimidação para os criminosos. Sugerem que a solução está em reabilitar os criminosos, não em puni-los.

No entanto, eles estão errados. Quanto mais certeza alguém tem, de que consegue escapar impune, mais ele recorrerá ao crime. Se ele achar que a sentença será leve, será incentivado a arriscar ser pego ou se achar que o processo terá inúmeras sessões, será encorajado. E apesar do que dizem, a pena de morte funciona, sim, como um restrigente.

Ao analisar o aumento da criminalidade, uma famosa revista de notícias disse que “um dos motivos é a falta de um impedimento forte da parte do arcaico sistema de justiça criminal americano. Todas as autoridades concordam que, para que a ameaça de punição seja digna de crédito, ela precisa ser rápida e garantida. Por causa da sobrecarga, o sistema dos EUA não é nem um nem o outro”.

“Um perito em criminologia recentemente declarou que para cada homem íntegro por amor à integridade há 10.000 que são bons por medo de punições. E Isaac Ehrlich, da Universidade de Chicago, disse que as estatísticas mostram que a notícia da execução de um assassino evitam 17 outros assassinatos”. Reforma e reabilitação não são a resposta. Elas têm continuamente fracassado ao tentar mudar as pessoas. Sabemos que somente um novo nascimento no Espírito de Deus transformará um pecador em um santo. Infelizmente, poucas das autoridades, comparativamente, concordarão com isto, seja quanto a si mesmas, seja quanto aos prisioneiros.

Sendo assim, a melhor coisa que podem fazer é levar o versículo de hoje muito a sério. *“Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal”*. Veremos um declínio nas estatísticas de crimes somente quando forem aplicadas punições de forma justa e rápida. A solução está logo ali, na Bíblia – se ao menos as pessoas a aceitassem.

9 DE DEZEMBRO

“Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 15.57).

Nenhuma mente criada jamais poderá compreender as dimensões da vitória conquistada pelo Senhor Jesus na cruz do Calvário. Ele venceu o mundo (João 16.33); condenou Satanás, o príncipe deste mundo (João 16.11); triunfou contra principados e potestades (Colossenses 2.15); Ele derrotou a morte de tal forma que ela foi tragada pela vitória (1 Coríntios 15.54,55,57).

E a Sua vitória é nossa. Assim como a vitória de Davi contra Goliath trouxe libertação a todo Israel, o triunfo glorioso de Cristo se aplica a todos os que Lhe pertencem. Por isso podemos cantar com Horatius Bonar:

A vitória é nossa!

Por nós com força se apresentou O Poderoso;

Por nós lutou a batalha, triunfou:

A vitória é nossa.

Somos mais que vencedores por meio dAquele que nos amou, porque *“nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 8.37-39).*

Guy King nos conta de um jovem que estava na estação quando o trem chegou, trazendo de volta o time de futebol da cidade, depois de um jogo importante. O menino correu até a primeira pessoa que viu sair do trem e perguntou esbaforido “Quem ganhou?” Então correu pela plataforma da estação gritando de empolgação: “Ganhamos! Ganhamos!”. Enquanto o Sr. King assistia, pensou consigo: “Qual foi a participação dele para conquistar a vitória? O que ele tinha a ver com a batalha no campo de futebol?” A resposta, claro, é: “Absolutamente nada”. Contudo, porque também era daquela cidade, ele se identificou com o time da cidade e considerou a vitória como sua.

Ouvi certa vez de um francês que passou de derrotado para vitorioso ao trocar sua cidadania. Foi quando Wellington, conhecido como Duque de Ferro da Inglaterra, conquistou sua famosa vitória contra Napoleão em Waterloo. A princípio, aquele francês estava associado à derrota, mas no dia em que se tornou um cidadão britânico, podia considerar a vitória de Wellington como sua.

Por nascimento, somos súditos do reino de Satanás e, portanto, estamos do lado derrotado. Porém, no momento em que escolhemos a Cristo como nosso Senhor e Salvador, passamos da derrota à vitória.

*"...com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus"
(Atos 18.26)*

Ao explicar o plano de salvação a outros, é tremendamente importante tornar a mensagem clara e simples, evitando qualquer coisa que possa confundi-los. Eles, geralmente, já estão confusos o bastante porque Satanás *"cegou o entendimento dos incrédulos"* (2 Coríntios 4.4).

Deixe-me dar-lhe um exemplo de como podemos dizer coisas que acabam tapando os ouvidos dos não convertidos. Começamos a testemunhar a um jovem que acabamos de conhecer. Antes que possamos dizer muito, ele nos interrompe dizendo: "Eu não acredito em religião. Já tentei seguir uma religião e ela não me ajudou em nada", ao que estamos inclinados a responder: "Eu também não acredito em religião e não prego uma religião".

Espera aí! Você consegue imaginar o quanto isso é confuso para o nosso ouvinte? Aqui estamos falando com ele sobre questões que são obviamente religiosas e, no entanto, estamos lhe dizendo que não acreditamos em religião. Vai lhe dar um nó na cabeça!

Claro que sei o que queremos dizer. Quer dizer que não estamos lhe pedindo para fazer parte de uma igreja ou denominação, mas para começar um relacionamento com o Senhor Jesus. Não estamos propondo um credo, mas uma Pessoa. Não estamos defendendo uma reforma, mas uma regeneração, não uma roupa nova para o homem, mas um homem novo para a roupa.

Porém, quando ele pensa em religião, pensa em qualquer coisa ligada à adoração e culto a Deus. A palavra "religião", para a maioria das pessoas, representa um sistema de crenças e um estilo de vida distinto que estão ligados ao relacionamento desta pessoa com a Divindade. Então, quando lhe dizemos que não acreditamos em religião, o pensamento que cruza sua mente imediatamente é que somos pagãos ou ateus. Antes que tenhamos a chance de explicar o que queremos dizer, ele já nos classificou como descrentes.

Na verdade, não é verdade dizermos que não cremos em religião. Cremos nas doutrinas fundamentais da fé cristã. Cremos que, quem afirma ter fé em Cristo, deveria demonstrá-lo com sua vida. Cremos que a religião pura e imaculada está em cuidar dos órfãos e das viúvas e em não nos deixarmos contaminar pelo mundo (Tiago 1.27).

O que não cremos é que a religião salve. Somente o Cristo vivo pode salvar. Não cremos nas versões diluídas do cristianismo que circulam hoje em dia. Não cremos em qualquer sistema que encoraje as pessoas a pensar que conseguem ir para o céu por suas próprias obras ou mérito. Entretanto, precisamos ser capazes de explicar isto para as pessoas sem bombardeá-las com frases como "Eu também não acredito em religião". Não brinquemos com palavras quando almas estão em jogo.

11 DE DEZEMBRO

"Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma; atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por frontal entre os olhos" (Deuteronômio 11.18).

O versículo de hoje estaria incompleto sem os três versos seguintes, então os citamos aqui: *"Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa e andando pelo caminho e deitando-vos e levantando-vos. Escrevei-as nos umbrais de vossa casa e nas vossas portas, para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a vossos pais e sejam tão numerosos como os dias do céu acima da terra".*

Aqui temos um registro objetivo do lugar de importância que a Palavra de Deus deveria ter na vida do Seu povo. Quando estas condições forem cumpridas, os cristãos viverão dias de céu na terra.

Primeiro, devemos memorizar a Palavra ou, como diz o texto, tê-las sobre nossos corações e almas. Alguém que memoriza grandes porções da Bíblia enriquece sua vida e aumenta seu potencial de abençoar outros.

Depois, a Palavra precisa ser atada às nossas mãos e testas. Isto não quer dizer que devemos usar amuletos, como alguns pensam, mas que nossas ações (mãos) e desejos (olhos) devem estar sob o senhorio de Cristo.

A Palavra de Deus deve ser o assunto central das conversas da casa. Além disso, toda casa precisa ter um momento de culto, quando a Palavra é lida diariamente e a família ora em conjunto. Não se pode medir a influência santificadora da Bíblia em uma casa assim.

Esta mesma Palavra deve estar em nossa mente quando caminhamos, quando nos deitamos e quando nos levantamos. Em outras palavras, a Bíblia deve se tornar parte de nossas vidas de tal forma que moldará nossas conversas onde estivermos e no que fizermos. Precisamos falar a linguagem da Bíblia.

Devemos escrever versículos em nossos umbrais e portas? É uma boa idéia! Muitas casas cristãs tem Josué 24.15 escrito em sua porta da frente: *"Eu e minha casa serviremos ao Senhor"*. E muitas outras casas têm partes da Bíblia penduradas nas paredes em seu interior.

Quando damos à Santa Palavra seu lugar de direito em nossas vidas, não apenas economizamos em horas desperdiçadas com conversas triviais, mas ocupamos nossas mentes com assuntos que realmente importam, questões que têm conseqüências eternas e mantemos um ambiente cristão em nossas casas.

"Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mateus 4.7).

O que significa tentar o Senhor? É algo de que podemos ser culpados?

Os filhos de Israel tentaram o Senhor quando reclamaram sobre a falta de água no deserto (Êxodo 17.7). Ao dizer *"Está o Senhor no meio de nós ou não?"* eles duvidaram não apenas de Sua presença divina, mas também da Sua orientação e cuidado para com eles.

Satanás tentou ao Senhor quando O desafiou a pular do topo do Templo (Lucas 4.9-12). Jesus teria tentado Deus Pai se o tivesse feito, porque estaria fazendo um truque, algo que estava fora da vontade do Pai.

Os fariseus tentaram o Senhor quando Lhe perguntaram se era correto pagar tributo a César (Mateus 22.15-18). Eles achavam que não importava como Ele respondesse, afastaria ou os romanos ou os judeus que eram extremamente anti-romanos.

Safira tentou o Espírito do Senhor ao fingir dar todo o lucro da venda de uma propriedade ao Senhor, quando na verdade ela guardou parte do valor para si (Atos 5.9).

Pedro disse aos crentes em Jerusalém que colocar gentios convertidos sob a lei, um fardo que nem mesmo o povo judeu havia sido capaz de suportar, seria tentar Deus (Atos 15.10).

Tentar a Deus é "ver com quanto se consegue escapar impune antes que Ele julgue; significa aproveitar-se d'Ele para ver se Ele cumprirá Sua Palavra ou para levá-LO aos limites do julgamento (veja Deuteronômio 6.16; Mateus 4.7)" (Toussaint). Tentamos a Deus quando murmuramos ou reclamamos, porque estamos, na verdade, duvidando da Sua presença, do Seu poder ou da Sua bondade. Estamos dizendo que Ele não conhece nossas circunstâncias, não se importa ou não é capaz de nos libertar.

Tentamos a Deus quando nos expomos desnecessariamente ao perigo e esperamos que Ele nos salve. De quando em quando, lemos a respeito de crentes enganados que mexem com serpentes venenosas e acabam morrendo. Seu raciocínio foi de que Deus havia prometido proteção em Marcos 16.18: *"...pegarão em serpentes"*. Porém esta promessa foi feita para justificar nossos milagres apenas quando são necessários para fazer Sua vontade em e através de nós.

Tentamos a Deus quando mentimos para Ele e fazemos isto quando prometemos uma dedicação, sacrifício e compromisso maiores do que na verdade pretendemos viver. Assim como os fariseus tentaram a Cristo com sua hipocrisia, nós O tentamos com a nossa.

Por fim, tentamos o Senhor sempre que nos afastamos da Sua vontade para nós e agimos segundo nossa própria vontade.

É espantoso que uma criatura jamais deseje ou ouse tentar seu Criador ou que um pecador insulte de tal forma seu Salvador!

13 DE DEZEMBRO

“Depois, aqueles que temiam o SENHOR conversaram uns com os outros, e o SENHOR os ouviu com atenção. Foi escrito um livro como memorial na sua presença acerca dos que temiam o SENHOR e honravam o seu nome” (Malaquias 3.16 - NVI).

É possível estarmos tão ocupados que nossas almas se tornem infrutíferas. Atividades demais nos fazem estar ocupados demais com nossos trabalhos e de menos com nosso Deus. Pregadores, que não gastam muito tempo sozinhos em meditação e comunhão com o Senhor, logo estarão ensinando mensagens de segunda, com pouco ou nenhum poder espiritual. Devemos orar: “Senhor, liberta-me da sequeidão de uma vida ocupada”. Muitos cristãos têm medo de estarem sozinhos. Precisam estar com outros, conversando, trabalhando ou viajando. Não gastam tempo algum em reflexão e quietude. As pressões da vida moderna nos encorajam a sermos hiperativos, a idolatramos o sucesso. Chegamos a um nível de atividades e é difícil diminuir a velocidade. A vida parece ser um contínuo fazer, fazer, fazer, ir, ir, ir. O resultado é que não desenvolvemos raízes espirituais profundas. Ainda soltamos os mesmos clichês religiosos que compartilhávamos com as pessoas há vinte anos. Nenhum progresso em vinte anos!

Ainda assim, há aqueles que se disciplinam para fugir da corrida em círculos, que rejeitam convites, que colocam de lado atividades secundárias para poderem gastar tempo sozinhos com o Senhor. Eles separam firmemente um tempo para meditem em oração. Têm um esconderijo onde podem se desligar do barulho do mundo para estarem sozinhos com Jesus.

Estas pessoas têm uma linha direta com o Senhor. *“A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Salmo 25.14)*. Deus revela seus segredos a eles sobre os quais nós, em nossas vidas frenéticas, não sabemos nada. Há uma comunicação de informações divinas a respeito de instruções, de eventos acontecendo no mundo espiritual, do futuro. Aqueles que habitam no santuário muitas vezes têm visões de Deus que aqueles que vivem nos subúrbios desconhecem completamente. Foi ao que estava reclinado ao lado do Salvador que foi dada a revelação sobre Jesus Cristo.

Muitas vezes penso nas palavras de Cecil: “Digo em qualquer lugar e a qualquer um, você precisa manter a comunicação com Deus ou sua alma morrerá. Você precisa caminhar com Deus ou Satanás caminhará com você. Você precisa crescer em graça ou a perderá; e você só conseguirá fazer isto reservando a esta questão uma porção devida do seu tempo e usando de meios adequados. Não sei como alguns cristãos podem desprezar tanto a reflexão e a solidão. Eu vejo no espírito desta era uma forte tendência à assimilação. Eu o vejo sugando minha mente com seu vórtice e me afundando nos resíduos e sujeira da natureza carnal... Sou obrigado a me retirar com frequência e perguntar ao meu coração, ‘O que você está fazendo? Onde está agora?’”.

"...os que criei para minha glória e que formei e fiz" (Isaías 43.7).

Uma das maiores tragédias da nossa existência é ver homens e mulheres desperdiçando suas vidas. O homem, afinal de contas, foi feito à imagem e semelhança de Deus. Ele foi criado para um trono, não para um banco de bar. Foi criado para ser um representante de Deus, não um escravo do pecado. Em resposta à pergunta: "Qual é o propósito final do homem?", o Catecismo Menor de Lutero nos lembra de que "o propósito final do homem é glorificar a Deus e desfrutar de Sua presença para sempre". Se errarmos nisso, erramos em tudo.

J. H. Jowett chorou ao perceber que o trajeto de muitas pessoas ao longo dos anos parece mais "a jornada de uma ameba que o trajeto de um homem". Ele se angustiou ao ver homens que encolheram a nada mais que "oficiais menores de causas temporárias". Mencionou, com compaixão, o epitáfio de alguém: "Nasceu homem e morreu vendedor".

F. W. H. Myers contemplou a humanidade e escreveu:

Vejo o povo abaixo somente como almas,
Prisioneiros que deveriam conquistar, escravos que deveriam ser reis,
Ouvindo sua única esperança com espanto vazio
Tristemente satisfeitos em apenas assistir.

Quando Watchman Nee era jovem, ficou impressionado ao ver "o dom da criatividade humana desperdiçado por um empregador avarento. Em uma das marcenarias da rua de móveis da cidade antiga, um artesão anônimo já havia gasto seis anos nas três primeiras folhas de um biombo de quatro folhas. Ele esculpia flores claras na madeira escura. Por isso, ganhava oitenta centavos por dia, 'faça sol, chuva, feriados ou revolução', dizia o proprietário, além de arroz, vegetais e uma prancha para dormir. Tendo desenvolvido esta habilidade, ele faria no máximo dois biombos até que seus olhos e nervos falhassem e então ele era abandonado junto aos mendigos da cidade".

Hoje, a tragédia da vida é que o homem não consegue perceber seu sublime chamado. Ele passa sua vida abraçado ao que é secundário. Rasteja ao invés de voar. Como já foi dito, ele fica revirando uma pilha de lixo sem perceber que o anjo, acima dele, lhe está oferecendo uma coroa. Seu tempo é gasto ganhando para viver ao invés de construir uma vida.

Atualmente, muitos estão preocupados com a destruição dos recursos naturais, mas nunca pensam na perda maior de recursos humanos. Muitos fazem campanhas para salvar espécies em extinção de pássaros, animais e peixes, mas olham para pessoas que estão desperdiçando suas vidas e não se importam. Uma única vida humana vale mais que o mundo inteiro. Desperdiçar esta vida é uma tragédia indescritível. Uma mulher certa vez disse: "Tenho setenta anos e não fiz nada com a minha vida". O que poderia ser mais trágico que isto?

15 DE DEZEMBRO

“Os que com lágrimas semetam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semela, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes” (Salmo 126.5-6).

No Salmo 126, os filhos de Israel estavam recordando sua volta à terra depois do seu cativeiro na Babilônia. Foi como se eles tivessem ido a um mundo dos sonhos, repleto de risos e canções. Até mesmo seus vizinhos pagãos comentaram as grandes coisas que o Senhor havia feito pelo Seu povo.

Agora que estavam de volta em sua própria terra, precisavam começar a cultivar suas plantações, mas isto trouxe um problema. Eles haviam trazido consigo apenas uma quantidade limitada de grãos. Eles poderiam usá-los como comida agora, afinal, não havia frutos nos campos para eles colherem ou, então, poderiam usá-los como sementes, semeando-os na esperança de uma colheita abundante no futuro. Se decidissem usar a maior parte como semente, teriam que sacrificar-se e viver com pouco até a época da colheita. Eles decidiram plantar.

Enquanto o agricultor passava por seus campos, mergulhava sua mão na sacola de sementes e as lançava sobre a terra arada, ele derramava lágrimas ao pensar nas necessidades que ele e sua família teriam que passar até a época da colheita.

Porém, depois quando os campos abundavam com grãos dourados, suas lágrimas seriam transformadas em alegria quando ele levasse os feixes maduros de volta ao celeiro. Todos os sacrifícios que sua família havia feito seriam ricamente recompensados.

Podemos conectar isto à nossa própria mordomia de coisas materiais. O Senhor confiou uma quantia limitada de dinheiro a cada um de nós. Podemos gastá-lo para nosso próprio prazer, comprando o que nossos corações desejarem ou, vivendo de forma sacrificial, podemos investir na obra do Senhor – em missões estrangeiras, em materiais cristãos, em emissoras de rádio cristãs, na igreja local e em muitos outros tipos de atividades evangelísticas. Neste caso, isto significará escolhermos um padrão de vida mais humilde para que tudo, o que não for essencial, vá para a obra do Senhor. Significará vivermos com um orçamento apertado para que almas não pereçam por falta do Evangelho.

No entanto, nenhum destes sacrifícios será mencionado quando chegar a hora da colheita, quando virmos homens e mulheres no céu como resultado de nosso estilo de vida sacrificial. Mesmo uma única pessoa salva do inferno, que se torna uma adoradora do Cordeiro de Deus por toda a eternidade, vale qualquer sacrifício que possamos fazer agora.

“Bendize, ó minha alma, ao SENHOR e não te esqueças de nem um só de seus benefícios. Ele é quem ...sara todas as tuas enfermidades” (Salmo 103.2-3).

Um dos nomes compostos de Deus é *Yahweh-Rafá*, que significa *“eu sou o Senhor, que te sara”* (*Êxodo 15.26b*). É Deus quem nos cura. Ele nos cura de todo tipo de doenças e, no final, nos livrará permanentemente de todo tipo de enfermidades.

Às vezes, Ele nos cura através da tremenda capacidade de recuperação que Ele colocou em nossos corpos. É por isto que os médicos muitas vezes dizem que *“a maioria das coisas melhora até o dia seguinte”*. Às vezes, Ele cura através de remédios e cirurgias. Dubois, o famoso médico francês, disse que *“o cirurgião limpa a ferida; Deus a cura”*. Outras vezes, Ele a cura miraculosamente. Sabemos disso pelos Evangelhos e por experiências pessoais.

No entanto, nem sempre a vontade de Deus é curar. Se fosse, alguns jamais envelheceriam e morreriam. Porém, todos morrem, mais cedo ou mais tarde – até que o Senhor venha. Deus não retirou a aflição física de Paulo, mas lhe deu graça para suportá-la (2 Coríntios 12.7-10).

De forma geral, toda doença é resultado do pecado. Em outras palavras, se jamais houvéssimos pecado, não haveria doenças. Às vezes, uma doença é um resultado direto de pecado na vida de alguém. Por exemplo, alcoolismo pode gerar doenças no fígado, fumo pode gerar câncer, imoralidade sexual pode gerar doenças venéreas e preocupação pode gerar úlceras. No entanto, nem toda doença é resultado direto do pecado na vida de uma pessoa. Satanás causou a séria enfermidade de Jó (Jó 2.7) e, no entanto, Jó era o homem mais íntegro da terra (Jó 1.8; 2.3). Ele fez com que uma mulher desconhecida sofresse com uma coluna vertebral encurvada (Lucas 13.11-17) e causou o espinho da carne de Paulo (2 Coríntios 12.7). Em João 9.2,3, não poderia ter sido o pecado daquele homem que o tivesse feito nascer cego. Epafrodito estava seriamente enfermo, não por causa de um pecado, mas por seu serviço incansável ao Senhor (Filipenses 2.30). Gaió era espiritualmente saudável, mas estava doente fisicamente (3 João 2).

Por fim, não ser curado não indica necessariamente falta de fé. Somente quando Deus prometeu especificamente que trará a cura é que podemos reivindicá-la. Do contrário, devemos nos entregar ao nosso carinhoso e vivo Senhor e orar para que Sua vontade seja feita.

17 DE DEZEMBRO

"Sem lenha, o fogo se apaga..." (Provérbios 26.20).

Dois homens estão discutindo. Um deles fala irado e o outro rebate com uma resposta afiada. Um ataca com raiva e o outro contrataca com igual intensidade. Nenhum dos dois está disposto a parar para que seu silêncio não seja considerado sinal de fraqueza ou de derrota e, então, o fogo aumenta de intensidade e esta bola de ódio rola para frente e para trás.

Agora, mude a cena. Um homem lança um ataque verbal contra seu oponente, mas não leva fogo de volta. Ele tenta provocá-lo, irritá-lo, difamá-lo e envergonhá-lo, mas o outro homem se recusa a entrar no combate. Por fim, o adversário percebe que está perdendo seu tempo e se retira, resmungando e reclamando. O fogo se apagou porque o acusado recusou-se a alimentá-lo.

O Dr. H. A. Ironside, muitas vezes, encontrava pessoas que, ao final de uma reunião, queriam discutir com ele sobre algo que havia dito. Geralmente eles estavam preocupados com detalhes insignificantes e não discutindo uma doutrina fundamental. O Dr. Ironside ouvia pacientemente e, então, quando o briguento parasse para respirar, ele dizia: "Bom, irmão, quando chegarmos ao céu, um de nós estará errado e talvez seja eu". Esta resposta invariavelmente liberava o doutor para conversar com outras pessoas.

Como nós ouvimos críticas? Ficamos ofendidos, devolvemos na mesma moeda, soltamos todas as críticas que fomos acumulando contra a outra pessoa? Ou dizemos calmamente: "Irmão, fico feliz que você não me conheça melhor, porque se conhecesse, teria muito mais para criticar". Uma resposta assim apaga muitos incêndios.

Suponho que a maioria de nós já tenha recebido uma carta em algum momento que detonava a nossa existência. Nossa reação natural, em momentos assim, é molhar nossas canetas com ácido e escrever uma resposta afiada. Isto alimenta o fogo e logo cartas repletas de veneno estarão correndo para lá e para cá. Não seria muito melhor responder, simplesmente: "Querido irmão, se você quer brigar com alguém, por favor, brigue com o Diabo".

A vida é curta demais para ser gasta em autodefesas, brigas ou palavras esquentadas. Estas coisas nos afastam do que é nosso alvo principal, diminuem nosso nível espiritual e prejudicam nosso testemunho. Os outros podem carregar uma tocha para começar um incêndio propositalmente, mas nós controlamos o combustível. Quando nos recusamos a alimentar o fogo, o incêndio se apaga.

“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo!” (Isaías 5.20).

Deus lança um alerta sobre aqueles que invertem princípios morais, tornando o pecado algo respeitável e sugerindo que pureza é algo indesejável. Herbert Vander Lugt fez três ilustrações modernas de como os homens distorcem qualidades morais: “Primeiro, li um artigo que não levava a sério os maus resultados da pornografia, mas deplorava a ‘atitude puritana dos religiosos’. Segundo, vi um relato de jornal falando a respeito de um grupo de pais preocupados que estavam tentando afastar uma professora solteira grávida de seu cargo. O autor a descrevia como uma bela pessoa, enquanto as mães e pais pareciam ser vilões. E terceiro, assisti um convidado de um programa de televisão defender o rock pesado, o alcoolismo e o uso de drogas ligados a um show onde vários jovens foram mortos. Ele jogou a culpa dos nossos problemas sociais sobre os indivíduos que não gostam deste tipo de evento”.

Eu sugiro duas razões porque estamos vivendo uma onda cada vez maior de inversões morais. Em primeiro lugar, as pessoas abandonaram os padrões absolutos que encontramos na Bíblia. Agora, a moralidade é uma questão da interpretação de cada um. Em segundo lugar, quanto mais as pessoas toleram pecados, mais sentem que precisam racionalizar estes pecados como um comportamento justificável e, assim, se defendem.

Os que acham difícil justificar o pecado resolvem então usar argumentos *ad hominem*, ou seja, atacam o caráter do oponente ao invés de responder aos seus argumentos. Portanto, nas ilustrações citadas acima, os libertários atacaram a “atitude puritana dos religiosos”, transformaram pais e mães em vilões e colocaram a culpa dos problemas sociais sobre as pessoas que se levantam contra o alcoolismo, as drogas e um show de rock onde vários jovens foram mortos.

Além dos que invertem aspectos morais, há os que se satisfazem ofuscando-os. Infelizmente, grande parte destes são líderes religiosos. Ao invés de se posicionarem claramente a favor da Bíblia e dar nome aos pecados, eles evitam comprometer-se, alegando que eles não são tão ruins assim. Alcoolismo é uma doença. Perversão é um estilo de vida alternativo. Sexo fora do casamento é permitido se é algo culturalmente aceito. Abortos, nudez pública e prostituição são direitos pessoais dos quais as pessoas não devem ser privadas.

Uma mentalidade tão confusa demonstra uma séria falta de inteligência moral. Estes argumentos perversos são mentiras do Diabo que, eventualmente, afogam os homens em perdição.

19 DE DEZEMBRO

“Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Lucas 21.33).

A Palavra de Deus não é apenas eterna: não há absolutamente nenhuma dúvida de que ela se cumprirá. Em Mateus 5.18, Jesus disse que não se omitirá um i ou um til da lei até que tudo se cumpra. Um i é uma letra do alfabeto hebraico que lembra uma vírgula ou uma apóstrofe. Um til é um traço de uma letra hebraica; podemos compará-la à linha inferior de um E maiúsculo que o distingue do F. O que Jesus estava dizendo é que a palavra de Deus se cumprirá até no menor dos detalhes.

Juliano, o Apóstata, foi um imperador romano que reinou entre 331-336 d.C. e decidiu desmentir a Bíblia e refutar o Cristianismo. A passagem específica que ele escolheu para desmentir foi Lucas 21.24: *“Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”*. Ele começou encorajando os judeus a reconstruírem o Templo. De acordo com Gibbon em *The Decline and Fall of the Roman Empire* [O Declínio e a Queda do Império Romano], eles começaram a trabalhar ansiosamente, usando até mesmo pás de prata em sua extravagância e carregando entulho em seus mantos púrpura. Porém, enquanto eles estavam trabalhando, foram interrompidos por um terremoto e por bolas de fogo saindo do chão. Tiveram que abandonar o projeto.

Quase 600 anos antes de Cristo, Ezequiel predisse que a Porta Oriental de Jerusalém seria fechada e permaneceria assim até que “o Príncipe” viesse (Ezequiel 44.3). Muitos estudiosos da Bíblia entendem que “o príncipe” é o Messias. O portão, depois chamado de Porta Dourada, foi fechado pelo sultão Solimão em 1543 d.C. De acordo com o plano de Kaiser Wilhelm de conquistar Jerusalém, ele esperava entrar por este portão, mas sua esperança foi destruída. O portão permanece fechado.

Voltaire declarou que a Bíblia seria um livro morto em 100 anos. Passados 100 anos, quem estava morto era Voltaire e sua casa se tornou a base da Sociedade Bíblica de Genebra. Ingersoll fez uma declaração semelhante. Disse que levaria a Bíblia ao necrotério em 15 anos. Foi ele, não a Bíblia, quem foi para o necrotério. A Bíblia sobrevive a todos os seus críticos.

Seria de se pensar que as pessoas acordariam para o fato de que a Bíblia é a Palavra eterna de Deus e de que ela jamais passará. Porém, como Jonathan Swift disse: “Pior cego é aquele que não quer ver”.

“...porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Filipenses 4.11).

Muitas vezes ouvimos que não são as circunstâncias da vida que são importantes e o que realmente importa é como reagimos a estas circunstâncias. Isto é verdade. Ao invés de sempre tentar mudar nossas circunstâncias, devemos pensar mais em mudar a nós mesmos.

Há muitas formas como as pessoas reagem a acontecimentos adversos. A primeira maneira é a **estóica**. Isto quer dizer que elas são completamente indiferentes, rangendo os dentes e não demonstrando emoção. Seu lema é “cooperar com o inevitável”.

Outros reagem **histericamente**. Eles se despedaçam emocionalmente com lágrimas, com choro alto e com manifestações físicas espetaculares. Alguns reagem de forma **derrotista**. Eles desistem com um desânimo miserável. Em casos extremos, isto pode acabar em suicídio.

Um cristão responde de maneira **submissa**. O crente raciocina: “Isto não aconteceu por acaso. Deus controla tudo o que acontece em minha vida. Ele não errou. Ele permitiu isto para trazer glória para Si, bênção para outros e bem para mim. Não consigo ver o resultado final do Seu plano, mas confiarei nEle ainda assim. Então me prostro à Sua vontade e oro para que Ele seja glorificado e me ensine o que Ele quer que eu aprenda”.

Alguns cristãos, ainda, reagem de maneira **super-triunfante**. Não ousou me incluir neste grupo, embora eu almeje sua companhia. São aqueles que usam a adversidade como um degrau para a vitória. Eles transmutam o que é amargo em algo doce e cinzas em beleza. Não deixam que circunstâncias os controlem, mas fazem com que as circunstâncias os sirvam. Neste sentido, são “mais que vencedores”. Deixe-me dar alguns exemplos:

- Havia uma mulher cristã cuja vida parecia ser repleta de frustrações e decepções. No entanto, seu biógrafo escreveu que “ela fazia buquês magníficos com as respostas negativas de Deus”.

- Crentes de um país oriental haviam sido atacados com pedras por uma multidão enfurecida. Quando estes mesmos crentes voltaram, construíram uma capela com as pedras que haviam sido lançadas contra eles.

- Depois de comprar uma casa, certo homem encontrou uma enorme pedra no meio do jardim. Ele decidiu então fazer um jardim de pedras.

E. Stanley Jones disse: “Use suas respostas negativas e transforme-as em portas” ou, como já foi dito: “Quando a vida lhe dá limões, faça uma limonada”.

Eu gosto muito da história do homem que ouviu de seu médico que perderia um olho e teria que usar um olho de vidro. Sua resposta imediata foi: “Então escolha um que brilhe”. Isso é viver acima das circunstâncias.

21 DE DEZEMBRO

*“Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela”
(Efésios 5.25b).*

A Igreja ocupa um lugar de tremenda importância na mente de Cristo e deve ser extremamente importante também para nós.

Nós sentimos sua importância pelo espaço significativo que ela ocupa no Novo Testamento. Ela também teve um lugar importante no ministério dos apóstolos. Paulo, por exemplo, falou de seu ministério duplo – pregar o Evangelho e declarar a verdade à Igreja (Efésios 3.8,9). Os apóstolos falavam da Igreja com um entusiasmo que, estranhamente, nos falta hoje. Eles implantavam igrejas em todo lugar por onde passavam, enquanto a tendência hoje é começar organizações cristãs.

A verdade da Igreja formou o acabamento da revelação das Escrituras (Colossenses 1.25-26). Foi a última grande doutrina a ser revelada.

A Igreja é uma lição concreta aos seres angelicais (Efésios 3.10). Eles aprenderam lições com ela sobre a sabedoria multifacetada de Deus.

A Igreja é o grupo através do qual Deus decidiu propagar e defender a fé na Terra (1 Timóteo 3.15). Ele a chama de pilar e base da verdade. Somos gratos a organizações para-eclesiais que se dedicam a espalhar o Evangelho e a instrução dos crentes, mas é um erro quando elas assumem o lugar da igreja local na vida de seus membros. Deus prometeu que os portões do *Hades* não prevaleceriam contra a Igreja (Mateus 16.18), mas jamais prometeu isto a organizações cristãs.

Paulo fala da Igreja como a plenitude dAquele que enche todas as coisas (Efésios 1.20-23). Em uma graça maravilhosa, o Cabeça não se considera completo sem Seus membros.

A Igreja não é apenas o corpo de Cristo (1 Coríntios 12.12,13); ela também é Sua noiva (Efésios 5.25-27, 31, 32). Como corpo, ela é o veículo através do qual Ele escolhe expressar-Se ao mundo nesta era. Como noiva, ela é o objeto especial da Sua afeição que Ele está preparando para compartilhar do Seu reino e da Sua glória.

Diante disto tudo, somos forçados a concluir que, mesmo a mais fraca reunião de crentes, significa mais para Cristo que o maior império do mundo. Ele fala da Igreja com palavras de carinho e de uma dignidade única. Também concluímos que um ancião em uma igreja local significa mais para Deus que um presidente ou um rei. Encontramos poucas instruções no Novo Testamento quanto a como ser um bom governante, mas um espaço considerável é dedicado ao serviço de ancião.

Se, por um instante, virmos a Igreja como o Senhor a vê, isto revolucionará nossas vidas e ministérios.

“Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários” (Hebreus 10.26-27).

Entre diversas passagens no Novo Testamento, esta é uma que parece ser extremamente perturbadora para muitos cristãos cuidadosos e dedicados. Eles a interpretam desta forma: Me deparo com a tentação de pecar. Sei que é errado e que não deveria fazê-lo, mas sigo em frente e o faço de qualquer maneira. Desobedeço deliberadamente. Parece-me que estou pecando propositalmente. Portanto, parece que estes versículos afirmam que perdi minha salvação.

O problema surge porque eles tiram este versículo do seu contexto e o fazem dizer algo que ele nunca quis dizer. O contexto tem a ver com o pecado da apostasia – o pecado daquele que confessa ser um crente por certo tempo, mas que depois nega a fé cristã e, geralmente, se une a algum tipo de sistema que se opõe a Cristo. O apóstata é descrito no versículo 29: ele pisou aos pés do Filho de Deus, profanou o sangue da Aliança pelo qual ele foi santificado e insultou o Espírito da graça. Através de sua amarga revolta contra Cristo ele demonstra que jamais havia nascido de novo.

Suponha que alguém ouça o Evangelho e desenvolva certa simpatia para com a fé cristã. Ele deixa sua religião ancestral e adota o rótulo cristão sem ser genuinamente convertido. Então, porém, começa a ser perseguido e ele repensa esta idéia de ser cristão. Por fim, decide voltar para sua antiga religião. No entanto, não é tão simples assim. Suponha que, antes deste vira-casaca ser aceito de volta pelos seus líderes, eles tenham algum tipo de cerimônia pela qual ele precisa passar. Eles pegam sangue de um porco e borrifam um pouco no chão. Então dizem: “Este sangue representa o sangue de Cristo. Se você quer voltar para a religião dos seus pais, precisa caminhar sobre ele”. É ele o faz. Na verdade, ele está pisando aos pés do Filho de Deus e profanando Seu sangue. Este homem é um apóstata. Ele cometeu o pecado intencional.

Um verdadeiro cristão não comete este pecado intencional. Ele pode cometer outros atos pecaminosos, mesmo sabendo que está errado. Pode profanar sua consciência deliberadamente. Isto é sério aos olhos de Deus e não devemos dizer nada que o justifique. No entanto, ele encontra perdão ao confessar e abandonar seu pecado. Não é assim com o apóstata. Para ele, o veredito é que já não resta sacrifício pelos seus pecados (verso 26b) e é impossível levá-lo novamente ao arrependimento (Hebreus 6.6).

23 DE DEZEMBRO

“Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu” (1 João 3.6).

Ontem refletimos sobre uma passagem que muitas vezes angustia cristãos sinceros. Hoje veremos 3 versículos na primeira epístola de João que também perturbam crentes bem cientes de sua pecaminosidade. Há o versículo citado no começo da página. Depois, há o versículo de 1 João 3.9: *“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”*. Ainda, 1 João 5.18: *“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda e o Maligno não lhe toca”*. Lidos assim, estes versículos podem mesmo fazer com que cada um de nós questione se é verdadeiramente crente.

Entretanto, alguns versículos nesta mesma carta reconhecem que crentes pecam (por exemplo: 1.8-10; 2.1b).

O problema está principalmente na tradução. Na língua original do Novo Testamento, há uma diferença entre cometer atos pecaminosos ocasionalmente e praticar o pecado como um estilo de vida. Cristãos cometem pecados, mas o pecado não é algo que caracteriza suas vidas. Eles foram libertos do senhorio do pecado.

A Nova Versão Internacional optou por usar a expressão “no pecado” para demonstrar isto, como vemos: *“Todo aquele que nele permanece não está no pecado. Todo aquele que está no pecado não o viu nem o conheceu” (3.6)*. *“Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado porque é nascido de Deus” (3.9)*. *“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não está no pecado; aquele que nasceu de Deus o protege e o Maligno não o atinge” (5.18)*.

Qualquer cristão, que afirma não pecar, tem uma visão imperfeita do que é pecado. Ele aparentemente não percebe que qualquer coisa abaixo do padrão perfeito de Deus é pecado. De fato, é que cometemos atos pecaminosos todos os dias em pensamento, palavra e ação.

Porém, João faz uma distinção entre o que é exceção e o que é hábito. No verdadeiro santo, o pecado é a natureza divergente e a retidão é o normal.

Quando vemos isto, não há necessidade de nos torturarmos com estes versículos que nos fazem questionar nossa salvação. Os fatos simples são estes: A vontade de Deus é que não pequemos. Infelizmente, nós pecamos. Porém, o pecado não é mais o poder dominante em nossas vidas. Não praticamos mais o pecado como praticávamos antes de sermos salvos. Se pecamos, encontramos perdão ao confessar e abandonar nossos pecados.

"Os bens do rico lhe são cidade forte e, segundo imagina, uma alta muralha" (Provérbios 18.11).

O rico insensato, no Evangelho de Lucas, tinha tanta riqueza que não sabia o que fazer com ela. Então decidiu derrubar seus celeiros e depósitos e construir outros ainda maiores. Assim, achou que se sentiria satisfeito, não sabendo que morreria tão logo seus projetos ficassem prontos. Sua riqueza não o salvou da morte e do túmulo.

Sider diz que "o rico insensato é o exemplo perfeito de uma pessoa avarenta. Ele tem uma compulsão gananciosa de adquirir cada vez mais posses, mesmo sem precisar delas. Seu sucesso fenomenal de acumular cada vez mais propriedades leva à conclusão blasfema de que posses materiais podem satisfazer todas as suas necessidades. Da perspectiva divina, no entanto, esta atitude é pura tolice. Ele é um tolo delirante".

Há uma lenda sobre um homem que queria ficar rico com o mercado de ações. Quando alguém ofereceu dar-lhe qualquer coisa que ele quisesse, ele pediu um jornal do mesmo dia, de um ano no futuro. Sua idéia, claro, era ganhar uma fortuna comprando as ações que subiriam mais durante o ano seguinte. Quando recebeu o jornal, se vangloriou da sua riqueza acumulada. A seguir, porém, olhou para os anúncios de falecimentos e viu seu nome ali.

O salmista demonstra seu desprezo pelos ricos cujo *"pensamento íntimo é que as suas casas são perpétuas e, as suas moradas, para todas as gerações; chegam a dar seu próprio nome às suas terras"* (Salmo 49.11). No entanto, eles morrem e deixam suas riquezas para outros. *"Todavia, o homem não permanece em sua ostentação; é, antes, como os animais, que perecem"* (Salmo 49.12).

É verdadeiro o ditado que diz: "O dinheiro é um passaporte universal para qualquer lugar, menos para o céu e o provedor universal de qualquer coisa, menos felicidade".

Nenhum rico tem um cifrão gravado em seu túmulo, mesmo que o dinheiro tenha sido a obsessão de sua vida. Se ele usasse o símbolo do que foi mais importante para ele, seria o "\$". Porém, na morte ele escolhe um símbolo religioso, como uma cruz. É um gesto final de hipocrisia. Os homens íntegros olham e dizem *"Eis o homem que não fazia de Deus a sua fortaleza; antes, confiava na abundância dos seus próprios bens e na sua perversidade se fortalecia"* (Salmo 52.7). E Deus escreve em seu epitáfio: *"Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus"* (Lucas 12.21 – ACF).

25 DE DEZEMBRO

“Não há dúvida de que é grande o mistério da piedade: Deus foi manifesto em corpo...” (1 Timóteo 3.16 - NVI).

O mistério é grande, não pelo aspecto misterioso, mas porque é tão espantoso. O mistério é a incrível verdade de que Deus foi manifesto na carne.

Isto significa, por exemplo, que o Eterno nasceu em um mundo temporal. Ele, o Atemporal, viveu em uma esfera de calendários e épocas.

Aquele que é Onipresente, existindo em todos os lugares ao mesmo tempo, foi confinado a um único lugar – como Belém ou Nazaré, Cafarnaum ou Jerusalém.

É maravilhoso pensar que o Grande Deus, que enche Terra e Céu, se reduziu a um corpo humano. Quando os homens olhavam para Ele, diziam corretamente: *“...nele habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Colossenses 2.9).*

O mistério nos lembra de que o Criador visitou este planeta insignificante chamado Terra. Ele é apenas uma partícula de pó cósmico, comparado ao resto do universo, mas Ele desviou de todo o resto para vir aqui, de um lugar nos céus para um abrigo de rebanhos, um estábulo, uma manjedoura!

O Onipotente se tornou um Bebê indefeso. Não é exagero dizer que Aquele que Maria carregou em seus braços carregava Maria, porque Ele é o Sustentador e Criador do Universo.

O Onisciente é a fonte de toda a sabedoria e conhecimento e, no entanto, vemos que Ele, quando criança, cresceu em sabedoria e conhecimento. É quase incrível pensar que o Dono de tudo não foi bem-vindo em Sua propriedade. Não havia lugar para Ele na estalagem. O mundo não O reconheceu. Suas próprias criaturas não O receberam.

O Mestre veio ao mundo como Servo. O Senhor da glória ocultou essa glória em um corpo humano. O Senhor da vida veio ao mundo para morrer. O Santo veio a uma selva de pecado. Aquele que é infinitamente sublime Se fez intimamente próximo. Aquele, de Quem o Pai se compraz e a Quem os anjos adoram, passou fome e sede, cansou-se ao chegar ao poço de Jacó, dormiu em um barco na Galiléia, andou como um viajante sem lar pelo mundo que Suas mãos criaram. Ele veio do luxo à pobreza, sem ter um lugar para repousar Sua cabeça. Trabalhou como carpinteiro. Nunca dormiu em um colchão. Nunca teve água encanada quente e fria ou outros confortos que nós valorizamos.

*E foi tudo por ti e por mim!
Ó, venha e adoremos!*

"Então, disse o rei de Sodoma a Abrão: Dá-me as pessoas e os bens ficarão contigo" (Gênesis 14.21).

Exércitos invasores haviam chegado a Sodoma e capturado Ló, sua família e fizeram grandes saques. Assim que Abrão ouviu isto, armou seus servos e perseguiu os invasores, finalmente, alcançando-os perto de Damasco e resgatando os cativos e seus pertences. O rei de Sodoma foi encontrar-se com Abrão quando este estava voltando e disse-lhe: *"Dá-me as pessoas e os bens ficarão contigo"*. Abrão respondeu que não ficaria nem sequer com uma correia de sandália do rei para que este nunca dissesse que havia tornado Abrão rico.

De certa forma, o rei de Sodoma representa Satanás aqui, tentando manter os crentes ocupados com coisas materiais, negligenciando as pessoas ao seu redor. Abrão resistiu à tentação, mas muitos, desde aquela época, não conseguiram fazer o mesmo. Eles deram prioridade ao acúmulo de posses e prestaram pouca atenção aos vizinhos e amigos que estão enfrentando uma eternidade sem Deus, sem Cristo e sem esperança.

Pessoas são importantes; coisas não. Um jovem cristão entrou na sala onde sua mãe estava costurando e lhe disse: *"Mãe, fico feliz de que Deus tenha me dado um amor maior pelas pessoas do que pelas coisas"*. Aquela mãe também ficou feliz.

Parece incongruente que alguém chora quando quebra sua xícara de porcelana inglesa, mas não derrama uma lágrima sequer pelos milhões que estão morrendo. O fato de termos uma memória fenomenal para os resultados dos jogos de futebol, mas reclamarmos da nossa dificuldade enorme de lembrar os nomes de pessoas, nos diz alguma coisa. Eu demonstro minha noção de valor distorcida quando fico mais chateado com o estrago feito no meu carro que com a pessoa ferida no outro carro. É fácil ficar irritado quando estamos trabalhando em um projeto pessoal preferido e, no entanto, a interrupção pode ser muito mais importante que o próprio projeto.

Muitas vezes estamos mais interessados em ouro e prata que em homens e mulheres. A. T. Pierson disse: *"Há suficiente ouro e prata e enfeites inúteis em lares cristãos para construir uma frota de 50.000 barcos, carregá-los de Bíblias e enchê-los de missionários: construir uma igreja em cada aldeia necessitada e levar o Evangelho a cada alma viva em questão de anos"*. Outro profeta de Deus, J. A. Stewart, escreveu: *"Nós usamos nossa riqueza para nos satisfazer com luxos de que não precisamos. Desenvolvemos um gosto por banquetes, enquanto milhões em outras partes do mundo estão morrendo na inanição do pecado. Vendemos nosso direito de primogenitura espiritual por um prato de lentilha"*.

Meu coração, muitas vezes, se pergunta quando nós cristãos abandonaremos a corrida enlouquecida atrás de posses materiais e nos concentraremos no bem-estar espiritual das pessoas. Uma alma humana vale mais que toda a riqueza do mundo. Coisas não importam. Pessoas, sim.

27 DE DEZEMBRO

"Isto é o meu corpo, que é dado por vós" (1 Coríntios 11.24).

Amy Carmichael lista quatro coisas quebradas ou partidas na Bíblia e os resultados alcançados por elas.

- Cântaros quebrados (Juizes 7.18-19) – e a luz brilhou.
- Frasco quebrado (Marcos 14.3) – e o perfume foi derramado.
- Pão partido (Mateus 14.19) – e os famintos foram alimentados.
- Corpo partido (1 Coríntios 11.24) – e o mundo foi redimido.

Agora é nosso privilégio acrescentar uma quinta coisa à lista – uma vontade quebrantada e o resultado será uma vida repleta de paz e satisfação.

Muitos dos que foram à cruz para serem salvos jamais foram até ela para terem sua vontade quebrantada. Eles podem ter uma atitude gentil e suave; podem nunca falar mais alto que um sussurro ou ter uma aparência externa de espiritualidade e, ainda assim, podem ter uma vontade de ferro que os afasta do melhor de Deus para suas vidas.

Isto, às vezes, acontece com jovens apaixonados que pensam em se casar. Pais e amigos, com um discernimento sábio e maduro, vêem que nunca vai dar certo. No entanto, o casal inflexível rejeita qualquer conselho que não quer ouvir. As mesmas vontades intratáveis que levaram os dois ao altar do casamento logo os levarão ao tribunal atrás de um divórcio.

Já o vimos acontecer com cristãos que estão decididos a começar um novo negócio quando claramente não têm qualquer experiência ou técnica necessárias. Indo contra os conselhos de sócios experientes, eles afundam seu próprio dinheiro e, muitas vezes, também o dinheiro de amigos queridos. O inevitável acontece. O negócio vai à falência e os credores vêm juntar os pedaços.

Não é incomum ver os efeitos destruidores de uma vontade insubmissa na obra cristã. Ela leva um homem e sua família ao campo missionário, somente para repatriá-los depois de um ano a um enorme custo para a igreja que os havia enviado. Ela suga fundos de cristãos ingênuos para financiar um projeto que foi a idéia de um homem, não de Deus – um projeto que acaba sendo contra-produtivo. Ela gera conflitos e infelicidade porque uma pessoa se recusa a trabalhar cooperando com as outras; ela escolhe fazer as coisas do seu jeito.

Todos nós precisamos ser quebrantados, levar toda a nossa teimosia, nossa resistência e nossa vontade-própria e deixá-las aos pés da cruz. Aquela vontade de ferro precisa ser depositada sobre o altar do sacrifício. Precisamos dizer junto a Amy Carmichael:

Tu foste partido, Ó meu Senhor, por mim,
Quebranta-me, Senhor, por amor a Ti.

“Como alguém que pega pelas orelhas um cão qualquer, assim é quem se mete em discussão alheia” (Provérbios 26.17 - NVI).

Precisamos perceber em primeiro lugar que o cão mencionado neste versículo não é um daqueles amigáveis cães de caça que, provavelmente, não se importariam se você os segurasse pelas orelhas. Este é o cão selvagem, rosnando nos becos, com um temperamento ruim e com suas presas à mostra. Para começar, seria improvável que você conseguisse chegar perto dele o suficiente para segurá-lo pelas orelhas. Porém, se o fizesse, estaria em um aperto desesperador, ficaria com medo de continuar segurando-o e com medo de soltá-lo.

Bem, é uma ilustração gráfica da pessoa que se envolve em uma briga que não lhe pertence. Ela logo provoca a ira de ambos os adversários.

Cada um deles acha que o intrometido está atrapalhando sua chance de vitória, então, eles se esquecem do seu conflito e se unem contra o intruso.

Rimos daquele ingênuo que se aproximou de dois homens em meio a uma luta e perguntou: “Esta é uma luta particular ou qualquer um pode entrar”? Entretanto, há uma tendência, em cada um de nós, que tenta nos levar a interferir em disputas que não são da nossa conta.

Policiais precisam tomar um cuidado extra quando são chamados a uma cena onde marido e mulher estão brigando. Sendo assim, quanto mais os cidadãos comuns precisam ser cuidadosos ao invadir os conflitos domésticos dos outros!

Talvez uma das melhores ilustrações do provérbio de hoje seja a Igreja. Geralmente, o caso começa entre duas pessoas. Então, outros tomam partido. Aquilo que começou como uma faísca, logo vira um incêndio arrasador. Pessoas, que não tem ligação alguma com o problema, insistem em dar suas “sábias” opiniões, como se fossem o oráculo de *Delfos*. As pessoas explodem, amizades são destruídas e corações são partidos. Conforme a batalha aumenta em intensidade, a congregação ouve avisos de ataques cardíacos, derrames, úlceras e outros problemas físicos. O que no início era uma raiz de amargura se alastrou até que muitos se corromperam.

A advertência para não nos intrometermos nos conflitos de outros pode parecer entrar em conflito com as palavras do Salvador: *“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5.9)*, porém não há contradição. Há espaço para pacificadores quando as pessoas ou grupos em conflito estão dispostos a ter sua disputa arbitrada. Do contrário, quem interferir conseguirá colocar-se em uma situação de onde não há saída fácil ou indolor.

29 DE DEZEMBRO

"Nós somos teus, ó Davi e contigo estamos, ó filho de Jessé! Paz, paz seja contigo! E paz com os que te ajudam! Porque o teu Deus te ajuda" (1 Crônicas 12.18).

Esta nobre demonstração de lealdade a Davi deveria ser usada por todos os cristãos como expressão de devoção ao Senhor Jesus Cristo. Não há lugar para uma lealdade descomprometida ou para uma aliança dividida com o Rei dos reis. Ele deve ter nossos corações inteiros.

Sempre me impressionei com a história do soldado francês que foi seriamente ferido em uma das guerras napoleônicas. Os médicos decidiram que seria necessária uma cirurgia para salvar sua vida. Isto foi no tempo anterior à anestesia. Enquanto o cirurgião cortava o peito do soldado, o paciente disse: "Corte um pouco mais fundo, doutor e você encontrará o Imperador". De certa maneira, o Imperador reinava sobre seu coração.

Quando Elizabeth foi coroada rainha, sendo ainda bastante jovem, sua avó, a rainha Mary, lhe escreveu uma carta de lealdade e assinou-a, dizendo: "Sua carinhosa avó e súdita fiel". Ela expressou, assim, sua lealdade à coroa e à quem a usasse.

E quanto a nós? Como isto tudo se aplica ao nosso caso? Matthew Henry nos lembra de que "com estas expressões de Amasai podemos aprender a declarar nossa afeição e lealdade ao Senhor Jesus: que sejamos dEle sem reservas ou poder de revogação; que ao Seu lado precisamos estar prontos para apresentar-nos e agir; sempre dando boas vindas aos Seus interesses. Hosana! Prosperidade ao Seu Evangelho e Reino, pois Seu Deus O ajudou e O ajudará, até que tenha derrotado todo governo, principado e poder".

Nas palavras de Spurgeon, nossas vidas devem dizer: "**Nós somos Teus, Jesus.** Não consideramos nada do que possuímos como nosso; mas tudo é dedicado ao Teu nobre uso. Assim, **estamos ao Teu lado, ó Filho de Deus.** Pois, se pertencemos a Cristo, naturalmente estamos do lado de Cristo, seja este qual for, em religião, valores morais e política. **Paz seja Contigo.** Nossos corações O saúdam e clamam por paz sobre Ele. **E paz com os que Te ajudam.** Desejamos todo bem para todo homem do bem. Oramos pela paz sobre os pacificadores. **Pois o Teu Deus Te ajuda.** Todos os poderes do Deus da natureza estão operando para ajudar o Senhor da graça. Cristo ressurreto, olhamos para cima enquanto os céus O recebem e adoramos. Cristo exaltado, nos prostramos aos Teus queridos pés e dizemos: 'Nós somos Teus, ó Filho de Davi, ungido para ser Príncipe e Salvador'. Cristo vindouro, esperamos e vigiamos aguardando Tua volta. Vem logo para os Teus! Amém e amém".

"Disse Davi: Resta ainda, porventura, alguém da casa de Saul, para que use eu de bondade para com ele, por amor de Jônatas?" (2 Samuel 9.1).

Mefibosete era neto do rei Saul que inúmeras vezes tentou tirar a vida de Davi. Ele, portanto, vinha de uma família rebelde que poderia ter sido apagada quando Davi subiu ao trono. Além disso, Mefibosete era um paralítico indefeso, porque sua ama o havia deixado cair quando era pequeno. O fato de que vivia na casa de outra pessoa, em Lo-Debar, que significa "sem pasto", sugere que ele era pobre. Lo-Debar ficava do lado leste do Jordão e, portanto, longe de Jerusalém, a habitação de Deus. Não havia mérito algum em Mefibosete para ganhar o favor de Davi.

Apesar disso tudo, Davi perguntou a seu respeito, enviou mensageiros até ele, o trouxe para o palácio real, tranqüilizou-o de que não havia nada a temer, enriqueceu-o com todas as terras de Saul, designou uma comitiva de servos para cuidar dele e o honrou com um lugar permanente à mesa do rei como um dos filhos do rei.

Por que Davi demonstrou tamanha misericórdia, graça e compaixão a alguém tão indigno? A resposta é: "...por amor de Jônatas". Davi havia feito uma aliança com Jônatas, pai de Mefibosete, de que jamais deixaria de demonstrar bondade à família de Jônatas. Foi uma aliança incondicional, de graça (1 Samuel 20.14-17).

Mefibosete percebeu isto, porque, assim que foi levado à presença do rei, prostrou-se e disse que um "cão morto" como ele não merecia tamanha bondade (2 Samuel 9.9).

Não deve ser difícil nos identificarmos com esta história. Nascermos de uma raça rebelde, pecaminosa e condenada à morte. Éramos moralmente deformados e paralisados pelo pecado. Também habitávamos em uma terra "sem pasto", morrendo de fome, espiritualmente. Nós estávamos não apenas condenados, indefesos e empobrecidos, estávamos também longe de Deus, sem Cristo e sem esperança. Não havia nada em nós que atraísse o amor e a bondade de Deus.

Entretanto, Deus veio atrás de nós, nos encontrou, libertou-nos do medo da morte e abençoou-nos com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais, nos trouxe à Sua mesa para um banquete e ergueu a bandeira do Seu amor sobre nós.

Por que Ele fez isso? Por amor a Jesus. Foi por causa da Sua aliança de graça que Ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo.

A atitude apropriada para nós é nos prostrarmos em Sua presença e dizer: "*Quem é teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?*"

31 DE DEZEMBRO

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele, comigo” (Apocalipse 3.20).

Aqui estamos, no final de mais um ano e o paciente Salvador continua esperando à porta, pedindo para entrar. Ele está esperando do lado de fora há um bom tempo. Qualquer outra pessoa já teria desistido e ido para casa, mas não o Salvador. Ele é paciente, não querendo que ninguém pereça. Ele aguarda, com a esperança de que um dia a porta será escancarada e Ele será convidado a entrar.

É incrível que qualquer um deixe de abrir a porta à batida do Senhor Jesus. Se fosse um vizinho, a porta se abriria prontamente. Se fosse um vendedor, lhe fariam ao menos a cortesia de abrir a porta e dizer: “Não precisamos disto!”. Certamente, se fosse o presidente ou o governador, a família competiria pelo privilégio de recebê-lo. É estranho, então, que quando o Criador, Sustentador e Redentor está à porta, recebe um frio silêncio.

A rejeição do homem é ainda mais irracional quando percebemos que o Senhor Jesus não vem para roubar, mas para dar. Ele vem dar vida mais abundante.

Um pregador de uma rádio cristã recebeu uma ligação de um ouvinte, tarde da noite, que queria passar lá para uma visita rápida. O pregador tentou dar todo tipo de desculpa para dissuadi-lo de vir, mas, por fim, concordou. O visitante foi até lá com uma grande oferta financeira para ajudar com as despesas da rádio. Depois que ele foi embora, o pregador disse: “Ainda bem que o deixei entrar”.

Joe Blinco costumava descrever uma cena onde uma família estava conversando animadamente na sala de estar de uma casa. De repente, ouve-se uma batida na porta da frente. Alguém da família disse: “Há alguém à porta”.

Outra pessoa levantou-se de um salto, foi até a porta e a abriu. Então alguém, na sala, perguntou: “Quem é?” A pessoa à porta respondeu. Por fim, o cabeça da casa gritou: “Deixe-o entrar”.

Este é o resumo do Evangelho. Ouça! Há Alguém à porta. Quem é? Ninguém menos que o Senhor da vida e da glória, Aquele que morreu como um Substituto por nós e ressuscitou no terceiro dia – Aquele que está agora entronizado em glória e que virá logo para levar o Seu povo para casa, para estar com Ele. Deixe-O entrar!

Índice de Passagens Bíblicas

Gênesis

| | |
|-------|--------|
| 1.1 | 25/Mar |
| 2.15 | 06/Set |
| 5.3 | 24/Fev |
| 12.3 | 17/Jul |
| 14.21 | 26/Dez |
| 18.25 | 18/Fev |
| 24.33 | 20/Fev |
| 29.31 | 25/Jul |
| 30.27 | 24/Set |
| 39.2 | 01/Jun |
| 49.6 | 23/Set |

Êxodo

| | |
|-------|--------|
| 12.2 | 01/Jan |
| 17.11 | 30/Jun |
| 22.28 | 19/Ago |
| 31.3 | 04/Dez |
| 34.29 | 13/Set |

Levítico

| | |
|-------|--------|
| 25.10 | 01/Set |
|-------|--------|

Números

| | |
|-------|--------|
| 23.21 | 22/Jan |
| 32.23 | 28/Ago |

Deuteronômio

| | |
|----------|--------|
| 8.11,13 | 11/Set |
| 9.3 | 28/Fev |
| 10.13 | 09/Out |
| 11.18 | 11/Dez |
| 13.12,14 | 01/Dez |
| 18.10-11 | 02/Out |
| 33.25 | 19/Jun |
| 34.9 | 22/Out |

Josué

| | |
|-----|--------|
| 1.3 | 05/Out |
|-----|--------|

Juízes

| | |
|------|--------|
| 5.23 | 19/Mar |
| 7.2 | 05/Jan |

1 Samuel

| | |
|-------|--------|
| 2.30 | 17/Ago |
| 15.22 | 26/Mai |
| 16.1 | 06/Mai |
| 16.14 | 21/Jan |
| 28.10 | 14/Set |
| 30.24 | 30/Jul |

2 Samuel

| | |
|-------|--------|
| 6.23 | 18/Jul |
| 9.1 | 30/Dez |
| 13.15 | 28/Mar |
| 18.33 | 25/Jun |
| 24.24 | 23/Mar |

1 Reis

| | |
|-------|--------|
| 8.18 | 22/Mar |
| 19.4b | 02/Jun |
| 20.11 | 18/Ago |

2 Reis

| | |
|------|--------|
| 4.13 | 21/Fev |
| 5.4 | 09/Mai |

1 Crônicas

| | |
|-------|--------|
| 11.17 | 20/Out |
| 12.18 | 29/Dez |

2 Crônicas

| | |
|-------|--------|
| 19.2 | 29/Jul |
| 20.15 | 12/Jul |

Jó

| | |
|------|--------|
| 11.7 | 17/Jun |
| 42.2 | 05/Fev |

Salmos

| | |
|------------|--------|
| 4.1 | 17/Fev |
| 11.7 | 04/Ago |
| 12.1 | 16/Jul |
| 15.1,4 | 27/Ago |
| 32.9 | 17/Mar |
| 51.17 | 14/Ago |
| 69.4 | 04/Set |
| 73.15 | 04/Fev |
| 76.10 | 21/Mar |
| 85.6 | 04/Jul |
| 90.17 | 26/Ago |
| 103.2,3b | 16/Dez |
| 106.33 | 18/Mai |
| 115.3 | 16/Jun |
| 116.12-13 | 19/Out |
| 119.37 | 04/Out |
| 119.99-100 | 18/Out |
| 126.5-6 | 15/Dez |
| 145.3 | 04/Jun |
| 147.10 | 03/Ago |

Provérbios

| | |
|--------|--------|
| 1.5 | 23/Fev |
| 4.1 | 28/Abr |
| 10.1 | 31/Out |
| 11.24 | 28/Out |
| 13.11 | 24/Mai |
| 13.15b | 23/Nov |
| 13.22 | 09/Set |
| 14.12 | 04/Mai |
| 14.13 | 16/Fev |
| 18.11 | 24/Dez |
| 18.13 | 11/Nov |
| 18.17 | 12/Nov |
| 18.24 | 20/Jul |
| 18.24b | 25/Out |
| 19.3 | 19/Fev |
| 19.18 | 16/Set |
| 23.7 | 03/Abr |
| 23.23 | 17/Out |
| 25.11 | 01/Ago |
| 26.17 | 28/Dez |
| 26.20 | 17/Dez |
| 29.18 | 26/Nov |
| 31.10 | 20/Jun |

Eclesiastes

| | |
|------|--------|
| 5.4 | 08/Set |
| 8.11 | 08/Dez |
| 11.1 | 15/Fev |
| 11.6 | 01/Nov |

Cântico dos Cânticos

| | |
|------|--------|
| 1.6b | 08/Jul |
| 5.16 | 06/Out |

Isaías

| | |
|--------|--------|
| 2.22 | 22/Mai |
| 5.20 | 18/Dez |
| 28.16 | 28/Jan |
| 43.7 | 14/Dez |
| 45.3 | 08/Mai |
| 50.11 | 12/Out |
| 51.11 | 06/Nov |
| 53.7b | 09/Abr |
| 55.7 | 28/Jul |
| 59.19b | 05/Dez |
| 61.3 | 07/Ago |

Jeremias

| | |
|--------|--------|
| 2.13 | 23/Ago |
| 12.5 | 11/Ago |
| 23.24b | 06/Jun |
| 31.16 | 24/Ago |
| 45.5 | 23/Jan |
| 48.10 | 08/Jan |
| 48.11 | 11/Mai |

Lamentações de Jeremias

| | |
|---------|--------|
| 1.12 | 06/Ago |
| 3.22-23 | 15/Jun |

Ezequiel

| | |
|-------|--------|
| 33.32 | 27/Jul |
|-------|--------|

Oséias

| | |
|------|--------|
| 13.1 | 06/Dez |
|------|--------|

Jonas

2.9 29/Set
3.1 16/Jan

Zacarias

4.6 04/Jan

Malaquias

1.8 17/Nov
3.6 10/Jun
3.16 13/Dez

Mateus

4.7 12/Dez
4.23 02/Mai
5.25 11/Mar
5.44 10/Set
7.1 31/Jan
7.9 13/Out
7.13-14 21/Out
9.13 15/Jul
9.29 25/Fev
10.8 30/Jan
10.16 18/Nov
10.35-36 26/Jul
11.26 29/Jan
11.27 30/Mai
12.30 08/Fev
18.6 13/Mai
18.15b 25/Mai
18.16 11/Jan
18.20 13/Ago
20.26-27 14/Abr
20.26-27 14/Nov
23.8-10 17/Abr
23.17 27/Mai
23.37 15/Out
25.40 12/Mar
26.74 24/Nov
28.12-13 11/Abr

Marcos

1.34 03/Out
4.24 13/Mar
5.19 07/Nov

6.31-34 26/Jun
10.14 24/Jun
10.29-30 31/Jul
16.16 28/Jun

Lucas

2.44 12/Set
5.28 09/Ago
5.37-38 20/Mai
6.35 08/Ago
6.40 21/Abr
8.18 14/Mar
9.24 15/Mar
9.34 02/Ago
9.50 09/Fev
9.57 02/Set
10.41-42 02/Jul
12.15 15/Ago
15.21 20/Mar
16.11 12/Abr
17.17 18/Set
19.8 22/Jul
19.26 16/Mar
21.33 19/Dez

João

1.10-12 05/set
1.41-42 30/Set
3.8 27/Mar
4.21 12/Fev
5.24 29/Jun
5.30 29/Nov
5.44 26/Fev
7.17 06/Abr
7.24 03/Jan
8.32 14/Out
11.9 01/Mar
12.24 21/Mai
12.29 10/Ago
13.8 26/Abr
13.17 10/Jul
14.14 01/Mai
14.15 30/Abr
16.13b-14 23/Out
17.21 23/Mai
18.36 18/Jan

20.17 22/Ago
21.22 26/Mar

Atos dos Apóstolos

4.29 14/Fev
5.15 23/Jul
10.36 29/Fev
11.23 27/Abr
18.26b 10/Dez
24.16 03/Jun

Romanos

1.18 14/Jun
1.18 16/Out
2.2 19/Mai
5.5 15/Set
5.6 19/Set
5.15 03/Set
7.18 06/Jan
8.18 07/Jul
8.28 30/Mar
10.9 22/Abr
10.13 09/Jul
11.4 26/Set
11.6 20/Abr
12.11 10/Nov
12.16 20/Set
12.21 28/Set
13.8 13/Fev
14.5 24/Jul
16.27 08/Jun

1 Coríntios

1.21 12/Mai
1.27 27/Fev
2.14 31/Mai
3.17 24/Abr
3.21-23 14/Jan
4.7 12/Jan
7.20 08/Nov
10.10 15/Mai
10.31 13/Abr
11.24 27/Dez
13.1 22/Nov
13.12 18/Abr

13.12 01/Jul
13.13 07/Dez
14.16 22/Set
14.19 21/Ago
15.10 28/Nov
15.57 09/Dez
15.58 02/Nov

2 Coríntios

1.9 25/Ago
2.11 10/Mai
2.14 25/Abr
3.18 28/Mai
4.2 14/Jul
4.4 01/Fev
4.6 02/Fev
5.7 07/Jan
5.10 02/Abr
5.13 11/Ago
6.9 16/Abr
6.17-18 07/set

Gálatas

1.23 03/Dez
2.20 07/Fev
3.28 27/Out
4.16 25/Set
5.13 15/Jan
5.13 15/Abr
5.16 10/Fev
5.22 02/Mar
5.22 03/Mar
5.22 04/Mar
5.22 05/Mar
5.22 06/Mar
5.22 07/Mar
5.22 08/Mar
5.23 09/Mar
5.23 10/Mar
6.2,5 30/Nov
6.8 03/Mai

Efésios

2.4 13/Jun
4.7 24/Mar

| | |
|------|--------|
| 4.12 | 22/Fev |
| 4.30 | 06/Jul |
| 4.31 | 10/Out |
| 4.32 | 05/Abr |
| 5.4 | 14/Mai |
| 5.16 | 27/Jan |
| 5.19 | 02/Dez |
| 5.25 | 21/Jun |
| 5.25 | 21/Dez |
| 6.7 | 17/Jan |

Filipenses

| | |
|---------|--------|
| 1.18 | 17/Mai |
| 2.3b | 02/Jan |
| 2.4 | 18/Mar |
| 2.10-11 | 21/Nov |
| 3.7-8 | 31/Ago |
| 3.12 | 11/Jul |
| 3.13 | 07/Out |
| 3.13b | 15/Nov |
| 4.6 | 24/Jan |
| 4.11 | 29/Mai |
| 4.11 | 20/Dez |
| 4.13 | 13/Jan |
| 4.18 | 07/Abr |

Colossenses

| | |
|------|--------|
| 2.8 | 20/Nov |
| 2.10 | 01/Abr |
| 3.11 | 29/Ago |
| 3.15 | 25/Nov |

1 Tessalonicenses

| | |
|---------|--------|
| 4.14 | 23/Jun |
| 5.19-20 | 05/Jul |
| 5.21 | 22/Jun |

1 Timóteo

| | |
|------|--------|
| 1.19 | 05/Nov |
| 2.15 | 27/Jun |
| 3.6 | 31/Mar |
| 3.16 | 25/Dez |
| 4.16 | 30/Ago |
| 5.4 | 09/Jan |
| 6.8 | 16/Ago |

2 Timóteo

| | |
|------|--------|
| 2.4 | 29/Mar |
| 2.19 | 03/Nov |
| 4.8 | 21/Set |

Tito

| | |
|---------|--------|
| 3.10-11 | 12/Ago |
|---------|--------|

Hebreus

| | |
|----------|--------|
| 4.12 | 11/Fev |
| 4.12a | 08/Abr |
| 10.17 | 20/Jan |
| 10.26-27 | 22/Dez |
| 11.1 | 29/Abr |
| 11.3 | 04/Abr |
| 12.1 | 10/Jan |
| 12.7 | 20/Ago |
| 12.16 | 05/Mai |
| 13.2 | 03/Jul |
| 13.13 | 23/Abr |

Tiago

| | |
|------|--------|
| 1.20 | 05/Ago |
| 1.22 | 06/Fev |
| 1.27 | 18/Jun |
| 2.14 | 09/Nov |
| 4.2 | 13/Nov |
| 4.11 | 08/Out |
| 4.14 | 01/Out |

1 Pedro

| | |
|------|--------|
| 2.11 | 26/Out |
| 5.7 | 07/Mai |
| 5.7 | 21/Jul |
| 5.10 | 12/Jun |

2 Pedro

| | |
|-------|--------|
| 3.16b | 16/Nov |
|-------|--------|

1 João

| | |
|------|--------|
| 1.9 | 19/Jan |
| 2.15 | 16/Mai |
| 2.27 | 10/Abr |
| 3.6 | 23/Dez |

| | |
|-------|--------|
| 3.10 | 04/Nov |
| 3.17 | 29/Out |
| 3.20 | 05/Jun |
| 4.1 | 13/Jul |
| 4.8 | 25/Jan |
| 4.10 | 11/Jun |
| 4.11 | 26/Jan |
| 4.17b | 19/Jul |
| 5.13 | 19/Abr |

3 João

| | |
|---|--------|
| 4 | 30/Out |
|---|--------|

Apocalipse

| | |
|----------|--------|
| 2.9 | 19/Nov |
| 3.20 | 31/Dez |
| 4.8 | 09/Jun |
| 8.3 | 03/Fev |
| 13.16-17 | 17/Set |
| 19.6 | 07/Jun |
| 20.15 | 24/Out |
| 21.8 | 27/Set |
| 22.20 | 27/Nov |



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br